

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE I



DIANA GABALDON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OUTLANDER



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE I



DIANA GABALDON



Título original: *Drums of Autumn*
Copyright © 1997 por Diana Gabaldon.
Publicado originalmente no Canadá por Anchor Canada, 2002.
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Caires Coelho

preparo de originais: Flávia de Lavor

revisão: Ana Grillo e Renata Dib

composição: Saída de Emergência

adaptação de miob: Adriana Moreno

capa: Saída de Emergência

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso eletrônico]: os tambores do outono, parte 1 / Diana Gabaldon; tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: Drums of autumn

Sequência de: Outlander: o resgate no mar, parte 2

Continua com: Outlander: os tambores do outono, parte 2

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-509-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro acabou tendo muita relação com pais, por isso eu o dedico ao meu pai, Tony Gabaldon, que também conta histórias.

PRÓLOGO

Nunca tive medo de fantasmas. Afinal, vivo com eles todos os dias. Quando me vejo no espelho, os olhos de minha mãe estão fixos em mim; minha boca esboça o sorriso que atraiu meu bisavô.

Não, como poderia temer o toque daquelas mãos que se foram, pousadas em mim com amor desconhecido? Como poderia temer aqueles que moldaram minha carne, deixando seus traços vivos em mim muito depois de partirem?

Temo ainda menos aqueles fantasmas que invadem meus pensamentos. Qualquer biblioteca está cheia deles. Posso pegar um livro de uma estante empoeirada e ser assombrada pelos pensamentos de um falecido há muito tempo, ainda vivo como sempre nas longas páginas repletas de palavras.

Claro que não são esses fantasmas familiares e costumeiros que perturbam nosso sono e nos fazem acordar. Olhe para trás, segure uma tocha para iluminar os cantos escuros. Ouça os passos que ecoam por onde você veio, quando caminha sozinho.

Os fantasmas passam por nós e através de nós o tempo todo, escondendo-se no futuro. Ao olharmos no espelho, vemos as sombras de outros rostos olhando para trás no decorrer dos anos; vemos a silhueta da lembrança, sólida numa entrada vazia. Por sangue e por escolha, criamos nossos fantasmas; nós nos assombramos.

Cada fantasma vem de forma espontânea de locais cheios de névoas de sonho e silêncio.

Nosso lado racional diz: "Não, não é."

Mas outra parte de nossa mente, mais antiga, sempre rebate, de forma suave, no escuro: "Sim, mas *poderia ser.*"

Nós entramos e saímos da esfera do mistério e, nesse meio-tempo, tentamos esquecer. Mas há uma brisa que entra em uma sala tranquila e sopra meus cabelos de vez em quando com carinho. Acho que ela é a minha mãe.

PARTE I

Admirável Mundo Novo



1

UM ENFORCAMENTO NO ÉDEN

Charleston, junho de 1767

Ouvi os tambores muito antes de eles aparecerem. As batidas ecoaram na boca do meu estômago, como se eu também fosse oca. O som percorreu a multidão. O forte ritmo militar deveria ser ouvido acima de discursos ou tiros. Vi pessoas olharem para os lados enquanto se calavam, encarando a extensão da East Bay Street, que partia da estrutura mal erguida da nova Customs House em direção aos Jardins de White Point.

Era um dia quente, até mesmo para Charleston em junho. Os melhores lugares eram perto do mar, onde a brisa soprava, mas onde eu estava, era como se eu estivesse sendo assada viva. Meu vestido estava ensopado, e o corpete de algodão grudava em meus seios. Sequei o rosto pela décima vez em poucos minutos e ergui a trança pesada, esperando que o vento frio soprasse em meu pescoço.

No momento, eu estava morbidamente atenta a pescoços. Sem disfarçar, levei a mão ao meu, envolvendo-o com os dedos. Conseguia sentir o batimento em minhas artérias carótidas, junto com os tambores, e quando respirei, o ar quente e úmido tomou minha garganta como se me sufocasse.

Afastei minha mão e respirei o mais fundo que consegui – o que acabou sendo um erro. O homem à minha frente não devia tomar banho havia pelo menos um mês; ao redor do pescoço grosso, a gola de sua camisa estava escura de sujeira e suas roupas exalavam um odor azedo e rançoso, forte até mesmo em meio ao cheiro de suor da multidão. O cheiro de comida que vinha das

barracas – pão quente e porco frito – se misturava ao forte odor almiscarado da grama apodrecida do pântano, e a brisa salgada que vinha do porto pouco fazia para suavizá-lo.

Havia várias crianças à minha frente, esticando o pescoço para espiar, correndo à sombra dos carvalhos e palmeiras a fim de olhar para a rua, e os pais ansiosos as chamavam de volta. A garota mais próxima a mim tinha um pescoço muito branco e comprido, que me fez pensar num talo de aipo.

Houve uma onda de comoção pela multidão; dava para ver a procissão de forcas no fim da rua. As batidas dos tambores ficaram mais altas.

— Onde ele está? — murmurou Fergus ao meu lado, dobrando o pescoço para ver. — Eu sabia que devia ter ido com ele!

— Ele virá — respondi.

Quis ficar na ponta dos pés, mas pensei que isso seria indigno. Porém olhei ao redor, procurando. Sempre conseguia localizar Jamie em meio à multidão; ele era mais alto do que a maioria dos homens e a luz refletia em seus cabelos com um brilho dourado-avermelhado. Ainda não havia sinal dele, apenas um mar de toucas e tricórnios que protegiam do calor os cidadãos que chegavam tarde demais para encontrar um lugar à sombra.

As bandeiras vieram primeiro, esvoaçando acima das cabeças da multidão animada, com as flâmulas da Grã-Bretanha e da Colônia Real da Carolina do Sul. E outra com os brasões da família do governador da colônia.

Logo depois vieram os tocadores de bumbo, caminhando de dois em dois no mesmo ritmo, com as baquetas se alternando entre batida e movimento. Era uma marcha lenta, tristemente inexorável. Parecia uma marcha fúnebre – muito adequada, naquelas circunstâncias. Todos os outros barulhos foram abafados pelo rufar dos tambores.

Então veio o pelotão de soldados de casacos vermelhos e, em meio a eles, os prisioneiros.

Eram três, com as mãos amarradas à frente do corpo, unidas por uma corrente que passava por anéis nos grilhões de ferro que envolviam seus pescoços. O primeiro homem era baixo e idoso,

atordoado e cambaleante, uma ruína que se arrastava, de modo que o clérigo de roupas pretas que caminhava ao lado dos prisioneiros era obrigado a segurar o braço dele para que não caísse.

— Aquele é Gavin Hayes? Ele parece doente — murmurei a Fergus.

— Ele está bêbado. — A voz suave veio de trás de mim, e eu me virei e vi Jamie de pé, com os olhos fixos na triste procissão.

O desequilíbrio do homenzinho atrapalhava o progresso do cortejo, uma vez que seu caminhar trôpego forçava os dois homens acorrentados a ele a andar em zigue-zague para se manterem de pé. A impressão que davam era a de serem três bêbados voltando para casa depois de saírem de uma taverna local; totalmente discrepante da solenidade da ocasião. Consegui ouvir os risos acima do som dos tambores e gritos da multidão nas varandas de ferro forjado das casas na East Bay Street.

— Você é responsável por isso? — perguntei baixinho, para não chamar atenção, mas eu poderia ter gritado e balançado os braços; ninguém prestava atenção em mais nada além da cena à nossa frente.

Eu mais senti do que vi o dar de ombros de Jamie ao se apressar para ficar ao meu lado.

— Foi o que ele me pediu — disse Jamie. — E é o melhor que eu poderia fazer por ele.

— Conhaque ou uísque? — perguntou Fergus, avaliando a aparência de Hayes com olhos experientes.

— O homem é escocês, Fergus. — A voz de Jamie estava tão calma quanto seu rosto, mas senti o leve estresse nela. — Ele quis uísque.

— Escolha sábia. Com sorte, pode ser que nem perceba quando for enforcado — murmurou Fergus.

O homem pequeno escapara da mão do pároco e tinha caído de cara na estrada de terra, puxando junto um de seus companheiros, que caiu de joelhos; o último prisioneiro, um jovem alto, permaneceu de pé, mas se balançou de um lado a outro,

tentando manter o equilíbrio desesperadamente. A multidão na rua gritou de entusiasmo.

O capitão da guarda estava muito vermelho entre o branco de sua peruca e o metal da gorjeira, tanto pela fúria quanto pelo sol. Ele vociferou uma ordem enquanto os tambores continuavam rufando, e um soldado se aproximou depressa para tirar a corrente que mantinha os prisioneiros juntos. Hayes foi puxado sem qualquer cerimônia para ficar de pé, um soldado segurando cada braço, e a procissão foi retomada em melhor ordem.

Ninguém ria quando eles chegaram às forcas — uma carroça puxada por uma mula posicionada embaixo dos galhos de um enorme carvalho. Eu conseguia sentir o toque dos tambores pelas solas dos meus pés. Sentia-me um pouco mal com o sol e os cheiros. Os tambores pararam de repente e o silêncio ressoou em meus ouvidos.

— Não precisa ver isso, Sassenach — sussurrou Jamie para mim. — Volte para a carroça.

Ele olhava sem piscar para Hayes, que sacolejava e resmungava enquanto era mantido preso pelos soldados, e olhava ao redor, confuso.

A última coisa que eu queria era ver aquilo. Mas também não podia deixar Jamie presenciar tudo sozinho. Ele estava ali por Gavin Hayes; e eu, por ele. Segurei sua mão.

— Vou ficar.

Jamie se endireitou, ajeitando os ombros. Deu um passo à frente, tomando o cuidado de permanecer à vista na multidão. Se Hayes ainda estivesse sóbrio o bastante para ver alguma coisa, a última coisa que veria na Terra seria o rosto de um amigo.

Ele ainda estava; Hayes olhava de um lado a outro enquanto o colocavam na carroça, virando o pescoço, procurando desesperadamente.

— *Gabhainn! A charaid!* — gritou Jamie de repente.

Os olhos de Hayes se voltaram para ele no mesmo instante e o prisioneiro parou de lutar.

O homem baixo ficou balançando devagar de um lado a outro enquanto a acusação era lida: roubo da quantia de seis libras e dez

xelins. Estava coberto por uma poeira avermelhada, e gotas de suor se prendiam trêmulas à sua barba grisalha. O pároco estava se inclinando, murmurando depressa no ouvido dele.

Então os tambores começaram de novo, em um rufar constante. O algoz passou o laço por cima da cabeça careca e o prendeu com força, posicionando o nó de modo preciso, logo abaixo da orelha. O capitão da guarda permaneceu ao lado, com o sabre em riste.

De repente, o condenado se endireitou. Olhando para Jamie, ele abriu a boca como se pretendesse falar.

O sabre reluziu ao sol da manhã e os tambores pararam.

Eu olhei para Jamie; ele estava com os lábios pálidos e os olhos arregalados. Pelo canto do olho, vi a corda se esticando e o baque débil e involuntário do saco de roupas pendurado. Um fedor forte de urina e fezes pairava no ar pesado.

Do meu outro lado, Fergus observava, sereno.

— Acho que ele percebeu — murmurou ele com pesar.

O corpo balançou um pouco, um peso morto oscilando como um fio de prumo. A multidão suspirou, surpresa e aliviada. Andorinhas-domar gralharam no céu avermelhado, e os sons do porto surgiram fracos e se espalharam pela atmosfera pesada, mas o silêncio prevaleceu. De onde eu estava, conseguia ouvir o leve respingar das gotas que caíam da ponta do sapato do cadáver.

Eu não conhecia Gavin Hayes e não senti tristeza por sua morte, mas fiquei feliz por ter sido rápida. Olhei brevemente para ele, com uma sensação esquisita de intrusão. Era uma maneira muito pública de realizar um ato muito particular, e eu me senti um pouco envergonhada por estar olhando.

O algoz sabia o que estava fazendo; não houve luta indigna, olhos arregalados nem língua para fora; a cabeça pequena de Gavin se inclinou de uma vez para o lado, com o pescoço esticado de modo grotesco e totalmente quebrado.

Foi uma lesão limpa em mais de um sentido. O capitão da guarda, satisfeito por Hayes estar morto, fez um gesto com o sabre

para que o próximo homem fosse levado ao patíbulo. Vi seus olhos percorrerem a fila de capas vermelhas e se arregalarem, surpresos.

No mesmo instante, ouviu-se um grito da multidão, e uma onda de animação que logo se espalhou. As pessoas viraram as cabeças e se empurraram umas contra as outras, esforçando-se para ver onde não havia nada a ser visto.

— Ele se foi! Lá vai ele! Parem-no! — diziam elas.

O terceiro prisioneiro, o jovem alto, aproveitara o momento da morte de Gavin para fugir e se salvar, passando pelo guarda que deveria tê-lo vigiado, mas que não fora capaz de resistir ao fascínio da força.

Vi um leve movimento atrás de uma barraca de produtos, cabelos louro-escuros de relance. Alguns dos soldados também viram e correram para lá, mas muitos outros estavam correndo em outras direções, e entre as colisões e a confusão, nada era alcançado.

O capitão da guarda estava gritando, o rosto vermelho, sua voz quase inaudível acima da comoção. O prisioneiro restante, assustado, foi pego e arrastado de volta na direção da Corte da Guarda enquanto os casacos vermelhos começavam a se reorganizar sob as ordens do capitão.

Jamie passou um braço pela minha cintura e me tirou do caminho de uma onda de pessoas. A multidão voltou à frente do avanço de pelotões de soldados, que se formaram e marcharam depressa para vigiar a área, sob o comando sério e furioso de seu sargento.

— É melhor encontrarmos Ian — disse Jamie, afastando um grupo de aprendizes animados. Ele olhou para Fergus e meneou a cabeça em direção à força e sua carga melancólica. — Cuide do corpo, está bem? Nós nos encontramos no Willow Tree mais tarde.

— Você acha que eles o pegarão? — perguntei enquanto passávamos pela multidão, caminhando por uma rua de pedras rumo ao cais onde ficavam os vendedores.

— Acho que sim. Aonde ele poderia ir? — Jamie falava de modo distraído, uma com uma leve ruga na testa. Era claro que ainda

pensava no morto e que, naquele momento, tinha pouca atenção a dar aos vivos.

— Hayes tinha família? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Perguntei isso a ele quando lhe dei o uísque. Hayes acreditava que podia ter um irmão vivo, mas não sabia onde. O irmão foi deportado logo depois da Revolta. Ele achava que o irmão estava na Virgínia, mas não soubera de nada desde então.

Não era de surpreender que não soubesse; um trabalhador contratado não teria meios de se comunicar com parentes deixados na Escócia, a menos que o empregador do homem fizesse a gentileza de enviar uma carta em seu nome. E com ou sem gentileza, era improvável que uma carta chegasse a Gavin Hayes, que passara dez anos na prisão de Ardsmuir antes de ser deportado.

— Duncan! — gritou Jamie, e um homem magro e alto virou-se e ergueu a mão para cumprimentá-lo. Passou pela multidão em zigue-zague, com seu único braço formando um arco que afastava quem passava.

— *Mac Dubh* — disse ele, fazendo um meneio de cabeça para Jamie. — Sra. Claire.

O rosto comprido e estreito estava marcado pela tristeza. Duncan já tinha sido prisioneiro em Ardsmuir com Hayes e Jamie. Mas a perda do braço devido a uma infecção impedira sua partida com os outros. Inadequado para ser vendido para trabalhar, ele fora perdoado e solto, para morrer de fome, até Jamie encontrá-lo.

— Que Deus dê descanso ao pobre Gavin — disse Duncan, balançando a cabeça, triste.

Jamie murmurou algo em gaélico em resposta e se benzeu. Então endireitou-se, afastando a opressão do dia com esforço visível.

— Bem, tenho que ir às docas cuidar da travessia de Ian, e então pensaremos no enterro de Gavin. Mas preciso definir as coisas para o rapaz primeiro.

Passamos com dificuldade pela multidão em direção às docas, espremendo-nos entre os fofoqueiros animados, esquivando-nos

das charretes e carrinhos de mão que seguiam com a indiferença típica do comércio.

Uma fila de soldados de casacos vermelhos apareceu em marcha rápida do outro lado do cais, separando a multidão como vinagre na maionese. O sol brilhava forte na fila de pontas de baioneta e o ritmo das batidas reverberava pela multidão como um tambor abafado. Até mesmo os trenós estrondeantes e as carriolas paravam abruptamente para permitir que eles passassem.

— Vigie seu bolso, Sassenach — murmurou Jamie em meu ouvido, levando-me por um espaço estreito entre um escravo de turbante que segurava duas crianças pequenas e um pregador de rua empoleirado em cima de uma caixa. Ele gritava algo sobre pecado e arrependimento, mas, em meio ao barulho, eu conseguia compreender apenas uma palavra a cada três.

— Eu o costurei — disse a ele, mas mesmo assim levei os dedos ao pequeno peso pendurado contra a minha coxa. — E o seu?

Ele sorriu e inclinou o chapéu para a frente, estreitando os olhos azul-escuros sob a forte luz do sol.

— É onde minha bolsa de couro estaria se tivesse uma. Desde que eu não encontre uma meretriz de mão rápida, estarei seguro.

Olhei para a parte da frente levemente protuberante de sua calça, que ia até a altura dos joelhos, e então para ele. De ombros largos e alto, com traços firmes e marcados e uma postura orgulhosa de homem das Terras Altas, Jamie chamava a atenção de todas as mulheres pelas quais passava, mesmo com os cabelos cobertos por um tricórnio azul-claro. A calça, que era emprestada, estava bastante justa e não diminuía em nada o efeito geral, que era intensificado pelo fato de Jamie ser totalmente alheio a ele.

— Você é um incentivo ambulante para meretrizes — eu disse. — Fique perto de mim, vou proteger você.

Ele riu e pegou meu braço enquanto chegávamos a um pequeno espaço aberto.

— Ian! — gritou ele ao ver o sobrinho por cima das cabeças das pessoas.

Um momento depois, um garoto alto e magro apareceu em meio à multidão, afastando dos olhos uma mecha de cabelos

castanhos e abrindo um sorriso largo.

— Pensei que nunca fosse encontrar você, tio! — exclamou ele. — Por Cristo, tem mais gente aqui do que no Lawnmarket em Edimburgo! — Ian passou a manga do casaco no rosto comprido e meio rústico, deixando um rastro de sujeira em uma das bochechas.

Jamie olhou para o sobrinho de esguelha.

— Você está parecendo indecentemente contente para quem acabou de ver um homem morrer, Ian.

Ian logo alterou a expressão em uma tentativa de parecer decentemente sério.

— Ah, não, tio Jamie — disse ele. — Não vi o enforcamento. — Duncan ergueu a sobrelanceira e Ian corou. — Eu... eu não estava com medo de ver; é só que... eu queria fazer outra coisa.

Jamie sorriu e deu um tapinha nas costas do sobrinho.

— Não se preocupe, Ian. Eu preferia não ter visto, mas Gavin era um amigo.

— Eu sei, tio. Sinto muito por isso. — Um sinal de solidariedade passou pelos olhos grandes e castanhos do garoto, o único traço de seu rosto com certa beleza. Ele olhou para mim. — Foi horrível, tia?

— Sim — respondi —, mas acabou. — Tirei o lenço úmido de meu colo e fiquei na ponta dos pés para limpar a sujeira de seu rosto.

Duncan Innes balançou a cabeça com pesar.

— Ah, pobre Gavin. Ainda assim, é uma morte mais rápida do que morrer de fome e restava pouco para ele além disso.

— Vamos — interrompeu Jamie, sem querer perder tempo com lamentações inúteis. — O *Bonnie Mary* deve estar perto da ponta do desembarcadouro.

Vi Ian olhar para Jamie e se posicionar como se quisesse falar alguma coisa, mas Jamie já havia se virado em direção ao porto e passava entre a multidão. Ian olhou para mim de relance, deu de ombros e me ofereceu o braço.

Seguimos Jamie atrás dos galpões que pontuavam as docas, desviando de marinheiros, carregadores, escravos, passageiros, clientes e mercadores de todos os tipos. Charleston era um importante porto de remessa, e os negócios estavam a toda, com

cerca de cem navios chegando e partindo para a Europa todos os meses na temporada.

O *Bonnie Mary* pertencia a um amigo do primo de Jamie, Jared Fraser, que partira para a França para fazer sua fortuna no ramo de vinhos e fora muito bem-sucedido. Com sorte, o capitão do *Bonnie Mary* poderia ser convencido, em nome de Jared, a levar Ian de volta a Edimburgo, permitindo que o rapaz trabalhasse como ajudante para pagar a passagem.

Ian não se animara com a ideia, mas Jamie estava determinado a mandar seu sobrinho errante de volta à Escócia na primeira oportunidade que tivesse. As notícias a respeito da presença do *Bonnie Mary* em Charleston, além de outros assuntos, é que nos tiraram da Geórgia, o primeiro local dos Estados Unidos a que tínhamos ido — por acidente —, dois meses antes.

Quando passamos por uma taverna, uma atendente mal-arrumada saiu com uma bacia de lavagem. Ela viu Jamie e ficou de pé, com a bacia apoiada no quadril, erguendo a sobrancelha e sorrindo. Ele passou sem olhar, concentrado em seu objetivo. Ela jogou a cabeça para trás, despejou a lavagem para o porco que dormia perto de um degrau e entrou de novo.

Jamie parou, protegendo os olhos para enxergar a fileira de mastros de navios, e eu parei ao seu lado. Levou a mão à frente da calça sem perceber, ajustando o volume, e eu segurei seu braço.

— As joias da família continuam seguras, certo? — murmurei.

— Desconfortáveis, mas seguras — disse ele. Jamie puxou o cordão da braguilha, fazendo uma careta. — Acho que teria sido mais fácil escondê-las em meu traseiro.

— Antes você do que eu, amigo — falei, sorrindo. — Eu preferiria correr o risco de ser roubada.

Nós tínhamos sido levados para a costa da Geórgia por um furacão e chegamos ensopados, acabados e miseráveis, só com algumas pedras preciosas – grandes e valiosas.

Eu esperava que o capitão do *Bonnie Mary* tivesse consideração suficiente em relação a Jared Fraser para aceitar Ian como ajudante, porque, caso contrário, teríamos dificuldades com a travessia.

Em teoria, dentro do saco de Jamie e do meu bolso, havia uma fortuna razoável. Na prática, pensávamos nelas como pedras da praia, pois para nós eram indiferentes. Apesar de as pedras preciosas serem um modo fácil e compacto de transportar riquezas, o problema era trocá-las por dinheiro.

A maioria do comércio nas colônias do Sul era realizada por meio de permuta. Quando não, era feito com trocas de notas promissórias emitidas em nome de um mercador rico ou de um banqueiro. Havia poucos banqueiros ricos na região da Geórgia; os dispostos a prender seu capital disponível em pedras preciosas eram menos ainda. O próspero fazendeiro de arroz com quem havíamos nos hospedado em Savannah garantia que ele próprio mal conseguia pôr as mãos em duas libras esterlinas em dinheiro. De fato, provavelmente não havia dez libras em ouro ou prata em toda a colônia.

Também não havia nenhuma chance de vender uma das pedras nas extensões infindáveis de lodaçais e florestas de pinheiros pelas quais tínhamos passado em nossa ida ao norte. Charleston foi a primeira cidade que havíamos alcançado de tamanho suficiente para receber mercadores e banqueiros que poderiam ajudar a transformar em dinheiro pelo menos uma parte de nossos bens, congelados na forma de pedras preciosas.

Não que alguma coisa pudesse permanecer congelada por muito tempo em Charleston no verão, refleti. Gotas de suor escorriam por meu pescoço e a combinação de linho por baixo de meu corpete estava ensopada e amassada contra a minha pele. Mesmo tão perto do porto, não ventava naquela hora do dia, e o cheiro de alcatrão quente, peixe morto e trabalhadores suados era quase insuportável.

Apesar dos protestos deles, Jamie insistira em dar uma de nossas pedras preciosas como um sinal de agradecimento ao sr. e à sra. Olivier, as pessoas gentis que haviam nos abrigado quando praticamente saímos do naufrágio direto para a porta da casa deles. Em troca, eles nos deram uma carroça, dois cavalos, roupas limpas para a viagem, alimentos para a jornada e uma pequena quantia em dinheiro.

Desse dinheiro, seis xelins e três pence permaneciam em meu bolso, constituindo a totalidade de nossa fortuna disponível.

— Por aqui, tio Jamie — disse Ian, virando-se e fazendo um gesto ao tio. — Tenho algo para lhe mostrar.

— O que é? — perguntou Jamie, abrindo caminho por vários escravos suados que estavam colocando blocos empoeirados de anileira seca em um navio de carga ancorado. — Algo seu? E como conseguiu? Não tem dinheiro nenhum, tem?

— Não, eu o ganhei jogando — respondeu Ian, já oculto atrás de uma carga de milho.

— Jogando! Ian, pelo amor de Deus, você não pode estar apostando quando não tem dinheiro nenhum para se manter! — Segurando o meu braço, Jamie passou pela multidão para acompanhar seu sobrinho.

— O senhor faz isso o tempo todo, tio Jamie — disse o menino, parando para nos esperar. — Tem feito isso em todas as tavernas e hospedarias em que ficamos.

— Meu Deus, Ian, são cartas, não dados! E eu sei o que estou fazendo!

— Eu também sei — disse Ian, tímido. — Afinal, eu ganhei, não foi?

Jamie revirou os olhos para o céu, implorando por paciência.

— Nossa, Ian, estou feliz por você estar indo para casa antes de perder a cabeça. Prometa que não vai mais apostar com os marinheiros. Não tem como escapar deles em um navio.

Ian não estava prestando atenção; caminhou até um poste meio destruído, ao redor do qual havia uma corda grossa. Ian parou e olhou para nós, apontando para um animal a seus pés.

— Estão vendo? É um cão — disse Ian com orgulho.

Dei um passo rápido para trás de Jamie, segurando seu braço.

— Ian, isso não é um cão — eu disse. — É um lobo. É um maldito lobo *grande*, e eu acho que você deveria se afastar antes que ele morda seu traseiro.

O lobo mexeu uma orelha de modo despreocupado na minha direção, me ignorou e voltou a orelha à posição inicial. Continuou sentado, ofegante de calor, os grandes olhos amarelos fixos em Ian

com uma intensidade que poderia ser entendida como devoção por alguém que não tivesse visto um lobo antes. Eu já tinha visto.

— Essas coisas são perigosas — falei. — Eles mordem assim que nos veem.

Ignorando o comentário, Jamie inclinou-se para inspecionar a fera.

— Não é bem um lobo, é?

Parecendo interessado, ele estendeu a mão para o suposto cachorro, convidando-o para cheirar seus dedos. Fechei os olhos, esperando a iminente amputação da mão. Não ouvi gritos, então abri os olhos de novo e o vi agachado no chão, espiando dentro das narinas do animal.

— É uma bela criatura, Ian — comentou Jamie, acariciando o animal embaixo do queixo, à vontade. Os olhos amarelos se estreitaram um pouco, ou por prazer com a atenção recebida ou, o que pensei ser mais provável, esperando para arrancar o nariz de Jamie. — Mas é maior que um lobo. É mais largo na cabeça e no peito e tem as patas bem mais compridas.

— A mãe dele era uma cadela de caça irlandesa. — Ian estava abaixado ao lado de Jamie, explicando, alegre, enquanto acariciava as enormes costas marrom-acinzentadas. — Ela partiu para a floresta no cio e quando voltou para dar cria...

— Ah, sim, eu entendi — interrompeu Jamie.

Agora, ele cantarolava em gaélico para o monstro enquanto pegava sua pata enorme e mexia em seus dedos peludos. As garras pretas e curvas tinham cerca de cinco centímetros de comprimento. O animal semicerrou os olhos, e a brisa suave soprava os pelos grossos de seu pescoço.

Olhei para Duncan, que arqueou as sobrancelhas para mim, deu de ombros e suspirou. Duncan não gostava de cães.

— Jamie... — falei.

— *Balach Boidheach* — disse Jamie ao lobo. — Então, você não é um garoto bonito?

— O que ele comeria? — perguntei, um pouco mais alto do que o necessário.

Jamie parou de acariciar a fera.

— Ah! — exclamou ele. Observou o animal de olhos amarelos com certo arrependimento. — Bem... — Ficou de pé, balançando a cabeça com relutância. — Acho que sua tia tem razão, Ian. Como vamos alimentá-lo?

— Ah, isso não é problema, tio Jamie — Ian lhe garantiu. — Ele sabe caçar sozinho.

— Aqui? — Olhei ao redor para os galpões e para a fileira de lojas com fachada de gesso que se estendia adiante. — O que ele caça? Crianças pequenas?

Ian pareceu um pouco magoado.

— Claro que não, tia. Peixes.

Ao ver três rostos desconfiados ao seu redor, Ian se ajoelhou e segurou o focinho da fera com as duas mãos, abrindo sua boca.

— Ele caça, sim! Eu juro, tio Jamie! Venha, sinta o hálito dele!

Jamie lançou um olhar duvidoso para a fileira dupla de presas incrivelmente reluzentes à mostra e esfregou o queixo.

— Eu... hã, acredito no que você diz, Ian. Mas, mesmo assim, pelo amor de Deus, cuidado com os dedos, rapaz!

Ian diminuiu a força, e as mandíbulas enormes se fecharam, espalhando gotas de saliva pelo cais de pedra.

— Estou bem, tio — disse Ian com animação, passando as mãos no calção. — Ele não me morderia, tenho certeza. O nome dele é Rollo.

Jamie passou os nós dos dedos pelo lábio superior.

— Hummmm. Bom, qualquer que seja o nome dele, e seja lá o que ele coma, não acho que o capitão do *Bonnie Mary* vá aceitar de bom grado sua presença nos aposentos da tripulação.

Ian não disse nada, mas sua cara de felicidade não diminuiu. Na verdade, aumentou. Jamie olhou para ele, viu seu rosto iluminado e se retesou.

— Não — disse ele horrorizado. — Ah, não.

— Sim — disse Ian. Um sorriso amplo de felicidade se abriu no rosto ossudo. — Ele partiu há três dias, tio. Estamos atrasados demais.

Jamie disse algo em gaélico que eu não entendi. Duncan parecia escandalizado.

— Droga! — disse Jamie. — Maldição!

Jamie tirou o chapéu e passou a mão pelo rosto com força. Parecia estar com calor, despenteado e totalmente descomposto. Abriu a boca, pensou melhor no que pretendia dizer, fechou-a e correu os dedos pelos cabelos, tirando o laço que os mantinha presos para trás.

Ian parecia desconcertado.

— Sinto muito, tio. Tentarei não ser um incômodo para o senhor, eu juro. E eu posso trabalhar. Ganharei o bastante para pagar minha comida.

O rosto de Jamie suavizou-se quando ele olhou para o sobrinho. Suspirou profundamente e deu um tapinha no ombro de Ian.

— Não é que eu não o queira, Ian. Você sabe que o que eu mais gostaria seria mantê-lo comigo. Mas o que diabos sua mãe dirá?

O brilho voltou ao rosto de Ian.

— Não sei, tio — disse ele —, mas seja lá o que for, ela dirá na Escócia, não? E estamos aqui.

Ian passou o braço ao redor de Rollo e o abraçou. O lobo pareceu levemente surpreso com o gesto, mas depois de um instante, colocou a língua cor-de-rosa e comprida para fora e graciosamente lambeu a orelha de Ian. Sentindo o sabor dele, pensei com cinismo.

— Além disso — acrescentou o garoto —, ela sabe muito bem que estou em segurança. Você escreveu da Geórgia para dizer que eu estava com você.

Jamie deu um sorriso irônico.

— Não posso dizer que saber disso seja muito reconfortante para ela, Ian. Ela me conhece há muito tempo.

Ele suspirou e voltou a colocar o chapéu na cabeça, virando-se para mim.

— Preciso muito de uma bebida, Sassenach — afirmou Jamie. — Vamos procurar aquela taverna.

A Willow Tree estava escura e talvez estivesse fresca se houvesse menos gente ali dentro. Mas os bancos e as mesas estavam lotados com espectadores do enforcamento e marinheiros das docas, e a atmosfera era a de uma sauna. Inspirei ao subir para o bar e então soltei a respiração depressa. Foi como cheirar roupas sujas molhadas de cerveja.

Rollo logo provou seu valor, separando a multidão como o Mar Vermelho ao passar, com a boca arreganhada, mostrando os dentes num rosnado constante e inaudível. Evidentemente, ele estava familiarizado com tavernas. Depois de esvaziar um espaço no canto, ele se enrolou embaixo da mesa e pareceu adormecer.

Fora do sol, com uma grande caneca de cerveja escura espumando delicadamente à sua frente, Jamie logo recuperou seu jeito controlado.

— Temos duas opções — disse ele, afastando os cabelos molhados de suor das têmporas. — Podemos ficar em Charleston tempo suficiente para tentar encontrar um comprador para uma das pedras e talvez conseguir uma passagem para Ian voltar para a Escócia em outro navio ou podemos ir ao norte para Cabo Fear e tentar encontrar um navio para ele em Wilmington ou New Bern.

— Eu prefiro o norte — anunciou Duncan, sem hesitação. — Você já esteve em Cabo Fear, certo? Não gosto da ideia de permanecer muito tempo entre desconhecidos. E seu parente cuidaria para que não fôssemos enganados nem roubados. Aqui... — Ele ergueu um ombro numa indicação eloquente dos não escoceses, aquele bando de desonestos, que nos cercavam.

— Ah, vamos para o norte, tio! — disse Ian rapidamente, antes que Jamie pudesse responder. Ele secou um pequeno bigode de espuma de cerveja com a manga. — A viagem pode ser perigosa; você precisará de um homem a mais para proteção, não é?

Jamie escondeu sua expressão com o copo, mas eu estava sentada perto o bastante para sentir um tremor tomar conta dele. Ele realmente gostava muito do sobrinho. A verdade é que Ian era o tipo de pessoa que atraía as coisas. Em geral, não era culpa dele, mas ainda assim, ele as atraía.

O garoto fora sequestrado por piratas no ano anterior, e a necessidade de resgatá-lo nos levaria, por meios tortuosos e, de maneira geral, perigosos, à América. Nada acontecera recentemente, mas eu sabia que Jamie estava ansioso para levar o sobrinho de quinze anos de volta à Escócia e à sua mãe antes que algo acontecesse.

— Ah... certamente, Ian — concordou Jamie, abaixando o copo. Ele evitou meu olhar, mas eu vi o canto de seu lábio tremer. — Você ajudaria muito, tenho certeza, mas...

— Podemos encontrar índios vermelhos! — disse Ian com os olhos arregalados. Seu rosto, já bronzeado, brilhou de prazer e expectativa. — Ou feras selvagens! O Dr. Stern me disse que a mata da Carolina é cheia de criaturas selvagens: ursos, felinos e panteras, e uma coisa fedorenta que os índios chamam de gambá!

Engasguei com a cerveja.

— Tudo bem, tia? — Ian inclinou-se ansiosamente sobre a mesa.

— Sim — falei, limpando meu rosto com o lenço. Sequei as gotas de cerveja espirrada do meu colo, afastando o tecido de meu corpete discretamente do corpo na esperança de deixar ventilar um pouco.

Então vi o rosto de Jamie de relance, e a expressão de descontração reprimida dera lugar a um pequeno franzir de cenho de preocupação.

— Os gambás não são perigosos — afirmei, apoiando uma mão em seu joelho.

Como caçador habilidoso e destemido das Terras Altas, Jamie costumava considerar a fauna desconhecida do Novo Mundo com cautela.

— Hummmm. — O franzir diminuiu, mas uma linha estreita permaneceu entre as sobrancelhas. — Talvez sim, mas e as outras coisas? Não posso dizer que quero encontrar um urso ou um bando de selvagens só com isto à mão. — Ele tocou a grande faca embainhada pendurada em seu cinto.

Por não termos armas, Jamie se preocupou bastante na viagem da Geórgia, e os comentários de Ian a respeito de índios e animais

selvagens tinham trazido a preocupação à tona mais uma vez. Além da faca de Jamie, Fergus tinha uma lâmina menor, adequada para cortar cordas e aparar galhos que usávamos em fogueiras. Eram suas únicas armas, e os Olivier não tinham armas nem espadas extras.

No caminho da Geórgia para Charleston, tivemos a companhia de um grupo de agricultores de arroz e anileira cheios de facas, pistolas e mosquetes, levando seus produtos ao porto para serem enviados ao norte para a Pensilvânia e Nova York. Se partíssemos para Cabo Fear agora, estaríamos sozinhos, desarmados e desprotegidos contra qualquer coisa que pudesse surgir das densas florestas.

Ao mesmo tempo, havia motivos urgentes para seguirmos para o norte, e nossa falta de capital disponível era um deles. Cabo Fear era o maior assentamento de escoceses das Terras Altas nas colônias americanas, ostentando várias cidades cujos habitantes tinham emigrado da Escócia nos últimos vinte anos, depois da Batalha de Culloden. E, entre esses emigrantes, estavam os parentes de Jamie, que eu sabia que nos ofereceriam refúgio de boa vontade; um teto, uma cama e tempo para nos estabelecermos nesse novo mundo.

Jamie tomou mais um gole e assentiu com a cabeça.

— Devo dizer que penso como você, Duncan. — Ele se recostou na parede da taverna, olhando casualmente ao redor do salão lotado. — Não sente que estamos sendo observados?

Um arrepio desceu pelas minhas costas, apesar de o rastro de suor fazer a mesma coisa. Duncan arregalou os olhos, e então os estreitou, mas não se virou.

— Ah! — exclamou ele.

— Por *quem*? — perguntei, olhando meio nervosa ao redor.

Não vi ninguém nos observando, mas qualquer um podia estar espreitando sorratamente; a taverna estava cheia de pessoas encharcadas em álcool, e o burburinho era alto o suficiente para abafar as conversas, exceto as mais próximas.

— Por qualquer um, Sassenach — respondeu Jamie. Ele olhou para mim de canto de olho e sorriu. — Mas não fique tão assustada

com isso. Não estamos em perigo. Não aqui.

— Ainda não — disse Duncan. Ele se inclinou para a frente para servir mais uma caneca de cerveja. — *Mac Dubh* gritou para Gavin na forca, entende? Há quem possa ter percebido. *Mac Dubh*, sendo o homem discreto que é — acrescentou ele de modo seco.

— E os agricultores que vieram conosco da Geórgia já venderam suas lojas a essa altura e estarão à vontade em locais como este — disse Jamie, evidentemente absorto em examinar os desenhos de sua caneca. — Todos eles são homens honestos, mas falam, Sassenach. É uma boa história, não? Aqueles que naufragaram num furacão. E quais são as chances de pelo menos um deles saber um pouco sobre o que trazemos?

— Compreendo — murmurei.

Nós tínhamos atraído o interesse das pessoas devido à nossa associação com um criminoso e não podíamos mais tentar passar por viajantes discretos. Se demorássemos para encontrar um comprador, como era provável, corríamos o risco de ser roubados por pessoas inescrupulosas ou passar pelo escrutínio de autoridades inglesas. Nenhuma das opções era interessante.

Jamie ergueu a caneca, tomou um longo gole e então a pôs com um suspiro.

— Não, acho que talvez não seja inteligente permanecermos na cidade. Veremos Gavin ser enterrado decentemente e então encontraremos um local seguro na mata fora da cidade para dormir. Podemos decidir amanhã se ficamos ou se vamos.

A ideia de passar várias outras noites na mata, com ou sem gambás, não era muito boa. Eu não tirava meu vestido havia oito dias, e lavava só minhas partes íntimas sempre que parávamos perto de um riacho.

Estava ansiosa por uma cama de verdade, ainda que infestada de pulgas, e por uma oportunidade para tirar a sujeira da viagem da última semana. Mas, ainda assim, ele tinha razão. Suspirei, olhando para a barra da minha manga, cinza e suja por ter sido usada por tanto tempo.

Nessa hora a porta da taverna se abriu de repente, interrompendo a minha contemplação, e quatro soldados de

casacos vermelhos entraram no salão lotado. Vestiam uniformes completos, empunhavam mosquetes com baionetas fixas e claramente não queriam beber nem jogar.

Dois dos soldados percorreram o salão depressa, olhando embaixo das mesas, enquanto outro entrou na cozinha mais à frente. O quarto permaneceu de guarda na porta, os olhos claros examinando as pessoas. Seu olhar passou por nossa mesa e parou em nós por um momento, tomado de especulação, mas então seguiu, procurando sem parar.

Jamie parecia tranquilo, bebericando a cerveja com aparente calma, mas vi a mão em seu colo se cerrar. Duncan, menos capaz de controlar seus sentimentos, abaixou a cabeça para esconder sua expressão. Nenhum dos dois jamais se sentiria tranquilo na presença de um casaco vermelho, e por um bom motivo.

Ninguém mais pareceu se incomodar com a presença dos soldados. O grupinho de cantores no canto da chaminé continuou cantando uma versão interminável de “Encha todos os copos”, e uma discussão em voz alta começou entre o atendente do bar e alguns aprendizes.

O soldado voltou da cozinha, evidentemente sem encontrar nada. Pisando sobre um jogo de dados na lareira, ele voltou a se unir com os colegas na porta. Quando os soldados saíram da taverna, o corpo esguio de Fergus entrou, pressionando-se contra a maçaneta para evitar cotoveladas e cabos de mosquetes.

Vi um dos soldados notar o brilho do metal e observar com interesse o gancho que Fergus usava no lugar da mão esquerda. Olhou para Fergus, mas então apoiou o mosquete no ombro e partiu atrás de seus companheiros.

Fergus passou pelas pessoas e se sentou no banco ao lado de Ian. Parecia sentir calor e irritação.

— Sanguessuga *salaud* — disse ele sem pestanejar.

Jamie ergueu a sobancelha.

— O padre — disse Fergus.

Ele pegou a caneca que Ian empurrou em sua direção e a esvaziou, engolindo a cerveja. Depois a abaixou, soltou o ar

pesadamente e permaneceu ali piscando, parecendo mais feliz. Suspirou e secou os lábios.

— Ele quer dez xelins para enterrar o homem no pátio da igreja — reclamou Fergus. — Uma igreja anglicana, claro. Não há igrejas católicas aqui. Mercenário de uma figa! Ele sabe que não temos escolha. O corpo mal se manterá até o pôr do sol do jeito que está.

Ele passou um dedo por dentro da gola, puxando o tecido molhado de suor para longe do pescoço e então bateu o punho na mesa várias vezes para chamar a atenção da atendente, que estava muito ocupada com os pedidos dos clientes.

— Eu disse ao gorducho desgraçado que você decidiria se pagaria ou não. Poderíamos simplesmente enterrá-lo na mata. Mas teríamos que ter uma pá — acrescentou Fergus, franzindo o cenho. — Esses moradores daqui sabem que somos de fora; pegarão até a nossa última moeda, se puderem.

Última moeda era algo perigosamente próximo da verdade. Eu tinha o suficiente para pagar uma refeição decente na taverna e para comprar comida para a viagem ao norte; ou talvez para pagar por algumas noites numa estalagem. Mas era só. Vi os olhos de Jamie percorrerem o salão, avaliando as possibilidades de conseguir um pouco de dinheiro jogando.

Soldados e marinheiros eram os melhores para fazer apostas, mas havia menos deles no bar. Provavelmente, a maioria da guarnição ainda vasculhava a cidade atrás do fugitivo. Em um canto, um pequeno grupo de homens estava animado bebendo muitas canecas de vinho com conhaque; dois deles estavam cantando, ou tentando, e as tentativas faziam os companheiros gargalharem. Jamie fez um meneio de cabeça quase imperceptível a eles e virou-se para Fergus.

— O que você fez com Gavin enquanto isso? — perguntou Jamie.

Fergus ergueu um ombro.

— Eu o coloquei na carroça. Troquei as roupas que ele estava vestindo por uma mortalha com uma mulher maltrapilha, e ela concordou em lavar o corpo como parte do acordo. — Ele sorriu discretamente para Jamie. — Não se preocupe, milorde. Ele está

apresentável. Por enquanto — acrescentou, levando uma caneca de cerveja gelada aos lábios.

— Pobre Gavin. — Duncan Innes ergueu a própria caneca em saudação ao companheiro morto.

— *Slàinte* — respondeu Jamie, e ergueu a própria caneca em resposta. Voltou a pousá-la e suspirou. — Ele não gostaria de ser enterrado na mata.

— Por que não? — perguntei, curiosa. — Acho que para ele tanto faz.

— Ah, não, não podemos fazer isso, sra. Claire. — Duncan balançava a cabeça de modo enfático. Em geral, Duncan era um homem muito reservado, e eu me surpreendi a ver tamanho sentimento.

— Ele tinha medo do escuro — disse Jamie delicadamente. Eu me virei para olhar para ele, e Jamie sorriu para mim com o canto da boca. — Vivi com Gavin Hayes quase o mesmo tempo que tenho vivido com você, Sassenach, e em locais muito menores. Eu o conhecia bem.

— Certo, ele tinha medo de ficar sozinho no escuro — disse Duncan. — Ele tinha um medo mortal de *tannagach*, de espírito, não?

Seu rosto triste e pesaroso mostrou uma expressão retraída, e eu sabia que ele estava se lembrando da cela da prisão que ele e Jamie tinham dividido com Gavin Hayes e outros quarenta homens durante três longos anos. — Você se lembra, *Mac Dubh*, que ele nos contou, certa noite, do *tannasq* que ele encontrou?

— Sim, Duncan, e gostaria de não me lembrar. — Jamie estremeceu apesar do calor. — Depois que ele nos contou aquilo, passei metade da noite acordado.

— O que foi, tio? — Ian estava inclinado sobre seu copo de cerveja, com os olhos arregalados. O rosto estava vermelho, a gola da blusa encharcada de suor.

Jamie passou a mão pelos lábios, pensando.

— Ah! Bem, era um dia no fim do outono frio das Terras Altas, quando a estação muda e o vento indica que o chão será coberto por uma camada de gelo na madrugada — disse ele. Jamie se

endireitou na cadeira e se recostou, com o copo de cerveja na mão. Ele sorriu ironicamente, levando a mão ao pescoço. — Não como está agora, sim?

Jamie fez uma pausa e continuou:

— Bem, o filho de Gavin trouxe de volta as vacas naquela noite, mas faltava um animal. O rapaz subira e descera os montes, mas não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum. Então Gavin fez o rapaz ordenhar as outras duas e partiu para procurar a vaca perdida.

Jamie rolou o copo lentamente entre as mãos, olhando para a cerveja escura como se visse nela os montes escoceses negros como a noite e a névoa que cobre os vales no outono.

— Gavin percorreu certa distância, e a cabana atrás dele desapareceu. Quando olhou para trás, não conseguia mais ver a luz da janela e não havia som nenhum, exceto o sopro do vento. Estava frio, mas ele continuou, passando pela lama e pela urze, ouvindo o quebrar dos galhos sob suas botas. Viu um pequeno arvoredor pela névoa e, pensando que a vaca poderia ter se abrigado embaixo das árvores, seguiu em direção a elas. Disse que as árvores eram bétulas sem folhas, mas com os galhos unidos de modo que ele tinha que abaixar a cabeça para passar entre eles. Gavin foi ao arvoredor e viu que não se tratava de um arvoredor, e sim de um círculo de árvores. Eram grandes e altas, espaçadas igualmente ao redor dele, e as menores, árvores novas, cresciam no meio criando uma parede de galhos. E no centro do círculo, havia um dólmen.

Por mais quente que estivesse na taverna, eu senti que uma pedra de gelo descia pela minha espinha. Eu já vira dólmenes antigos nas Terras Altas e os considerava bem assustadores à luz do dia.

Jamie tomou um gole da cerveja e secou o suor que escorria de sua têmpora.

— Gavin se sentiu um idiota porque ele conhecia o lugar. Todo mundo conhecia e se mantinha afastado dele. Era um local estranho. E parecia ainda pior no escuro e no frio do que à luz do dia. Era um dólmen antigo, feito com pedaços de rocha, todo

empilhado e cercado de pedras, e Gavin viu diante dele a abertura escura do túmulo. Ele sabia que era um lugar aonde nenhum homem deveria ir, e ele não tinha um talismã poderoso. Gavin não tinha nada além de uma cruz de madeira no pescoço. Então ele se benzeu com ela e se virou para partir.

Jamie parou para beber a cerveja e então prosseguiu:

— Mas quando Gavin saiu do arvoredo — disse Jamie baixinho —, ouviu passos atrás dele.

Vi o pomo de adão de Ian subir quando ele engoliu. Mecanicamente, pegou a própria caneca, com os olhos fixos no tio.

— Ele não se virou para ver — continuou Jamie. — Em vez disso, continuou andando. E os passos o acompanharam em certo ritmo, sempre o seguindo. Gavin passou pela turfa de onde a água surge, e ela estava coberta com gelo, já que fazia tanto frio. Ele conseguia ouvir a turfa rachar sob seus pés, e atrás dele, o barulho do gelo se quebrando.

Jamie fez uma pausa e prosseguiu:

— Ele caminhou muito, pela noite fria e escura, olhando para a frente à procura da luz de sua janela, onde sua esposa havia colocado a vela. Mas a luz não apareceu, e Gavin começou a ficar com medo de ter se perdido entre a terra e os montes escuros. E, durante todo o tempo, se manteve o ritmo dos passos que ressoavam alto em seus ouvidos. Por fim, não suportou mais aquilo e, segurando o crucifixo que levava no pescoço, virou-se gritando para enfrentar o que o seguia.

— O que ele viu? — As pupilas de Ian estavam dilatadas, pesadas pela bebida e pela dúvida. Jamie olhou para o rapaz e então para Duncan, assentindo para que este desse continuidade à história.

— Ele disse ser uma figura como um homem, mas sem corpo — disse Duncan em voz baixa. — Todo branco, como se fosse feito de névoa. Mas com grandes buracos vazios e negros onde deveriam estar os olhos, feitos para arrancar a alma de seu corpo com terror.

— Mas Gavin segurou a cruz diante do rosto dele e orou em voz alta para a Virgem Abençoada. — Jamie retomou a história, inclinando-se para a frente de propósito, a luz fraca do fogo

contornando seu perfil, deixando-o dourado. — E a coisa não se aproximou, só ficou ali, olhando para ele. Então Gavin começou a andar para trás, sem ousar se virar de novo. Andou de costas, tropeçando e escorregando, temendo cada segundo, pois podia se queimar ou cair de um penhasco e quebrar o pescoço, mas com um medo ainda maior de dar as costas para a coisa fria. Ele não sabia quanto tempo havia caminhado, só que suas pernas tremiam de cansaço quando finalmente viu um raio de luz em meio à névoa. Ali estava sua casa, com a vela na janela. Gritou de alegria e se direcionou para a porta, mas a coisa fria foi mais rápida, e passou por ele, se posicionando entre Gavin e a porta.

Jamie fez outra pausa e continuou:

— A esposa de Gavin estava à sua espera, e quando ouviu seu grito, foi até a porta. Ele gritou para que ela não saísse, mas que pelo amor de Deus pegasse um amuleto para afastar o *tannasq*. Rápida, ela pegou o vaso que estava debaixo da cama e um ramo de murta amarrado com fios vermelhos e pretos que ela fizera para benzer as vacas. Jogou a água contra o umbral e a coisa fria deu um pulo e se pendurou na soleira da porta. Gavin correu por baixo do *tannasq* e fechou a porta, permanecendo do lado de dentro nos braços da esposa até o amanhecer. Eles deixaram a vela queimar a noite toda, e Gavin Hayes nunca mais saiu de casa depois do pôr do sol, até o dia em que foi lutar pelo príncipe Tearlach.

Até mesmo Duncan, que conhecia a história, suspirou quando Jamie parou de falar. Ian se benzeu e então olhou para todos com atenção, mas ninguém pareceu notar.

— Então, agora Gavin foi para o escuro — disse Jamie com delicadeza. — Mas não permitiremos que ele permaneça em solo não consagrado.

— Eles encontraram a vaca? — perguntou Fergus, com sua praticidade de sempre.

Jamie ergueu a sobrancelha para Duncan, que respondeu.

— Sim. Na manhã seguinte, encontraram a pobre coitada com as patas cheias de lama e pedras, brava e espumando pela boca, respirando tão forte como se fosse explodir. — Duncan olhou para

mim e para Ian e então de novo para Fergus antes de acrescentar: — Gavin disse que ela parecia ter ido ao inferno e voltado.

— Jesus! — Ian tomou um grande gole de cerveja, e eu fiz a mesma coisa. No canto, a sociedade beberrona tentava cantar “Capitão Trovão”, e começavam a rir todas as vezes.

Ian pousou a caneca na mesa.

— O que aconteceu com eles? — perguntou, com o rosto preocupado. — Com a esposa e o filho de Gavin?

Jamie olhou em meus olhos e levou a mão à minha coxa. Eu sabia, sem que ninguém me dissesse, o que acontecera com a família Hayes. Sem a coragem e a austeridade de Jamie, a mesma coisa provavelmente teria acontecido comigo e com a nossa filha Brianna.

— Gavin nunca soube — disse ele em voz baixa. — Ele nunca soube nada da esposa. Ela deve ter morrido de fome ou talvez tenha sido abandonada no frio para morrer. O filho lutou ao lado dele na Batalha de Culloden. Sempre que um homem que havia lutado em Culloden entrava em nossa cela, Gavin perguntava: “Por acaso viu um jovem corajoso chamado Archie Hayes, mais ou menos desta altura?” — E ele ergueu a mão automaticamente, a um metro e meio do chão, imitando o gesto de Hayes. — “Um rapaz de uns quatorze anos”, dizia ele, “que usa uma roupa verde e um pequeno broche dourado.” Mas nunca apareceu ninguém que o tivesse visto com certeza, morrendo ou fugindo em segurança.

Jamie tomou um gole da cerveja, com os olhos fixos em dois oficiais britânicos que tinham entrado e se ajeitado em um canto. Escurecera lá fora, e era evidente que eles não estavam mais trabalhando. Os casacos de couro estavam abertos devido ao calor, e eles levavam apenas armas no cinto, brilhando sob os casacos. Elas eram quase pretas à luz fraca, exceto onde a luz da fogueira as deixava vermelhas.

— Às vezes, ele esperava que o rapaz tivesse sido capturado e deportado — disse Jamie. — Assim como o irmão.

— Certamente isso estaria registrado em algum lugar, não? — perguntei. — Eles mantinham, ou melhor, mantêm listas?

— Mantinham — disse Jamie, ainda observando os soldados. Ele esboçou um sorriso fraco e amargo. — Foi uma lista assim que me salvou, depois da Batalha de Culloden, quando perguntaram meu nome antes de atirar em mim, para adicioná-lo a seu rol. Mas um homem como Gavin não teria como ver as listas inglesas de mortes. E se pudesse ter descoberto, acho que não o faria. — Ele olhou para mim. — Você escolheria ter certeza se fosse seu filho?

Balancei a cabeça, e ele deu um sorriso fraco e apertou minha mão. Nossa filha estava segura, afinal. Ele pegou a caneca e a esvaziou, e então fez um gesto para a atendente.

A moça trouxe a comida, mantendo-se afastada da mesa para evitar Rollo. O animal permanecia imóvel embaixo da mesa, com a cabeça para fora e a grande cauda peluda pesando sobre meus pés. Mas seus olhos amarelos estavam arregalados, observando tudo. Eles acompanharam a garota com atenção, e ela recuou nervosa, de olho nele até se afastar o suficiente para se sentir segura.

Ao ver isso, Jamie lançou um olhar dúbio ao animal chamado de cachorro.

— Ele está com fome? Devo pedir um peixe para ele?

— Ah, não, tio — disse Ian. — Rollo pega seus peixes.

Jamie ergueu as sobrancelhas, mas só assentiu, e com um olhar cauteloso lançado a Rollo, pegou um prato de ostras assadas da bandeja.

— Ah, que pena! — Duncan Innes já estava bem embriagado. Sentou-se encolhido contra a parede, o ombro sem braço subindo mais do que o outro, dando a ele uma aparência corcunda e estranha. — Um homem como Gavin ter esse fim! — Ele balançou a cabeça de modo lúgubre, de um lado para o outro por cima da caneca de cerveja como o badalo de um sino fúnebre.

— Não havia familiares para chorar por ele, sozinho em uma terra selvagem, enforcado como um criminoso e prestes a ser enterrado em uma cova não benzida. Nem mesmo um lamento cantado em seu nome!

Ele pegou a caneca e, com certa dificuldade, levou-a à boca. Deu um grande gole e a pousou com um baque abafado.

— Bem, vamos fazer uma *caithris!* — Ele olhou de modo agressivo de Jamie para Fergus e depois para Ian. — Por que não?

Jamie não estava bêbado, mas também não estava totalmente sóbrio. Sorriu para Duncan e ergueu a própria caneca num brinde.

— Por que não, realmente? — perguntou ele. — Mas você terá que cantar, Duncan. Nenhum dos outros conhecia Gavin e eu não sou cantor. Mas posso gritar com você.

Duncan assentiu, olhando para nós com os olhos vermelhos. Sem que esperássemos, ele jogou a cabeça para trás e emitiu um uivo horrível. Eu me sobressaltei e derramei metade da cerveja da caneca no colo. Ian e Fergus, que evidentemente já tinham ouvido lamentos em gaélico antes, nem pestanejaram.

Em todo o salão, bancos foram empurrados para trás, os homens se levantaram assustados, levando a mão à pistola. A atendente se inclinou no balcão com os olhos arregalados. Rollo acordou com um explosivo “Au!” e olhou ao redor muito bravo, mostrando os dentes.

— *Tha sinn cruinn a chaoidh ar caraid, Gabhainn Hayes!* — gritou Duncan, num barítono cansado.

Eu sabia gaélico suficiente para traduzir isso como: “Estamos reunidos para chorar e gritar aos céus pela perda de nosso amigo, Gavin Hayes!”

— *Èisd ris!* — disse Jamie.

— *Rugadh e do Sheumas Immanuel Hayes agus Louisa N'ic a Liallainn an am baile Chill-Mhartainn, ann an sgìre Dhun Domhnuill, anns a bhliadhnaeachd ceud deug agus a haon!* — Ele era filho de Seaumas Emmanuel Hayes e de Louisa Mclellan, no vilarejo de Kilmartin na paróquia de Dodanil, no ano de nosso Senhor, 1701!

— *Èisd ris!* — Dessa vez, Fergus e Ian se uniram ao refrão, que eu traduzi livremente como: “Ouçam-no!”

Rollo parecia não se importar nem com o verso nem com o refrão. Suas orelhas estavam abaixadas contra a cabeça, e os olhos amarelos, estreitados. Ian acariciou a cabeça dele para acalmá-lo, e Rollo se deitou de novo, ganindo baixinho como os lobos fazem.

A plateia, ao ver que não havia violência envolvida e, sem dúvida, entediada com os esforços vocais fracos da sociedade

beberrona no canto, sentou-se para aproveitar o show. Quando Duncan começou a dizer vários nomes dos carneiros que Gavin Hayes possuía antes de sair de seu sítio para seguir seu proprietário de terras a Culloden, muitas pessoas das mesas ao redor começaram a repetir o refrão animadamente, gritando “*Èisd ris!*” e batendo as canecas na mesa, sem entenderem nada do que estava sendo dito, o que também era uma coisa boa.

Duncan, mais bêbado do que nunca, olhou para os soldados da mesa ao lado com pesar, e o suor escorria de seu rosto.

— *A Shasunnaich na galladh, 's olc a thig e dhuibh fanaid air bàs gasgaich. Gun toireadh an diabhl fhein leis anns a bhàs sibh, direach do Fhirinn!* — Malditos cães ingleses, comedores de carne morta! Vocês riem e se alegram com a morte de um homem cortês! Que o diabo pegue vocês na hora de sua morte e os leve direto ao inferno!

Ian empalideceu um pouco ao ouvir isso e Jamie lançou a Duncan um olhar significativo, mas eles gritaram potentemente: “*Èisd ris!*”, com o restante das pessoas.

Fergus, inspirado, levantou-se e passou o chapéu pelas pessoas, que, afetadas pela cerveja e pela animação, jogaram cobres dentro dele pelo privilégio de participarem da própria acusação.

Eu conseguia beber tanto quanto a maioria dos homens, mas não prendia o xixi tão bem. Com a cabeça meio zonza pelo barulho, pela fumaça e pelo álcool, eu me levantei e saí de trás da mesa, em meio às pessoas, chegando ao ar fresco do início da noite.

Ainda estava com calor e me sentia sufocada, apesar de o sol ter se posto fazia muito tempo. Mas ainda assim, havia muito mais ar do lado de fora e bem menos pessoas para dividi-lo.

Depois de aliviar a pressão interna, eu me sentei no bloco de cortar lenha da taverna com minha caneca, respirando profundamente. A noite estava clara, com uma meia-lua espalhando o tom prateado à beira do porto. Nossa carroça estava próxima; eu só discernia seu contorno à luz das janelas da taverna. Presumi que o corpo decentemente amortalhado de Gavin Hayes

estivesse ali dentro. Acreditei que ele tivesse aproveitado sua *caithris*, ou vigília.

Do lado de dentro, o canto de Duncan havia terminado. Uma voz clara de tenor, meio mole pela bebida, mas meiga mesmo assim, cantava uma canção familiar, que se destacava acima do barulho das conversas.

*“A Anacreonte no céu, onde ele encontrou alegria plena,
Alguns filhos da harmonia enviaram um pedido,
Que ele fosse seu inspirador e patrono!
Quando essa resposta chegou do velho e alegre grego:
‘Voz, violino e flauta
que não fiquem mais calados!
Emprestarei meu nome e inspirarei vocês.’”*

A voz do cantor desafinou dolorosamente em “voz, violino e flauta”, mas ele seguiu cantando, apesar do riso da plateia. Sorri com ironia para mim mesma quando ele chegou ao verso final:

*“E, além disso, instruirei vocês a misturar como eu,
a murta de Vênus com o vinho de Baco!”*

Ergui minha caneca num brinde ao caixão com rodas, ecoando levemente a melodia das últimas frases do cantor.

*“Ah, diga, aquela bandeira de estrelas ainda se balança
sobre a terra dos livres e o lar dos bravos?”*

Terminei de beber e fiquei parada, esperando os homens saírem.

QUANDO ENCONTRAMOS UM FANTASMA

—Dez, onze, doze... e dois, e seis... uma libra, oito xelins, seis centavos, cinquenta pence! — Fergus derrubou a última moeda de modo cerimonioso dentro do saco de tecido, puxou os cordões e o entregou a Jamie. — E três botões — acrescentou —, mas preciso ficar com eles — e deu um tapinha na lateral do casaco.

— Você combinou a nossa refeição com o senhorio? — perguntou-me Jamie, pesando o saco.

— Sim — garanti a ele. — Tenho quatro xelins e seis pence, além do que Fergus pegou.

Fergus sorriu modestamente, com os dentes brancos e quadrados brilhando sob a luz fraca da janela da taverna.

— Então, temos dinheiro necessário para o enterro — concluiu Fergus. — Vamos levar Monsieur Hayes ao padre agora ou esperaremos até amanhã cedo?

Jamie franziu o cenho para a carroça, em silêncio à beira do quintal da hospedaria.

— Não acredito que o padre esteja acordado a esta hora — disse ele, olhando para a lua crescente. — Ainda assim...

— Eu só não o levaria conosco — falei. — Sem querer ser grosseira — acrescentei de modo a me desculpar —, mas se vamos dormir na mata, o... bem, o cheiro... — Não estava forte, mas longe da fumaça da taverna, um odor distinto pairava ao redor da carroça. A morte não fora tranquila e o dia tinha sido *quente*.

— Tia Claire está certa — disse Ian, passando os nós dos dedos embaixo do nariz, discretamente. — Não queremos atrair animais selvagens.

— Mas não podemos deixar Gavin aqui! — protestou Duncan, escandalizado com a ideia. — Deixá-lo na frente da hospedaria nessa mortalha, como um rejeitado envolvido em faixas? — Ele oscilou de forma alarmante, pois o álcool afetava seu equilíbrio sempre ruim.

Vi Jamie esboçar um sorriso com a boca larga, a lua branca refletindo sobre seu nariz afilado.

— Não — afirmou ele. — Não vamos deixá-lo aqui. — Jamie passou o saco de mão em mão com um som fraco e metálico, e então, decidindo-se, enfiou-o no casaco. — Nós mesmos vamos enterrá-lo — disse. — Fergus, pode ir ao estábulo para ver se conseguimos comprar uma pá bem barata?

O curto trajeto até a igreja pelas ruas calmas de Charleston foi, de certo modo, menos digno do que o cortejo fúnebre normal, já que tinha sido marcado pela insistência de Duncan de repetir as partes mais interessantes de seu lamento como um cântico de procissão.

Jamie conduzia devagar, gritando incentivos aos cavalos de vez em quando. Duncan caminhava atrás do grupo, cantando com a voz rouca e segurando um animal pelo cabresto enquanto Ian segurava o outro para impedir batidas. Fergus e eu seguíamos atrás com respeito, e Fergus segurava a pá recém-comprada diagonalmente em frente ao corpo, murmurando previsões assustadoras em relação à possibilidade de todos nós passarmos a noite na prisão por perturbarmos a paz de Charleston.

A igreja ficava afastada em uma rua calma, a certa distância da casa mais próxima. Isso era bom para evitar chamar atenção, mas significava que o pátio da igreja era assustadoramente escuro, sem luz de tocha nem de vela para quebrar a escuridão.

Grandes magnólias cobriam o portão, com folhas coriáceas soltando-se no calor, e os pinheiros ao redor, que serviam para oferecer sombra e alívio durante o dia, à noite serviam para bloquear todos os indícios da lua e da luz das estrelas, deixando o pátio em si escuro como... bem, como uma cripta.

Caminhar pela névoa era como afastar cortinas de veludo pretas, perfumadas com incenso de terebintina dos pinheiros esquentados pelo sol; camadas infindáveis de afagos macios e pungentes. Nada era mais distante da pureza das Terras Altas do que a atmosfera sufocante do sul. Ainda assim, partes claras de névoa pairavam sob os muros de tijolos escuros, e eu queria não me lembrar com tanta clareza da história de Jamie sobre o *tannasq*.

— Vamos encontrar um lugar. Fique e segure os cavalos, Duncan. — Jamie saiu do assento da carroça e segurou meu braço.

— Talvez encontremos um bom lugar perto do muro — disse ele, guiando-me em direção ao portão. — Ian e eu vamos cavar enquanto você segura a luz, e Fergus pode ficar de guarda.

— Mas e Duncan? — perguntei, olhando para trás. — Ele vai ficar bem? — O escocês estava fora do nosso campo de visão, pois seu corpo alto e esguio se misturara com o grupo maior de cavalos e com a carroça, mas ainda era possível ouvi-lo.

— Ele vai ser o principal pranteador — disse Jamie com a voz levemente animada. — Cuidado com a cabeça, Sassenach. — Eu me abaixei de forma automática sob um galho baixo de magnólia; não sabia se Jamie conseguia enxergar na escuridão ou se só sentia as coisas por instinto, mas eu nunca o vi tropeçar, por mais escuro que fosse o ambiente.

— Você não acha que alguém vai perceber uma cova recente? — Não estava totalmente escuro no pátio da igreja, afinal. Ao sairmos de debaixo das magnólias, consegui ver as formas claras dos túmulos, parecendo abstratas, mas sinistras no escuro, uma névoa fraca subindo da grama densa aos pés deles.

As solas dos meus pés formigaram quando passamos pelas pedras. Senti ondas silenciosas de repreensão vindas do solo diante da intrusão inadequada. Bati a canela em um túmulo e mordi o lábio, contendo o ímpeto de me desculpar com seu dono.

— Imagino que sim. — Jamie soltou meu braço para enfiar a mão no casaco. — Mas se o padre queria dinheiro para enterrar Gavin, acho que ele não pensaria em desenterrá-lo por nada, certo?

O jovem Ian se materializou na escuridão ao meu lado e me assustou.

— Há um espaço aberto perto do muro ao norte, tio Jamie — susurrou ele, apesar do fato óbvio de que não havia ninguém por perto para ouvir. Fez uma pausa e se aproximou de mim. — Está muito escuro aqui, não?

O garoto parecia nervoso. Bebera quase tanto quanto Jamie ou Fergus, mas apesar de o álcool ter dado aos homens mais velhos um humor irônico, claramente teve um efeito mais deprimente no ânimo de Ian.

— Está, sim. Tenho um toco de vela que peguei da taverna. Espere um pouco — falei.

Leves roçares indicavam que Jamie procurava a pederneira e o isqueiro.

A escuridão do local fez com que eu me sentisse deslocada, como um fantasma. Olhei para cima e vi as estrelas, tão debilmente visíveis pelo ar denso que não iluminavam o chão, só davam uma sensação de distância imensa e afastamento infinito.

— É como a vigília de Páscoa. — A voz de Jamie saiu baixinha, acompanhada dos leves sons de arranhões na pederneira. — Vi o serviço uma vez, na Notre Dame, em Paris. Cuidado, Ian, tem uma pedra bem ali.

Um baque e um resmungo abafado indicavam que Ian descobrira a pedra tarde demais.

— A igreja estava toda escura — continuou Jamie —, mas as pessoas que vinham à missa compravam velas das mulheres nas portas. Era algo assim. — Eu senti mais do que vi o movimento que ele fez em direção ao céu. — Um grande espaço acima, tomado pelo silêncio, e pessoas reunidas em todos os lados.

Por mais quente que estivesse, eu estremeci involuntariamente com as palavras dele, que criavam uma imagem dos mortos ao nosso redor, reunidos em silêncio um ao lado do outro, esperando uma ressurreição iminente.

— E então, quando pensei que não conseguiria mais aguentar o silêncio e a multidão, veio a voz do padre da porta. "*Lumen Christi!*", gritou ele, e os acólitos acenderam a grande vela que ele carregava. E dela, eles passaram a chama para suas próprias velas

e percorreram os corredores repassando o fogo para as velas dos fiéis.

Eu podia ver suas mãos, iluminadas fracamente pelas pequenas faíscas de sua pederneira.

— Então, a igreja ganhou vida com mil pequenas chamas, mas foi aquela primeira vela que rompeu a escuridão.

Os sons pararam, e Jamie afastou a mão em concha que protegia a chama recém-nascida. A chama se endireitou e iluminou o rosto dele por baixo, clareando as maçãs do rosto e a testa, e criando sombra nas órbitas fundas de seus olhos.

Ele ergueu a vela, observando as lápides dos túmulos, assustadoras como um círculo de pedras em pé.

— *Lumen Christi* — sussurrou ele, inclinando a cabeça na direção de um pilar de granito sobre o qual havia uma cruz, “*et requiescat in pace, amice*”. O tom meio brincalhão havia deixado sua voz; ele falava com seriedade total, e eu me senti estranhamente reconfortada, como se uma presença atenta tivesse se retirado.

Jamie sorriu para mim nessa hora, e me deu a vela.

— Veja se consegue encontrar um pedaço de madeira para usar como tocha, Sassenach — disse ele. — Ian e eu nos revezaremos cavando.

Eu não estava mais nervosa, mas me sentia como uma ladra de túmulos, sob um pinheiro com a minha tocha, observando o jovem Ian e Jamie se revezando para aprofundar o buraco, as costas nuas brilhando suadas sob a luz da tocha.

— Estudantes de medicina costumavam pagar a homens para roubar corpos frescos dos pátios da igreja — falei, entregando meu lenço sujo a Jamie enquanto ele saía do buraco, gemendo pelo esforço. — Era a única maneira que tinham de praticar a dissecação.

— Eles faziam isso? — perguntou Jamie. Ele secou o suor do rosto e me lançou um olhar rápido e irônico. — Ou ainda fazem?

Felizmente, apesar da luz da tocha, estava escuro demais para Ian notar meu rosto corado. Não era o primeiro deslize que eu dava e provavelmente não seria o último, mas inadvertências desse tipo costumavam resultar em nada além de um olhar confuso, quando eram notadas. A verdade simplesmente não era uma possibilidade que ocorria a alguém.

— Imagino que façam agora — admiti.

Estremeci levemente pensando em ver um corpo recém-exumado e não preservado, ainda sujo com a terra da cova aberta. Cadáveres embalsamados e dispostos em uma superfície de aço inoxidável também não eram muito agradáveis, mas a formalidade da apresentação deles servia para manter a realidade devastadora da morte a certa distância.

Soltei o ar pelo nariz com intensidade, tentando me livrar dos odores, imaginários e lembrados. Quando inspirei, minhas narinas foram tomadas pelo cheiro de terra úmida e de resina da minha tocha de pinheiro, e também pela presença mais fraca e fria dos pinheiros vivos acima da minha cabeça.

— Eles pegam mendigos e criminosos das prisões também.

O jovem Ian, que evidentemente ouvira a conversa, se não a compreendeu, aproveitou a oportunidade de parar por um momento, secando a testa enquanto se apoiava na pá.

— Meu pai me contou sobre uma vez em que foi preso, quando o levaram a Edimburgo e o mantiveram na Tolbooth. Ele ficou numa cela com outros três homens, e um deles tossia de modo horroroso, sem deixar os outros dormirem durante o dia e durante a noite. Então, numa noite, a tosse parou e eles souberam que o homem tinha morrido. Mas meu pai disse que estavam tão cansados que não conseguiram rezar nada além de um pai-nosso, e depois dormiram.

O rapaz parou e esfregou o nariz que coçava.

— Meu pai disse que ele acordou de repente com alguém segurando suas pernas e outra pessoa segurando seus braços, levantando-o. Ele se debateu e gritou, e o homem que o segurava pelos braços berrou e o largou, e meu pai caiu, batendo a cabeça nas pedras. Sentou-se esfregando a cabeça e viu um médico do

hospital e dois colegas que ele trouxera para levar o cadáver embora para a sala de dissecação.

Ian abriu um sorriso ao se lembrar, afastando os cabelos molhados de suor do rosto.

— O pai disse não saber quem ficou mais aterrorizado, se foi ele ou se foram os homens que tinham pegado o corpo errado. Falou que o médico parecia aborrecido, porque meu pai seria uma espécie muito mais interessante para estudo, com a perna amputada e tudo o mais.

Jamie riu, esticando os braços para aliviar os ombros. Com o rosto e o torso sujos de terra vermelha e os cabelos presos para trás com um lenço ao redor da testa, ele parecia tão mal-encarado quanto qualquer ladrão de túmulos.

— Eu gosto dessa história — disse Jamie. — Ian chegou a falar depois que, como todos os médicos eram carneiros, ele não queria nem saber deles.

Ele sorriu para mim; eu já fora médica, cirurgiã, na minha época, mas aqui, eu não passava de uma curandeira, habilidosa no uso de ervas.

— Felizmente, não tenho medo de carneirinhas — disse ele, e se inclinou para me beijar.

Seus lábios estavam quentes, com gosto de cerveja. Gotas de suor estavam presas nos pelos enrolados de seu peito, e seus mamilos eram pontos escuros na luz clara. Um tremor que não tinha nada a ver com o frio nem com a estranheza do local que nos cercava percorreu minha espinha. Jamie notou e seus olhos encontraram os meus. Ele deu um longo suspiro e, de imediato, eu percebi como meu corpete era justo, e o peso de meus seios no tecido encharcado de suor. Jamie se remexeu levemente, puxando o tecido do calção.

— Maldição — disse ele com delicadeza.

Então olhou para baixo e se virou, esboçando um leve sorriso.

Eu não esperava, mas reconheci. Uma onda de desejo era uma reação comum, ainda que peculiar, à presença da morte. Os soldados a sentiam depois da batalha; assim como os curadores

que lidam com sangue e esforço. Talvez Ian estivesse mais certo do que pensei a respeito da lugubridade dos médicos.

Jamie tocou minhas costas e eu me sobressaltei, espalhando faíscas da tocha acesa. Ele a pegou de mim e acenou em direção a uma lápide próxima.

— Sente-se, Sassenach — disse ele. — Você não deveria passar tanto tempo de pé. — Eu havia trincado a tíbia da perna esquerda no naufrágio, e apesar de ter curado depressa, a perna ainda doía de vez em quando.

— Eu estou bem. — Ainda assim, me movi em direção à pedra, resvalando nele ao passar. Jamie irradiava calor, mas a carne nua estava fria ao toque, com o suor evaporando de sua pele. Consegui sentir seu cheiro.

Olhei para ele, e vi que a parte de seu corpo onde eu o havia tocado estava arrepiada. Engoli em seco, lutando contra uma visão repentina de nós dois rolando no escuro, em um gozo intenso e cego em meio à grama amassada e à terra.

Ele segurou meu cotovelo enquanto me ajudava a me sentar na pedra. Rollo estava deitado de lado, gotas de saliva brilhando sob a luz da tocha enquanto ele ofegava. Os olhos amarelos puxados se estreitaram ao me olhar.

— Nem pense nisso — falei, estreitando os meus olhos para ele. — Se me morder, enfiarei meu sapato tão fundo na sua garganta que você vai engasgar.

Rollo deu um latido baixo. Apoiou o focinho nas patas, mas as orelhas peludas estavam de pé, viradas para localizar o menor som que fosse.

A pá se afundava com facilidade na terra aos pés de Ian, e ele se endireitou, enxugando o suor com a palma da mão, que deixou uma sujeira preta em seu rosto. Soltou o ar e olhou para Jamie, imitando exaustão, com a língua para fora num canto da boca.

— Certo, acho que está fundo o suficiente. — Jamie respondeu ao pedido não expressado com um meneio de cabeça. — Trarei Gavin, então.

Fergus franziu o cenho inquieto, seus traços marcados à luz da tocha.

— Você não vai precisar de ajuda para carregar o cadáver? — Sua relutância foi evidente; mas, ainda assim, ele se oferecera.

Jamie lançou a ele um sorriso fraco e irônico.

— Eu vou conseguir — afirmou. — Gavin era um homem pequeno. Mas você pode levar a tocha para me acompanhar.

— Também vou, tio! — O jovem Ian saiu de qualquer jeito do buraco, os ombros magros brilhando por causa do suor. — Para o caso de você precisar de ajuda — disse ele sem fôlego.

— Está com medo de ficar no escuro? — perguntou Fergus com sarcasmo.

Imaginei que o ambiente o estivesse deixando inquieto; apesar de provocar Ian algumas vezes, a quem ele considerava um irmão mais novo, raramente era cruel com ele.

— Sim, estou — confessou ele. — Você não está?

Fergus abriu a boca com as sobrancelhas arqueadas, voltou a fechá-la e virou-se sem dizer nada em direção à abertura escura da entrada, por onde Jamie havia desaparecido.

— Não acha que este lugar é horrível, tia? — murmurou Ian nervoso atrás de mim, mantendo-se próximo enquanto passávamos pelas pedras grandes, seguindo a luz da tocha de Fergus. — Fico pensando naquela história que o tio Jamie me contou. E pensando que agora que Gavin está morto, talvez a coisa fria... quero dizer, você acha que talvez... ela virá atrás dele?

Depois da pergunta, ele engoliu em seco de modo audível, e senti um arrepio na espinha.

— Não — respondi, um pouco alto demais. Segurei o braço de Ian, menos para me equilibrar do que para sentir a solidez de seu corpo e me acalmar. — Com certeza não.

Sua pele estava pegajosa com o suor que evaporava, mas sentir a musculatura magra do braço embaixo da minha mão foi reconfortante. Sua presença meio visível me fazia lembrar vagamente de Jamie. Ele era quase tão alto quanto o tio, e quase tão forte, apesar de ainda ser magro e desengonçado por estar na adolescência.

Entramos, aliviados, no ponto iluminado pela luz lançada pela tocha de Fergus. A luz tremeluzente reluzia em meio às rodas da

carroça, lançando sombras que se estendiam como teias de aranha na poeira. Estava tão quente na estrada quanto no pátio da igreja, mas o ar parecia mais livre, mais fácil de respirar, longe das árvores sufocantes.

Para minha surpresa, Duncan ainda estava acordado, sentado no assento da carroça como uma coruja sonolenta, com os ombros encolhidos na altura das orelhas. Ele sussurrava, mas parou quando nos viu. A longa espera parecia tê-lo deixado um pouco sóbrio. Ele desceu do assento com firmeza e deu a volta por trás da carroça para ajudar Jamie.

Prendi um bocejo. Ficaria feliz de acabar com essa missão melancólica e ir descansar, ainda que a única cama à nossa espera fosse um monte de folhas.

— *Ifrinn an Diabhuil! A Dhia, thoir cobhair!*

— *Sacrée Vierge!*

Levantei a cabeça. Todo mundo estava gritando, e os cavalos, assustados, relinchavam e se remexiam em seus cabrestos, fazendo a carroça se balançar e chacoalhar como um besouro bêbado.

Rollo latiu ao meu lado.

— Jesus! — disse Ian, olhando para a carroça. — Jesus Cristo!

Eu me virei na direção para onde ele olhava e gritei. Uma pessoa pálida estava na parte da carga da carroça, balançando com o chacoalhar. Eu não tive tempo de ver mais nada antes de o inferno começar.

Rollo apoiou-se nas patas de trás e se ergueu no escuro com um rosnado, acompanhado pelos gritos de Jamie e Ian, e um grito terrível do fantasma. Atrás de mim, ouvi o som de palavrões em francês quando Fergus voltou correndo para o pátio da igreja, tropeçando e batendo nas lápides no escuro.

Jamie largara a tocha. Ela brilhou e assoviou na estrada de terra, ameaçando se apagar. Eu me ajoelhei e a peguei, soprando-a, desesperada para mantê-la acesa.

O coro de gritos e resmungos aumentou, e eu me levantei, com a tocha na mão, e encontrei Ian lutando com Rollo, tentando mantê-lo afastado das pessoas brigando em uma nuvem de poeira.

— *Arrêtes espèce de cochon!*

Fergus saiu galopando no escuro, empunhando a pá que tinha ido buscar. Ao acreditar que sua ordem fora ignorada, ele deu um passo à frente e bateu a pá, com uma das mãos, na cabeça do invasor com um baque seco. Então, virou-se na direção de Ian e Rollo.

— Você também deve ficar quieto — disse Fergus ao cão, ameaçando-o com a pá. — Cale-se agora mesmo, sua fera estúpida, ou acabarei com você!

Rollo rosnou, mostrando os dentes impressionantes que eu interpretei que queriam dizer “Você e mais quem?”, mas foi afastado da confusão por Ian, que passou o braço pelo pescoço do cão e impediu mais comentários.

— De onde *ele* veio? — perguntou Ian, surpreso. Virou o pescoço, tentando olhar para o corpo caído sem soltar Rollo.

— Do inferno — disse Fergus. — E eu o convido a voltar para lá de uma vez.

Ele tremia de choque e cansaço; a luz brilhou fraca do seu gancho enquanto ele afastava uma mecha densa de cabelos negros dos olhos.

— Não do inferno; das forcas. Você não o conhece?

Jamie se levantou devagar, batendo a poeira do calção. Respirava ofegante e estava sujo de terra, mas parecia ileso. Pegou o lenço caído e olhou ao redor, limpando o rosto.

— Onde está Duncan?

— *Aqui, Mac Dubh* — disse uma voz rouca na frente da carroça. — Os animais não estavam gostando muito de Gavin, para começo de conversa, e eles estavam certos em pensar que ele era um ressuscitado. Não — acrescentou ele —, mas eu também me assustei um pouco. — Ele olhou para o corpo no chão com desprazer e deu um tapinha no pescoço de um cavalo nervoso. — Ah, não passa de um tolo à toa, *luaidh*, pare com o barulho, sim?

Eu dei a tocha a Ian e me ajoelhei para observar os danos ao nosso visitante. Parecia ser pouco; o homem já estava agitado. Jamie tinha razão; era o homem que escapara do enforcamento mais cedo naquele dia. Era jovem, cerca de trinta anos, musculoso e forte, os cabelos claros estavam molhados de suor e duros de

sujeira. Recendia à prisão e ao cheiro almiscarado do medo prolongado. Não era à toa.

Passei uma mão por baixo do braço dele e o ajudei a se sentar. Ele resmungou e levou a mão à cabeça, estreitando os olhos sob a luz da tocha.

— Você está bem? — perguntei.

— Agradeço pela gentileza, senhora. Eu ficarei melhor. — Ele tinha um leve sotaque irlandês e a voz era suave e profunda.

Rollo, com o lábio superior erguido o suficiente para mostrar os dentes ameaçadores, enfiou o focinho na axila do visitante e então jogou a cabeça para trás e espirrou com força. Um leve tremor de riso percorreu o círculo, e a tensão diminuiu por um momento.

— Há quanto tempo você está na carroça? — perguntou Duncan.

— Desde o meio da tarde — O homem se ajoelhou de modo desajeitado, balançando um pouco pelos efeitos do golpe. Tocou a cabeça de novo e fez uma careta. — Ai, Jesus! Eu entrei aqui logo depois de o francês colocar o pobre e velho Gavin.

— Onde estava antes disso? — perguntou Ian.

— Escondido embaixo da forca. Foi o único lugar onde pensei que eles não procurariam.

O homem se levantou com esforço, fechou os olhos para se equilibrar e então os abriu. Sob a luz da tocha, eles eram verde-claros, a cor dos mares rasos. Eu os vi passar de um rosto a outro e pararem em Jamie. O homem fez uma reverência, tomando cuidado com a cabeça.

— Stephen Bonnet. A seu dispor, senhor. — Ele não se moveu para estender a mão em cumprimento, nem Jamie.

— Sr. Bonnet. — Jamie assentiu em resposta, com o rosto cuidadosamente inexpressivo.

Eu não sabia como Jamie poderia parecer autoritário, usando nada além de calças úmidas e sujas de terra, mas ele conseguiu. Examinou o visitante, observando cada detalhe de sua aparência.

Bonnet era o que as pessoas do campo chamavam de “bem-apeesoado”, com corpo alto e forte e um peito amplo. Seus traços eram pesados, mas rusticamente belos. Alguns centímetros mais

baixo do que Jamie, ele se movimentava com tranquilidade, equilibrado nos calcanhares, os punhos semicerrados, preparados.

Estava acostumado a brigas, a julgar pelo nariz levemente torto e uma pequena cicatriz no canto da boca. As pequenas imperfeições não conseguiam prejudicar a impressão geral do magnetismo animal. Ele era o tipo de homem que atraía as mulheres com facilidade. Algumas mulheres, corrigi, quando ele lançou um olhar especulativo para mim.

— Por qual crime foi condenado, sr. Bonnet? — perguntou Jamie.

Ele estava tranquilo, mas com um olhar atento que me fazia lembrar do próprio Bonnet. Era a pose de orelhas para trás com que os cães machos se olham antes de decidir se vão brigar ou não.

— Contrabando — disse Bonnet.

Jamie não respondeu, mas inclinou a cabeça levemente. Ergueu uma sobrancelha de modo questionador.

— E pirataria. — Um músculo se contraiu perto de sua boca; um leve esboço de sorriso ou um tremor involuntário de medo?

— E matou alguém durante seus crimes, sr. Bonnet? — O rosto de Jamie estava inexpressivo, exceto por seus olhos atentos. *Pense duas vezes*, seus olhos diziam claramente. *Ou talvez três*.

— Ninguém que não tenha tentado me matar antes — respondeu Bonnet. As palavras saíam com facilidade, o tom era quase petulante, mas ele se contradisse ao cerrar o punho com força ao lado do corpo.

Percebi que Bonnet deveria estar se sentindo diante de juiz e júri, como certamente já acontecera. Ele não tinha como saber que estávamos quase tão relutantes em nos aproximar dos soldados da guarnição quanto ele.

Jamie olhou para Bonnet por muito tempo, inspecionando-o com atenção à luz tremeluzente da tocha, então assentiu e deu um passo para trás.

— Vá, então — disse ele baixinho. — Não vamos impedi-lo.

Bonnet respirou fundo. Percebi seu corpo grande relaxar, os ombros curvados embaixo da camisa de linho.

— Obrigado — disse ele. — Passou a mão pelo rosto e respirou fundo de novo. Os olhos verdes passaram de mim a Fergus e a Duncan. — Mas talvez vocês possam me ajudar?

Duncan, que havia relaxado com as palavras de Jamie, rosnou em surpresa.

— Ajudar? Um ladrão?

Bonnet virou a cabeça na direção de Duncan. O grilhão de ferro era uma linha escura em seu pescoço, dando a impressão assustadora de que sua cabeça decepada ficava vários centímetros acima dos ombros.

— Ajudem-me — repetiu. — Haverá soldados nas estradas esta noite para me caçar. — Ele fez um gesto em direção à carroça. — Vocês poderiam me ajudar a passar em segurança por eles... se quiserem. — Voltou-se para Jamie e endireitou as costas, os ombros retesados. — Estou implorando por ajuda, senhor, em nome de Gavin Hayes, que era meu amigo também, e do ladrão que sou.

Os homens o estudaram em silêncio por um momento. Fergus lançou um olhar duvidoso para Jamie; a decisão era dele.

Mas Jamie, depois de um longo olhar pensativo para Bonnet, virou-se para Duncan.

— O que diz, Duncan? — Duncan olhou para Bonnet com o mesmo olhar pensativo, e assentiu, por fim.

— Por Gavin — disse ele, e virou-se em direção à entrada.

— Certo, então — disse Jamie.

Ele suspirou e prendeu uma mecha solta dos cabelos atrás da orelha.

— Ajude-nos a enterrar Gavin — disse ele a nosso novo convidado —, e então iremos.

Uma hora depois, a cova de Gavin era um retângulo de terra recém-remexida, escuro entre os tons acinzentados da grama ao redor.

— Precisamos deixar o nome dele para que seja identificado — disse Jamie.

Com dificuldade, ele riscou as letras do nome de Gavin e as datas em um pedaço de pedra lisa da praia, usando a ponta da

faca. Esfreguei cinza da tocha nas letras entalhadas, criando uma mancha grosseira, mas legível, e Ian a colocou com firmeza em um pequeno dólmen de pedregulhos reunidos. Em cima do minúsculo monumento, Jamie cuidadosamente colocou o toco de vela que pegara da taverna.

Todos ficaram parados meio desajeitados diante do túmulo por um momento, sem saber como se despedir. Jamie e Duncan se aproximaram juntos, olhando para baixo. Eles já deviam ter se despedido de muitos amigos desde a Batalha de Culloden, mas geralmente com menos cerimônia.

Por fim, Jamie assentiu a Fergus, que pegou um galho de pinheiro seco e, acendendo-o com uma tocha, inclinou-se e o encostou no pavio da vela.

— *Requiem aeternam dona ei, et lux perpetua luceat ei...* — sussurrou Jamie.

— Que ele tenha descanso eterno, ó Deus, e que a luz perpétua brilhe sobre ele. — O jovem Ian repetiu baixinho, com o rosto sério à luz da tocha.

Sem dizer uma palavra, nós nos viramos e saímos do pátio da igreja. Atrás de nós, a vela brilhava sem tremelicar na atmosfera pesada, como uma vela votiva em uma igreja vazia.

A lua estava alta no céu quando chegamos ao posto militar perto dos muros da cidade. Era só uma meia-lua, mas lançava luz suficiente para vermos a trilha de terra do caminho de carroças que se estendia à nossa frente, amplo o bastante para duas carroças viajarem lado a lado.

Tínhamos encontrado vários pontos assim na estrada entre Savannah e Charleston, principalmente vigiados por soldados entediados que faziam gestos para que passássemos sem se darem ao trabalho de conferir as passagens que obtivemos na Geórgia. Os postos se preocupavam mais com a interceptação de produtos contrabandeados e com a prisão dos servos ou escravos fugidios de seus donos.

Mesmo imundos e malvestidos, passamos sem problemas. Poucos viajantes estavam em condições melhores. Fergus e Duncan não podiam ser escravos, mutilados como eram, e a presença de Jamie falava mais do que suas roupas. Com casaco sujo ou não, nenhum homem diria que ele era um servo.

Mas naquela noite foi diferente. Havia oito homens no posto, não os dois de sempre, e todos muito bem armados e em alerta. Canos de mosquete brilhavam à luz da lua enquanto o grito de "Pare! Diga seu nome e a que veio!" vinha do escuro. Uma lanterna estava erguida a quinze centímetros de meu rosto, cegando-me por um instante.

— James Fraser, seguindo em direção a Wilmington, com minha família e meus servos. — A voz de Jamie era calma, e suas mãos estavam firmes quando ele me deu as rédeas e pegou as passagens em seu casaco.

Mantive a cabeça baixa, tentando parecer cansada e indiferente. Estava cansada, sim — seria capaz de me deitar na estrada e dormir —, mas longe de indiferente. O que faziam com quem ajudava um fugitivo da força?, eu tentei imaginar. Uma única gota de suor desceu serpenteando atrás de meu pescoço.

— Viu alguém na estrada quando passou, senhor?

O "senhor" saiu um pouco relutante; o mau estado do casaco de Jamie e de meu vestido ficaram evidentes sob a luz amarela da lanterna.

— Uma carroça que passou por nós vinda da cidade. Imagino que o senhor tenha visto — respondeu Jamie.

O sargento respondeu com um grunhido, conferindo as passagens com cuidado, estreitado os olhos no escuro para contar e ver se o número de pessoas condizia com o número de passagens.

— Quais produtos estão levando? — Ele entregou as passagens, fazendo um gesto para que um dos subordinados procurasse na carroça. Mexi nas rédeas sem querer e os cavalos resfolegaram e balançaram a cabeça. Jamie encostou o pé no meu, mas não olhou para mim.

— Pequenos itens domésticos — respondeu ele, ainda calmo. — Meio veado e um saco de sal, mantimentos. E um corpo.

O soldado que estava olhando na parte de trás da carroça parou abruptamente. O sargento olhou para ele no mesmo instante.

— Um o quê?

Jamie pegou as rédeas de minhas mãos e as enrolou casualmente em seu punho. De soslaio, vi Duncan inclinar-se para a escuridão da mata. Fergus, com sua habilidade de ladrão, já tinha desaparecido de vista.

— O corpo do homem que foi enforcado esta tarde. Ele era meu conhecido. Pedi permissão do coronel Franklin para levá-lo a seus parentes no norte. É por isso que estamos viajando à noite — acrescentou ele com delicadeza.

— Compreendo. — O sargento fez um gesto para chamar um homem que segurava uma lanterna. Olhou para Jamie por um longo tempo, pensativo, com os olhos estreitados e assentiu. — Eu me lembro de você — disse ele. — Você o chamou no fim. É um amigo, certo?

— Eu o conhecia há alguns anos — acrescentou.

O sargento assentiu a seu subordinado sem desviar os olhos de Jamie.

— Dê uma olhada, Griswold.

Griswold, que devia ter catorze anos, demonstrou grande falta de entusiasmo com a ordem, mas obedientemente levantou a capa de lona e ergueu a lanterna para espiar a carroça. Eu me controlei para não me virar e olhar.

O cavalo mais próximo resfolegou e jogou a cabeça para trás. Se tivéssemos que sair em disparada, os cavalos demorariam muito para colocar a carroça em movimento. Ouvei Ian remexer-se atrás de mim, levando a mão ao taco de noqueira enfiado atrás de seu assento.

— Sim, senhor, é um corpo — disse Griswold. — Em uma mortalha. — Ele soltou a lona com um ar de alívio e expirou com força pelas narinas.

— Prepare a baioneta e dê um tiro nele — disse o sargento, ainda olhando para Jamie. Eu devo ter emitido algum som, porque o sargento olhou para mim.

— Vai sujar minha carroça — disse Jamie. — O homem está bem passado, depois de um dia ao sol.

O sargento resmungou com impaciência.

— Então dê um tiro na perna dele. Vamos, Griswold!

Com relutância, Griswold preparou a baioneta e, na ponta dos pés, começou a mirar no chão da carroça. Atrás de mim, Ian começara a assoviar baixinho. Uma canção gaélica cujo título era traduzido como “Na aurora, morremos”, e eu achei muito de mau gosto da parte dele.

— Não, senhor, ele está morto mesmo. — Griswold deu um passo para trás, parecendo aliviado. — Eu cutuquei com força, mas ele nem se mexeu.

— Certo, então. — Dispensando o jovem soldado com um movimento da mão, o sargento acenou com a cabeça para Jamie. — Pode seguir, sr. Fraser. Mas aconselho o senhor a escolher seus amigos com mais cautela no futuro.

Vi os nós dos dedos de Jamie brancos nas rédeas, mas ele se endireitou e ajeitou o chapéu na cabeça. Estalou a língua e os cavalos partiram, deixando nuvens de poeira clara flutuando à luz da lanterna.

A escuridão parecia sufocante depois da luz. Apesar da presença da lua, eu não conseguia ver quase nada. A noite nos envolveu. Senti o alívio de um animal caçado que encontra um esconderijo seguro e, apesar do calor opressor, respirei mais livremente.

Percorremos uma distância de quase meio quilômetro antes de alguém falar.

— Está ferido, sr. Bonnet? — perguntou Ian sussurrando alto, só para que fosse ouvido em meio ao barulho da carroça.

— Sim, ele me cutucou na coxa, o maldito garoto. — A voz de Bonnet estava lenta, mas calma. — Graças a Deus ele parou antes de o sangue escorrer pela mortalha. Homens mortos não sangram.

— Está muito ferido? Devo ir até aí para olhar? — Eu me virei. Bonnet havia afastado a capa de lona e estava sentado, uma figura muito clara na escuridão.

— Não, mas agradeço, senhora. Passei a meia ao redor da perna e ela vai me ajudar, espero.

Minha visão noturna voltava. Eu conseguia ver os cabelos claros quando ele abaixou a cabeça para concluir a tarefa.

— Acha que podemos conversar? — Jamie fez os cavalos diminuírem o ritmo para que caminhassem e se virou para ver nosso convidado. Apesar de não estar contrariado, ficou claro que preferiria se livrar de nossa carga perigosa assim que possível.

— Não, tudo bem. Sinto muito, senhor.

Bonnet também notou a vontade de Jamie de se livrar dele. Com certa dificuldade, ele se sentou na traseira da carroça, levantando o joelho da perna ileisa atrás do assento. A parte inferior de seu corpo estava invisível no escuro, mas consegui sentir o cheiro de sangue nele, um odor mais forte do que o leve fedor da mortalha de Gavin.

— Uma sugestão, sr. Fraser. Daqui a seis quilômetros, chegaremos à estrada Ferry Trail. Dois quilômetros depois do cruzamento, outra estrada leva em direção à costa. Há algumas casas, mas é possível passar. Chegaremos à beira de um riacho com uma saída para o mar. Alguns parceiros meus chegarão ali para ancorar esta semana. Se puder me dar alguns mantimentos, poderei esperar por eles em razoável segurança, e você pode partir, livre do peso de minha companhia.

— Parceiros? Está dizendo piratas? — A voz de Ian demonstrava certa desconfiança. Por ter sido retirado da Escócia por piratas, ele não via essas pessoas com o mesmo romantismo comum a um garoto de quinze anos.

— Depende de sua perspectiva, rapaz. — Bonnet parecia estar se divertindo. — Certamente, os governadores das Carolinas diriam que eles são piratas. Mas talvez os mercadores de Wilmington e Charleston os chamem de outra coisa.

— Contrabandistas, certo? E com o que esses seus parceiros negociam, então? — resmungou Jamie.

— Qualquer coisa que tenha mercado para valer a pena o risco da entrega. — Bonnet ainda parecia estar bem-humorado, mas

agora, também parecia cínico. — Deseja alguma recompensa pela ajuda? Podemos resolver isso.

— Não. — A voz de Jamie era fria. — Poupei você por Gavin Hayes e por mim. Não esperaria recompensa por esse serviço.

— Não quis ofender, senhor. — Bonnet inclinou a cabeça levemente em nossa direção.

— Não me ofendi — rebateu Jamie. Ele balançou as rédeas e as segurou de novo, mudando de mãos.

A conversa parou depois dessa pequena discussão, mas Bonnet continuou ajoelhado atrás de nós, espiando por cima de meu pescoço para a estrada escura à frente. Não havia mais soldados. Nada se moveu, não havia nem um sopro de vento para mexer as folhas. Nada perturbava o silêncio da noite de verão, exceto o ruído baixo de um pássaro noturno que passava ou o pio de uma coruja.

O bater ritmado e suave dos cascos dos cavalos na terra e o ranger e chacoalhar da carroça começaram a me dar sono. Tentei ficar ereta, observando as sombras escuras das árvores pela estrada, mas me vi cada vez mais inclinada para Jamie, e meus olhos se fechavam apesar de eu me esforçar para mantê-los abertos.

Jamie passou as rédeas para a mão esquerda, e passando os braços pelas minhas costas, me puxou para encostar em seu ombro. Como sempre, eu me senti segura quando o toquei. Fiquei relaxada com o rosto pressionado contra o tecido empoeirado de seu casaco, e caí de vez naquele cochilo inquieto que é consequência de uma mistura de puro cansaço e da incapacidade de deitar.

Abri os olhos uma vez e vi Duncan Innes, magro e esguio, andando ao lado da carroça com seu passo incansável de montanhista, com a cabeça baixa como se pensasse muito. Então, eu os fechei de novo e cochilei, e as lembranças do dia se misturaram aos fragmentos incipientes dos sonhos. Sonhei com um gambá gigante dormindo embaixo da mesa de uma taverna, que acordou para participar do refrão do hino norte-americano, e também com um cadáver que se remexia e levantou a cabeça e

sorriu com olhos vazios. Acordei com Jamie me sacudindo levemente.

— É melhor você ir para a traseira e se deitar, Sassenach — disse ele. — Está falando enquanto dorme. Vai acabar escorregando para fora.

Assentindo sonolenta, eu passei, desajeitada, por cima do encosto do assento, mudando de lugar com Bonnet, e encontrei um lugar no chão da carroça ao lado do jovem Ian, que se espalhara ali.

O cheiro ali era de mofo e coisa pior. Ian apoiava a cabeça em um pacote de carne de veado, coberto pela pele não curtida do animal. Rollo estava um pouco melhor, com o focinho peludo apoiado confortavelmente na barriga de Ian. Eu escolhi o saco de sal. O couro liso era duro sob minha face, mas não tinha cheiro.

As tábuas soltas da carroça não podiam ser consideradas confortáveis nem com muita imaginação, mas o alívio por poder esticar todo o corpo foi tão grande que quase não notei os solavancos e baques. Deitei de barriga para cima e olhei para a intensa escuridão do céu do sul, tomado por estrelas brilhantes. Cristo Iluminado, pensei, e me consolei na ideia de Gavin Hayes encontrando o caminho seguro para casa com as luzes do céu, e adormeci mais uma vez.

Não poderia dizer por quanto tempo dormi, envolta num misto de calor e exaustão. Acordei quando o ritmo da carroça mudou, voltando à consciência, encharcada de suor.

Bonnet e Jamie estavam conversando, no tom tranquilo e baixo de homens que tinham passado pela estranheza inicial de terem acabado de se conhecer.

— Você disse que me poupou por Gavin Hayes e por você — dizia Bonnet. Sua voz era suave, quase inaudível em meio ao barulho das rodas. — O que quis dizer com aquilo, senhor, e me perdoe por perguntar...

Jamie não respondeu na hora; quase adormeci de novo antes disso, mas ele finalmente falou, uma resposta solta no ar quente da noite.

— Você não deve ter dormido muito ontem à noite, creio eu. Sabendo o que aconteceria hoje.

Bonnet riu baixinho, mas não estava exatamente se divertindo.

— Isso mesmo — disse ele. — Duvido que me esquecerei dessas coisas logo.

— Também não esquecerei. — Jamie disse algo baixinho em gaélico para os cavalos e eles diminuíram o ritmo. — Certa vez, passei uma noite assim, sabendo que seria enforcado quando amanhecesse. Mas vivi, graças a um homem que arriscou muito para me salvar.

— Compreendo — disse Bonnet baixinho. — Então, você é um *asgina ageli*, certo?

— Hein? O que seria isso?

Ouvi um barulho de folhas sendo raspadas contra a lateral da carroça e o cheiro apimentado das árvores se tornou mais forte de repente. Algo leve tocou meu rosto. Eram folhas, caindo de cima. Os cavalos andaram mais devagar e o ritmo da carroça mudou claramente, pois as rodas passavam por uma superfície irregular. Nós havíamos entrado na estrada pequena que levava ao riacho de Bonnet.

— *Asgina ageli* é um termo que os índios usam, os Cherokee das montanhas. Ouvi um deles dizer isso quando trabalhei como guia certa vez. Quer dizer “meio fantasma”, uma pessoa que já deveria ter morrido, mas que, ainda assim, permanece na Terra: uma mulher que sobrevive a uma doença mortal, um homem pego pelos inimigos, mas que consegue escapar. Dizem que um *asgina ageli* tem um pé na Terra e outro no mundo espiritual. Ele consegue falar com espíritos e ver as Nunnahee, ou Pessoas Pequenas.

— Pessoas Pequenas? Seriam as fadas? — Jamie parecia surpreso.

— Algo assim. — Bonnet se endireitou no assento, que rangeu quando ele se esticou. — Os índios dizem que as Nunnahee vivem dentro das rochas das montanhas e saem para ajudar seu povo em épocas de guerra ou outros males.

— É mesmo? Seria algo como as histórias que eles contam nas Terras Altas da Escócia, então... dos Auld.

— Isso mesmo. — Bonnet parecia se divertir. — Bem, pelo que ouvi dos escoceses das Terras Altas, eles e os índios têm um comportamento bárbaro bem parecido.

— Bobagem — disse Jamie, sem se ofender nem um pouco. — Os índios comem os corações de seus inimigos, pelo que ouvi. Prefiro um bom prato de mingau de aveia.

Bonnet emitiu um som, rapidamente reprimido.

— Você é das Terras Altas? Bem, posso dizer que, para um bárbaro, eu o considerarei como um civil comum, senhor — disse ele a Jamie, num tom bem-humorado.

— Sinto-me profundamente agradecido por sua gentil opinião, senhor — respondeu Jamie com a mesma polidez.

As vozes deles foram encobertas pelo ranger ritmado das rodas e eu dormi de novo sem conseguir ouvir mais nada.

A lua estava baixa sobre as árvores quando paramos. Acordei com os movimentos do jovem Ian, passando sonolento pela lateral da carroça para ajudar Jamie a cuidar dos cavalos. Levantei a cabeça e vi uma extensão de água passando pelas barrancas de terra e lodo, e o riacho era uma parte escura com brilho prateado onde as folhas se prendiam às rochas perto da margem. Bonnet, com o eufemismo típico do Novo Mundo, poderia chamá-lo de riacho, mas a maioria dos barqueiros o consideraria um bom rio, pensei.

Os homens caminhavam de um lado para outro nas sombras, realizando as tarefas murmurando poucos comentários. Eles se movimentavam com uma lentidão incomum, pareciam sumir na noite, desanimados pela fadiga.

— Procure um lugar para dormir, Sassenach — disse Jamie, parando para me ajudar a descer da carroça. — Preciso cuidar para que nosso convidado parta com provisões, e os animais precisam descansar e pastar.

A temperatura não havia diminuído desde que a noite caíra, mas o ar parecia mais fresco aqui perto da água, e eu me animei um pouco.

— Não posso dormir se não tomar banho — disse, afastando do corpo o corpete encharcado do meu vestido. — Eu me sinto péssima. — Meus cabelos estavam grudados com suor em minhas têmporas e eu sentia o corpo sujo e com coceira. A água escura parecia fria e convidativa.

Jamie lançou um olhar desejoso a ela, ajeitando a calça amassada.

— Não posso dizer que não a entendo. Mas seja cuidadosa. Bonnet disse que o canal na parte do meio é fundo o bastante para permitir que um brigue flutue. E é um riacho caudaloso, tem corrente forte.

— Ficarei perto da margem. — Apontei rio abaixo, onde um ponto pequeno de terra marcava uma curva no riacho, seus salgueiros brilhando prateados à luz da lua. — Está vendo aquele pequeno ponto? Deve haver uma contracorrente ali.

— Bem, então tome cuidado — disse ele de novo, e apertou meu cotovelo para se despedir.

Quando me virei, um corpo claro e grande apareceu à minha frente. Era nosso convidado, com uma das pernas da calça manchada com o sangue escuro e seco.

— A seu dispor, senhora — disse ele, fazendo uma reverência decente, apesar da perna ferida. — Posso me despedir? — Ele estava parado um pouco mais perto de mim do que eu gostaria, e controlei a vontade de recuar um passo.

— Pode — disse, e meneei a cabeça para ele, afastando uma mecha solta de cabelo. — Boa sorte, sr. Bonnet.

— Agradeço pelos gentis votos, senhora — respondeu ele delicadamente. — Mas descobri que, na maioria das vezes, um homem faz sua sorte. Boa noite, senhora. — Ele se abaixou mais uma vez e se virou, mancando muito, como o fantasma de um urso aleijado.

O correr do riacho mascarava a maior parte dos sons comuns da noite. Vi um morcego piscar no meio de uma parte iluminada pela luz da lua sobre a água, em busca de insetos pequenos demais para ver, e desaparecer na noite. Se mais alguma coisa se embrenhava no escuro, estava em silêncio.

Jamie resmungou baixinho para si mesmo.

— Bem, tenho minhas dúvidas em relação ao homem — disse ele, como se respondesse à pergunta que eu não fizera. — Espero ter sido bom de coração e não ruim da cabeça por tê-lo ajudado.

— Você não poderia tê-lo deixado para morrer enforcado, afinal — falei.

— Ah, sim, eu poderia — respondeu ele, me surpreendendo.

Jamie me viu olhar para ele e sorriu, e o esboço do sorriso quase não foi visto na escuridão.

— A Coroa nem sempre escolhe o homem errado para enforcar, Sassenach — disse ele. — Com muita frequência, o homem na ponta da corda merece estar ali. E eu não gostaria de achar que ajudei um vilão a se livrar. — Ele deu de ombros e afastou os cabelos do rosto. — Bem, está feito. Vá tomar seu banho, Sassenach. Acompanharei você assim que puder.

Eu me levantei na ponta dos pés para beijá-lo e percebi que ele sorria. Minha língua tocou seus lábios num convite sutil e ele mordeu meu lábio inferior com delicadeza, em resposta.

— Podemos ficar acordados um pouco mais, Sassenach?

— Quanto precisar — disse a ele. — Mas não demore, está bem?

Havia uma área gramada ao redor do ponto abaixo dos salgueiros. Eu me despi lentamente, aproveitando a sensação da brisa vinda da água passando pelo tecido úmido do corpete e das meias, e a liberdade final quando as últimas peças de roupa caíram no chão, deixando-me nua para a noite.

Entrei alegre na água, que estava surpreendentemente fria em comparação com o ar quente da noite. O chão sob meus pés era formado por lodo, em sua maior parte, mas se tornava uma areia fina a um metro da margem.

Apesar de ser um riacho caudaloso, estávamos na parte alta e a água era fresca e doce. Eu bebi e lavei o rosto, tirando a poeira da garganta e do nariz.

Entrei até o meio das coxas, pensando nos alertas de Jamie a respeito de canais e correntes. Depois do calor sufocante do dia e do ar pesado da noite, a sensação de frieza na pele nua foi um grande alívio. Peguei a água fria formando conchas com as mãos e molhei o rosto e os seios. As gotas desciam por minha barriga e escorriam geladas entre minhas pernas.

Pude sentir a pressão da água vindo, passando delicadamente contra minhas panturrilhas, levando-me em direção à margem. Mas eu ainda não estava pronta para sair. Não tinha sabão, mas me ajoelhei e molhei os cabelos várias vezes na água clara e esfreguei o corpo com punhados de areia fina até sentir a pele fina e reluzente.

Por fim, saí da água e me deitei em cima de uma rocha, lânguida como uma sereia, à luz da lua, com o calor do ar e a pedra quente pelo sol confortando meu corpo agora frio. Penteei meus cabelos grossos e encaracolados com os dedos, espalhando gotas de água. A pedra molhada tinha cheiro de chuva, empoeirada e formigante.

Eu me sentia muito cansada, mas, ao mesmo tempo, muito viva, naquele estado de leve consciência no qual o pensamento se torna mais lento e as leves sensações físicas aumentam. Passei os pés descalços mais devagar sobre a rocha sedimentária, aproveitando a leve fricção, e corri a mão levemente pela lateral interna de minha coxa, com um arrepio surgindo depois do meu toque.

Meus seios eram iluminados pelo luar, domos brancos e frios salpicados por gotas transparentes. Acaricieei um mamilo e o observei lentamente enrijecer, como num passe de mágica.

Que lugar mágico, pensei. A noite estava silenciosa e calma, mas com uma atmosfera lânguida que era como flutuar em um mar quente. Perto da costa, o céu estava claro, e as estrelas brilhavam como diamantes, com uma luz clara e intensa.

Um barulho na água me fez olhar na direção da corrente. Nada se movia na superfície além do piscar das estrelas, presas como vaga-lumes em uma teia de aranha.

Enquanto eu observava, uma cabeça grande irrompeu na água no meio da corrente, e a água escorria no focinho pontudo. Havia um peixe se debatendo na boca de Rollo. Sua cauda e o brilho das escamas apareceram brevemente quando ele balançou a cabeça com força para quebrar sua coluna. O cachorro enorme nadou devagar para a margem, balançou o corpo para se enxugar e se afastou, com a refeição da noite pendurada, imóvel e reluzente, em suas mandíbulas.

Ele parou por um momento no lado mais distante do riacho, olhando para mim, e o pelo de seu pescoço era uma sombra escura emoldurando os olhos amarelos e o peixe brilhoso. Como uma pintura primitiva, pensei. Algo de Rousseau, com seu contraste de total selvageria e imobilidade.

Então, o cachorro se foi, e não restou mais nada na margem além de árvores, escondendo o que podia haver atrás delas. E o que havia?, eu me perguntei. Mais árvores, respondeu a parte lógica de minha mente.

— *Muito* mais — murmurei, olhando para a escuridão misteriosa.

A civilização, mesmo aquela primitiva com a qual eu me acostumara, não passava de uma linha fina e crescente à beira do continente. A quatrocentos quilômetros da costa, você ficava além das redondezas da cidade e do campo. E além daquele ponto, havia cinco mil quilômetros... do quê? De mata, certamente, e de perigo. De aventura também... e de liberdade.

Era um mundo novo, afinal, sem medo e tomado de alegria, pois agora Jamie e eu estávamos juntos para o resto de nossas vidas. A separação e o pesar tinham ficado para trás. Nem mesmo pensar em Brianna me causava remorso. Sentia muita saudade dela e pensava nela toda hora, mas sabia que Brianna estava em segurança em sua própria época, o que tornava sua ausência mais fácil de suportar.

Permaneci deitada na rocha, o calor preso do dia irradiava de sua superfície para meu corpo, feliz por apenas estar viva. As gotas de água secavam em meus seios enquanto eu olhava,

transformando-se em uma camada de umidade, desaparecendo totalmente em seguida.

Pequenas nuvens de maruins sobrevoavam a água. Não conseguia vê-los, mas sabia que estavam ali devido aos barulhos de peixes saltando para pegá-los no ar.

Os insetos eram uma praga onipresente. Eu examinava a pele de Jamie cuidadosamente todas as manhãs, arrancando carrapatos vorazes e pulgas de seus vincos na pele, e cobria todos os homens com o sumo das folhas de tabaco e poejo amassadas. Isso impedia que eles fossem devorados vivos pelas nuvens de mosquitos, maruins e mosquitos-pólvora que ficavam nas sombras escurecidas pelo sol na mata, mas não impedia que grupos de insetos intrometidos os enlouquecessem com zumbidos e invasões aos ouvidos, olhos, narizes e bocas.

Estranhamente, a maioria dos insetos não me atacava. Ian brincava dizendo que o forte cheiro das ervas que ficavam ao meu redor deveria afastar todos eles, mas eu achava que era algo além disso. Mesmo depois de eu acabar de tomar banho, os insetos não demonstravam interesse em me perturbar.

Eu deduzia que pudesse ser uma manifestação da estranheza evolucionária que me protegia dos resfriados e de doenças simples ali. Os insetos sedentos de sangue, como os micróbios, tinham uma evolução parecida com a dos seres humanos, e eram sensíveis aos sinais químicos leves de seus anfitriões. Como vinha de outra época, eu não tinha mais exatamente os mesmos sinais, e, conseqüentemente, os insetos não me viam mais como presa.

— Ou talvez Ian esteja certo e meu cheiro seja péssimo — disse em voz alta.

Enfiei os dedos na água e espirrei algumas gotas em uma libélula pousada em minha rocha, apenas uma sombra transparente, pois suas cores tinham sido tomadas pela escuridão.

Queria que Jamie se apressasse. Viajar durante dias na carroça ao lado dele, observar os movimentos sutis de seu corpo enquanto ele guiava, ver a luz mudando nos ângulos de seu rosto enquanto falava e sorria bastava para fazer as palmas de minhas mãos formigarem de vontade de tocá-lo. Há dias não fazíamos amor,

tomados pela pressa de chegar a Charleston e pelas minhas inibições em relação à intimidade ao alcance dos ouvidos de uma dúzia de homens.

Um sopro de brisa quente passou por mim, e meus pelos púbicos pequenos se eriçaram com a sensação. Não havia pressa agora nem ninguém para ouvir. Desci a mão pela curva suave de minha barriga e pela pele ainda mais suave do lado interno de minhas coxas, onde o sangue pulsava lentamente no ritmo do meu coração. Fiz uma concha com a mão, sentindo a região úmida e inchada doer de desejo.

Fechei os olhos, esfregando devagar, aproveitando a sensação de urgência cada vez maior.

— E onde diabos está *você*, Jamie Fraser? — murmurei.

— Aqui — foi a resposta rouca.

Sobressaltada, abri os olhos. Ele estava dentro do riacho, a dois metros, com água até as coxas, a genitália rígida e escura contra o brilho pálido de seu corpo. Seus cabelos estavam soltos ao redor dos ombros, emoldurando um rosto branco como ossos, olhos que não piscavam e atentos como os de um cão-lobo. Completamente selvagem e imóvel.

Então Jamie se mexeu e caminhou em minha direção, ainda determinado, porém não mais parado. Suas coxas estavam frias como a água quando me tocou, mas em poucos segundos, ele se aqueceu e esquentou. O suor surgiu de uma vez onde suas mãos tocavam minha pele e uma onda de umidade quente encharcou meus seios mais uma vez, deixando-os redondos e escorregadios contra seu peito firme.

Então, seus lábios se moveram em direção aos meus e eu derreti — quase literalmente — em seus braços. Não me importei com o calor nem em pensar se a umidade de minha pele era o suor dele ou o meu. Até mesmo as nuvens de insetos se tornaram insignificantes. Ergui o quadril e ele se encaixou, liso e firme, e o último vestígio de frieza nele foi envolvido pelo meu calor, como o metal frio de uma espada, saciado no sangue quente.

Minhas mãos tocaram uma camada de umidade nas curvas de suas costas e meus seios tremeram contra o peito dele, um regato

descendo entre eles para untar a fricção das barrigas com as coxas.

— Meu Deus, sua boca está úmida e salgada como sua vagina — murmurou ele, e tocou com a língua as gotas salgadas em meu rosto, com toques suaves nas têmporas e nos cílios.

Eu mal notava a rocha dura sob meu corpo. O calor acumulado do dia subia e passava por minha pele, e a superfície áspera raspava minhas costas e nádegas, mas eu não me importei.

— Não aguento esperar — disse ele em meu ouvido, sem fôlego.

— Não espere — respondi, e envolvi seu quadril com minhas coxas, carne a carne na loucura breve da dissolução. — Já ouvi falar de derreter de paixão — falei, um pouco ofegante —, mas isso é absurdo.

Ele levantou a cabeça do meu seio com um leve som de aderência quando desgrudou o rosto. Ele riu e escorregou levemente para o lado.

— Meu Deus, está quente! — disse ele. Afastou os cabelos encharcados de suor da testa e suspirou, com o peito ainda ondulante devido ao esforço. — Como as pessoas fazem isso quando está assim?

— Do mesmo modo que acabamos de fazer — respondi, também ofegante.

— Não podem — disse ele com certeza. — Não o tempo todo. Elas morreriam.

— Bem, talvez façam mais devagar — falei. — Ou dentro da água. Ou esperem até o outono.

— Outono? — perguntou ele. — Talvez eu não queira morar no sul, então. É quente em Boston?

— Nessa época do ano, sim — garanti. — E absurdamente frio no inverno. Tenho certeza de que você se acostumará com o calor e com os insetos.

Ele afastou um mosquito irritante de seu ombro, olhou para mim e depois para o riacho próximo.

— Talvez — disse ele —, e talvez não, mas por enquanto... — Ele me abraçou com firmeza e rolou. Com a graça de um tronco pesado, rolamos pela beira da rocha e caímos na água.

Permanecemos deitados e refrescados sobre a rocha, quase desencostados, e as últimas gotas de água evaporavam de nossas peles. Do outro lado do riacho, os salgueiros deitavam as folhas na água, seus topos contra o escuro da lua que se punha. Além daquele ponto, os salgueiros tomavam toda a área, metros e quilômetros de floresta virgem, e a civilização agora não ocupava mais do que um ponto de apoio à beira do continente.

Jamie viu a direção de meu olhar e adivinhou meus pensamentos.

— Será bem diferente agora do que da última vez que você viu, não? — Ele assentiu na direção das folhas escuras.

— Ah, um pouco. — Dei a mão a ele, e meu polegar acariciava os nós grandes e ossudos de seus dedos. — As estradas estarão pavimentadas. Não com paralelepípedos, mas cobertas por aquela coisa dura e lisa, inventada por um escocês chamado MacAdam, na verdade.

Ele resmungou achando graça.

— Então haverá escoceses na América? Que bom!

Eu o ignorei e continuei, olhando para as sombras em movimento como se pudesse enxergar as cidades enormes que um dia surgiriam ali.

— Haverá muita gente na América. Toda a terra estará colonizada, daqui até o lado oeste da costa, a um lugar chamado Califórnia. Mas por enquanto... — Eu tremi levemente, apesar do ar quente e úmido —, são cinco mil quilômetros de deserto. Não há nada lá.

— Sim, nada além de milhares de selvagens sedentos por sangue — disse ele com desenvoltura. — E animais selvagens, com certeza.

— Ah, sim — concordei. — Acho que sim. — Aquela ideia era perturbadora. É claro que eu sabia, de modo acadêmico e vago, que as matas eram habitadas por índios, ursos e outros moradores da floresta, mas essa ideia geral de repente fora substituída por uma consciência particular e mais forte de que poderíamos com facilidade, e de modo inesperado, dar de cara com um desses moradores.

— O que acontece com eles? Com os índios selvagens? — perguntou Jamie com curiosidade, espiando na escuridão como eu, como se tentasse adivinhar o futuro entre as sombras em movimento. — Eles serão derrotados e repelidos, não?

Mais um arrepio leve passou por mim, e meus dedos do pé se torceram.

— Sim, serão — disse eu. — Mortos, muitos deles. Muitos serão levados como prisioneiros e trancados.

— Bem, isso é bom.

— Depende muito do seu ponto de vista — falei de modo meio seco. — Acho que os índios não pensarão assim.

— Acredito que sim — falou ele. — Mas quando um maldito demônio está fazendo o melhor que pode para arrancar a minha cabeça, não me preocupo muito com esse ponto de vista, Sassenach.

— Bem, não podemos culpá-los — protestei.

— Eu posso, certamente — assegurou ele. — Se um dos brutos ferir você, vou culpá-lo muito.

— Ah... hum — falei. Pigarreei e tentei de novo. — Bem, e se um monte de desconhecidos viesse e tentasse matar você e jogá-lo para fora da terra onde sempre viveu?

— Fizeram isso — disse ele, de modo muito seco. — Se não tivessem feito, eu ainda estaria na Escócia, certo?

— Bem... — falei hesitando. — Mas o que quero dizer é... você também lutaria sob essas circunstâncias, não?

Ele respirou fundo e soltou o ar com força pelo nariz.

— Se um dragão inglês fosse à minha casa e começasse a me importunar, certamente eu lutaria contra ele — afirmou ele. — Eu não hesitaria nem um pouco em matá-lo. Não cortaria seu escalpo nem o balançaria por aí, e não comeria suas partes íntimas. Não sou um selvagem, Sassenach.

— Eu não disse que você é — protestei. — Só disse que...

— Além disso, não pretendo matar nenhum índio — acrescentou ele com uma lógica inexorável. — Se eles cuidarem da própria vida, não precisarão se preocupar nem um pouco comigo.

— Tenho certeza de que eles ficarão aliviados em saber disso — murmurei, desistindo por enquanto.

Permanecemos deitados muito próximos na depressão da rocha, levemente grudados com suor, olhando para as estrelas. Ao mesmo tempo, eu me sentia muito feliz e um pouco apreensiva. Será que esse estado de exaltação poderia durar? Antes, eu já havia acreditado no “para sempre” entre nós, mas eu era mais jovem naquela época.

Em breve, pela vontade de Deus, estaríamos estabelecidos. Encontraríamos um lugar para construir um lar seguro e também uma vida. Eu não queria nada além disso, mas, ao mesmo tempo, me preocupava. Desde minha volta, nós nos conhecíamos havia apenas alguns meses. Cada toque, cada palavra ainda era tomada pela lembrança e era nova com a redescoberta. O que aconteceria quando estivéssemos totalmente acostumados um com o outro, vivendo dia a dia em uma rotina de tarefas cotidianas?

— Você acha que vai se cansar de mim? — murmurou ele. — Quando estivermos estabelecidos?

— Eu estava pensando a mesma coisa a seu respeito.

— Não — disse ele, e eu percebi o sorriso em sua voz. — Não vou, Sassenach.

— Como sabe?

— Já sabia. Antes. Estávamos casados havia três anos e eu quis você no último dia tanto quanto quis no primeiro. Talvez mais — disse ele com delicadeza, pensando, assim como eu, na última vez que havíamos feito amor antes de eu passar através das pedras.

Eu me inclinei e o beijei. Seu cheiro era de limpeza e frescor, com um leve toque de sexo.

— Eu também — respondi.

— Então não se preocupe com isso, Sassenach, e também não me preocuparei. — Ele acariciou meus cabelos, afastando as mechas encaracoladas de minha testa. — Acho que poderia conhecer você a vida toda e ainda amá-la. E quando me deito ao seu lado, você ainda me surpreende muito às vezes, como fez hoje.

— Surpreendo? Por quê? O que fiz? — Olhei para ele, surpresa.

— Ah...bem. Eu não quis dizer... ou melhor...

De repente, ele pareceu tímido, e ficou tenso de um modo incomum.

— Hum? — Beijei a ponta de sua orelha.

— Ah... quando vi você... o que você estava fazendo... Quero dizer, você estava fazendo o que pensei?

Sorri com o rosto encostado em seu ombro na escuridão.

— Acho que depende do que você pensou, certo?

Ele se apoiou em um cotovelo, e sua pele se afastou da minha com um leve som de sucção. O ponto úmido onde Jamie estava encostado esfriou repentinamente. Ele se virou de lado e sorriu para mim.

— Você sabe muito bem o que pensei, Sassenach.

Toquei seu queixo, escurecido pela barba que nascia.

— Sei. E você também sabe perfeitamente bem o que eu estava fazendo, então por que está perguntando?

— Bem, eu só não sabia que as mulheres faziam isso.

A lua estava clara o suficiente para eu poder ver sua sobrelha meio erguida.

— Bom, os homens fazem — falei. — Ou você faz, pelo menos. Você me contou... quando estava na prisão, disse que...

— Era diferente! — Vi sua boca se entortar enquanto ele tentava decidir o que dizer. — Eu... quero dizer, não tinha como evitar. Afinal, eu não podia...

— Você não fez isso outras vezes? — Eu me sentei e chacoalhei os cabelos úmidos, virando a cabeça para olhar para ele. Não dava para ver no escuro, mas acho que ele corou.

— Sim, bem — murmurou ele. — Acho que sim. — Um pensamento lhe ocorreu de repente e seus olhos se arregalaram olhando para mim. — Você... tem feito isso... com frequência? — A última palavra saiu rouca e ele foi obrigado a parar e pigarrear.

— Acho que depende do que você quer dizer com "com frequência" — disse, mostrando um pouco de acidez em meu tom de voz. — Passei dois anos viúva, você sabe.

Jamie passou um nó do dedo sobre os lábios, olhando para mim com interesse.

— Sim, eu sei. É só que... bem, eu não pensei que as mulheres fizessem isso. — Um fascínio cada vez maior superava sua reação surpresa. — Você consegue... terminar? Quero dizer, sem um homem?

Aquilo me fez rir alto, e o eco soou das árvores ao nosso redor, repetido pela água.

— Sim, mas é muito melhor com um homem — garanti a ele. Estiquei o braço e toquei seu peito. Conseguia ver os arrepios na pele do peito e dos ombros, e Jamie estremeceu levemente enquanto eu passava a ponta do dedo num círculo ao redor de seu mamilo. — Bem melhor.

— Ah — disse ele, parecendo feliz. — Bem, isso é bom, não?

Ele estava quente, ainda mais quente do que o ar úmido, e meu primeiro instinto foi me afastar, mas não obedeci. O suor surgiu onde as mãos dele tocavam minha pele e escorreu pelo meu pescoço.

— Nunca fiz amor com você assim antes — disse ele. — Como enguias, sabe? Com seu corpo escorregando por minhas mãos, escorregadia como alga marinha. — As duas mãos desceram lentamente por minhas costas, seus polegares pressionando o sulco de minha espinha, fazendo os pelinhos na base de meu pescoço se eriçarem de prazer.

— Hum. Porque faz frio demais na Escócia e não suamos como porcos — falei. — Por falar nisso, os porcos suam? Sempre quis saber.

— Não sei dizer. Nunca fiz amor com um porco. — Ele abaixou a cabeça e encostou a língua em meu seio. — Mas você tem gosto de truta, Sassenach.

— Tenho gosto do *quê*?

— Fresca e doce, com um toque de sal — explicou ele, levantando a cabeça por um momento. Voltou a abaixá-la e retomou o caminho para baixo.

— Isso faz cócegas — disse, estremeecendo sob sua língua, mas sem tentar fugir.

— Bom, eu queria que fizesse mesmo — respondeu ele, levantando o rosto molhado para respirar antes de voltar ao que

fazia. — Não gostaria de pensar que você consegue se virar completamente sem mim.

— Não consigo — garanti a ele. — Ah!

— Hein? — perguntou ele, confuso.

Eu me deitei na rocha, arqueando as costas enquanto as estrelas giravam de modo estonteante no céu.

— Eu disse... ah! — respondi sem forças.

E então não disse mais nada coerente durante algum tempo, até ele se deitar ofegante, com o queixo apoiado levemente em meu osso púbico. Estiquei o braço e acariciei os cabelos molhados de suor de seu rosto, e Jamie virou a cabeça para beijar a palma da minha mão.

— Eu me sinto como Eva — disse baixinho, observando a lua se pôr atrás dele, sobre a escuridão da floresta. — À beira do jardim do Éden.

Ouvi uma risada perto de meu umbigo.

— Sim, acho que sou Adão — disse Jamie. — No portão para o paraíso. — Ele virou a cabeça para olhar para o outro lado do riacho, em direção ao vasto desconhecido, encostando o rosto na elevação da minha barriga. — Só gostaria de saber se estou entrando ou saindo.

Eu ri e ele se sobressaltou. Segurei-o pelas duas orelhas para que subisse pela expansão escorregadia da minha pele nua.

— Entrando — disse. — Não vejo um anjo com uma espada de fogo, afinal.

Jamie se encostou em mim, sua pele quente como se ele estivesse febril, e eu estremeci sob seu corpo.

— Não? — murmurou ele. — Bem, acho que você não olhou muito de perto.

E então a espada de fogo me tirou a consciência e incendiou meu corpo. Nós ardemos juntos, brilhantes como estrelas no céu do verão, e então voltamos queimados e sem controle, cinzas dissolvidas em um mar primordial de sal cálido, surgindo com os movimentos nascentes da vida.

PARTE II

Passado imperfeito



3

O GATO DO MINISTRO

Boston, Massachusetts, junho de 1969

—**B**rianna?

— Hein? — Ela se sentou com o coração aos pulos, o som de seu nome soando em seu ouvido. — Quem... o quê?

— Você estava dormindo. Droga, sabia que deveria ser a hora errada! Desculpa, devo desligar?

Foi um leve zumbido na voz dele que fez as conexões confusas e um pouco atrasadas do sistema nervoso dela se encaixarem. Telefone. Telefone tocando. Ela o havia atendido num reflexo, ainda sonhando.

— Roger! — A onda de adrenalina de ter sido acordada estava sumindo, mas o coração ainda batia muito forte. — Não, não desligue! Está tudo bem, estou acordada. — Ela passou uma mão no rosto, tentando desenrolar o fio do telefone e, ao mesmo tempo, ajeitar as roupas de cama amassadas.

— Tem certeza? Que horas são aí?

— Não sei. Está escuro demais para eu ver o relógio — disse ela, ainda sonolenta.

Uma risada profunda e relutante foi a resposta.

— Me desculpa. Tentei calcular a diferença do fuso, mas devo ter feito ao contrário. Não queria acordar você.

— Tudo bem, tive que acordar para atender o telefone mesmo — disse ela, e riu.

— Sim. Bem... — Ela percebeu o sorriso na voz dele e se recostou nos travesseiros, afastando as mechas de cabelo dos olhos, ajustando-se lentamente ao aqui e agora. A sensação de seu

sonho ainda estava presente, mais real do que as formas escuras de seu quarto.

— É bom ouvir sua voz, Roger — disse ela baixinho. Ficou surpresa ao ver *como* era bom. A voz dele estava distante e ainda assim parecia muito mais presente do que os gemidos distantes das sirenes e o barulho dos pneus no asfalto molhado do lado de fora.

— A sua também. — Ele parecia um pouco tímido. — Olha... talvez eu vá a uma conferência no próximo mês em Boston. Pensei em ir, se... Droga, não tem um modo bom de dizer isso. Você quer me ver?

Ela segurou o telefone com força e seu coração acelerou.

— Desculpa — disse ele antes que ela pudesse responder. — Estou forçando a situação, né? Eu... olha, é só dizer de uma vez se preferir não me encontrar.

— Eu quero. É claro que quero ver você!

— Ah, então você não se importa? É que... não respondeu a minha carta. Pensei que eu pudesse ter feito algo...

— Não, não fez. Desculpa. Eu só estava...

— Tudo bem, eu não tive a intenção...

As frases dos dois se colidiram, e ambos pararam, tomados pela timidez.

— Não queria forçar...

— Não queria ser...

Aconteceu de novo, e dessa vez ele riu, um som lento de bom humor escocês vindo da distância ampla de espaço e tempo, reconfortante como se ele a tivesse tocado.

— Tudo bem, então — disse Roger com firmeza. — Eu compreendo.

Brianna não respondeu, mas fechou os olhos, uma sensação indefinível de alívio tomando conta dela. Roger Wakefield provavelmente era a única pessoa no mundo que *podia* entender. O que ela não tinha percebido antes era como essa compreensão podia ser importante.

— Eu estava sonhando — disse ela. — Quando o telefone tocou.

— Com o quê?

— Com meu pai. — A garganta de Brianna se contraía só um pouco quando ela dizia a palavra. A mesma coisa acontecia quando ela dizia “mãe”. Ainda conseguia sentir o cheiro dos pinheiros aquecidos pelo sol de seu sonho, e sentia as agulhas de pinheiro sendo amassadas por suas botas.

— Não consegui ver o rosto dele. Estava caminhando com ele nas matas de algum lugar. Eu o seguia subindo por um caminho e ele conversava comigo, mas eu não ouvia o que ele estava dizendo. Continuei apressada, tentando acompanhar para poder ouvir, mas não consegui.

— Mas você sabia que o homem era seu pai?

— Sim, mas talvez só tenha pensado isso porque subia as montanhas. Eu costumava fazer isso com meu pai.

— É mesmo? Eu também fazia isso com o meu. Se vier para a Escócia, vou levar você ao Munro.

— Você vai me levar pra onde?

Roger riu e ela se lembrou dele de repente, jogando para trás os cabelos negros e densos que não costumava cortar sempre, os olhos verde-escuros semicerrados ao sorrir. Brianna percebeu que passava a ponta do polegar pelo lábio inferior e se deteve. Ele a beijara quando eles se separaram.

— Um munro é qualquer pico escocês com mais de novecentos metros. Há muitos deles. É um esporte ver quantos podemos escalar. Nós os colecionamos, como selos ou livros de adesivos.

— Onde você está agora? Na Escócia ou na Inglaterra? — perguntou ela, e então voltou a falar antes que ele pudesse responder. — Não, quero ver se consigo adivinhar. É... Escócia. Você está em Inverness.

— Isso mesmo. — A surpresa ficou clara em sua voz. — Como você sabia?

Brianna se alongou, abrindo e fechando as pernas compridas embaixo dos lençóis.

— Você enrola os erres quando fala com escoceses, o que não faz quando está entre ingleses. Percebi isso quando nós... fomos para Londres. — Ela hesitou brevemente; estava ficando mais fácil, pensou.

— E eu já estava pensando que você erra vidente! — disse ele, rindo.

— Gostaria que estivesse aqui agora — falou ela num impulso.

— Gostaria? — Ele pareceu surpreso e repentinamente tímido.

— Ah. Bem... isso é bom, não?

— Roger... por que eu não escrevi...

— Não se preocupe com isso — disse ele rapidamente. — Estarei aí em um mês. Poderemos conversar quando eu chegar. Bree, eu...

— Sim?

Ela o ouviu puxar o ar e teve uma lembrança clara da sensação de seu peito subindo e descendo enquanto ele respirava, quente e firme sob a mão dela.

— Estou feliz por você ter dito sim.

Brianna não conseguiu voltar a dormir depois de desligar. Sem sono, jogou os pés para fora da cama e caminhou até a cozinha do pequeno apartamento a fim de pegar um copo de leite. Depois de passar vários minutos olhando para dentro da geladeira, ela percebeu que não estava vendo fileiras de frascos de ketchup e latas meio usadas, e sim rochas altas, pretas contra o céu claro do amanhecer.

Endireitou-se com uma leve exclamação de impaciência e bateu a porta com força. Estremeceu levemente e esfregou os braços, com frio devido ao ar condicionado. De modo impulsivo, ela estendeu o braço e o desligou, então foi até a janela e levantou a esquadria, deixando entrar a umidade quente da noite chuvosa de verão.

Ela deveria ter escrito. Na verdade, *tinha* escrito... várias vezes, todas tentativas mal-acabadas e descartadas com frustração.

Ela sabia por que, ou pensava saber. Explicar de modo coerente a Roger era algo diferente.

Em parte, era um instinto simples de um animal ferido; a vontade de fugir e se esconder da dor. O que havia acontecido um

ano antes não era culpa de Roger, mas ele estava intensamente envolvido.

Ele tinha sido tão delicado e tão gentil depois, tratando-a como uma recém-enlutada... algo que ela era. Mas que luto estranho! Sua mãe partira para sempre, mas com certeza — ela esperava —, não estava morta. No entanto, de certo modo, tinha sido assim quando seu pai morreu; como acreditar em uma pós-vida abençoada, imaginando com fervor que seu ente querido estivesse seguro e feliz, e ser forçada a sentir as dores da perda e da solidão do mesmo jeito.

Uma ambulância passou do outro lado do parque com a luz vermelha piscando no escuro, a sirene silenciosa pela distância.

Brianna se benzeu por hábito e murmurou *Miserere nobis*. A irmã Marie dissera na quinta série que os mortos e moribundos precisavam de orações. Ela havia inculcado essa ideia tão profundamente na cabeça dos alunos que nenhum deles jamais conseguira passar pela cena de uma emergência sem fazer uma oração silenciosa e rápida para socorrer as almas dos que iminentemente estavam indo para o céu.

Ela rezava por eles todos os dias, para a mãe e o pai — seus pais. Era a outra parte da situação. O tio Joe sabia a verdade a respeito de seus pais também, mas só Roger conseguia realmente compreender o que havia acontecido. Só Roger também ouvia as pedras.

Ninguém poderia passar por uma experiência como aquela e não ser marcado por ela. Nem ele nem ela. Ele queria que Brianna ficasse depois da partida de Claire, mas ela não conseguiu.

Havia coisas a fazer aqui, ela lhe dissera, coisas a serem cuidadas, seus estudos para concluir. Isso era verdade. Porém mais importante, é que ela tinha que ir embora. Tinha que se afastar da Escócia e dos círculos de pedras, de volta a um lugar onde pudesse se curar e começar a reconstruir sua vida.

Se ela tivesse ficado com Roger, não haveria como esquecer o que acontecera nem mesmo por um momento. E essa fora a última parte disso, a peça final de seu quebra-cabeça de três lados.

Ele a havia protegido e valorizado. A mãe dela a deixara sob os cuidados de Roger, e ele fizera jus àquela confiança. Mas será que ele fizera isso para cumprir sua palavra a Claire ou porque realmente se importava? De qualquer modo, não era uma base para um futuro compartilhado, com o peso enorme da obrigação dos dois lados.

Se houvesse um futuro para eles... E era isso o que ela não podia escrever para ele, por que como poderia dizer aquilo sem parecer presunçosa e idiota?

— Vá embora, para poder voltar e fazer as coisas direito — murmurou ela, e fez uma careta ao dizer aquilo.

A chuva ainda caía, esfriando o ar o suficiente para que a respiração se tornasse confortável. Faltava pouco para o amanhecer, pensou, mas o ar ainda estava quente o bastante a ponto de a umidade se condensar na pele fria de seu rosto. Pequenas gotas de água se formaram e escorregaram fazendo cócegas em seu pescoço, uma por uma, umedecendo a camiseta de algodão com a qual ela dormia.

Ela quisera deixar para trás os acontecimentos de novembro para começar do zero. E então, depois de muito tempo, talvez eles pudessem se unir de novo. Não como coadjuvantes no drama da vida de seus pais, mas, dessa vez, como os atores em uma peça que escolheram.

Não. Se alguma coisa tivesse que acontecer entre ela e Roger Wakefield, seria por escolha. Parecia que ela teria a chance de escolher agora, e a perspectiva fez com que sentisse um frio na barriga.

Passou a mão pelo rosto molhado de chuva e a deslizou casualmente pelos cabelos para domar as mechas esvoaçantes. Se não conseguiria dormir, era melhor que trabalhasse.

Deixou a janela aberta sem se importar com a chuva empoçando no chão. Sentia-se inquieta demais para ficar em um local fechado, esfriado pelo ar artificial.

Acendeu a luminária de sua mesa, pegou o livro de cálculo e o abriu. Um pequeno e inesperado bônus de sua mudança de estudo era a descoberta tardia dos efeitos calmantes da matemática.

Quando voltara a Boston sozinha, e também à escola, a engenharia parecera uma escolha muito mais segura do que história. Era sólida, baseada em fatos, consoladoramente imutável. Acima de tudo, controlável. Ela pegou um lápis, apontou-o devagar, aproveitando a preparação e então inclinou a cabeça e leu o primeiro problema.

Lentamente, como sempre acontecia, a lógica inexorável e calma dos números teceram sua rede dentro da cabeça dela, aprisionando todos os pensamentos aleatórios, envolvendo as emoções distrativas em fios sedosos como moscas. Ao redor do eixo central do problema, a lógica tecia sua teia, de modo ordeiro e bonito como uma confecção decorada de uma órbita. Só um pensamento se mantinha longe de seus fios, voando em sua mente como uma borboleta clara e minúscula.

“Estou feliz por você ter dito sim”, dissera ele. Ela também estava.

Julho de 1969

— Ele fala como os Beatles? Ai, eu vou morrer se ele falar como o John Lennon! Você sabe como ele diz “It’s me grandfather”. Isso acaba comigo!

— Ele não fala como o John Lennon, pelo amor de Deus! — disse Brianna. Ela espiou com cuidado ao redor de um pilar de concreto, mas o portão de voos internacionais ainda estava vazio. — Não sabe a diferença entre um morador de Liverpool e um escocês?

— Não — disse sua amiga Gayle despreocupadamente, remexendo os cabelos loiros. — Todos os ingleses, na minha opinião, falam da mesma maneira. Poderia ouvi-los para sempre!

— Ele não é inglês! Já disse, ele é escocês!

Gayle lançou um olhar a Brianna, claramente sugerindo que a amiga havia enlouquecido.

— A Escócia faz parte da Inglaterra. Eu olhei no mapa.

— A Escócia faz parte da Grã-Bretanha, não da Inglaterra.

— Qual é a diferença? — Gayle esticou o pescoço e espiou ao redor da coluna. — Por que estamos de pé aqui atrás? Ele nunca nos verá.

Brianna passou uma mão pelos cabelos para alisá-los. Elas estavam atrás de uma coluna porque ela não tinha certeza de que *queria* que ele as visse. Mas não adiantou muito. Passageiros desganhados estavam começando a passar pelas portas duplas, cheios de bagagem.

Ela deixou Gayle levá-la para a área principal da recepção, ainda tagarelando. A língua de sua amiga tinha vida dupla; apesar de Gayle ser capaz de manter um discurso calmo e razoável na sala de aula, sua principal habilidade social era falar sem parar. Por isso Bree havia pedido a Gayle para ir com ela ao aeroporto para pegarem Roger. Não haveria o risco de enfrentarem pausas desconfortáveis na conversa.

— Você já fez aquilo com ele?

Ela se virou para Gayle, assustada.

— Eu fiz *o quê?*

Gayle revirou os olhos.

— Já brincou de amarelinha? Fala sério, Bree!

— Não. Claro que não. — Ela sentiu o sangue subir ao seu rosto.

— Mas *vai fazer?*

— Gayle!

— Bom, sei lá, você tem seu apartamento e tudo, e ninguém vai...

Naquele momento constrangedor, Roger Wakefield apareceu. Ele usava uma camisa branca e jeans batidos, e Brianna devia ter ficado tensa ao vê-lo. Gayle virou a cabeça a fim de ver para onde Brianna estava olhando.

— Ah — disse ela, encantada. — É ele? Ele parece um *pirata!*

Parecia, sim, e Brianna sentiu um frio ainda maior na barriga. Roger era o que sua mãe chamava de Celta Negro, com pele morena, cabelos negros e “olhos encaixados com dedos sujos”; cílios grossos e pretos ao redor de olhos que você pensaria serem

azuis, mas que eram de um verde profundo e surpreendente. Com os cabelos longos o bastante a ponto de chegarem à gola, despenteado e com a barba por fazer, ele parecia não só desleixado, mas levemente perigoso.

Brianna sentiu um arrepio de tensão na espinha ao vê-lo e passou as palmas das mãos suadas nas laterais de seu jeans bordado. Não deveria tê-lo deixado vir.

Então Roger a viu, e o rosto dele se acendeu como uma vela. Sem se controlar, Brianna sentiu um sorriso enorme e idiota aparecer em seu rosto em resposta, e sem parar para pensar nos receios, atravessou o salão correndo, desviando de crianças perdidas e de carrinhos com bagagem.

Ele a encontrou no meio do caminho e a levantou do chão, abraçando-a com força suficiente para quebrar suas costelas. Ele a beijou, parou e a beijou de novo, com a barba por fazer raspando no rosto dela. Roger cheirava a sabonete e suor e tinha gosto de uísque escocês, e ela não queria que ele parasse.

Então, ele parou e a soltou, os dois meio ofegantes.

— *A-ham* — disse uma voz alta ao lado de Brianna.

Ela se virou de costas para Roger e viu Gayle, que sorria de forma angelical para ele por baixo da franja loira, e acenou como uma criança dizendo adeus.

— Olá-á — cumprimentou ela. — Você deve ser o Roger, porque se não for, ele certamente vai ficar chocado quando chegar, não é?

Ela olhou para ele de cima a baixo com aprovação.

— Tudo isso e ainda toca violão?

Brianna nem notara a capa que ele havia soltado. Roger se abaixou e pegou-a de novo, jogando-a sobre o ombro.

— Bom, tenho que trabalhar nessa viagem — respondeu ele, sorrindo para Gayle, que levou uma mão ao peito, fingindo estar extasiada.

— Ai, diga isso de novo — implorou.

— O quê? — Roger parecia confuso.

— Trabalhar — disse Brianna, passando a alça de uma de suas bolsas no ombro. — Ela quer ouvir você enrolar o “erre” de novo.

Gayle tem uma coisa com sotaques britânicos. Ah... esta é a Gayle — Ela fez um gesto para a amiga com resignação.

— Sim, entendi. Bem... — Ele pigarreou, olhou para Gayle de modo intenso e falou mais baixo: — O rato roeu a roupa do rei de Roma. Gostou?

— Quer parar com isso? — Brianna olhou para a amiga com cara feia, pois ela havia caído sentada de modo dramático em uma das cadeiras de plástico. — Ignore-a — aconselhou a Roger, virando-se em direção à porta.

Lançando um olhar de cautela a Gayle, ele seguiu o conselho de Brianna e, pegando uma caixa grande amarrada com um barbante, seguiu-a até o saguão.

— O que quis dizer com ter que trabalhar? — perguntou ela, procurando uma maneira de voltar a conversa a um ponto normal.

Ele riu, um pouco tímido.

— Bem, a conferência histórica está pagando a passagem, mas eles não puderam pagar as despesas. Então dei alguns telefonemas e arrumei um trabalho para conseguir pagar o restante.

— Um trabalho tocando violão?

— Durante o dia, o historiador bem-educado Roger Wakefield é um acadêmico inofensivo de Oxford. Mas à noite, ele pega suas parafernâlias escocesas e se torna o incrível... Roger MacKenzie!

— Quem?

Ele sorriu ao vê-la surpresa.

— Bem, eu canto canções do folclore escocês para festivais e *ceilidhs*, jogos das Terras Altas e coisas assim. Vou me apresentar em um festival celta nas montanhas no fim da semana, só isso.

— Canções escocesas? Você usa um kilt quando canta? — Gayle havia aparecido do outro lado de Roger.

— Uso, sim. De que outra maneira eles saberiam que sou um escocês?

— Adoro joelhos de fora — disse Gayle de modo sonhador. — Mas me diga, é verdade que um escocês...

— Vá buscar o carro. — Brianna deu a ordem, entregando as chaves de qualquer modo a Gayle.

Gayle apoiou o queixo na janela do carro, esperando Roger entrar no hotel.

— Nossa, espero que ele não faça a barba antes de nos encontrar hoje na hora do jantar. Adoro homens que ficam sem se barbear por um tempo. O que você acha que está dentro daquela caixa grande?

— Um *bodhrán*. Eu perguntei — respondeu Brianna.

— Um *o qué*?

— É um tambor de guerra celta. Ele o toca em algumas de suas canções.

Gayle abriu a boca, curiosa.

— Você não quer que eu o leve ao festival? Sei lá, você deve ter muito o que fazer e...

— Ha ha. Você acha que eu deixaria você chegar perto dele, ainda mais de kilt?

Gayle suspirou de modo desejoso e colocou a cabeça para dentro do carro quando Brianna deu a partida.

— Bem, talvez lá haja outros homens de kilt.

— Acho que é bem provável.

— Mas aposto que eles não têm tambores de guerra celtas.

— Talvez não.

Gayle recostou-se no assento e olhou para a amiga.

— Então, você vai fazer aquilo com ele?

— Como vou saber? — Mas o sangue fervia sob sua pele e as roupas pareciam justas demais.

— Bem, se não fizer, você é louca.

— O gato do Ministro é um... gato andrógino.

— O gato do Ministro é um... gato arrasado.

Bree ergueu uma sobrancelha, desviando os olhos brevemente da estrada.

— Escoceses de novo?

— É um jogo escocês — disse Roger. — Arrasado: triste ou cansado. Sua vez. Letra B.

Ela semicerrou os olhos para ver a estrada montanhosa estreita à frente. O sol da manhã estava virado para eles, enchendo o carro de luz.

— O gato do Ministro é um gato branco — falou Brianna.

— O gato do Ministro é um gato bonito — rebateu Roger.

— Bom, isso está fácil demais para nós dois. Certo, o gato do Ministro...

Roger percebeu que ela estava pensando muito, então reconheceu o brilho da inspiração em seus olhos azuis estreitados.

— ... tem coccigodínia — completou Brianna.

Roger também semicerrou os olhos, tentando entender.

— Um gato com um traseiro grande?

Ela riu, freando levemente quando o carro fez uma curva.

— Um gato que tem uma dor na bunda.

— Essa palavra existe?

— Sim. — Ela acelerou em seguida. — Era um dos termos médicos da mamãe. Coccigodínia é uma dor na região do cóccix. Ela sempre dizia que a administração do hospital era uma coccigodínia.

— E eu achando que era um de seus termos de engenharia. Bom, certo... o gato do Ministro é um gato canhestro. — Ele riu ao ver as sobrancelhas dela erguidas. — Briguento. Quem causa coccigodínia é canhestro por natureza.

— Certo, acho que empatamos. O gato do Ministro é...

— Espere — interrompeu Roger, apontando. — Vire ali.

Diminuindo a velocidade, ela saiu da estrada estreita e entrou em outra mais estreita ainda, sinalizada por uma placa pequena com uma seta vermelha e branca na qual se lia: FESTIVAL CELTA.

— Você é um amor por me trazer aqui — disse ele. — Não sabia que era tão longe. Se soubesse, não teria pedido.

Ela lançou a ele um olhar bem-humorado.

— Não é tão longe.

— São duzentos e quarenta quilômetros!

Ela sorriu, mas com leve ironia.

— Meu pai sempre disse que essa era a diferença entre um norte-americano e um inglês. Um inglês acha que duzentos e

quarenta quilômetros é muito distante; um norte-americano acha que duzentos anos é muito tempo.

Roger riu, tomado pela surpresa.

— Certo. Então você é norte-americana?

— Acho que sim. — Mas seu sorriso desaparecera.

Assim como a conversa, eles dirigiram em silêncio por alguns minutos, sem barulho além dos pneus e do vento. Era um belo dia de verão e a umidade de Boston diminuía conforme eles subiam em direção ao ar mais claro das montanhas.

— O gato do Ministro é um gato distante — disse Roger, baixinho. — Eu disse alguma coisa errada?

Ela olhou para ele depressa, entortando os lábios.

— O gato do Ministro é um gato devaneador. Não, não é você. — Brianna contraiu os lábios ao diminuir a velocidade atrás de outro carro e então relaxou. — Não, não é bem isso. *É* você, mas não é sua culpa.

Roger se ajeitou, virando-se no assento a fim de olhar para ela.

— O gato do Ministro é um gato enigmático.

— O gato do Ministro é um gato envergonhado... Eu não deveria ter dito nada, desculpe.

Roger sabia que não devia pressioná-la. Então ele se inclinou para a frente e procurou a garrafa térmica de chá quente com limão embaixo do assento.

— Quer um pouco? — Ele lhe ofereceu a xícara, mas ela recusou balançando a cabeça.

— Não, obrigada. Detesto chá.

— Então definitivamente não é uma inglesa — disse ele, mas se arrependeu.

Brianna segurou o volante com força. Mas não disse nada, e ele bebeu o chá em silêncio, observando-a.

Ela não parecia inglesa, apesar da ascendência e da cor da pele. Ele não sabia se a diferença era mais do que uma questão de roupas, mas acreditava que sim. Os norte-americanos pareciam muito mais... o quê? Vibrantes? Intensos? Maiores? Só *mais*. Brianna Randall era mais, sem dúvida.

O tráfego ficou mais intenso, tornando-se mais lento em uma fila rastejante de carros quando eles chegaram à entrada do resort onde o festival estava acontecendo.

— Olhe — disse Brianna de modo abrupto. Ela não se virou para ele, mas olhou pelo para-brisa para a placa de Nova Jersey do carro à frente deles. — Eu preciso me explicar.

— Não para mim.

Ela ergueu uma sobrancelha levemente irritada.

— A quem mais? — Contraíu os lábios e suspirou. — Sim, certo. Para mim também. Mas preciso.

Roger sentiu a acidez do chá, amargo no fundo de sua garganta. Era agora que ela lhe diria que sua vinda tinha sido um erro? Ele também pensara nisso durante todo o trajeto sobrevoando o Atlântico, apertado no assento minúsculo do avião. Então, ele a vira atravessar o lobby do aeroporto e todas as dúvidas desapareceram no mesmo instante.

E tampouco haviam voltado durante a semana seguinte. Ele a vira pelo menos brevemente todos os dias; até conseguiu ir a um jogo de beisebol com ela no parque Fenway na quinta à tarde. Roger achou o jogo confuso, mas o entusiasmo de Brianna pelo esporte era encantador. Ele se pegou contando as horas que restavam antes que tivesse que partir, ansioso ao mesmo tempo pelo único dia inteiro que eles teriam juntos.

Isso não queria dizer que ela se sentia da mesma forma. Ele olhou rapidamente para a fileira de carros. O portão era visível, mas ainda estava a quinhentos metros. Talvez ele tivesse três minutos para convencê-la.

— Na Escócia — dizia ela —, quando tudo aquilo aconteceu com a minha mãe, você foi ótimo, Roger. Maravilhoso de verdade. — Ela não olhou para ele, mas ele viu seus cílios castanho-avermelhados úmidos.

— Não foi nada de mais — disse ele. Cerrou as mãos em punhos para não tocá-la. — Eu estava interessado.

Ela riu um pouco.

— Sim, aposto que estava. — Ela diminuiu a velocidade e virou a cabeça para olhar para ele. Mesmo totalmente abertos, seus

olhos eram um pouco puxados, como os de um gato.

— Você voltou ao círculo de pedra? A Craigh na Dun?

— Não — respondeu Roger depressa. Tossiu e acrescentou, casualmente: — Não vou a Inverness com frequência. Era semestre de aulas na faculdade.

— O gato do Ministro não é fracalhão? — perguntou ela, mas sorriu ao dizer isso.

— O gato do Ministro morre de medo daquele lugar — disse Roger com franqueza. — Ele não botaria o pé ali nem se o local fosse lotado de sardinhas.

Brianna riu, e a tensão entre eles diminuiu perceptivelmente.

— Eu também — disse ela, e respirou fundo. — Mas eu me lembro. Todo o problema que você enfrentou para ajudar, e então... quando... quando ela, quando a mamãe passou...

Brianna mordeu o lábio inferior com força e pisou no freio de um modo mais forte do que o necessário.

— Está vendo? — perguntou ela com a voz contida. — Não posso passar mais de meia hora ao seu lado que tudo volta. Não falo sobre meus pais há mais de seis meses, e assim que começamos com essa brincadeira boba, já mencionei os dois em menos de um minuto. Tem acontecido a semana toda.

Ela tirou uma mecha solta de cabelos ruivos do ombro. Ficava lindamente corada quando animada ou triste, e a cor se mostrava intensa em seu rosto.

— Imaginei que pudesse ser algo assim quando você não respondeu à minha carta.

— Não foi só isso. — Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, como se quisesse conter as palavras, mas era tarde demais. Uma onda vermelha surgiu da gola V de sua camiseta branca, deixando-a da cor do molho de tomate que ela insistia em comer com batatas fritas.

Ele estendeu o braço e delicadamente afastou os cabelos de seu rosto.

— Eu era muito a fim de você — disse ela, olhando diretamente para a frente, pelo vidro do para-brisa. — Mas não sabia se você

estava sendo só gentil comigo porque a mamãe havia pedido ou se...

— Se. — Roger a interrompeu e sorriu quando ela arriscou um olhar de relance para ele. — Definitivamente se.

— Ah. — Ela relaxou, diminuindo um pouco a pressão no volante. — Que bom.

Ele queria segurar sua mão, mas não tinha a intenção de tirá-la do volante e causar um acidente. Então passou o braço por cima do banco e deixou seus dedos acariciarem o ombro dela.

— Bem, eu não pensei... eu pensei... Bom, eu poderia me jogar nos seus braços ou sumir de Dodge. Então foi o que fiz, mas não soube explicar sem parecer uma idiota, e então, quando você escreveu, foi pior... veja, eu *pareço* uma idiota!

Roger tirou o cinto de segurança.

— Você vai bater no carro da frente se eu beijar você? — perguntou.

— Não — respondeu Brianna.

— Ótimo. — Roger deslizou pelo assento, segurou o queixo dela com uma mão e a beijou. Eles entraram tranquilamente na estrada de terra e no estacionamento.

Brianna respirava com mais calma e o vermelho de seu rosto diminuía um pouco. Ela estacionou com calma, desligou o carro e permaneceu ali por um momento, olhando para a frente. Então também tirou o cinto de segurança e se virou para ele.

Só quando eles saíram do carro, vários minutos depois, foi que Roger notou que ela mencionara os pais mais de uma vez, mas era provável que o verdadeiro problema tivesse mais a ver com aquele pai que ela cuidadosamente *não* havia mencionado.

Ótimo, pensou ele, admirando distraidamente o traseiro dela quando Brianna se inclinou para abrir o porta-malas. *Ela está tentando não pensar em Jamie Fraser e onde diabos você a traz?* Ele olhou para a entrada do resort, onde a Union Jack e a bandeira da Escócia balançavam à brisa do verão. Da encosta da montanha adiante vinha o som pesaroso das gaitas de foles.

4

UM SOPRO DO PASSADO

Por mais acostumado que estivesse a se trocar dentro da van de alguém ou dentro do banheiro dos homens de um pub, o pequeno cubículo dos fundos reservado ao uso pessoal de Roger parecia especialmente luxuoso. Era limpo, tinha ganchos para que as roupas de usar na rua fossem penduradas e não havia clientes embriagados roncando na entrada. Claro, ele estava nos Estados Unidos, pensou, desabotoando a calça jeans e deixando-a no chão. Eram padrões diferentes, pelo menos no que dizia respeito a confortos materiais.

Roger tirou a camisa de mangas largas, pensando no nível de conforto com que Brianna estava acostumada. Não entendia nada sobre roupas femininas — qual seria o preço de uma calça jeans? —, mas entendia um pouco sobre carros. O dela era um Mustang azul novinho que despertara nele uma vontade muito grande de dirigir.

Estava claro que seus pais tinham deixado bastante dinheiro para ela. Claire Randall havia cuidado disso. Roger só esperava que não tivesse sido tanto a ponto de ela achar que ele estivesse interessado naquilo. Lembrando dos seus pais, ele olhou para o envelope marrom. Deveria entregá-lo a ela, afinal?

O gato do Ministro quase morrera de susto quando eles passaram pela entrada dos artistas e deram de cara com a banda de gaita do Canadá, a 78th Frasers Highlanders, ensaiando a toda atrás dos camarins. Brianna havia empalidecido quando ele a apresentara ao líder, um velho conhecido. Não que Bill Livingsstone

fosse intimidante, mas o brasão do clã Fraser em seu peito surtira esse efeito.

Je suis prêt, estava escrito. *Estou pronto*. Não pronto o suficiente, Roger pensou, e arrependeu-se por tê-la levado.

Ainda assim, ela lhe garantira que ficaria bem explorando sozinha o local enquanto ele se vestia e se preparava para sua apresentação.

E seria melhor que ele se preparasse mesmo, pensou, ajeitando as fivelas do kilt na cintura e no quadril, e pegando as meias de lã compridas. Ele se apresentaria no início da tarde, por quarenta e cinco minutos, e então faria um solo mais curto no *ceilidh* da noite. Tinha uma lista de canções em mente, mas sempre precisava pensar na plateia. Se houvesse muitas mulheres, então as baladas iam bem. Se houvesse mais homens, entoava mais temas de guerra: “Killiecrankie” e “Montrose”, “Guns and Drums”. As canções indecentes faziam mais sucesso quando a plateia estava bem aquecida, de preferência depois de um pouco de cerveja.

Ele virou a ponta das meias para baixo de modo organizado e escorreu o *sgian dhu* para dentro, bem na panturrilha direita. Fez os laços nos borzeguins depressa. Queria encontrar Brianna de novo, ter um tempinho para passear com ela, levá-la para comer alguma coisa, cuidar para que ela conseguisse um bom lugar para assistir às apresentações.

Roger jogou o tartã sobre o ombro, prendeu-o com um broche, acertou o cinto da adaga e da bolsa de couro e estava pronto. Ou não muito. Ele parou a caminho da porta.

As antigas ceroulas verde-oliva eram militares, da época da Segunda Guerra Mundial — uma das poucas lembranças que Roger tinha de seu pai. Ele não se importava muito com cuecas normalmente, mas as usava com o kilt às vezes para poder se defender da coragem incrível de algumas espectadoras. Ele fora alertado por outros artistas, mas não acreditaria se não tivesse vivido a experiência. As moças alemãs eram as piores, mas Roger já tinha visto algumas norte-americanas tomarem liberdades.

Não acreditava que precisaria de tais medidas ali. A plateia parecia civilizada, e ele viu que o palco ficava a uma distância

segura. Além disso, fora do palco ele estaria com Brianna, e se ela quisesse tomar certas liberdades... Ele deixou a cueca dentro da bolsa, por cima do envelope marrom.

— Deseje-me sorte, papai — sussurrou, e saiu à procura dela.

— Uau! — Ela caminha ao redor dele, com os olhos arregalados. — Roger, você está *incrível!* — Brianna deu um sorriso levemente torto. — Minha mãe sempre disse que homens de kilt ficam irresistíveis. Acho que ela tinha razão.

Roger viu que ela engolira em seco e sentiu vontade de abraçá-la por sua coragem, mas ela já havia se virado, fazendo um gesto em direção à área principal de alimentação.

— Está com fome? Eu dei uma olhada enquanto você se trocava. Temos as seguintes opções: polvo no espeto, tacos de peixe, cachorro-quente polonês...

Ele pegou o braço de Brianna e a puxou para olhar para ele.

— Ei — sussurrou —, desculpe. Eu não teria trazido você aqui se soubesse que seria um choque.

— Está tudo bem. — O sorriso dela estava melhor. — Eu... fiquei feliz por ter me trazido.

— Sério?

— Sim, é sério. É que... — Ela acenou para a multidão vestida de xadrez ao seu redor. — É só muito... escocês.

Ele sentiu vontade de rir. Nada podia ser menos parecido com a Escócia do que aquela mistura de bugigangas para turistas e a divulgação cara de pau de tradições meio corretas. Ao mesmo tempo, ela tinha razão, *era* unicamente escocês; um exemplo do velho talento dos escoceses para sobreviver; a habilidade de se adaptar a qualquer coisa e lucrar com isso.

Ele a abraçou naquele momento. Seus cabelos tinham cheiro de limpos, como grama fresca, e Roger sentiu o coração de Brianna batendo pela camiseta branca que ela vestia.

— Você também é escocesa, você sabe — disse ele no ouvido dela, e se afastou.

Os olhos dela ainda brilhavam, mas agora com uma emoção diferente, pensou ele.

— Acho que você tem razão — disse ela, e sorriu de novo, um bom sorriso. — Isso não quer dizer que tenho que comer *haggis*, certo? Vi um pouco ali e acho que prefiro experimentar o polvo no espeto.

Ele pensou que ela estava brincando, mas não estava. O único negócio do resort, aparentemente, eram “as feiras étnicas”, como um dos vendedores das barracas de alimentos explicou.

— Polacos dançando polcas, canto à tirolesa suíço. Minha nossa, eles devem ter dez milhões de relógios cuco aqui! Festivais de cerejeiras espanholas, italianas, japonesas... Você não acreditaria em todas as câmeras que os japoneses têm, não teria como acreditar.

Ele balançou a cabeça animado, deslizando dois pratos de papel cheios de hambúrgueres e batatas fritas.

— Bem, agora é algo diferente a cada duas semanas. Nunca há um momento de tédio. Mas nós, vendedores de alimentos, só nos mantemos nos negócios, independentemente do tipo de comida. — O homem olhou para o kilt de Roger com certo interesse.

— Então, você é escocês ou só gosta de usar saia?

Tendo ouvido dezenas de variações daquele gracejo, Roger olhou sem expressão para o homem.

— Bem, como meu velho avô dizia — respondeu ele, enfatizando o sotaque —, quando usamos um kilt, rapaz, sabemos que somos homens!

O homem riu, divertindo-se, e Brianna revirou os olhos.

— Piadas de kilt — disse ela. — Olha, se você começar a contar piadas de kilt, vou embora sem você. Juro que vou.

Roger sorriu para ela.

— Ah, você não faria isso, certo, moça? Não iria embora e deixaria um homem para trás só porque ele disse o que usa por baixo do kilt, certo?

Ela estreitou os olhos azuis.

— Ah, aposto que você não usa nada por baixo *desse* kilt — disse ela, meneando a cabeça em direção ao *sporrán* de Roger. —

Aposto que tudo embaixo dele está em perrrrfeito estado, não?

Roger engasgou com uma batata frita.

— Você deve dizer “Me dê sua mão para eu mostrar” — disse o vendedor da barraca. — Cara, aprendi essa uma vez e a ouvi cem vezes esta semana.

— Se ele disser isso agora — interrompeu Brianna com seriedade —, vou embora e o deixarei isolado nesta montanha. Ele pode ficar aqui e comer polvo, não me importo.

Roger tomou um gole de refrigerante e foi esperto o bastante para se manter calado.

Houve tempo para eles andarem entre os corredores de barracas que vendiam de tudo, desde gravatas de tartã a flautas, peças de prata, mapas dos clãs da Escócia, caramelos e biscoitos amanteigados, abridores de cartas no formato da espada *claymore*, bonecos de chumbo dos líderes das Terras Altas, livros, discos e todos os itens pequenos imagináveis sobre os quais o brasão ou o lema de um clã pudesse ser impresso.

Roger não atraía nada além de um breve olhar de curiosidade. Apesar da qualidade superior à da maioria, sua roupa não era estranha ali. Mas a maioria da multidão era formada por turistas, vestidos com shorts e calças jeans, com algumas peças xadrez aqui e ali.

— Por que MacKenzie? — perguntou Brianna ao parar perto de uma vitrine de chaveiros com brasões de clãs. Ela tocou um dos discos de prata no qual se lia *Luceo non uro*, o lema em latim marcado ao redor de uma imagem que lembrava um vulcão. — Wakefield não parecia suficientemente escocês? Ou você achou que o pessoal em Oxford não gostaria que você fizesse... isso? — Ela fez um gesto para o ambiente ao redor deles.

Roger deu de ombros.

— Em parte, isso. — Mas é o nome da minha família também. Meus pais foram mortos durante a guerra e meu tio-avô me adotou. Ele me deu o nome dele, mas fui batizado Roger Jeremiah MacKenzie.

— Jeremiah? — Brianna não riu alto, mas a ponta de seu nariz enrubesceu porque ela tentou se controlar. — Como o profeta do Antigo Testamento?

— Não ria — disse ele, segurando o braço dela. — Recebi o nome de meu pai, ele era chamado de Jerry. Minha mãe me chamava de Jemmy quando eu era pequeno. Velho nome de família. Afinal, poderia ser pior: eu poderia ter sido batizado Ambrose ou Conan.

Ela riu sem conseguir se segurar.

— Conan?

— Um nome celta perfeitamente bom, antes de os escritores se apropriarem dele. Bom, Jeremiah parece ter sido a escolha da maioria por um bom motivo.

— Qual seria?

Eles se viraram e seguiram lentamente de volta ao palco, onde um grupo de menininhas sérias faziam a coreografia das Terras Altas de modo muito bem ensaiado.

— Ah, é uma das história que papai... o Reverendo, eu sempre o chamava de papai. Bem, ele costumava me contar isso enquanto mostrava minha árvore genealógica e apontava as pessoas nela.

Ambrose MacKenzie, esse é seu bisavô, Rog. Ele foi um barqueiro em Dingwall. E esta é Mary Oliphant. Eu conheci sua bisavó Oliphant, já contei? Viveu até os noventa e sete, e estava muito lúcida até o suspiro final; era uma mulher maravilhosa.

Ela se casou seis vezes — todos morreram de causas naturais, ela me garantiu —, mas só coloquei Jeremiah MacKenzie aqui, já que ele foi seu ancestral. O único de quem ela teve filhos, eu me surpreendi com isso.

Perguntei a ela, e ela fechou os olhos e assentiu para mim, dizendo: "Is fhearr an giomach na bhi gun fear tigh". É um velho provérbio gaélico: "Melhor uma lagosta do que nenhum marido." Ela disse que alguns serviam para casar, mas Jeremiah era o único rapaz belo o bastante para levá-la para a cama todas as noites.

— O que será que ela dizia aos outros? — perguntou Brianna, pensativa.

— Bem, ela não falou que não dormia com eles de vez em quando — respondeu Roger. — Mas não toda noite.

— Uma vez basta para engravidar — disse Brianna. — Ou foi isso que minha mãe garantiu na minha aula de saúde no ensino médio. Ela fazia desenhos de espermatozoides no quadro-negro, todos correndo em direção a um óvulo enorme com olhares lascivos. — Ela corou de novo, mas claramente por estar se divertindo, não por ter se lembrado de algo ruim.

De braços dados, ele sentiu o calor que emanava da camiseta fina de Brianna, e um formigamento por baixo do kilt fez com que ele pensasse que não vestir a cueca fora um erro.

— Deixando de lado a questão de espermatozoides terem rosto ou não, o que esse assunto tinha a ver com saúde?

— Saúde é um eufemismo americano para qualquer coisa relacionada a sexo — explicou ela. — Eles ensinam meninas e meninos separadamente. A aula das meninas se chama “Os Mistérios da Vida, e Dez Maneiras de Dizer Não a um Garoto”.

— E a dos meninos?

— Bom, não tenho certeza, porque não tive irmãos que pudessem me contar. Mas algumas de minhas amigas tinham, e uma delas disse que eles aprendiam dezoito sinônimos diferentes para ereção.

— Muito útil — disse Roger, tentando entender por que era preciso mais de um. Felizmente, a bolsa de couro na frente do kilt escondia vários pecados.

— Acredito que isso ajude a manter uma conversa, sob certas circunstâncias — falou ela.

O rosto de Brianna estava corado. Ele conseguia sentir o calor subindo por seu pescoço e imaginou que os dois estavam começando a atrair olhares curiosos de quem passava. Roger não deixava uma garota envergonhá-lo em público desde os dezessete anos, mas ela estava indo bem. No entanto, ela havia começado aquilo... então, que terminasse.

— Hummm. Eu nunca notei muita conversa sob essas certas circunstâncias.

— Pensei que você saberia — respondeu Brianna.

Não fora uma pergunta. Um pouco tarde demais, Roger notou o que ela estava insinuando. Ele contraiu o braço e a puxou para mais perto.

— Se quer saber se já tive, sim. Se quer saber se tenho, não.

— Se tem o quê? — Os lábios dela tremiam levemente, controlando a vontade de rir.

— Você quer saber se eu tenho uma namorada na Inglaterra, certo?

— Quero?

— Não tenho. Ou melhor, tenho, mas nada sério. — Eles se encontravam do lado de fora dos vestiários; estava quase na hora de pegar os instrumentos. Ele parou e se virou para olhar para ela. — E você? Tem alguém?

Ela era alta o suficiente para olhar nos olhos dele e estava perto o bastante para seus seios resvalarem no antebraço de Roger quando se virou para encará-lo.

— O que foi que sua bisavó disse? "*Is fhearr an giomach...*"?

— "*...na bhi gun fear tigher.*"

— Isso. Bem, melhor ter uma lagosta do que nenhum namorado. — Ela ergueu a mão e tocou o broche dele. — Então, sim, há pessoas com quem saio. Mas não tenho um rapaz belo... ainda.

Ele segurou os dedos dela e os levou aos lábios.

— Dê tempo ao tempo, moça — disse Roger, e eles se beijaram.

A plateia estava incrivelmente calada. Nem um pouco parecido com um show de rock. Claro, eles não podiam fazer barulho, pensou ela. Não havia guitarras nem amplificadores, só um pequeno microfone em uma base. Mas algumas coisas não precisavam ser amplificadas. Seu coração, por exemplo, martelava em seus ouvidos.

— Aqui — dissera ele, saindo de repente do vestiário com o violão e o tambor. Roger lhe entregara um envelope marrom. —

Encontrei isto ao arrumar uns velhos papéis de meu pai em Inverness. Pensei que talvez você as quisesse.

Ela percebeu que eram fotografias, mas não as olhou de cara. Sentou-se com elas queimando seus joelhos, assistindo à apresentação de Roger.

Ele era bom. Mesmo distraída, percebeu isso. Tinha uma voz grave de barítono e sabia como usá-la. Não apenas em termos de tom e melodia; Roger tinha a verdadeira habilidade de um artista de afastar a cortina entre cantor e plateia, de olhar para a multidão, de olhar nos olhos de alguém e deixar que a pessoa visse o que havia entre as palavras e a música.

Ele havia começado com "The Road to the Isles", uma canção rápida e animada na qual as pessoas acompanhavam batendo palmas num refrão empolgante, e quando a coisa esfriou depois da música, deu continuidade com "The Gallowa' Hills", e uma bela passada a "The Lewis Bridal Song", com um refrão adorável e cadenciado em gaélico.

Ele deixou a nota final terminar em "Vhair Me Oh" e sorriu diretamente para ela, pensou Brianna.

— E aqui vai uma de 1745 — disse ele. — Esta é da famosa batalha de Prestonpans, na qual o exército de Charles Stuart combateu uma força inglesa muito maior, sob o comando do general Jonathan Cope.

A plateia murmurou em reconhecimento. Estava claro que, para muitos, a canção era uma velha favorita, e logo se calaram quando Roger dedilhou o início.

*"Cope enviou um desafio a Dunbar
Dizendo 'Charlie, encontre a mim e a sua sina,
E mostrarei a arte da guerra
Se me encontrar pela manhã'"*

Ele abaixou a cabeça em direção às cordas, assentindo para que a plateia cantasse o refrão irônico.

*"Ei, Johnnie Cope, está caminhando?
E seus tambores estão tocando?
Se estivesse caminhando, eu esperaria,
Até ver os carvões pela manhã!"*

Brianna sentiu um formigamento repentino nas raízes dos cabelos que não tinha nada a ver com o cantor nem com a plateia, mas com a canção em si.

*"Quando Charlie leu a carta,
Tirou da bainha sua lâmina,
Venham, sigam-me, homens de bem,
E encontraremos Johnnie Cope pela manhã!"*

— Não — sussurrou ela, passando os dedos frios no envelope marrom. *Venham, sigam-me, homens de bem...* Eles estiveram lá, seus pais. Foi o pai dela quem atacou o campo em Preston, com a espada de lâmina larga e o escudo nas mãos.

*"... Será uma manhã sangrenta!"
"Ei, Johnnie Cope, já está caminhando?
E seus tambores estão tocando?..."*

As vozes ao seu redor aumentaram em gritos de aprovação quando se uniram ao coro. Ela teve um momento de pânico, quando teria fugido como Johnnie Cope, mas passou, deixando-a tomada pela emoção e também pela música.

*"Na Fé, Johnnie, tenho essas bandeiras,
Com suas espadas e seus kilts,
Se eu os enfrentar de novo, quebrarão minhas pernas,
Então, eu lhe desejo um bom dia!"*

Ei, Johnnie Cope, já estamos caminhando?...”

Sim, ele estava progredindo, como dizia a música, e assim seria enquanto a música continuasse. Algumas pessoas tentavam preservar o passado. Outras tentavam escapar dele. E aquela era, até então, a maior lacuna entre ela e Roger. Por que ela não percebera antes?

Não sabia se Roger notara seu incômodo momentâneo, mas ele abandonou o perigoso território dos jacobitas e começou “MacPherson’s Lament”, cantada com poucos toques de cordas. A mulher ao lado de Brianna soltou um longo suspiro e fitou o palco com olhos tristes.

*“Então, aos gritos e aos brados, ele se assustou,
Tocou uma música e dançou... que venha a força!”*

Ela pegou o envelope, sentindo o peso em seus dedos. Deveria esperar, talvez, até chegar em casa. Mas a curiosidade lutava contra a relutância. Roger não sabia ao certo se deveria entregá-lo a ela. Brianna notou isso nos olhos dele.

— ... um *bódhan* — dizia Roger. O tambor não passava de um aro de madeira com alguns centímetros de largura, uma pele estendida sobre ele e cerca de quarenta e cinco centímetros de um lado a outro. Ele manteve o objeto equilibrado nos dedos de uma mão, com uma baqueta de ponta dupla na outra. — Um dos instrumentos mais antigos de que se tem registro, este é o tambor com o qual as tribos celtas assustaram as tropas de Júlio César em 52 a.C.

A plateia deu uma risadinha, e Roger tocou a superfície do tambor com a baqueta várias vezes num ritmo leve e rápido como batimentos cardíacos.

— E agora, “Sheriffmuir Fight”, da primeira Revolta Jacobita, em 1715.

O ritmo da baqueta mudou e a batida diminuiu, tornou-se militar no tom, um trovão por trás das palavras. A plateia ainda estava bem-comportada, mas agora se sentava na beira da cadeira e se inclinava para a frente, acompanhando a música que descrevia a batalha de Sheriffmuir e todos os clãs que haviam lutado nela.

"... e eles continuavam correndo, sangrando, e muitos caíram rapaz..."

Eles avançavam e atacavam, e as espadas se chocavam..."

Quando a música terminou, ela colocou os dedos dentro do envelope e tirou um monte de fotografias. Fotos antigas, em preto e branco, que já tinham ganhado um toque amarronzado. Seus pais. Frank e Claire Randall, absurdamente jovens e muito felizes.

Eles estavam em um jardim em algum lugar. Havia cadeiras e uma mesa com bebidas em um fundo com pontos de luz entre as folhas das árvores. Mas os rostos estavam claros: risonhos, iluminados pela juventude, com os olhos apenas um para o outro. Posando de modo formal, de braços dados, brincando com a própria formalidade.

Rindo, Claire se curvava achando graça de algo que Frank dissera, segurando a saia que voava ao vento, os cabelos encaracolados soltos. Frank dando uma xícara a Claire, ela olhando no rosto dele ao pegá-la, com um olhar de esperança e confiança que apertou o coração de Brianna.

Então, ela olhou para as últimas fotos e percebeu o que estava vendo. Os dois perto da mesa, de mãos dadas sobre uma faca, rindo enquanto cortavam um bolo obviamente caseiro. Um bolo de casamento.

— E para a última, uma antiga favorita que vocês conhecem. Dizem que essa canção foi enviada por um prisioneiro jacobita, a caminho de Londres para ser enforcado, a sua esposa nas Terras Altas...

Ela apoiou as mãos abertas em cima das fotos, como se quisesse impedir que as pessoas as vissem. Sentiu um choque forte. Fotos de casamento. Imagens do dia do casamento dos dois. É claro! Eles tinham se casado na Escócia. O Reverendo Wakefield não teria celebrado a cerimônia, pois não era um padre católico, mas era um dos amigos mais antigos do pai dela. A recepção devia ter sido realizada no presbitério.

Sim. Espiando entre seus dedos, ela conseguia ver partes familiares da casa antiga ao fundo. Então, ao deslizar a mão para o lado relutantemente, olhou de novo para o rosto jovem da mãe.

Dezoito. Claire havia se casado com Frank Randall aos dezoito anos, talvez isso explicasse. Como uma pessoa poderia saber o que queria sendo tão jovem?

*"Às belas margens e às belas encostas,
Onde o sol brilha intensamente no lago Lomond,
Aonde eu e meu amor verdadeiro nunca mais iremos..."*

Mas Claire tivera certeza... ou assim pensara. As sobrancelhas grossas e claras e a boca delicada não deixavam dúvidas. Os olhos grandes e luminosos estavam fixos em seu novo marido sem sinal de reserva ou erro. E ainda assim...

*"Mas eu e meu amor verdadeiro nunca mais nos veremos
Às belas margens do lago Lomond."*

Sem notar que pisava nos pés de algumas pessoas, Brianna saiu do meio da multidão e correu, antes que alguém visse suas lágrimas.

— Posso ficar com você durante parte do chamado dos clãs — disse Roger —, mas tenho coisas para fazer no fim, então terei que deixá-

la. Você vai ficar bem?

— Sim, claro — afirmou ela. — Estou bem. Não se preocupe.

Ele olhou para ela com um pouco de ansiedade, mas deixou passar. Nenhum dos dois havia comentado sobre sua saída mais cedo; quando Roger passou pelas pessoas que lhe davam parabéns e a procurou, Brianna já tinha encontrado um banheiro feminino e se recomposto com água fria.

Passaram o resto da tarde passeando pelo festival, comprando algumas coisas, saindo para ver a competição das bandas de gaita, voltando meio surdos para ver um jovem dançar entre duas espadas cruzadas no chão. As fotografias permaneceram cuidadosamente escondidas dentro da bolsa dela.

Já estava quase escuro. As pessoas saíam da área de alimentação e seguiam para as barracas a céu aberto do lado de fora, à base da montanha.

Ela pensou que as famílias com crianças pequenas iriam embora, e algumas foram, mas havia corpos pequenos e cabecinhas sonolentas entre as pessoas mais velhas nas barracas. Uma menininha estava relaxada, adormecida no ombro do pai quando eles entraram em um dos corredores mais superiores. Havia um espaço vazio na frente das arquibancadas onde um enorme monte de madeira fora empilhado.

— O que é o chamado dos clãs? — Ela ouviu uma mulher perguntar a seu companheiro na fileira da frente. O homem deu de ombros, e Brianna olhou para Roger para entender, mas ele só sorriu.

— Você verá — respondeu ele.

Estava totalmente escuro, e a lua não havia surgido. A encosta da montanha apareceu com um tom mais escuro contra o céu apinhado de estrelas. Ouviu-se uma exclamação e agitação em meio às pessoas, e então as notas de uma única gaita de foles surgiram suaves pelo ar, silenciando todo o resto.

Um ponto de luz apareceu perto do topo da montanha. Enquanto eles observavam, ele desceu e outro surgiu atrás dele. A música ficou mais forte e outra luz apareceu no topo da montanha. Durante quase dez minutos, a ansiedade aumentou conforme a

música ficava mais alta e a série de luzes se tornou mais longa, uma corrente iluminada descendo a encosta.

Perto do fim da descida, uma trilha aparecia entre as árvores mais acima. Brianna a vira durante a exploração mais cedo. Agora, um homem aparecia entre as árvores, segurando uma tocha acesa acima da cabeça. Atrás dele havia um tocador de gaita, e o som agora era forte o bastante para encobrir até mesmo as exclamações de surpresa da multidão.

Conforme os dois desceram a trilha em direção ao espaço aberto à frente das arquibancadas, Brianna viu que havia mais homens atrás deles; uma fila comprida de homens, cada um com uma tocha, todos vestidos com as roupas finas dos líderes das Terras Altas. Eles pareciam bárbaros e estavam incríveis, enfeitados com penas de tetrazes, o brilho prateado das espadas e dos punhais com um tom avermelhado sob a luz da tocha, aparecendo entre os tecidos xadrez.

As gaitas pararam de repente, e o primeiro dos homens entrou em uma clareira e parou diante das barracas. Ergueu sua tocha acima da cabeça e gritou: “Os Cameron estão aqui!”

Gritos altos de alegria soaram das barracas, e o homem jogou a tocha na madeira encharcada de querosene que se incendiou com um rugido, em um pilar de fogo de três metros de altura.

Contra a parede de fogo que chegava a cegar, outro homem saiu e gritou:

— Os MacDonald estão aqui!

Houve gritos e reações de surpresa daqueles na plateia que afirmavam ter relação com o clã MacDonald, e então...

— Os MacLachlan estão aqui!

— Os MacGillivray estão aqui!

Ela estava tão envolvida com o espetáculo que quase não notou a presença de Roger. E então, outro homem deu um passo à frente e gritou:

— Os MacKenzie estão aqui!

— *Tulach Ard!* — gritou Roger, e ela se sobressaltou.

— O que foi *isso*? — perguntou Brianna.

— *Isso* — disse ele, sorrindo — é o grito de guerra do clã MacKenzie.

— Foi o que pareceu.

— Os Campbell estão aqui! — Devia haver muitos Campbell; a reação fez as arquibancadas chacoalharem. Como se aquele fosse o sinal pelo qual ele esperava, Roger ficou de pé e balançou o tecido xadrez por cima do ombro.

— Encontro você mais tarde perto dos vestiários, está bem? — Ela assentiu, e ele se inclinou de repente e a beijou.

— Se precisar — disse ele —, o grito dos Fraser é *Caisteal Dhuni!*

Ela o observou partir, descendo a arquibancada como um bode da montanha. O cheiro de madeira queimada tomou o ar da noite, misturando-se com o cheiro mais fraco do tabaco de cigarros na multidão.

— Os MacKay estão aqui!

— Os MacLeod estão aqui!

— Os Farquardon estão aqui!

Ela sentiu o peito apertado pela fumaça e pela emoção. Os clãs tinham morrido ou não na Batalha de Culloden? Sim, tinham morrido. Aquilo não passava de lembrança, de evocação de fantasmas. Nenhuma das pessoas que gritavam de modo tão entusiasmado era parente, nenhuma delas ainda vivia como escocesa, mas...

— Os Fraser estão aqui!

O pânico tomou conta de Brianna e ela segurou com força a alça da bolsa.

Não, pensou ela. Ah, não. Não estou.

Então, o momento passou e ela pôde respirar de novo, mas ainda sentia a adrenalina fervendo seu sangue.

— Os Graham estão aqui!

— Os Innes estão aqui!

Os Ogilvy, os Lindsay, os Gordon... e então, finalmente, os ecos do último grito desvaneceram. Brianna segurou a bolsa no colo, com força, como se quisesse evitar que seu conteúdo escapasse como o gênio da lâmpada.

Como ela poderia?, pensou. E então, ao ver Roger aparecer à luz, com fogo na cabeça e o *bódhran* na mão, pensou de novo: *Como ela poderia evitar?*

DUZENTOS ANOS DESDE ONTEM

— Você não está usando seu kilt! — Os lábios de Gayle se entortaram numa demonstração de desapontamento.

— Século errado — disse Roger, sorrindo para ela. — Muito antiquado para o *moonwalk*.

— Você precisa me ensinar a fazer isso. — Ela colocou o peso na planta dos pés, inclinando-se em direção a ele.

— Fazer o quê?

— Enrolar os “erres” desse jeito. — Ela franziu o cenho e fez uma tentativa, parecendo um barco a motor em marcha lenta.

— Marrravilhoso — disse ele, tentando não rir. — Continue. A prática leva à perfeição.

— Bom, você trouxe o violão, pelo menos? — Ela ficou na ponta dos pés, tentando olhar atrás dele. — Ou aquele tambor bacana?

— Está no carro — disse Brianna, guardando as chaves ao se aproximar de Roger por trás. — Vamos ao aeroporto depois daqui.

— Ah, que pena! Pensei que poderíamos sair e fazer uma comemoração depois. Você conhece “This Land Is Your Land”, Roger? Ou gosta mais das canções de protesto? Mas eu acho que não, já que você é inglês, ou melhor, escocês. Vocês não têm motivo para protestar, certo?

Brianna lançou à amiga um olhar de desespero.

— Onde está o tio Joe?

— Na sala de estar, chutando a TV — disse Gayle. — Devo entreter Roger enquanto você procura por ele? — Ela entrelaçou o braço no de Roger, piscando.

— Temos metade do Instituto Tecnológico de Massachusets aqui e ninguém consegue consertar a maldita *televisão*? — O dr. Joseph Abernathy olhou de modo acusatório para os grupos de jovens espalhados pela sala de estar.

— É engenharia *elétrica* para consertar a TV, pai — disse o filho. — Somos todos engenheiros mecânicos. Pedir a um engenheiro mecânico para tentar consertar sua TV em cores é como pedir a um ginecologista-obstetra para curar seu pin... ai!

— Ah, desculpa — disse o pai, olhando por cima dos óculos de aros dourados. — Acertei seu pé, Lenny?

Lenny saiu pulando pela sala e todos riram, enquanto ele segurava um dos pés numa agonia exagerada.

— Bree, querida! — O médico a viu e abandonou a televisão, sorrindo. Ele a abraçou animado, ignorando o fato de ela ser cerca de dez centímetros mais alta do que ele, e então a largou e olhou para Roger, seus traços contidos numa expressão de cordialidade.

— Esse é o seu namorado?

— Este é Roger Wakefield — disse Brianna, estreitando os olhos levemente para o médico. — Roger, Joe Abernathy.

— Dr. Abernathy — cumprimentou Roger.

— Pode me chamar de Joe.

Eles trocaram um aperto de mãos em reconhecimento mútuo. O médico olhou para ele de cima a baixo com olhos castanhos intensos, mas não menos sagazes por serem calorosos.

— Bree, querida, você quer dar uma olhada nesse lixo para ver se consegue ressuscitá-lo? — Ele apontou para a televisão RCA de vinte e quatro polegadas, disposta na estrutura de ferro como se desafiasse a todos. — Estava funcionando bem ontem à noite, mas hoje... pffft!

Brianna olhou incerta para a grande TV a cores e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans, de onde tirou um canivete suíço.

— Bem, posso conferir as conexões, eu acho. — Ela pegou a parte de metal da chave de fenda. — Quanto tempo temos?

— Meia hora, talvez — disse um aluno com corte de cabelo escovinha na porta da cozinha. Ele olhou para as pessoas ao redor do pequeno aparelho branco e preto sobre a mesa. — “Ainda

estamos em contato com a base de controle em Houston. Tempo estimado de chegada: trinta e quatro minutos.” — A alegria abafada do comentarista da TV veio em intervalos em meio à animação mais vívida dos espectadores.

— Ótimo, ótimo — disse o dr. Abernathy. Ele apoiou uma das mãos no ombro de Roger. — Tempo suficiente para uma bebida, então. Você é escocês, sr. Wakefield?

— Pode me chamar de Roger.

Abernathy serviu uma boa dose de uísque e a entregou.

— Imagino que não beba com água, certo, Roger?

— Não. — Era Lagavulin; incrível encontrá-lo em Boston. Roger bebericou apreciando, e o médico sorriu.

— Claire me deu... a mãe de Bree. Aquela era uma mulher com bom gosto para uísque de qualidade. — Ele balançou a cabeça com nostalgia, e ergueu o copo em homenagem.

— *Slàinte* — disse Roger baixinho, e inclinou o próprio copo antes de beber.

Abernathy fechou os olhos para aproveitar em silêncio — Roger não soube dizer se o uísque ou a lembrança da mulher.

— Água da vida, não? Acredito que isso poderia ressuscitar os mortos. — Ele devolveu a garrafa ao armário das bebidas com mãos reverentes.

O que Claire havia contado a Abernathy? O suficiente, Roger imaginou. O médico pegou seu copo e olhou para ele como se o avaliasse.

— Já que o pai de Bree está morto, acho que posso fazer as honras. Temos tempo para amenidades ou devemos ir direto ao ponto?

Roger ergueu uma sobrancelha.

— Suas intenções — explicou o médico.

— Ah. Estritamente respeitáveis.

— É mesmo? Telefonei para Bree ontem à noite para saber se ela viria hoje. Ela não atendeu.

— Nós fomos a um festival celta nas montanhas.

— Sei. Telefonei de novo às onze da noite. E à meia-noite. Não atendeu. — Os olhos do médico ainda estavam sagazes, mas bem

menos calorosos. Ele pousou o copo com um leve clique.

— Bree está sozinha — disse ele. — E vive sozinha. E é adorável. Eu não gostaria de ver ninguém se aproveitando disso, sr. Wakefield.

— Nem eu... dr. Abernathy. — Roger bebeu tudo de uma vez e colocou o copo na mesa com força. O calor subiu por suas faces, e não era devido ao Lagavulin. — Se o senhor acha que eu...

“AQUI É HOUSTON”, ouviu-se pela televisão. “BASE TRANQUILIDADE, TEREMOS POUSO EM VINTE MINUTOS.”

As pessoas da cozinha vieram depressa, balançando garrafas de refrigerante e comemorando. Brianna, corada pelo esforço que fazia, estava rindo e recebendo os parabéns enquanto guardava o canivete. Abernathy pousou uma mão no braço de Roger, para chamar sua atenção.

— Ouça o que digo, sr. Wakefield — advertiu Abernathy, a voz baixa para não ser ouvido pelos outros. — Não quero ouvir que você fez essa menina infeliz. Nunca.

Roger afastou o braço com cuidado.

— O senhor acha que ela parece infeliz? — perguntou ele, do modo mais educado que conseguiu.

— N-não — respondeu Abernathy, apoiando o peso do corpo nos calcanhares enquanto olhava para ele com intensidade. — Pelo contrário. É como ela está hoje que me faz pensar que talvez eu devesse lhe dar um soco no nariz, pelo pai dela.

Roger não conseguiu deixar de olhar para ela. Era verdade. Brianna tinha olheiras, mechas de cabelos se soltavam de seu rabo de cavalo, e a pele brilhava como a cera de uma vela acesa. Ela parecia uma mulher que tivera uma longa noite... e a aproveitara bastante.

Como se fosse um radar, ela virou a cabeça e olhou para ele, por cima da cabeça de Gayle. Continuou conversando com a amiga, mas com os olhos grudados nele.

O médico pigarreou alto. Roger parou de olhar para ela e viu Abernathy olhando para ele, com a expressão pensativa.

— Ah — falou o médico, num tom diferente. — Desse jeito, é?

O primeiro botão da camisa de Roger estava aberto, mas ele se sentia como se estivesse usando uma gravata apertada demais. Olhou diretamente nos olhos do médico.

— Sim — afirmou Roger. — Desse jeito.

Dr. Abernathy pegou a garrafa de Lagavulin e encheu os dois copos.

— Claire disse mesmo que ela gostava de você — disse ele resignado. Então ergueu um copo. — Certo. *Slàinte*.

— Vire-o do outro lado... Walter Cronkite está laranja! — Lenny Abernathy obedientemente girou o botão, tornando o apresentador verde. Sem se afetar pela mudança repentina de cor de pele, Cronkite continuou falando.

“Em aproximadamente dois minutos, o Comandante Neil Armstrong e a tripulação da Apollo 11 farão história no primeiro pouso do homem na Lua...”

A sala de estar estava escura e repleta de gente, e todo mundo prestava atenção na televisão grande enquanto a gravação voltava a transmitir o lançamento da Apollo.

— Estou impressionado — disse Roger no ouvido de Brianna. — Como conseguiu consertar? — Ele se recostou na ponta de uma estante e puxou Brianna contra si, com as mãos em seu quadril, o queixo em seu ombro.

Ela olhava para a televisão, mas ele sentiu o rosto dela se mexer contra o dele.

— Alguém tirou o fio da tomada — respondeu ela. — Só voltei a ligá-lo.

Ele riu e beijou a lateral do pescoço dela. Estava calor na sala, mesmo com o ar condicionado ligado, e a pele dela estava úmida e salgada.

— Você tem o traseiro mais redondo do mundo — sussurrou ele.

Ela não respondeu, mas de propósito, aninhou o traseiro no corpo dele.

Muitas vezes vieram da tela acompanhadas das fotos da bandeira que os astronautas fincariam na Lua.

Ele olhou para o outro lado da sala, mas Joe Abernathy estava tão hipnotizado como qualquer um deles, olhando para o brilho da tela. Seguro na escuridão, ele envolveu Brianna com os braços e sentiu o peso leve de seus seios. Ela suspirou profundamente e relaxou contra ele, colocando a mão sobre a dele e apertando com força.

Os dois seriam menos corajosos se houvesse qualquer perigo ali. Mas ele partiria em duas horas. Não havia como aquilo ir além. Na noite anterior, eles sabiam que estavam brincando com fogo e tinham sido mais cuidadosos. Ele tentou imaginar se Abernathy teria realmente lhe dado um soco se ele tivesse admitido que Brianna passara a noite em sua cama.

Ele descera a montanha com o carro, dividido entre tentar ficar do lado direito da estrada e a excitação do peso leve de Brianna pressionado contra ele. Eles pararam para tomar café, conversaram por muito tempo depois da meia-noite, tocando-se sem parar, mãos, coxas, cabeças próximas. Dirigiram para Boston de madrugada, a conversa morrendo, a cabeça de Brianna pesando em seu ombro.

Sem conseguir manter-se acordado tempo suficiente para encontrar o caminho até o apartamento dela em meio ao labirinto de ruas desconhecidas, ele dirigira em direção ao seu hotel, subiu as escadas com Brianna e a deitou em sua cama, onde ela adormeceu segundos depois.

Roger passou o resto da noite no chão duro do quarto, usando a blusa de lã de Brianna sobre os ombros para se aquecer. Ao amanhecer, ele se levantou e se sentou na cadeira, envolvido pelo cheiro dela, silenciosamente observando a luz se espalhar pelo seu rosto adormecido.

Sim, foi desse jeito.

“Base Tranquilidade... a Águia pousou.” O silêncio na sala foi interrompido pelo suspiro de todos, e Roger sentiu os pelos de sua

nuca se arrepiarem.

“Um... pequeno... passo para o homem”, disse a voz distante, “um grande salto... para a humanidade”.

A imagem estava embaçada, mas não era defeito da televisão. As pessoas se inclinaram para a frente, dispostas a ver a figura corpulenta descer a escada, pisando pela primeira vez em solo lunar. Lágrimas brilhavam no rosto de uma garota, prateadas sob a luz.

Até mesmo Brianna se esqueceu de todo o resto. Ela soltara o braço dele e estava inclinada para a frente, envolvida no momento.

Era um lindo dia para ser norte-americano.

Ele sentiu um receio momentâneo ao ver todos eles tão atentos, tão fervorosamente orgulhosos, e ela fazendo parte de tudo aquilo. *Era* um século diferente, há duzentos anos de ontem.

Poderia haver um ponto em comum entre eles, um historiador e uma engenheira? Ele olhando para trás, para os mistérios do passado, e ela para o futuro e seu brilho chamativo?

E então, as pessoas da sala relaxaram comemorando e conversando, e ela se virou nos braços dele para beijá-lo com intensidade e se agarrar a ele, e Roger pensou que talvez não importasse o fato de eles estarem voltados para direções opostas desde que olhassem um para o outro.

PARTE III

Piratas



6

ENCONTRO UMA HÉRNIA

Junho de 1767

— Odeio barcos — disse Jamie entre dentes. — Detesto barcos. Vejo os barcos com a mais profunda repulsa.

O tio de Jamie, Hector Cameron, vivia em um local chamado River Run, acima de Cross Creek. Por sua vez, Cross Creek ficava em algum ponto rio acima de Wilmington; cerca de trezentos e vinte quilômetros. Nessa época do ano, pelo que nos disseram, a viagem de barco poderia levar de quatro dias a uma semana, dependendo do vento. Se fôssemos por terra, a viagem poderia durar duas semanas ou mais, dependendo de fatores como estradas alagadas, lama e eixos quebrados.

— Rios não têm ondas — falei. — E pensar em andar a pé na lama por trezentos e vinte quilômetros me deixa muito mais irritada. — Ian abriu um sorriso, mas logo mudou para uma expressão de indiferença quando Jamie olhou na direção dele. — Além disso — eu disse a Jamie —, se você ficar enjoado, ainda tenho minhas agulhas. — apalpei o bolso onde meu conjunto de agulhas douradas de acupuntura estavam dentro do estojo de marfim.

Jamie soltou o ar com força pelo nariz, mas não disse mais nada. Aquele assunto se resolveu, e o maior problema continuava sendo pagar a passagem do barco.

Não éramos ricos, mas tínhamos um pouco de dinheiro como resultado de um momento de sorte no caminho. Andando para o norte a partir de Charleston e acampando longe da estrada à noite,

descobrimos uma propriedade abandonada na mata, sua clareira quase tomada pelas plantas que cresciam.

Mudas de choupo-do-canadá se esticavam como lanças pelas frestas do telhado caído, e um azevinho passava por uma abertura grande na parede de argila. As paredes estavam meio caídas, apodrecidas e tomadas por lodo verde e ferrugem. Não havia como saber há quanto tempo o local estava abandonado, mas a cabana e a clareira seriam engolidas pela mata em alguns anos, sem nada para marcar sua existência, exceto um dólmen tombado de pedras de chaminé.

No entanto, florescendo de modo incongruente entre as árvores que invadiam o local, estavam os restos de um pequeno pomar de pêssegos, cujos frutos estavam muito maduros, repletos de abelhas. Comemos o máximo que conseguimos, dormimos no abrigo das ruínas, acordamos antes do amanhecer e enchemos a carroça com montes do fruto dourado e macio, suculento e aveludado.

Vendemos as frutas pelo caminho e chegamos em Wilmington com as mãos grudentas, um saco de moedas — a maioria formada por pence — e um cheiro de fermentação que se prendia em nossos cabelos, nossas roupas e nossa pele, como se todos tivéssemos mergulhado em licor de pêssego.

— Leve isto — Jamie me aconselhou, entregando o pequeno saco de couro dentro do qual estava nossa fortuna. — Compre o que puder para provisões, mas não compre nenhum pêssego, entendeu? E compre também mais umas coisinhas para que não pareçamos *muito* mendigos quando chegarmos à casa dos meus parentes. Linha e agulha, talvez?

Ele ergueu uma sobrancelha e assentiu na direção do rasgo grande no casaco de Fergus, provocado quando este caiu de um pessegueiro.

— Duncan e eu andaremos por aí para ver se conseguimos vender a carroça e os cavalos, e perguntar onde encontramos um barco. Se houver um ourives por aqui, talvez eu veja quanto ele daria por uma das pedras — falou Jamie.

— Tome cuidado, tio — alertou Ian, franzindo o cenho ao ver as pessoas indo e vindo do porto próximo dali. — Não deixe que ninguém tire proveito do senhor, nem que alguém o roube na rua.

Jamie, com seriedade, garantiu ao sobrinho que ele tomaria o devido cuidado.

— Leve Rollo — disse Ian a ele. — Ele vai protegê-lo.

Jamie olhou para Rollo, que observava as pessoas que passavam com um olhar de atenção que sugeria pouco interesse social e muito apetite.

— Ah, sim — disse ele. — Vamos, então, cachorrinho. — Ele olhou para mim ao se virar para partir. — Talvez você devesse comprar alguns peixes secos também.

Wilmington era uma cidade pequena, mas devido à sua situação privilegiada como porto em um rio navegável, orgulhava-se não só de uma feira e uma doca de despacho, como também de várias lojas de artigos de luxo importados da Europa, além de produtos da região para suprir as necessidades do dia a dia.

— Feijões, tudo bem — disse Fergus. — Gosto de feijões, mesmo em grande quantidade. — Ele jogou o saco de pano sobre o ombro, equilibrando o peso. — E pão, claro que devemos ter pão... e farinha, sal e gordura. Carne salgada, cerejas secas, maçãs frescas, tudo do bom e do melhor. Peixe, com certeza. Também acho que agulhas e linha são necessárias. Até a escova de cabelos — continuou, olhando de soslaio para meus cabelos que, inspirados pela umidade, faziam um grande esforço para escapar do confinamento imposto por meu chapéu de aba larga. — E os remédios do boticário, tudo bem. Mas *renda*?

— Renda — afirmei. Enfiei o pequeno pacote de papel dentro do qual havia três metros de renda de Bruxelas no cesto grande que ele carregava. — Assim como fitas. Um metro de cada fita larga de seda — eu disse à jovem que transpirava atrás do balcão. — A vermelha é sua, Fergus, então não reclame. Verde para Ian, amarela para Duncan e azul-escura para Jamie. E não, não é

extravagância. Jamie não quer que pareçamos maltrapilhos quando encontrarmos seus tios.

— E você, tia? — perguntou Ian, sorrindo. — Certamente, não permitirá que os homens fiquem bonitos e você fique como um pardal?

Fergus soltou o ar, ao mesmo tempo exasperado e divertido.

— Aquela — disse ele, apontando para um rolo de rosa-escuro.

— É uma cor para moça — protestei.

— As mulheres nunca estão velhas demais para vestir roupas cor-de-rosa — respondeu Fergus. — Já ouvi *les mesdames* dizerem isso muitas vezes. — Eu já tinha ouvido as opiniões de *les mesdames*. Fergus passara sua juventude em um bordel e, a julgar pelos vestígios, boa parte de sua vida adulta também. Pensei que ele superaria esse hábito agora que estava casado com a enteada de Jamie, mas com Marsali ainda na Jamaica à espera do nascimento do primeiro filho do casal, tive minhas dúvidas. Fergus era francês, afinal de contas.

— Acredito que as madames saibam das coisas — falei. — Certo, vou levar a rosa também.

Cheios de cestos e sacos com provisões, entramos na rua. Estava quente e muito úmido, mas vinha uma brisa do rio, e depois de ficarmos confinados dentro da loja, o ar parecia doce e refrescante. Olhei em direção ao porto, onde dava para ver os mastros de várias pequenas embarcações, balançando lentamente ao ritmo da corrente, e vi o corpo alto de Jamie passar entre dois prédios, com Rollo logo atrás.

Ian gritou e acenou, e Rollo desceu a rua, balançando a cauda sem parar ao ver seu dono. Havia poucas pessoas do lado de fora a essa hora do dia; aquelas com comércio na rua estreita se encolhiam contra a parede mais próxima para evitar encontros.

— Minha nossa! — Ouvi uma voz arrastada em algum ponto acima de onde eu estava. — Acho que é o maior cachorro que já vi. — Eu me virei e vi um senhor sair da frente de uma taverna, erguendo o chapéu educadamente para mim. — A seu dispor, senhora. Espero que ele não goste de carne humana.

Olhei para o homem que se dirigia a mim e depois para cima. Evitei expressar a opinião de que Rollo dificilmente seria uma ameaça para ele.

Meu interlocutor era um dos homens mais altos que eu já vira. Era vários centímetros mais alto do que Jamie. Esguias e magras, suas mãos enormes terminavam na altura dos meus cotovelos, e o cinto de couro decorado na cintura dele batia em meu peito. Eu poderia ter pressionado o nariz em seu umbigo se ele tivesse me atacado, o que felizmente não aconteceu.

— Não, ele come peixe — garanti a meu novo conhecido.

Percebendo que eu erguia o pescoço, ele gentilmente se abaixou, e seus joelhos estalaram como tiros de fuzil. Os traços do seu rosto eram obscurecidos por uma barba preta volumosa. Um nariz incongruamente empinado aparecia e, acima dele, dois olhos castanhos arregalados e gentis.

— Bem, fico contente por saber disso. Não gostaria que me arrancassem um pedaço da perna logo cedo. — Ele tirou um chapéu desabado com uma desajeitada pena de peru enfiada na aba, fez uma reverência para mim, e seus cachos negros caíram sobre os ombros. — John Quincy Myers, a seu dispor, senhora.

— Claire Fraser — eu disse, estendendo a mão, fascinada.

Ele estreitou os olhos por um momento, levou meus dedos ao nariz e os cheirou, e então olhou para a frente e abriu um amplo sorriso, charmoso apesar de não ter metade dos dentes.

— Ora, você é uma mulher sábia, não?

— Sou?

Ele virou minha mão com cuidado, traçando com os dedos as manchas de clorofila ao redor das cutículas.

— Uma mulher de dedos verdes pode apenas estar cuidando de suas rosas, mas uma mulher cujas mãos cheiram a raiz de sassafrás e a ipecacuanha sabe mais do que apenas fazer as flores desabrocharem. Não acha que é isso mesmo? — perguntou ele, olhando de modo simpático para Ian, que encarava o sr. Myers com interesse não disfarçado.

— Ah, sim! — Ian garantiu a ele. — A tia Claire é uma curadora famosa. Uma sábia! — Ele olhou para mim com orgulho.

— É mesmo, rapaz? Bem, puxa. — O sr. Myers olhou ao redor com interesse e voltou-se para mim. — Minha nossa! Que sorte! E eu pensando que teria que esperar até chegar às montanhas e encontrar um xamã para cuidar da situação.

— Está doente, sr. Myers? — perguntei.

Ele não parecia, mas era difícil saber, pois a barba, os cabelos e uma camada fina e oleosa de sujeira pareciam cobrir tudo que não podia ser escondido pelas peças puídas. A única exceção era sua testa. Normalmente protegida do sol pelo chapéu de feltro preto, ela agora estava exposta, uma faixa bem branquinha.

— Não diria doente — respondeu ele. De repente, ficou de pé e começou a puxar a barra de sua camisa de camurça. — Mas não é gonorreia nem varíola, porque já vi como é.

O que pensei serem calças eram, na verdade, leggings compridas de camurça, com proteções por cima. Ainda falando, o sr. Myers segurou a peça de couro que escondia as roupas íntimas e começou a mexer no nó do cordão.

— Mas é uma maldição. De repente, ocorre um grande inchaço que começa atrás das minhas bolas. Totalmente inconveniente, como pode imaginar, apesar de não causar dor alguma, exceto quando estou montado num cavalo. Talvez a senhora possa dar uma olhada e me dizer o que devo usar para melhorar.

— Ah... — falei, olhando rapidamente para Fergus, que apenas mudou a posição do saco de feijões e parecia estar se divertindo. Desgraçado.

— Posso ter a honra de conhecer o sr. John Myers? — Ouvi uma voz escocesa e educada atrás de mim.

O sr. Myers parou de mexer na roupa e olhou para a frente com um olhar inquiridor.

— Não sei se é um prazer ou não, senhor — respondeu ele de modo cortês. — Mas se está procurando o Myers, acabou de encontrá-lo.

Jamie se colocou atrás de mim, posicionando-se cuidadosamente entre mim e a proteção das pernas do sr. Myers. Ele se inclinou para a frente de modo formal, com o chapéu embaixo do braço.

— James Fraser, a seu dispor, senhor. Disseram-me que eu deveria mencionar o sr. Hector Cameron ao me apresentar.

O sr. Myers olhou para os cabelos ruivos de Jamie com interesse.

— É escocês, certo? Seria habitante das Terras Altas?

— Sou escocês, sim, e das Terras Altas.

— É parente do velho Hector Cameron?

— Ele é tio de minha esposa, senhor, mas eu não o conheci pessoalmente. Soube que é seu conhecido e que o senhor pode concordar em levar meu grupo à propriedade dele.

Os dois homens observavam um ao outro de cima a baixo enquanto falavam, avaliando a postura, a roupa e o armamento. Os olhos de Jamie se fixaram com aprovação na comprida faca embainhada no cinto do marceneiro, e as narinas do sr. Myers se entreabriram com interesse.

— *Comme deux chiens* — disse Fergus em voz baixa atrás de mim. Como dois cães. — ... *aux culs*. — Quando se der conta, eles estarão cheirando o traseiro um do outro.

O sr. Myers olhou para Fergus e eu vi um brilho repentino de bom humor em seus olhos castanhos antes de ele voltar a analisar Jamie. Por mais ignorante que o marceneiro pudesse ser, era evidente que sabia um pouco de francês.

Devido às inclinações olfativas do sr. Myers e à sua falta de recato, eu não me surpreenderia se ele se colocasse de quatro e agisse do modo sugerido por Fergus. Mas ele se contentou com uma cuidadosa análise que envolveu não apenas Jamie, mas também Ian, Fergus, Rollo e eu.

— Belo cão — disse ele descontraído, mostrando a mão grande ao animal. Rollo, apesar de estar sendo convidado, fez a inspeção como quis, cheirando dos mocassins à proteção da calça enquanto a conversa prosseguia.

— Seu tio, é? Ele sabe que você está vindo?

Jamie balançou a cabeça, negando.

— Não sei dizer. Enviei uma carta da Geórgia há um mês, mas não tenho como saber se ele já a recebeu.

— Acho que não — disse Myers de modo pensativo. Ele observou o rosto de Jamie e então olhou rapidamente para nós.

— Conheci sua esposa. Este é seu filho? — Ele fez um meneio de cabeça a Ian.

— Meu sobrinho, Ian. Meu filho de criação, Fergus. — Jamie fez as apresentações balançando a mão. — E um amigo, Duncan Innes, que virá em breve.

Myers resmungou, assentindo, e se decidiu.

— Bem, imagino que posso levá-los à propriedade de Cameron sem problema. Queria ter certeza de que o senhor é parente dele, mas tem a mesma feição da viúva Cameron. O garoto também, um pouco.

Jamie levantou a cabeça depressa.

— A *viúva* Cameron?

Um sorriso irônico surgiu em meio à barba volumosa.

— O velho Hector pegou uma grave infecção de garganta e morreu no fim do último inverno. Imagino que ele não receba muitas correspondências, independentemente de onde esteja agora.

Deixando os Cameron de lado por motivos de interesse pessoal mais imediato, Myers retomou as escavações interrompidas.

— É uma coisa grande e roxa — explicou ele, mexendo no calção largo. — Quase tão grande quanto uma de minhas bolas. A senhora não pode achar que, de repente, eu decidi deixar uma bola extra crescer, não é?

— Bem, não — falei, mordendo o lábio. — Duvido. — Ele se movia muito lentamente, mas já tinha quase desfeito o nó de sua roupa. As pessoas na rua estavam começando a parar e olhar.

— Por favor, não se incomode — falei. — Acho que sei o que é... é uma hérnia inguinal.

Os olhos castanhos se arregalaram mais.

— É? — Ele parecia impressionado e nem um pouco decepcionado com a notícia.

— Eu teria que examinar... em algum lugar reservado, quero dizer — acrescentei depressa —, para ter certeza, mas parece que é isso. É bem fácil de resolver por meio de cirurgia, mas... — Hesitei,

olhando para o Colosso. — Eu não poderia... quero dizer, o senhor precisaria estar adormecido, inconsciente. Teria que cortá-lo e costurá-lo de novo, sabe? Talvez uma faixa, um suporte, fosse melhor.

Myers passou a mão lentamente pelo rosto, pensativo.

— Não, já tentei isso, não adianta. Mas cortar... Vocês ficarão aqui na cidade durante um tempo até irem à propriedade de Cameron?

— Não muito — interrompeu Jamie. — Devemos subir o rio para a propriedade de minha tia assim que a passagem for arranjada.

— Ah. — O gigante pensou nisso por um momento, e então assentiu, sorrindo.

— Conheço o homem certo para o senhor. Vou agora mesmo buscar Josh Freeman no Sailor's Rest. O sol ainda está alto, ele não estará embriagado demais para trabalhar. — Myers fez uma reverência, levando o chapéu à barriga. — E então, será que sua esposa poderia ter a gentileza de me encontrar na taverna de lá? É um pouco mais calma que o Sailor's... para poder olhar esta... esta... — Vi seus lábios tentarem pronunciar as palavras "hérnia inguinal", e então desistirem do esforço e relaxarem. — Esta obstrução.

Ele colocou o chapéu de novo na cabeça e, fazendo uma reverência a Jamie, foi embora.

Jamie observou o gigante descer a rua mancando, sendo interrompido pelos cumprimentos cordiais de todos pelos quais passava.

— O que você tem, Sassenach? — perguntou ele de modo tranquilo, ainda olhando para Myers.

— O que *eu* tenho?

Ele se virou e estreitou os olhos para mim.

— O que você tem que faz todos os homens que a veem quererem tirar a roupa depois de cinco minutos de conversa?

Fergus riu baixinho e Ian ficou corado. Eu fiz cara de recatada.

— Bem, se você não sabe, meu caro, ninguém mais sabe — falei. — Parece que *eu* consegui um barco para nós. E o que você

fez hoje cedo?

Esforçado como sempre, Jamie encontrou um possível comprador de pedras. E não apenas um comprador, mas um convite para jantar com o governador.

— O governador Tryon está na cidade agora — explicou ele. — Está na casa de um tal sr. Lillington. Conversei hoje cedo com um comerciante chamado MacEachern, que me colocou em contato com um homem chamado MacLeod, que...

— Que o apresentou a MacNeil, que o levou a beber com MacGregor, que contou tudo sobre seu sobrinho Bethune, que é primo em segundo grau do garoto que limpa as botas do governador — sugeri, familiar com os caminhos bizantinos das negociações escocesas.

Coloque dois escoceses das Terras Altas em uma sala juntos e, em dez minutos, eles saberão a história de suas famílias nos últimos duzentos anos e também descobrirão um número interessante de parentes e conhecidos em comum.

Jamie sorriu.

— Era o secretário da esposa do governador — corrigiu ele —, e seu nome é Murray. É o filho mais velho da prima de seu pai, Maggie, de Loch Linnhe — disse ele a Ian. — O pai dele emigrou depois da Revolta. — Ian assentiu casualmente, sem dúvida armazenando a informação em sua própria versão da enciclopédia genética, guardada para o dia em que fosse útil.

Edwin Murray, o secretário da esposa do governador, recebera Jamie de modo caloroso como parente — ainda que apenas pela parte da esposa — e havia obtido um convite para que jantássemos no Lillington naquela noite, para deixar o governador por dentro dos negócios nas Índias. Na verdade, queríamos conhecer o barão Pezler, um nobre alemão bem de vida que também estaria jantando ali. O barão era não só um homem rico, como também de bom gosto, com fama de colecionador de objetos finos.

— Bem, parece uma boa ideia — falei, incerta. — Mas acho melhor você ir sozinho. Não posso jantar com governadores *deste*

jeito.

— Ah, você está f... — Ele parou de falar quando olhou para mim. Percorreu meu corpo com o olhar, viu meu vestido puído e sujo, os cabelos despenteados e o chapéu sem forma.

Ele franziu o cenho.

— Não. Quero você lá, Sassenach. Posso precisar de uma distração.

— Por falar em distração, de quanta bebida precisou para conseguir um convite para jantar? — perguntei, pensando em nossas finanças cada vez menores. Jamie não hesitou, mas segurou meu braço e me virou em direção à fila de lojas.

— Seis, mas ele pagou metade. Venha, Sassenach. O jantar é às sete, e precisamos encontrar algo decente para você usar.

— Mas não podemos comprar...

— É um investimento — afirmou Jamie. — Além disso, o primo Edwin me adiantou um pouco pela venda de uma pedra.

O vestido estava fora de moda havia dois anos, em comparação aos padrões da Jamaica, mas estava limpo, o que era o principal, na minha opinião.

— A senhora está pingando, madame. — A voz da costureira era fria. A mulherzinha de meia-idade era a principal costureira de Wilmington, e pelo que entendi, estava acostumada a ver suas ordens de moda obedecidas sem questionamentos. Quando rejeitei usar um chapéu com babados, preferindo deixar os cabelos recém-lavados soltos, ela não gostou e previu pleurisia, e os grampos que ela mantinha na boca se eriçaram como os espinhos de um porco-espinho diante da minha insistência de substituir o corpete pesado normal por uma peça leve, moldada no topo para levantar os seios sem apertá-los.

— Desculpe. — Enfiei a mecha ofensora dentro da toalha de linho que envolvia minha cabeça.

Os quartos de hóspedes da grande casa do sr. Lillington estavam totalmente ocupados pelo grupo do governador, e fui relegada ao pequeno sótão do primo Edwin em cima do estábulo.

Enquanto eu me vestia, ouvia patas batendo no chão e animais relinchando, sons pontuados pelos esforços monótonos do assovio do cavaliço que limpava as baias.

Ainda assim, não senti vontade de reclamar. Os estábulos do sr. Lillington eram bem mais limpos do que a pousada onde Jamie e eu havíamos deixado nossos companheiros, e a sra. Lillington gentilmente oferecera uma bacia grande com água e uma pedra de sabão com cheiro de lavanda, uma consideração ainda maior do que o vestido limpo. Eu esperava nunca mais ver um pêssogo na vida.

Fiquei na ponta dos pés tentando espiar pela janela para ver se Jamie estava chegando, mas desisti ao ouvir um gemido de reclamação da costureira, que tentava ajustar a barra da minha saia.

O vestido em si não era tão ruim. Era de seda cor de creme, com meia manga e muito simples, mas com faixas de seda cor de vinho no quadril, e duas tiras de seda da mesma cor que subiam em duas fileiras da cintura aos seios. Com a renda de Bruxelas que eu havia comprado costurada nas mangas, pensei que estaria bem, apesar de o tecido não ser exatamente da melhor qualidade.

A princípio, eu me surpreendi com o preço, incrivelmente baixo, mas agora percebia que o tecido do vestido era mais áspero do que o normal, com fios grossos que refletiam a luz. Curiosa, eu o esfreguei entre os dedos. Não sabia muito bem como avaliar uma seda, mas um conhecido chinês havia passado a maior parte de uma tarde a bordo de um navio me explicando o trabalho dos bichos-da-seda, e a variação sutil no resultado.

— De onde vem essa seda? — perguntei. — Não é seda da China. É da França?

A costureira olhou para cima, com a carranca temporariamente aliviada pelo interesse.

— Não, na verdade não. É da Carolina do Sul. Uma madame, a sra. Pinckney, investiu metade de sua terra em amoreiras e criou bichos-da-seda nelas. O pano pode não ser tão fino quanto o da China — reconheceu ela de modo relutante —, mas também não chega à metade do preço.

Ela estreitou os olhos para mim, assentindo devagar.

— Vai servir e os detalhes são bons; eles trazem cor a seu rosto. Perdoe-me, madame, mas a senhora precisa de algo acima do colo, para não parecer simples demais. Se não tiver um chapéu nem uma peruca, teria uma fita?

— Ah, uma fita! — falei, lembrando. — Sim, que boa ideia! Olhe no cesto ali e você verá uma fita que deve servir.

Nós duas conseguimos prender meus cabelos num penteado frouxo com a fita cor-de-rosa, com cachos úmidos e encaracolados descendo ao redor das orelhas e da sobrancelha. Eu não tinha como detê-los.

— Não está muito infantil, está? — perguntei, subitamente preocupada. Alisei a frente do corpete, que se ajustava confortavelmente, e com bom caimento, ao redor da minha cintura.

— Ah, não, madame — disse a costureira. — Está muito apropriado, eu garanto. — Ela franziu o cenho ao olhar para mim, calculando. — Só o colo está meio *nu* ainda. Não tem nenhuma joia?

— Só esta. — Nós nos viramos surpresas quando Jamie espiou pela porta, pois nenhuma de nós ouvira sua aproximação.

Ele conseguira tomar um banho e encontrar uma camisa limpa e um lenço para o pescoço. Além disso, alguém havia ajeitado seus cabelos em uma trança presa com a nova fita azul de seda. Seu casaco de uso comum tinha sido escovado e decorado com botões prateados, cada um deles com uma pequena flor no centro.

— Muito bonito — falei, tocando uma delas.

— Alugados do ourives — disse ele. — Mas servem. Isto também, eu acho. — Ele pegou um lenço imundo do bolso e, de dentro dele, tirou uma fina corrente de ouro. — Ele não tinha tempo para nada, apenas para o mais simples — disse ele, franzindo o cenho, concentrado, enquanto prendia a corrente no meu pescoço. — Mas acho que assim é melhor, não é?

O rubi brilhava logo acima do vinco entre meus seios, lançando um brilho rosado e claro contra a minha pele branca.

— Que bom que escolheu essa pedra — falei, tocando-a com cuidado. Ela estava quente por causa do corpo dele. — Combina

muito mais com o vestido do que a safira ou a esmeralda.

A costureira ficou levemente surpresa. Olhou para mim e para Jamie, com uma impressão muito melhor a respeito de nossa posição social.

Jamie parou para observar o resto da minha roupa. Seus olhos desceram devagar da minha cabeça à barra do vestido e ele abriu um sorriso amplo.

— Você parece uma caixa de joias, Sassenach — disse ele. — Uma bela distração, não?

Ele olhou pela janela, onde um tom coral fraco manchava o céu da noite, e então se virou para mim e fez uma reverência.

— Poderia me conceder o prazer de sua companhia para o jantar, madame?

GRANDES OPORTUNIDADES CHEIAS DE PERIGOS

Apesar de estar familiarizada com a disposição do século XVIII de se comer qualquer coisa que pudesse ser fisicamente dominada e arrastada para a mesa, eu não havia me acostumado à mania de apresentar carnes de animais selvagens como se eles não tivessem passado pelos processos intermediários de serem mortos e cozidos antes de serem servidos no jantar.

Então olhei para o esturjão à minha frente com total falta de apetite. Com olhos, escamas, nadadeiras e cauda, o peixe de sessenta centímetros estava disposto de forma majestosa sobre um consomê de ovas, decorado com grande quantidade de pequenos caranguejos apimentados, que tinham sido fervidos inteiros e espalhados de modo artístico pelo prato.

Tomei mais um grande gole de vinho e me virei para meu companheiro de jantar, tentando desviar o olhar dos olhos grandes do esturjão a meu lado.

— ... o sujeito mais impertinente! — dizia o sr. Stanhope ao descrever um cavalheiro que ele conhecera em um restaurante a caminho de Wilmington, saindo de sua propriedade perto de New Bern. — E no meio de nosso lanche, ele começou a falar de suas hemorroidas e do tormento que elas lhe causavam com os solavancos constantes da carroça. E então, o mal-educado puxou um lenço do bolso, todo manchado de sangue, para provar! Acabou com o meu apetite, senhora, posso lhe garantir — disse ele, enchendo um garfo com fricassê de frango. Mastigou devagar,

olhando para mim com seus olhos grandes e claros, que desconfortavelmente me faziam lembrar os do esturjão.

Do outro lado da mesa, os lábios de Phillip Wylie esboçaram um sorriso.

— Cuidado para a sua conversa não provocar um efeito parecido, Stanhope — falou ele, meneando a cabeça para o meu prato intocado. — Mas uma certa grosseria das pessoas é um dos perigos do transporte público, admito.

Stanhope fungou, afastando migalhas das dobras do lenço no pescoço.

— Não precisa dizer, Wylie. Não é qualquer um que consegue ter um condutor de carruagem, principalmente com os preços de hoje em dia. Não está fácil para ninguém! — Ele balançou o garfo indignado. — Tabaco, vinho, conhaque, tudo bem, mas uma taxa sobre *jornais*, já ouviu algo assim? Ora, o filho mais velho da minha irmã conseguiu se formar na Universidade de Yale no ano passado — ele inflou o peito sem perceber, falando um pouco mais alto do que o normal —, e ela teve que pagar meio xelim apenas para que o diploma dele fosse carimbado oficialmente!

— Mas isso não acontece mais agora — disse o primo Edwin sem paciência. — Desde a derrubada da Lei do Selo...

Stanhope pegou um dos pequenos caranguejos do prato e o balançou na frente de Edwin de modo acusatório.

— Nós nos livramos de uma taxa e aparece outra no lugar. Como cogumelos! — Ele enfiou o caranguejo na boca e murmurou algo ininteligível sobre cobrar impostos sobre o ar.

— A senhora veio recentemente das Índias, certo, madame Fraser? — O barão Penzler, do meu outro lado, aproveitou a oportunidade momentânea para interromper. — Duvido que esteja familiarizada com assuntos tão banais... ou que se interesse por eles — acrescentou, meneando a cabeça de modo simpático a Stanhope.

— Ah, certamente todos se interessam por impostos — falei, e virei um pouco para o lado como se quisesse mostrar meu busto para conseguir um efeito melhor. — Ou não acha que os impostos são o preço de uma sociedade civilizada? Mas depois de ouvir a

história do sr. Stanhope — assenti para o meu outro lado —, talvez ele concorde que o nível da civilização não seja igual ao nível de impostos.

— Ha ha! — Stanhope engasgou com o pão, cuspidando migalhas. — Ah, muito bom! Não é igual a... ha ha ha, não, certamente não!

Phillip Wylie me lançou um olhar irônico de reconhecimento.

— A senhora deve tentar não ser tão divertida, sra. Fraser — aconselhou ele. — Pode causar a morte do pobre Stanhope.

— Hum... qual o senhor acredita que seja o índice atual de impostos? — perguntei, cuidadosamente afastando a atenção das incoerências de Stanhope.

Wylie contraiu os lábios, pensativo. Um janota, ele usava as perucas da moda e um pequeno adesivo em forma de estrela ao lado da boca. Mas por baixo do pó, pensei ter visto um rosto belo e um cérebro muito sagaz.

— Ah, levando em consideração todas as despesas, eu diria que isso não responde por dois por cento de toda a renda, se incluíssemos os impostos sobre os escravos. Acrescentando os impostos sobre as terras e plantações talvez aumente um pouco mais.

— Dois por cento! — exclamou Stanhope, assustado, batendo no próprio peito. — Injusto! Simplesmente injusto!

Com lembranças vívidas do meu último imposto de renda, concordei de modo compreensivo que o índice dos impostos era realmente um ultraje, e refleti sobre o que acontecera com o espírito corajoso dos pagadores de impostos norte-americanos nos duzentos anos seguintes.

— Mas talvez devêssemos mudar de assunto — falei, vendo que cabeças começavam a girar em nossa direção na mesa. — Afinal, falar de impostos na mesa do governador é meio como falar da corda na casa do enforcado, não?

Com isso, o sr. Stanhope engoliu um caranguejo inteiro e engasgou.

Seu companheiro do outro lado bateu em suas costas para ajudar, e o garotinho negro que se ocupava afastando as moscas

perto das janelas abertas foi buscar água a pedido de alguém. Observei uma faca afiada e comprida ao lado do prato de peixe, se precisasse, mas esperava não ter que realizar uma traqueostomia ali. Não era o tipo de atenção que eu pretendia atrair.

Felizmente, medidas tão drásticas não se fizeram necessárias. O caranguejo foi retirado com um tapa, deixando a vítima arroxeadada e sem fôlego, mas ilesa.

— Alguém tinha falado algo sobre jornais — eu disse, assim que o sr. Stanhope foi salvo de seus excessos. — Estamos aqui há tão pouco tempo que não vi nenhum. Há algum jornal impresso em Wilmington?

Eu tinha segundas intenções ao fazer essa pergunta, além do desejo de dar um tempo ao sr. Stanhope para que se recuperasse. Entre os poucos bens materiais que Jamie tinha, havia uma prensa, que no momento estava guardada em Edimburgo.

Wilmington, pelo que parecia, tinha duas prensas, mas apenas um daqueles cavalheiros — um tal de sr. Jonathan Gillette — produzia um jornal com regularidade.

— E em breve pode deixar de ser tão frequente — disse Stanhope com seriedade. — Soube que o sr. Gillette recebeu um alerta do Comitê de Segurança de que... Ah! — Ele fez uma breve exclamação, o rosto redondo retorcido pela desagradável surpresa.

— Tem um interesse em especial, sra. Fraser? — perguntou Wylie de modo educado, lançando um olhar contido para o amigo. — Soube que seu marido tinha ligações com um negócio de impressão em Edimburgo.

— Sim — falei, um tanto surpresa por ele saber tanto sobre nós. — Jamie possuía um negócio de impressão lá, apesar de não editar um jornal, mas sim livros, panfletos, peças e coisas do gênero.

Wylie arqueou a sobrancelha fina.

— Então seu marido não tem inclinações políticas? Geralmente, os impressores veem suas habilidades sujeitadas a pessoas cujas paixões procuram uma maneira de se mostrar por impresso, ainda que eles não compartilhem dessas opiniões.

Isso me deixou muito em alerta. Wylie sabia alguma coisa sobre as ligações políticas de Jamie em Edimburgo — a maioria totalmente subversiva — ou aquela era apenas uma conversa desprezível durante o jantar? A julgar pelos comentários de Stanhope, era óbvio que os jornais e a política estavam relacionados na mente das pessoas — e dada a época em que viviam, isso não era uma grande surpresa.

Jamie, na ponta da mesa, ouvira seu nome e agora virava a cabeça levemente para sorrir para mim, antes de voltar a conversar com o governador, que estava sentado ao seu lado direito. Eu não sabia ao certo se aquele posicionamento tinha sido coisa do sr. Lillington, sentado à esquerda do governador, que acompanhava a conversa com a expressão inteligente e um pouco pesarosa de um basset, ou do primo Edwin, sentado à minha frente, entre Phillip Wylie e sua irmã, Judith.

— Ah, um comerciante — disse a moça num tom significativo de voz. Ela sorriu para mim, tomando o cuidado de não expor os dentes. Provavelmente eram podres, pensei. — E esse — ela fez um aceno vago com a cabeça, comparando meu laço com a peruca alta dela — é o estilo em Edimburgo, sra. Fraser? Que... charmoso.

Seu irmão estreitou os olhos para ela.

— Acredito também ter ouvido falar que o sr. Fraser é sobrinho da sra. Cameron de River Run — disse ele de modo agradável. — Fui corretamente informado, sra. Fraser?

O primo Edwin, que sem dúvida fora a fonte da informação, passou manteiga no pão com muita concentração. Ele se parecia muito com um secretário, um rapaz alto e contido com olhos castanhos vívidos — e um deles agora sugeria uma leve piscada.

O barão, tão entediado com os jornais quanto com os impostos, se empertigou um pouco ao ouvir o nome Cameron.

— River Run? — perguntou ele. — Tem parentesco com a sra. Jocasta Cameron?

— Ela é a tia do meu marido — respondi. — O senhor a conhece?

— Ah, sim! Uma mulher muito charmosa! — Um amplo sorriso fez as faces flácidas do barão se erguerem. — Há muitos anos sou

amigo da sra. Cameron e de seu marido, infelizmente já morto.

O barão se lançou a um relato entusiasmado dos prazeres de River Run, e aproveitei o ensejo para aceitar um pequeno pedaço de torta de peixe, cheia não só de peixe, mas de ostras e camarões em um molho cremoso. O sr. Lillington certamente não poupou esforços para impressionar o governador.

Quando me inclinei para trás a fim de permitir que o laçao servisse mais molho em meu prato, percebi que Judith Wylie olhava para mim, com os olhos estreitos numa cara de desprazer que ela não se deu ao trabalho de disfarçar. Sorri alegremente para ela, mostrando meus dentes excelentes, e me voltei para o barão com a confiança renovada.

Não havia espelhos nos aposentos de Edwin, e apesar de Jamie ter me garantido que eu estava bem, seus padrões eram muito diferentes dos da moda. Eu recebera muitos elogios de admiração dos homens à mesa, mas podiam não ter passado de educação. O galanteio extravagante era comum entre homens de classe superior.

Mas a srta. Wylie era vinte e cinco anos mais nova que eu, vestia roupas e usava joias muito modernas, e ainda que não fosse bela, tampouco era feia. Sua inveja era um reflexo melhor de minha aparência do que qualquer espelho, pensei.

— Que pedra bonita, sra. Fraser. Posso observá-la mais de perto? — O barão se inclinou na minha direção, com os dedos gordos delicadamente posicionados sobre meu decote.

— Ah, claro — disse com espontaneidade, e rapidamente abri o fecho, colocando o rubi na palma de sua mão grande e suada. O barão pareceu um pouco decepcionado por não poder examinar a pedra *in situ*, mas ergueu a mão, estreitando os olhos para o objeto reluzente com ar de conhecedor — o que ele era, evidentemente, pois enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno aparelho que era uma combinação de lentes óticas, incluindo uma lente de aumento e uma lupa de joalheiro.

Relaxe ao ver aquilo, e aceitei uma porção de algo quente e com um cheiro muito bom de um prato de vidro que foi passado pelo mordomo. O que dava nas pessoas para servirem alimentos

quentes quando a temperatura no salão devia ser de pelo menos trinta graus?

— Linda — disse o barão, rolando a pedra delicadamente na palma da mão. — *Sehr schön*.

Eu não confiava muito em Geillis Duncan para várias coisas, mas confiava em seu bom gosto para joias.

— Deve ser uma pedra de primeira classe — disse ela, explicando sua teoria da viagem no tempo por meio das pedras. — Grande e totalmente perfeita.

O rubi era grande, de fato; quase do tamanho dos ovos de codorna que cercavam o faisão emplumado na tábua. Quanto à sua perfeição, eu não tinha dúvidas. Geilie acreditava que sua pedra a levaria para o futuro; eu achava que ela provavelmente nos levaria a Cross Creek. Experimentei a comida em meu prato, um tipo de guisado, pensei, muito macio e saboroso.

— Que delícia — falei ao sr. Stanhope, erguendo o garfo cheio mais uma vez. — O senhor sabe que prato é esse?

— Ah, é um dos meus preferidos, senhora — respondeu ele, inspirando o vapor que saía do próprio prato. Ensopado de cabeça de porco. Um deleite, não?

Fechei a porta do quarto do primo Edwin e me recostei nela, aliviada por não ter mais que sorrir. Agora eu podia tirar o vestido que se grudava em meu corpo, soltar o corpete apertado e tirar os sapatos suados.

Paz, solidão, nudez e silêncio. Não conseguia pensar em mais nada que tornasse minha vida melhor naquele momento, exceto um pouco de ar fresco. Eu me despi, fiquei só com a roupa de baixo e fui abrir a janela.

O ar do lado de fora estava tão pesado, que pensei que seria capaz de andar sobre ele. Os insetos entraram de imediato e voaram ao redor da chama da vela, loucos pela luz e sedentos por sangue. Eu a soprei e me sentei perto da janela no escuro, deixando o ar quente e suave passar por cima de mim.

O rubi ainda estava pendurado em meu pescoço, escuro como uma gota de sangue contra a minha pele. Eu o toquei e deixei-o balançando entre meus seios. A pedra estava quente como o meu próprio sangue.

Do lado de fora, os convidados começavam a partir. Havia uma fila de carruagens esperando na rua.

O som das despedidas, das conversas e o riso suave me envolveram de repente.

— ... muito *sábia*, achei — resmungou Phillip Wylie.

— Ah, *sábia*, foi certamente *sábia*! — Os tons estridentes da irmã deixavam claro sua opinião acerca da sabedoria como qualidade social.

— Bem, sabedoria em uma mulher pode ser tolerada, minha cara, desde que ela seja bonita aos olhos. Da mesma maneira, uma mulher que tenha beleza pode até não ser esperta, desde que tenha o bom senso de esconder sua ausência se calando.

A srta. Wylie podia não ser acusada de sabedoria, mas certamente tinha sensibilidade adequada para perceber o comentário cruel. Ela resmungou de modo pouco feminino.

— Ela deve ter mil anos, pelo menos — respondeu ela. — Bonita, de fato. E seu pingente também era bonito — acrescentou meio contrariada.

— Ah, muito — disse uma voz mais profunda que reconheci como sendo a de Lloyd Stanhope. — Mas, na minha opinião, foi o conjunto, e não a joia, o mais interessante.

— Conjunto? — A srta. Wylie parecia inexpressiva. — Não havia conjunto. A joia estava simplesmente pousada no colo dela.

— É mesmo? — perguntou Stanhope. — Eu não tinha notado.

Wylie começou a rir, mas parou de repente, quando a porta se abriu com a saída de mais convidados.

— Bem, se não notou, senhor, outros notaram — disse ele com entonação irônica. — Venha, ali está a carruagem.

Toquei o rubi de novo, observando Wylie se afastar. Sim, outros tinham notado. Eu ainda sentia o olhar do barão em meu colo, claramente ganancioso. Acho que ele é conhecedor de mais do que apenas pedras preciosas.

A pedra esquentou em minha mão. Ela estava muito mais quente do que a minha pele, embora aquilo pudesse ser uma ilusão. Não costumo usar outras joias além dos meus anéis de casamento. Nunca liguei muito para elas. Seria um alívio me livrar de pelo menos parte de nosso tesouro perigoso. Mas ainda assim, fiquei ali segurando a pedra, protegendo-a na mão, até quase conseguir senti-la batendo como um coração à parte, no ritmo do meu sangue.

Só havia sobrado uma carruagem, com o condutor ao lado das cabeças dos cavalos. Cerca de vinte minutos depois, o ocupante saiu, acrescentando a sua despedida um bem-humorado "*Gute Nacht*" ao entrar na carruagem. Era o barão. Ele tinha esperado até a última hora e saía de bom humor. Isso me pareceu um bom sinal.

Um dos lacaios, sem o uniforme, apagava as tochas da entrada. Consegui ver o borrão claro de sua camisa quando ele voltou para a casa no escuro, e o brilho repentino na varanda quando a porta se abriu para que ele entrasse. E então, este também se apagou, e o silêncio da noite tomou conta da propriedade.

Pensei que Jamie viria logo, mas os minutos se passaram sem sinal de seus passos. Eu olhei para a cama, mas não senti vontade de me deitar.

Finalmente, eu me levantei e botei o vestido de novo, sem me preocupar com sapatos nem meias. Saí da sala, caminhando devagar pelo corredor com os pés descalços, descendo a escada pelo espaço descoberto até a casa principal e entrei pela varanda lateral do jardim. Estava escuro, exceto pelos quadrados claros de luar que apareciam pelos caixilhos. A maioria dos servos deveria ter se retirado, assim como os donos da casa e os convidados. Mas ainda era possível enxergar uma luz pelos balaústres da escada. As arandelas estavam acesas na sala de jantar mais à frente.

Ouvi o murmúrio de vozes masculinas quando passei na ponta dos pés pela escada polida e também o forte sotaque escocês de Jamie alternado com o inglês do governador, nas cadências íntimas de um tête-à-tête.

As velas tinham derretido bastante nos candeeiros. No ar, dava para sentir o cheiro adocicado da cera de abelha derretida, e nuvens baixas de fumaça fragrante de charutos pairavam do lado de fora da sala de jantar.

Movendo-me em silêncio, parei na frente da porta. Do lugar onde estava, consegui ver o governador, de costas para mim, com o pescoço esticado enquanto acendia um charuto com a vela sobre a mesa.

Se Jamie me viu, não deu nenhum sinal. Seu rosto mantinha a expressão de sempre, bem-humorada e calma, mas as linhas ao redor dos olhos e da boca estavam suavizadas, e eu percebi por seus ombros curvados que ele estava relaxado e tranquilo. Meu coração se acalmou no mesmo instante. Ele fora bem-sucedido.

— Um lugar chamado River Run — dizia ele ao governador. — No topo dos montes depois de Cross Creek.

— Conheço o lugar — comentou o governador Tryon, um pouco surpreso. — Minha esposa e eu passamos vários dias em Cross Creek no ano passado. Fizemos um passeio pela colônia na ocasião em que assumi meu escritório. River Run fica bem no topo dos montes, não na cidade. Bom, fica na metade do caminho para as montanhas, eu acho.

Jamie sorriu e bebericou seu conhaque.

— Sim, bem — disse ele —, minha família é das Terras Altas, senhor. Somos familiarizados com as montanhas.

— De fato.

Uma pequena nuvem de fumaça surgiu acima do ombro do governador. Então ele tirou o charuto da boca e se inclinou de modo confiante na direção de Jamie.

— Já que estamos sozinhos, sr. Fraser, há outro assunto que eu gostaria de discutir com o senhor. Posso servir mais? — Ele pegou a garrafa sem esperar por uma resposta e serviu mais conhaque.

— Obrigado, senhor.

O governador soltou a fumaça com força por um momento, enviando nuvens azuis para cima e, ao ver a fumaça bem alinhada, recostou-se com o charuto aceso em uma das mãos.

— O senhor chegou há pouco às Colônias, pelo que o jovem Edwin me contou. Está familiarizado com as condições aqui?

Jamie deu de ombros.

— Eu me esforcei para aprender o que pude, senhor — afirmou Jamie. — A que condições o senhor se refere?

— A Carolina do Norte é uma terra de considerável riqueza — respondeu o governador. — Mas ainda não chegou ao mesmo nível de prosperidade de seus vizinhos, devido, em grande parte, à falta de trabalhadores para aproveitar suas oportunidades. Não temos um grande porto, como o senhor sabe. Então os escravos são trazidos a um preço alto da Carolina do Sul ou da Virgínia e não podemos competir com Boston nem com a Filadélfia em relação à escravidão.

O governador fez uma pausa e prosseguiu.

— Há muito tem sido a política da Coroa, e a minha, sr. Fraser, incentivar o assentamento de terras na Colônia da Carolina do Norte por famílias inteligentes, esforçadas e de bem, para progresso da prosperidade e da segurança de todos.

Ele levantou o charuto, deu uma longa tragada e soltou a fumaça de modo lento, parando para tossir.

— Para isso, senhor, existe um sistema estabelecido de concessões de terras, no qual uma grande extensão pode ser dada a um cavalheiro com recursos, que empreenderá a tarefa de convencer um bom número de emigrantes a virem e se estabelecerem numa parte dela sob sua proteção. Essa política tem sido muito bem-sucedida nos últimos trinta anos. Muitos escoceses das Terras Altas e muitas famílias das Ilhas da Escócia foram persuadidos a vir morar aqui. Quando cheguei, fiquei surpreso ao ver as margens de Cape Fear cheias de MacNeils, Buchanans, Grahams e Campbells!

O governador experimentou o charuto de novo, mas dessa vez muito pouco. Ele estava ansioso para falar.

— Mas ainda há muita terra boa para ser cuidada, terras em direção às montanhas. É meio afastado, mas, como você mesmo disse, para homens acostumados aos confins das Terras Altas escocesas...

— Eu soube dessas concessões, senhor — interrompeu Jamie.
— Mas não é verdade que as pessoas que receberem tais concessões devam ser homens brancos, protestantes e ter mais de trinta anos? E essa decisão não é baseada na lei?

— É o que diz a lei, sim. — O sr. Tryon se virou e ficou de perfil, batendo a cinza do charuto em um pequeno cinzeiro de porcelana. Ele esboçou um sorriso ansioso; o rosto de um pescador que sente o peixe morder a isca.

— A oferta é consideravelmente interessante — falou Jamie de modo formal. — Mas devo dizer que nem eu nem a maioria de meus parentes é protestante.

O governador contraiu os lábios em desaprovação, erguendo uma sobrancelha.

— O senhor não é judeu nem negro. Posso falar de cavalheiro para cavalheiro, certo? Com toda a franqueza, sr. Fraser, existe a lei e existe o que é feito. — Ele ergueu o copo com um leve sorriso, jogando o anzol. — E tenho certeza de que o senhor entende isso tão bem quanto eu.

— Possivelmente até melhor — murmurou Jamie com um sorriso educado.

O governador olhou para ele com olhos penetrantes, mas então riu. Ergueu seu copo de conhaque em reconhecimento e bebericou.

— Nós nos entendemos, sr. Fraser — disse ele, assentindo com satisfação. Jamie inclinou a cabeça levemente.

— Então não haveria dificuldades em relação às qualificações pessoais daqueles que podem ser convencidos a aceitar sua oferta?

— Nenhuma — respondeu o governador, pousando o copo com um baque. — Desde que eles sejam homens fortes, capazes de trabalhar a terra, não peço mais nada. E o que não é solicitado não precisa ser dito, certo? — Ele ergueu uma sobrancelha fina de modo questionador.

Jamie virou o copo nas mãos, como se admirasse o tom profundo do líquido.

— Nem todos que passaram pela Revolta dos Stuarts tiveram a mesma sorte que eu, Excelência — disse ele. — Meu filho de criação perdeu a mão; outro de meus companheiros tem só um braço. Mas

são homens de bom caráter e esforçados. Eu não poderia, conscientemente, aceitar uma proposta que não oferecesse uma parte a eles.

O governador afastou o assunto balançando a mão.

— Desde que eles sejam capazes de ganhar o próprio pão e não sejam um problema para a comunidade, são bem-vindos.

Então, como se temesse ter sido descuidado em sua generosidade, ele se endireitou, deixando o charuto queimar na beira do cinzeiro.

— Como mencionou os jacobitas... esses homens terão que fazer um juramento de lealdade à Coroa, se é que ainda não o fizeram. Se posso perguntar, sr. Fraser, como diz ser papista... o senhor...

Os olhos de Jamie devem ter se estreitado um pouco por causa da fumaça, mas achei que não. Nem os do governador Tryon, que tinha apenas trinta e poucos anos, mas era um bom crítico do caráter alheio. Virou-se de frente para a mesa de novo, e só enxerguei suas costas, mas percebi que ele olhava atentamente para Jamie, observando os movimentos rápidos da truta dentro da água.

— Não pretendo lembrá-lo de sua indignidade passada — sussurrou o governador. — Nem ofender sua honra. Ainda assim, o senhor deve entender que é minha tarefa perguntar.

Jamie sorriu, quase sem humor.

— E a minha é responder, espero — disse ele. — Sim, sou um jacobita perdoado. E, sim, eu fiz um juramento, como os outros que pagaram esse preço por suas vidas.

De repente, ele pousou o copo ainda cheio e afastou a cadeira pesada. Ficou de pé e fez uma reverência ao governador.

— Está ficando tarde, Excelência. Peço licença para me retirar.

O governador se sentou na cadeira e levou o charuto aos lábios devagar. Tragou com força, fazendo a ponta brilhar enquanto olhava para Jamie. Então, ele assentiu, deixando uma fumaça fraca sair de seus lábios contraídos.

— Boa noite, sr. Fraser. Pense em minha oferta, está bem?

Não precisei esperar para ouvir a resposta. Atravessei o corredor depressa, sobressaltando um laçao que cochilava em um canto escuro.

Voltei para o nosso quarto emprestado na ala do estábulo sem encontrar mais ninguém e caí na cama. Meu coração batia acelerado, não só por ter corrido para subir a escada, mas pelo que eu ouvira.

Jamie pensaria na proposta do governador, é claro. E que proposta! De reaver de uma vez tudo o que havia perdido na Escócia... e mais.

Jamie não nascera dono de terras, mas a morte de seu irmão mais velho fizera com que ele se tornasse proprietário de Lallybroch, e desde os oito anos, era criado para assumir a responsabilidade por uma propriedade, para cuidar da terra e dos arrendatários, para colocar o bem-estar deles acima do seu. Então, viera Charles Stuart e sua marcha insana à glória, uma cruzada que levara seus seguidores à ruína e à destruição.

Jamie nunca havia falado mal dos Stuart nem nunca falara nada sobre Charles Stuart. Tampouco falara sobre o que aquela empreitada havia lhe custado pessoalmente.

Mas agora... ter aquilo de volta. Novas terras, cultiváveis e cheias de caça, assentadas por famílias sob seu patrocínio e sua proteção. Era como o livro de Jó, pensei — todos aqueles filhos e filhas, camelos e casas, destruídos tão casualmente, e então substituídos por presentes extravagantes.

Sempre enxerguei essa parte da Bíblia com certa dúvida. Um camelo era igual ao outro, mas os filhos eram algo bem diferente. E ainda que Jó tenha considerado a troca dos filhos como simples justiça, sempre achei que a mãe dos filhos mortos devia pensar de outra forma a respeito.

Sem conseguir me sentar, fui de novo até a janela, olhando na direção do jardim escuro.

Não era apenas a animação que fazia meu coração bater forte e minhas mãos transpirarem; era o medo. Do jeito como os assuntos estavam na Escócia desde a Revolta, não seria difícil encontrar emigrantes dispostos.

Eu já tinha visto navios chegarem ao porto nas Índias e na Geórgia, despejando a carga de emigrantes, tão cansados e abatidos pela viagem que mais pareciam vítimas dos campos de concentração; esqueletos vivos, brancos como lesmas devido aos meses presos nos porões escuros dos navios.

Apesar do custo, da dificuldade da viagem e da dor da separação de amigos e familiares, distantes da terra natal para sempre, os imigrantes chegavam, em centenas e em milhares, trazendo seus filhos, aqueles que tinham sobrevivido à travessia, e seus pertences em trouxas pequenas e puídas; fugindo da pobreza e da desesperança, não à procura de fortuna, mas só de uma base para a vida. Apenas uma chance.

Eu passara pouco tempo em Lallybroch no inverno anterior, mas sabia que havia arrendatários ali que sobreviviam apenas graças à boa vontade de Ian e do jovem Jamie, seus sítios não oferecendo o suficiente para viverem. Apesar de haver boa vontade, ela não era inesgotável. Eu sabia que os poucos recursos da propriedade costumavam ser usados ao máximo.

Além de Lallybroch, havia contrabandistas que Jamie conhecera em Edimburgo, e os fabricantes ilegais de uísque escocês — todos homens, na verdade, que se viram obrigados a recorrer à ilegalidade para alimentar suas famílias. Não, encontrar emigrantes dispostos não seria problema nenhum para Jamie.

O problema era que, para poder recrutar homens adequados para o propósito, ele teria que ir à Escócia. E, em minha mente, aparecia a imagem de uma lápide de granito num terreno escocês em um monte acima das marés e do mar.

JAMES ALEXANDER MALCOLM MACKENZIE FRASER, estava escrito, e abaixo disso, meu nome estava entalhado: *Amado marido de Claire*.

Eu o enterraria na Escócia. Mas não havia data na lápide quando a vi, duzentos anos no futuro. Não tinha como saber de onde viria o golpe.

— Ainda não — sussurrei, cerrando os punhos na seda de minha anágua. — Eu o tenho há pouco tempo... Ai, Deus, por favor, ainda não!

Como se fosse uma resposta, a porta se abriu, e James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser entrou, trazendo uma vela.

Ele sorriu para mim, afrouxando o colarinho.

— Você é muito sutil, Sassenach. Pelo visto, preciso ensiná-la a caçar um dia, pois você sabe perseguir.

Não me desculpei por ouvir a conversa, mas o ajudei com os botões do colete. Apesar de ser tarde e do conhaque, seus olhos estavam claros e em alerta, o corpo firme quando o toquei.

— É melhor você apagar a vela — falei. — Os insetos comerão você vivo. — Tirei um pernيلongo do pescoço dele para demonstrar, e o frágil corpo se desfez em uma mancha de sangue entre meus dedos.

Em meio aos cheiros de conhaque e fumaça de charuto, senti o cheiro da noite nele, e o odor almiscarado e leve da nicotina. Jamie estivera caminhando entre as flores do jardim. Ele fazia isso quando se sentia estressado ou ansioso — e não parecia estressado.

Ele suspirou e flexionou os ombros quando peguei seu casaco. A camisa estava molhada de suor por baixo, e ele a puxou para longe da pele com um resmungo de desprazer.

— Não sei como as pessoas conseguem viver com tanto calor vestidas assim. Faz sentido os selvagens andarem nus, com panos apenas para as partes íntimas.

— Seria muito mais barato, ainda que esteticamente menos atraente — falei. — Imagine o barão Penzler com uma tanga. — O barão devia pesar cerca de cento e cinquenta quilos e tinha a pele bem clara.

Ele riu, o som abafado pela camisa que ele despia.

— Você, em contrapartida... — Eu me sentei ao lado da janela, admirando a vista enquanto ele tirava as calças, equilibrando-se em uma perna para descer a meia.

Com a vela apagada, o quarto estava escuro, mas com os olhos adaptados, eu ainda conseguia vê-lo, os membros compridos e pálidos contra o veludo da noite.

— E por falar no barão... — comecei.

— Trezentas libras esterlinas — respondeu ele com tom de satisfação. Endireitou-se e jogou as meias enroladas em um

banquinho e então se inclinou para me beijar. — O que se deve, em grande parte, a você, Sassenach.

— Pelo meu valor como decoração, você quer dizer? — perguntei de modo seco, lembrando da conversa dos Wylies.

— Não — disse ele, brevemente. — Por manter Wylie e os amigos dele ocupados no jantar, enquanto eu conversava com o governador. Peça de decoração... Ah! Stanhope quase deixou os olhos em seu colo, o safado. Pensei em repreendê-lo por isso, mas...

— A discrição é a melhor qualidade — falei e me levantei para beijá-lo. — Não que eu já tenha conhecido um escocês que parecesse pensar assim.

— Sim, bem, havia meu avô, o velho Simon. Acho que podemos dizer que foi a discrição que o matou, por fim.

Percebi tanto o sorriso quanto a tensão em sua voz. Ele pouco falava sobre os jacobitas e os acontecimentos da Revolta, mas não significava que ele havia se esquecido deles. A conversa com o governador obviamente fizera com que ele se lembrasse das duas coisas.

— Eu diria que discrição e velhacaria não são a mesma coisa. E seu avô vinha pedindo aquilo havia cinquenta anos, no mínimo — respondi.

Simon Fraser, o senhor de Lovat, morrera decapitado na Torre de Londres aos setenta e oito anos, depois de levar uma vida de fraude sem precedentes; tanto pessoal quanto política. Mesmo assim, eu lamentava muito a morte do velho trapaceiro.

— Hummm. — Jamie não discutiu comigo. Em vez disso, parou ao meu lado na janela e respirou fundo, como se sentisse o cheiro perfumado da noite.

Eu conseguia ver seu rosto com clareza sob o brilho das estrelas. Estava calmo e tranquilo, mas com um olhar retraído, como se seus olhos não vissem o que havia diante deles, mas algo totalmente diferente. O passado?, pensei. Ou o futuro?

— O que dizia? — perguntei de repente. — Seu juramento?

Eu mais senti do que vi seus ombros se encolhendo um pouco.

— “Eu, James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser, juro, e responderei a Deus no dia do juízo final, que não tenho nem terei em minha posse nenhum revólver, espada, pistola ou arma que seja, e juro nunca usar tartã, xadrez ou qualquer peça de vestimenta das Terras Altas; e se o fizer, serei amaldiçoado em minhas atitudes, família e propriedade.” — Jamie respirou fundo e prosseguiu, falando de modo preciso. — “Nunca verei minha esposa, meus filhos, meu pai, minha mãe e meus parentes. Que eu seja morto em batalha como um covarde e sem enterro cristão, longe dos túmulos de meus antepassados e parentes. Que tudo isso ocorra a mim se eu quebrar meu juramento.”

— E você se importou muito? — perguntei depois de um instante.

— Não — disse ele delicadamente, ainda olhando para fora. — Naquela época, não. Existem coisas pelas quais vale a pena morrer ou passar fome... mas não palavras.

— Talvez não essas palavras.

Ele se virou para olhar para mim, os traços tênues à luz das estrelas, mas esboçava um sorriso.

— Você sabe quais palavras?

A lápide tinha seu nome, mas não a data. Eu poderia impedi-lo de voltar à Escócia, pensei. Se tentasse.

Eu me virei para olhar para ele, recostada na janela.

— E quanto a... “Eu te amo”?

Ele pegou minha mão e tocou meu rosto. Uma brisa passou por nós, e eu vi os pelos de seu braço se eriçarem.

— Sim — sussurrou ele. — Essas, sim.

Havia um pássaro cantando ali perto. Algumas notas claras, seguidas de uma resposta; um gorjear breve, e então silêncio. O céu lá fora ainda estava muito negro, mas as estrelas estavam menos brilhantes do que antes.

Eu me revirei sem conseguir dormir. Estava nua, coberta apenas por um lençol de linho, mas, mesmo de madrugada, o ar da

noite estava quente e abafado, e a leve depressão na qual eu estava deitada parecia úmida.

Eu tinha tentado dormir, mas não consegui. Até mesmo fazer amor, o que normalmente me ajudava a relaxar de satisfação, havia me deixado apenas inquieta e grudenta dessa vez. Ansiosa e preocupada ao mesmo tempo pelas possibilidades do futuro, e sem conseguir confidenciar os meus sentimentos conturbados, eu me sentia separada de Jamie; afastada e alienada, apesar da proximidade dos nossos corpos.

Eu me virei de novo, dessa vez na direção de Jamie. Ele estava na posição de sempre, de costas, o lençol amassado ao redor do quadril, as mãos delicadamente unidas sobre a barriga lisa. A cabeça estava um pouco virada no travesseiro, o rosto relaxado no sono. Com a boca entreaberta e os cílios escuros e longos tocando as faces, sob a luz fraca, ele parecia ter catorze anos.

Senti vontade de tocá-lo, sem saber se queria acariciá-lo ou cutucá-lo. Apesar de ter me dado prazer físico, tomara minha paz de espírito, e eu me senti irracionalmente brava com seu descanso tão tranquilo.

Não fiz nem uma coisa nem outra, e simplesmente me deitei de costas, onde permaneci com os olhos fechados, contando carneirinhos — que me desobedeciam por serem carneiros escoceses, pulando felizes em um cemitério, saltando lápides com alegria.

— Alguma coisa está incomodando você, Sassenach?

Ouvi a voz sonolenta ao meu lado e abri os olhos.

— Não — disse, tentando parecer igualmente grogue. — Estou bem.

Ouvi um ronco baixo e o farfalhar do colchão de palha quando ele se virou.

— Você mente muito mal, Sassenach. Está pensando tão alto que eu consigo ouvir daqui.

— Não há como ouvir as pessoas pensando!

— Mas eu consigo. Ouço você, pelo menos. — Ele riu e estendeu uma mão, que preguiçosamente se aninhou em minha

coxa. — O que foi? O caranguejo apimentado lhe causou flatulência?

— Não! — Tentei retirar a minha perna, mas a mão dele estava presa como uma sanguessuga.

— Ah, que bom. O que foi então... você finalmente pensou numa resposta sarcástica aos comentários do sr. Wylie a respeito das ostras?

— Não — respondi irritada. — Se quer saber, eu estava pensando na oferta que o governador Tryon fez a você. Pode soltar a minha perna?

— Ah — disse ele, sem soltar, mas parecendo menos sonolento. — Bem, para falar a verdade, eu também estava pensando nisso.

— O que *você* acha? — Desisti de tentar tirar a mão dele e rolei de barriga para baixo, apoiando-me no cotovelo para olhar para ele. A janela ainda estava escura, mas as estrelas já tinham deixado de brilhar tanto, desaparecendo com a aproximação do dia.

— Primeiro, gostaria de saber por que ele a fez — respondeu Jamie.

— Mesmo? Mas pensei que ele tivesse explicado.

Ele resmungou um pouco.

— Bem, ele não está me oferecendo terra por causa dos meus lindos olhos azuis, isso posso garantir. — Jamie abriu os olhos em questão e ergueu uma sobrancelha para mim. — Antes de fazer um acordo, Sassenach, quero saber o que há dos dois lados, entende?

— Você não acha que ele está dizendo a verdade? A respeito de a Coroa oferecer concessões para ajudar a assentar a terra? Mas ele disse que isso acontece há trinta anos — protestei. — Ele não poderia mentir sobre algo assim, tenho certeza.

— É verdade — concordou ele. — Até onde sei. Mas abelhas com mel na boca têm ferrões no traseiro, certo? — Ele coçou a cabeça e afastou os cabelos soltos do rosto, suspirando. — Pergunte a si mesma, Sassenach: por que eu?

— Bem... porque ele quer um cavalheiro de porte e autoridade — falei lentamente. — Precisa de um bom líder, e está claro que o primo Edwin disse a ele que você é esse líder, e um homem razoavelmente abastado...

— O que eu não sou.

— Mas ele não sabe disso — rebati.

— Não mesmo? — disse Jamie com sarcasmo. — O primo Edwin deve ter dito a ele tudo o que sabe, e o governador sabe que eu fui um jacobita. Sim, alguns conseguiram fortunas nas Índias depois da Revolta, e eu poderia ser um deles... mas ele não tem motivos para pensar isso.

— Ele sabe que você tem *algum* dinheiro — falei.

— Por causa do Penzler? Sim — disse ele de modo pensativo.
— O que mais ele sabe sobre mim?

— Só o que você disse a ele no jantar, até onde sei. E ele não pode ter ouvido muitas coisas sobre você de mais ninguém. Afinal de contas, você está na cidade há menos de... O quê, você acha que é isso? — eu disse quase gritando, incrédula, e ele sorriu, um pouco sombrio. A luz ainda estava muito distante, mas ao se aproximar, seus traços ficaram claros na penumbra.

— Sim, isso mesmo. Tenho ligações com os Cameron, que, além de ricos, são bem respeitados na colônia. Mas, ao mesmo tempo, sou novo aqui, com poucas relações e nenhuma parceria conhecida.

— Exceto, talvez, com o governador, que está oferecendo a você um bom pedaço de terra — falei devagar.

Ele não respondeu no mesmo instante, mas rolou para se deitar de costas, ainda segurando minha perna. Seus olhos estavam fixos no branco do teto acima, com as guirlandas e os cupidos fantasmagóricos.

— Conheci um ou dois alemães na minha época, Sassenach — contou ele, pensativo. Seu polegar começou a se mover lentamente, de um lado a outro sobre a pele macia da parte interna da minha coxa. — Não os considero descuidados com seu dinheiro, sejam judeus ou gentios. E apesar de sua beleza hoje à noite, não consigo acreditar que só o seu charme tenha feito o cavalheiro me oferecer cem libras a mais do que o ourives.

Ele olhou para mim.

— Tryon é um soldado. Ele sabe que também sou. E houve aquele probleminha com os Reguladores há dois anos.

Minha mente estava tão distraída com as possibilidades intrínsecas no discurso dele que quase não percebi a familiaridade cada vez maior da mão entre as minhas coxas.

— Quem?

— Ah, eu me esqueci. Você não ouviu essa parte da conversa, pois estava ocupada com o grupo de admiradores.

Deixei o comentário passar porque queria saber quem eram os Reguladores. Pelo que parecia, eram uma associação qualquer de homens, formada pelos menos favorecidos da colônia, que haviam se ofendido com o que eles viam como um comportamento caprichoso e injusto — e até mesmo ilegal — por parte dos oficiais, xerifes, vigilantes, cobradores de impostos e assim por diante.

Sentindo que as reclamações deles não eram suficientemente abordadas pelo governador e pela assembleia, eles tinham começado a resolver os assuntos por conta própria. Os homens dos xerifes tinham sido atacados, e os vigilantes, expulsos de casa pela multidão e forçados a pedir demissão.

Um comitê de Reguladores havia escrito ao governador, implorando que ele desse uma solução às injustiças que eles sofriam, e Tryon, um homem de ação e diplomacia, respondera de modo calmo, chegando a substituir um ou dois dos xerifes mais corruptos e emitir um ofício aos representantes da corte a respeito dos efeitos.

— Stanhope disse algo sobre um Comitê de Segurança — falei, interessada. — Mas pareceu bem recente.

— O problema foi encoberto, mas não resolvido — respondeu Jamie, dando de ombros. — E pode ficar encoberto por um tempo, Sassenach, e então reaparecer com bastante força.

Tryon acreditaria valer a pena o investimento de comprar a lealdade e a obrigação de um soldado experiente, que, por sua vez, comandaria a lealdade e o serviço dos homens sob sua proteção, todos estabelecidos em uma área distante e problemática da colônia?

Eu achei a oportunidade mesquinha, à custa de cem libras e alguns hectares de terras do rei. Sua Majestade tinha muita terra, afinal.

— Então, você está pensando nisso. — Nesse momento, estávamos um de frente para o outro, minha mão sobre a dele, não segurando, mas em reconhecimento.

Ele sorriu preguiçosamente.

— Não vivi tanto acreditando em tudo o que me dizem, Sassenach. Então, talvez eu aceite a gentil oferta do governador e talvez não, mas quero saber muito mais sobre ela antes de me decidir.

— Sim, parece um pouco esquisita a ideia de ele fazer tal oferta conhecendo você tão pouco.

— Eu deveria me surpreender por saber que fui o único cavaleiro que ele abordou — disse Jamie. — E não é um grande risco, certo? Você me ouviu dizendo a ele que sou católico? Ele não ficou surpreso com isso.

— Sim, mas ele não pareceu achar que fosse um problema.

— Ah, ousou dizer que seria. A menos que o governador não queira.

— Minha nossa. — Minha opinião a respeito do governador estava mudando depressa, mas eu não sabia dizer se era para melhor ou pior. — Então, se as coisas não funcionarem como ele quer, ele só terá que contar que você é católico e uma corte poderá reaver as terras por isso. No entanto, se ele decidir se calar...

— E se eu decidir fazer o que ele quer, certo?

— Ele é muito mais esperto do que pensei — falei, admirada.
— Praticamente escocês.

Ele riu ao ouvir aquilo e afastou os cabelos do rosto.

As cortinas compridas da janela, soltas, de repente esvoaçaram para dentro, trazendo com elas aquele cheiro de terra salgada, água do rio e o odor distante de pinheiros frescos. A aurora estava vindo, anunciada pelo vento.

Como se tivesse sido um sinal, Jamie formou uma concha com a mão, e um leve arrepio passou dele para mim quando o frio bateu em suas costas nuas.

— Eu não acreditei antes — disse ele delicadamente —, mas se você tem certeza de que não há nada lhe incomodando...

— Nada — respondi, observando o brilho vindo da janela tocar a linha da cabeça e do pescoço dele, deixando-os dourados. Sua boca ainda era grande e delicada, mas ele não parecia mais ter catorze anos. — Nadinha, neste momento.

HOMEM DE VALOR

—Nossa! Odeio barcos!

Com essa despedida emocionante soando em meus ouvidos, nós navegamos lentamente as águas do porto de Wilmington.

Dois dias de compras e preparações nos colocaram a caminho de Cross Creek. Com o dinheiro da venda do rubi, não precisamos vender os cavalos. Duncan partira com a carroça e os produtos mais pesados, com Myers a bordo como guia, e o resto de nós faríamos uma viagem mais rápida e confortável com o capitão Freeman a bordo do *Sally Ann*.

Uma embarcação indescritível, o *Sally Ann* era quadrado, comprido, de lateral baixa e proa arredondada. Tinha uma pequena cabine com cerca de dois metros quadrados, deixando apenas sessenta centímetros para as passagens laterais, e uma área um pouco maior do deque da proa à popa, agora parcialmente escondida por caixas, sacos e barris.

Com uma única vela em um mastro acima da cabine, o *Sally Ann* parecia, de longe, um caranguejo em uma pedra balançando uma bandeira de paz. As águas escuras do Cabo Fear chegavam a apenas dez centímetros abaixo do gradil, e as tábuas do fundo estavam sempre úmidas pelo lento vazamento.

Ainda assim, eu estava feliz. Com pouco espaço ou não, era bom estar na água, partindo — ainda que temporariamente — do canto de sereia do governador.

Jamie não estava contente. De fato, ele odiava barcos, com muita intensidade, e sofria com enjoos tão fortes que observar a água girando dentro de um copo já o deixava verde.

— Está muito calmo — observei. — Talvez você não passe mal.

Jamie estreitou os olhos de modo desconfiado para a água amarronzada ao nosso redor, e então fechou os olhos quando outro barco acertou o *Sally Ann* de lado, chacoalhando-o com força.

— Talvez não — disse Jamie, com um tom de voz que indicava que apesar de a sugestão ser esperançosa, ele também acreditava que a possibilidade era remota.

— Você quer as agulhas? É melhor eu colocá-las antes de você vomitar. — Resignada, apalpei o bolso de minha saia, onde havia colocado a caixinha contendo as agulhas de acupuntura chinesa que tinham salvado a vida dele em nossa travessia no Atlântico.

Jamie estremeceu levemente e abriu os olhos.

— Não — respondeu ele. — Talvez eu consiga. Converse comigo, Sassenach, tire minha atenção do meu estômago, sim?

— Tudo bem — concordei. — Como é sua tia Jocasta?

— Eu não a vejo desde os meus dois anos, então minhas impressões não são muito exatas. — Ele falou distraidamente, os olhos fixos em uma embarcação grande que descia o rio em uma aparente rota de colisão com nosso barco. — Você acha que aquele negro consegue? Talvez eu devesse ajudá-lo.

— Talvez você não devesse — falei, olhando o barco com atenção. — Ele parece saber o que está fazendo.

Além do capitão, um velho de má fama que fedia a tabaco, o *Sally Ann* tinha um ajudante, um velho negro livre que lidava sozinho com a direção de nossa embarcação, com um único timão grande.

Os músculos firmes do homem se flexionavam e inchavam num ritmo constante. Com a cabeça grisalha abaixada devido ao esforço, ele pareceu não notar a vinda do outro barco, mas se movimentava de modo fluido e fazia o timão parecer um terceiro braço.

— Deixe-o em paz. Acho que você não sabe muito sobre sua tia, certo? — perguntei, na esperança de distraí-lo.

O barco seguia forte e inexorável em nossa direção.

A cerca de cento e vinte metros da colisão, ele se abaixou na água, puxado para baixo por barris e montes de couro, amarrados dentro de redes. Um odor pungente veio em seguida, de almíscar,

sangue e gordura apodrecida, forte o bastante para encobrir temporariamente todos os outros odores do rio.

— Não. Ela se casou com o Cameron of Erracht e saiu de Leoch um ano antes de minha mãe se casar com meu pai. — Jamie falava de modo distraído, sem olhar para mim. Sua atenção estava totalmente voltada para o barco que se aproximava. Os nós de seus dedos estavam brancos. Consegui perceber sua vontade de saltar para a frente, pegar o timão do homem e virar a embarcação. Pousei uma mão em seu braço para impedi-lo.

— E ela nunca foi visitar Lallybroch?

Vi o brilho do sol no ferro, na lateral do barco, e as formas seminuas dos três homens da embarcação, suando mesmo sob o sol da manhã. Um deles balançou o chapéu e sorriu, gritando algo parecido com “Ah, você!”, enquanto se aproximavam.

— Bem, John Cameron morreu de desidratação, e ela se casou com o primo, Black Hugh Cameron de Aberfeldy, e então...

Jamie fechou os olhos num reflexo quando o barco passou por nós, com a ponta a menos de quinze centímetros da nossa, em meio a gritos animados e comemorações de sua tripulação. Rollo, com as patas da frente apoiadas no teto da cabine baixa, latia como um louco, até Ian segurá-lo e mandar que parasse.

Jamie abriu um olho, e então, ao ver que o perigo já havia passado, abriu o outro e relaxou, tirando a mão do teto.

— Sim, bem, Black Hugh... ele era chamado assim porque tinha um cisto escuro no joelho, foi morto enquanto caçava, e então, ela se casou com Hector Mor Cameron, de Loch Eilean...

— Ela parecia gostar bastante dos Cameron — falei, fascinada. — Existe algo de especial neles como um clã, além de serem fáceis de se acidentar?

— Eles são bons de lábia, eu acho — disse ele, sorrindo de modo irônico. — Os Cameron são poetas e engraçados. Às vezes, as duas coisas. Você se lembra de Lochiel, não?

Sorri, pensando em Donald Cameron de Lochiel, um dos líderes do clã Cameron na época da Revolta. Um homem bonito com um olhar penetrante, seu comportamento gentil e elegante escondia um grande talento para a criação de repentes vulgares, com os

quais, *sotto voce*, ele já havia me divertido muitas vezes em bailes em Edimburgo durante o breve apogeu do golpe de Charles Stuart.

Jamie estava recostado no teto da pequena cabine do barco observando o tráfego no rio com atenção. Ainda não tínhamos saído do porto de Wilmington, e pequenas zingas e barcos passavam por nós como insetos aquáticos, de um lado a outro da embarcação maior e mais lenta. Ele estava pálido, mas ainda não verde.

Também apoiei os cotovelos no teto da cabine e alonguei as costas. Apesar de estar muito quente, o sol intenso era reconfortante aos músculos doloridos por causa dos locais inadequados em que dormimos. Eu passara a noite anterior enrolada sobre uma tábua de carvalho na área do bar de uma taverna ao lado do rio, dormindo com a cabeça no joelho de Jamie enquanto ele cuidava dos detalhes da nossa viagem.

Resmunguei e me alonguei.

— Hector Cameron é poeta ou piadista?

— Nenhum dos dois no momento — respondeu Jamie, automaticamente levando a mão ao meu pescoço e massageando-o. — Ele está morto, sabia?

— Isso é ótimo — falei, gemendo de êxtase quando ele afundou o polegar em um ponto especialmente sensível. — Eu me refiro ao que você está fazendo, não ao fato de seu tio estar morto. Ah, não pare. Como ele chegou à Carolina do Norte?

Jamie resmungou contente e se colocou atrás de mim para poder usar as duas mãos em meu pescoço e nos ombros. Recostei meu traseiro nele e suspirei feliz.

— Você é uma mulher muito barulhenta, Sassenach — disse ele, inclinando-se para a frente a fim de sussurrar em meu ouvido. — Está emitindo os mesmos sons de quando eu massageio seu pescoço enquanto... — Jamie movimentou o corpo, encostando a pelve em mim de modo discreto, mas explícito, deixando bem claro a que ele se referia. — Hum?

— Hum — respondi e o chutei discretamente na canela. — Ótimo. Se alguém me ouvir atrás de portas fechadas, vai pensar que você está massageando meu pescoço, o que será tudo o que

você fará até sairmos desta embarcação. Mas e então, e seu tio falecido?

— Ah, ele. — Jamie afundou os dedos dos dois lados da minha coluna, esfregando lentamente, subindo e descendo enquanto desenrolava mais uma teia da história de sua família. Pelo menos, a conversa fazia com que ele não pensasse em seu enjoo.

Mais sortudo, e mais observador ou cínico do que seu famoso parente, Hector Mor Cameron havia se preparado sabiamente para a eventualidade de um desastre com os Stuarts. Ele escapara da Batalha de Culloden sem ferimentos e conseguira chegar em casa. Lá, colocou a esposa, o servo e as coisas portáteis que possuía dentro de uma carruagem, fugiram para Edimburgo e então foram para a Carolina do Norte de barco, escapando por pouco das garras da Coroa.

Quando chegaram ao Novo Mundo, Hector adquiriu uma grande extensão de terra, derrubou a floresta e construiu uma casa e um moinho, comprou escravos para cuidar do local, plantou tabaco e anileira e — sem dúvida exausto por tanto trabalho —, sucumbiu a uma infecção de garganta aguda à avançada idade de setenta e três anos.

Depois de decidir que três vezes bastavam, Jocasta MacKenzie Cameron Cameron Cameron havia — até onde Myers sabia — se recusado a se casar de novo, mas permaneceu sozinha como administradora de River Run.

— Você acha que o mensageiro levando a sua carta chegará antes de nós?

— Ele chegaria lá antes de nós ainda que fosse rastejando — respondeu o jovem Ian, aparecendo repentinamente ao nosso lado. Ele olhou com leve desagrado para o ajudante paciente, afundando e erguendo o remo na água. — Demoraremos *semanas* para chegar lá nesse ritmo. Eu disse que teria sido melhor ir de carroça, tio Jamie.

— Não se aflija, Ian — disse Jamie, tirando as mãos de meu pescoço e sorrindo para o sobrinho. — Você poderá usar o remo em breve, e espero que nos faça chegar a Cross Creek antes do anoitecer, está bem?

Ian olhou para o tio com desprezo e se afastou para perturbar o capitão Freeman com perguntas a respeito dos índios e dos animais selvagens.

— Espero que o capitão não jogue Ian no mar — falei, observando Freeman encolher os ombros magros de modo defensivo enquanto Ian se aproximava. Meu pescoço e meus ombros tinham gostado da atenção, assim como partes mais inferiores. — Obrigada pela massagem — disse, erguendo uma sobancelha para ele.

— Deixarei que você retribua o favor, Sassenach... quando anoitecer. — Ele tentou rir com malícia, mas não conseguiu. Incapaz de fechar um olho por vez, sua habilidade de piscar de modo malicioso era muito prejudicada, mas Jamie conseguiu se fazer entender mesmo assim.

— Pode deixar — respondi, piscando para ele. — E onde você gostaria de ser massageado quando anoitecer?

— Quando anoitecer? — perguntou Ian, aparecendo como um fantasma antes que seu tio pudesse responder. — O que acontece quando anoitecer?

— É quando vou afogar você e cortar seu corpo para que sirva de isca aos peixes — respondeu o tio. — Pelo amor de Deus, não consegue sossegar, Ian? Está se debatendo como uma mosca dentro de um copo. Vá dormir ao sol, como seu animal, que é um cão sensato. — Ele meneou a cabeça para Rollo, que estava espalhado como um tapete no teto da cabine com os olhos semicerrados, mexendo a orelha de vez em quando para afastar as moscas.

— Dormir? — Ian olhou para o tio, surpreso. — *Dormir?*

— É o que as pessoas normais fazem quando estão cansadas — respondi a ele, controlando um bocejo.

O calor cada vez mais forte e o movimento lento do barco eram ótimos soporíferos depois da noite curta, já que tínhamos acordado antes do amanhecer. Infelizmente, os bancos e tábuas estreitos do *Sally Ann* não pareciam nem um pouco mais convidativos do que a área da taverna.

— Não estou nem um pouco cansado, tia! — garantiu Ian. — Acho que passarei dias sem dormir!

Jamie olhou para o sobrinho.

— Veremos se sua opinião continuará a mesma depois de usar o remo. Enquanto isso, talvez eu consiga encontrar algo que ocupe sua mente. Espere um pouco... — Jamie parou de falar, entrou na cabine baixa e começou a mexer em sua bagagem.

— Meu Deus, está quente! — comentou Ian, abanando-se. — O que o tio Jamie está procurando?

— Só Deus sabe — respondi.

Jamie havia levado uma caixa grande para o barco, e fora evasivo ao responder o que havia lá dentro. Ele estava jogando baralho quando eu fora dormir ontem à noite, e eu imaginava que ele tinha adquirido algum objeto embaraçoso durante o jogo, e agora estava relutante em mostrá-lo a Ian.

Ian tinha razão. Estava muito quente. Eu torcia para que soprasse uma brisa mais tarde. Por enquanto, a vela continuava parada como um pano de prato, e o tecido da minha combinação estava úmido contra as minhas pernas. Com um murmúrio para Ian, passei e escorreguei em direção à proa, onde ficava o barril de água.

Fergus estava de pé na popa, com os braços cruzados e a aparência esplêndida de um nobre, com o belo perfil voltado rio acima, os cabelos escuros e grossos esvoaçantes.

— Ah, milady! — Ele me cumprimentou mostrando os dentes brancos. — Não é um país maravilhoso?

O que eu podia ver naquele momento não era muito maravilhoso, pois a paisagem era de um grande rio de lama, fedendo ao sol, e um enorme grupo de gaivotas e aves marinhas, todas bastante agitadas por causa de algo fétido que tinham encontrado à beira da água.

— Milorde me disse que qualquer homem pode entrar com uma petição por vinte hectares de terra, desde que construa uma casa na área e prometa trabalhá-la por um período de dez anos. Imagine... vinte hectares! — Ele enrolou as palavras na boca,

saboreando-as com admiração. — Um camponês de origem francesa se sentiria abençoado com dois.

— Bem, sim — falei, um tanto desconfiada. — Acho que você deve escolher seus vinte hectares com cuidado. Algumas partes deste lugar não são muito boas para a agricultura. — Não arrisquei adivinhar a dificuldade que Fergus encontraria para plantar e cuidar da terra naquela mata selvagem com uma mão só, por mais que o solo fosse fértil.

Ele não estava prestando atenção de qualquer modo, os olhos brilhando, sonhadores.

— Pode ser que eu peça a construção de uma pequena casa por Hogmanay — disse ele a si mesmo. — Então, poderia buscar Marsali e a criança na primavera. — Sua mão tocou o ponto vazio em seu peito, onde a medalha esverdeada de São Dimas ficara desde a infância.

Ele se unira a nós na Geórgia, deixando a jovem mulher grávida na Jamaica, aos cuidados de amigos. Ele me garantiu que não temia por sua segurança, pois também a deixara sob a proteção de seu santo patrono, com ordens rígidas para que a velha medalha não fosse retirada do pescoço dela antes do parto.

Eu não poderia imaginar que mães e bebês estivessem na esfera de influência do santo patrono dos ladrões, mas Fergus vivera como ladrão de carteiras durante toda a infância, e sua confiança em Dimas era total.

— Vocês chamarão o bebê de Dimas, se for um menino? — perguntei, rindo.

— Não — respondeu ele, sério. — Vou chamá-lo de Germaine. Germaine James Ian Aloysius Fraser. James Ian em homenagem a meu milorde e *monsieur* — explicou ele, pois sempre se referia assim a Jamie e ao cunhado, Ian Murray. — Marsali gosta de Aloysius — acrescentou distraidamente, deixando claro que não tinha nada a ver com a escolha de um nome tão comum.

— E se for uma menina? — perguntei com uma lembrança vívida e repentina. Vinte e poucos anos antes, Jamie havia me mandado de volta pelas pedras, grávida. E a última coisa que me

disse, certo de que a criança que eu esperava era um menino, foi: “Dê a ele o nome Brian, em homenagem a meu pai.”

— Ah — Fergus claramente não havia considerado essa possibilidade, pois pareceu um pouco desconcertado. E então, sua expressão ficou mais clara.

— Genevieve — afirmou ele. — Por causa da madame. — E com isso, ele se referia a Jenny Murray, a irmã de Jamie. — Genevieve Claire, acho — acrescentou com mais um sorriso encantador.

— Ah. — Eu me senti surpresa e estranhamente honrada. — Puxa, obrigada. Tem certeza de que não deveria voltar para a Jamaica para ficar com Marsali, Fergus? — perguntei, mudando de assunto.

Ele negou balançando a cabeça com decisão.

— Milorde pode precisar de mim — respondeu ele. — E eu sou mais útil aqui do que seria lá. Os bebês são tarefa das mulheres, e como saber quais perigos podemos encontrar neste lugar desconhecido?

Como se respondessem a essa pergunta retórica, as gaivotas levantaram voo grasnando e sobrevoando o rio e as poças de lama, revelando o objeto de seu apetite.

Uma tora grande de pinheiro fora levada das margens do rio, e a parte de cima tinha uma marca cerca de trinta centímetros mais escura, onde a água já batera antes. A maré ainda estava baixa, não havia alcançado nem metade da tora. Acima das ondas de água lodosa estava o corpo de um homem, preso à tora com uma corrente ao redor do peito. Ou do que já fora seu peito.

Eu não soube determinar há quanto tempo ele estava ali, pela aparência. Um corte branco estreito mostrava a curva do crânio onde pele e cabelos tinham sido arrancados. Impossível dizer como ele era. Os pássaros já tinham atacado.

Ao meu lado, Fergus disse algo muito obsceno em francês, baixinho.

— Pirata — disse o capitão Freeman de modo lacônico, parando ao meu lado por tempo suficiente para cuspir o sumo marrom de tabaco no rio. — Quando não são levados a Charleston para serem

enforcados, às vezes são deixados na maré baixa para que o rio suba e os mate.

— Há... muitos assim? — Ian também vira. Ele já era grande demais para segurar minha mão, mas ficou bem do meu lado, o rosto pálido.

— Não tantos, não mais. A Marinha consegue fazer um bom trabalho mantendo-os embaixo d'água. Mas alguns anos atrás, dava para ver quatro ou cinco piratas por aí de uma vez. As pessoas pagavam para passear de barco, para vê-los se afogar. É muito bonito aqui quando a maré sobe no pôr do sol — observou ele, movendo a mandíbula num ritmo lento e nostálgico. — Deixa a água vermelha.

— Veja! — exclamou Ian, que, deixando de lado a dignidade, segurou meu braço.

Houve um movimento perto da margem do rio e vimos o que assustara os pássaros.

Uma forma comprida e escamosa, de cerca de um metro e oitenta, entrara na água abrindo um buraco profundo na lama macia da margem. Do outro lado do barco, o ajudante murmurava algo, mas não parou de remar.

— É um crocodilo — disse Fergus aborrecido, e fez um sinal de chifres.

— Não, acho que não — disse Jamie atrás de mim, e eu me virei e o vi espiando por cima do teto da cabine para a figura imóvel na água e a coisa em forma de V que avançava em sua direção.

Ele segurava um livro, com o polegar entre as páginas para marcar onde tinha parado, e agora abaixava a cabeça para ler o volume.

— Acredito ser um jacaré. Está escrito aqui que eles comem carniça, e não carne fresca. Quando pegam um homem ou um carneiro, puxam a vítima para debaixo da água para afogá-la, mas depois a colocam na terra e a deixam ali até apodrecer o suficiente para atingir o ponto que gostam. Claro — disse ele, com um olhar vago à margem —, às vezes eles têm a sorte de encontrar a refeição preparada.

O corpo na tora pareceu tremer brevemente enquanto algo o atingia por baixo, e Ian engasgou um pouco ao meu lado.

— Onde você conseguiu esse livro? — perguntei sem desviar o olhar da tora.

A parte de cima do pedaço de madeira vibrava, como se algo por baixo das ondas o mexesse. E então, a tora ficou imóvel, e a coisa em forma de V pôde ser vista de novo, voltando em direção à margem. Eu me virei antes que o animal pudesse emergir.

Jamie me deu o livro, os olhos ainda fixos na lama e no bando de pássaros.

— O governador me deu. Disse que achava poder ser de nosso interesse na viagem.

Olhei para o livro. Encapado em entretela, o título estava estampado na coluna com letras douradas: *A História Natural da Carolina do Norte*.

— Credo! — disse Ian ao meu lado, observando, horrorizado, a cena na margem. — É a coisa mais terrível que já...

— De nosso interesse — repeti, olhos fixos no livro. — Sim, acho que será.

Fergus, impérvio a enjoos de qualquer tipo, observava o réptil avançar pela lama com interesse.

— Um jacaré, você diz. Ainda assim, é quase a mesma coisa que um crocodilo, não é?

— Sim — falei, estremecendo apesar do calor.

Dei as costas para o animal. Eu já vira um crocodilo de perto nas Índias, e não estava ansiosa para conhecer seus parentes.

Fergus secou o suor do lábio superior, com os olhos fixos na criatura assustadora.

— O dr. Stern falou a milorde e a mim, certa vez, a respeito das viagens de um francês chamado Sonnini, que visitou o Egito e escreveu muito do que havia visto e os costumes que tinha aprendido. Ele dizia que naquele país os crocodilos copulam nas margens de lama dos rios, e a fêmea se deita de costas e, nessa posição, não consegue se erguer sem a ajuda do macho.

— É mesmo? — Ian era todo ouvidos.

— Sim. Ele disse que alguns homens ali, tomados pelos impulsos da depravação, se aproveitavam da situação forçada da fêmea e matavam o macho, tomavam o lugar dele e aproveitavam o abraço não humano do réptil, que dizem ser algo que dá sorte para a obtenção de posição e riqueza.

Ian estava boquiaberto.

— Você está falando sério, homem? — perguntou a Fergus, incrédulo. Virou-se para Jamie. — Tio?

Jamie deu de ombros, divertindo-se.

— Preferiria viver pobre, mas virtuoso. — Ele ergueu uma sobrancelha para mim. — Além disso, acho que sua tia não gostaria de me ver trocando os abraços dela pelos de um réptil.

O negro, ao ouvir a conversa de onde estava na proa, balançou a cabeça e disse sem olhar ao redor:

— Qualquer homem que tenha se metido com um jacaré para ficar rico mereceu o que conseguiu, na minha opinião.

— Acho que você está certo — falei, com uma lembrança clara do sorriso charmoso e cheio de dentes do governador.

Olhei para Jamie, mas ele não estava mais prestando atenção. Seus olhos estavam fixos rio acima, concentrados na possibilidade, esquecendo-se do livro e do jacaré por enquanto. Pelo menos, ele se esquecera de ficar enjoado.

A subida da água nos pegou a quase dois quilômetros acima de Wilmington, acalmando os medos de Ian sobre a nossa velocidade. O Cabo Fear era um rio de maré, cuja subida diária era de dois terços de sua extensão, quase a mesma distância de Cross Creek.

Senti o rio acelerar, o barco erguendo-se alguns centímetros, e lentamente começar a ganhar velocidade conforme a força da maré era afunilada no porto e no canal estreito do rio. O escravo suspirou aliviado e tirou o remo da água.

Não haveria necessidade de remar até que a água baixasse, em cinco ou seis horas. Depois desse tempo, ancoraríamos à noite e pegaríamos a subida da próxima maré pela manhã, ou usaríamos a vela para progredir mais, se o vento permitisse. A impulsão com a

vara ou o remo, pelo que entendi, era necessária apenas no caso de bancos de areia ou dias sem vento.

Uma sensação de sonolência calma tomou conta da embarcação. Fergus e Ian se encolheram na proa para dormir, enquanto Rollo mantinha guarda no teto, com a língua pingando enquanto ele ofegava, olhos semicerrados sob a luz do sol. O capitão e seu ajudante — que costumava ser chamado de “você, Troklus”, mas cujo nome era, na verdade, Eutroclus — entraram na pequena cabine, de onde eu ouvia o som musical de líquido sendo servido.

Jamie também estava na cabine, depois de ir buscar algo de sua caixa misteriosa. Eu esperava que fosse algo de beber. Mesmo sentada na popa com os pés na água e com a brisa suave soprando os pelos da minha nuca, eu conseguia sentir o suor se formando nas dobras do corpo.

Ouvi murmúrios indistintos e risadas na cabine. Jamie saiu e se virou em direção à popa, pisando delicadamente entre as pilhas de produtos, como um garanhão em um campo de sapos, segurando uma caixa grande de madeira.

Ele a colocou com cuidado em meu colo, tirou os sapatos e as meias e se sentou ao meu lado, enfiando os pés na água e suspirando de prazer ao sentir o frio.

— O que é isso? — Passei a mão com curiosidade sobre a caixa.

— Ah, só um presentinho. — Ele não olhou para mim, mas as pontas de suas orelhas estavam cor-de-rosa. — Abra.

Era uma caixa pesada, larga e profunda. Entalhada em uma madeira grossa e escura, trazia as marcas de uso, que tinham envelhecido, mas não estragado, sua beleza polida. Tinha espaço para uma trava, mas não havia nenhuma. Ergui a tampa com facilidade com as dobradiças de latão oleadas, e senti um cheiro de cânfora, vaporoso como o gênio da lâmpada de Aladim.

Os instrumentos brilhavam sob o sol, ainda claros apesar de opacos pela falta de uso. Cada um tinha seu próprio espaço, cuidadosamente encaixado no veludo verde.

Um serrote pequeno e de dentes grandes, tesouras, três bisturis — de lâminas redonda, reta e curva —, a lâmina de prata de uma espátula, um tenáculo...

— Jamie! — Encantada, peguei um cabo pequeno escuro, na ponta do qual havia uma bola de lã, envolvida em um veludo já roído pelas traças. Eu já vira um daqueles antes, em Versalhes; a versão do século XVIII de um martelo de reflexo. — Ah, Jamie! Que maravilha!

Ele remexeu os pés, contente.

— Você gostou?

— Adorei! Ai, veja... tem mais na tampa, embaixo desta aba... — Olhei por um momento para os tubos soltos, parafusos, plataformas e espelhos, até ver algo muito bem-arrumado. — Um microscópio! — Toquei o objeto com respeito. — Meu Deus, um microscópio.

— Tem mais — disse ele, disposto a me mostrar. — A frente se abre e há pequenas gavetas dentro.

Havia, entre outras coisas, uma balança em miniatura e um conjunto de pesos de latão, uma peça para armazenar comprimidos e um pilão de mármore manchado, seu socador envolvido em tecido para impedir que se quebrasse no transporte. Na parte interior frontal, acima das gavetas, havia fileiras de garrafas pequenas e com rolha feitas de pedra ou vidro.

— Ah, são lindos! — falei, pegando o pequeno bisturi com reverência. A madeira polida do cabo se encaixava na minha mão como se tivesse sido feita para mim, e a lâmina tinha um peso que equilibrava tudo. — Ah, Jamie, obrigada!

— Então você gostou? — Suas orelhas estavam muito vermelhas de prazer. — Pensei que talvez a agradariam. Não faço ideia de como usá-las ou para que servem, mas percebi que foram feitas de modo muito fino.

Nem mesmo eu fazia ideia de como usar ou para que serviam algumas das peças, mas todas elas eram lindas de qualquer jeito; feitas por ou para um homem que amava suas ferramentas e o que elas faziam.

— Gostaria de saber de quem elas eram. — Respirei profundamente na superfície arredondada de uma lente e a limpei com a barra da minha blusa.

— A mulher que vendeu para mim não sabia. No entanto, o homem deixou para trás seu livro de medicina e eu o peguei também. Talvez apareça o nome dele.

Erguendo a bandeja de instrumentos, Jamie revelou outra mais rasa, da qual tirou um livro de cerca de vinte centímetros de largura, coberto com couro preto escovado.

— Pensei que você quisesse um livro também, como aquele que tinha na França — explicou. — Aquele no qual você mantinha as fotos e as anotações das pessoas que examinava no Hôpital. Ele escreveu um pouco neste, mas há muitas páginas em branco no fim.

Talvez um quarto do livro tivesse sido usado. As páginas eram cobertas por uma caligrafia unida, organizada, com tinta preta, intercalada com desenhos que chamaram minha atenção pela familiaridade clínica. Um dedo ulcerado, uma rótula quebrada, a pele cuidadosamente retirada ao lado, o inchaço grotesco de bócio e uma dissecação de músculos da panturrilha, cada parte muito bem identificada por nomes.

Abri o livro na primeira página. Como esperava, o nome dele estava escrito ali, decorado com um pequeno floreio masculino: *Dr. Daniel Rawlings*.

— O que será que aconteceu com o dr. Rawlings? A mulher que estava com a caixa disse?

Jamie assentiu, franzindo o cenho levemente.

— O médico se hospedou com ela por uma noite. Disse que morava na Virgínia e tinha vindo para realizar alguma tarefa, e levava a bolsa consigo. Estava à procura de um homem chamado Garver, ou pelo menos era o nome que ela acreditava ter ouvido. Mas naquela noite depois do jantar, ele saiu e nunca mais voltou.

Fiquei olhando para Jamie.

— Nunca mais voltou? Ela descobriu o que aconteceu com ele?

Jamie negou com a cabeça, afastando alguns mosquitos. O sol estava forte, deixando a superfície da água laranja e dourada, e os

insetos começavam a se reunir conforme a tarde se transformava em noite.

— Não. Ela foi à polícia e à justiça, e houve buscas a torto e a direito, mas não havia nem sinal do homem. Eles procuraram por uma semana e desistiram. Ele não dissera à dona da pensão em qual cidade vivia na Virgínia, por isso eles não puderam ir além nas buscas.

— Que estranho. — Sequei uma gota de suor do queixo. — Quando o médico desapareceu?

— Há um ano, segundo ela. — Ele olhou para mim, um pouco ansioso. — Você se importa em usar as coisas dele?

— Não. — Fechei a tampa e passei a mão sobre ela com delicadeza, a madeira escura e lisa sob meus dedos. — Se se isso acontecesse comigo, eu gostaria que alguém as usasse.

Eu me lembrava vividamente da sensação da minha velha maleta de médica — couro Cordovan com minhas iniciais impressas em dourado na alça. Originalmente impressas em dourado na alça, quero dizer; há muito elas já tinham se apagado, e o couro se tornara liso e brilhante pelo uso. Frank havia me dado a maleta quando eu me formei na faculdade de medicina. Eu a dei a meu amigo Joe Abernathy, esperando que ela fosse utilizada por alguém que a valorizasse tanto quanto eu.

Jamie viu a seriedade em meu rosto — percebi que isso fez com que sua expressão ficasse mais séria —, mas segurei sua mão e sorri ao apertá-la.

— É um presente maravilhoso. Como a encontrou?

Ele retribuiu o sorriso. O sol estava baixo, uma bola laranja brilhante que aparecia brevemente entre os topos das árvores.

— Eu já tinha visto a caixa quando fui à oficina do ourives. O objeto estava com a esposa dele. Então, voltei ontem, com a intenção de comprar uma joia para você, talvez um broche, e enquanto a mulher me mostrava as peças, trocamos amenidades e ela me contou sobre o médico e... — Ele deu de ombros.

— Por que você queria comprar uma joia para mim? — Olhei para ele, confusa. A venda do rubi havia nos rendido um pouco de dinheiro, mas Jamie não era dado a extravagâncias, e naquelas

circunstâncias... — Ah! Para compensar ter mandado todo aquele dinheiro a Laoghaire? Eu não me importei. Eu disse que não me importava.

Ele conseguira — com certa relutância —, mandar a maior parte dos lucros da venda da pedra à Escócia, para pagar uma promessa feita a Laoghaire MacKenzie Fraser — a maldita —, com quem ele havia se casado após ser convencido com o argumento razoavelmente lógico da irmã de que se eu não estivesse morta, pelo menos não voltaria. Minha aparente ressuscitação entre os mortos tinha causado muitas complicações, incluindo Laoghaire.

— Sim, você disse isso — respondeu ele, totalmente irônico.

— E estava sendo sincera... bem, mais ou menos — falei e ri.
— Você não poderia ter deixado aquela desgraçada morrer de fome, por mais que a ideia seja interessante.

Jamie sorriu.

— Não. Eu não queria ter esse acontecimento pesando em minha consciência. As coisas que eu tenho já me bastam. Mas não foi por isso que eu queria lhe comprar um presente.

— Por que, então? — indaguei.

A caixa estava pesada; um peso substancial e satisfatório em minhas pernas, um prazer em minhas mãos. Naquele momento, ele virou a cabeça para olhar para mim, com os cabelos avermelhados sob o sol que se punha, o rosto escuro de perfil.

— Há exatos vinte e quatro anos, eu me casei com você, Sassenach — sussurrou ele. — Espero que você ainda não tenha motivos para se arrepender.

Na beira do rio havia plantações de Wilmington a Cross Creek. Os baixios eram muito cheios, com pequenas áreas abertas nas quais um intervalo nas árvores mostrava plantações e, de vez em quando, uma doca de madeira, meio escondida na folhagem.

Nós seguimos lentamente rio acima, acompanhando a subida da água, e paramos para passar a noite quando a maré baixou. Comemos o jantar à frente de uma pequena fogueira na margem, mas dormimos no barco, e Eutroclus havia mencionado, de modo

casual, a existência de cobras, que, segundo ele, viviam em buracos na margem do rio, mas que gostavam de sair e esquentar o sangue frio ao lado dos corpos de quem dormia por perto, desavisado.

Acordei logo depois do amanhecer, tensa e com o corpo dolorido por ter dormido em cima de tábuas, ouvindo o som suave de uma embarcação que passava no rio próxima a nós, sentindo seu puxar contra o nosso casco. Jamie se remexeu ao sentir o movimento, virou-se e me puxou contra seu peito.

Senti o corpo dele enrolado atrás do meu, em seu estado matinal paradoxal de sono e excitação. Ele emitiu um grunhido e chegou mais perto de mim de modo sugestivo, levando a mão à barra de minha combinação amarrotada.

— Pare — sussurrei, afastando a mão dele. — Pelo amor de Deus, lembre-se de onde estamos!

Ouvi os gritos e resmungos de Ian e Rollo, correndo de um lado para outro na margem, e barulhos na cabine, com pigarros e cuspidas, indicando que o capitão Freeman tinha se levantado.

— Ah — resmungou Jamie, recobrando a consciência. — Ah, sim. É uma pena.

Jamie estendeu os braços, apertou meios seios com as duas mãos e espreguiçou o corpo de um modo lento e voluptuoso contra o meu, dando uma ideia detalhada do que eu estava perdendo.

— Ah, bem — disse ele, relaxando com relutância, mas sem tirar as mãos do meu corpo. — *Foeda est in coitu*, hum?

— O quê?

— “*Foeda est in coitu et brevis voluptas*”— recitou ele. — “*Et taedat Veneiis statim peractae.*” Ao fazer, um prazer é sujo e curto. E feito, nós nos arrependemos da prática.

Olhei para as tábuas manchadas sob nós.

— Bem, talvez “sujo” não seja uma palavra totalmente errada, mas...

— Não é a sujeira que me incomoda, Sassenach — interrompeu Jamie, fechando a cara para Ian, que estava pendurado na lateral do barco, gritando incentivos a Rollo enquanto nadava. — É o curto.

Ele olhou para mim, e a cara fechada se transformou em aprovação ao ver meu estado desalinhado.

— Gosto de demorar, sabe?

Aquele início clássico do dia pareceu ter tido influência duradoura na mente de Jamie. Eu os ouvia enquanto estava sentada ao sol da tarde, folheando o livro de Daniel Rawlings, que era divertido, cheio de informações e interessante ao mesmo tempo, por todas as coisas registradas ali.

Ouvi a voz de Jamie mais alta e mais baixa enquanto falava grego antigo. Eu já ouvira aquela parte antes, um trecho de *Odisseia*. Ele fez uma pausa com uma alteração expectante.

— Ah... — disse Ian.

— O que vem em seguida, Ian?

— Ahn...

— Mais uma vez — disse Jamie, com a voz meio alterada. — Preste atenção, homem. Não estou falando pelo prazer de ouvir a minha voz, sim? — Jamie começou de novo, o verso elegante e formal ganhando vida enquanto ele falava.

Jamie podia não sentir prazer em ouvir a si mesmo, mas eu sentia prazer em ouvi-lo. Não sabia grego, mas a entonação das sílabas naquela voz suave e grave era tão calmante como o bater da água contra o casco.

Aceitando relutantemente a presença constante do sobrinho, Jamie assumiu a guarda de Ian com a devida seriedade, e vinha tutelando o rapaz enquanto viajávamos, aproveitando alguns momentos de descanso para ensinar, ou tentar, ao rapaz os rudimentos do grego e da gramática do latim, e para melhorar sua matemática e seu francês para conversação.

Por sorte, Ian aprendeu rapidamente os princípios da matemática, assim como o tio. A lateral da pequena cabine ao meu lado era coberta por provas euclidianas elegantes, feitas com madeira queimada. Quando o assunto passava a ser idiomas, no entanto, eles tinham menos afinidade.

Jamie era um poliglota nato. Ele aprendia línguas e dialetos sem qualquer esforço, entendendo expressões como um cão fareja sua caça num passeio pelos campos. Além disso, ele aprendera os

clássicos na *Université* em Paris, e, apesar de discordar de vez em quando de alguns dos filósofos romanos, considerava Homero e Virgílio seus amigos pessoais.

Ian falava o gaélico e o inglês com os quais fora criado, e um tipo de francês vulgar aprendido com Fergus, e sentia que essas opções eram suficientes para suas necessidades. Sim, ele tinha um repertório impressionante de palavras em seis ou sete outros idiomas — graças à exposição a diversas influências no passado recente, entre elas, a de seu tio —, mas não tinha nada além de uma leve compreensão a respeito dos mistérios da conjugação do latim.

Menor ainda era seu entendimento acerca da necessidade de aprender idiomas que para ele não estavam apenas mortos, mas — conforme ele pensava claramente — havia muito inutilizados. Homero não poderia competir com a animação desse novo país, e a aventura se abria das duas margens com mãos selvagens.

Jamie terminou o trecho em grego, e com um suspiro audível de onde eu estava, pediu a Ian que pegasse o livro de latim que ele havia tirado da biblioteca do governador Tryon. Sem recitação para me distrair, voltei à minha leitura cuidadosa do livro do dr. Rawlings.

Assim como eu, era óbvio que o doutor já sabia um pouco de latim, mas preferia usar o próprio idioma na maioria de suas anotações, voltando ao latim apenas para um registro formal.

Paciente: sr. Beddoes. Noto diminuição distinta da bile, e sua pele melhorou muito, está menos amarelada e sem as pústulas que o afligiam. Administrei laxante para ajudar a purificar o sangue.

— Idiota — murmurei, não pela primeira vez. — Não consegue ver que o homem tem doença hepática? — Provavelmente uma cirrose leve. Rawlings percebera um leve aumento e endurecimento do fígado, apesar de atribuir isso à produção excessiva da bile. Era mais provável que fosse a embriaguez. As pústulas no rosto e no

peito eram características de uma deficiência nutricional comumente associada ao consumo excessivo de álcool — e meu Deus, *isso* era epidêmico.

Se Beddoes estivesse vivo — uma perspectiva que eu ainda considerava duvidosa — provavelmente consumia até um litro de bebida misturada por dia e nem sequer se aproximara de um legume em meses. Talvez as pústulas de cujo desaparecimento Rawlings se gabava tivessem diminuído porque ele havia usado folhas de nabo como agente colorante em sua receita especial de “laxante”.

Envolvida em minha leitura, ouvi um pouco da rendição hesitante de Ian de *Vidularia*, de Plauto, do outro lado da cabine, interrompido de duas em duas linhas pela voz mais profunda de Jamie, encorajando e corrigindo.

— “*Virtus praemium est optimus...*”

— *Optium.*

— “... *est optium. Virtus omnibus rebus*” e... ah... e...

— *Anteit.*

— Obrigado, tio. “*Virtus omnibus rebus anteit... profectus*”?

— *Profecto.*

— Ah, sim, *profecto*. Hum... *Virtus*?

— *Libertas*. “*Libertas salus vita res et parentes, patria et prognati...*”. Você se lembra do significado de “*vita*”, Ian?

— Vida — respondeu Ian, aproveitando de bom grado aquele assunto em um mar de dificuldades.

— Sim, bom, porém é mais do que vida. Em latim, quer dizer não só estar vivo, mas também é a força de um homem, aquilo do que ele é feito. Veja, e então é “...*libertas salus vita res et parentes, patria et prognati tutantur, servantur; virtus omnia in sese habet, omnia adsunt bona quem penest virtus*”. O que você acha que ele está dizendo aqui?

— Ahn... que a virtude é algo bom? — disse Ian.

Houve um silêncio momentâneo, durante o qual eu quase ouvi a pressão sanguínea de Jamie subir. Uma inspiração enquanto ele pensava melhor no que estava prestes a dizer e uma expiração sofrida e longa.

— Hum. Veja, Ian: “*Tutantur, servantur.*” O que ele quis dizer usando esses dois juntos em vez de colocá-los como... — Minha atenção voltou ao livro, onde o dr. Rawlings agora fazia um relato de um duelo e de suas consequências.

15 de maio. Fui chamado de madrugada, enquanto dormia, para atender um senhor que estava no Red Dog. Eu o encontrei em estado deplorável, com um ferimento na mão causado pelo mau uso de uma pistola. O polegar e o indicador tinham sido totalmente destruídos com a explosão, o dedo do meio estava muito afetado e dois terços da mão estavam tão lacerados que mal pareciam um membro humano.

Determinando que só uma amputação urgente resolveria o caso, mandei o dono do local conseguir uma garrafa de conhaque, faixas para os curativos e a ajuda de dois homens fortes. Tudo foi providenciado depressa e o paciente foi contido de modo adequado, então comecei a cortar a mão do paciente — a direita, para seu azar —, acima do pulso. Com sucesso, liguei duas artérias, mas o interósseo anterior me escapou, e foi enfiado na carne depois de eu serrar os ossos. Fui forçado a soltar o torniquete para encontrá-lo, então o sangramento foi intenso — um acidente que veio em boa hora, uma vez que a hemorragia deixou o paciente inconsciente e, assim, pôs fim à sua dor, e também aos seus movimentos, o que estava prejudicando demais meu trabalho.

Com a amputação feita com sucesso, o cavalheiro foi colocado na cama, mas eu fiquei por perto, pois caso ele recobrasse a consciência abruptamente, poderia desfazer os pontos que fiz.

A narrativa fascinante foi interrompida pela explosão repentina de Jamie, que evidentemente estava no limite de sua paciência.

— Ian, seu latim envergonharia um cachorro! E quanto ao resto, você não tem compreensão suficiente do grego para saber a diferença entre água e vinho!

— Se estiverem bebendo, não é água — murmurou Ian, parecendo revoltado.

Fechei o livro e me levantei depressa. Parecia que em breve precisariam de um intermediário ali. Ian emitia sons escoceses de descontentamento quando dei a volta na cabine.

— Sim, hummm, mas eu não me importei muito...

— Sim, você não se importa! É esse o problema! Você não tem nem a decência de sentir vergonha de sua ignorância!

Fez-se silêncio depois disso, interrompido apenas pelo barulho da vara de Troklus na proa. Espiei em um canto e vi Jamie olhando com os olhos arregalados para o sobrinho, que parecia envergonhado. Ian olhou para mim, tossiu e pigarreou.

— Bem, vou dizer, tio Jamie, se eu acreditasse que a vergonha ajudaria, eu não hesitaria em corar.

Ele parecia tão arrependido que não controlei o riso. Jamie se virou para me ouvir, e sua carranca se suavizou um pouco.

— Você não está ajudando, Sassenach — disse ele. — Você sabe latim, não? Por ser médica, precisa saber. Talvez eu devesse deixar que você ensinasse latim a ele.

Balancei a cabeça, negando. Por mais que eu conseguisse ler em latim — com dificuldade —, eu não queria tentar enfiar as sobras do que aprendi na cabeça de Ian.

— Só me lembro de *Arma virumque cano*. — Olhei para Ian e traduzi, sorrindo. — “Um cão mordeu meu braço”.

Ian começou a rir, e Jamie olhou para mim com grande decepção.

Ele suspirou e passou uma mão pelos cabelos. Apesar de Jamie e Ian não serem parecidos fisicamente, além da altura, os dois tinham cabelos grossos e o hábito de passar a mão por eles quando se sentiam agitados ou pensativos. Devia ter sido uma aula estressante. Os dois pareciam ter sido surrados.

Jamie sorriu para mim com sarcasmo, e então se voltou para Ian, balançando a cabeça.

— Ah, bem. Sinto muito por gritar com você, Ian, de verdade. Mas você tem uma boa mente, e eu não gostaria que a desperdiçasse. Meu Deus, garoto, na sua idade eu estava em Paris, começando a estudar na *Université*!

Ian ficou ali, olhando para a água que passava ao lado do navio em ondas calmas e escuras. Apoiava as mãos grandes, amplas e bronzeadas no gradil.

— Sim — disse ele —, e na minha idade, meu pai também estava na França. Lutando.

Fiquei um pouco surpresa ao ouvir isso. Eu sabia que o pai de Ian servira na França por um tempo, mas não que tivesse ido tão cedo como soldado — nem que tivesse permanecido por tanto tempo. O jovem Ian tinha apenas quinze anos. O Ian pai tinha servido como mercenário estrangeiro daquela idade até os vinte e dois, quando um tiro de canhão machucara tanto sua perna a ponto de ela precisar ser amputada logo acima do joelho — e então, voltara para casa para sempre.

Jamie olhou para o sobrinho por um momento, franzindo o cenho. Então, colocou-se ao lado de Ian, recostando-se, apoiando as mãos no gradil para se equilibrar.

— Eu sei disso — Jamie sussurrou. — Porque fui atrás dele, quatro anos depois, quando fui proscrito.

Ian olhou para a frente ao ouvir isso, assustado.

— Vocês estavam juntos na França?

Com nosso movimento, causamos uma leve brisa, mas ainda estava quente. Talvez a temperatura tivesse feito com que ele decidisse que era melhor deixar o assunto sobre o aprendizado por um tempo, pois Jamie assentiu, erguendo o rabo de cavalo para esfriar o pescoço.

— Em Flandres. Por mais de um ano, antes de Ian ser ferido e mandado para casa. Lutamos com um regimento de mercenários escoceses naquela época... sob o comando de Fergus Mac Leodhas.

Os olhos de Ian se acenderam com interesse.

— Foi de onde Fergus, nosso Fergus, tirou seu nome, então?

Seu tio sorriu.

— Sim, eu dei a ele o nome de Mac Leodhas; um homem corajoso e um grande soldado. Ele gostava de Ian. Seu pai nunca contou sobre ele?

Ian negou balançando a cabeça, franzindo o cenho levemente.

— Ele nunca me disse nada. Sei que ele perdeu a perna lutando na França porque minha mãe me disse quando perguntei, mas ele próprio nunca disse nada a respeito.

Com a descrição da amputação feita pelo dr. Rawlings ainda vívida em minha mente, eu achei provável que o velho Ian não gostasse de lembrar a ocasião.

Jamie deu de ombros, puxando a camisa molhada de suor para longe do peito.

— Sim, bem. Acho que ele quis esquecer essa época quando voltou para casa e se estabeleceu em Lallybroch. E então... — Ele hesitou, mas Ian foi insistente.

— E então o quê, tio Jamie?

Jamie olhou para o sobrinho e esboçou um sorriso.

— Bem, acho que ele não queria contar muitas histórias de guerra e lutas, para que vocês não pensassem muito no assunto e decidissem ser soldados também. Ele e sua mãe queriam o melhor para vocês, não é?

Eu acreditava que o velho Ian tinha sido sábio; estava claro, ao olhar para o rosto do jovem Ian, que ele não conseguia pensar em nada mais interessante do que guerras e lutas.

— Isso deve ter sido coisa da minha mãe — disse Ian, com um ar de descontentamento. — Ela me colocaria dentro do bolso do avental, se eu deixasse.

Jamie sorriu.

— Ah, é? E você acha que ela colocaria você dentro do bolso do avental e o encheria de beijos se você estivesse em casa neste minuto?

Ian deixou de lado a pose de desdém.

— Bem, não — respondeu ele. — Acho que ela me esfolaria vivo.

Jamie riu.

— Você entende um pouco as mulheres, Ian, ainda que não tanto quanto pensa.

Ian olhou desconfiado para o tio e para mim, e para ele de novo.

— Então, tio, você deve saber tudo?

Ergui uma sobrancelha, pedindo uma resposta àquilo, mas Jamie só riu.

— Um homem sábio conhece os limites do seu conhecimento, Ian. — Ele se abaixou e beijou minha testa úmida, e então deu as costas ao sobrinho, acrescentando: — Mas gostaria que seus limites fossem um pouco além.

Ian deu de ombros, parecendo entediado.

— Nunca quis ser um cavalheiro — disse ele. — Afinal, o jovem Jamie e Michael não sabem ler em grego e passam bem!

Jamie esfregou o nariz, observando o sobrinho de modo pensativo.

— O jovem Jamie tem Lallybroch. E Michael está bem com Jared em Paris. Eles se ajeitarão. Fizemos o melhor que pudemos pelos dois, mas havia pouco dinheiro para pagar as viagens ou os estudos quando eles se tornaram adultos. Eles não tiveram muita escolha, não é?

Ele se afastou do gradil e ficou de pé.

— Mas seus pais não querem isso para você, Ian, se o melhor puder vir. Eles querem que você se torne um homem de conhecimento e influência; *duine uasal*, talvez. — Era uma expressão gaélica que eu já tinha ouvido antes, literalmente, “um homem de valor”. Era o termo para donos de terra, os homens de propriedade e seguidores que vinham abaixo apenas dos líderes dos clãs das Terras Altas.

Um homem que Jamie fora antes da Revolta. Mas não era mais.

— Hummm. E você fez o que seus pais queriam, tio Jamie?

Ian olhou para o tio de modo direto, com apenas um tremor nos olhos, indicando que ele sabia que estava pisando em território perigoso. Jamie teve que ser um *duine uasal*, sim; Lallybroch era dele por direito. Apenas em um esforço de salvar a propriedade de

ser confiscada pela Coroa, ele a transmitira legalmente ao jovem Jamie.

Jamie olhou para ele por um tempo, mas passou um nó do dedo pelo lábio superior antes de responder.

— Eu disse que você tem uma boa mente, não? — respondeu ele com seriedade. — Mas já que pergunta... Eu fui criado para fazer duas coisas, Ian. Para cuidar da minha terra e do meu povo, e para cuidar da minha família. Faça essas duas coisas da melhor maneira que posso.

O jovem Ian pareceu envergonhado nesse momento.

— Bem, eu não queria... — disse ele, olhando para os pés.

— Não se preocupe, rapaz — interrompeu Jamie, dando um tapa no ombro dele. Sorriu de modo irônico para o sobrinho. — Você vai ser alguém pela sua mãe... ainda que tenhamos que morrer para isso. E agora acho que é a minha vez com o remo.

Ele olhou para a frente, para onde os ombros de Troklus brilhavam como cobre oleado, com músculos obtidos com o trabalho. Jamie abriu a calça — diferentemente dos outros homens, ele não podia tirar a camisa, mas tirou a calça para se refrescar e trabalhou com a camisa amarrada entre as coxas, no estilo das Terras Altas, e assentiu para Ian.

— Pense nisso, rapaz. Sendo o filho mais jovem ou não, sua vida não deve ser desperdiçada.

Ele sorriu para mim nesse momento com uma alegria de fazer o coração saltar, e me deu as calças. E então, ainda segurando minha mão, ficou de pé e, com a mão sobre o coração, declamou:

*“Amo, amas, amo uma moça,
alta e esguia;
muito graciosa
em sua determinação,
e é do sexo feminino.”*

Ele assentiu alegre para Ian, que começou a rir, e levou minha mão a seus lábios, e os olhos azuis estavam cheios de malícia.

*“Posso declinar uma ninfa tão divina?
Sua voz é como uma flauta doce;
Os olhos brilhantes, as mãos claras
E macias, quando eu as toco, seu pulso se acelera.
Tão linda, minha moça
Eu a beijarei por séculos.
E se eu tiver sorte, senhor, ela será minha esposa,
Para sempre.”*

Fez uma reverência a mim, hesitou com seriedade tentando piscar e se afastou, vestindo a camisa.

DOIS TERÇOS DE UM FANTASMA

A superfície do rio brilhava como óleo, a água passando delicadamente sem qualquer problema. Havia uma única lanterna pendurada na viga da proa. Sentada num banquinho no deque mais à frente, eu via a luz abaixo, refletida na água e presa dentro dela, movimentando-se devagar, de lado a lado com o barco.

A lua era de um brilho fraco, passando sobre os topos das árvores. Além das árvores densas que se estendiam pelo rio, o chão estava tomado pela escuridão, que cobria as plantações de arroz e os campos de tabaco. O calor do dia estava na terra, que brilhava com uma energia nunca antes vista sob a superfície do solo, com campos férteis e ricos sob o calor por trás da cobertura de pinheiros e liquidâmbares, trabalhando a alquimia de água e sol.

Um simples movimento já causava transpiração. O ar estava tangível, e cada onda de calor era um carinho em meu rosto e em meus braços.

Ouvi um leve farfalhar no escuro atrás de mim e estendi uma mão, sem me virar para olhar. A grande palma de Jamie se fechou delicadamente sobre a minha, apertou-a e a soltou. Até mesmo esse toque suave deixou meus dedos úmidos de suor.

Ele se abaixou ao meu lado com um suspiro, puxando a gola da camisa.

— Acho que não respiro ar desde que saímos da Geórgia — disse ele. — Sempre que respiro, acho que vou me afogar.

Eu ri, sentindo o suor escorrer entre meus seios.

— Estará mais fresco em Cross Creek; é o que todos dizem. — Respirei profundamente, só para provar que conseguia. — Mas o

cheiro não é delicioso? — A escuridão soltava todos os cheiros fortes das árvores e das plantas à beira da água, misturando-se à lama úmida na margem do rio e ao cheiro de madeira esquentada pelo sol do deque do barco.

— Você seria um bom cachorro, Sassenach. — Jamie se recostou na parede da cabine, suspirando. — Não é à toa que esse animal gosta tanto de você.

O bater de unhas nas tábuas do deque anunciou a chegada de Rollo, que avançou com cuidado em direção ao gradil, parou a alguns centímetros dele e se abaixou num movimento rápido. Ele repousou o focinho nas patas e suspirou profundamente. Rollo odiava barcos quase tanto quanto Jamie.

— Olá — falei. Estendi a mão para Rollo cheirar, e ele educadamente permitiu que eu coçasse suas orelhas. — Onde está seu dono, hein?

— Na cabine, aprendendo novas maneiras de roubar nos jogos — disse Jamie com ironia. — Só Deus sabe o que vai acontecer com o rapaz. Se ele não levar um tiro nem uma pancada na cabeça em alguma taverna, provavelmente virá para casa com um avestruz que ganhou no pôquer.

— Certamente não existem avestruzes nem pôquer nas montanhas. Se não existem cidades, tampouco existem tavernas.

— Bem, eu acho que não — admitiu. — Mas se um homem quer ser mau, ele encontrará uma maneira de ser, independentemente de onde estiver estabelecido.

— Tenho certeza de que Ian não vai para o inferno. Ele é um bom garoto.

— Ele é um homem — corrigiu Jamie. Prestou atenção ao som que vinha da cabine, e eu ouvi risos abafados e alguns palavrões. — Bem jovem e bem tolo. — Ele olhou para mim com um sorriso visível à luz da lanterna. — Se ainda fosse um menino pequeno, eu poderia controlá-lo. Mas desse jeito... — Ele deu de ombros. — Ele tem idade suficiente para cuidar da própria vida, e não vai querer que eu me meta.

— Ele sempre ouve o que você diz — protestei.

— Hummm. Espere até eu dizer algo que ele não quer ouvir. — Jamie encostou a cabeça na parede e fechou os olhos. O suor brilhava em seu rosto e uma gota descia pela lateral de seu pescoço.

Estiquei a mão e delicadamente peguei a gota com o dedo, antes que ela molhasse sua camisa.

— Você está há dois meses dizendo a Ian que ele precisa ir para casa, para a Escócia. Pelo visto, ele não quer ouvir.

Jamie abriu um dos olhos e me observou.

— Ele está na Escócia?

— Bem...

— Hummm — disse ele, e fechou os olhos de novo.

Fiquei em silêncio por um tempo, secando o suor do meu rosto com uma ponta da blusa. O rio havia se estreitado onde estávamos. A margem estava a menos de três metros. Vi um movimento entre os arbustos, e um par de olhos brilhou de relance com a luz de nossa lanterna.

Rollo ergueu a cabeça latindo baixo, as orelhas em pé, atentas. Jamie abriu os olhos e olhou para a margem, e então se endireitou abruptamente.

— Meu Deus! É o maior rato que já vi!

Eu ri.

— Não é um rato, é um gambá. Não está vendo os filhotes em suas costas?

Jamie e Rollo observaram o gambá com olhares idênticos de avaliação, analisando seu corpo gordinho e sua possível velocidade. Quatro pequenos gambás olhavam com seriedade para eles, focinhos pontudos em movimento acima das costas da mãe, que estava indiferente. Obviamente não considerava o barco uma ameaça, então saltou na água, virou-se e entrou no arbusto devagar, com a ponta da cauda grossa e sem pelos desaparecendo quando a luz da lanterna passou.

Os dois caçadores suspiraram aliviados e relaxaram de novo.

— Myers disse que eles são bons para comer — comentou Jamie.

Suspirei, enfiei a mão no bolso da minha roupa e entreguei a ele um saco de pano.

— O que é isto? — Ele espiou com interesse dentro do saco, e então despejou os pequenos objetos marrons na palma da mão.

— Amendoins tostados — falei. — Eles crescem dentro da terra por aqui. Encontrei um agricultor vendendo-os a um preço barato e pedi para a mulher na taverna assar um pouco para mim. Tire as cascas para comê-los. — Sorri para Jamie, gostando da nova sensação de, pela primeira vez, saber mais sobre o ambiente em que estávamos do que ele.

Ele olhou para mim com uma leve carranca e amassou uma casca entre o indicador e o polegar, retirando três grãos.

— Sou ignorante, Sassenach — disse ele. — Mas não sou burro. Tem diferença, sim? — Ele enfiou um amendoim na boca e mordeu rapidamente. — Seu olhar passou de desconfiança para satisfação, e ele mastigou com grande entusiasmo, enfiando os outros grãos na boca.

— Gostou? — Sorri, aproveitando o prazer dele. — Farei manteiga de amendoim para você passar no pão quando nos estabelecermos e meu pilão for retirado da bagagem.

Jamie sorriu para mim e engoliu antes de abrir outra casca.

— Se isto é um pântano, pelo menos a terra é boa. Nunca vi tantas coisas serem cultivadas com tamanha facilidade.

Ele comeu mais um amendoim.

— Tenho pensado, Sassenach — disse ele, olhando para a palma da mão. — O que você acharia de nos estabelecermos aqui?

A pergunta não era totalmente inesperada. Eu já o vira avaliando os campos e as plantações fartas como um agricultor, os olhos brilhando, e flagrara sua expressão sonhadora ao observar os cavalos do governador.

De qualquer modo, não podíamos voltar à Escócia de imediato. O jovem Ian podia, mas Jamie e eu, não, devido a certas complicações — e uma delas atendia pelo nome de Laoghaire MacKenzie.

— Não sei — respondi. — Tirando os índios e os animais selvagens...

— Bem — interrompeu ele, levemente envergonhado. — Myers me disse que eles não são um problema se você ficar longe das montanhas.

Evitei dizer que a oferta do governador nos levaria justamente para aquelas montanhas.

— Sim, mas você se lembra do que eu lhe disse, não? A respeito da Revolução? Estamos em 1767, e você ouviu a conversa na mesa do governador. Daqui a nove anos, Jamie, vai ser um inferno. — Nós dois já tínhamos sobrevivido à guerra, e nenhum de nós achara fácil. Pousei uma mão no braço dele, forçando-o a olhar para mim. — Sabe, eu estava certa... antes. — Eu sabia o que aconteceria na Batalha de Culloden. Eu lhe contara o destino de Charles Stuart e seus homens. E nem o meu conhecimento nem o dele haviam sido suficientes para nos salvar. Vinte dolorosos anos de separação e o fantasma de uma filha que ele nunca veria continuavam por trás daquele conhecimento.

Jamie assentiu lentamente e levantou uma das mãos para tocar o meu rosto. O brilho suave de uma pequena lanterna acima de nós atraiu nuvens de maruins minúsculos. Eles voavam sem parar, perturbados pelo movimento feito por Jamie.

— Sim, sim, estava. Mas pensávamos que podíamos mudar as coisas. Ou pelo menos tentar. Mas aqui... — Ele se virou, indicando a terra vasta que não víamos além das árvores. — Eu não pensaria que é minha obrigação ajudar ou atrapalhar.

Afastei os insetos do meu rosto.

— Pode ser que seja nossa obrigação, se vivêssemos aqui.

Ele passou um dedo embaixo do lábio inferior, pensando. Sua barba estava crescendo, um brilho ruivo com fios grisalhos sob a luz da lanterna. Ele era um homem grande, bonito e forte no ápice de sua vida, mas não era mais jovem, e eu percebi isso com repentina gratidão.

Os homens escoceses eram criados para lutar. Os garotos se tornavam homens quando conseguiam erguer as espadas e ir para a batalha. Jamie nunca tinha sido descuidado, mas durante a maior parte da vida, fora um guerreiro e um soldado. Com vinte e poucos anos, nada podia impedi-lo de lutar, fosse a batalha sua ou não.

Agora, aos quarenta, a razão poderia falar mais alto do que a emoção... ou, pelo menos, eu esperava que sim.

E era verdade. Além da tia que não conhecia, ele não tinha parentes aqui, nenhum laço que pudesse trazer envolvimento. Talvez, sabendo o que viria, pudéssemos nos manter longe do pior.

— É um lugar muito grande, Sassenach. — Jamie olhou por cima da proa do barco, para a extensão ampla de pântano, com a terra invisível. — Desde que saímos da Geórgia, já percorremos mais do que a extensão da Escócia e da Inglaterra juntas.

— É verdade — admiti.

Na Escócia, mesmo entre os altos rochedos das Terras Altas, não conseguimos escapar das consequências da guerra. Mas não era a mesma coisa aqui. Se escolhêssemos o lugar com cuidado, poderíamos escapar do olhar atento do deus da guerra.

Ele inclinou a cabeça para o lado, sorrindo para mim.

— Eu consigo ver você como agricultora, Sassenach. Se o governador encontrar um comprador para as outras pedras, terei o suficiente, creio eu, para mandar a Laoghaire todo o dinheiro que prometi e ainda ter o suficiente para comprar uma boa casa para nós... onde poderemos prosperar. — Jamie pegou minha mão direita, passando o polegar devagar pela aliança prateada de casamento. — Talvez, um dia, eu possa cobri-la com rendas e joias — disse ele suavemente. — Nunca consegui lhe dar muita coisa, exceto esta aliança de prata e as pérolas da minha mãe.

— Você me deu muito mais do que isso — disse. Envolvi seu polegar com meus dedos e apertei. — Brianna, para começar.

Ele sorriu levemente, olhando para o deque.

— Sim, é verdade. Talvez ela seja o motivo real... para ficar, quero dizer.

Eu o puxei para mim, e ele apoiou a cabeça em meu pescoço.

— Este é o lugar dela, não? — perguntou ele baixinho. Ergueu uma das mãos, fazendo um gesto na direção do rio, das árvores e do céu. — Ela nascerá aqui, viverá aqui.

— Isso mesmo — respondi com delicadeza. Acariciei os cabelos dele, alisando as mechas grossas que se pareciam tanto com as de

Brianna. — Este é o país dela. — Dela, de um modo que nunca seria meu nem dele, independentemente do tempo que vivêssemos aqui.

Jamie assentiu, passando a barba suavemente em minha saia.

— Eu não gostaria de lutar nem de colocar você em perigo, Sassenach, mas se eu puder fazer alguma coisa... construir, talvez, deixar tudo seguro, uma boa terra para ela... — Ele deu de ombros. — Eu gostaria — concluiu.

Permanecemos em silêncio por um tempo, juntos, observando o brilho na água e o progresso lento da lanterna.

— Deixei as pérolas para ela — falei, por fim. — Parecia ser a coisa certa. Elas eram uma herança, afinal. — Passei a mão pelos lábios dele. — E só preciso da aliança.

Jamie segurou minhas mãos e então as beijou — a esquerda, que ainda levava a aliança de ouro do meu casamento com Frank, e então a direita, com a aliança de prata dele.

— *Da mi basia mille* — sussurrou ele, sorrindo.

“Dê-me mil beijos.” Era a inscrição dentro da minha aliança, uma breve citação de uma canção de amor de Catulo. Eu me inclinei e o beijei.

— *Dein mille altera* — falei. “Então, mais mil.”

Já era quase meia-noite quando paramos perto de um arvoredo para descansar. O clima mudara. Ainda estava quente e abafado, mas agora havia sinais de trovão, e percebíamos pequenos movimentos na mata rasteira: correntes de ar aleatórias ou o trânsito de pequenos insetos noturnos correndo para casa antes da tempestade.

Estávamos quase no fim da subida da maré. Dali, teríamos que usar a vela e o remo, e o capitão Freeman tinha esperança de que pegaríamos uma boa brisa com a tempestade. Por isso, nosso descanso compensaria. Eu me enrolei em nosso ninho na popa, mas não consegui dormir de imediato, apesar de ser tarde.

Pelos cálculos do capitão, chegaríamos a Cross Creek na noite do dia seguinte — com certeza até a manhã do outro dia. Fiquei surpresa ao perceber que estava muito ansiosa para chegar. Após

dois meses vivendo de qualquer jeito na estrada, um desejo urgente de encontrar um porto seguro, ainda que temporário, despertara em mim.

Como estava familiarizada com as noções de hospitalidade e parentesco nas Terras Altas, eu não tinha receio sobre como seríamos recebidos. Jamie claramente não achava que o fato de não ver essa tia havia quarenta e poucos anos estragaria a recepção cordial, e eu tinha certeza de que ele estava certo. Ao mesmo tempo, eu estava curiosa a respeito de Jocasta Cameron.

Havia cinco irmãos MacKenzie, filhos do velho Red Jacob, que construíra Castle Leoch. A mãe de Jamie, Ellen, era a mais velha, e Jocasta, a mais jovem. Janet, a outra irmã, morrera, como Ellen, muito antes de eu conhecer Jamie, mas eu havia conhecido os dois irmãos, Colum e Dougal, muito bem, na verdade, e por tê-los conhecido, eu queria saber como era essa última MacKenzie de Leoch.

Alta, pensei, olhando para Jamie, deitado tranquilamente no deque ao meu lado. E talvez ruiva. Todos eles eram altos — até mesmo Colum, vítima de uma doença degenerativa, fora alto —, com a pele clara dos vikings e cabelos avermelhados que iam desde o ruivo forte de Jamie até o castanho-avermelhado de seu tio Dougal. Colum era o único que tinha cabelos escuros.

Ao me lembrar de Colum e Dougal, fiquei um pouco nervosa. Colum havia morrido antes da Batalha de Culloden, vitimado por uma doença. Dougal morrera na véspera da batalha — por Jamie. Fora uma questão de autodefesa — *minha*, na verdade — e só uma das muitas mortes naquele abril sangrento. Ainda assim, eu me perguntei se Jamie pensara no que poderia dizer, quando a chegada deixasse de ser novidade em River Run e a família começasse a perguntar: “Ah, e qual foi a última vez que você viu fulano e sicrano?”

Jamie suspirou e se espreguiçou. Ele conseguia dormir — e dormiu — bem em qualquer lugar, acostumado a pernoitar em urzes e cavernas abafadas, passando pelo chão frio de pedra das celas da prisão. Eu imaginava que a madeira do deque devia ser bastante confortável, se comparada aos outros locais.

Eu não era nem tão flexível nem tão endurecida, mas aos poucos o cansaço tomou conta de mim, e nem mesmo a curiosidade com o futuro conseguiu me manter acordada.

Acordei confusa. Ainda estava escuro e barulhento, e eu ouvia gritos e roncoss, e o deque abaixo de onde estávamos tremia com a vibração de passos. Levantei-me depressa, pensando que estava em um navio invadido por piratas.

E então, com a mente clara, descobri que *tínhamos* sido invadidos por piratas. Vozes desconhecidas gritavam imprecações e ordens, e ouvi o barulho de botas pisando no deque. Jamie não estava ali.

Eu me levantei de qualquer jeito, sem me preocupar com as roupas ou outras coisas. Já era quase manhã, o céu estava escuro, mas iluminado o bastante para vermos a cabine como uma mancha mais escura. Quando me levantei apoiando-me na cabine, quase fui derrubada por corpos que eram jogados ali.

Seguiu-se uma confusão de pelos e rostos pálidos, um grito, um tiro e um baque forte, e Ian estava deitado no deque, lívido, em cima do corpo de Rollo. Um homem desconhecido, sem chapéu e despenteado, se levantou.

— Maldição! Ele quase me pegou! — Desconcertado com o golpe quase certo, o ladrão levou a mão trêmula à pistola no cinto. Apontou-a para o cachorro, o rosto retorcido numa careta.

— Tome isso, seu merda!

Um homem mais alto apareceu do nada, derrubando a pistola antes que a pederneira entrasse em ação.

— Não desperdice o tiro, idiota. — Ele fez um gesto a Troklus e ao capitão Freeman, este muito irritado, sendo levado em minha direção. — Como pretende prendê-los com uma arma descarregada?

O homem mais baixo lançou um olhar maldoso a Rollo, mas virou a pistola para acertar a barriga de Freeman.

Rollo estava fazendo um barulho esquisito, um resmungo baixo misturado com gemidos de dor, e eu vi uma mancha escura e molhada nas tábuas sob seu corpo que ainda se retorcia. Ian se

abaixou sobre ele, acariciando sua cabeça, sem poder fazer nada. Ele olhou para a frente, e as lágrimas molhavam seu rosto.

— Ajude-me, tia. Por favor, ajude-me!

Eu me movi de modo impulsivo, e o homem alto deu um passo à frente, levantando um braço para me impedir.

— Quero ajudar o cachorro — falei.

— *O quê?* — perguntou o ladrão baixo, com um tom incrédulo.

O homem alto estava mascarado — todos estavam, percebi quando meus olhos se ajustaram à penumbra. Quantos havia? Era impossível dizer sob a máscara, mas eu tinha a clara impressão de que o homem alto sorria. Ele não respondeu, mas mexeu a pistola e me deu permissão.

— Olá, garotão — sussurrei, caindo de joelhos ao lado do cão.

— Não morda, cachorro bonzinho. Onde ele está ferido, Ian? Você sabe?

Ian balançou a cabeça, contendo as lágrimas.

— Está embaixo dele. Não consigo virá-lo.

Eu também não tentaria virar o corpo enorme do animal. Procurei a pulsação no pescoço, mas meus dedos se afundaram na pelagem grossa de Rollo, procurando sem encontrar. Tomada pela inspiração, peguei uma pata da frente e subi a mão por ela, tocando a parte oca entre a pata e o corpo.

E ali estava. Uma pulsação constante, reconfortante sob meus dedos. Comecei a contar por hábito, mas logo deixei o esforço de lado, pois não fazia ideia de qual era a frequência cardíaca normal para um cão. Mas *estava* constante. Não havia excesso, arritmia nem fraqueza. Era um bom sinal.

Outro bom sinal era Rollo não ter perdido a consciência. A pata grande que eu mantinha embaixo de meu cotovelo tinha a tensão de uma mola encolhida, só não estava mole devido ao choque. O cão emitiu um som longo e estridente, entre um gemido e um rosnado, e começou a arranhar com as garras, puxando a pata da minha mão para poder se endireitar.

— Não acho que seja muito grave, Ian — falei, aliviada. — Veja, ele está se virando.

Rollo ficou de pé, balançando-se. Chacoalhou a cabeça violentamente e fez o mesmo da cabeça à cauda, e uma chuva de gotas de sangue cobriu o deque com o mesmo barulho de uma chuva forte. Os olhos amarelos grandes se fixaram no homem baixo com um olhar que era óbvio para qualquer um.

— Ei! Vocês precisam segurá-lo ou juro que darei um tiro na cabeça dele! — O pânico e a sinceridade eram percebidos na voz do ladrão, quando o cano da pistola passou do pequeno grupo de prisioneiros para a cara brava de Rollo, que rosnava mostrando os dentes.

Ian, que estava tirando a camisa, enrolou-a na cabeça de Rollo, cegando-o temporariamente, e o animal balançava a cabeça como louco, emitindo rosnados. O sangue manchava o linho amarelo. Consegui ver que vinha de um corte raso no ombro do cachorro. Evidentemente, o tiro tinha passado de raspão.

Ian o segurava firme, forçando Rollo a permanecer deitado, murmurando ordens perto da cabeça coberta do animal.

— Quantos estão a bordo? — Os olhos atentos do homem mais alto se viraram para o capitão Freeman, cuja boca estava tão fechada que mais parecia um traço em seu rosto, e então se virou para mim.

Eu o conhecia. Conhecia aquela voz. Esse reconhecimento deve ter ficado claro em meu rosto, porque ele parou por um momento e então virou a cabeça e deixou o pano cair de seu rosto.

— Quantos? — perguntou Stephen Bonnet de novo.

— Seis — respondi.

Não havia motivo para não responder. Eu podia ver Fergus na praia, com as mãos erguidas quando um terceiro pirata o levou, sob a mira de uma arma, em direção ao barco. Jamie havia se materializado na escuridão ao meu lado, sério.

— Sr. Fraser — disse Bonnet com simpatia ao vê-lo. — Um prazer vê-lo de novo. Mas o senhor não tinha outro companheiro? O homem de um braço.

— Não aqui — respondeu Jamie rapidamente.

— Vou dar uma olhada — murmurou o ladrão baixo, mas Bonnet o impediu com um gesto.

— Ah, sim, e duvidaria da palavra de um cavalheiro como o sr. Fraser? Não, você deve ficar aqui vigiando essas boas pessoas, Roberts. Eu vou dar uma olhada. — Assentindo para seu companheiro, ele desapareceu.

Cuidar de Rollo me distraíra momentaneamente da comoção que ocorria em outro ponto no barco. Barulhos de coisas sendo quebradas vinham de dentro da cabine, e eu fiquei de pé, lembrando-me da minha caixa de remédios.

— Ei! Aonde você vai? Pare! Vou atirar! — A voz do ladrão era de desespero, mas também de incerteza. Eu não parei para olhar para ele. Entrei na cabine e trombei com um quarto ladrão, que estava vasculhando minha caixa de remédios.

Na colisão, eu fui para trás e então segurei o braço dele com um grito de ultraje. Sem cuidado, ele abria caixas e frascos, sacudindo o conteúdo e jogando-os no chão. Um monte de garrafas, muitas delas quebradas, estavam no meio dos restos dos remédios espalhados do dr. Rawlings.

— Não *ouse* tocar neles! — disse, e peguei o frasco mais próximo da caixa. Abri a tampa e joguei o líquido na cara dele.

Como a maioria das misturas de Rawlings, aquela continha uma alta proporção de álcool. Ele se assustou quando o líquido o acertou e se jogou para trás, com os olhos molhados.

Aproveitei a vantagem, peguei uma garrafa de bebida em meio à bagunça e a acertei na cabeça dele. Ouvei um baque forte, mas eu não batera nele com muita força. O ladrão titubeou, mas permaneceu de pé, saltando na minha direção.

Afastei o braço para mais um golpe, mas uma mão que parecia de ferro me segurou por trás.

— Peço perdão, cara sra. Fraser — disse uma voz educada e familiarmente irlandesa. — Mas não posso permitir que a senhora quebre a cabeça dele. Ela não é muito bonita, eu sei, mas ele precisa da cabeça para segurar o chapéu.

— Maldita cadela! Ela me *bateu!* — O homem em quem eu havia batido levou a mão à cabeça, o rosto retorcido de dor.

Bonnet me levou ao deque, torcendo meu braço para trás. Já estava quase claro. O rio brilhava como uma peça plana de prata.

Olhei com intensidade para os assaltantes. Queria reconhecê-los de novo, se os visse com ou sem máscaras.

Infelizmente, a luz permitia que os ladrões também enxergassem melhor. O homem em quem eu havia batido, que parecia muito irritado, pegou minha mão e puxou minha aliança.

— Ei, vamos pegar isso!

Afastei a minha mão e tentei bater nele, mas fui impedida por uma tossida forte de Bonnet, que se aproximara de Ian e agora segurava a pistola a poucos centímetros da orelha esquerda do rapaz.

— É melhor entregá-las, sra. Fraser — disse ele educadamente. — Receio que o sr. Roberts mereça uma compensação pelo dano que a senhora lhe causou.

Tirei a aliança de ouro, com as mãos tremendo de raiva e medo. A prateada foi mais difícil de tirar. Ela se prendeu no nó do dedo como se não quisesse se afastar de mim. As duas alianças estavam úmidas e escorregadias por causa do suor, o metal mais quente do que meus dedos repentinamente frios.

— Entregue-as. — O homem me cutucou no ombro e então virou a palma grande da mão para cima, à espera das alianças. Estiquei a mão na direção dele, relutante, com as alianças lá dentro — e então, com um impulso, levei a mão à boca.

Bati a cabeça na parede da cabine quando o homem me empurrou. Seus dedos cheios de calos seguraram meu rosto e se enfiaram em minha boca, à procura das alianças. Eu me retorci e me assustei, com a boca cheia de saliva e um gosto metálico que podia ser por causa das alianças ou do sangue.

Mordi com força e me joguei para trás, gritando. Uma aliança deve ter voado da minha boca, pois ouvi um baque metálico em algum lugar e então engasguei, pois a segunda aliança escorregou pela minha garganta.

— Cadela! Vou cortar sua garganta maldita! Você vai para o inferno sem suas alianças, sua vaca traiçoeira! — Vi o rosto do homem, contorcido de ira, e o brilho repentino da lâmina. E então, algo me atingiu com força e me derrubou, e eu caí no deque, embaixo do corpo de Jamie.

Estava muito atordoada para me mover, mesmo sabendo que não me moveria de jeito nenhum. O peito de Jamie estava pressionando minha nuca, amassando meu rosto contra o deque. Ouvi muitos gritos e confusão, abafados pelo lenço de linho úmido ao redor de minha cabeça. Ouvi um baque suave e senti Jamie se mexer e gemer.

Ai, meu Deus! Eles o apunhalaram!, pensei, em uma agonia de terror. Outro baque e um gemido mais alto indicaram só um chute nas costelas. Jamie não se mexeu, apenas pressionou mais o corpo contra o deque, amassando ainda mais o meu.

— Saia! Roberts! Eu disse para você deixá-lo! — A voz de Bonnet era autoritária, aguda o suficiente para penetrar o tecido que me cobria.

— Mas ela... — começou Roberts, mas seu resmungo foi interrompido abruptamente com um golpe forte.

— Levante-se, sr. Fraser. Sua esposa está segura... Não que mereça estar. — Na voz grave de Bonnet era possível reconhecer o tom de diversão e de irritação.

O peso de Jamie foi retirado lentamente de mim, e eu me sentei, tonta e um pouco enjoada pelo golpe na cabeça. Stephen Bonnet ficou olhando para mim, observando-me com desgosto, como se eu fosse um cervo sarnento que alguém tivesse lhe oferecido para compra. Ao lado dele, Roberts observava com ira, com a mão em uma mancha de sangue em seus cabelos.

Bonnet piscou por fim e olhou para Jamie, que havia se levantado.

— Uma tola — disse Bonnet sem ânimo —, mas suponho que você não se importe com isso. — Ele assentiu, mostrando um sorriso fraco. — Eu me sinto grato pela oportunidade de pagar minha dívida com o senhor. Uma vida por uma vida, como diz o Bom Livro.

— Pagar? — perguntou Ian com raiva. — Depois do que fizemos por você? Você nos roubou e nos feriu, atacou minha tia e meu cachorro, e ainda tem coragem de dizer isso?

Os olhos claros de Bonnet se fixaram no rosto de Ian. Eles eram verdes, da cor de uvas sem pele. Ele tinha uma covinha

profunda em uma face, como se Deus tivesse pressionado o polegar ali ao criá-lo, mas os olhos eram frios como a água do rio na madrugada.

— Ora, você nunca leu as Escrituras, rapaz? — Bonnet balançou a cabeça de modo reprovador, estalando a língua. — Uma mulher virtuosa vale mais do que rubis. O preço dela é mais alto do que o das pérolas.

Ele abriu a mão, ainda sorrindo, e a luz da lanterna reluziu em três pedras: uma esmeralda, uma safira e um diamante negro.

— Tenho certeza de que o sr. Fraser concordaria, não acha, senhor?

Bonnet enfiou a mão no casaco e a tirou dali vazia.

— E afinal — continuou ele, com os olhos frios em direção a Ian —, há pagamentos de tipos diferentes. — Ele sorriu, não muito contente. — Mas não acho que você tenha idade suficiente para saber disso. Fique feliz por eu ter me dado ao trabalho de lhe dar uma lição.

Bonnet se virou, fazendo um gesto a seus companheiros.

— Pegamos o que viemos buscar — disse ele abruptamente. — Vamos. — Apoiou o pé no gradil e pulou, pousando com um resmungo na margem cheia de lama. Seus seguidores foram atrás, e Roberts lançou um olhar malvado para mim antes de sair do barco.

Os quatro homens desapareceram de uma vez na mata, e eu ouvi o relincho estridente de um cavalo em algum ponto da escuridão. Dentro do barco, estava tudo em silêncio.

O céu era da cor do carvão, e o trovão ecoava fraco a distância, com raios no horizonte.

— Malditos!

O capitão Freeman cuspiu para o lado e virou-se para seu companheiro.

— Pegue as varas, Troklus — ordenou ele, e caminhou em direção ao timão, erguendo as calças enquanto andava.

Lentamente, os outros se mexeram. Fergus, olhando para Jamie, acendeu a lanterna e entrou na cabine, onde o ouvi começar a ajeitar as coisas. Ian estava sentado no deque, com a cabeça de

cabelos escuros inclinada na direção de Rollo enquanto passava a camisa no pescoço do animal.

Não quis olhar para Jamie. Rolei e engatinhei lentamente até o jovem Ian. Rollo me observou, com os olhos amarelos atentos, mas não fez nenhuma objeção à minha presença.

— Como ele está? — perguntei com a voz rouca.

Sentia a aliança na garganta, uma obstrução desconfortável, e engoli em seco várias vezes.

O jovem Ian olhou para a frente uma vez. Seu rosto estava pálido e sério, mas os olhos estavam alertas.

— Ele está bem, eu acho — sussurrou ele. — Tia... você está bem? Não está machucada, está?

— Não — falei, tentando sorrir de modo reconfortante. — Estou bem.

Havia um ponto sensível em minha cabeça e meus ouvidos ainda zuniam um pouco. O aro amarelo de luz ao redor da lanterna parecia oscilar, inchar e diminuir de modo constante com a batida do meu coração. Uma face estava arranhada; o cotovelo, machucado; e havia uma lasca de madeira em uma das mãos, mas eu parecia estar bem fisicamente, de modo geral. Em outros aspectos, eu tinha minhas dúvidas.

Não olhei para Jamie, a cerca de dois metros de mim, mas conseguia sentir sua presença, ameaçadora como uma tempestade que se anuncia. Ian, que claramente *conseguia* vê-lo por cima do meu ombro, parecia levemente apreensivo.

Ouvimos um leve ranger no deque, e a expressão de Ian se acalmou. Ouvi a voz de Jamie dentro da cabine, totalmente calma quando ele fez uma pergunta a Fergus, e então ela sumiu, perdida nos sons de batidas e farfalhar enquanto os homens arrumavam a mobília e reuniam os objetos espalhados. Soltei o ar lentamente.

— Não se preocupe, tia — disse Ian, tentando me acalmar. — Acho que o tio Jamie não é o tipo de homem que bateria em você.

Eu não tinha tanta certeza disso, dadas as vibrações vindas da direção de Jamie, mas esperava que ele estivesse certo.

— Ele está muito bravo, não acha? — perguntei com a voz baixa.

Ian deu de ombros de modo incerto.

— Bem, da última vez que o vi olhando para *mim* daquele jeito, ele me levou para casa e me bateu. Mas tenho certeza de que não a trataria desse modo — acrescentou depressa.

— Acho que não — falei, um pouco inexpressiva. Não tinha certeza se preferiria que ele não o fizesse.

— Também não é muito bom ouvir o que o tio Jamie diz quando está bravo — disse Ian, balançando a cabeça de modo solidário. — Eu preferiria uma surra.

Olhei para Ian de modo calmo e me inclinei na direção de Rollo.

— Já aconteceram muitas coisas ruins hoje. O sangramento parou?

O sangramento tinha parado. Apesar do pelo manchado de sangue, o ferimento tinha sido pequeno, só atingira a pele e um pouco de músculo perto do ombro. Rollo abaixou as orelhas e mostrou os dentes enquanto eu o examinava, mas não protestou.

— Bom garoto — murmurei. Se eu tivesse uma maneira de anestésiar a pele, teria dado os pontos no ferimento, mas teríamos que proceder sem essas comodidades. — É preciso passar um pouco de pomada aqui, para manter os insetos afastados.

— Eu vou buscar, tia. Sei onde sua caixinha está. — Ian tirou a cabeça de Rollo de seu pescoço e se levantou. — É aquela pomada verde que você passou no dedo de Fergus? — Quando assenti, ele entrou na cabine, deixando-me sozinha com o estômago embrulhado, a dor de cabeça e a garganta obstruída. Engoli várias vezes, mas sem sucesso. Toquei minha garganta, tentando imaginar qual aliança eu ainda tinha.

Eutroclus apareceu, dando a volta na cabine, carregando uma vara comprida de madeira branca, profundamente manchada de um lado, e as marcas eram prova do uso frequente. Fincando a vara com firmeza ao lado do barco, ele apoiou o peso nela, ofegante pelo esforço.

Eu me sobressaltei quando Jamie saiu das sombras com uma vara parecida na mão. Eu não ouvira sua aproximação em meio às

batidas e aos gritos. Jamie não olhou para mim, mas tirou a camisa, e ao sinal do ajudante, fincou sua vara.

Na quarta tentativa, senti a vibração do casco, um leve tremor de algo sendo erguido. Animados, Jamie e o ajudante empurraram com mais força e, de repente, o casco se livrou com um baque abafado da madeira que fez Rollo levantar a cabeça e latir.

Eutroclus assentiu para Jamie, com um sorriso no rosto suado e brilhante, e pegou a vara dele. Jamie assentiu, sorrindo, e ao pegar a camisa do deque, virou-se na minha direção.

Fiquei tensa, e Rollo ergueu as orelhas em alerta, mas Jamie não demonstrou vontade de me atacar nem de me lançar à água. Apenas se inclinou para a frente, franzindo o cenho ao olhar para mim sob a luz inconstante da lanterna.

— Como está se sentindo, Sassenach? Não sei se você está meio verde ou se é só o efeito da luz.

— Estou bem, talvez um pouco trêmula.

Mais do que um pouco. Minhas mãos ainda estavam suadas e eu sabia que meus joelhos trêmulos não me sustentariam se eu tentasse me levantar. Engoli em seco, tossi e bati em meu peito.

— Provavelmente é só minha imaginação, mas parece que a aliança está presa em minha garganta.

Jamie estreitou os olhos para mim, pensativo, e então se virou para Fergus, que saíra da cabine e estava ali perto.

— Pergunte ao capitão se posso ver o cachimbo dele por um momento, Fergus. — Ele se virou, puxando a camisa para cima, e desapareceu, voltando momentos depois com uma xícara de água.

Eu tentei pegá-la, mas ele a manteve fora de meu alcance.

— Ainda não, Sassenach — disse ele. — Pegou? Obrigado, Fergus. Pegue um balde vazio agora, sim? — Pegando o cachimbo imundo da mão de um confuso Fergus, ele enfiou o polegar no espaço manchado e começou a raspar o resíduo grudento e queimado que estava dentro dele.

Virando o cachimbo para baixo, ele o bateu sobre o copo de água, causando uma pequena chuva de crostas marrons e pedaços úmidos de tabaco semiqueimado, que ele misturou na água com o

polegar escuro. Ao terminar, ele olhou para mim por cima da borda da xícara de um modo estranhamente sinistro.

— Não — falei. — Ah, não.

— Ah, sim — disse ele. — Venha, Sassenach. Isso vai curá-la.

— Vou só... esperar — falei. Cruzei os braços sobre o peito. — Mas obrigada mesmo assim.

Fergus voltava com um balde, as sobancelhas erguidas. Jamie o pegou dele e o colocou no deque ao meu lado.

— Já fiz a coisa do jeito que você pretende fazer, Sassenach, e é bem mais sujo do que você pensa. Além disso, não é algo agradável de se fazer em um barco, com pessoas por perto, não é mesmo? — Ele pousou uma mão em minha nuca e pressionou a xícara contra meu lábio inferior. — Será rápido. Vamos. Só precisa de um golinho.

Fechei bem a boca. O cheiro da xícara já era suficiente para fazer meu estômago revirar, combinando-se com o fedor do tabaco, a superfície marrom do líquido, as crostas nadando por baixo da superfície e a lembrança dos catarros marrons do capitão Freeman escorregando pelo deque.

Jamie não se importou em argumentar nem em me convencer. Simplesmente soltou minha mão, apertou meu nariz e quando abriu a boca para respirar, virou o líquido fedorento da xícara.

— Hum!

— Engula! — disse ele, fechando minha boca com força e ignorando meus movimentos e os sons abafados de protesto que eu fazia. Ele era muito mais forte do que eu, e não pretendia me soltar. Era engolir ou sufocar.

Então eu engoli.

— Novinha em folha. — Jamie terminou de polir a aliança prateada na barra de sua camisa e a levantou, admirando-a sob o brilho da lanterna.

— É mais do que se pode dizer a meu respeito — respondi com timidez. Eu estava deitada no deque, e apesar da água calma no

rio, ainda parecia um pouco tumultuado sob meu corpo. — Você é um sádico de marca maior, Jamie Fraser!

Ele se inclinou sobre mim e afastou os cabelos úmidos do meu rosto.

— Espero que sim. Se você se sente bem o bastante para me xingar, Sassenach, ficará boa. Descanse um pouco, está bem? — Ele me deu um beijo suave na testa e se recostou.

Sem a comoção e com a ordem restabelecida, os outros homens tinham voltado para a cabine para se recomparam com a ajuda de uma garrafa de rum que o capitão Freeman conseguira salvar das garras dos piratas, pois a enfiara no barril de água. Havia um copo pequeno da bebida no deque perto da minha cabeça. Eu ainda estava enjoada demais para conseguir engolir o que quer que fosse, mas o cheiro de fruta era um tanto agradável.

Estávamos com a vela pronta. Todos estavam dispostos a ir embora, como se ainda houvesse algum perigo à espreita no local do ataque. Estávamos nos movendo mais depressa agora. A nuvem pequena de insetos que sempre voava ao redor das lanternas desaparecera, reduzida a poucos mosquitos nas vigas, os corpos verdes e delicados lançando sombras pequenas. Dentro da cabine, as pessoas riram de repente, e Rollo rosnou no deque ao lado — as coisas estavam voltando ao normal.

Uma brisa suave e bem-vinda soprou pelo deque, evaporando o suor que umedecia meu rosto e levantando as pontas dos cabelos de Jamie, soprando-os contra seu rosto. Eu vi a pequena linha vertical entre as sobrancelhas dele e sua cabeça inclinada, o que indicava que Jamie estava pensando muito.

Eu não fazia ideia de quais eram seus pensamentos. Em um momento, estávamos ricos — ricos em potencial, pelo menos — e no outro, voltávamos a ser pobres, nossa expedição bem equipada reduzida a um saco de feijões e uma caixa de remédios usados. Não havia mais como conseguir o intuito de Jamie, o de não parecermos mendigos ao chegarmos à casa de Jocasta Cameron, pois não passávamos disso no momento.

Senti um aperto na garganta por ele, e a pena substituiu a irritação. Além da questão de seu orgulho, havia agora um vão

naquele território desconhecido chamado de “O Futuro”. O futuro estava em aberto antes, mas pelo menos tínhamos a ideia reconfortante de que teríamos dinheiro para atingir nossos objetivos, não importava quais fossem.

Até mesmo nossa penosa viagem ao norte tinha parecido uma aventura, com a certeza de que tínhamos uma fortuna, independentemente de ela poder ser usada ou não. Eu nunca tinha me considerado uma pessoa que dava muito valor ao dinheiro, mas ter a certeza da segurança arrancada desse modo violento me dera um ataque repentino e muito inesperado de vertigem, como se eu estivesse caindo dentro de um poço escuro, incapaz de parar.

Como Jamie estaria, já que sentia o medo dele e o meu e também a responsabilidade por tantas vidas? Ian, Fergus, Marsali, Duncan, os habitantes de Lallybroch e até mesmo aquela maldita Laoghaire. Eu não sabia se devia rir ou chorar, pensando no dinheiro que Jamie tinha enviado a ela. No momento, a criatura vingativa estava muito melhor do que nós.

Ao pensar em vingança, senti uma nova pontada que substituiu todos os medos menores. Apesar de Jamie não ser muito vingativo — para um escocês —, nenhum morador das Terras Altas sofreria tamanha perda com resignação e silêncio. Uma perda não apenas de dinheiro, mas de honra. O que ele poderia querer fazer a respeito?

Jamie olhou fixamente para a água escura, com os lábios contraídos. Será que mais uma vez ele estava vendo o cemitério onde, tomado pelo sentimentalismo afetado de Duncan, ele concordara em ajudar Bonnet a escapar?

Mais tarde, pensei que os aspectos do desastre provavelmente ainda não tinham entrado na mente de Jamie. Ele estava ocupado com um pensamento mais amargo. Jamie ajudara Bonnet a escapar da forca e o libertara para caçar os inocentes. Quantos além de nós sofreríamos por causa disso?

— Você não teve culpa — falei, tocando seu joelho.

— E quem tem? — perguntou ele baixinho, sem olhar para mim. — Eu sabia como ele era. Poderia tê-lo deixado à sorte que ele procurou... mas não fiz isso. Fui um tolo.

— Você foi bondoso. Não é a mesma coisa.

— Mas é quase — rebateu Jamie.

Ele respirou fundo. O ar estava refrescante com o cheiro de ozônio, a chuva se aproximava. Jamie pegou o copo de rum e bebeu, e então olhou para mim pela primeira vez, segurando o copo para me oferecer.

— Sim, obrigada. — Eu me esforcei para me sentar, mas Jamie me segurou pelos ombros e me levantou para que eu me recostasse contra ele. Ofereceu o copo para que eu bebesse, e o líquido quente como sangue desceu pela minha língua e virou fogo em minha garganta, queimando os vestígios de enjoo e tabaco, deixando o gosto de rum e de cana queimada.

— Está melhor?

Assenti e levantei a mão direita. Ele deslizou o anel em meu dedo, e o metal estava quente. Então, dobrando meus dedos, ele apertou minha mão com força e a manteve ali.

— Ele estava nos seguindo desde Charleston? — perguntei.

Jamie balançou a cabeça. Seus cabelos ainda estavam soltos, ondas pesadas caindo para a frente e escondendo seu rosto.

— Acho que não. Se ele soubesse que tínhamos joias, teria nos atacado na estrada antes de chegarmos a Wilmington. Não, acho que ele soube por um dos servos de Lillington. Pensei que estaríamos seguros, pois iríamos para Cross Creek antes que alguém soubesse das pedras. Mas alguém abriu a boca. Um laçao ou talvez a costureira que fez seu vestido.

Seu rosto estava muito calmo, o que acontecia quando ele escondia fortes emoções. Uma rajada repentina de ar quente soprou pelo deque. A chuva se aproximava. O vento soprou os fios soltos dos cabelos dele em seu rosto, e Jamie os afastou, passando os dedos pelas mechas densas.

— Sinto muito pela outra aliança — disse ele, após um momento.

— Ah, tudo... — Comecei a dizer “tudo bem”, mas as palavras ficaram presas em minha garganta, engasgada pela repentina percepção da perda.

Eu usara aquela aliança durante quase trinta anos. Era um símbolo de promessas feitas, esquecidas, renovadas e, por fim, absolvidas. Um símbolo de casamento, de família, de uma grande parte da minha vida. E o último vestígio de Frank — a quem, apesar de tudo, eu havia amado.

Jamie não disse nada, mas pegou minha mão esquerda e a segurou, acariciando os nós dos meus dedos delicadamente com seu polegar. Eu também não falei. Respirei fundo e virei o rosto para a popa. As árvores da margem balançavam com o vento cada vez mais forte, folhas farfalhando alto o bastante para abafar o som da passagem da embarcação.

Uma pequena gota bateu em meu rosto, mas não me mexi. Minha mão permaneceu parada e branca na dele, parecendo estranhamente frágil. Era um pouco chocante vê-la daquele modo.

Eu estava acostumada a prestar muita atenção às minhas mãos, de um jeito ou de outro. Eram minhas ferramentas, meu canal de toque, misturando a delicadeza e a força por meio das quais eu curava. Elas tinham uma certa beleza, que eu admirava de modo indiferente, mas era a beleza da força e da competência, a certeza do poder, que as tornavam admiráveis.

Era a mesma mão agora, pálida e de dedos compridos, os nós um pouco ossudos — estranhamente nua sem minha aliança, mas, de fato, era a minha mão. Porém estava em uma mão muito maior e mais grossa a ponto de parecer pequena e frágil.

A outra mão dele apertou mais, pressionando o metal da aliança de prata em minha pele, fazendo com que eu me lembrasse do que restara. Ergui o punho e o pressionei com força contra meu coração em resposta. A chuva começou a cair em gotas grandes e molhadas, mas nenhum de nós se mexeu.

Ela veio de repente, derrubando um véu sobre o barco e a margem, batendo e fazendo barulho nas folhas, no deque e na água, dando a ilusão temporária de que estávamos escondidos. Bateu fria e macia em minha pele, um bálsamo momentâneo nas feridas do medo e da perda.

Eu me senti, de uma vez, muito vulnerável e ainda totalmente segura. Mas sempre me senti assim com Jamie Fraser.

PARTE IV

River Run



10

JOCASTA

Cross Creek, Carolina do Norte, junho de 1767

River Run ficava à beira de Cabo Fear, acima da confluência que dava a Cross Creek seu nome. Cross Creek em si tinha um bom tamanho, com um trânsito local intenso e diversos galpões grandes à beira da água. Enquanto o *Sally Ann* passava lentamente pela rota de despacho, um cheiro forte de resina pairava sobre a cidade e o rio, preso no ar quente e grudento.

— Meu Deus, é como respirar terebintina! — Ian expirou quando uma nova onda do cheiro forte tomou conta de nós.

— Você *está* respirando terebintina, homem. — O raro sorriso de Eutroclus apareceu e logo desapareceu. Ele assentiu indicando uma barçaça acorrentada a uma pilha em um dos cais. Estava cheia de barris, alguns dos quais mostravam uma mistura preta e densa pelas frestas. Outros, barris maiores, tinham as marcas de seus donos, com um “T” grande queimado na madeira.

— Isso — concordou o capitão Freeman. Ele estreitou os olhos sob a forte luz do sol, acenando a mão lentamente na frente do nariz, como se isso pudesse afastar o fedor. — É a época do ano em que os carregadores de piche aparecem. Piche, terebintina, alcatrão... tudo vem de barçaça para Wilmington, e então enviam tudo para o sul, para os carregamentos em Charleston.

— Não acho que seja *tudo* terebintina — disse Jamie. Ele secou a nuca com um lenço e assentiu em direção ao galpão maior, a porta tomada por soldados de casacos vermelhos. — Está sentindo o cheiro, Sassenach?

Inspirei com cuidado. *Havia* algo mais no ar aqui, um odor quente e familiar.

— Rum? — perguntei.

— E conhaque. E um pouco de vinho do Porto também. — Jamie mexeu o nariz comprido, sensível como o de um mangusto. Olhei para ele achando graça.

— Você não perdeu o olfato, não é? — Vinte anos antes, ele havia gerenciado o negócio de vinhos de seu primo Jared em Paris, e seu nariz e palato eram os melhores nas salas de degustação.

Ele sorriu.

— Ah, acho que ainda sei diferenciar Moselle de urina de cavalo, se sentisse o cheiro dos dois. Mas diferenciar rum de terebintina não é muito difícil, certo?

Ian inspirou o ar com força e o soltou, tossindo.

— O cheiro é o mesmo para mim — disse ele, balançando a cabeça.

— Ótimo — falou Jamie. — Darei terebintina para você da próxima vez que formos beber. Vai ficar bem mais barato. Só poderia comprar terebintina agora — acrescentou, sob as risadas causadas pelo comentário. Ele se endireitou, batendo a mão no casaco. — Chegaremos logo. Estou com cara de mendigo, Sassenach?

Com o sol brilhando em seus cabelos bem presos, o perfil enegrecido contra a luz, eu o achava lindo, mas percebi o leve tom de ansiedade em sua voz, e sabia muito bem a que ele se referia. Podia não ter dinheiro, mas não queria aparentar pobreza.

Eu sabia que a ideia de aparecer na casa da tia como um parente pobre que chegou para mendigar fazia muito mal a seu orgulho. O fato de Jamie ter sido forçado a assumir esse papel não deixava as coisas mais fáceis.

Olhei para ele com atenção. O casaco e o colete não estavam espetaculares, mas bastante aceitáveis, graças ao primo Edwin. Era um tecido fino cinza-claro com um bom corte e excelente ajuste, botões não de prata, mas tampouco de madeira ou ossos — uma liga de estanho discreta, como a de um próspero quacre .

Mas o restante de sua aparência não tinha nenhuma semelhança com um quacre, pensei. A camisa de linho estava bem amassada, mas se ficasse vestido com o casaco, ninguém notaria, e o botão que faltava no colete estava escondido pela prega de renda, a única extravagância que ele permitira em suas roupas.

As meias estavam boas. Eram de seda azul-clara, sem furos visíveis. As calças de linho branco estavam justas, mas não muito indecentes, e razoavelmente limpas.

Os sapatos eram a única falha nele. Não houvera tempo para conseguir um melhor. Estavam desgastados, e fiz o melhor que pude para esconder as marcas com uma mistura de terra e fuligem, mas estava evidente que eram sapatos de um agricultor, não os de um cavalheiro; sola grossa, feito de couro duro e com prendedores de chifre. Ainda assim, eu duvidava que sua tia Jocasta olharia para os pés dele logo de cara.

Fiquei na ponta dos pés para ajeitar a camisa dele, e passei as mãos com delicadeza sobre os seus ombros.

— Vai dar tudo certo — falei, sorrindo para ele. — Você está lindo.

Jamie pareceu surpreso. Então, a expressão de indiferença se transformou em um sorriso.

— *Você é linda, Sassenach.* — Ele se inclinou e me beijou na testa. — *Você está corada como uma maçãzinha, muito linda.* — Ele se endireitou, olhou para Ian e suspirou.

— Quanto a Ian, talvez eu possa dizer que ele é um ajudante que contratei para cuidar dos porcos.

Ian era uma daquelas pessoas cujas roupas, por mais que fossem de boa qualidade, pareciam ter sido tiradas de uma lata de lixo. Metade dos cabelos dele tinham escapado do laço verde, e um cotovelo ossudo aparecia de um rasgo em sua camisa nova, cujas mangas já estavam claramente sujas nos punhos.

— O capitão Freeman está dizendo que chegaremos logo! — exclamou ele, os olhos brilhando ansiosos enquanto se inclinava para o lado, espiando rio acima para ser o primeiro a ver nosso destino. — O que você acha que jantaremos?

Jamie observou o sobrinho sem paciência.

— Espero que você receba os restos com os cachorros. Você não tem um casaco, Ian? Nem um pente?

— Ah, sim — disse Ian, olhando ao redor vagamente, como se esperasse que um dos objetos se materializasse à sua frente. — Tenho um casaco aqui em algum lugar, eu acho.

O casaco finalmente foi encontrado embaixo de um dos bancos, e retirado com certa dificuldade de Rollo, que fizera uma cama confortável com ele. Depois de escovar a peça para retirar pelo menos alguns dos pelos, Ian foi obrigado a vesti-lo, e pentearam seus cabelos em uma trança enquanto Jamie lhe dava algumas orientações sobre bons modos, que consistiram apenas no conselho para que ele ficasse calado pelo maior tempo possível.

Ian assentiu com simpatia.

— Então você vai contar à tia-avó Jocasta sobre os piratas? — perguntou ele.

Jamie olhou para as costas do capitão Freeman por um breve momento. Era inútil pensar que tal história não seria contada em todas as tavernas de Cross Creek assim que eles nos deixassem. Seria uma questão de dias — horas, talvez — até que ela se espalhasse por River Run.

— Sim, vou contar a ela — respondeu Jamie. — Mas não no mesmo instante de nossa chegada, Ian. Deixe que ela se acostume conosco antes.

O ancoradouro de River Run ficava a alguma distância de Cross Creek, separado do barulho e do fedor da cidade por vários quilômetros de um rio tranquilo e cheio de árvores. Ao ver Jamie, Ian e Fergus muito bonitos, até onde a água, o pente e as fitas conseguiram ajudar, eu entrei na cabine, tirei minha blusa de musselina, tomei um banho rápido de esponja e vesti a peça de seda creme que usei para jantar com o governador.

O tecido macio estava leve e frio contra minha pele. Talvez um pouco mais formal do que o comum para uma tarde, mas era importante para Jamie que estivéssemos decentes — principalmente agora, depois de nosso encontro com os piratas — e

minhas únicas alternativas eram a blusa imunda ou um vestido simples que eu trouxera da Geórgia.

Não havia muito o que fazer com os meus cabelos. Eu os penteei como sempre e então os preendi na nuca, deixando as pontas se enrolarem como quisessem. Não precisava me preocupar com joias, pensei pesarosamente, e esfreguei minha aliança prateada para deixá-la brilhando. Ainda evitava olhar para a mão esquerda, tão nua. Se eu não olhasse, ainda conseguia sentir o peso imaginário do ouro nela.

Quando saí da cabine, vi o ancoradouro. Em contraste com os ancoradouros em meio à mata pelos quais tínhamos passado, River Run ostentava um deque grande e bem construído de madeira. Um menino pequeno e negro estava sentado na ponta dele, balançando as pernas nuas com tédio. Quando ele viu o *Sally Ann* se aproximar, ficou de pé e correu, provavelmente para anunciar nossa chegada.

Nossa embarcação parou em um deque. Pela folhagem das árvores próximas ao rio, uma passarela de tijolos nos levou através de uma série de gramados e jardins, que se dividiam em dois para dar a volta em um par de estátuas de mármore com seus próprios canteiros de flores, e se uniam e dispersavam em uma praça ampla diante de uma casa imponente de dois andares, com colunas e várias chaminés. Em um dos lados dos canteiros de flores havia uma construção em miniatura feita de mármore branco. Algum tipo de mausoléu, pensei. Refleti mais um pouco na adequação do vestido cor de creme e toquei meus cabelos com nervosismo.

Eu a vi logo entre as pessoas que saíam da casa e atravessavam o caminho. Eu a reconheceria como uma MacKenzie, mesmo que não soubesse quem ela era. Jocasta tinha ossos fortes, o rosto amplo dos vikings e a testa alta e lisa dos irmãos, Colum e Dougal. E, assim como seu sobrinho e sua sobrinha-neta, era extraordinariamente alta, uma das características que os marcavam como descendentes do mesmo sangue.

Mais alta do que o grupo de servos negros que a cercavam, ela desceu o caminho que partia da casa, de braço dado com seu mordomo, mas era a mulher mais capaz de se manter sozinha que eu já vira.

Era alta e ágil, com um passo firme que não condizia com seus cabelos grisalhos. Ela já devia ter sido ruiva como Jamie. Os cabelos ainda tinham um toque avermelhado, com aquele branco macio e rico que os ruivos têm, com um pouco de fios dourados.

Um dos garotos na vanguarda gritou, e dois deles saíram correndo, pulando pelo caminho em direção ao ancoradouro, onde nos rodearam, gritando como cachorrinhos. No começo, não entendi nada. Só quando Ian respondeu de modo brincalhão, percebi que eles gritavam em gaélico.

Eu não sabia se Jamie tinha pensado no que fazer ou dizer nesse primeiro encontro. Ele só deu um passo à frente, aproximou-se de Jocasta MacKenzie e a abraçou, dizendo:

— Tia... sou o Jamie.

Só vi o rosto de Jamie quando ele a soltou e deu um passo para trás, com uma expressão que eu nunca vira antes. Um misto de entusiasmo, alegria e surpresa. Pensei, com um leve choque, que Jocasta MacKenzie devia ser muito parecida com sua irmã mais velha, a mãe de Jamie.

Achei que Jocasta tinha os olhos azuis profundos dele, mas não consegui ver. Os olhos dela estavam embaçados enquanto ela ria em meio às lágrimas, segurando-o pela manga e levantando a mão para tocar seu rosto e alisar as mechas de cabelo que não estavam soltas ao redor dele.

— Jamie! — dizia ela, sem parar. — Jamie, pequeno Jamie! Ah, estou feliz por você ter vindo, rapaz! — Jocasta estendeu a mão de novo e tocou os cabelos dele, com um olhar de encantamento. — Minha nossa, ele é um gigante! Você será tão alto quanto meu irmão Dougal, pelo menos!

A expressão de felicidade no rosto de Jamie diminuiu um pouco com aquelas palavras, mas ele manteve o sorriso, virando-a com ele para que ela me visse.

— Tia, posso apresentar-lhe minha esposa? Esta é Claire.

Ela estendeu a mão, sorrindo, e eu a segurei, sentindo um leve susto por reconhecer os dedos compridos e fortes. Apesar de os nós dos dedos estarem marcados pela idade, sua pele era macia e seu toque era estranhamente como o de Brianna.

— Estou muito feliz em conhecê-la, minha querida — disse ela, e me puxou para perto para beijar meu rosto. O cheiro de menta e verbena exalavam fortes de seu vestido, e eu me senti emocionada de um jeito esquisito, como se de repente eu me visse sob a proteção de uma divindade benévola. — Tão linda! — exclamou com admiração, os dedos compridos tocando a manga do meu vestido.

— Obrigada — respondi, mas Ian e Fergus estavam vindo para serem apresentados. Ela recebeu os dois com abraços e simpatia, rindo quando Fergus beijou a mão dela com seu estilo francês.

— Venham — chamou Jocasta, afastando-se por fim, secando as faces molhadas com as costas de uma mão. — Venham, meus queridos. Tomem chá e comam um pouco. Vocês devem estar famintos, sem dúvida, depois de uma viagem tão longa. Ulysses! — Ela se virou, procurando, e o mordomo deu um passo à frente, fazendo uma reverência.

— Madame — disse ele a mim, e “senhor” a Jamie. — Está tudo pronto, srta. Jo — disse ele com delicadeza para sua patroa, e ofereceu um braço a ela.

Quando eles começaram a caminhar, Fergus se virou para Ian e fez uma reverência, imitando a maneira cortês do mordomo, e ofereceu seu braço, com bom humor. Ian deu um chute em seu traseiro e subiu pelo caminho, olhando de um lado a outro para ver tudo. A fita verde se soltara, e estava pendurada no meio de suas costas.

Jamie resmungou reprovando a brincadeira, mas riu mesmo assim.

— Madame? — Ele me ofereceu um braço, que aceitei, atravessando o caminho até as portas de River Run, que estavam abertas para nos receber.

A casa era espaçosa e arejada por dentro, com tetos altos e portas francesas amplas em todos os cômodos do andar de baixo. Vi peças de prata e de cristal quando passamos por uma sala de jantar

grande e formal, e pensamos que, pelo visto, Hector Cameron devia ter sido muito bem-sucedido com as plantações.

Jocasta nos levou a uma sala particular, menor e mais íntima, com a mesma quantidade de mobília das salas maiores, mas com toques caseiros entre o brilho dos móveis polidos e das decorações. Havia um cesto grande de lã cheia de novelos em uma pequena mesa de madeira polida, ao lado de um vaso de vidro com flores de verão e um sino pequeno, prateado e decorado. Uma roda de fiar girava sozinha e lentamente na brisa que entrava pelas portas francesas abertas.

O mordomo nos levou para o cômodo, ajudou sua patroa a se sentar e então se virou para uma cristaleira com uma coleção de jarros e garrafas.

— Vamos tomar um trago para comemorar sua vinda, Jamie?
— Jocasta balançou a mão comprida e magra na direção da cristaleira. — Imagino que você não tenha experimentado um uísque decente desde que saiu da Escócia, não é?

Jamie riu, sentando-se na frente dela.

— De fato, não, tia. E como você o consegue aqui?

Ela deu de ombros e sorriu, parecendo complacente.

— Seu tio teve a sorte de fazer um bom estoque há alguns anos. Ele negociou metade de um carregamento de vinho e licor em troca de um armazém de tabaco, pretendendo vendê-lo, mas então, o Parlamento emitiu um ato tornando ilegal que alguém além da Coroa vendesse bebida alcoólica mais forte do que cerveja nas Colônias, e assim acabamos com duzentas garrafas da bebida na adega!

Ela estendeu a mão na direção da mesa ao lado de sua cadeira, sem se importar em olhar. Ela não precisava. O mordomo pousou ali um copo de cristal, onde os dedos dela alcançavam. Jocasta o segurou e o ergueu, passando-o sob o nariz e cheirando-o, os olhos fechados de prazer.

— Sobrou bastante ainda. Muito mais do que consigo beber, pode acreditar! — Ela abriu os olhos e sorriu, erguendo o copo na nossa direção. — A você, sobrinho, e à sua querida esposa. Que os dois encontrem um lar nesta casa! *Slàinte!*

— *Slàinte mhar!* — respondeu Jamie, e todos nós bebemos.

Era um bom uísque, suave como seda e forte como o sol. Consegui senti-lo chegar ao fundo de meu estômago, criar raiz e se espalhar pela minha coluna.

Pareceu ter um efeito parecido em Jamie. Vi o leve franzir de cenho diminuir, e então seu rosto relaxou.

— Pedirei a Ulysses que escreva hoje à noite, para contar à sua irmã que vocês chegaram em segurança. — Jocasta estava dizendo. — Ela deve ter se preocupado muito com seu garoto, com certeza, pensando em todos os perigos que podem tê-los acometido pelo caminho.

Jamie pousou o copo e pigarreou, preparando-se para a confissão.

— Quanto aos perigos, tia, receio que devo contar...

Desviei o olhar, sem querer aumentar o desconforto dele enquanto o observava explicar de modo conciso o estado deplorável em que nos encontrávamos financeiramente. Jocasta ouviu com atenção, murmurando sons de surpresa diante do que ele contava a respeito de nosso encontro com os piratas.

— Maldito, maldito! — exclamou ela. — Retribuir sua gentileza desse modo! O homem deveria ser enforcado!

— Bem, eu me culpo, tia — disse Jamie com pesar. — Ele *seria* enforcado, se não fosse por mim. E como eu sabia que o homem era um ladrão, não posso me surpreender ao vê-lo roubar.

— Hummm. — Jocasta se endireitou no assento, olhando por cima do ombro esquerdo de Jamie enquanto falava. — Seja como for, sobrinho. Eu disse que você deve pensar em River Run como sua casa, e estava falando sério. Você e os seus são bem-vindos aqui. E tenho certeza de que encontraremos uma maneira de refazer suas riquezas.

— Agradeço, tia — murmurou Jamie, mas não quis olhar nos olhos dela. Ele olhou para o chão, e eu vi a mão ao redor do copo de uísque, segurando com força suficiente para deixar os nós dos dedos brancos.

O assunto da conversa felizmente passou para notícias de Jenny e de sua família em Lallybroch, e a vergonha de Jamie

diminuiu um pouco. O jantar tinha sido pedido. Eu sentia o cheiro delicioso de carne assada vindo da cozinha, trazido pela brisa da noite que atravessava os gramados e os canteiros de flores.

Fergus se levantou e pediu licença, enquanto Ian caminhava pela sala, pegando coisas e devolvendo-as a seus lugares. Rollo, entediado com a situação ali dentro, farejava o ar da porta, observado com clara insatisfação pelo mordomo meticuloso.

A casa e toda a mobília eram simples, mas bem cuidadas, bonitas e organizadas com algo mais do que só bom gosto. Percebi o que estava por trás de proporções elegantes e decorações graciosas quando Ian parou abruptamente ao lado de um grande quadro na parede.

— Tia Jocasta! — exclamou ele, virando-se para ela. — A senhora pintou isto? Tem seu nome aqui.

Pensei ter visto a expressão dela ficar mais sombria, mas ela logo sorriu de novo.

— A vista das montanhas? Ah, sempre adorei vê-las. Eu ia com Hector, e então ele subia para comercializar os couros. Acampávamos nas montanhas e montávamos uma fogueira enorme, e os empregados a mantinham acesa dia e noite, como um sinal. E depois de alguns dias, os índios selvagens desciam a floresta e se sentavam ao redor da fogueira para conversar, beber uísque e permutar... eu me sentava com meu caderno de desenho e gizes de cera, desenhando tudo que conseguia ver.

Ela se virou, acenando em direção ao lado mais distante da sala.

— Veja aquele do canto, rapaz. Veja se consegue encontrar o índio que coloquei ali, escondido nas árvores.

Jocasta terminou o uísque e pousou o copo na mesa. O mordomo se ofereceu para enchê-lo de novo, mas ela o dispensou sem olhar para ele. Ele repousou o decantador e saiu depressa para o corredor.

— Sim, eu adorava ver as montanhas — repetiu ela. — Não são tão escuras e áridas como na Escócia, mas o sol nas rochas e a névoa nas árvores me lembravam de Leoch de vez em quando.

Ela balançou a cabeça de novo e sorriu um pouco feliz demais para Jamie.

— Mas este é meu lar há muito tempo, sobrinho... e eu espero que você o considere seu lar também.

Não tínhamos muita escolha, mas Jamie mexeu a cabeça, murmurando um agradecimento em resposta. No entanto, foi interrompido por Rollo, que levantou a cabeça latindo assustado.

— O que foi, cachorro? — perguntou Ian, de pé ao lado do cachorro-lobo. — Está sentindo algum cheiro?

Rollo estava gemendo, olhando para a borda de flores escuras e arrepiando os pelos grossos, nervoso.

Jocasta virou a cabeça na direção da porta aberta e farejou o ar, as narinas se abrindo.

— É um gambá — disse ela.

— Um gambá! — Ian se virou para olhar para ela, assustado. — Eles chegam tão perto da casa?

Jamie se levantara depressa para espiar a noite.

— Eu ainda não o vi — disse ele. Levou a mão automaticamente ao cinto, mas é claro que não estava carregando uma faca com seu terno bom. Ele se dirigiu a Jocasta. — Tem alguma arma na casa, tia?

Jocasta ficou boquiaberta.

— Sim, muitas, mas...

— Jamie, um gambá não é... — Comecei a falar.

Mas antes que conseguíssemos terminar, ouvimos um barulho em meio aos arbustos, e os galhos altos balançavam de um lado a outro. Rollo rosou, e os pelos do seu pescoço se eriçaram.

— Rollo! — Ian olhou ao redor à procura de uma arma improvisada, pegou o atizador da lareira e o ergueu acima da cabeça, partindo em direção à porta.

— Espere, Ian! — Jamie segurou o braço erguido do sobrinho. — Veja. — Ele abriu um grande sorriso e apontou para a porta.

Os arbustos se abriram e um gambá bonito e gordo apareceu, com belas listras pretas e brancas, e obviamente com a sensação de que tudo estava bem em seu mundo.

— *Aquilo* é um gambá? — perguntou Ian sem acreditar. — Puxa, mas é pequeno como um furão! — Ele enrugou o nariz, numa expressão dividida entre diversão e nojo. — Ufa! E eu pensando se tratar de uma fera enorme e perigosa!

A atitude despreocupada do gambá foi demais para Rollo aguentar, e ele avançou, latindo de modo curto e forte. Correu de um lado para outro na varanda, rosnando e partindo brevemente atrás do gambá, que olhava com irritação para ele.

— Ian — chamei, escondendo-me atrás de Jamie. — Repreenda seu cachorro. Os gambás *são* perigosos.

— São? — Jamie olhou confuso para mim. — Mas o que...

— Os furões só fedem — expliquei. — Os gambás... Ian, não! Deixe-o em paz e entre!

Ian, curioso, estava cutucando o gambá com o atizador. O gambá, irritado com essa intimidade indesejada, bateu a pata e ergueu a cauda.

Ouvi o barulho de uma cadeira sendo arrastada e olhei para trás. Jocasta havia se levantado e parecia assustada, mas não se mexeu para ir à porta.

— O que é isso? — perguntou ela. — O que eles estão fazendo?

Para minha surpresa, ela estava olhando dentro da sala, virando a cabeça de um lado para outro, como se tentasse localizar alguém no escuro.

De repente, eu me dei conta. Sua mão no braço do mordomo, o fato de ela tocar o rosto de Jamie ao recebê-lo, o copo servido pronto para que ela pegasse e a sombra em seu rosto quando Ian falou do quadro. Jocasta Cameron era cega.

Um grito estridente me sobressaltou e chamou minha atenção para assuntos mais urgentes na varanda. Uma onda de cheiro fétido entrou na sala, se espalhou pelo chão e subiu ao meu redor como uma nuvem em forma de cogumelo.

Tossindo com os olhos marejados pelo fedor, eu procurei Jamie, que fazia comentários ofegantes em gaélico. Mais alto do que a cacofonia de ruídos do lado de fora, mal ouvi o leve tilintar do sino de Jocasta atrás de mim.

— Ulysses? — disse ela, parecendo resignada. — É melhor você dizer ao cozinheiro que o jantar irá atrasar.

— Que sorte por estarmos no verão, pelo menos — disse Jocasta no café da manhã do dia seguinte. — Imaginem se fosse inverno e tivéssemos que deixar as portas fechadas! — Ela riu, mostrando dentes em condições surpreendentemente boas para sua idade.

— Ah, sim — murmurou Ian. — Por favor, pode me passar mais torrada, senhora?

Ele e Rollo tinham se banhado no rio, esfregando tomates das vinhas fartas do fundo da casa no corpo. As propriedades de redução de odor dessas frutas funcionavam tão bem quanto óleo de gambá em cheiros mais suaves de dejetos humanos, mas em nenhum caso o efeito neutralizante era completo. Ian ficou sentado sozinho em uma das pontas da mesa comprida, ao lado de uma porta francesa aberta, mas eu vi a empregada que levou a torrada para ele torcer o nariz ao pousar o prato diante do garoto.

Talvez inspirada pela proximidade de Ian e a vontade de andar ao ar livre, Jocasta sugeriu que fôssemos à região de destilação de resina para produção de terebintina na floresta acima de River Run.

— É um dia para ir e outro para voltar, mas acredito que o clima continuará bom. — Ela se virou para a janela francesa aberta, onde abelhas sobrevoavam um arbusto de vara-de-ouro e flox. — Vocês as ouvem? — perguntou ela, abrindo o sorriso levemente torto a Jamie. — As abelhas dizem que ficará quente e claro.

— A senhora tem ouvidos apurados, madame Cameron — disse Fergus com educação. — Mas se eu puder pegar emprestado um cavalo de seu estábulo, prefiro ir à cidade.

Eu sabia que ele estava desesperado para enviar notícias a Marsali na Jamaica. Eu o ajudara a escrever uma longa carta na noite anterior, descrevendo nossas aventuras e a chegada em segurança. Em vez de esperar que um escravo a levasse com a correspondência da semana, ele preferia postá-la com as próprias mãos.

— De fato, e pode pegar, sr. Fergus — disse Jocasta com graça. Ela sorriu olhando para as pessoas da mesa. — Como eu disse, vocês todos devem considerar River Run seu próprio lar.

Jocasta quis nos acompanhar na viagem. Ela usava um vestido de musselina verde-escuro, com a menina Phaedre logo atrás, carregando um chapéu enfeitado com uma fita de veludo que combinava com o vestido. Parou no corredor, mas em vez de colocar logo o chapéu, ficou de pé enquanto Phaedre amarrava uma faixa de linho branco ao redor de sua cabeça, cobrindo seus olhos.

— Não vejo nada além de luz — explicou ela. — Não consigo identificar os objetos. Mas a luz do sol me causa dor, por isso devo cobrir meus olhos quando saio. Estão prontos, meus caros?

Aquilo respondia a algumas de minhas dúvidas a respeito de sua cegueira, mas não todas. Retinite pigmentosa? Pensei com interesse enquanto a seguia pelo amplo hall de entrada. Ou talvez degeneração macular, ainda que glaucoma pudesse ser a possibilidade mais forte. Não era a primeira nem a última vez, eu tinha certeza, que meus dedos se curvavam ao redor do cabo de um oftalmoscópio invisível, desejando enxergar o que não podia ser visto apenas a olho nu.

Para minha surpresa, quando chegamos ao estábulo, uma égua estava selada, pronta para Jocasta, e não a carruagem que eu pensei que veríamos. O dom de amansar cavalos era forte na família MacKenzie. A égua levantou a cabeça e relinchou ao ver sua dona, e Jocasta se aproximou do animal, o rosto tomado de prazer.

— *Ciamar a tha tu?* — perguntou ela, acariciando o focinho macio do animal. — Esta é minha doce Corinna. Não é uma moça muito querida?

Enfiando a mão no bolso, ela pegou uma maçã verde pequena, que a égua aceitou com prazer.

— E eles cuidaram de seu joelho, *mo chridhe?* — Jocasta correu uma mão pelo ombro e pela pata da égua até a parte interna do joelho, encontrando e explorando uma cicatriz com dedos ágeis. — O que me diz, sobrinho? Ela está bem? Consegue aguentar uma viagem de um dia?

Jamie estalou a língua, e Corinna obedientemente deu um passo na direção dele, claramente reconhecendo alguém que falava sua língua. Ele olhou a pata, segurou a crina e com uma ou duas palavras em gaélico incitou-a a caminhar. Então, ele a mandou parar, subiu na sela e trotou delicadamente duas vezes ao redor do campo do estábulo, parando ao lado de Jocasta, que esperava.

— Sim — disse ele, apeando. — Ela está bem, tia. O que causou o ferimento?

— Foi uma cobra, senhor — disse o cuidador, um jovem negro que estava mais para trás, observando Jamie atentamente com a égua.

— Não foi uma picada, foi? — perguntei, surpresa. — Parece um corte, como se ela tivesse prendido a pata em alguma coisa.

Ele olhou para mim com as sobrancelhas erguidas, mas assentiu com respeito.

— Sim, senhora, foi isso. Há um mês, ouvi a égua relinchar como nunca, e uma confusão tão grande que pensei que o estábulo estivesse desabando sobre a minha cabeça. Quando corri para ver o que era, encontrei o corpo ensanguentado de uma enorme cobra venenosa amassado na palha onde eles dormem. A palha estava toda espalhada, e a égua estava tremendo no canto, com sangue na pata devido a um corte causado na confusão. — Ele olhou para o animal com aparente orgulho. — Um animal tão corajoso, essa égua!

— A “enorme cobra venenosa” devia ter trinta centímetros de comprimento — me disse Jocasta com um tom seco. — E era uma cobra inofensiva. Mas a tola tem pavor de cobras. Quando vê uma, perde totalmente as estribeiras. — Inclinou a cabeça na direção do jovem cuidador e sorriu. — E Josh também não é muito fã delas, né?

O ajudante sorriu em resposta.

— Não, senhora. Não gosto das criaturas tanto quanto a égua.

Ian, que ouvia a conversa, não conseguiu mais segurar a curiosidade.

— De onde você veio, rapaz? — perguntou ao cuidador, olhando para ele fascinado.

Josh enrugou a testa.

— De onde venho? Não vim, ah sim, agora entendi. Eu nasci rio acima, na casa do sr. George Burnett. A srta. Jo me comprou há dois anos, em Eastertide.

— E acredito que podemos dizer que o próprio sr. Burnett foi concebido perto de Aberdeen — Jamie sussurrou para mim. — Certo?

River Run ocupava um grande território, incluindo não só a extensão em frente ao rio, como também uma boa parte da floresta de pinheiros que cobria um terço da colônia. Além disso, Hector Cameron adquirira terras nas quais passava um rio, um dos muitos que corriam por Cabo Fear.

Isso providenciava não apenas artigos valiosos, como madeira, resina e terebintina, mas um meio conveniente de levá-los ao mercado, por isso não surpreende que River Run tenha prosperado, apesar de produzir apenas quantidades modestas de tabaco e anileira — embora os campos fragrantes de tabaco verde pelos quais passávamos fossem, para mim, mais do que modestos.

— Há um pequeno moinho. — Jocasta estava explicando enquanto andávamos. — Acima do riacho que se une ao rio. A serragem e o molde são feitos lá, e então as tábuas e barris são enviados rio abaixo por barça a Wilmington. Não é uma grande distância da casa até o moinho pela água, se escolhermos remar contra a corrente, mas pensei em mostrar a vocês um pouco das terras. — Ela respirou o ar com cheiro de pinheiro com prazer. — Faz um tempo desde que saí.

Era um lugar agradável. Na floresta de pinheiros, era muito mais frio, pois o sol era bloqueado pela folhagem de agulhas. Acima, os troncos das árvores subiam por seis a nove metros antes de os galhos aparecerem — por isso não fiquei surpresa ao saber que a maior parte da produção do moinho eram mastros e vergas feitos para a Marinha Real.

Aparentemente, River Run negociava muito com a marinha, a julgar pela conversa de Jocasta. Mastros, vergas, sarrafos, paus, terebintina e alcatrão. Jamie se mantinha perto dela, ouvindo com atenção enquanto ela explicava tudo com detalhes, deixando Ian e

a mim para trás. Evidentemente, ela trabalhara junto com o marido na construção de River Run. Eu me perguntei como ela conseguia cuidar do local sozinha, agora que ele partira.

— Vejam! — disse Ian, apontando. — O que é aquilo?

Eu apeei e caminhei com o cavalo, juntamente com o dele, até a árvore para a qual ele apontara. Um pedaço grande de casca tinha sido arrancado, expondo a madeira por baixo por uma extensão de 1,20m na lateral. Naquela área, a madeira branca-amarelada era traçada num padrão de espinha de peixe, como se tivesse sido riscada com uma faca.

— Estamos perto — disse Jocasta. Jamie havia nos visto parar, e eles tinham voltado para nos acompanhar. — É uma árvore da resina de terebintina que vocês estão vendo. Consigo sentir o cheiro.

Todos sentimos. O cheiro pungente de madeira cortada e resina era tão forte que até mesmo *eu* teria encontrado a árvore com os olhos vendados. Agora que tínhamos parado, eu ouvia barulhos a distância: os sons de homens trabalhando, o bater de um machado e vozes chamando de um lado a outro. Respirando fundo, eu também senti o cheiro de algo queimando.

Jocasta aproximou Corinna das árvores cortadas.

— Aqui — disse ela, tocando a parte de baixo do corte, onde havia uma parte oca devido à madeira retirada da árvore. — Chamamos isso de caixa. É onde a seiva e a terebintina crua caem e são reunidas. Esta está quase cheia. Em breve, um escravo virá drená-la.

Assim que ela disse isso, um homem apareceu em meio às árvores. Um escravo vestido com apenas uma tanga, levando uma mula branca e grande com uma vara comprida nas costas, um barril suspenso de cada lado. A mula parou quando nos viu, jogou a cabeça para trás e relinchou, histérica.

— Esse é Clarence — disse Jocasta, alto o suficiente para ser ouvida acima do barulho. — Ele gosta de ver as pessoas. E quem está com ele? É você, Pompey?

— Sim, sou eu. — O escravo puxou a mula pelo lábio superior e virou-a com força. — Vam, safá!

Enquanto eu traduzia a expressão em minha mente, como “Vamos, safada”, o homem se virou na nossa direção, e vi que ele falava daquele jeito porque não tinha o lado esquerdo inferior da mandíbula. Seu rosto abaixo do osso da face simplesmente se afundava em uma depressão profunda tomada por cicatrizes na pele esbranquiçada.

Jocasta deve ter ouvido quando puxei o ar, chocada — ou deve ter esperado tal reação —, porque se virou na minha direção.

— Foi uma explosão de piche. Felizmente, ele não morreu. Vamos, estamos perto das máquinas. — Sem esperar pelo ajudante, ela virou a cabeça da égua com habilidade e passou entre as árvores em direção ao cheiro de queimado.

O contraste das máquinas de terebintina com o silêncio da floresta era incrível; uma grande clareira cheia de pessoas, todas em atividade. A maioria era formada por escravos, usando o mínimo de roupas possível, membros e corpos manchados de carvão.

— Tem alguém nos barracões? — Jocasta virou a cabeça na minha direção.

Eu me levantei nos estribos para olhar. No lado mais distante da clareira, perto de uma fileira de casebres, vi uma cor de relance; três homens com o uniforme da Marinha Britânica, e mais um com um casaco verde-garrafa.

— Aquele é meu amigo particular — disse Jocasta, sorrindo com satisfação ao ouvir minha descrição. — O sr. Farquard Campbell. Vamos, sobrinho. Gostaria que você o conhecesse.

Visto de perto, Campbell era um homem de cerca de sessenta anos e estatura mediana, mas com a postura severa que alguns escoceses têm quando envelhecem — não tanto pelo desgaste da idade, mas pelo processo de bronzeamento do sol, que resulta em uma superfície parecida com um escudo de couro, capaz de conter as lâminas mais afiadas.

Campbell cumprimentou Jocasta com alegria, inclinou-se de modo cortês para mim, ergueu uma sobrelha para Ian e então voltou os olhos cinza para Jamie.

— Estou muito contente por vê-lo aqui, sr. Fraser — disse ele, estendendo a mão. — Muito feliz mesmo. Ouvei muitas coisas a seu respeito desde que a sua tia soube de suas intenções de visitar River Run.

Ele parecia realmente feliz por conhecer Jamie, o que achei estranho. Não que poucas pessoas gostassem de Jamie — posso afirmar que ele era um homem muito simpático —, mas havia um ar quase de alívio no cumprimento efusivo de Campbell, o que me parecia incomum para alguém cuja aparência era de reserva e taciturnidade.

Se Jamie notou algo estranho, escondeu a surpresa atrás de uma fachada de simpatia.

— Eu me sinto honrado por saber disso, sr. Campbell. — Jamie sorriu de modo agradável e fez uma reverência em direção aos oficiais da marinha. — Cavalheiros? Fico feliz em conhecê-los também.

Nesse momento, um homem gorducho, carrancudo e pequeno chamado tenente Wolff e seus dois acompanhantes se apresentaram e, depois de reverências superficiais, passaram a ignorar Jocasta e eu, voltando sua atenção para uma discussão sobre galões.

Jamie ergueu uma sobrancelha para mim, meneando a cabeça delicadamente em direção a Jocasta, sugerindo que eu a tirasse dali enquanto as negociações eram feitas.

Jocasta, no entanto, não demonstrou nenhuma vontade de se afastar.

— Vá em frente, minha cara — disse ela. — Josh lhe mostrará tudo. Eu esperarei na sombra enquanto os cavalheiros realizam os negócios. O calor está forte demais para mim.

Os homens tinham se sentado para falar de negócios em um barracão aberto no qual havia uma mesa de madeira com diversos banquinhos. Provavelmente era onde os escravos faziam as refeições, aturando as moscas em troca de ar. Outro barracão servia para estocagem; o terceiro, que ficava fechado, eu deduzi ser o dormitório.

Além dos barracões, em direção ao centro da clareira, havia duas ou três fogueiras grandes, sobre as quais caldeiras enormes soltavam vapor à luz do sol, suspensas em tripés.

— Eles vão ferver a terebintina e misturar no piche — explicou Josh, mostrando uma das caldeiras. — Uma parte é colocada em barris como este — ele acenou em direção aos barracões, onde havia uma carroça parada, cheia de barris —, mas o resto é misturada ao piche. Os homens da marinha dizem quanto irão precisar para que a gente saiba.

Um garoto de sete ou oito anos estava de pé em um banquinho alto, mexendo a panela com uma vara comprida. Outro mais alto estava ao lado com uma concha enorme, com a qual tirou a camada mais leve de terebintina pura na superfície da caldeira e a colocou em um barril ao lado.

Enquanto eu os observava, um escravo saiu da floresta com uma mula e seguiu em direção à caldeira. Outro homem se aproximou para ajudar e, juntos, eles descarregaram os barris — que pareciam muito pesados — da mula e os viraram dentro da caldeira, um por vez, despejando a seiva amarelada e de cheiro forte dos pinheiros.

— Senhora, chegue um pouco mais para trás — disse Josh, segurando meu braço para me afastar do fogo. — O líquido espirra um pouco, e se pegar fogo, a senhora não se queimará.

Após ver o homem na floresta, eu certamente não queria me queimar. Afastei-me e olhei para os barracões. Jamie, o sr. Campbell e os homens da marinha continuavam no mesmo lugar, bebendo algo de uma garrafa e lendo uma pilha de papéis sobre a mesa.

Encostada na parede do barracão, fora do campo de visão dos homens, estava Jocasta Cameron. Depois de parar de fingir estar cansada, ela estava claramente ouvindo tudo o que podia.

Josh viu a expressão de surpresa que fiz e virou-se para ver o que eu estava olhando.

— A srta. Jo odeia não ficar por dentro dos assuntos — murmurou ele com tristeza. — Eu nunca vi, mas Phaedre já me disse que a senhora fica muito brava quando não consegue

controlar alguma coisa. Ela diz que a srta. Jo reclama sem parar e se torna agressiva.

— Deve ser uma cena bem interessante — respondi. — Mas o que ela não consegue controlar? — Pelo que parecia, Jocasta Cameron tinha sua casa, os campos e as pessoas na palma da mão, cega ou não.

Agora foi a vez de Josh parecer surpreso.

— Ah, é a maldita marinha. Ela não disse por que viemos hoje?

Antes que eu fizesse a interessante pergunta sobre o porquê de Jocasta Cameron querer controlar a Marinha Britânica, fomos interrompidos por um grito de susto do outro lado da clareira. Eu me virei para olhar e quase fui pisoteada por vários homens seminus correndo em pânico em direção aos barracões.

No lado mais afastado da clareira, havia um monte peculiar. Eu já o notara antes, mas não tivera chance de perguntar a respeito. Apesar de o chão da clareira ser quase todo de terra, o monte era coberto por grama —, mas de um tipo diferente, em tufos. Uma parte era verde, outra amarela, e em um ponto ou outro, havia uma área ovalada de cor marrom.

Quando notei que aquele efeito era resultado de o monte ser coberto por turfas cortadas, a coisa toda explodiu. Não houve som de explosão, apenas o tipo de som abafado como um espirro enorme, e uma onda leve de ar que passou pelo meu rosto.

Se não teve som de explosão, teve aparência. Pedacos de turfa e de madeira queimada começaram a se espalhar por toda a clareira. Ouvei muitos gritos, e Jamie e seus companheiros vieram correndo do barracão parecendo um grupo de camponeses assustados.

— Você está bem, Sassenach? — Ele segurou meu braço, parecendo ansioso.

— Sim, estou bem — respondi, meio confusa. — O que diabos acabou de acontecer?

— Eu não sei! — disse ele rapidamente, já olhando ao redor. — Onde está Ian?

— Não sei. Você não acha que ele teve algo a ver com isso, acha? — Afastei vários pedaços de carvão que tinham se acumulado

em meu colo. Com manchas pretas decorando meu decote, segui Jamie até um pequeno grupo de soldados, todos falando numa mistura confusa de gaélico, inglês e dialetos africanos.

Encontramos Ian com um dos jovens oficiais da marinha. Eles estavam espiando interessados o buraco negro que agora ocupava o lugar onde o monte ficava.

— Acontece com frequência, até onde eu sei — o rapaz dizia quando chegamos. — Nunca tinha visto, apesar de ter sido uma bela explosão, não?

— *O que* acontece com frequência? — perguntei, olhando ao redor de Ian. O buraco estava cheio de pedaços de casca preta de pinheiro, todos espalhados pela força da explosão. A base do monte continuava ali, em destaque no buraco como a borda da massa de uma torta.

— Uma explosão de piche — explicou o rapaz, virando-se para mim. Ele era pequeno e corado, de idade aproximada à de Ian. — Eles fazem uma fogueira com carvão embaixo do piche, senhora, e a cobrem com terra e turfas cortadas para manter o calor e, ao mesmo tempo, permitir que o ar passe pelas aberturas para que o fogo não se apague. O piche ferve e escapa pela madeira oca para dentro do barril de alcatrão... está vendo?

Ele apontou para um pedaço de madeira sobre os restos de um barril destruído com o líquido preto escorrendo. O fedor de madeira queimada e de alcatrão tomou o ar, e eu tentei respirar apenas pela boca.

— A dificuldade está em regular o fluxo do ar — continuou o rapaz, excedendo-se um pouco em seu conhecimento. — Ar de menos, e o fogo se apaga. Ar de mais, e ele queima com tanta energia que é impossível ser contido, e pode incendiar o buraco e explodi-lo, como pode ver, senhora.

Ele gesticulou com veemência em direção a uma árvore próxima, onde uma das turfas fora lançada com tanta força que tinha se enrolado no tronco como um fungo amarelo.

— É uma questão de ajuste — disse ele, e ficou na ponta dos pés, olhando ao redor com curiosidade. — Onde está o escravo responsável pela fogueira? Espero que o coitado não tenha morrido.

Ele não tinha morrido. Eu estava espiando com cuidado entre as pessoas enquanto conversávamos, procurando feridos, mas todos pareciam ter escapado ilesos — desta vez.

— Tia! — exclamou Jamie, lembrando de Jocasta de repente. Ele se virou na direção dos barracões, mas parou, relaxando. Ela estava ali, claramente visível com o vestido verde, de pé ao lado do barracão.

Tensa e furiosa, como descobrimos quando nos aproximamos. Esquecida por todos na confusão da explosão, ela não conseguia se mexer, e permaneceu ali, impotente, ouvindo a confusão, mas sem poder fazer nada.

Eu me lembrei do que Josh dissera a respeito do temperamento de Jocasta, mas ela era elegante demais para brigar em público, por mais irritada que estivesse. Josh se desculpou no idioma de Aberdeen por não estar por perto no momento para ajudá-la, mas ela o afastou com impaciência gentil, mas brusca.

— Cale-se, rapaz. Você fez o que mandei. — Ela virou a cabeça sem parar de um lado para outro, como se tentasse enxergar por baixo da venda. — Farquard, onde você está?

O sr. Campbell se aproximou e colocou a mão dela em seu braço, dando um tapinha delicado.

— Não aconteceu nada de mais, minha cara. — Ele a confortou. — Ninguém se feriu, e só um barril de alcatrão foi destruído.

— Bom — disse ela, e a tensão em seu corpo alto diminuiu um pouco. — Mas onde está Byrnes? Não estou ouvindo a voz dele.

— O feitor? — O tenente Wolff tirou resíduos do rosto suado com um grande lenço de linho. — Eu me perguntei a mesma coisa. Não encontramos ninguém para nos receber hoje cedo. Felizmente, o sr. Campbell chegou logo depois.

Farquard Campbell pigarreou de forma discreta, diminuindo o próprio envolvimento.

— Creio que Byrnes esteja no moinho — disse ele. — Um dos escravos me disse que houve um problema com a lâmina principal da serra. Sem dúvida, ele está cuidando disso.

Wolff parecia irritado, como se considerasse lâminas com defeito uma desculpa ruim para não ter sido recebido de modo

adequado. Pelos lábios contraídos de Jocasta, ela pensava a mesma coisa.

Jamie tossiu, estendeu o braço e tirou um pedaço de grama dos meus cabelos.

— Acredito ter visto uma cesta de almoço, não é, tia? Talvez possa ajudar o tenente a se refrescar um pouco enquanto ajeito as coisas aqui.

Foi a sugestão certa. Jocasta relaxou um pouco, e Wolff parecia bem mais feliz ao ouvir falar de almoço.

— De fato, sobrinho. — Ela se endireitou, o ar autoritário de volta, e assentiu na direção da voz de Wolff. — Tenente, faria a gentileza de me acompanhar?

Durante o almoço, eu descobri que a visita do tenente à região de produção de terebintina era algo que ele fazia de três em três meses, e nessas ocasiões, um contrato era assinado para a compra e entrega em vários comércios navais. O trabalho do tenente era fazer e revisar tais acordos com donos de plantações de Cross Creek até a fronteira da Virgínia, e o tenente Wolff deixava claro qual lado da colônia ele preferia.

— Se há uma área de atuação na qual admito a eficiência escocesa — disse o tenente de modo pomposo, tomando um grande gole de seu terceiro copo de uísque — é na produção da bebida.

Farquard Campbell, que bebericava de seu copo, abriu um sorrisinho seco e nada disse. Jocasta estava sentada ao lado dele em uma cadeira de balanço, sobre cujos braços seus dedos estavam pousados delicadamente, sensíveis como um sismógrafo, sentindo as vibrações subterrâneas.

Wolff tentou, sem sucesso, controlar um arrote, e tardiamente virou o que parecia considerar seu charme para mim.

— Na maioria dos outros aspectos — continuou, inclinando-se para mim como se estivesse fazendo uma confissão —, eles são uma raça preguiçosa e teimosa, duas características que os tornam incapazes de...

Nesse momento, o oficial mais jovem, vermelho de vergonha, derrubou uma tigela de maçãs, criando uma distração suficiente para impedir que o tenente concluísse seu pensamento — mas não o suficiente, infelizmente, para interromper tudo.

O tenente secou o suor que pingava por baixo da peruca e olhou para mim com os olhos vermelhos.

— Mas vejo que a senhora não é escocesa, madame. Posso afirmar que sua voz é melodiosa e bem composta. Não tem sinal do sotaque bárbaro, apesar das pessoas que a acompanham.

— Ah... obrigada — murmurei, tentando imaginar qual parte da incompetência administrativa fizera o tenente ficar responsável pelos negócios da marinha em Cabo Fear, possivelmente, a maior reunião de escoceses das Terras Altas que podia ser encontrada no Novo Mundo. Comecei a entender o que Josh pretendia dizer com: “Ah, é a maldita Marinha!”

O sorriso de Jocasta parecia engessado. O sr. Campbell, ao lado dela, ergueu a sobrancelha grisalha para mim e mostrou-se austero. Evidentemente, apunhalar o tenente no peito com uma faca de cortar fruta não era uma opção — pelo menos não enquanto ele não assinasse a ordem de pedido —, então fiz a melhor coisa em que pude pensar: peguei a garrafa de uísque e enchi o copo dele até a borda.

— É incrivelmente bom, não é? Quer mais um pouco, tenente?

Era bom, sim. Suave e quente. E também muito caro. Eu me virei para o oficial mais jovem, sorri com simpatia para ele e deixei o tenente beber tudo.

A conversa prosseguiu estranha, mas sem mais incidentes, apesar de os dois oficiais permanecerem atentos ao “Progresso do Beberrão” que estava acontecendo do outro lado da mesa. Não era à toa, já que seria responsabilidade deles colocar o tenente em um cavalo para voltar para Cross Creek inteiro. Comecei a perceber por que eram dois acompanhantes.

— O sr. Fraser parece estar se saindo bem — disse o oficial mais velho, acenando em uma tentativa fraca de retomar a conversa sem rumo. — Não acha, senhor?

— Ahn? Ah, sem dúvida — respondeu Wolff. Ele tinha perdido o interesse em qualquer coisa além do seu copo, mas era verdade. Enquanto nós nos sentávamos para almoçar, Jamie — com a ajuda de Ian —, conseguira restaurar a ordem na clareira, ajeitar as caldeiras e colocar as bacias de seiva em funcionamento de novo, e reunir os destroços da explosão. No momento, ele estava no lado distante da clareira, de camisa e calças, ajudando a virar madeiras meio queimadas dentro do caldeirão de alcatrão. Eu o invejei um pouco. O trabalho parecia ser muito mais agradável do que almoçar com o tenente Wolff.

— Sim, ele está indo bem. — Os olhos ágeis de Farquard Campbell se voltaram para a clareira e então para a mesa. Ele observou a condição do tenente e apertou a mão de Jocasta brevemente. Sem virar a cabeça, ela falou com Josh, que estava calado no canto.

— Coloque aquela segunda garrafa no alforje do tenente, rapaz — disse ela. — Não quero que ela se perca. — Jocasta abriu um sorriso charmoso para o tenente, mais convincente por ele não poder ver os olhos dela.

O sr. Campbell pigarreou.

— Já que vocês nos deixarão em breve, senhor, talvez possamos resolver a questão dos seus pedidos agora?

Wolff pareceu vagamente surpreso ao ouvir que ele estava prestes a sair, mas seus acompanhantes se levantaram com vivacidade e começaram a reunir papéis e alforjes. Um pegou um tinteiro e uma pena apontada e se sentou na frente do tenente. O sr. Campbell pegou um papel dobrado do casaco e o colocou sobre a mesa, pronto para assinar.

Wolff franziu o cenho para o papel e se remexeu um pouco.

— Assim, senhor — murmurou o oficial mais velho, colocando a pena na mão mole do seu superior e apontando para o papel.

Wolff pegou seu copo, inclinou a cabeça e tomou as últimas gotas. Batendo o copo ao pousá-lo, ele sorriu vagamente, sem focar o olhar. O oficial mais jovem fechou os olhos em resignação.

— Ora, por que não? — perguntou o tenente, e afundou a pena no tinteiro.

— Não quer se lavar e trocar de roupa, sobrinho? — As narinas de Jocasta se abriram delicadamente. — Você está fedendo a alcatrão e carvão.

Pensei que era bom ela não conseguir vê-lo. Estava mais do que fedendo. As mãos dele estavam pretas, a nova camisa se reduzira a um trapo imundo, e seu rosto estava tão sujo que ele parecia ter limpado chaminés. Algumas partes dele que não estavam pretas, estavam vermelhas. Jamie havia tirado o chapéu enquanto trabalhava ao sol do meio-dia, e a ponte de seu nariz estava vermelha como um tomate. Mas não achava que a cor se devia apenas ao sol.

— Minha limpeza pode esperar — respondeu ele. — Primeiro, quero saber o sentido dessa charada. — Ele olhou fixamente para o sr. Campbell com os olhos azul-escuros. — Sou atraído à floresta com o pretexto de cheirar terebintina, e quando me dou conta, estou sentado com a Marinha Britânica, dizendo sim e não a assuntos sobre os quais não entendo nada, com seus homens chutando minhas canelas embaixo da mesa como um macaco treinado!

Jocasta sorriu ao ouvir as palavras do sobrinho.

Campbell suspirou. Apesar do cansaço do dia, seu casaco bonito não mostrava sinais de poeira, e a peruca antiquada estava bem-arrumada em sua cabeça.

— Peço que aceite minhas desculpas, sr. Fraser, pelo que deve ser uma imposição monstruosa à sua boa natureza. Sua chegada veio bem a calhar, mas não me deu tempo suficiente para que as comunicações fossem feitas. Eu estava em Aversboro até ontem à noite, e quando recebi notícias de sua chegada, já era tarde demais para eu familiarizá-lo com a situação.

— É mesmo? Bem, mas temos um pouco de tempo no momento, e convido vocês a fazerem isso agora — disse Jamie, estalando os dentes depois de dizer “agora”.

— Pode se sentar primeiro, sobrinho? — perguntou Jocasta, mexendo a mão graciosamente. — Vai demorar um pouco para explicar, e você teve um dia cansativo, não? — Ulysses aparecera do nada com um lençol de linho sobre o braço. Ele o espalhou sobre

uma cadeira com um floreio e fez um gesto a Jamie para que ele se sentasse.

Jamie olhou para o mordomo com atenção, mas o dia fora cansativo. Eu via bolhas entre a sujeira de suas mãos, e o suor havia escorrido na sujeira de seu rosto e pescoço. Ele se afundou lentamente na cadeira e permitiu que um copo de prata fosse colocado em sua mão.

Um copo parecido apareceu em minha mão como num passe de mágica, e sorri agradecida ao mordomo. Eu não havia carregado madeira, mas a viagem longa e quente tinha me exaurido. Tomei um grande gole, apreciando a bebida, uma cidra deliciosa e gelada, que esfriava a língua e acabava com a sede de uma vez.

Jamie deu um grande gole e pareceu um pouco mais calmo.

— E então, sr. Campbell?

— É um problema da marinha — começou Campbell, e Jocasta resmungou.

— Um problema do tenente Wolff, você quer dizer — corrigiu ela.

— Para seus propósitos, é a mesma coisa, Jo, e você sabe muito bem disso — disse o sr. Campbell, um pouco grosseiro. Ele se virou para Jamie para explicar.

A maioria dos rendimentos de River Run era, como Jocasta nos contara, originada da venda de seus produtos de madeira e terebintina, e o maior e mais rentável cliente era a Marinha Britânica.

— Mas a Marinha não é mais como antes — explicou o sr. Campbell, balançando a cabeça com tristeza. — Durante a guerra com os franceses, eles mal conseguiam manter a frota abastecida, e qualquer homem com um moinho era rico. Mas os últimos dez anos têm sido pacíficos, e os navios estão apodrecendo. O Almirantado não traz um novo há cinco anos. — Ele suspirou ao pensar nas infelizes consequências econômicas da paz.

A marinha ainda precisava de um estoque de piche, terebintina e mastros — com uma frota para manter, o alcatrão sempre encontraria mercado. No entanto, o mercado diminuía seriamente,

e a marinha agora podia escolher os donos de terra com quem negociar.

A marinha exigia lealdade acima de tudo. Seus contratos eram renovados de três em três meses, sob inspeção e aprovação de um oficial naval graduado, no caso, Wolff. Sempre difícil de lidar, Wolff fora habilmente controlado por Hector Cameron, até a morte deste.

— Hector bebia com ele — disse Jocasta de maneira direta. — E quando ele partia, havia uma garrafa em sua bolsa e um pouco mais. — A morte de Hector Cameron, no entanto, tinha afetado muito os negócios da propriedade.

— E não só porque há menos para se oferecer em subornos — falou Campbell com um olhar de soslaio a Jocasta. Ele pigarreou.

O tenente Wolff, ao que parecia, chegara para dar suas condolências à viúva Cameron pela morte do marido, adequadamente uniformizado, ajudado por seus acompanhantes. Ele voltara no dia seguinte, sozinho — com uma proposta de casamento.

Jamie, que estava engolindo a bebida, engasgou.

— Não era em minha pessoa que o homem tinha interesse — disse Jocasta ao ouvir isso. — Era em minha terra.

Jamie sabiamente decidiu não comentar, apenas olhou para a tia com interesse renovado.

Por ter ouvido outras histórias, pensei que era provável que ela estivesse certa. O interesse de Wolff estava em conseguir terras rentáveis, que poderiam se tornar ainda mais lucrativas por meio de contratos navais que sua influência poderia proporcionar. Ao mesmo tempo, a pessoa de Jocasta Cameron não era um estímulo qualquer.

Cega ou não, ela era uma mulher atraente. No entanto, além da beleza simples de carne e osso, ela exalava uma vitalidade sensual que fazia alguém tão seco quanto Farquard Campbell pegar fogo quando ela se aproximava.

— Acho que isso explica o comportamento ofensivo do tenente durante o almoço — falei, interessada. — O inferno não conhece fúria maior do que a de uma mulher rejeitada, mas os homens também não gostam nada disso.

Jocasta virou a cabeça para mim, assustada. Acho que ela tinha se esquecido de que eu estava ali, mas Farquard Campbell riu.

— De fato, não gostam, sra. Fraser — concordou ele, olhos brilhando. — Somos frágeis, coitados de nós. Vocês brincam com nossos sentimentos.

Jocasta riu de um modo pouco feminino ao ouvir aquilo.

— Sentimentos, por favor! — rebateu ela. — O homem não tem afeição por nada que não venha numa garrafa.

Jamie olhava para o sr. Campbell com certo interesse.

— Já que falou em sentimentos, tia — disse ele, com certa emoção —, posso perguntar quais são os interesses de seu amigo?

O sr. Campbell olhou para ele também.

— Tenho uma esposa em casa — respondeu ele de modo seco —, e oito filhos, e o mais velho deles talvez seja um pouco mais velho do que o senhor. Mas conheci Hector Cameron por mais de trinta anos, e farei o melhor que puder por sua esposa em nome da amizade dele... e dela.

Jocasta apoiou a mão em seu braço e virou a cabeça para ele. Mesmo sem poder usar os olhos para impressionar, ainda sabia qual era o efeito do bater de cílios.

— Farquard tem ajudado muito, Jamie — disse ela com um toque de repreensão. — Eu não teria conseguido sem sua ajuda, depois da morte do pobre Hector.

— Ah, sim — falou Jamie, com um leve toque de desconfiança. — E tenho certeza de que devo ser tão grato ao senhor quanto minha tia é. Mas ainda quero saber onde entro nessa história.

Campbell pigarreou discretamente e seguiu com sua história.

Jocasta tinha dispensado o tenente, fingindo estafa pelo estresse e fora para o quarto, de onde não saíra até ele terminar a negociação em Cross Creek e partir para Wilmington.

— Byrnes cuidou dos contratos daquela vez, e fez uma bela bagunça com eles — contou Jocasta.

— Ah, sr. Byrnes, o feitor invisível. E onde ele estava hoje cedo?

Uma empregada apareceu com uma bacia de água quente perfumada e uma toalha. Sem pedir, ela se ajoelhou ao lado da cadeira de Jamie, pegou uma de suas mãos e começou a lavar a sujeira com delicadeza. Jamie pareceu levemente surpreso com aquela atenção, mas estava ocupado demais com a conversa para afastá-la.

Um sorriso seco passou pelo rosto de Campbell.

— Receio que o sr. Byrnes, apesar de normalmente ser um feitor competente, compartilhe uma pequena fraqueza com o tenente. Mande um escravo ao moinho para procurá-lo, mas ele voltou e disse que Byrnes estava inconsciente em seus aposentos, cheirando a bebida, e não era possível levantá-lo.

Jocasta emitiu mais um som estranho, o que fez Campbell olhar para ela com carinho antes de voltar-se para Jamie.

— Sua tia é mais do que capaz de cuidar dos negócios da propriedade com Ulysses para ajudá-la com os documentos. No entanto, como você já viu — ele fez um gesto delicado para a bacia de água, que agora parecia uma bacia de tinta —, existem preocupações físicas no gerenciamento também.

— Foi o que o tenente Wolff me disse — falou Jocasta, contraindo os lábios ao se lembrar. — Que eu não podia esperar cuidar da minha propriedade sozinha, por ser uma mulher e também por não enxergar. Ele disse que eu não poderia depender de Byrnes, pois eu não teria como ir à floresta e ao moinho para ver o que o homem estava fazendo. Ou deixando de fazer. — Seus lábios se apertaram quando ela pensou nisso.

— O que é verdade — afirmou Campbell. — Existe um provérbio que diz: “A felicidade é um filho velho o bastante para ser importante.” Pois quando se trata de dinheiro ou escravos, não é possível confiar em ninguém, exceto pessoas de sua família.

Respirei fundo e olhei para Jamie, que assentia. Pelo menos, havíamos chegado ao ponto.

— E é aí que Jamie entra — comentei. — Certo?

Jocasta já tinha pedido a Farquard Campbell que cuidasse do tenente Wolff em sua próxima visita, querendo que Campbell evitasse que Byrnes fizesse confusão com os contratos. Mas como

chegamos num momento tão oportuno, Jocasta encontrou um plano melhor.

— Mandei uma mensagem a Farquard para que ele informasse ao tenente que meu sobrinho tinha chegado para assumir a gerência de River Run. Isso faria com que ele agisse com cuidado — explicou ela —, pois ele não ousaria me pressionar com um parente interessado por perto.

— Compreendo. — Apesar de tudo, Jamie parecia estar começando a se divertir. — Então, o tenente pensaria que sua tentativa de um bom acordo aqui seria usurpada pela minha chegada. Não foi à toa que o homem pareceu não gostar nem um pouco de mim. Pensei que fosse algo generalizado com escoceses, pelo que ele disse.

— Imagino que agora ele não goste mesmo de escoceses — disse Campbell, limpando a boca com o guardanapo.

Jocasta estendeu o braço em cima da mesa, procurando, e Jamie estendeu a mão instintivamente para ela.

— Você pode me perdoar, sobrinho? — perguntou ela.

Com a mão dele guiando-a, ela podia olhar na direção do rosto dele. Ninguém saberia que ela era cega naquele momento, devido à expressão de súplica em seus belos olhos azuis.

— Eu não sabia nada sobre seu caráter antes da sua chegada. Não podia correr o risco de você se recusar a participar se eu contasse logo de cara. Pode dizer que não tem mágoa em relação a mim, Jamie, nem que seja pela doce Ellen?

Jamie apertou a mão dela com delicadeza, garantindo que não havia mágoas. De fato, ele estava feliz por ter chegado a tempo de ajudar, e sua tia podia contar com sua ajuda como quisesse.

O sr. Campbell sorriu e tocou o sino. Ulysses trouxe o uísque especial, com uma bandeja de taças de cristal e um prato de guloseimas, e bebemos em homenagem à Marinha Britânica.

Ao olhar para aquele rosto bonito, mas tão cheio de eloquência cega, eu me lembrei da breve sinopse das maravilhosas características que Jamie me dera a respeito dos membros de sua família.

— Os Fraser são teimosos como portas — dissera ele. — E os MacKenzie são charmosos como potros no campo, mas espertos como raposas.

— E onde *você* esteve? — perguntou Jamie, olhando para Fergus de cima a baixo. — Não acho que tenha dinheiro suficiente para fazer o que parece que andou fazendo.

Fergus passou as mãos pelos cabelos despenteados e se sentou, meio ofendido.

— Encontrei dois franceses comerciantes de pele na cidade. Por eles falarem pouco inglês e por eu ser fluente, tive que concordar em ajudá-los em suas transações. Se eles me convidassem depois para comer na hospedaria deles...

Fergus ergueu um ombro e voltou a assuntos mais imediatos, procurando uma carta dentro da camisa.

— Isto chegou em Cross Creek para você — disse ele, entregando a carta a Jamie. — O carteiro pediu para que eu a entregasse.

Era um pacote volumoso de papel com um selo desgastado, e parecia estar em melhores condições do que Fergus. O rosto de Jamie se iluminou ao vê-lo, mas ele o abriu com certo temor. Três cartas caíram: uma na qual reconheci a caligrafia de Jenny, e as outras duas claramente remetidas por outra pessoa.

Jamie pegou a carta de sua irmã, olhou para ela como se ali dentro pudesse haver algo explosivo, e a colocou com cuidado ao lado da tigela de frutas na mesa.

— Vou começar com a de Ian — disse ele, pegando a segunda carta com um sorriso. — Não sei bem se quero ler a de Jenny sem um copo de uísque na mão.

Ele tirou o selo com a ponta de uma faca de fruta e abriu a carta, observando a primeira página.

— Será que ele... — Sua voz sumiu quando começou a ler.

Curiosa, eu me levantei e me coloquei atrás da cadeira dele, olhando sobre seu ombro. Ian Murray tinha uma caligrafia clara e grande, e era fácil ler, mesmo a distância.

Caro irmão,

Tudo está bem aqui, e dou graças a Deus pela notícia de sua chegada em segurança nas Colônias. Envio esta carta aos cuidados de Jocasta Cameron. Se você estiver com Jocasta, Jenny pede para você mandar à tia os cumprimentos dela.

Você verá pela carta anexa que voltou a cair nas graças de minha esposa. Ela deixou de falar de você da mesma maneira com que fala de Auld Scratch, e não ouvi nenhuma referência recente à Emasculação, o que pode aliviar sua mente.

Deixando as brincadeiras de lado, digo que o coração dela está muito feliz com a notícia da segurança do jovem Ian, assim como o meu. Você verá o tamanho de nossa gratidão com sua liberdade, creio. Então não vou cansá-lo com repetições, ainda que eu pudesse escrever um romance sobre esse assunto.

Conseguimos manter todos aqui alimentados, apesar de a cevada ter sofrido muito com a neve, e uma doença no vilarejo ter levado duas crianças este mês, para o pesar de seus pais. Perdemos Annie Fraser e Alasdair Kirby, e que Deus tenha piedade da inocência deles.

Porém, uma notícia mais feliz é que soubemos de Michael em Paris. Ele continua a prosperar no negócio de vinhos e pensa em se casar em breve.

Fico feliz em dar a você a notícia do nascimento de meu neto mais novo, Anthony Brian Montgomery Lyle. Vou me contentar em dizer apenas isso, e deixarei que Jenny faça um relato mais completo. Ela está encantada com ele, assim como todos nós, ele é um homenzinho querido. O pai dele, Paul — marido de Maggie —, é um soldado, então Maggie e o pequeno Anthony estão aqui em Lallybroch. Paul está na França no momento. Oramos todas as noites para que ele continue lá em segurança e relativa paz, e que não seja enviado aos perigos das Colônias nem para as matas do Canadá.

Tivemos visitas esta semana: Simon, senhor de Lovat, e seus acompanhantes. Ele está procurando recrutas para o regimento que ele comanda de novo. Talvez você tenha notícias deles nas Colônias, onde sei que eles firmaram certa reputação. Simon conta grandes histórias a respeito da coragem deles contra os índios e os cruéis franceses, e algumas sem dúvida são verdadeiras.

Jamie sorriu ao ler isso e virou a página.

Ele envolveu Henry e Matthew com suas histórias, e também as meninas. Josephine ("a mais velha de Kitty", Jamie disse para mim) foi tão inspirada que arquitetou uma busca no galinheiro, de onde ela e os primos saíram cheios de penas, e a lama do chão foi usada como pintura de guerra.

Como todos queriam brincar de índio, o jovem Jamie, o marido de Kitty, Geordie e eu fomos obrigados a entrar no regimento das Terras Altas, e sujeitados a sofrer investidas dos moicanos (colheres e conchas) e outras formas de ataques entusiásticos, enquanto nos defendíamos corajosamente com espadas (sarrafos e galhos de salgueiro).

Impedi a sugestão de que o sapê do telhado devesse ser incendiado com flechas em chamas, mas fui obrigado, no fim, a me submeter a ser escalpelado. Eu me sinto bem em dizer que sobrevivi a essa operação de um jeito melhor do que as galinhas.

A carta continuou assim, dando mais notícias da família mas abordando com mais frequência o negócio da fazenda e relatórios de acontecimentos no distrito. A emigração, segundo Ian, havia "se tornado epidêmica", com quase todos os moradores do vilarejo de Shewglie tendo optado por essa solução.

Jamie terminou de ler a carta e a colocou sobre a mesa. Ele sorria, os olhos levemente sonhadores, como se visse as névoas e pedras de Lallybroch, e não a mata úmida e vívida que nos cercava.

A segunda carta também estava endereçada com a letra de Ian, mas com a palavra "Particular" embaixo do selo azul.

— E o que será isto? — murmurou Jamie, rompendo o selo e abrindo-a.

Começava sem saudação, obviamente com a intenção de ser uma continuação para a carta maior.

Irmão, tenho um assunto preocupante para expor, sobre o qual escrevo separadamente, para poder mostrar minha carta maior a Ian sem tocar neste assunto.

Sua última carta falava sobre colocar Ian em um barco em Charleston. Se isso acontecer, claro que veremos a vinda dele com alegria. No entanto, se por acaso ele ainda não tiver deixado sua companhia, desejamos que ele permaneça com você, se você e Claire não se opuserem.

— Não me oponho — murmurou Jamie, com as narinas se abrindo levemente enquanto olhava da página para a janela. Ian e Rollo estavam lutando na grama com dois jovens escravos, rolando de um lado a outro numa confusão divertida de braços, pernas, patas, roupas e cauda balançando. — Hummm. — Ele deu as costas para a janela e voltou a ler.

Mencionei Simon Fraser e a razão de sua presença aqui. Os recrutamentos regimentares têm nos preocupado há algum tempo, apesar de o assunto não ter sido muito urgente, nossa localização sendo remota, e, felizmente, de difícil acesso.

Lovat não encontra problemas em induzir os rapazes a aceitar os xelins do rei. O que há para eles aqui? Pobreza e necessidade, sem esperança de melhoria. Por que ficariam

aqui, onde não têm nada a herdar, onde não têm direito a usar suas roupas de escoceses nem a carregar armas de homem? Por que não aproveitariam a chance de retomar a noção da virilidade — mesmo que isso signifique usar o tartã e levar uma espada a serviço de um usurpador alemão?

Às vezes, acho que isso é o pior. Não só que o assassinato e a injustiça tenham sido impostos a nós, sem a esperança de cura ou recurso, mas que nossos jovens, nossa esperança e nosso futuro sejam retirados para benefício do conquistador, e pagos com a moeda pouco importante de seu orgulho.

Jamie olhou para mim, levantando uma sobrancelha.

— Você não pensaria, olhando para ele, que Ian é dado à poesia, não é?

Houve uma quebra no texto nesse ponto. Quando foi retomado, mais para o fim da página, a letra, que havia se tornado uma escrita nervosa com erros frequentes e riscos, mais uma vez estava controlada e bonita.

Perdoe-me pela intensidade de minhas palavras. Não pretendia dizer tanta coisa, mas a tentação de abrir meu coração a você, como sempre fiz, é enorme. São coisas que eu não diria a Jenny, apesar de imaginar que ela tem conhecimento delas.

Então, vamos direto ao ponto. Eu me torno loquaz. O jovem Jamie e Michael estão muito bem no momento — pelo menos, não tememos que eles sejam tentados a viver uma vida de soldado.

A mesma coisa não pode ser dita sobre Ian. Você conhece o rapaz e seu espírito de aventura, tão parecido com o seu. Não há trabalho de verdade para Ian aqui, apesar de ele não ser estudioso nem dado aos negócios. Como ele

vai se virar em um mundo onde tem que escolher entre viver de esmola ou ir para a guerra? Porque não há muito além disso. Desejaríamos que ele permanecesse com vocês, se quiserem ficar com ele. Pode ser que haja uma oportunidade maior no Novo Mundo para ele do que há aqui. Ainda que isso não aconteça, a mãe dele não terá que ver o filho partindo com o regimento de guerra. Não há melhor guardião nem exemplo para ele do que você. Sei que estou pedindo um grande favor com esse assunto. Ainda assim, espero que a situação não seja totalmente desfavorável a você, além do suposto grande prazer da companhia de Ian.

— Não só um poeta, mas irônico também — observou Jamie ao olhar para os garotos no gramado.

Houve mais uma pausa no texto antes de as palavras voltarem a ser escritas, dessa vez com uma pena afiada, palavras escritas com cuidado, refletindo o pensamento por trás delas.

Eu tinha parado de escrever, irmão, desejando que meus pensamentos ficassem claros e livres do cansaço para poder abordar este assunto. Peguei minha pena e a deixei de lado várias vezes, sem saber o que dizer. Temo ofendê-lo ao mesmo tempo que peço esse favor. Mas devo falar. Escrevi sobre Simon Fraser acima. Ele é um homem honrado, apesar de ser filho de quem é, mas é um bom homem. Eu o conheço desde que nós éramos garotos (às vezes, parece que foi ontem. Às vezes, parece que faz muitos anos), e existe uma dureza nele agora, uma expressão de aço em seus olhos, que não existia antes da Batalha de Culloden. O que me preocupa, e o fato de você saber que amo você é o que me dá força para dizer isto, é que já vi esse mesmo aço em seus olhos, irmão.

Conheço muito bem as imagens que congelam o coração de um homem, que podem endurecer seus olhos desse modo. Acredito que você perdoará minha franqueza, mas tenho temido pela sua alma muitas vezes desde a Batalha de Culloden.

Não falei com Jenny sobre o assunto, mas ela também percebeu. Ela é mulher e conhece você de modos que não conheço. Acredito ter sido o medo que fez com que ela jogasse Laoghaire em cima de você. Eu achava a união malfeita, mas (aqui, um rabisco grande riscado várias vezes). Você tem sorte por estar com Claire.

— Hummm — disse Jamie, olhando para mim.

Eu apertei o ombro dele e me inclinei para a frente para ler o resto.

Está tarde e estou falando demais. Eu falei sobre Simon — o cuidado por seus homens agora é seu único elo com a humanidade. Ele não tem esposa nem filho, vive sem rumo, seu patrimônio é refém do conquistador a quem ele serve. Há fogo em um homem assim, mas não há coração. Espero nunca dizer a mesma coisa a seu respeito nem do jovem Ian.

Assim, entrego vocês um ao outro, e que a bênção de Deus — e a minha — esteja com os dois.

Escreva assim que puder. Desejamos receber notícias suas, e seus relatos a respeito dos locais exóticos em que agora vive.

*Seu irmão muito carinhoso,
Ian Murray*

Jamie cuidadosamente dobrou a carta e a guardou dentro do casaco.

— Humm — repetiu ele.

A LEI DA MATANÇA

Julho de 1767

Aos poucos, eu me acostumei ao ritmo de vida em River Run. A presença dos escravos me perturbava, mas havia pouco que eu pudesse fazer a respeito, exceto contar com os serviços deles o mínimo possível, buscando e carregando as coisas de que precisava.

River Run tinha uma sala “simples”, basicamente um armário pequeno no qual ervas secas e remédios eram guardados. Não havia muito ali dentro, nada além de alguns jarros de raízes de dente-de-leão e casca de salgueiro, e alguns cataplasmas empoeirados pela falta de uso. Jocasta afirmou estar feliz por eu querer usar o espaço. Ela não tinha talento com plantas medicinais, disse-me dando de ombros, assim como nenhum dos escravos.

— Há uma nova mulher que talvez demonstre alguma habilidade nesse aspecto — falou ela, dedos compridos traçando a linha de lã na agulha enquanto o tear girava. — Mas ela não é uma escrava doméstica. Veio da África há apenas alguns meses e não sabe falar nem se comportar. Eu tinha pensado em treiná-la, talvez, mas como você está aqui... Ah, agora a linha está fina demais, está vendo?

Enquanto eu passava um tempo todos os dias conversando com Jocasta e tentando aprender com ela a arte da fiação de lã, Jamie passava uma hora ou duas com o mordomo, Ulysses, que além de servir como olhos para Jocasta e como administrador da casa, evidentemente também vinha cuidando das contas da terra desde a morte de Hector Cameron.

— E fazendo um belo trabalho — Jamie me contou em particular, depois de um desses encontros. — Se ele fosse um homem branco, minha tia não teria dificuldades em entregar seus assuntos a ele. Mas sendo como é... — Ele deu de ombros.

— Sendo como é, ela tem sorte por você estar aqui — falei, aproximando-me para cheirá-lo.

Ele passara o dia em Cross Creek, organizando um complicado negócio envolvendo blocos de anileira, madeira, seis mulas, cinco toneladas de arroz e um relógio de ouro e, assim, vários cheiros fascinantes impregnavam suas roupas e seus cabelos.

— É o mínimo que posso fazer — respondeu Jamie, com os olhos nas botas que esfregava. Ele contraiu os lábios brevemente. — Eu não estou ocupado com outros assuntos, certo?

— Um jantar — declarou Jocasta, alguns dias depois. — Quero organizar uma festa adequada para apresentar vocês dois às pessoas da região.

— Não precisa disso, tia — disse Jamie com calma, desviando os olhos do livro. — Acho que devo ter encontrado a maioria das pessoas daqui na venda semana passada. Ou a parte masculina, pelo menos — acrescentou ele, sorrindo para mim. — Mas, pensando bem, talvez fosse bom para Claire conhecer as mulheres do distrito.

— Eu gostaria de conhecer mais algumas pessoas — admiti. — Não que eu não tenha ocupações aqui — garanti a Jocasta —, mas...

— Mas não algo que lhe interesse — respondeu ela, mas com um sorriso para não deixar o comentário muito pesado. — Você não gosta muito do tear, eu acho. — Ela levou a mão ao grande cesto de lãs coloridas e tirou um novelo verde, para ser incluído no xale que ela tricotava.

Os novelos de lã eram cuidadosamente organizados todas as manhãs por uma das empregadas em um espectro espiral, para que Jocasta pudesse pegar um novelo da cor certa.

— Sim, bem, não esse tipo de costura — disse Jamie, fechando o livro e sorrindo para mim. — Claire gosta mais de costurar carne. Imagino que ela esteja ficando inquieta esses dias, com nada além de um corte na cabeça ou um caso de hemorroidas para cuidar.

— Ha ha — respondi, mas na verdade ele estava certo.

Apesar de eu ficar contente em ver que os habitantes de River Run eram saudáveis e bem cuidados de modo geral, não havia muito campo de trabalho para um médico. Eu não desejava doenças a ninguém, mas não tinha como negar que estava me sentindo inquieta. Assim como Jamie, mas pensei que seria melhor deixar esse assunto de lado por enquanto.

— Espero que Marsali esteja bem — comentei, mudando de assunto.

Finalmente convencido de que Jamie não precisaria de sua ajuda durante um tempo, Fergus partira um dia antes, descendo o rio em direção a Wilmington, para pegar o navio para a Jamaica. Se tudo desse certo, ele voltaria na primavera com Marsali e, se Deus permitisse, o filho deles.

— Eu também — disse Jamie. — Eu disse a Fergus que...

Jocasta virou a cabeça em direção à porta.

— O que foi, Ulysses?

Absorvida pela conversa, eu não notara os passos no corredor. Não pela primeira vez, eu me surpreendi com a boa audição de Jocasta.

— Sr. Farquard Campbell — disse o mordomo baixinho, e recostou-se na parede.

Era um indício da familiaridade de Farquard Campbell com a casa, pensei, de que ele não precisava esperar Ulysses voltar com um convite para que ele entrasse. Ele entrou na sala de visitas logo atrás do mordomo, com o chapéu cuidadosamente enfiado debaixo do braço.

— Jo, sra. Fraser — disse ele com uma reverência rápida a Jocasta e a mim, e “A seu dispor, senhor” a Jamie.

O sr. Campbell andara cavalgando, e muito. As barras de seu casaco estavam tomadas de poeira e o suor pingava no seu rosto por baixo de uma peruca torta.

— O que foi, Farquard? Aconteceu alguma coisa? — Jocasta se inclinou para a frente na beira da cadeira, o rosto refletindo sua ansiedade.

— Sim — respondeu ele abruptamente. — Um acidente no moinho. Vim perguntar à sra. Fraser...

— Sim, claro. Deixe-me pegar minha caixa. Ulysses, pode pedir a alguém para buscar um cavalo? — Levantei-me de repente, procurando os chinelos que chutara para longe. Eu não estava vestida para cavalgar, mas pela cara de Campbell, não havia tempo para trocar de roupa. — É sério?

Ele estendeu a mão para me deter quando me apoiei para calçar os chinelos.

— Sim, bastante ruim. Mas não precisa vir, sra. Fraser. Se seu marido puder levar um pouco de seus remédios e coisa assim...

— Claro que vou — falei.

— Não! — Ele exclamou abruptamente, e todos olhamos para ele. Seus olhos buscaram os de Jamie, e ele fez uma careta, contraindo os lábios. — Não é um assunto para mulheres — continuou ele. — Mas ficaria muito grato com sua companhia, sr. Fraser.

Jocasta se levantou antes que eu pudesse protestar, segurando o braço de Campbell.

— O que foi? — perguntou ela. — Foi um dos meus negros? Byrnes fez alguma coisa?

Ela era mais alta do que ele cerca de cinco centímetros. Campbell tinha que olhar para cima para responder a ela. Eu via as rugas de tensão em seu rosto, e ela também sentiu a situação. Seus dedos apertaram o tecido da manga do casaco dele.

Ele olhou para Ulysses e então para Jocasta. Como se tivesse recebido uma ordem direta, o mordomo se virou e saiu da sala, caminhando suavemente como sempre.

— Foi uma matança, Jo — sussurrou ele. — Não sei quem, nem como, nem a gravidade. O garoto de MacNeill me chamou. Mas quanto ao outro... — Ele hesitou e então deu de ombros. — É a lei.

— E você é o juiz! — rebateu ela. — Pelo amor de Deus, não consegue fazer nada? — Sua cabeça se virou, tentando fixar os

olhos cegos nele para convencê-lo.

— Não! — respondeu ele de forma brusca, e então, mais delicadamente, repetiu: — Não. — Tirou a mão dela da manga de seu casaco e a segurou com força. — Você sabe que eu não posso — continuou ele. — Se eu pudesse...

— Se você pudesse, não faria — disse ela com amargura. Puxou a mão que ele segurava e deu um passo para trás, punhos fechados ao lado do corpo. — Vá em frente, então. Eles o chamaram para ser o juiz. Vá e faça o julgamento. — Ela se virou e saiu da sala, com as saias farfalhando.

Campbell a observou se afastar e então, quando a porta foi fechada, suspirou com uma careta e se virou para Jamie.

— Hesito em pedir tal favor, sr. Fraser, já que nos conhecemos há pouco. Mas eu gostaria muito de sua companhia para essa tarefa. Já que a sra. Cameron não pode estar presente, ter o senhor lá como representante dela no assunto...

— Qual é o assunto, sr. Campbell? — perguntou Jamie.

Campbell olhou para mim, desejando que eu saísse. Como não me mexi, ele deu de ombros, tirou um lenço do bolso e secou o rosto.

— É a lei desta colônia, senhor, que se um negro ataca um branco e o fere, ele deve morrer por esse crime. — Ele parou, relutante. — Felizmente, essas coisas são raras. Mas quando ocorrem...

Campbell parou, contraindo os lábios. Então, suspirou, e com um tapinha no rosto corado, guardou o lenço.

— Tenho que ir. Vem comigo, sr. Fraser?

Jamie permaneceu mais um tempo parado, observando o rosto de Campbell.

— Vou — disse ele abruptamente.

Dirigiu-se ao armário e abriu a gaveta de cima, onde o falecido Hector Cameron guardava as pistolas.

Ao ver isso, eu me virei para Campbell.

— Há perigo?

— Não sei dizer, sra. Fraser. — Campbell encolheu os ombros.

— Donald MacNeill me disse apenas que houve um conflito no

moinho e que se tratava de um derramamento de sangue, de acordo com a lei. Ele pediu para que eu fosse fazer o julgamento e supervisionasse a execução, e então partiu para reunir os outros donos de propriedades antes que eu pudesse conseguir mais detalhes.

Ele parecia triste, mas conformado.

— Execução? Está dizendo que pretende executar um homem mesmo sem saber o que ele fez? — Na minha agitação, eu havia derrubado o cesto de novelos de Jocasta. Bolinhas de lã colorida se espalharam por todos os lados, pulando no carpete.

— Eu sei o que ele fez, sra. Fraser! — Campbell levantou o queixo, corado, mas, controlando-se, engoliu em seco. — Peço seu perdão, senhora. Sei que chegou há pouco tempo. Considerará algumas de nossas atitudes difíceis e até bárbaras, mas...

— Isso mesmo, eu as considero bárbaras! Que tipo de lei condena um homem...

— Um escravo...

— Um homem! Condena um homem sem um julgamento, sem nem ao menos uma investigação? Que tipo de lei é essa?

— Uma lei ruim, madame! — respondeu ele. — Mas, ainda assim, é a lei, e tenho que cumpri-la. Sr. Fraser, está pronto? — Campbell colocou o chapéu na cabeça e se virou para Jamie.

— Estou. — Jamie terminou de ajeitar a pistola e a munição nos bolsos fundos do casaco, e se endireitou, alisando as saias pelas coxas. — Sassenach, pode ir e...

Eu já havia atravessado a sala e segurado seu braço antes que ele pudesse terminar.

— Jamie, por favor, não vá! Você não pode fazer parte disso!

— Shhh. — Ele pousou a mão na minha e a apertou com força. Olhou em meus olhos e me impediu de falar.

— Eu já faço parte disso — sussurrou ele. — É a propriedade da minha tia, os homens dela estão envolvidos. O sr. Campbell está certo. Sou o representante dela. Será minha tarefa ir... para ver, pelo menos. Para estar ali. — Então ele hesitou, como se pudesse dizer mais, porém apenas apertou minha mão de novo e soltou.

— Então eu vou com você — falei com muita calma, com o tranquilo senso de distanciamento que vem com a consciência de que um desastre está prestes a acontecer.

Sua boca tremeu brevemente.

— Achei que quisesse ir, Sassenach. Vá pegar sua caixinha, está bem? Eu trarei os cavalos.

Não esperei para ouvir o que o sr. Campbell poderia dizer. Saí correndo em direção ao quarto, com os chinelos batendo no piso como os batimentos de um coração ansioso.

Encontramos Andrew MacNeill na estrada, descansando o cavalo na sombra de uma castanheira. Ele estava à nossa espera. Saiu das sombras ao ouvir as batidas dos cascos. Assentiu a Campbell quando paramos perto dele, mas manteve os olhos em mim, franzindo o cenho.

— Você não contou a ele, Campbell? — perguntou ele, e virou a carranca para Jamie. — Não é assunto para uma mulher, sr. Fraser.

— Disseram ser uma questão de derramamento de sangue, não? — perguntou Jamie, com a voz um pouco alterada. — Minha esposa é *ban-lighiche*. Ela viveu a guerra comigo, e mais: se quiserem que eu esteja lá, ela estará comigo.

MacNeill contraiu os lábios, mas não disse mais nada. Virou-se abruptamente e subiu no cavalo.

— Conte-nos, MacNeill, a história desse triste caso. — Campbell virou a cabeça de sua égua para o lado do cavalo de Jamie, colocando-se habilmente entre MacNeill e Jamie. — O sr. Fraser chegou há pouco tempo, como sabe, e seu garoto só me disse se tratar de um derramamento de sangue. Não tenho mais detalhes.

MacNeill ergueu os ombros levemente, mexendo o rabicho grisalho. Seu chapéu estava afundado na cabeça, reto como os ombros, como se ele tivesse usado uma régua de carpinteiro para acertá-lo. MacNeill era um homem direto e quadrado, tanto em palavras quanto em aparência.

Contada de modo ofegante enquanto trotávamos, a história era simples. O feitor do moinho, Byrnes, tivera uma discussão com um

dos escravos da terebintina. Este homem estava armado com uma faca grande apropriada a seu trabalho e tentara resolver o assunto decapitando Byrnes. Fracassando na tentativa, conseguiu arrancar apenas uma orelha do feitor.

— Ele a ceifou como um pinheiro — falou MacNeill, com um sorriso de satisfação aparente na voz. — Tirou a orelha e uma parte da lateral do rosto também. Não que isso tenha estragado muito sua beleza, pois ele já era feio.

Olhei para Jamie, que ergueu uma sobrancelha em resposta. Ficou claro que Byrnes não era muito querido entre os trabalhadores.

O feitor gritara por ajuda, e com a assistência de dois clientes e vários escravos, conseguira dominar o agressor. O ferimento foi estancado e o escravo, preso em um barracão, e o jovem Donald MacNeill — que viera buscar uma serra e se viu, inesperadamente, no meio do drama — fora mandado para dar a notícia aos donos de propriedades próximas.

— Vocês não sabem — explicou Campbell, virando-se na sela para falar com Jamie. — Mas quando um escravo tem que ser executado, os escravos das plantações vizinhas são trazidos para assistir. É um aviso, sabe? Para evitar atitudes indesejadas no futuro.

— Compreendo — disse Jamie educadamente. — Acredito que essa tenha sido a determinação da Coroa para executar o meu avô na Torre de Londres depois da Revolta. É muito eficiente também. Todos os meus parentes têm se comportado muito bem desde então.

Eu já vivera com os escoceses por tempo suficiente para reconhecer os efeitos daquela atitude. Jamie poderia ter vindo a pedido de Campbell, mas o neto da Velha Raposa não obedecia às ordens de um homem à toa, nem respeitava muito a lei inglesa.

MacNeill entendera a mensagem. Sua nuca ficou muito vermelha, mas Farquard Campbell parecia divertir-se. Ele riu baixinho e se virou.

— Você sabe que escravo é? — perguntou ele ao homem mais velho.

MacNeill balançou a cabeça.

— O jovem Donald não disse. Mas o senhor sabe tão bem quanto eu. Deve ser aquele maldito Rufus.

Os ombros de Campbell se encolheram.

— Jo ficará muito chateada ao saber disso — murmurou ele, balançando a cabeça.

— É culpa dela — disse MacNeill, batendo num mosquito que pousara em sua perna acima da bota. — Byrnes não é capaz de cuidar nem de porcos, muito menos de negros. Já disse isso a ela várias vezes. Você também.

— Sim, mas Hector contratou o homem, não Jo — protestou Campbell. — E ela não poderia dispensá-lo de repente. O que ela deve fazer? Cuidar das coisas por conta própria?

A resposta foi um resmungo quando MacNeill ajeitou o traseiro grande na sela. Olhei para Jamie, e o vi com o rosto inexpressivo, olhos escondidos na sombra por baixo da aba do chapéu.

— Poucas coisas são piores do que uma mulher caprichosa — disse MacNeill, um pouco mais alto do que o necessário. — Elas não podem culpar ninguém além delas mesmas quando algo vai mal.

— Mas — interrompi, inclinando-me para a frente e erguendo a voz o suficiente para ser ouvida acima dos passos dos cavalos —, se algo for mal por causa de um homem, a satisfação de culpá-lo será compensação adequada?

Jamie resmungou, se divertindo. Campbell riu alto e cutucou MacNeill nas costelas com seu cajado.

— Bem feito, Andrew! — exclamou ele.

MacNeill não respondeu, mas seu pescoço ficou ainda mais vermelho. Cavalgamos em silêncio depois disso, e MacNeill manteve os ombros encolhidos.

Apesar de ter sido levemente satisfatória, minha resposta não ajudou em nada a acalmar meus nervos. Eu sentia um nó de medo no estômago em relação ao que poderia acontecer quando chegássemos ao moinho. Apesar de eles não gostarem de Byrnes e de acreditarem que o que acontecera provavelmente fora culpa do feitor, não houvera qualquer sugestão de que isso alteraria o destino do escravo de qualquer modo que fosse.

“Uma lei ruim”, dissera Campbell, mas ainda assim, a lei. De qualquer modo, não era medo nem horror de pensar na atrocidade que fazia minhas mãos tremerem e as rédeas de couro escorregarem com o suor, era pensar no que Jamie faria.

Não consegui adivinhar nada olhando para o rosto dele. Jamie andou mais devagar, com a mão esquerda nas rédeas, a direita sobre a coxa, perto do volume da pistola em seu casaco.

Eu não sabia nem se podia me consolar com o fato de Jamie ter permitido que eu viesse com ele. Aquilo podia significar que ele não esperava cometer violência — mas nesse caso, significava que ele ficaria olhando, deixando a execução acontecer?

E se ele...? Minha boca estava seca, meu nariz e minha garganta tampados pela poeira marrom que subia em nuvens das patas dos cavalos.

Eu já faço parte disso. Mas parte do quê? Do clã e da família, sim, mas *disso*? Os escoceses das Terras Altas lutavam até a morte por qualquer causa que tocasse sua honra e esquentasse seu sangue, mas, na maioria do tempo, eram indiferentes a assuntos externos. Séculos de isolamento nas montanhas haviam tirado a paciência deles de se meter nos assuntos de outras pessoas — mas aí de quem se metesse nos assuntos deles!

Era óbvio que Campbell e MacNeill viam aquele assunto como sendo de Jamie, mas e ele? Jamie não era um escocês isolado. Ele era viajado, educado, um homem culto. E sabia muito bem o que *eu* pensava dos assuntos atuais. Mas eu tinha a terrível sensação de que minha opinião contaria muito pouco no resultado daquele dia.

Era uma tarde quente e sem vento, com cigarras zunindo alto nas matas pela estrada, mas meus dedos estavam frios e duros nas rédeas. Tínhamos passado por um ou dois grupos. Bandos pequenos de escravos, andando na direção do moinho. Eles não olharam para cima quando passamos, mas se enfiaram na mata, deixando espaço para passarmos.

O chapéu de Jamie voou, derrubado por um galho baixo. Ele o pegou habilmente e o recolocou na cabeça, mas vi seu rosto antes, desprotegido por um momento, e sua expressão tensa de

ansiedade. Chocada, percebi que ele também não sabia o que faria. E isso me assustou mais do que qualquer coisa até aquele instante.

De repente, estávamos na floresta de pinheiros. O brilho verde-amarelado das folhas deram espaço a um tom mais escuro, como passar da superfície do mar para as profundezas mais calmas.

Coloquei a mão para trás a fim de tocar a caixa de madeira presa na minha sela, tentando evitar pensar no que aconteceria mais adiante, fazendo preparações mentais para o único papel que eu poderia desempenhar de modo razoável nesse desastre incipiente. Eu provavelmente não seria capaz de impedir o dano, mas poderia tentar reparar o que já acontecera. Desinfetar e limpar — eu tinha um frasco de álcool destilado e uma mistura feita de suco de alho e menta. Depois, eu faria um curativo sobre a ferida — sim, eu tinha bandagens de linho —, mas certamente precisaria dar pontos antes.

Enquanto pensava a respeito do que tinha acontecido com a orelha arrancada de Byrnes, parei. O zunido em meus ouvidos não era das cigarras. Campbell, na frente, cavalgava depressa, ouvindo, e o restante de nós seguia atrás dele.

Vozes a distância, muitas vozes, em uma grande confusão, como uma colmeia virada de cabeça para baixo e chacoalhada. E então, o som fraco de gritos e berros, e o estampido alto de um tiro.

Descemos a última ladeira, desviando das árvores, e entramos na clareira do moinho. O campo aberto estava repleto de pessoas: escravos e empregados, mulheres e crianças, caminhando em pânico em meio às pilhas de serragem, como cupins expostos pela ação de um machado.

Então, perdi a consciência da multidão. Toda a minha atenção se voltou para a lateral do moinho, onde estava um guindaste com um gancho curvo enorme para levantar toras ao nível da base da serra.

Preso ao gancho estava o corpo de um homem negro, revirando-se como uma minhoca. O cheiro de sangue soprava doce e quente pelo ar. Havia uma poça dele na plataforma, embaixo do guindaste.

Meu cavalo parou, irritado, bloqueado pelas pessoas. Os gritos tinham se tornado gemidos e berros breves e aleatórios das mulheres ali. Vi Jamie apear à minha frente, e abrir caminho entre a multidão em direção à plataforma. Campbell e MacNeill estavam com ele, empurrando as pessoas para poderem passar. O chapéu de MacNeill caiu e foi pisoteado.

Permaneci parada na sela, sem conseguir me mexer. Havia outros homens na plataforma perto do guindaste. Um homem pequeno cuja cabeça estava tomada por bandagens, com sangue escorrendo de um lado. Vários outros homens, brancos e mulatos, armados com porretes e mosquetes, fazendo movimentos ameaçadores na direção da multidão de vez em quando.

Não havia pressa em se chegar à plataforma. Pelo contrário, parecia haver pressa de modo geral para escapar dali. Os rostos ao meu redor estavam tomados por expressões que variavam de medo a incredulidade, e alguns poucos com raiva — ou satisfação.

Farquard Campbell surgiu, subiu na plataforma ao lado do ombro forte de MacNeill e avançou de uma vez em direção aos homens com porretes, balançando os braços e gritando algo que não consegui ouvir, apesar de os gritos e gemidos ao meu redor estarem diminuindo no silêncio do choque. Jamie segurou a borda da plataforma e subiu depois de Campbell, fazendo uma pausa para dar uma mão a MacNeill.

Campbell estava cara a cara com Byrnes, o rosto magro tomado pela fúria.

— ... uma brutalidade indescritível! — gritava ele.

Suas palavras saíam de modo inconstante, meio engolidas na confusão e nos murmúrios ao meu redor, mas eu o vi apontar um dedo com ênfase para o guindaste e sua carga. O escravo havia parado de lutar, estava inerte.

O rosto do feitor estava invisível, mas seu corpo permanecia tenso de ira em pose desafiadora. Um ou dois de seus amigos se movimentaram lentamente em direção a ele, desejando oferecer apoio.

Eu vi Jamie parar por um momento, analisando os acontecimentos. Pegou as duas pistolas do casaco e calmamente

conferiu os dois objetos. Então, deu um passo à frente e encostou uma delas na cabeça coberta por bandagens de Byrnes. O feitor ficou tenso, surpreso.

— Desça-o — ordenou Jamie ao capanga mais próximo, alto o suficiente para ser ouvido acima dos resmungos baixos da plateia. — Ou estouro o que restou do rosto do seu amigo. E então... — Ele ergueu a segunda pistola e mirou no peito do homem. A expressão no rosto de Jamie dispensou mais ameaças.

O homem se moveu de maneira relutante, com os olhos estreitos fixos na pistola. Segurou o cabo do mecanismo que controlava o guindaste e o puxou para trás. O gancho desceu lentamente, o cabo esticado devido ao peso. Os espectadores suspiraram quando o corpo imóvel tocou o chão.

Eu conseguira passar com meu cavalo entre a multidão, até ficar a cerca de cinquenta centímetros do fim da plataforma. O cavalo relinchou e bateu a pata, jogando a cabeça para trás devido ao cheiro forte de sangue, mas era bem treinado e não fugiria. Eu apeei, ordenando a um homem próximo a mim que trouxesse minha caixa.

As tábuas da plataforma pareciam estranhas sob meus pés, balançando como a terra firme quando saímos de um navio. Eu estava a poucos passos do escravo. Quando cheguei até ele, a clareza do pensamento frio, que é o recurso principal de um cirurgião, me ocorreu. Não prestei atenção às discussões acaloradas atrás de mim nem à presença dos espectadores que ainda permaneciam ali.

Ele estava vivo. Seu peito se mexia com a respiração curta e ofegante. O gancho perfurara o estômago, passando pela parte inferior da caixa torácica e saindo por trás na altura dos rins. A pele do homem tinha um estranho tom azul-acinzentado, e os lábios tinham cor de argila.

— Calma — falei delicadamente, apesar de o escravo não emitir som algum além do leve zunido de sua respiração. Seus olhos estavam tomados pela incompreensão, as pupilas dilatadas, cheias de escuridão.

Não havia sangue em sua boca. Os pulmões não tinham sido perfurados. A respiração era fraca, mas ritmada. O diafragma não fora atingido. Passei as mãos com cuidado sobre ele, minha mente tentando acompanhar o caminho dos danos. O sangue saía das duas feridas, cobrindo os músculos rígidos das costas e da barriga, brilhando vermelho como rubi no aço polido. Não jorrava. De algum modo, eles tinham conseguido errar a aorta abdominal e a artéria renal.

Atrás de mim, uma discussão intensa havia começado. Uma parte pequena da minha mente percebeu que os acompanhantes de Byrnes eram outros feitores de propriedades vizinhas, sendo repreendidos com vigor por Farquard Campbell.

— ... total desrespeito à lei! Vocês responderão por isso no tribunal, senhores, podem ter certeza disso!

— Que importa? — perguntou alguém. — É um derramamento de sangue e mutilação! Byrnes tem direitos!

— Direitos que pessoas como você não devem decidir. — O ronco de MacNeill foi ouvido. — Lixo, é o que vocês são, não são melhores do que...

— E por que veio meter o nariz escocês onde não é chamado, senhor?

— Do que você vai precisar, Sassenach?

Eu não ouvi a aproximação dele, mas ele estava ali. Jamie se agachou perto de mim, e minha caixa estava aberta nas tábuas ao seu lado. Ele segurava uma pistola em uma das mãos, prestando atenção ao grupo atrás de mim.

— Não sei — falei.

Eu ouvia a discussão ao fundo, mas as palavras se misturavam e não faziam sentido. A única realidade estava em minhas mãos.

Lentamente, fui percebendo que era possível que a ferida do homem que eu tocava não fosse mortal, apesar da grave lesão. Por tudo que podia sentir e perceber, acreditava que a curva do gancho tinha ido para cima, atravessando o fígado. Possivelmente o rim direito estava ferido, e o jejuno ou a vesícula poderia ter sido atingido — mas nada disso o mataria de imediato.

O choque poderia matá-lo depressa. Mas senti sua pulsação no abdômen molhado de suor, logo acima do metal. Estava rápida, mas constante como um tambor. Sentia o eco na ponta dos dedos onde minha mão estava. Ele perdera sangue — o cheiro dele era forte, superando o cheiro do suor e do medo —, mas não o suficiente para deixá-lo inconsciente.

Um pensamento perturbador me ocorreu: eu poderia manter aquele homem vivo. Talvez não. Quando o pensamento ocorreu, com ele vieram todas as coisas que poderiam dar errado: a hemorragia quando eu retirasse o gancho poderia ser apenas a mais imediata. Sangramento interno, choque tardio, intestino perfurado, peritonite, entre outros.

Na Batalha de Prestonpans, eu vi um homem com o corpo atravessado por uma espada, e a localização da ferida era muito parecida com esta. Ele não recebera nenhum tratamento além da bandagem ao redor do corpo, e mesmo assim havia se recuperado.

— Desrespeito à lei! — dizia Campbell, erguendo a voz acima do murmurinho. — Não pode ser tolerado, independentemente do motivo. Eu vou responsabilizar todos vocês. Podem ter certeza!

Ninguém prestava atenção ao verdadeiro objeto da discussão. Poucos segundos haviam se passado, mas eu só tinha poucos segundos a mais para agir. Pousei uma mão no braço de Jamie, tirando a atenção dele do debate.

— Se eu salvá-lo, eles permitirão que ele viva? — perguntei-lhe, bem baixinho.

Jamie olhou para cada um dos homens atrás de mim, calculando as possibilidades.

— Não — disse ele com delicadeza. Olhou em meus olhos, tomados pela compreensão. Seus ombros se endireitaram levemente, e ele colocou a pistola sobre a coxa. Eu não podia ajudá-lo a tomar sua decisão. Ele não podia me ajudar com a minha, mas me defenderia independentemente da escolha.

— Passe para mim o terceiro frasco da esquerda, primeira fileira — falei, indicando a tampa da caixa, onde três fileiras de frascos de vidro muito bem fechados com rolhas guardavam diversos remédios.

Eu tinha dois frascos de álcool puro e outro de conhaque. Despejei uma boa dose da raiz em pó de cor marrom no conhaque e mexi com vigor, e então fui até a cabeça do homem e a pressionei contra seus lábios.

Seus olhos estavam vidrados. Tentei olhar dentro deles, para fazer com que ele me visse. Por quê?, pensei enquanto me inclinava para a frente e dizia o nome dele. Não podia perguntar se essa seria sua escolha, pois eu a fizera por ele. E por tê-la feito, não podia pedir sua permissão nem perdão.

Ele engoliu. Uma vez. Duas. Os músculos perto da boca esbranquiçada se contraíram. Gotas de conhaque escorreram por sua pele. Mais uma vez, um gole profundo e convulsivo, e então, o pescoço relaxou, sua cabeça pesou em meu braço.

Permaneci com os olhos fechados, apoiando sua cabeça, os dedos na pulsação sob a orelha dele. Forte, falhou um batimento e voltou. Um arrepio tomou conta do corpo dele, e a pele inchada se arrepiou como se milhares de formigas corressem por ela.

A descrição do manual me ocorreu:

Adormecimento. Formigamento. Sensação de arrepio, como se a pele fosse afetada por insetos. Náusea, dor epigástrica. Respiração difícil, pele fria e suada, rosto pálido. Pulso fraco e irregular, mas a mente permanece clara.

Nenhum desses sintomas visíveis eram discerníveis daqueles que ele já tinha mostrado. Dor epigástrica, principalmente.

Um quinto do grão mata um pardal em segundos. Um décimo do grão, um coelho em cinco minutos. Dizem que o acônito era o veneno no copo que Medeia preparou para Teseu.

Tentei não ouvir nada, não sentir nada, não saber nada além do batimento forte sob os meus dedos. Tentei, com todas as minhas forças, bloquear as vozes que vinham de cima, o murmúrio próximo, o calor, a poeira e o cheiro de sangue, esquecer onde eu estava e o que estava fazendo.

Mas a mente permanece clara.

Ah, meu Deus, pensei. Permanecia, sim.

O RETORNO DE JOHN QUINCY MYERS

Embora profundamente abalada pelos acontecimentos no moinho, Jocasta declarou a intenção de dar andamento ao jantar que havia planejado.

— Isso nos distrairá da tristeza — afirmou ela.

Jocasta se virou para mim, e estendendo a mão, tocou de forma crítica o tecido da minha manga.

— Vou pedir a Phaedre para fazer um novo vestido para você — disse ela. — A garota é uma boa costureira.

Eu achava que precisaria de mais do que um vestido novo e um jantar para distrair a minha mente, mas vi Jamie olhar para mim e fiquei de boca fechada para não dizer o que pensava.

Devido ao pouco tempo e à falta de um tecido adequado, Jocasta decidiu que um de seus vestidos seria ajustado para mim.

— Como está, Phaedre? — Jocasta franziu o cenho em minha direção, como se pudesse enxergar se quisesse. — Vai servir?

— Vai servir muito bem — disse a costureira com a boca cheia de alfinetes. Ela enfiou três em rápida sequência, estreitou os olhos para mim, prendeu uma dobra do tecido na cintura e enfiou mais dois. — Vai ficar muito bom — afirmou ela, com a boca livre dessa vez. — Ela é mais baixa que a senhorita, srta. Jo, e um pouco mais magra na cintura. Mas tem mais peito — acrescentou Phaedre baixinho, sorrindo para mim.

— Sim, eu sei disso — respondeu Jocasta, pois ouviu o sussurro. — Corte o corpete. Podemos cobri-lo com renda valenciana sobre seda verde. Pegue um pedaço daquela roupa velha do meu marido. Será a cor perfeita para complementar este.

— Ela tocou a manga com a faixa verde brilhante. — Costure a faixa na seda verde também. Assim, o colo dela ficará em evidência. — Os dedos compridos e pálidos indicavam a linha de costura, passando por cima de meus seios quase distraidamente. O toque foi calmo, impessoal, e eu quase não o senti, mas por pouco não dei um passo para trás.

— A senhora tem uma boa memória para cores — falei, surpresa e meio incomodada.

— Ah, eu me lembro muito bem do vestido — disse ela. Tocou a manga suavemente. — Um cavalheiro certa vez me disse que eu fazia com que ele pensasse em Perséfone quando o vestia. A primavera encarnada, ele dizia.

Um sorriso leve de lembrança apareceu em seu rosto e então sumiu quando ela levantou a cabeça na minha direção.

— Qual é a cor de seus cabelos, minha cara? Não pensei em perguntar. Você me parece loira, não sei por que, mas não sei se é, de fato. Por favor, não me diga que você tem cabelos pretos e é pálida! — Jocasta sorriu, mas a piada mais pareceu uma ordem.

— É mais ou menos castanho — falei, tocando meus cabelos. — Mas ficou mais claro, tem manchas mais suaves.

Ela franziu o cenho ao ouvir isso, parecendo pensar se castanho era adequado. Sem conseguir decidir, ela se virou para a costureira.

— Como ela é, Phaedre?

A mulher deu um passo para trás e olhou para mim. Percebi que ela — assim como as outras empregadas ali — tinha o hábito de fazer descrições completas à sua senhora. Os olhos escuros passaram rapidamente por mim, parando em meu rosto por um longo momento de avaliação. Ela pegou dois grampos da boca antes de responder.

— Bonita, srta. Jo — disse Phaedre. Assentiu uma vez, lentamente. — Bem bonita — repetiu. — Tem pele clara, branca como leite. Fica muito bonita com esse verde.

— Hum. Mas a saia de baixo é pérola. Se ela for clara demais, não vai parecer desbotada?

Eu não gostava de ser avaliada como se fosse um objeto de arte — e um objeto com defeito, possivelmente —, mas engoli

minhas objeções.

Phaedre negava com a cabeça, sem dúvida.

— Ah, não, senhora — afirmou Phaedre. — Ela não é desbotada. Tem um bom corpo. E olhos castanhos, mas não pense que são da cor de lama. A senhora se lembra daquele livro que tinha, com fotos de todos os animais estranhos?

— Se você se refere ao *Relatos de uma exploração do subcontinente indiano* — disse Jocasta —, sim, eu me lembro. Ulysses o leu para mim mês passado. Você está dizendo que a srta. Fraser faz com que você se lembre de uma das ilustrações? — Ela riu, se divertindo.

— Hum-hum. — Phaedre não havia parado de olhar para mim. — Ela se parece com aquele felino grande. Aquele tigre que olhava entre as folhas.

Uma expressão de surpresa apareceu brevemente no rosto de Jocasta.

— De fato — disse ela, e riu. Mas não me tocou de novo.

Permaneci no hall inferior, alisando a renda em faixas verdes no meu colo. A fama de Phaedre como costureira era merecida. O vestido serviu como uma luva, e as faixas grossas de cetim esmeralda brilhavam contra os tons mais claros de pérola e verde.

Orgulhosa de seus cabelos grossos, Jocasta não usava perucas, então felizmente não houve a sugestão para que eu usasse uma. Phaedre havia tentado passar pó de arroz em meus cabelos, uma tentativa à qual resisti com firmeza. Sem conseguir esconder sua opinião a respeito de minha falta de tato para a moda, ela começara a cuidar dos cachos com uma fita branca de seda e a prendê-los no alto da minha cabeça.

Não sabia muito bem por que eu resistira à série de badulaques que ela queria usar para me enfeitar. Talvez fosse apenas por não gostar de excessos, ou por ser uma objeção mais sutil a ser tratada como objeto, ser enfeitada e exposta para agradar a Jocasta. De qualquer modo, eu recusei. Não usei nenhum

enfeite além de minha aliança de casamento, um par de brincos de pérolas e uma fita verde de veludo ao redor do pescoço.

Ulysses desceu a escada, impecável em seu uniforme. Eu me mexi e ele virou a cabeça, vendo o brilho de minhas saias.

Ele arregalou os olhos demonstrando claramente ter gostado do que viu, e eu olhei para baixo, sorrindo timidamente, como acontece com quem está sendo admirado. Então, eu o ouvi puxar o ar e levantei a cabeça para ver seus olhos ainda arregalados, mas agora com medo. Sua mão segurava o corrimão com tanta força que os nós dos dedos brilhavam.

— Perdão, madame — disse ele, parecendo reprimido, e desceu a escada correndo, passando por mim, deixando a porta para o salão aberta.

— O que diabos... — falei em voz alta, e então me lembrei onde e em que época estávamos.

Sozinho por tanto tempo, em uma casa com uma dona cega e sem dono, ele se tornara descuidado. Momentaneamente, ele havia se esquecido da proteção essencial e mais básica — a única proteção verdadeira que um escravo tinha: o rosto inexpressivo e calmo que escondia todos os seus pensamentos.

Não foi à toa que ele se assustou quando percebeu o que fizera. Se tivesse sido qualquer outra mulher que não eu a interceptar aquele olhar descuidado... Minhas mãos ficaram frias e suadas, eu engoli em seco e o cheiro de sangue e de terebintina voltou à minha garganta.

Mas tinha sido comigo, eu lembrei a mim mesma, e ninguém mais vira. O mordomo podia estar com medo, mas estava seguro. Eu me comportaria como se nada tivesse acontecido — nada *havia* acontecido — e as coisas seriam... Bem, as coisas seriam o que eram. O som de passos na galeria acima interrompeu meus pensamentos. Olhei para cima e me surpreendi, e todos os outros pensamentos fugiram de uma vez de minha mente.

Um escocês das Terras Altas com a vestimenta completa é uma visão muito impressionante, por mais velho ou por mais desagradável que sua aparência fosse. Um escocês alto, de corpo

esguio e nem um pouco desagradável na aparência no auge de sua vida é de tirar o fôlego.

Jamie não usava o kilt desde a Batalha de Culloden, mas seu corpo não havia se esquecido de como era.

— Ah! — falei.

Ele me viu naquele momento, e dentes brancos apareceram quando ele sorriu para mim e fez uma reverência, as fivelas prateadas do sapato reluzindo. Jamie se endireitou e se virou para ajeitar a roupa, e então desceu lentamente com os olhos fixos em meu rosto.

Por um momento, eu o vi como ele estivera na manhã em que nos casamos. A estampa de seu tartã era muito parecida com a que ele usara no dia: xadrez preto sobre um fundo rubro, com um broche prateado no ombro, o kilt descendo até a panturrilha com uma meia fina e comprida cobrindo-a.

O tecido era mais fino dessa vez, assim como o de seu casaco. O punhal que ele levava na cintura tinha faixas douradas no cabo. *Duine uasal* era o que ele parecia, um homem de valor.

Mas o rosto acima da roupa era o mesmo, mais velho agora, porém mais sábio também — e o inclinar de sua cabeça e os lábios largos e firmes, os olhos claros e puxados como os de um gato que olhavam dentro dos meus eram exatamente os mesmos. Ali estava um homem que sempre soubera seu valor.

— Ao seu dispor, senhora — disse Jamie. E então, abriu um sorriso iluminado ao descer os últimos poucos degraus.

— Você está lindo — falei, quase sem conseguir engolir o nó na minha garganta.

— De fato não estou nada mal — concordou, sem qualquer sinal de falsa modéstia. Ele ajeitou uma dobra no ombro com cuidado. — Claro, essa é a vantagem de usar tartã. Não há problema nenhum com o caimento.

— É de Hector Cameron? — Eu me sentia ridiculamente tímida em tocá-lo vestido tão bem. Mexi no cabo do punhal. Tinha um pequeno objeto dourado na ponta, com o formato de um pássaro em pleno voo.

Jamie respirou fundo.

— É meu agora. Ulysses o trouxe para mim com os cumprimentos da minha tia.

Percebi um tom estranho na voz dele, e olhei em seu rosto. Apesar de claramente estar muito orgulhoso por vestir o kilt de novo, algo o incomodava. Toquei sua mão.

— O que aconteceu?

Ele abriu um meio sorriso para mim, mas franziu o cenho, preocupado.

— Nada, exatamente. É só...

O som de pés na escada o interrompeu, e ele me colocou de lado, para sair do caminho de um escravo apressado que levava uma pilha de lençóis. A casa estava tomada pelos preparativos de última hora. Mesmo agora, eu conseguia ouvir o som de rodas no chão de pedras no fundo da casa, e sentia cheiros deliciosos enquanto bandejas eram trazidas depressa da cozinha.

— Não podemos conversar aqui — murmurou Jamie. — Sassenach, pode ficar atenta durante o jantar? Se eu fizer um sinal a você — e nesse momento, levou a mão ao lóbulo da orelha —, pode causar uma distração? Não importa o que seja. Derrube o vinho, desmaie, apunhale a pessoa ao seu lado com um garfo... — Ele sorriu para mim e eu me acalmei. Independentemente do que o preocupava, não era uma questão de vida ou morte.

— Posso fazer isso — garanti a ele. — Mas o que...

Uma porta se abriu no andar de cima, e ouvimos a voz de Jocasta, dando ordens de última hora a Phaedre. Com isso, Jamie se inclinou depressa e me beijou, e então se afastou com a roupa xadrez e as fivelas prateadas dos sapatos, desaparecendo depressa entre dois escravos que carregavam bandejas cheias de taças de cristal para o salão. Eu o observei surpresa, quase sem conseguir sair do caminho na rota de colisão com os empregados.

— É você, doce Claire? — Jocasta parou no último degrau, com a cabeça virada para mim, os olhos fixos logo acima do meu ombro. Ela era muito perspicaz.

— Sou eu — afirmei, e toquei seu braço para mostrar precisamente onde eu estava.

— Senti o cheiro de cânfora do vestido — disse ela, como se respondesse à pergunta que eu não fizera, apoiando a mão na dobra de meu cotovelo. — Pensei ter ouvido a voz de Jamie. Ele está próximo?

— Não — respondi, sendo sincera. — Acredito que ele tenha saído para cumprimentar os convidados.

— Ah. — Ela apertou meu braço e suspirou, um ponto entre a satisfação e a impaciência. — Não sou de lamentar o que não pode ser consertado, mas juro que daria um dos meus olhos se a visão do outro pudesse ser reparada tempo suficiente para ver o rapaz com o kilt hoje!

Jocasta balançou a cabeça, rejeitando o pensamento, e os diamantes em suas orelhas brilharam sob a luz. Ela usava seda azul-escura, um contraste com seus cabelos bem brancos. O tecido era bordado com libélulas que pareciam voar entre as dobras enquanto ela se movimentava sob as luzes dos candeeiros na parede e dos candelabros com velas grossas.

— Ah, bem. Onde está Ulysses?

— Aqui, senhora. — Ele apareceu do outro lado, havia voltado tão silenciosamente que não o ouvi.

— Vamos — ordenou ela, e segurou o braço dele.

Eu não sabia se a ordem se aplicava a ele ou a mim, mas a segui obedientemente, desviando de dois ajudantes de cozinha que levavam o prato principal — um porco selvagem assado inteiro, com a cabeça e presas intactas e olhar fixo, as costas suculentas brilhando com a gordura, prontas para a faca. O cheiro era divino.

Alisei meus cabelos e me preparei para encontrar os convidados de Jocasta, com a sensação de que também estava sendo apresentada em uma bandeja de prata com uma maçã na boca.

A lista de convidados seria a coluna social de Cabo Fear River, se houvesse uma. Campbell, Maxwell, Buchanan, MacNeill, MacEachern... nomes das Terras Altas, nomes das Ilhas. MacNeill de Barra Meadows, MacLeod de Isles... muitos dos nomes de

propriedades tinham o sabor das origens de seus donos, assim como seu discurso. O teto alto de gesso ecoava a cadência do gaélico falado.

Muitos dos homens vinham com kilt ou com tecidos xadrez sobre os casacos e as calças de seda, mas não vi nenhum tão bonito quanto o de Jamie, que se destacava com sua ausência. Ouvi Jocasta murmurar algo a Ulysses. Ele chamou uma ajudante batendo palmas e mandou que ela partisse para a penumbra dos jardins com uma lanterna na mão, provavelmente à procura dele.

Quase tão visíveis eram os poucos convidados não escoceses. Um quacre de ombros largos e sorriso gentil com o nome pitoresco de Hermon Husband, um senhor alto e esquelético chamado Hunter, e — para minha surpresa — Phillip Wylie, com um terno impecável, peruca e pó.

— E aqui nós nos encontramos novamente, sra. Fraser — disse ele, segurando minha mão por muito mais tempo do que o socialmente correto. — Confesso que estou encantado em vê-la de novo!

— O que você está fazendo aqui? — perguntei de um modo meio grosseiro.

Ele sorriu descaradamente.

— Fui trazido pelo meu anfitrião, o nobre e poderoso sr. MacNeill de Barra Meadows, de quem acabei de comprar um par excelente de cavalos. Por falar nisso, cavalos selvagens não teriam conseguido me impedir de participar desta noite, quando soube que este evento está sendo realizado em sua honra.

Ele me observou lentamente, com o ar de um conhecedor apreciando uma obra de arte rara.

— Posso comentar, senhora, que esse tom de verde lhe cai muito bem?

— Acho que não posso impedi-lo — respondi.

— Sem falar do efeito da luz de velas sobre sua pele. “Teu pescoço parece uma torre de marfim” — citou ele, passando o polegar de modo insinuante na palma da minha mão —, “teus olhos são como os lagos de peixes em Heshbon.”

— “Teu nariz é como a torre do Líbano, que dá para Damasco”
— falei, com um olhar significativo para o nariz aristocraticamente pronunciado.

Ele começou a rir, mas não me soltou. Olhei para Jocasta, que estava a poucos metros de mim. Ela parecia envolvida numa conversa com alguém que havia chegado, mas a experiência me ensinara que seus ouvidos eram muito apurados.

— Quantos anos você tem? — perguntei, estreitando os olhos para ele e tentando retirar minha mão disfarçadamente.

— Vinte e cinco, senhora — respondeu ele, surpreso. Wylie deu um tapinha no remendo em forma de estrela perto dos lábios com um dedo da mão livre. — Estou indecentemente malvestido?

— Não. Eu só queria ter certeza de que estava dizendo a verdade ao informá-lo que tenho idade para ser sua mãe!

A informação não pareceu surpreendê-lo nem um pouco. Ele levou minha mão aos lábios e os pressionou com intensidade.

— Estou encantado — disse ele. — Posso chamá-la de *mamãe*?

Ulysses estava atrás de Jocasta, com os olhos escuros fixos nos convidados que subiam o caminho iluminado do rio. Ele se inclinava para a frente de vez em quando para sussurrar no ouvido dela. Eu tirei a mão da de Wylie com força e a usei para dar um tapinha no ombro do mordomo.

— Ulysses — falei, sorrindo encantadoramente para Wylie —, você faria a gentileza de cuidar para que o sr. Wylie se sente perto de mim durante o jantar?

— Claro, madame. Cuidarei disso — garantiu ele, e voltou à sua vigilância.

O sr. Wylie fez uma reverência extravagante, jurando gratidão eterna, e deixou-se levar para dentro da casa por um dos empregados. Eu acenei de forma simpática para ele, pensando que adoraria apunhalá-lo com um garfo quando fosse a hora certa.

Não sabia se fora sorte ou planejamento bem-feito, mas eu me vi entre o sr. Wylie e o quacre, sr. Husband. O sr. Hunter — o outro que não falava gaélico — estava do outro lado da mesa, de frente

para mim. Formamos uma pequena ilha de ingleses em meio ao mar de escoceses.

Jamie aparecera no último minuto, e agora estava sentado à cabeceira da mesa, com Jocasta à sua direita. Pela décima segunda vez, eu tentei imaginar o que estava acontecendo. Fiquei de olho nele, com um garfo limpo ao lado do meu prato, pronta para agir, mas já estávamos no terceiro prato sem qualquer ocorrência desagradável.

— Estou surpreso por ver um senhor com a sua influência participando de uma ocasião como essa, sr. Husband. Tamanha frivolidade não o ofende? — Sem conseguir chamar minha atenção durante os dois primeiros pratos, Wylie passou a se inclinar para mim, e o movimento fez com que sua coxa resvasse casualmente na minha.

Hermon Husband sorriu.

— Até mesmo os quacres devem comer, amigo Wylie. E eu tive a honra de aproveitar a hospitalidade da sra. Cameron em muitas ocasiões. Não devo recusá-la agora, só porque ela a estende a outros.

Ele voltou a atenção para mim, retomando nossa conversa interrompida.

— Perguntaste sobre os Reguladores, sra. Fraser? — Ele meneou a cabeça para o outro lado da mesa. — Devo repassar tuas perguntas ao sr. Hunter, pois se os Reguladores aproveitam os benefícios da liderança, é porque observam esse cavalheiro.

O sr. Hunter fez uma reverência diante do elogio. Um indivíduo alto, de mandíbula quadrada, ele estava vestido de modo mais simples do que a maioria dos presentes, apesar de não ser quacre. Ele e o sr. Husband estavam viajando juntos, os dois voltando de Wilmington para suas casas no interior. Com a oferta do governador Tryon em mente, eu queria descobrir tudo o que podia a respeito dos assuntos naquela região.

— Somos um grupo desigual — disse ele com modéstia, pousando a taça de vinho. — Na verdade, eu deveria relutar em pedir qualquer título que fosse. É só que tenho a sorte de ter uma casa localizada em um ponto de encontro conveniente.

— Dizem que os Reguladores são gentalha. — Wylie limpou a boca, tomando o cuidado de não tirar o remendo em forma de estrela. — Fora da lei e dados à violência contra os representantes da Coroa.

— Não somos, não — disse o sr. Husband, ainda com gentileza. Fiquei surpresa ao ouvi-lo afirmar a associação com os Reguladores. Talvez o movimento não fosse tão violento e ilegal quanto Wylie dizia. — Procuramos apenas a justiça, e essa não é uma virtude que pode ser obtida através da violência, pois onde entra a violência, a justiça com certeza foge.

Wylie riu, um som surpreendentemente profundo e masculino, apesar do seu comportamento tolo.

— Pelo visto a justiça *deveria* fugir! Essa sem dúvida foi a impressão que tive do sr. Justice Dodgson quando falei com ele semana passada. Ou talvez ele estivesse enganado, senhor, em sua identificação dos rufiões que invadiram o seu quarto, derrubaram-no e o arrastaram para a rua?

Wylie sorriu para Hunter, que ficou corado apesar da pele bronzeada ao longo do tempo pelo sol. Ele segurou com mais força a haste da taça de vinho. Olhei de modo esperançoso para Jamie. Nenhum sinal.

— O sr. Justice Dodgson — disse Hunter precisamente — é um usurpador, um ladrão, uma desgraça à profissão da lei, e...

Eu estava ouvindo alguns barulhos do lado de fora, mas pensei se tratar de uma crise na cozinha, que era separada da casa principal por um vão. Os barulhos se tornaram mais claros, e eu reconheci uma voz familiar que me distraiu das acusações do sr. Hunter.

— Duncan! — Levantei-me levemente do assento, e as cabeças próximas a mim se viraram de modo questionador.

Houve uma breve confusão de movimento na varanda, com sombras passando pelas janelas francesas abertas, e vozes chamando, discutindo e incitando.

A conversa no salão diminuiu, e todo mundo olhou para ver o que estava acontecendo. Vi Jamie afastar a cadeira, mas antes que conseguisse se levantar, uma aparição surgiu na porta.

Era John Quincy Myers, o gigante, que preenchia a porta aberta dupla de cima a baixo e de um lado a outro, resplandecente com a mesma roupa que usava quando o vi pela primeira vez. Ele se recostou no batente, observando a reunião com os olhos injetados. Seu rosto estava corado, a respiração forte, e, em uma das mãos, ele levava uma garrafa comprida de vidro.

Seus olhos se iluminaram ao me ver, o rosto contorcido em uma careta assustadora de satisfação.

— Aí está você — disse ele, em tom de profunda satisfação. — Bem que me disserram. Duncan não aguentou. Disse sim, a srta. Clairre disse serrr melhorrr beberrr antes que ela me corte. Então, estou bêbado. Bêbado... — Ele fez uma pausa, remexendo-se perigosamente, e ergueu a garrafa. — Como um GAMBÁ! — concluiu de forma triunfante. Deu um passo para dentro da sala, caiu de cara no chão e não se mexeu.

Duncan apareceu na porta, muito malvestido. Sua camisa estava rasgada, o casaco pendurado no ombro, e apresentava os primeiros indícios de um olho roxo.

Ele viu a forma prostrada aos seus pés, e então olhou para Jamie como se quisesse se desculpar.

— Eu tentei impedi-lo, *Mac Dubh*.

Eu me levantei da cadeira e cheguei ao corpo ao mesmo tempo que Jamie, seguido por uma onda de convidados curiosos. Jamie olhou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Bem, você disse que ele deveria estar inconsciente — observou ele. Inclinou-se sobre o homem enorme e puxou uma pálpebra para cima, mostrando um globo ocular branco. — Eu diria que ele fez um bom trabalho.

— Sim, mas não quis dizer tão bêbado assim! — Eu me agachei ao lado do corpo inconsciente e encostei dois dedos sobre a carótida. Constante e forte. Ainda assim... — O álcool não é um bom anestésico — falei, balançando a cabeça. — É um veneno. Deprime o sistema nervoso central. O choque da operação com a embriaguez poderia matá-lo com facilidade.

— Não é uma grande perda — comentou alguém entre os convidados, mas essa opinião cáustica foi afogada em uma torrente

de pedidos reprovadores de silêncio.

— Que vergonha desperdiçar tanto conhaque — disse outra pessoa, para risada geral. Era Phillip Wylie. Vi seu rosto coberto de pó por cima do ombro de Jamie, sorrindo de modo maléfico. — Ouvimos muito a respeito de sua habilidade, sra. Fraser. Agora é sua chance de provar a si mesma, com testemunhas! — Ele acenou uma mão com graça para a multidão reunida ao nosso redor.

— Ah, não me irrite — respondi meio contrariada.

— Ora, obedeça à senhora! — alguém retrucou atrás de mim, não sem admiração.

Wylie piscou, alarmado, mas então abriu um sorriso mais largo do que nunca.

— Seu desejo é uma ordem, senhora! — murmurou ele, e recuou para a multidão.

Eu me levantei, tomada pela dúvida. Poderia dar certo. Era uma operação tecnicamente simples e não deveria demorar mais do que alguns minutos se eu não enfrentasse complicações. Era uma incisão pequena, mas era preciso chegar ao peritônio, com todos os riscos de infecção que poderiam ocorrer.

Além disso, havia poucas chances de encontrar melhores condições do que eu tinha aqui: muito álcool para desinfecção, muitos assistentes dispostos. Não havia outro meio de anestesia disponível, e eu não podia, em nenhuma circunstância, fazer isso com um paciente consciente. Acima de tudo, Myers tinha me pedido para fazer.

Procurei o rosto de Jamie, desejando obter conselhos. Ele estava ali, de pé ao meu lado, e viu a pergunta em meus olhos. Bem, ele quisera uma distração, inferno.

— Melhor fazer isso, Sassenach. — Jamie olhou para o corpo prostrado. — Pode ser que ele nunca tenha coragem nem dinheiro para se embriagar de novo.

Eu me abaixei e conferi sua pulsação de novo, forte e constante como um galope.

A cabeça imponente de Jocasta apareceu entre os rostos curiosos sobre o ombro de MacNeill.

— Traga-o ao salão — disse ela. Então se afastou e a decisão foi tomada por mim.

Eu já havia operado em condições estranhas antes, pensei, lavando as mãos rapidamente com vinagre trazido da cozinha, mas nenhuma tinha sido tão estranha quanto aquela.

Sem as roupas inferiores, Myers estava deitado sobre a mesa de mogno, largado e quase tão ornamental quanto um faisão assado. Mas em vez de estar na bandeja, ele estava no cobertor do estábulo, uma peça central chamativa com camisa e colar de garras de urso, cercado por guarnições de garrafas, trapos e faixas.

Não havia tempo para trocar minhas roupas. Um avental de açougueiro de couro foi retirado da dispensa para cobrir meu vestido, e Phaedre enrolou minhas mangas longas e cheias de babados para deixar meus braços livres.

Mais velas tinham sido trazidas para iluminar o ambiente. Candelabros brilhavam nas mesas de canto e do lustre em uma extravagância de cera fragrante. Mas nem de perto tão fragrante quanto Myers. Sem hesitar, peguei o decantador do canto e derramei muito conhaque fino, que valia muitos xelins, sobre a genitália de pelos escuros e enrolados.

— Um modo caro de matar piolhos — comentou alguém de modo crítico atrás de mim, observando o êxodo intenso de várias pequenas formas de vida que apareceram depois do dilúvio.

— Ah, mas eles morrerão felizes — rebateu alguém cuja voz reconheci como sendo a de Ian. — Trouxe sua caixa, tia. Ele colocou a caixa de objetos cirúrgicos perto do meu cotovelo e a abriu para mim.

Peguei minha garrafa azul de álcool destilado e o bisturi de lâmina reta. Segurando o bisturi acima de uma tigela, despejei álcool sobre ele, enquanto procurava assistentes adequados em meio às pessoas. Não haveria falta de voluntários. Os espectadores estavam segurando o riso e os comentários sussurrados, o jantar interrompido completamente esquecido pela excitação.

Dois robustos condutores de carruagem foram chamados da cozinha para segurar as pernas do paciente. Andrew MacNeill e Farquard Campbell se voluntariaram para segurar os braços e o

jovem Ian foi colocado ao meu lado, segurando um castiçal comprido para oferecer iluminação adicional. Jamie assumiu a posição de anestesista-geral ao lado da cabeça do paciente, com um copo cheio de uísque próximo à sua boca aberta e ronquejante.

Conferi se meus equipamentos e minhas agulhas de sutura estavam prontos, respirei fundo e assenti para minhas tropas.

— Vamos.

O pênis de Myers, embaraçado com a atenção, já tinha se retraído, espiando de forma tímida entre os arbustos. Com as pernas compridas do paciente erguidas e abertas, Ulysses afastou o escroto flácido com delicadeza, e a hérnia foi claramente revelada, um inchaço do tamanho de um ovo de galinha, sua curva arroxeadada no ponto em que se pressionava contra a pele inguinal firme.

— Deus do Céu! — exclamou um dos condutores, com os olhos arregalados para o que viu. — É verdade... ele tem três bolas!

Os espectadores se assustaram e riram, mas eu estava ocupada demais para corrigir enganos. Passei álcool puro em todo o períneo, mergulhei meu bisturi no líquido, passei a lâmina de um lado para outro pela chama de uma vela para esterilização final e fiz um corte rápido.

Nem grande nem profundo. Só o suficiente para abrir a pele e ver a volta do intestino cinza rosado aparecendo pelo corte na camada de músculo. Uma linha fina e escura, cheia de sangue, descia manchando o cobertor.

Estendi a incisão, lavei os dedos muito bem na bacia de desinfetante e então coloquei dois dedos na volta e a empurrei delicadamente para cima. Myers se movimentou em uma convulsão repentina, quase me tirando de onde eu estava, e de repente relaxou. Ele ficou tenso de novo, levantando as nádegas, e meus assistentes quase largaram as pernas dele.

— Ele está acordando! — gritei a Jamie, mais alto do que os vários berros de susto. — Dê mais a ele, depressa! — Todas as minhas dúvidas a respeito do uso de álcool como anestésico estavam sendo confirmadas, mas era tarde demais para mudar de ideia agora.

Jamie segurou a mandíbula do gigante, abriu sua boca e despejou o uísque. Myers engasgou, tossiu e fez barulhos como um búfalo se afogando, mas uma parte suficiente do álcool desceu por sua garganta e o corpo enorme relaxou. O homem começou a murmurar, imóvel, e então a roncar pesadamente.

Eu conseguira manter meus dedos no lugar. Havia mais sangramento do que eu gostaria, mas seus esforços não tinham abaixado a hérnia. Peguei um pano limpo embebido em conhaque e molhei o local. Sim, eu conseguia ver a beira da camada de músculo. Esquelético como Myers era, havia uma camada fina de gordura amarela por baixo da pele, separando-a das fibras vermelhas abaixo.

Eu sentia o movimento de seus intestinos enquanto ele respirava, o calor de seu corpo cercado meus dedos sem luva naquela estranha intimidade unilateral que é o domínio do cirurgião. Fechei os olhos e abandonei todo o meu senso de urgência, toda a consciência das pessoas que assistiam diminuiu.

Inspirei lentamente e acertei meu ritmo com os roncoss audíveis. Acima do fedor do conhaque e dos aromas levemente nauseantes dos alimentos, eu sentia os odores terrosos de seu corpo; suor, pele suja, um leve fedor de urina e o cheiro metálico de sangue. Para a maioria das pessoas, eles teriam sido muito fortes, mas não para mim, não agora.

Aquele corpo *estava ali*. Não estava bom, não estava ruim, simplesmente estava. Eu sabia disso agora. Ele era meu.

Eles eram todos meus: o corpo inconsciente em minhas mãos, seus segredos abertos para mim, os homens que o seguravam, seus olhos grudados em mim. Nem sempre acontecia, mas quando acontecia, a sensação era inesquecível. Uma síntese de mentes em um único organismo. E enquanto assumia o controle desse organismo, eu me tornei parte dele, e me perdi.

O tempo parou. Eu percebia cada movimento, cada respiração, o puxar das suturas do categute quando apertei o anel inguinal, mas minhas mãos não me pertenciam. Minha voz estava alta e clara, dando instruções obedecidas instantaneamente, e em algum

ponto distante, um pequeno observador em meu cérebro via o progresso da operação com remoto interesse.

Quando acabou, o tempo recomeçou. Dei um passo para trás, desfazendo o elo, e sentindo-me levemente zozona com a solidão com a qual não estava acostumada.

— Pronto — falei, e o murmúrio dos espectadores se tornou um aplauso alto. Ainda me sentindo intoxicada — teria me embriagado por osmose, por causa de Myers? —, eu me virei e fiz uma reverência para os convidados do jantar.

Uma hora depois, eu me embriaguei por meus próprios méritos, vitimada por uma dúzia de brindes em minha homenagem. Consegui escapar brevemente, com a desculpa de checar meu paciente, e subi para o quarto de hóspedes onde ele estava.

Parei na galeria, segurando-me ao corrimão enquanto me firmava. Havia um murmúrio alto de conversa e riso vindo lá de baixo. A festa ainda estava acontecendo, mas havia se dissolvido em grupos menores espalhados pelo piso do hall e do salão. Do meu ponto de vista, parecia uma colmeia, cabeças com perucas e vestidos com faixas esvoaçantes se movendo de um lado a outro pelas tábuas do piso de seis lados, zunindo com copos cheios de néctar de conhaque e vinho do Porto.

Se Jamie queria uma distração, pensei confusa, ele não poderia ter pedido uma melhor. O que quer que fosse acontecer tinha sido eficazmente adiado. Mas o que era — e por quanto tempo poderia ser impedido? Balancei a cabeça para clareá-la, sem sucesso, e fui ver meu paciente.

Myers ainda estava dormindo profundamente e feliz, respirando de modo lento e longo, fazendo os lençóis de algodão se mexerem. A escrava Betty assentiu para mim, sorrindo.

— Ele está bem, sra. Claire — sussurrou ela. — Não daria para acordar o homem nem com uma arma, acredito.

Não precisei examinar seu coração. A cabeça dele estava virada, e eu conseguia ver a veia enorme que descia pela lateral de seu pescoço, pulsando lentamente e pesada como um golpe de martelo. Eu o toquei, sentindo sua pele fria e úmida. Sem febre,

sem sinais de choque. Todo o corpo enorme radiava paz e bem-estar.

— Como ele está?

Se eu estivesse menos embriagada, teria me sobressaltado. Mas, naquela situação, só fiquei abalada ao ver Jamie atrás de mim.

— Ele está bem — falei. — Não seria possível matá-lo nem com um canhão. Assim como você. — Eu me recostei nele, braços ao redor de sua cintura, meu rosto corado enterrado nas dobras frias de seu linho. — Indestrutível.

Ele beijou o topo da minha cabeça, alisando os poucos cachos que tinham escapado da touca durante a operação.

— Você foi muito bem, Sassenach — sussurrou ele. — Muito bem, moça bonita.

Ele cheirava a vinho e cera de vela, a ervas e lã das Terras Altas. Desci mais as mãos, sentindo as curvas de suas nádegas, lisas e livres sob seu kilt. Ele se movimentou levemente e sua coxa pressionava a minha.

— Você precisa de um pouco de ar, Sassenach... e precisamos conversar. Pode deixá-lo por um tempo?

Olhei para a cama e seu ocupante.

— Sim. Desde que a Betty continue ao lado dele para ter certeza de que Myers não vomitará enquanto dorme, pois ele pode se engasgar. — Olhei para a escrava, que parecia surpresa por eu perguntar, mas assentiu.

— Encontre-me na horta, e cuidado para não cair da escada e quebrar o pescoço, sim? — Levantando meu queixo, Jamie me beijou de modo rápido e profundo, e me deixou zonzá, fazendo com que eu me sentisse mais sóbria e mais embriagada do que antes.

UM EXAME DE CONSCIÊNCIA

Algo escuro aterrissou no caminho à nossa frente com um suave baque e eu parei abruptamente, segurando seu braço.

— Sapos — disse Jamie sem se perturbar. — Você não os ouve cantar?

“Cantar” não seria a palavra em que pensaria ao ouvir o coro de sapos coaxando no mato perto do rio. Por outro lado, Jamie não reconhecia tons e não fazia nada a respeito.

Ele esticou o bico do sapato e cutucou a forma escura e atarracada.

— Croac, croac! — imitou ele.

A forma deu um salto e desapareceu nas plantas úmidas do caminho.

— Eu sempre soube que você tinha dom para idiomas — falei, divertindo-me. — Mas não sabia que falava a língua dos sapos.

— Não sou fluente, mas tenho um bom sotaque, posso afirmar.

Eu ri, e ele apertou minha mão e a soltou. A piada passou, sem conseguir alimentar a conversa, e continuamos caminhando, fisicamente juntos, mas quilômetros separados nos pensamentos.

Eu deveria estar exausta, mas a adrenalina ainda corria pelas minhas veias. Senti a exultação que vem com a realização de uma cirurgia bem-sucedida, isso sem falar da leve embriaguez. O efeito disso tudo foi me deixar meio mal das pernas, mas com uma forte e vívida consciência de tudo ao meu redor.

Havia um banco decorado sob as árvores perto da doca, e foi a ele que Jamie me levou, nas sombras. Ele se sentou no banco de

mármore suspirando fundo, fazendo com que eu me lembrasse de que não era a única para quem a noite tinha sido agitada.

Olhei ao redor com atenção exagerada e então me sentei ao lado dele.

— Estamos sozinhos e sem ninguém nos observando — falei. — Você quer me dizer o que diabos está acontecendo agora?

— Ah, sim. — Ele se endireitou, esticando as costas. — Eu deveria ter dito algo a você mais cedo, mas não esperava que ela fosse fazer isso.

Jamie estendeu a mão e encontrou a minha no escuro.

— Não tem nada de errado, na verdade, como eu disse. É só que quando Ulysses me trouxe o kilt e o broche, ele disse que Jocasta pretendia fazer um anúncio no jantar desta noite, para contar a todos que pretendia me tornar herdeiro dela... disse tudo.

O gesto dele abrangia a casa e os campos atrás de nós, e todo o resto: o rio, o pomar, os jardins, os estábulos, os infindáveis hectares de pinheiros, o moinho, o campo de terebintina e os quarenta escravos que trabalhavam nele.

Vi a coisa toda se desdobrar como Jocasta planejava, sem dúvida. Jamie sentado à cabeceira da mesa, vestido com o tartã de Hector Cameron, com a faca e o broche — aquele broche com o lema nada sutil do clã Cameron: “Uni-vos!” —, rodeado pelos antigos colegas e camaradas de Hector, todos ansiosos para dar as boas-vindas ao parente mais jovem do amigo em sua nova casa.

Se deixássemos que ela fizesse um anúncio naquela companhia de escoceses leais, bem lubrificadas com o uísque fino do falecido Hector, no mesmo instante, eles o teriam aclamado como o senhor de River Run, ungido com gordura de porco selvagem e coroado com velas de cera de abelha.

Tinha sido um plano totalmente parecido com o dos MacKenzie, pensei. Audacioso, dramático, sem levar em consideração os desejos das pessoas envolvidas.

— E se ela fizesse isso — continuou ele, ecoando meus pensamentos com precisão —, eu acharia muito complicado recusar essa honra.

— Sim, muito — concordei.

Jamie ficou de pé de repente, inquieto demais. Sem falar, estendeu uma mão para mim. Eu fiquei ao lado dele e nos viramos para o caminho da horta, circundando os jardins formais. As lanternas acesas para a festa tinham sido retiradas, e as velas foram guardadas para serem usadas posteriormente.

— Por que Ulysses contou a você? — perguntei, pensando alto.

— Faça essa pergunta a si mesma, Sassenach — disse ele. — Quem é o senhor de River Run agora?

— É? — perguntei. E então: — É!

— É, sim — respondeu ele com secura. — Minha tia é cega. Quem está cuidando das contas e administrando a casa? Ela pode decidir quais coisas devem ser feitas, mas quem sabe se elas *são* feitas? Quem está sempre perto dela para dizer o que acontece, cujas palavras estão em seu ouvido e em cuja opinião ela confia acima de qualquer outra?

— Compreendo. — Olhei para o chão, pensando. — Você não quer dizer que ele está roubando nas contas ou qualquer coisa assim, certo?

Eu esperava que não. Gostava muito do mordomo de Jocasta e pensava haver carinho e respeito entre eles. Não gostava de pensar que ele pudesse enganá-la a sangue-frio.

Jamie balançou a cabeça.

— Não está. Eu verifiquei as contas e está tudo em ordem, muito em ordem, na verdade. Tenho certeza de que ele é um homem honesto e um empregado fiel, mas ele é humano para aceitar abrir mão de seu espaço para um desconhecido. — Jamie riu de leve. — Minha tia pode ser cega, mas o negro vê com clareza. Ele não disse nada para me impedir nem me convencer. Só me contou o que minha tia pretendia, e então deixou para mim a decisão sobre o que fazer. Ou não fazer.

— Você acha que ele sabia que você não... — Parei aqui, porque não tinha certeza de que ele não aceitaria. Orgulho, cuidado ou as duas coisas poderiam fazer com que ele quisesse frustrar o plano de Jocasta, mas isso não significava que ele pretendia rejeitar a oferta dela.

Jamie não respondeu, e um arrepio percorreu meu corpo. Estremeci apesar do ar quente do verão, e segurei o braço dele enquanto andávamos, buscando apoio no corpo macio sob meus dedos.

Era fim de julho, e o cheiro de frutas amadurecendo na horta era doce, tão forte que eu quase sentia o gosto de maçãs frescas e crocantes. Pensei na tentação e no verme que se escondia por baixo da casca brilhante.

Tentação não apenas para ele, mas para mim. Para ele, a chance de ser o que deveria ser por natureza, o que o destino havia negado. Ele tinha nascido e crescido para isto: para cuidar de uma grande propriedade, cuidar das pessoas, ter um lugar de respeito entre homens de valor, seus companheiros. Mais importante ainda, a restauração do clã e da família. “Eu já faço parte disso”, dissera ele.

Ele não se importava com riqueza, eu sabia disso. Tampouco acreditava que ele quisesse poder. Se esse fosse o caso, sabendo o que eu sabia a respeito do futuro, ele teria escolhido ir para o norte e procurar um lugar entre os fundadores de uma nação.

Mas Jamie já fora dono de terras. Ele havia me contado muito pouco sobre seu tempo na prisão, mas uma coisa permanecera em minha lembrança. Dos homens com quem ele dividira a sela, ele dizia: “Eles eram meus. E tê-los me mantinha vivo.” E eu me lembrei do que Ian dissera a respeito de Simon Fraser: “O cuidado por seus homens agora é seu único elo com a humanidade.”

Sim, Jamie precisava de homens. Homens para liderar, de quem cuidar, para defender e com quem lutar. Mas não para que fossem dele. Depois da horta, ainda em silêncio, descemos o longo caminho de canteiros de ervas, com o cheiro de lírio e lavanda, anêmonas e rosas, tão pungente e inebriante que simplesmente passar pelo ar quente e pesado era como se jogar de cabeça em um canteiro de pétalas fragrantes.

Ah, River Run era um jardim de delícias, de fato... mas eu havia chamado um negro de amigo e deixado minha filha a seus cuidados.

Pensar em Joe Abernathy e em Brianna me deu uma sensação estranha de visão dupla deslocada, de existir em dois lugares de uma vez. Eu via o rosto deles em minha mente, ouvia suas vozes. E, ainda assim, a realidade era o homem ao meu lado, o kilt balançando com seus passos, a cabeça abaixada num pensamento ansioso.

E esta era a minha tentação: Jamie. Não as inconseqüências de camas macias ou salas graciosas, vestidos de seda e deferência social.

Se ele não aceitasse a oferta de Jocasta, deveria fazer outra coisa. E "outra coisa" provavelmente seria a sedução perigosa de William Tryon de terras e homens. Melhor do que a oferta generosa de Jocasta, de certo modo. O que ele construiria seria dele, o legado que ele queria deixar para Brianna. Se vivesse para construí-lo.

Eu ainda vivia em dois planos. Neste, conseguia ouvir o farfalhar de seu kilt quando resvalava em minha saia, sentia o calor úmido de seu corpo, ainda mais quente do que o ar aquecido. Sentia o cheiro almiscarado dele que me fazia querer arrancá-lo de seus pensamentos, abrir seu cinto, deixar o tecido xadrez cair de seus ombros, abaixar meu corpete e pressionar meus seios contra ele, recebê-lo seminu e totalmente excitado entre as plantas e forçá-lo a parar de pensar para se concentrar em mim.

Mas no plano da lembrança, eu sentia o cheiro de teixos e da brisa que vinha do mar, e sob meus dedos, não havia um homem quente, mas o granito frio e liso de um túmulo com seu nome.

Eu não falei. Nem ele.

Nós tínhamos feito um círculo completo, e voltamos para a beira do rio, onde degraus de pedra cinza desciam e desapareciam por baixo de uma superfície agitada de água. Mesmo contra a corrente, era possível sentir os ecos fracos da maré.

Havia um barco ancorado ali; um barco a remo pequeno, adequado para pesca solitária ou passeios.

— Você quer sair com o barco a remo?

— Sim, por que não? — Acreditei que ele tivesse o mesmo desejo que eu: fugir da casa e de Jocasta, ficar a uma distância

suficiente para pensar com clareza, sem perigo de ser interrompido.

Eu me abaixei, apoiando a mão em seu braço para me equilibrar. Antes de eu entrar no barco, Jamie se virou para mim. Puxando-me, ele me beijou delicadamente, e então me prendeu contra seu corpo, com o queixo apoiado na minha cabeça.

— Não sei — sussurrou ele em resposta às minhas perguntas não expressadas. Entrou no barco e me ofereceu a mão.

Jamie permaneceu em silêncio enquanto seguíamos para o rio. Era uma noite escura, sem lua, mas os reflexos da luz das estrelas na superfície do rio iluminavam o suficiente para eu enxergar, quando meus olhos se adaptaram ao brilho inconstante da água e à sombra das árvores.

— Você não quer dizer nada? — perguntou Jamie de repente.

— Não é uma escolha minha — falei, sentindo um aperto no peito que não tinha nada a ver com ficar.

— Não?

— Ela é sua tia. A vida é sua. A escolha tem que ser sua.

— E você só vai assistir, é isso? — Ele resmungou ao falar, remando contra a corrente. — Não é a *sua* vida? Ou não quer ficar comigo, afinal?

— Como assim, não quero ficar? — Eu me sentei, assustada.

— Talvez seja demais para você.

A cabeça dele se inclinou sobre os remos. Não conseguia ver seu rosto.

— Se está se referindo ao que aconteceu no moinho...

— Não, não me refiro àquilo. — Jamie se apoiou nos remos, com os ombros crescendo embaixo da roupa, e abriu um sorriso torto. — A morte e o desastre não perturbariam muito você, Sassenach. Mas as coisas pequenas, o dia a dia... Eu vejo você se retrair quando as empregadas negras penteiam seus cabelos, ou quando o garoto leva seus sapatos para limpar. E os escravos que trabalham na produção de terebintina. Essas coisas perturbam você, não?

— Sim, perturbam. Eu não sou... não posso ter escravos. Já disse...

— Sim, já disse.

Jamie se apoiou nos remos por um momento, afastando uma mecha de cabelos do rosto. Os olhos se voltaram diretamente para os meus.

— E se eu escolher fazer isso, Sassenach? Você poderia ficar comigo e observar, sem fazer nada? Pois não há nada que possa ser feito, até que minha tia morra. Talvez nem quando isso acontecer.

— Como assim?

— Ela não vai libertar seus escravos. Como poderia? E eu não poderia fazer isso enquanto ela estivesse viva.

— Mas quando você herdar o lugar...

Hesitei. Além dos aspectos macabros de se discutir a morte de Jocasta, havia a consideração mais concreta de que isso era improvável de acontecer em breve.

Ela tinha pouco mais de sessenta anos e, à exceção de sua cegueira, era totalmente saudável.

De repente, percebi o que ele queria dizer. Eu conseguiria viver, dia após dia, mês após mês, ano após ano, como dona de escravos? Eu não podia fingir, não podia me refugiar na ideia de que era apenas uma hóspede, uma pessoa de fora.

Mordi meu lábio para não negar aos gritos.

— Mesmo assim — disse ele, respondendo ao meu argumento parcial. — Você não sabia que um senhor não pode libertar seus escravos sem a permissão por escrito da Assembleia?

— Como assim? — Olhei para ele inexpressiva. — Por que não?

— Os donos de plantações temem uma insurreição armada dos negros. E tem como culpá-los? — perguntou Jamie de modo sarcástico. — Os escravos são proibidos de carregar armas, à exceção de ferramentas como facões para cortar mato, e existem as leis de proteção para impedir seu uso. — Ele balançou a cabeça. — Não, a última coisa que a Assembleia permitiria é um grupo grande de negros livres por aí. Ainda que um homem deseje emancipar um de seus escravos, e tenha permissão para isso, o

escravo livre deve sair da colônia em pouco tempo — ou pode ser preso e escravizado por qualquer pessoa que decida levá-lo.

— Você pensou nisso — falei lentamente.

— Você não?

Não respondi. Passei a mão na água, e uma pequena onda subiu pelo meu pulso. Não, eu não tinha pensado a respeito. Não conscientemente, porque não quis enfrentar a decisão que agora estava sendo colocada à minha frente.

— Imagino que seria uma grande chance — falei com a voz esganiçada e pouco natural aos meus ouvidos. — Você seria responsável por tudo...

— Minha tia não é tola. — Jamie me interrompeu com a voz um pouco alterada. — Ela me tornaria seu herdeiro, mas não dono no lugar dela. Ela me usaria para fazer algumas das coisas que não consegue, mas eu seria apenas seu braço direito. Sim, ela pediria minha opinião e ouviria meu conselho, mas nada seria feito se ela não quisesse. — Ele balançou a cabeça. — O marido dela está morto. Independentemente de ela ter gostado dele ou não, ela é a dona de River Run agora, sem contas a prestar. E ela aprecia demais o gosto pelo poder para deixá-lo de lado.

Ele estava totalmente correto em sua avaliação a respeito do caráter de Jocasta Cameron, e ali estava a chave do seu plano. Ela precisava de um homem. Alguém que fosse aos lugares aonde ela não podia ir, que lidasse com a marinha, que cuidasse das tarefas de uma grande propriedade que ela não conseguia realizar devido à cegueira.

Ao mesmo tempo, ela *não* queria um marido. Alguém que usurpasse seu poder e lhe desse ordens. Se não fosse um escravo, Ulysses poderia agir por ela, mas apesar de ele ser seus olhos e ouvidos, não podia ser suas mãos.

Não, Jamie era a escolha perfeita. Um homem forte e competente, capaz de obter respeito entre seus semelhantes e conseguir a obediência dos subordinados. Alguém que soubesse administrar a terra e os homens. Além disso, um homem ligado a ela por parentesco e obrigação, que estivesse ali para fazer o que ela queria — mas essencialmente impotente. Ele seria envolvido e

mantido dependente da herança dela e de River Run em si. Uma dívida que não precisaria ser paga até que a questão deixasse de ser da alçada de Jocasta Cameron.

Senti minha garganta apertar mais enquanto procurava palavras. Não conseguiria, pensei. Não conseguiria lidar com isso. Mas tampouco seria capaz de enfrentar a alternativa: não podia pedir a ele para que recusasse a oferta de Jocasta, sabendo que ele iria para a Escócia encontrar uma morte que não sabíamos qual seria.

— Não posso dizer o que você deve fazer — disse por fim, minha voz baixa em meio aos sons regulares dos remos.

Havia um redemoinho no qual uma árvore grande caíra, com os galhos formando uma armadilha para todos os entulhos que desciam o rio. Jamie desviou, guiando o barco para águas calmas. Ele soltou os remos e passou uma manga na testa, respirando ofegante devido ao esforço.

A noite estava silenciosa ao nosso redor, com poucos sons além da água e do raspar de galhos de árvores submersos contra o casco. Por fim, ele estendeu a mão e tocou meu queixo.

— Seu rosto é meu coração, Sassenach — sussurrou —, e o seu amor é a minha alma. Mas você tem razão. Você não pode ser a minha consciência.

Apesar de tudo, eu senti meu espírito se elevar, como se um peso enorme tivesse sido erguido.

— Ah, que bom — falei, acrescentando impulsivamente —, seria um sofrimento.

— É mesmo? — Jamie pareceu meio assustado. — Você me acha muito mau, então?

— Você é o melhor homem que conheci. Só quis dizer... que é um sofrimento tentar viver por duas pessoas. Tentar fazê-las aceitar a sua noção sobre o que é certo. Fazemos isso pelas crianças, claro, temos que fazer, mas mesmo assim, é um trabalho terrivelmente difícil. Não poderia fazer isso por você, seria errado sequer tentar.

Eu fiz com que ele se retraísse bastante. Jamie permaneceu sentado por alguns instantes, com o rosto meio virado.

— Você acha mesmo que sou um bom homem? — perguntou ele, finalmente. Havia algo diferente em sua voz que não consegui decifrar.

— Sim — respondi, sem hesitar. E disse, meio de brincadeira: — Você não acha?

Depois de uma longa pausa, Jamie disse com seriedade:

— Não, acho que não.

Olhei para ele, sem conseguir falar, sem dúvida boquiaberta.

— Sou um homem violento, e eu sei bem disso — disse ele baixinho. Apoiou as mãos nos joelhos. Mãos grandes, que poderiam segurar espada e adaga com facilidade, ou estrangular um homem.

— Você também sabe... ou deveria saber.

— Você nunca fez nada que não fosse forçado a fazer!

— Não?

— Acho que não — respondi, mas enquanto respondia, a dúvida tomou minhas palavras. Mesmo quando feitas por necessidade, tais coisas não deixavam uma marca na alma?

— Você não me consideraria, por exemplo, como Stephen Bonnet? Ele também poderia dizer que agiu por necessidade.

— Se você acha que tem qualquer coisa em comum com Stephen Bonnet está redondamente enganado — afirmei.

Ele deu de ombros, meio impaciente, e se remexeu no banco estreito.

— Não há muita diferença entre Bonnet e eu, exceto que eu tenho um senso de honra que ele não tem. O que me impede de me tornar um ladrão? — perguntou Jamie. — De roubar quem eu quiser? Está na minha natureza. Um dos meus avôs ergueu Leoch com o ouro daqueles que ele roubou. O outro juntou sua fortuna com os corpos das mulheres a quem ele forçou por suas riquezas e seus títulos.

Jamie se esticou, os ombros fortes escuros contra o brilho da água atrás dele. Então, de repente, segurou os remos sobre os joelhos e os jogou no fundo do barco, com um barulho que me sobressaltou.

— Tenho mais de quarenta e cinco! Um homem já deveria ter se estabelecido nessa idade, não? Deveria ter uma casa, terra onde

plantar e um pouco de dinheiro para passar a velhice, pelo menos.

Ele respirou fundo. Vi a parte da frente da camisa subir quando seu peito inflou.

— Bem, não tenho uma casa. Nem terra. Nem dinheiro. Não tenho nada, nem uma vaca, nem carneiro, porco ou bode! Não tenho teto, cama nem penico onde mijar!

Ele bateu o punho no banco, fazendo a madeira vibrar sob meu corpo.

— Não sou nem dono das roupas que estou vestindo!

Fez-se um longo silêncio, interrompido apenas pela canção fraca dos grilos.

— Você tem a mim — falei, com a voz baixa. Não parecia muita coisa.

Ele emitiu um som que podia ser uma risada ou um soluço.

— Sim, tenho — disse ele. A voz estava falhando, mas eu não sabia se era por emoção ou diversão. — Esse é o problema, não é?

— É?

Jamie ergueu os braços em um gesto de grande impaciência.

— Se eu fosse sozinho, que importaria? Eu poderia viver como Myers. Ir para a mata, caçar e pescar para viver, e quando ficasse velho, poderia me deitar embaixo de uma árvore calma e morrer, e deixar as raposas roerem meus ossos. Quem se importaria?

Ele deu de ombros com irritação, como se a camisa estivesse justa demais.

— Mas não sou *só eu* — continuou ele. — Tem você, tem Ian, Duncan, Fergus, Marsali... Meu Deus, tenho até que pensar em Laoghaire!

— Ah, não — eu disse.

— Você não compreende? — perguntou ele, quase desesperado. — Eu daria o mundo a você, Claire... mas não tenho nada para lhe dar!

Jamie sinceramente achava que isso tinha importância.

Permaneci sentada olhando para ele, buscando as palavras. Ele estava meio virado, com os ombros encolhidos em desespero.

Em uma hora, eu tinha passado da angústia de pensar em perdê-lo na Escócia a um forte desejo de me deitar com ele na

mata e depois para uma vontade enorme de bater na cabeça dele com o remo. Agora, eu voltava à delicadeza.

Por fim, segurei sua mão grande e áspera e escorreguei para a frente de modo a ficar ajoelhada entre as pernas dele. Encostei a cabeça em seu peito e senti sua respiração soprar meus cabelos. Eu não tinha palavras, mas já tomara minha decisão.

— “Aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada.” Seja nos montes escoceses ou na floresta do sul. “Faça o que tiver que fazer; eu estarei com você.”

A água corria depressa e rasa perto do meio do riacho. Eu conseguia ver o fundo preto logo abaixo da superfície brilhante. Jamie também viu, e empurrou o barco com força para o outro lado, fazendo com que parássemos em um banco de cascalho, uma piscina formada pelas raízes de um salgueiro-chorão. Eu me inclinei, peguei um galho do salgueiro e amarrei o proiz nele.

Pensei que voltaríamos a River Run, mas evidentemente aquela expedição iria além. Continuamos subindo, Jamie remando com força contra a corrente lenta.

Sozinha com meus pensamentos, só conseguia ouvir a respiração ofegante dele, e me perguntei o que ele faria. Se decidisse ficar... bem, podia não ser tão difícil quanto ele pensava. Eu não depreciava Jocasta Cameron, mas tampouco subestimava Jamie Fraser. Tanto Colum quanto Dougal MacKenzie tinham tentado curv-lo perante as suas vontades... e ambos haviam fracassado.

Tive um momento de receio ao me lembrar da última vez que vira Dougal MacKenzie, dizendo palavras sem emitir som algum, enquanto se afogava no próprio sangue, com o punhal de Jamie enterrado na base de sua garganta. “Sou um homem violento”, dissera ele, “você sabe disso.”

Mas Jamie ainda estava enganado. Havia uma diferença entre ele e Stephen Bonnet, pensei, observando seu corpo se mover com

os remos, a graça e o poder do movimento de seus braços. Ele tinha várias coisas além da honra: bondade, coragem... e consciência.

Percebi aonde estávamos indo quando ele usou um remo para nos afastar, conduzindo pela corrente em direção à embocadura de um amplo riacho, tomado por choupos-brancos. Eu nunca havia chegado ali pela água antes, mas Jocasta dissera que não era longe.

Eu não deveria ter me surpreendido. Se Jamie tivesse escolhido o dia de hoje para confrontar seus demônios, o local era bem apropriado.

Um pouco acima da embocadura, o moinho apareceu escuro e silencioso. Havia um brilho leve atrás dele. Era a luz dos barracões de escravos perto da mata. Estávamos cercados pelos barulhos comuns da noite, mas o local estava estranhamente silencioso, a não ser pelo som das árvores, dos sapos e da água. Apesar de ser noite, a enorme construção parecia lançar uma sombra, embora evidentemente não passasse da minha imaginação.

— Locais que são muito movimentados durante o dia sempre parecem assustadores à noite — falei, num esforço para romper o silêncio do moinho.

— É mesmo? — Jamie parecia distraído. — Eu não gosto muito daqui durante o dia.

Eu estremeci com a lembrança.

— Nem eu. Só quis dizer...

— Byrnes está morto. — Ele não olhou para mim. Seu rosto estava virado em direção ao moinho, meio escondido pela sombra do salgueiro.

Soltei a ponta da corda.

— O feitor? Quando? — perguntei, mais chocada com o comentário abrupto do que com a notícia. — E como?

— Hoje à tarde. O rapaz mais novo de Campbell trouxe a notícia um pouco antes do pôr do sol.

— Como? — voltei a perguntar. Levei as mãos aos joelhos e senti a seda marfim em meus dedos.

— Foi o tétano. — Sua voz saiu casual, sem ânimo. — Um modo muito ruim de morrer.

Ele tinha razão. Eu nunca vira ninguém morrer de tétano, mas conhecia os sintomas muito bem: inquietação e dificuldade para engolir, passando a um endurecer progressivo conforme os músculos dos braços, das pernas e do pescoço começavam a sofrer espasmos. Os espasmos pioravam na gravidade e na duração até o corpo do paciente ficar duro como madeira, arqueado numa agonia que vinha e passava, e voltava de novo, passava, e finalmente voltava até tomar o corpo numa tetania sem fim que só relaxava com a morte.

— Ronnie Campbell disse que ele morreu sorrindo. Mas não acredito que tenha sido uma morte feliz.

Era um comentário de humor negro, mas Jamie não parecia se divertir muito.

Eu me endireitei, sentindo um arrepio descer pela espinha apesar do calor da noite.

— Tampouco foi uma morte rápida — observei. A desconfiança espalhava seus tentáculos pela minha mente. — A morte por tétano demora dias.

— David Byrnes demorou cinco dias, do primeiro ao último. — Qualquer vestígio de humor que pudesse haver na voz de Jamie havia desaparecido.

— Você o viu — falei, um pouco de raiva começando a diminuir o arrepio interno. — Você o viu! Por que não me contou?

Eu fizera o curativo de Byrnes — horroroso, mas não colocava sua vida em risco — e soube que ele ficaria em um local “seguro” até que a comoção por causa do linchamento diminuísse. Chateada como eu estava por causa do assunto, não tentei perguntar mais sobre o destino do feitor, tampouco sobre seu bem-estar. Minha culpa por esse descaso me deixava brava, e eu sabia disso, mas o conhecimento não ajudava.

— Você poderia ter feito alguma coisa? Pensei que você tivesse me dito que o tétano era uma das doenças que não poderia ser curada, mesmo na sua época. — Ele não estava olhando para mim.

Eu via seu perfil virado para o moinho, com a cabeça em silhueta contra a sombra mais clara das folhas pálidas.

Forcei-me a soltar minha saia. Alisei as partes amassadas sobre o joelho, pensando que Phaedre teria muita dificuldade para passá-la.

— Não — respondi com certo esforço. — Não, não poderia tê-lo salvado. Mas deveria tê-lo visto. Poderia ter diminuído um pouco a sua dor.

Nesse momento, Jamie olhou para mim. Vi sua cabeça virar e senti o movimento de seu corpo no barco.

— Talvez — disse ele.

— E você não me deixou... — Parei, lembrando de suas ausências na semana anterior e das respostas evasivas quando eu lhe perguntava por onde estivera. Conseguia imaginar a cena com clareza: o quarto pequeno e abafado no sótão da casa de Farquard Campbell onde eu havia feito o curativo de Byrnes. A figura na cama, morrendo aos poucos sob os olhos frios daqueles que a lei tornou seus aliados relutantes, sabendo que morria sendo desprezado. A sensação de frio voltou, arrepiando meus braços.

— Não, eu não deixaria Campbell chamar você — disse ele com delicadeza. — Existe a lei, Sassenach... e existe a justiça. Conheço bem a diferença.

— Há algo chamado misericórdia também — rebati.

E se alguém tivesse me perguntado, eu diria que Jamie Fraser era um homem misericordioso. Já tinha sido. Mas os anos entre o antes e o agora tinham sido difíceis, e a compaixão era uma emoção delicada, facilmente desgastada pelas circunstâncias. Pensei que ele ainda tivesse gentileza, e senti uma dor estranha ao pensar que ele a perdera. *Eu não deveria pensar assim.* Aquilo não tinha sido mais do que honestidade?

O barco dera meia-volta, de modo que o galho puxado estava agora entre nós. Ouvi um resmungo em meio à escuridão atrás das folhas.

— Bem-aventurados os misericordiosos — disse ele —, pois eles alcançarão misericórdia. Byrnes não era e não a alcançou. E

quanto a mim, Deus deixou claro o que pensava sobre o homem. Eu não achei certo interferir.

— Você acha que *Deus* deu tétano a ele?

— Não consigo pensar em mais ninguém que pudesse fazer isso. Além disso — continuou de modo lógico —, onde mais há justiça?

Tentei pensar no que dizer, mas não havia nada. Desistindo, voltei ao único ponto possível de discussão. Eu me sentia enjoada.

— Você deveria ter me contado. Mesmo sem acreditar que eu pudesse ajudar, a decisão não era sua...

— Não queria que você fosse. — A voz dele ainda era baixa, porém mais endurecida agora.

— Sei que não queria! Mas não importa se você achava que Byrnes merecia sofrer ou...

— Não por ele! — O barco chacoalhou de repente quando Jamie se moveu, e eu me segurei nas bordas para manter o equilíbrio. Ele falava de modo violento. — Não me importaria nem um pouco se Byrnes tivesse uma morte tranquila ou ruim, mas não sou um monstro de crueldade! Não mantive você longe de Byrnes para que ele sofresse. Eu a mantive longe para protegê-la.

Fiquei aliviada ao ouvir aquilo, porém cada vez mais brava à medida que a verdade do que ele havia feito se tornava mais clara.

— A decisão não era sua. Se não sou sua consciência, você não pode ser a minha! — Passei a mão com raiva pelas folhas do salgueiro entre nós, tentando vê-lo.

De repente, uma mão apareceu entre as folhas e agarrou meu pulso.

— É minha decisão manter você em segurança!

Tentei me afastar, mas Jamie me segurava com força e não soltaria.

— Não sou uma menininha que precisa de proteção, nem uma idiota ainda! Se houver algum motivo para que eu não faça alguma coisa, é só me dizer que eu vou ouvir. Mas você não pode decidir o que devo fazer e aonde vou sem sequer me consultar. Não vou tolerar essa atitude e você sabe muito bem disso!

O barco se mexeu e, com um forte farfalhar das folhas, ele enfiou a cabeça entre os galhos, de olhos arregalados.

— Não estou tentando dizer aonde você vai!

— Você decidiu aonde *não devo* ir, e é igualmente ruim!

As folhas do salgueiro escorregaram pelos ombros dele quando o barco se mexeu, perturbado pela sua violência, e nós viramos lentamente, saindo da sombra da árvore.

Jamie ficou na minha frente, enorme como o moinho, a cabeça e os ombros tomando uma boa parte do cenário atrás dele. O nariz comprido e reto estava a dois centímetros do meu, e seus olhos tinham se estreitado. Eles eram de um azul-escuro o suficiente para parecerem negros àquela luz, e olhar dentro deles de perto era perturbador.

Pisquei. Ele, não.

Ele havia soltado meu pulso quando passou entre as folhas. Agora, segurava meus braços. Eu sentia o calor de sua mão pelo tecido. As mãos de Jamie eram grandes e muito fortes, e de repente eu percebi a fragilidade de meus ossos em comparação a ele. *Sou um homem violento.*

Jamie já havia me chacoalhado uma ou duas vezes antes, e eu não gostara. Para o caso de ele ter algo do tipo em mente naquele momento, enfiei um pé entre suas pernas e me preparei para dar uma joelhada onde mais doeria.

— Eu estava errado — disse ele.

Tensa por causa da violência, eu tinha começado a levantar o pé, quando ouvi o que ele disse. Antes que pudesse parar, ele uniu as pernas, prendendo meu joelho entre suas coxas.

— Eu *disse* que estava errado, Sassenach — repetiu ele, com um pouco de impaciência na voz. — Você entendeu?

— Ah... não — respondi, e me senti meio tímida. Mexi o joelho, mas ele manteve as coxas unidas.

— Você poderia me soltar? — perguntei com educação. Meu coração ainda batia acelerado.

— Não, não poderia. Você vai me ouvir agora?

— Acho que sim — falei, ainda educada. — Não parece que estou muito ocupada no momento.

Eu estava perto o suficiente e vi os lábios de Jamie tremerem. Ele uniu as coxas com mais força por um momento, e então relaxou.

— Esta discussão é muito tola. E você sabe disso tão bem quanto eu.

— Não, não sei. — Minha raiva diminuía de certo modo, mas eu não podia permitir que ele a ignorasse totalmente. — Talvez não seja importante para você, mas é para mim. Não é tola. E você sabe disso, caso contrário não admitiria estar errado.

O tremor dos lábios foi mais forte dessa vez. Ele respirou fundo e tirou as mãos de meus ombros.

— Bem, talvez eu devesse ter contado sobre Byrnes, admito. Mas se tivesse, você o teria procurado, ainda que eu tivesse dito que era tétano. E sei que era, já vi casos como aquele antes. Mesmo que não houvesse nada que você pudesse fazer, você iria. Não é?

— Sim. Mesmo se... sim, eu teria ido.

Na verdade, não havia nada que eu pudesse ter feito por Byrnes. O anestésico de Myers não teria ajudado num caso de tétano. Nada que não fosse curare injetável suavizaria aqueles espasmos. Eu não poderia ter lhe dado nada além do conforto de minha presença, e tinha dúvidas de que ele se sentiria grato por isso — ou que sequer perceberia. Ainda assim, eu teria oferecido.

— Eu teria que ter ido — falei, mais delicadamente. — Sou médica. Você não entende?

— Claro que entendo — respondeu ele. — Acha que eu não conheço você, Sassenach? — Sem esperar uma resposta, ele continuou. — Houve rumores a respeito do que aconteceu no moinho. Normal, não é? Mas com o homem morrendo em suas mãos como morreu... Bem, ninguém disse que você poderia tê-lo matado de propósito... mas é fácil ver que as pessoas pensaram isso. Não que você o tenha matado... mas apenas que você possa ter pensado em permitir que ele morresse, para salvá-lo do enforcamento.

Olhei para as minhas mãos dispostas sobre os joelhos, quase tão pálidas quanto o cetim cor de marfim embaixo delas.

— Eu pensei nisso.

— Eu sei disso. — disse ele de modo seco. — Vi seu rosto, Sassenach.

Respirei profundamente, mesmo que apenas para me assegurar de que não havia mais o cheiro forte de sangue no ar. Não havia nada além do cheiro de terebintina da floresta de pinheiros, limpo e adstringente em minhas narinas. Tive uma lembrança clara do hospital, do cheiro de desinfetante de pinho que pairava no ar, que se misturava, mas não conseguia encobrir o cheiro de doença.

Respirei profundamente mais uma vez, e levantei a cabeça para olhar para Jamie.

— E *você* imaginou que eu o havia matado?

Jamie pareceu levemente surpreso.

— Você teria feito o que achasse melhor. — Ele ignorou a questão sobre a possibilidade de eu ter matado um homem para falar sobre o assunto principal. — Mas não parecia inteligente de sua parte se ligar às duas mortes, se é que me entende.

Eu entendia, e não pela primeira vez tive noção das redes sutis das quais ele fazia parte de um modo que eu nunca poderia. Aquele lugar era tão estranho para ele quanto para mim. E, ainda assim, ele sabia não só o que as pessoas estavam dizendo — qualquer um poderia descobrir isso, quem fosse às tavernas ou ao mercado —, mas também o que estavam pensando.

O mais irritante era que ele sabia o que *eu* estava pensando.

— Então, veja — disse ele, olhando para mim. — Eu sabia que Byrnes morreria e você não poderia evitar. Mas se você soubesse o que estava acontecendo com ele, certamente iria até lá. E então, ele morreria, e talvez as pessoas não comentassem que tinha sido muito estranho os dois homens terem morrido em suas mãos, por assim dizer, mas...

— Mas estariam pensando isso — concluí para ele.

O tremor dos lábios se tornou um sorriso torto.

— As pessoas ficam de olho em você, Sassenach.

Mordi o lábio. Para o bem ou para o mal, elas ficavam de olho, sim, e essa atenção já quase me matara mais de uma vez.

Ele se levantou, e segurando-se em um galho para se equilibrar, pisou nas pedras e cobriu o ombro com o tecido xadrez.

— Eu disse à sra. Byrnes que pegaria as coisas do marido dela no moinho. Você não precisa me acompanhar, se não quiser — disse ele.

O moinho aparecia contra o céu apinhado de estrelas. Não poderia ser mais assustador. *Aonde quer que fores, irei eu.*

Pensei que ele soubesse o que estava fazendo. Jamie quisera ver tudo antes de se decidir; ver a propriedade sabendo que podia ser dele. Ao atravessar os jardins e as hortas, remar pelos hectares de pinheiros densos visitar o moinho, Jamie estava observando o domínio que lhe haviam oferecido, pensando e avaliando, determinando as complicações com as quais teria de lidar, e se poderia ou aceitaria o desafio.

Afinal, pensei de modo amargurado, o diabo insistira em mostrar a Jesus tudo que Ele poderia ter, levando-O a um monte muito alto para ver todos os reinos do mundo. A única dificuldade era que, se Jamie decidisse recusar, não haveria uma legião de anjos por perto para impedi-lo de enfiar o pé — e todo o resto — numa peça de granito escocês.

Só eu.

— Espere — falei, saindo do barco. — Também vou.

A lenha ainda estava empilhada na área. Ninguém havia removido nenhuma peça desde a última vez que eu estivera ali. O escuro retirava todo o senso de perspectiva. As pilhas de madeira fresca eram retângulos claros que pareciam flutuar acima de um chão invisível, primeiro distantes, depois, repentinamente aproximando-se o bastante para resvalar em minhas saias. No ar, eu sentia o cheiro de seiva de pinheiro e de serragem.

Eu não conseguia ver o chão sob meus pés, pois ele estava obscurecido tanto pela escuridão quanto pela saia volumosa cor de marfim. Jamie segurou meu braço para impedir que eu tropeçasse. Ele nunca tropeçava, claro. Talvez viver a vida toda sem nem

pensar em luz do lado de fora depois do pôr do sol. Lhe tivesse dado um tipo de radar, pensei. Como um morcego.

Havia uma fogueira acesa em algum ponto entre os barracões dos escravos. Era muito tarde. A maioria devia estar dormindo. Nas Índias, haveria o som de tambores e batidas. Os escravos teriam lamentado a morte de um amigo, uma cerimônia de luto que durava a semana toda. Aqui, não havia nada. Nenhum som além do farfalhar dos pinheiros, nenhum sinal de movimento além da leve luz da floresta.

— Eles têm medo — sussurrou Jamie, parando para ouvir o silêncio, como eu.

— Não é à toa — falei, meio discretamente. — Eu também tenho.

Ele emitiu um som leve que podia ser de descontração.

— Eu também — murmurou ele —, mas não de fantasmas. — Ele segurou meu braço e empurrou a pequena porta lateral do moinho antes que eu pudesse perguntar *o que* ele temia.

O silêncio do lado de dentro era quase palpável. No começo, pensei que fosse o silêncio assustador de campos de batalhas vazios, mas então, percebi a diferença. O silêncio estava vivo. E independentemente do que vivesse no silêncio aqui, não estava quieto. Pensei ter sentido o cheiro de sangue pesando no ar.

Então, respirei fundo e pensei de novo, e o horror frio percorria minha espinha. Eu *conseguia* sentir o cheiro de sangue. Sangue fresco.

Segurei o braço de Jamie, mas ele também havia sentido o cheiro. Seu braço se tornara tenso em minha mão, músculos contraídos em alerta. Sem dizer nada, ele se livrou de minha mão e desapareceu.

Por um momento, eu pensei que ele de fato *havia* desaparecido, e quase entrei em pânico, tentando pegá-lo, a mão buscando o espaço vazio onde Jamie estivera. Então, percebi que ele simplesmente havia jogado o tecido xadrez sobre a cabeça, escondendo a palidez do rosto e da camisa de linho. Ouvei seus passos rápidos e leves no chão de terra, e então isso também sumiu.

O ar estava quente e parado, com cheiro de sangue. Um cheiro adocicado e rançoso, com um gosto metálico no fundo da língua. Exatamente a mesma coisa que tinha acontecido uma semana antes, invocando alucinações. Ainda com frio, eu me virei e estreitei os olhos em direção ao lado mais distante do espaço cavernoso, meio esperando ver a cena marcada em minha memória materializada de novo na escuridão. A corda esticada no guindaste de lenha, o gancho enorme que balançava com o peso aos gemidos...

Um gemido surgiu, e mordi minha boca quase dividindo meu lábio em dois. Senti um nó na garganta ao conter um grito. Só o medo de atrair atenção me manteve em silêncio.

Onde estava Jamie? Eu queria chamá-lo, mas não ousei. Meus olhos tinham se acostumado o suficiente ao escuro para ver a sombra da lâmina da serra, uma figura amorfa a três metros, mas o lado mais distante do espaço era um muro de escuridão. Estreitei os olhos para enxergar, percebendo, tarde demais, que, com meu vestido claro, eu estava, sem dúvida, visível a qualquer pessoa no local.

O gemido veio de novo, e me sobressaltei. As palmas de minhas mãos suavam. *Não é!*, eu disse a mim mesma com intensidade. *Não é! Não pode ser!*

Fiquei paralisada de medo, e precisei de alguns momentos para perceber o que meus ouvidos tinham me dito. O som não viera da escuridão do espaço, onde o guindaste estava com seu gancho. E sim de algum lugar atrás de mim.

Eu me virei. A porta por onde havíamos entrado ainda estava aberta, um retângulo pálido no escuro total. Nada aparecia, nada se movia entre mim e a porta. Dei um passo rápido em direção a ela e parei. Todos os músculos de minhas pernas se prepararam para fugir correndo, mas eu não podia abandonar Jamie.

Ouvi o som mais uma vez, aquele mesmo gemido de angústia física. Uma dor que ia além do choro. Com ela, um novo pensamento surgiu em minha mente: e se fosse Jamie emitindo aquele som?

Chocada, eu me virei em direção ao som e gritei o nome dele, causando ecos no teto.

— Jamie! — gritei de novo. — *Onde você está?*

— Aqui, Sassenach. — A voz abafada de Jamie veio de algum lugar à minha esquerda, calma, mas urgente, de certo modo. — Venha aqui, sim?

Não era ele. Quase tremendo de alívio ao ouvir sua voz, andei pela escuridão, não me importando agora com o que causara o som, desde que não fosse Jamie.

Minha mão bateu numa parede de madeira, apoiando-se no escuro, e finalmente encontrou uma porta aberta. Ele estava dentro dos aposentos do feitor.

Passei pela porta e senti a mudança de uma vez. O ar estava ainda mais pesado, e muito mais quente do que o do moinho. O chão aqui era de madeira, mas não havia eco em meus passos. O ar estava parado ainda, sufocante. E o cheiro de sangue era ainda mais forte.

— Onde você está? — perguntei de novo, com a voz mais baixa dessa vez.

— Aqui. — Veio a resposta. — Perto da cama. Venha e me ajude. É uma moça.

Ele estava no pequeno quarto, que não tinha janelas nem luz. Eu os encontrei tateando, Jamie ajoelhado no chão de madeira ao lado de uma cama estreita, e na cama, um corpo.

Era uma mulher, como ele dissera. Ao tocá-la, percebi. O toque também indicava que ela estava sangrando. A face que toquei estava fria e pegajosa. Todo o resto que toquei estava quente e molhado: suas roupas, as roupas de cama, o colchão embaixo dela. Eu sentia a umidade passando por minha saia onde eu estava ajoelhada.

Tentei sentir a pulsação dela no pescoço mas não a encontrei. O peito se movia de leve sob a minha mão, o único sinal de vida além do leve suspiro que o acompanhava.

— Está tudo bem agora — falei, e minha voz saiu calma, sem nenhum vestígio de pânico, ainda que, na verdade, houvesse mais

motivo para temer. — Estamos aqui, você não está sozinha. O que aconteceu, pode me dizer?

Durante todo o tempo, eu passava as mãos sobre a cabeça, o pescoço, o peito e o estômago, afastando as roupas úmidas, procurando desesperadamente uma ferida para estancar. Nada, nenhum vazamento de artéria, nenhum ferimento aberto. E durante todo o tempo, eu ouvia um pingar constante, como o som de pés pequenos correndo.

— Diga... — Não foi exatamente uma palavra, mas um suspiro. E então, ela puxou o ar.

— Quem fez isto com você, moça? — A voz de Jamie saiu baixa e urgente. — Diga quem foi.

— Diga...

Toquei todos os pontos onde grandes artérias se localizam sob a pele e percebi que tudo estava normal. Eu a segurei por um dos braços e a ergui, passando uma mão em suas costas para sentir. Todo o calor do corpo dela estava ali. O corpete estava úmido de suor, mas não de sangue.

— Vai ficar tudo bem — repeti. — Você não está sozinha. Jamie, segure a mão dela. — O desespero tomou conta de mim. Eu sabia o que podia ser.

— Já estou segurando — respondeu ele. — Não se preocupe, moça. Vai ficar tudo bem, está me ouvindo?

Ping, ping, ping. Os pezinhos estavam se tornando mais lentos.

— Diga...

Não consegui evitar, mas, mesmo assim, escorreguei a mão por baixo da saia dela de novo, dessa vez deixando meus dedos se curvarem entre as coxas afastadas. Ela ainda estava quente ali. O sangue escorreu lentamente sobre a minha mão e pelos meus dedos, quente e úmido como o ar ao nosso redor, impossível de parar como a água que escorria da comporta do moinho.

— Eu... morrer...

— Acho que você foi atacada, moça — insistiu Jamie. — Não vai me dizer quem a atacou?

Sua respiração saiu mais alta agora, um grasnado na garganta. *Ping. Ping.* Os pés pisavam levemente agora.

— Sar... gento. Diga... ele...

Tirei a mão do meio de suas coxas e segurei sua outra mão, sem pensar no sangue. Agora, não importava muito.

— ... diga... — falou com intensidade repentina, e então, veio o silêncio. Um longo silêncio, e então, mais uma respiração suspirante. Um silêncio, mais longo ainda. E uma inspiração.

— Farei isso — assegurou Jamie. A voz dele não passava de um sussurro no escuro. — Farei. Eu prometo.

Ping.

Ping.

Nas Terras Altas, eles chamava aquilo de “gota da morte”; o som da água pingando, ouvida em uma casa quando um dos moradores estava prestes a morrer. Não havia água pingando aqui, mas era um sinal, mesmo assim.

Não houve mais som na escuridão. Não consegui ver Jamie, mas senti o leve movimento da cama contra as minhas coxas quando ele se inclinou para a frente.

— Deus a perdoará — sussurrou ele para o silêncio. — Vá em paz.

Ouvi o zumbido assim que entramos nos aposentos do feitor na manhã seguinte. No silêncio total do moinho, tudo fora abafado no espaço e na serragem. Mas naquela área separada e pequena, as paredes captavam todos os sons e os devolviam. Nossos passos ecoaram do chão de madeira até o teto. Eu me senti como uma mosca presa dentro de um tambor, e sofri de claustrofobia momentânea por estar presa em uma passagem estreita entre os dois homens.

Havia apenas dois cômodos, separados por uma passagem curta que levava da área externa até o moinho. À nossa direita, havia uma sala maior que servira aos Byrnes como moradia e área de estar e de cozinhar, e à esquerda, o quarto menor, do qual o barulho vinha. Jamie respirou fundo, levou o pano xadrez ao rosto e abriu a porta do quarto.

Parecia haver um cobertor sobre a cama, de um azul-metalizado com brilhos em tons de verde. E então, Jamie deu um passo para dentro e as moscas saíram voando da refeição, gluttonas protestando contra a interrupção.

Contive um grito de nojo e me abaixei, afastando-as. Corpos lentos e inchados bateram em meu rosto e braços e se afastaram, circundando preguiçosamente pelo ar pesado. Farquard Campbell emitiu um som escocês de asco que pareceu um "Heuch!", e então abaixou a cabeça e passou por mim, olhos estreitados e lábios contraídos, fechando as narinas.

O quartinho era pouco maior do que o caixão no qual havia se transformado. Não havia janelas, apenas frestas entre as tábuas que deixavam uma luz fraca entrar. A atmosfera era quente e úmida como a de uma estufa tropical, tomada pelo cheiro adocicado da putrefação da morte. Conseguia sentir o suor serpenteando ao descer por meu rosto, formigando como patas de moscas, e tentei respirar apenas pela boca.

Ela não era grande. Seu corpo formava um monte pequeno por baixo do cobertor que tínhamos colocado sobre ela na noite anterior, para proteger sua decência. A cabeça parecia grande em comparação ao corpo pequeno, como um desenho de criança, com membros de palitos e uma cabeça redonda.

Espantando várias moscas famintas demais para voar, Jamie afastou o cobertor. Este, como todo o resto, estava manchado, duro e encharcado. O corpo humano, em média, contém quatro litros de sangue, mas parece muito mais quando o líquido está espalhado.

Eu já tinha visto o rosto dela brevemente na noite anterior, e a luz da tocha que Jamie fizera com uma ripa de pinheiro emprestava um brilho artificial aos traços mortos. Agora, ela estava pálida e úmida como um cogumelo, com os traços finos emergindo de uma teia de finos cabelos castanhos. Era impossível saber sua idade, apenas que ela não era velha. Eu também não conseguia definir se ela tinha sido atraente. Não tinha um corpo chamativo, mas a vida poderia corar as faces redondas e emprestar aos olhos fundos um brilho que os homens podiam achar bonito. Um homem a considerara atraente, pensei. Pelo menos um pouco.

Os homens sussurravam inclinados sobre o corpo inerte. O sr. Campbell virou-se para mim, franzindo o cenho por baixo da peruca formal.

— Tem certeza, sra. Fraser, da causa da morte?

— Sim. — Tentando não respirar o ar fétido, peguei a barra do cobertor e o virei, expondo as pernas do cadáver. Os pés estavam um pouco azulados e começavam a inchar. — Desci a saia dela, mas deixei todo o resto como estava — expliquei, puxando-o para cima de novo.

Os músculos de meu estômago se contraíram automaticamente quando a toquei. Eu já vira cadáveres antes, e aquele estava longe de ser o mais assustador, mas o clima quente e o ambiente fechado tinham impedido que o corpo esfriasse muito. A carne de sua coxa ainda estava tão quente quanto a minha, mas desagradavelmente flácida.

Eu o havia deixado onde estava, na cama entre suas pernas. Um espeto de cozinha, com mais de trinta centímetros de comprimento. Estava coberto por sangue seco também, mas claramente visível.

— Eu... hum... não encontrei ferimentos no corpo — disse, do modo mais delicado possível.

— Ah, compreendo. — O franzir de cenho do sr. Campbell pareceu diminuir um pouco. — Bem, pelo menos não deve ter sido um assassinato.

Abri a boca para responder, mas Jamie olhou para mim me alertando. Sem perceber, o sr. Campbell continuou.

— A questão que permanece é se a pobre mulher fez isso a si mesma ou se outra pessoa o fez. O que acha, sra. Fraser?

Jamie estreitou os olhos para mim por cima do ombro de Campbell, mas o alerta era desnecessário. Nós tínhamos discutido o assunto na noite anterior e chegamos às nossas conclusões — de que nossas opiniões não precisavam ser compartilhadas com as forças da lei e da ordem em Cross Creek; ainda não. Apertei meu nariz levemente fingindo ser devido ao cheiro, para disfarçar qualquer alteração de minha expressão. Eu mentia muito mal.

— Tenho certeza de que ela fez isso sozinha — afirmei. — Demora muito pouco para sangrar até a morte deste modo, e como Jamie disse, ela ainda estava viva quando a encontramos. Estávamos fora do moinho, conversando, e assim ficamos por um bom tempo antes de entrar. Ninguém teria saído sem que o víssemos.

Por outro lado, uma pessoa poderia ter se escondido no outro cômodo, e saído discretamente no escuro enquanto estávamos ocupados em confortar a mulher que morria. Se essa possibilidade não ocorrera ao sr. Campbell, não vi motivos para chamar sua atenção.

Jamie havia mudado de expressão, adotando um ar de seriedade adequado à ocasião quando o sr. Campbell voltou-se para ele. O homem mais velho balançou a cabeça com tristeza.

— Ah, pobre moça infeliz! Acredito que podemos nos sentir aliviados por ninguém mais ter causado esse pecado.

— E o homem que seria o pai do filho de quem ela tentava se livrar? — perguntei, com uma certa acidez. O sr. Campbell parecia assustado, mas se recompôs depressa.

— Hum... certo — disse ele, e pigarreou. — Mas não sabemos se ela era casada...

— Então o senhor não conhece a mulher? — perguntou Jamie antes que eu pudesse fazer qualquer comentário imprudente.

Campbell balançou a cabeça.

— Ela não é serva do sr. Buchanan nem dos MacNeills, tenho certeza. Nem do juiz Alderdyce. Essas são as únicas propriedades próximas o suficiente das quais ela poderia ter saído. Mas gostaria de saber por que ela veio a este lugar em especial para cometer um ato tão desesperado...

Eu e Jamie também queríamos saber. Para impedir que o sr. Campbell fizesse a próxima pergunta nessa linha de questionamento, Jamie interveio de novo.

— Ela disse muito pouco, mas mencionou um “sargento”. “Diga ao sargento”, foram as palavras dela. O senhor tem ideia de quem ela poderia estar falando?

— Acredito haver um sargento do exército responsável pela guarda no galpão real. Sim, tenho certeza — disse o sr. Campbell, animando-se um pouco. — Ah! Sem dúvida, a mulher tinha uma ligação de algum tipo com o estabelecimento militar. Pode ser a explicação. Mas ainda me pergunto por que ela...

— Sr. Campbell, me perdoe... estou me sentindo um pouco tonta — interrompi, pousando a mão na manga dele. Não era mentira. Eu não havia dormido nem comido. Sentia-me tonta por causa do calor e do cheiro, e sabia que devia estar pálida.

— Pode conversar com a minha esposa do lado de fora, senhor? — perguntou Jamie. Ele fez um gesto para a cama e para o que estava sobre ela. — Eu levarei a pobre mulher.

— Peço que não se incomode, sr. Fraser — protestou Campbell, já virando-se a fim de me levar para fora. — Meu empregado pode buscar o corpo.

— É o moinho da minha tia, senhor. Por isso, é problema meu — disse Jamie com educação, mas firmeza. — Eu devo cuidar disso.

Phaedre esperava do lado de fora, perto da carroça.

— Eu disse que aquele lugar é mal-assombrado — comentou ela, observando-me com um ar de satisfação. — Está branca como papel, senhora.

Ela me deu um pouco de vinho, enrugando o nariz delicadamente na minha direção.

— Está com um cheiro pior do que o de ontem à noite e parece ter saído de um matadouro de porcos. Sente-se aqui e beba esse vinho. Vai se sentir melhor.

Ela olhou por cima de meu ombro. Também olhei para trás e vi que Campbell chegara à sombra dos sicômoros à beira do riacho, e conversava com seu empregado.

— Encontrei a mulher — disse Phaedre de uma vez, falando mais baixo. Olhou para o lado, em direção ao pequeno grupo de barracões dos escravos, quase invisíveis de onde estávamos no moinho.

— Tem certeza? Você não teve muito tempo. — Tomei um gole de vinho e o mantive na boca, contente por senti-lo no fundo da minha garganta, limpando meu palato do gosto da morte.

Phaedre assentiu, olhando para os homens embaixo das árvores.

— Não precisei de muito tempo. Desci pelas casas, vi uma porta aberta e pedaços de lixo espalhados como se alguém tivesse partido com pressa. Encontrei um homem pegando as coisas e perguntei quem morava ali, e ele me disse que era Pollyanne, mas que ela partira, e ele não sabia para onde. Perguntei quando ela partira, ele disse que ela havia jantado ali na noite anterior, partido essa manhã e ninguém a vira. — Ela olhou em meus olhos e parecia confusa. — Agora que sabe, o que pretende fazer?

Era uma ótima pergunta, para a qual eu não tinha resposta. Engoli o vinho e, junto com ele, um pânico cada vez maior.

— Todos os escravos aqui devem saber que ela se foi. Quanto tempo até que mais alguém descubra? Quem saberá dessas coisas, agora que Byrnes morreu?

Phaedre deu de ombros de modo gracioso.

— Quem perguntar vai descobrir depressa. Mas quem deve perguntar... — Ela acenou em direção ao moinho.

Nós havíamos deixado a porta pequena para os quartos aberta. Jamie estava saindo carregando uma carga envolvida em um cobertor.

— Imagino que seja ele — completou ela.

Eu já faço parte disso. Ele soubera, antes mesmo do jantar interrompido. Sem anúncio formal, sem convite nem aceitação, ele assumira o lugar, o papel, como uma peça se encaixando em um quebra-cabeça. Ele já era o senhor de River Run... se quisesse ser.

O empregado de Campbell havia chegado para ajudar com o corpo. Jamie se abaixou e apoiou um joelho à beira do moinho, dispondo o corpo na terra com cuidado. Devolvi o cantil a Phaedre, meneando a cabeça em agradecimento.

— Pode pegar as coisas da carroça?

Sem dizer nada, Phaedre saiu para pegar as coisas que eu havia trazido: um cobertor, um balde, trapos limpos e um jarro de

ervas. E eu me aproximei de Jamie.

Ele estava abaixado perto do riacho, lavando as mãos, um pouco mais para cima de onde o corpo estava. Era tolice me lavar antes do que faria, mas era a força do hábito. Eu me ajoelhei ao lado dele e mergulhei as mãos também, deixando o frio da água lavar a pele suada.

— Eu tinha razão — disse a ele, baixinho. — Era uma mulher chamada Pollyanne. Ela fugiu à noite.

Ele fez uma careta, esfregando as palmas das mãos, e olhou por cima do ombro. Campbell estava de pé ao lado do cadáver, olhando-o com nojo.

Jamie franziu o cenho concentrado, voltando a olhar para as mãos.

— Bem, isso põe um fim à questão, não? — Ele se inclinou e lavou o rosto, e então balançou a cabeça com força, espalhando gotas como um cachorro molhado. Em seguida, assentiu para mim e ficou de pé, secando o rosto com a ponta do tecido xadrez.

— Cuide da moça, está bem, Sassenach? — Ele caminhou decidido em direção ao sr. Campbell, com o tecido xadrez balançando.

Não havia motivo para guardar nenhuma das roupas dela, então eu as cortei. Despida, ela parecia ter vinte e poucos anos. Desnutrida, costelas aparentes, braços e pernas magros e pálidos como galhos sem folhas. Apesar de tudo isso, ela ainda estava surpreendentemente pesada, e os vestígios do *rigor mortis* faziam com que fosse difícil manipulá-la. Phaedre e eu estávamos suando muito antes de terminarmos, e mechas de cabelos escapavam do meu coque e grudavam em meu rosto corado.

Pelo menos, o trabalho pesado fez com que conversássemos muito pouco, o que me deixou em paz com meus pensamentos. Não que meus pensamentos fossem muito pacíficos.

Uma mulher querendo “se livrar da barriga”, como Jamie diz, faria isso em seu quarto ou em sua cama, se estivesse fazendo sozinha. A única razão para a desconhecida ter vindo a um lugar tão

distante como aquele seria para encontrar a pessoa que faria o trabalho por ela, uma pessoa que não podia ir à sua casa.

Devemos procurar uma escrava na região do moinho, eu dissera a ele. Uma mulher que talvez tenha a fama de parteira, alguém sobre quem as outras mulheres falavam entre si, que recomendavam aos sussurros.

O fato de eu aparentemente estar certa sobre as coisas não me deixava satisfeita. A pessoa que fizera o aborto havia fugido, temendo que a mulher nos contasse quem tinha feito aquilo. Se ela tivesse permanecido ali sem dizer nada, Farquard Campbell poderia ter acreditado em mim quando disse que a mulher deveria ter feito aquilo sozinha — ele não podia provar outra teoria. Mas se mais alguém descobrisse que a escrava Pollyanne fugira — e é claro que descobririam! —, e ela fosse pega e interrogada, a questão toda, sem dúvida, apareceria de uma vez. E então o que aconteceria?

Eu estremei, apesar do calor. A lei do derramamento de sangue se aplicaria nesse caso? Devia ser aplicada, pensei, jogando mais um balde de água sobre os membros brancos esticados, como se a quantidade mudasse alguma coisa.

Maldita mulher, pensei, usando a irritação para cobrir uma piedade inútil. Eu não podia fazer nada por ela agora, exceto tentar limpar a sujeira que ela fizera — em todos os sentidos da palavra. E talvez tentar salvar a outra personagem dessa tragédia; a infeliz que cometera assassinato sem querer, disfarçado de ajuda, e que agora teria que pagar por esse erro com a própria vida.

Percebi que Jamie havia pegado o cantil de vinho. Ele o dividia com Farquard Campbell, e os dois conversavam distraídos, às vezes virando-se para fazer um gesto para o moinho ou em direção ao rio ou à cidade.

— Tem algo com que eu possa penteá-la, senhora?

A pergunta de Phaedre chamou minha atenção de volta ao trabalho que fazia. Ela se agachou perto do corpo, tocando os cabelos embaraçados de modo crítico.

— Não gostaria de enterrá-la com essa aparência, coitadinha — disse ela, balançando a cabeça.

Pensei que Phaedre provavelmente não era muito mais velha do que a mulher morta — e, de qualquer modo, pouco importava que o cadáver fosse para a cova bem-arrumado. Mas mesmo assim, enfiei a mão no bolso e tirei um pequeno pente de marfim, com o qual Phaedre começou a pentear a mulher, murmurando baixinho.

O sr. Campbell estava se retirando. Ouvei o ranger dos arreios e as patas dos cavalos batendo no chão enquanto ele se ajeitava. Ele me viu e fez uma profunda reverência, tirando o chapéu. Fiz uma reverência em resposta e observei aliviada enquanto ele se afastava.

Phaedre também interrompera o trabalho e via o grupo partir.

Ela disse algo baixinho e cuspiu na terra. Isso foi feito sem maldade aparente. Um feitiço contra o mal que eu já tinha visto antes. Ela olhou para mim.

— É melhor o sr. Jamie encontrar Pollyanne antes do pôr do sol. Há animais selvagens nas montanhas, e o seu Ulysses disse que aquela mulher valia duzentas libras quando a srta. Jocasta a comprou. Aquela Pollyanne não conhece a mata. Ela veio direto da África, há menos de um ano.

Sem dizer mais nada, ela abaixou a cabeça e voltou à tarefa, com os dedos movendo-se depressa como uma aranha entre a seda fina dos cabelos do cadáver.

Eu me inclinei para o trabalho da mesma forma, percebendo meio chocada que a rede de circunstâncias que envolvia Jamie havia me tocado também. Eu não ficara do lado de fora, como havia pensado, e não poderia se quisesse.

Phaedre me ajudara a encontrar Pollyanne não por confiar ou gostar de mim, mas porque eu era a esposa do senhor. Pollyanne deveria ser encontrada e escondida. E ela pensou que era óbvio que Jamie encontraria Pollyanne e a esconderia — ela era propriedade dele. Ou de Jocasta, o que, aos olhos de Phaedre, era a mesma coisa.

Finalmente, a desconhecida estava limpa sobre o lençol gasto de linho que eu havia trazido para ser sua mortalha. Phaedre penteara e trançara seus cabelos. Peguei o jarro grande de ervas. Eu as comprara tanto por hábito como por motivos práticos, mas

agora estava contente com elas. Não tanto pela ajuda contra o progresso da decomposição, mas como o único — e necessário — toque cerimonial.

Era difícil relacionar aquele corpo inerte com a mão pequena e fria que tinha segurado a minha, com o sussurro angustiado que havia pedido “Diga...” no escuro do quarto. Mas, ainda assim, havia a lembrança dela, do resto do seu sangue escorrendo em minha mão, mais vívido em minha mente do que essa visão do seu corpo vazio, nu nas mãos de desconhecidas.

O pastor mais próximo se encontrava em Halifax. Ela seria enterrada sem ritos, mas por que precisaria de ritos? Os rituais funerários são para o conforto dos enlutados. Era improvável que ela tivesse deixado alguém que choraria por ela, pensei. Se ela tivesse alguém próximo — família, marido ou até um amante —, acredito que não estaria morta agora.

Eu não a conhecera, não sentiria sua falta, mas me entristeci por ela e por seu filho. E mais por mim do que por ela, eu me ajoelhei ao lado do corpo e espalhei ervas: fragrantes e amargas, folhas de arruda, hissopo, alecrim, tomilho e lavanda. Um buquê da viva para a morta, um pequeno símbolo de reconhecimento.

Phaedre observou em silêncio, ajoelhada. Então esticou a mão e, com dedos delicados, cobriu o rosto da garota morta com a mortalha. Jamie viera assistir. Sem dizer nada, ele se abaixou, pegou-a, e a levou à carroça.

Ele só falou quando entrei e me sentei ao seu lado. Bateu as rédeas nas costas dos cavalos e estalou a língua.

— Vamos encontrar o sargento — disse ele.

Havia, claro, algumas coisas a serem feitas primeiro. Voltamos a River Run para deixar Phaedre, e Jamie desapareceu para encontrar Duncan e trocar suas roupas manchadas, enquanto eu fui examinar meu paciente e contar a Jocasta os acontecimentos da manhã.

Eu não precisaria ter me preocupado. Farquard Campbell estava sentado na sala de estar bebericando chá com Jocasta. John Myers, com o corpo escondido pelo xadrez dos Cameron, estava

deitado no sofá de veludo verde, comendo bolinhos, satisfeito. A julgar pela limpeza incomum das pernas e dos pés à mostra, alguém havia tirado vantagem de seu estado temporário de inconsciência na noite anterior para lhe dar um banho.

— Minha cara. — A cabeça de Jocasta se virou quando entrei, e ela sorriu, apesar de eu ter visto as linhas duplas de preocupação entre as sobrancelhas. — Sente-se, menina, e descanse. Você não descansou ontem à noite e teve uma manhã terrível, pelo que parece.

Normalmente, eu consideraria engraçado ou ofensivo ser chamada de “menina”, mas, naquelas circunstâncias, foi estranhamente reconfortante. Desabei em uma poltrona e deixei Ulysses me servir uma xícara de chá, pensando, enquanto isso, nas informações que Farquard tinha fornecido a Jocasta — e quanto ele sabia.

— Como está se sentindo hoje? — perguntei a meu paciente. Ele parecia estar em ótimas condições, considerando a ingestão de álcool da noite anterior. Sua coloração estava boa, assim como o apetite, a julgar pela quantidade de migalhas no prato ao seu lado.

Ele assentiu de modo cordial para mim, contraindo a mandíbula, e engoliu com certo esforço.

— Excelente, senhora, eu agradeço muito. Só sinto uma dor na região íntima... — Ele levou a mão com cuidado à área em questão —, mas foi o melhor trabalho com pontos que tive o privilégio de ver. O sr. Ulysses fez a gentileza de buscar um espelho para mim — explicou ele. Balançou a cabeça surpreso. — Nunca tinha visto meu traseiro antes. Pela quantidade de pelos que tenho ali, seria de imaginar que meu pai era um urso!

Ele riu muito ao dizer isso, e Farquard Campbell escondeu um sorriso ao levar a xícara de chá aos lábios. Ulysses se virou com a bandeja, mas vi que ele também esboçava um sorriso.

Jocasta riu alto, os olhos cegos estreitados no momento de diversão.

— Dizem que é esperto quem conhece o próprio pai, John Quincy. Mas conheci sua mãe muito bem e eu digo que é pouco provável.

Myers balançou a cabeça, mas seus olhos brilharam acima da barba farta.

— Bem, minha mãe gostava de homens peludos. Dizia que era um raro conforto em uma noite fria de inverno. — Ele espiou pela gola aberta de sua camisa, olhando para os pelos à mostra com certa satisfação. — Talvez estivesse certa. As índias parecem gostar, mas talvez seja apenas a novidade, pensando bem. Os índios mal têm pelos nas bolas, muito menos nas costas.

O sr. Campbell engasgou com um pedaço de bolinho e tossiu com força no guardanapo. Eu sorri para mim mesma e tomei um grande gole de chá. Era uma mistura indígena forte e fragrante, e apesar do calor opressor daquela manhã, mais do que bem-vinda. Uma camada fina de suor surgiu em meu rosto enquanto eu bebia, mas o calor se assentou de modo confortável em meu estômago inquieto, o perfume do chá levava embora o fedor do cheiro de sangue e excrementos do meu nariz e a conversa animada afastava a lembrança das cenas mórbidas da manhã.

Olhei para o tapete pensando que poderia me deitar ali e dormir tranquila por uma semana. Mas não há descanso para os cansados.

Jamie entrou, recém-barbeado e com os cabelos penteados, vestindo um casaco sóbrio e uma camisa de linho limpa. Ele assentiu a Farquard Campbell sem surpresa. Devia ter ouvido a voz dele vinda do corredor.

— Tia. — Ele se inclinou e beijou o rosto de Jocasta para cumprimentá-la e então sorriu para Myers.

— Como está, *a charaid*? Ou devo dizer como estão?

— Isso mesmo — concordou Myers. Levou a mão cuidadosamente entre as pernas. — Mas acho que preciso esperar um ou dois dias para conseguir montar.

— Eu esperaria — disse Jamie. Então virou-se para Jocasta e perguntou: — Viu Duncan hoje cedo, tia?

— Ah, sim. Ele saiu para fazer uma tarefa para mim, ele e o rapaz. — Ela sorriu e estendeu a mão para ele. Eu vi seus dedos apertarem o pulso dele. — Um querido, o sr. Innes. Muito solícito. E

um homem muito rápido e esperto. É um prazer falar com ele. Não acha, sobrinho?

Jamie olhou para ela com curiosidade e então para Farquard Campbell. O homem mais velho evitou olhar para ele, bebericando seu chá enquanto fingia examinar o grande quadro pendurado acima da lareira.

— De fato — concordou Jamie com seriedade. — Um homem muito solícito, o Duncan. E Ian foi com ele?

— Para buscar um pacote para mim — disse a tia com calma. — Você precisa de Duncan?

— Não. Posso esperar — respondeu Jamie, olhando para ela.

Ela soltou a manga dele e pegou sua xícara. A asa delicada estava virada precisamente para ela, pronta para sua mão.

— Que bom! — exclamou ela. — Você quer tomar café da manhã, então? E Farquard... quer mais um bolinho?

— Ah, não. *Cha ghabh mi 'n còrr, tapa leibh.* Tenho assuntos na cidade, é melhor eu ir. — Campbell pousou a xícara e se levantou, fazendo uma reverência a mim e a Jocasta. — Ao seu dispor, senhoras. Sr. Fraser — acrescentou, erguendo uma sobrancelha. Fazendo uma reverência, ele saiu com Ulysses.

Jamie se sentou com as sobrancelhas erguidas e pegou uma torrada.

— Sua tarefa, tia... Duncan saiu para encontrar a escrava?

— Sim. — Jocasta virou os olhos cegos na direção dele, franzindo o cenho. — Você se importa, Jamie? Sei que Duncan é seu empregado, mas parecia um assunto urgente e eu não tinha certeza de quando você viria.

— O que Campbell disse a você? — Percebi o que Jamie estava pensando. Parecia incomum ao rígido e íntegro sr. Campbell, juiz do distrito, que não moveria um dedo para impedir um linchamento horrível, conspirar para a proteção de uma escrava. E uma que fazia abortos, ainda por cima. Mesmo assim, talvez ele quisesse fazer uma compensação pelo que não tinha sido capaz de impedir antes.

Os belos ombros se ergueram levemente e um músculo se contraiu no canto de sua boca.

— Conheço Farquard Campbell há vinte anos, *a mhic mo pheathar*. Eu ouço o que ele não diz melhor do que o que diz.

Myers estava acompanhando a conversa com interesse.

— Não posso dizer isso, pois meus ouvidos são bons — disse ele. — Só o ouvi dizer que uma pobre mulher se matou por acidente no moinho, tentando se livrar de um fardo. Ele disse que não a conhecia. — Ele sorriu levemente para mim.

— E isso, por si só, me diz que a moça é uma desconhecida — observou Jocasta. — Farquard conhece as pessoas no rio e na cidade tão bem quanto conheço meu povo. Ela não é filha de ninguém, não é serva de ninguém.

Ela pousou a xícara e recostou-se na cadeira com um suspiro.

— Vai ficar tudo bem — afirmou ela. — Coma sua comida, rapaz. Você deve estar morto de fome.

Jamie olhou para ela por um momento, com a torrada intacta na mão. Inclinou-se para a frente e a devolveu ao prato.

— Não posso dizer que estou com apetite agora, tia. Moças mortas me deixam meio deprimido. — Ele se levantou, ajeitando as barras de seu casaco. — Talvez ela não seja filha nem serva de ninguém, mas está no quintal agora, atraindo moscas. Gostaria de saber o nome dela antes de enterrá-la.

Jamie se virou e saiu.

Bebi o resto do meu chá e pousei a xícara com um leve tilintar da louça na bandeja.

— Com licença — falei de modo a me desculpar. — Acho que também não estou com fome.

Jocasta não se moveu nem mudou de expressão. Quando saí da sala, vi Myers se inclinar do sofá e agarrar o último dos bolinhos.

Era quase meio-dia quando chegamos ao galpão da Coroa no fim da Hay Street. Ele ficava no lado norte do rio, com um píer próprio para carregamento, um pouco acima da cidade em si. Parecia haver pouca necessidade para um guarda no momento. Nada se movia nos arredores da construção, exceto algumas borboletas que,

alheias ao calor sufocante, voavam entre os arbustos de flores que cresciam pela margem.

— O que eles guardam aqui? — perguntei a Jamie, olhando com curiosidade para a enorme estrutura.

As grandes portas duplas estavam fechadas e trancadas, e o único sentinela de casaco vermelho estava imóvel como um soldado de lata na frente delas. Uma construção menor ao lado do galpão exibia uma bandeira inglesa, murcha no calor. Presumi que aquele era o local ocupado pelo sargento que estávamos procurando.

Jamie deu de ombros e afastou uma mosca de sua sobrancelha. Atraíamos cada vez mais moscas conforme o calor do dia aumentava, apesar de a carroça estar em movimento. Respirei fundo discretamente, mas só consegui sentir o cheiro fraco de tomilho.

— O que a Coroa considera valioso. Peles, arquivos navais... piche e terebintina. Mas a guarda é por causa da bebida.

Apesar de toda hospedaria fabricar a própria cerveja, e toda casa ter suas receitas de destilado de maçã e vinho de cereja, os destilados mais potentes eram domínio da Coroa: conhaque, uísque e rum eram importados para a colônia em pequenas quantidades sob vigilância pesada, e vendidos a preço alto com o selo da Coroa.

— Acho que eles não têm muito em estoque no momento — falei, acenando para o único guarda.

— Não, os carregamentos vêm da parte alta do rio de Wilmington uma vez por mês. Campbell diz que eles escolhem um dia diferente a cada vez, para diminuir o risco de roubos.

Ele falava distraído, um leve franzir de cenho tomando sua expressão.

— Você acha que Campbell acreditou em nós? Sobre ela mesma ter feito? — Sem querer, lancei um rápido olhar para a carroça atrás de mim.

Jamie emitiu um som de escárnio no fundo da garganta.

— Claro que não, Sassenach. O homem não é tolo. Mas ele é um bom amigo da minha tia. Não vai causar problemas se não precisar. Vamos esperar que a mulher não tivesse ninguém que possa causar confusão.

— Uma esperança fria — sussurrei. — Achei que você pensasse de modo diferente na sala de estar da sua tia. Mas você provavelmente tem razão. Se ela tivesse alguém, não estaria morta agora.

Ele percebeu a amargura em minha voz e olhou para mim.

— Não pretendi ser insensível, Sassenach — disse ele suavemente. — Mas a pobre moça *está* morta. O que posso fazer por ela é cuidar para que seja enterrada de forma decente. Preciso cuidar dos vivos, certo?

Suspirei e apertei o braço dele brevemente. Meus sentimentos eram uma coisa complexa demais para tentar explicar. Eu conhecera a moça minutos antes de sua morte e não poderia ter impedido que ela morresse, mas ela havia morrido em minhas mãos, e eu sentia a raiva fútil dos médicos em circunstâncias desse tipo. A sensação de que, de alguma forma, eu havia falhado, que tinha sido derrotada pelo Anjo Negro. E além da raiva e da pena, havia um eco de culpa não expressada. A moça tinha aproximadamente a idade de Brianna — que, em circunstâncias parecidas, também não teria ninguém.

— Eu sei. É só que... me senti responsável por ela, de certo modo.

— Eu também — disse ele. — Não se preocupe, Sassenach. Vamos cuidar para que ela seja enterrada com decência. — Ele guiou os cavalos para debaixo de uma castanheira e apeou, oferecendo-me uma mão.

Não havia obstáculos. Campbell dissera a Jamie que os dez homens da guarda do galpão estavam abrigados em diversas casas na cidade. Quando perguntamos ao atendente no escritório, fomos direcionados para o outro lado da rua para a placa do Golden Goose, onde o sargento podia ser encontrado naquele momento, almoçando.

Vi o tal sargento assim que entrei na taverna. Ele estava sentado em uma mesa perto da janela, com a jaqueta de couro branca aberta e a túnica desabotoada, parecendo totalmente relaxado com uma caneca de cerveja e as migalhas de um bolo de

milho. Jamie entrou depois de mim, sua sombra momentaneamente bloqueando a luz da porta aberta, e o sargento olhou para cima.

Escuro como estava dentro do aposento, vi o rosto do homem ficar pálido de susto. Jamie parou abruptamente atrás de mim. Disse algo em gaélico baixinho que eu reconheci como sendo uma obscenidade, mas então, começou a passar por mim, sem sinal de hesitação em seu comportamento.

— Sargento Murchison — falou ele, em tom de surpresa, como uma pessoa que cumprimentava um conhecido qualquer. — Não pensei que voltaria a vê-lo. Não neste mundo, pelo menos.

A expressão do sargento sugeria fortemente que o sentimento era mútuo. E também que qualquer reunião daquele lado do céu seria cedo demais. O sangue corou seu rosto gordo e cheio de cicatrizes, e ele afastou o banco com um ruído da madeira contra o chão de terra.

— Você! — disse ele.

Jamie tirou o chapéu e inclinou a cabeça com educação.

— Ao seu dispor, senhor — respondeu ele.

Consegui ver seu rosto naquele momento, totalmente agradável, mas com uma tensão que fazia os cantos de seus olhos se franzirem. Ele demonstrou bem menos, mas o sargento não foi o único surpreendido.

Murchison estava recobrando o controle. A cara de susto foi substituída por uma leve careta.

— Fraser. Ah, me perdoe, *sr.* Fraser agora, certo?

— Certo. — Jamie manteve a voz neutra, apesar do tom de insulto. Ainda que houvesse conflitos no passado entre eles, a última coisa que ele queria agora era problema. Não com o que havia na carroça do lado de fora. Sequei as palmas suadas discretamente na saia.

O sargento havia começado a fechar os botões de sua túnica, lentamente, sem tirar os olhos de Jamie.

— Eu sabia que havia um homem chamado Fraser, que veio explorar a sra. Cameron em River Run — disse ele, com um tremor desagradável dos lábios carnudos. — É o senhor, certo?

Os olhos de Jamie ganharam um tom azul frio como as geleiras, mas seus lábios permaneceram curvados em um sorriso agradável.

— A sra. Cameron é minha parenta. É em nome dela que venho agora.

O sargento inclinou a cabeça e coçou a garganta. Havia marcas vermelhas ao longo de sua carne clara e gorda, como se alguém tivesse tentado enforcá-lo sem êxito.

— Sua parenta. Bem, é fácil dizer isso, não é? Pelo que soube, a mulher é cega como um morcego. Não tem marido nem filhos. É presa fácil para qualquer sem-vergonha que venha procurando uma família. — O sargento abaixou a cabeça e sorriu para mim, com o autocontrole totalmente retomado.

— E esta é sua puta, não é? — Era malícia gratuita, uma ofensa aleatória. O homem mal havia olhado para mim.

— Esta é minha esposa, a sra. Fraser.

Vi os dois dedos rígidos da mão direita de Jamie apertarem a barra de seu casaco, o único sinal claro de seus sentimentos. Ele inclinou a cabeça um pouco para trás e ergueu as sobrancelhas, observando o sargento com um ar de desinteresse.

— E quem é o senhor? Peço desculpas por não me lembrar, mas confesso que não saberia diferenciá-lo de seu irmão.

O sargento parou como se tivesse sido baleado, paralisado enquanto fechava o casaco.

— Maldito! — xingou ele, engasgando-se com as palavras. Seu rosto tinha ficado corado, de um tom estranho de ameixa, e eu pensei que ele deveria cuidar da pressão arterial. Mas não disse isso.

Nesse momento, o sargento pareceu notar que todo mundo no salão olhava para ele com grande interesse. Olhou ferozmente ao redor, pôs o chapéu e saiu em direção à porta, passando perto de mim, então dei um passo para trás.

Jamie segurou meu braço para me equilibrar e então se abaixou sob a soleira da porta. Eu o segui, a ponto de vê-lo chamar o sargento.

— Murchison! Uma palavrinha!

O soldado se virou, com as mãos em punhos contra as barras de seu casaco rubro. Era um homem grande e forte, e o uniforme parecia fazer parte de seu corpo. Os olhos eram ameaçadores, mas ele havia se recomposto.

— Uma palavrinha, é? — perguntou ele. — E o que você pode ter para falar comigo, *senhor* Fraser?

— Uma palavra segundo sua opinião profissional, sargento — disse Jamie com frieza. Ele assentiu em direção à carroça, que havíamos deixado sob uma árvore próxima. — Trouxemos um cadáver.

Pela segunda vez, o rosto do sargento ficou inexpressivo. Ele olhou para a carroça. Moscas e mosquitos tinham começado a se reunir em pequenas nuvens, circundando preguiçosamente a traseira exposta.

— É mesmo?

Ele *era* um profissional. Sua hostilidade diminuiu, o sangue quente desapareceu de seu rosto e os punhos cerrados relaxaram.

— Um cadáver? De quem?

— Não tenho ideia, senhor. Esperava que pudesse nos dizer. Quer dar uma olhada? — Ele acenou na direção da carroça, e o sargento, depois de hesitar brevemente, assentiu e caminhamos até ela.

Eu me apressei logo atrás de Jamie e cheguei a tempo de ver o rosto do sargento quando ele afastou a ponta da mortalha improvisada. Ele não sabia esconder seus sentimentos — talvez, em sua profissão, isso não fosse necessário. O choque tomou seu rosto como a luz do sol.

Jamie conseguiu ver o rosto do sargento tão bem quanto eu.

— O senhor a conhece? — perguntou ele.

— Eu... ela... ou melhor... sim, eu a conheço. — O sargento fechou a boca de modo abrupto, como se estivesse com medo de deixar mais palavras saírem. Continuou olhando para o rosto da garota, e seu próprio rosto se contraía, afastando todos os sentimentos.

Alguns homens tinham nos acompanhado na saída da taverna. Enquanto permaneciam numa distância discreta, dois ou três

esticavam o pescoço com curiosidade. Não demoraria muito para que o distrito todo soubesse o que havia acontecido no moinho. Eu esperava que Duncan e Ian estivessem bem longe.

— O que aconteceu com ela? — perguntou o sargento, olhando para o rosto pálido e fixo. O dele estava quase tão sem cor quanto o dela.

Jamie o observava com atenção, sem fingir desinteresse.

— Então, o senhor a conhece? — perguntou de novo.

— Ela é... ela era... uma lavadeira. Lissa... Lissa Garver é seu nome. — O sargento disse mecanicamente, ainda olhando para a carroça como se fosse incapaz de afastar o olhar. Seu rosto estava inexpressivo, mas os lábios estavam pálidos e as mãos estavam cerradas nas laterais do corpo. — O que aconteceu?

— Ela tem parentes na cidade? Um marido, talvez?

Era uma pergunta razoável, mas Murchison ergueu a cabeça como se Jamie o tivesse apunhalado.

— Não é da sua conta, é? — perguntou ele. Olhou para Jamie, uma borda branca visível ao redor da íris de seu olho. Ele mostrou os dentes no que poderia ter sido educação, mas não era. — Conte-me o que aconteceu com ela.

Jamie olhou para o sargento sem piscar.

— Ela pretendia se livrar da barriga e a coisa deu errado — disse ele baixinho. — Se ela tiver um marido, ele deve ser avisado. Mas, se não tiver família, vou cuidar para que seja enterrada de forma decente.

Murchison virou a cabeça para olhar para a carroça mais uma vez.

— Ela tem alguém — falou ele rapidamente. — Vocês não devem se preocupar. — Ele se virou e passou uma mão sobre o rosto, esfregando todo o sentimento de forma violenta. — Vá ao meu escritório — disse Murchison, com a voz meio abafada. — Vocês devem fazer uma declaração. Falem com o atendente. Agora!

O escritório estava vazio, o atendente certamente saía para almoçar. Eu me sentei para esperar, mas Jamie andou inquieto pela

sala pequena, os olhos passando das flâmulas do regimento na parede para o armário com gavetas no canto atrás da mesa.

— Que azar — disse ele, meio para si mesmo. — Tinha que ser o Murchison.

— Pelo visto, você conhece bem o sargento.

Ele olhou para mim com um tremor dos lábios.

— Muito bem. Ele era da guarnição da prisão de Ardsmuir.

— Compreendo. — Não era uma relação de amizade, então. Estava quente no escritório pequeno. Sequei uma gota de suor que escorria entre meus seios. — O que acha que ele está fazendo aqui?

— Isso eu sei. Ele foi enviado para cuidar dos prisioneiros quando eles foram transportados para serem vendidos. Imagino que a Coroa não tenha visto um bom motivo para levá-lo de volta à Inglaterra, quando havia necessidade de soldados aqui. Isso teria sido durante a guerra com os franceses, certo?

— Qual foi a história com o irmão dele?

Ele bufou, um som breve e sem humor.

— Eles eram dois... gêmeos. Billy e Bobby, era assim que nós os chamávamos. Muito parecidos, mas não só na aparência.

Ele fez uma pausa, retomando as lembranças. Não era sempre que falava sobre o tempo passado em Ardsmuir, e vi seu rosto ficar sério.

— Talvez você conheça o tipo de homem que é decente sozinho, mas que se torna um lobo quando está com outros como ele.

— Coitados dos lobos — falei, sorrindo. — Pense em Rollo. Mas sim, eu sei o que você quer dizer.

— Porcos, então. Mas feras, quando estão juntas. Não faltam homens assim em nenhum exército. É por isso que os exércitos funcionam. Os homens fazem coisas terríveis em grupos, coisas que eles nem sonhariam em fazer se estivessem sozinhos.

— E os Murchison nunca estavam sozinhos? — perguntei lentamente.

Ele meneou a cabeça, concordando.

— Ah, é isso. Eles eram dois, sempre. E quando um tinha escrúpulos em relação a algo, o outro não tinha. E claro, era

sempre no caso de algum problema. E não havia como saber quem era o culpado.

Ele ainda estava andando de um lado para outro, inquieto como uma pantera enjaulada. Parou em frente à janela, olhando para fora.

— Eu... os prisioneiros... podíamos reclamar de maus-tratos, mas os oficiais não podiam repreender os dois pelos erros de um, e um homem raramente sabia qual dos dois Murchison o derrubara com um chute nas costelas, ou qual deles o havia pendurado em um gancho pelas algemas e o deixado ali até que ele defecasse nas roupas para entretenimento da guarnição.

Os olhos dele estavam fixos em algo lá fora, a expressão sem disfarces. Ele havia falado das feras. Eu conseguia ver que as lembranças tinham acordado uma delas. A luz da janela refletiu em seus olhos, azuis e sem piscar.

— Os dois estão aqui? — perguntei, tanto para desfazer aquele olhar perturbador quanto porque queria saber. Deu certo. Jamie se virou abruptamente da janela.

— Não — respondeu ele, de modo rápido. — Este é Billy. Bobby morreu em Ardsuir. — Seus dois dedos tensos tremeram contra o tecido do kilt.

Eu tentara entender por que ele havia vestido o kilt naquela manhã, em vez de usar calça. O tartã rubro poderia ser quase uma bandeira vermelha para um touro, agitada diante de um soldado inglês. Agora eu sabia.

Eles o haviam tirado de Jamie antes, pensando tirar com ele o seu orgulho e a sua masculinidade. Fracassaram na tentativa, e Jamie pretendia revelar aquele fracasso, fosse um ato de bom senso ou não. Bom senso tinha pouco a ver com o tipo de orgulho teimoso que conseguia sobreviver a anos de tamanho insulto — e apesar de ele ter mais do que o necessário das duas coisas, eu vi que o orgulho prevalecia no momento.

— Pela reação do sargento, acho que é certo concluir que não foi por causas naturais — comentei.

— Não — disse ele. Suspirou e deu de ombros levemente, relaxando-os dentro do casaco apertado. — Nós marchávamos para

uma pedreira todas as manhãs e voltávamos ao anoitecer, com dois ou três guardas em cada carroça. Um dia, Bobby Murchison era o sargento responsável. Ele saiu conosco pela manhã, mas não voltou à noite. — Jamie olhou para a janela mais uma vez. — Havia uma piscina muito funda no fim da pedreira.

Seu tom tranquilo era quase tão aterrorizante quanto o conteúdo desse relato cru. Eu senti um arrepio percorrer minha espinha, apesar do calor sufocante.

— Você... — comecei, mas ele levou um dedo aos lábios, virando a cabeça em direção à porta. Um momento depois, ouvi passos que seus ouvidos mais apurados já tinham ouvido.

Era o sargento, não seu atendente. Tinha transpirado muito. Gotas de suor desciam por seu rosto por baixo da peruca, e ele estava todo vermelho, cor de fígado bovino fresco.

O sargento olhou para a mesa vazia e emitiu um som ameaçador com a garganta. Temi pelo atendente ausente. O sargento empurrou com o braço as coisas que estavam em cima da mesa, e os papéis caíram no chão.

Pegou um tinteiro e uma folha de papel almaço do monte espalhado e os colocou sobre a mesa com um baque.

— Escrevam — ordenou ele. — Onde vocês a encontraram e o que aconteceu. — Ele empurrou uma pena de ganso em direção a Jamie. — Assine e coloque a data.

Jamie olhou para ele com os olhos semicerrados, mas não se movimentou para pegar a pena. Eu senti meu estômago se contrair.

Jamie era canhoto, mas tinha sido ensinado, à força, a escrever com a mão direita, mas a mão direita tinha sido ferida posteriormente. Escrever, para ele, era algo lento e trabalhoso que deixava as páginas borradas, manchadas de suor e amassadas, e ele próprio não ficava muito melhor depois do esforço. Não havia força nenhuma na Terra que faria com que ele se humilhasse daquele modo diante do sargento.

— Escreva. Agora. — O sargento disse as palavras entre dentes.

Jamie semicerrou os olhos ainda mais, mas antes que pudesse falar, eu estiquei a mão e peguei a pena da mão do sargento.

— Eu estava lá. Deixem que eu escrevo.

A mão de Jamie segurou a minha antes que eu pudesse mergulhar a pena no tinteiro. Puxou a pena da minha mão e a jogou no meio da mesa.

— Seu atendente pode me procurar mais tarde, na casa da minha tia — disse ele brevemente a Murchison. — Venha comigo, Claire.

Sem esperar uma resposta do sargento, ele pegou meu cotovelo e só faltou me puxar para que eu me levantasse. Saímos antes mesmo de eu perceber o que tinha acontecido. A carroça continuava embaixo da árvore, mas agora estava vazia.

— Bem, por enquanto ela está segura, *Mac Dubh*, mas o que diabos devemos fazer com a mulher? — Duncan coçou a barba no queixo. Ele e Ian tinham passado três dias na floresta, procurando, até encontrarem a escrava Pollyanne.

— Não será fácil transportá-la — disse Ian, mordendo um pedaço de bacon da mesa do café da manhã. Ele o quebrou em dois e entregou um pedaço a Rollo. — A pobre senhora quase morreu de terror quando Rollo a cheirou, e precisamos de muito tempo para levantá-la. Não conseguimos colocá-la em um cavalo. Tive que caminhar escorando-a, para impedir que caísse.

— Precisamos tirá-la daqui, de algum modo. — Jocasta franziu o cenho, os olhos claros meio escurecidos enquanto ela pensava. — Murchison esteve no moinho de novo ontem de manhã, perturbando, e à noite, Farquard Campbell mandou alguém para me dizer que o homem declarou ter sido assassinato e que ele chamou homens para vasculhar o distrito à procura do escravo que causou aquilo. Farquard estava tão irritado, pensei que sua cabeça fosse explodir.

— Você acha que ela *poderia* ter feito isso? — Mastigando, Ian olhou de Jamie para mim. — Quero dizer, por acidente?

Apesar da manhã quente, eu estremeci, lembrando da rigidez do metal do espeto em minha mão.

— Você tem três possibilidades: acidente, assassinato ou suicídio — falei. — Existem *muitos* modos mais fáceis de cometer suicídio, pode acreditar. E nenhum motivo para assassinato, pelo menos até onde sabemos.

— Seja como for — disse Jamie, administrando a conversa —, se Murchison pegar a escrava, ele vai enforcá-la ou açoitá-la até a morte em um dia. Ele não precisa de julgamento. Não, devemos tirá-la do distrito. Já combinei isso com nosso amigo Myers.

— O que você combinou com Myers? — perguntou Jocasta de uma vez, sua voz interrompendo as perguntas e exclamações causadas pelo anúncio.

Jamie terminou de passar manteiga na torrada que estava segurando e a entregou a Duncan antes de falar.

— Nós precisamos levar a mulher para as montanhas — disse ele. — Myers disse que ela será bem recebida pelos índios. Ele disse que conhece um bom lugar para ela. E ali, ela estará protegida de Billy Murchison.

— *Nós?* — perguntei educadamente. — E quem somos *nós*?

Ele sorriu para mim em resposta.

— Myers e eu, Sassenach. Preciso ir ao interior para dar uma olhada antes que o tempo frio venha, e esta será uma boa chance. Myers é o melhor guia que eu poderia ter.

Ele cuidadosamente evitou dizer que poderia ser bom para *e/e* ficar um tempo longe da esfera de influência do sargento Murchison, mas eu percebi.

— Você vai me levar, não vai, tio? — Ian afastou os cabelos molhados do rosto, ansioso. — Vai precisar de ajuda com aquela mulher, pode acreditar. Ela é do tamanho de um barril.

Jamie sorriu para o sobrinho.

— Certo, Ian. Acho que podemos precisar de mais um homem.

— Uhum — falei, olhando para ele com cara feia.

— Para ficar de olho em sua tia, claro — continuou Jamie, olhando para mim com cara feia também. — Partimos em três dias, Sassenach... se Myers puder montar num cavalo até lá.

Três dias não era muito tempo, mas com a ajuda de Myers e Phaedre, meus preparativos foram arranjados rapidamente. Eu tinha uma pequena caixa de medicamentos e ferramentas para viagem, e as bolsas da sela estavam cheias de alimentos, cobertores e utensílios de cozinha. A única questão que restava resolver era a das roupas.

Cruzei de novo as pontas da faixa comprida de seda sobre o peito, amarrei-as em um nó entre os seios e analisei os resultados em um espelho.

Nada mau. Estiquei os braços e mexi o peito de um lado a outro, testando. Sim, assim está bom. Mas talvez se eu der mais uma volta no peito antes de cruzar as pontas...

— O que, exatamente, você está fazendo, Sassenach? E o que, pelo amor de Deus, você está vestindo? — Jamie, de braços cruzados, estava recostado na porta, observando-me com as duas sobancelhas erguidas.

— Estou improvisando um sutiã — disse com dignidade. — Não quero andar a cavalo pelas montanhas de vestido, e se não vestir faixas, não quero que meus seios fiquem balançando o caminho todo. É bem desconfortável.

— Imagino. — Ele entrou no quarto e caminhou ao meu redor a uma distância segura, olhando para os membros inferiores com interesse. — E o que é isso?

— Gostou? — Coloquei as mãos nos quadris, desfilando com a calça de cordões de couro que Phaedre fizera para mim — rindo histericamente enquanto a fazia —, com pele macia de gamo fornecida por um dos amigos de Myers em Cross Creek.

— Não — respondeu ele com sinceridade. — Você não pode sair com... com... — Ele fez um gesto sem dizer nada.

— Calças — completei. — É claro que posso. Eu usava calça o tempo todo em Boston. São muito práticas.

Ele olhou para mim em silêncio por um momento. E então, muito lentamente, caminhou ao meu redor. Por fim, sua voz soou atrás de mim.

— Você as usava fora de casa? — perguntou ele, incrédulo. — Onde as pessoas viam?

— Sim — respondi contrariada. — Assim como a maioria das outras mulheres. Por que não?

— Por que *não*? — perguntou ele, escandalizado. — Consigo ver a forma das suas nádegas e até a divisão entre elas, pelo amor de Deus!

— Também vejo as suas — falei, virando-me de frente para ele. — Tenho visto seu traseiro de calça todos os dias há meses, mas só de vez em quando essa visão faz com que eu aja de modo indecente em relação a sua pessoa.

Jamie contraiu os lábios, sem saber se deveria rir ou não. Aproveitando a indecisão, eu dei um passo à frente e envolvi a cintura dele, apertando seu traseiro com vontade.

— Na verdade, é o seu kilt que me dá vontade de jogar você no chão e cometer loucuras — disse a ele. — Mas você não fica nada mau de calça.

Ele riu e, inclinando-se, beijou meus lábios com fervor, as mãos cuidadosamente explorando os contornos das minhas nádegas, confinadas na pele de gamo. Jamie me apertou devagar, e eu pressionei meu corpo contra o dele.

— Tire essas calças — ordenou ele, parando para respirar.

— Mas eu...

— Tire essas calças — repetiu com firmeza. Deu um passo para trás e soltou o cordão da braguilha. — Pode vesti-las de novo depois, Sassenach, mas se alguém vai cometer loucuras aqui, esse alguém sou eu, está bem?

PARTE V

Strawberry Fields Forever



14

FUGINDO DA IRA

Agosto de 1767

Eles esconderam a mulher em um barracão para secagem do tabaco à beira dos campos mais distantes de Farquard Campbell. Havia pouca chance de alguém notar — além dos escravos de Campbell, que já sabiam —, mas tomamos o cuidado de chegar depois do anoitecer, quando o céu cor de lavanda tinha ganhado um tom quase cinza, mal deixando à mostra o volume do barracão de secagem.

A mulher saiu como um fantasma, com capa e capuz, e foi levada ao cavalo extra, colocada sobre ele como o pacote de contrabando que era. Ela levantou as pernas e se segurou à sela com as duas mãos, encolhida em uma bola de pânico. Evidentemente, nunca montara em um cavalo antes.

Myers tentou entregar as rédeas, mas ela não prestou atenção, só segurou com força e gemeu com uma agonia melódica de terror. Os homens estavam se tornando inquietos, olhando para trás para o campo vazio, como se esperassem a chegada iminente do sargento Murchison e seus homens.

— Deixe que ela vá comigo — sugeri. — Talvez ela se sinta mais segura assim.

A mulher foi tirada do seu cavalo com certa dificuldade e posta na garupa do meu, atrás da minha sela. Ela cheirava a folhas frescas de tabaco, pungentemente narcóticas, e a algo um pouco mais almiscarado. Ela envolveu minha cintura com os braços, segurando com força. Dei um tapinha em uma das mãos na minha

cintura e ela apertou mais forte, mas não fez nenhum outro movimento nem emitiu nenhum outro som.

Não era à toa que ela estava aterrorizada, pensei, virando a cabeça do meu cavalo para seguir o de Myers. Ela podia não saber sobre o pandemônio que Murchison estava causando no distrito, mas sabia muito bem o que podia acontecer se fosse pega. Certamente estivera na multidão do moinho duas semanas antes.

Como alternativa à morte certa, fugir para os braços dos índios selvagens podia ser um pouco preferível, mas não tanto, a julgar pelo modo como ela tremia. O clima não estava nem um pouco frio, mas ela se sacudia como se estivesse congelando.

Ela me apertou muito forte quando Rollo apareceu, saindo dos arbustos como um demônio da floresta. Meu cavalo também não gostava dele e se afastou, relinchando e batendo as patas, tentando tirar as rédeas de mim.

Eu tinha que admitir que Rollo era bem assustador, mesmo quando era amigável, como no momento, já que adorava expedições. Ainda assim, sua aparência era sinistra. Ele mostrava os dentes num sorriso de satisfação, estreitava os olhos a ponto de quase fechá-los ao farejar o ar. Unindo a isso o fato de seus pelos cinza e pretos se misturarem às sombras, ficávamos com a ilusão estranha e perturbadora de que ele havia se materializado do escuro, o próprio apetite encarnado.

Ele passou correndo por nós, a trinta centímetros, e a mulher se assustou. Senti sua respiração quente em meu pescoço. Dei um tapinha em sua mão de novo e falei com ela, mas ela não respondeu. Duncan dissera que ela tinha nascido na África e falava poucas coisas em inglês, mas certamente deveria entender algumas palavras.

— Vai ficar tudo bem — falei de novo. — Não tenha medo.

Ocupada com o cavalo e a passageira, eu não notara Jamie até ele aparecer de repente ao lado da sela, sorrateiro como Rollo.

— Tudo bem, Sassenach? — perguntou ele com delicadeza, pousando uma mão em minha coxa.

— Acho que sim. — Indiquei a mão que apertava minha cintura. — Se eu não morrer sufocada.

Ele olhou e sorriu.

— Bem, pelo menos ela não corre o risco de cair.

— Gostaria de saber o que dizer a ela. Coitada, está com muito medo. Você acha que ela sabe aonde vamos levá-la?

— Acredito que não, nem *eu* sei aonde vamos. — Ele usava calça para montar, mas mantinha o tecido xadrez por cima, com a ponta jogada por cima do ombro. O tartã escuro se misturava às sombras da floresta assim como às sombras das urzes escocesas. Eu só conseguia enxergar uma mancha branca na frente, sua camisa, e o rosto pálido e ovalado.

— Você sabe o que dizer em *taki-taki* para ajudá-la? — perguntei. — Claro que ela pode não entender também, se não tiver sido trazida das Índias.

Ele virou a cabeça e olhou para a minha passageira, pensando.

— Ah — disse ele. — Bem, tem uma coisa que todos sabem, independentemente de onde são. — Jamie estendeu a mão e apertou o pé da mulher. — Liberdade — disse ele, e parou. — *Saorsa*. Você me entende?

Ela não diminuiu a pressão em minha cintura, mas suspirou estremecendo, e eu pensei ter sentido que ela assentia.

Os cavalos iam um atrás do outro, com Myers na frente. A trilha não era nem um caminho de carroças, apenas um tipo de vegetação rasteira desgastada, mas pelo menos oferecia um caminho livre pelas árvores.

Eu duvidava que o sargento Murchison nos seguiria até tão longe para se vingar — se é que nos seguiria em algum momento —, mas a sensação de fuga era forte demais para ignorar. Compartilhávamos de um senso de urgência não expressado, mas dominante, e sem discussão concordamos em seguir para o ponto mais longe que conseguíssemos.

Minha passageira estava perdendo o medo ou simplesmente ficando cansada demais para se importar. Depois de uma parada à meia-noite para nos refrescarmos, ela permitiu que Ian e Myers a colocassem de novo sobre o cavalo sem protestar, e apesar de não

soltar minha cintura, parecia cochilar de vez em quando, com a testa pressionada contra meu ombro.

A fadiga pela viagem longa também tomou conta de mim, aumentada pelas batidas hipnóticas das patas dos cavalos e o farfalhar infundável dos pinheiros acima de nós. Ainda estávamos na floresta e os troncos altos e retos nos cercavam como mastros de navios havia muito afundados.

Versos de uma antiga canção escocesa surgiram em minha mente — *“Quantos morangos crescem no mar salgado; quantos navios navegam pela floresta?”* — e eu me perguntei se seu compositor tinha passado por um lugar assim, sobrenatural sob a meia-lua e o brilho das estrelas, parecendo um sonho no qual os limites entre os elementos se perdiam. Podíamos até estar boiando, e os movimentos sob meu corpo podiam ser o tremor da prancha, e o som dos pinheiros, o vento nas nossas velas.

Paramos de madrugada, apeamos, amarramos os cavalos e deixamos que eles se alimentassem na grama alta de um pequeno campo. Encontrei Jamie e me aninhei em um tufo de grama ao lado dele, e a última coisa que ouvi foi o ruminar pacífico dos cavalos.

Dormimos pesado em meio ao calor do dia, e acordamos quase ao pôr do sol, retesados, sedentos e cobertos por carrapatos. Fiquei muito feliz por perceber que os carrapatos pareciam não gostar da minha carne, assim como os pernilongos, mas eu aprendera, em nossa viagem ao norte, a checar Jamie e os outros sempre que dormíamos. Sempre havia transgressores.

— Eca — falei, examinando uma espécie particularmente grande, do tamanho de uma uva, alojado entre os pelos cor de canela da axila de Jamie. — Nossa, estou com medo de puxar esse. Está tão grande que provavelmente vai estourar.

Ele deu de ombros, ocupado examinando o couro cabeludo com a outra mão, à procura de mais invasores.

— Deixe-o aí enquanto cuida dos outros — sugeriu ele. — Talvez ele caia sozinho.

— Acho melhor — concordei com relutância.

Eu não tinha nenhuma objeção a estourar o carrapato, mas não enquanto ele ainda estivesse grudado à carne de Jamie. Eu já tinha

visto infecções causadas pela retirada forçada de carrapatos, e não eram algo com que eu quisesse lidar no meio de uma floresta. Eu só tinha levado um pequeno estojo de medicamentos, mas dentro dele havia uma pinça de pontas muito finas que peguei da caixa do dr. Rawlings.

Myers e Ian pareciam estar se virando bem. Os dois estavam sem camisa, Myers agachado sobre o rapaz como um babuíno enorme, mexendo nos cabelos de Ian.

— Aqui tem um pequeno — disse Jamie, inclinando-se e afastando os cabelos para que eu pudesse pegar a bolinha preta atrás de sua orelha. Eu estava ocupada tentando tirar a criatura com cuidado, quando percebi uma presença ao meu lado.

Eu estava cansada demais para dar atenção à nossa fugitiva quando montamos acampamento, certa de que ela não partiria pela floresta sozinha. Mas ela fora a um riacho próximo e voltou com um balde de água.

Ela o colocou no chão e pegou a água com as mãos. Encheu a boca e mastigou de modo vigoroso por um momento, bochechas cheias. Então, ela me moveu para o lado e, erguendo o braço de um Jamie surpreso, cuspiu com força em sua axila.

Levou a mão aos pelos molhados e, com dedos delicados, pareceu pegar o parasita. Fez cócegas em Jamie, pois ele tinha muita sensibilidade naquela região. Ele ficou corado e se retraiu com o toque, todos os músculos do torso se contraindo.

Ela segurou o pulso dele com força e, segundos depois, o carrapato grande caiu na palma de sua mão. Ela o jogou fora com desdém e se virou para mim com um leve ar de satisfação.

Pensei que ela parecia uma bola, encolhida dentro de sua capa. Sem ela, continuava parecendo uma bola. Ela era muito baixa, não tinha mais do que 1,20m, e era quase da mesma largura, com a cabeça quase raspada, parecendo uma bola de canhão, as faces tão redondas que os olhos eram quase esticados.

Ela era igualzinha a uma das imagens de fertilidade africanas que eu vira nas Índias, com peitos enormes, quadril largo e a cor intensa de café queimado de uma congoleza, a pele tão perfeita que parecia pedra polida sob a camada fina de suor. Ela estendeu a

mão para mim, mostrando objetos em sua mão, do tamanho e formato de feijão-de-lima.

— Paw-paw — disse ela, com uma voz grave que fez até Myers se virar para ela, assustado. Era uma voz forte e intensa, reverberante como um tambor. Ao ver minha reação a ela, ela sorriu um pouco tímida, e disse algo que eu não entendi, apesar de saber que era gaélico.

— Ela disse que você não deve engolir as sementes, pois são venenosas — traduziu Jamie, olhando para ela meio assustado enquanto secava a axila com a ponta do pano.

— Hau — concordou Pollyanne, assentindo vigorosamente. — Ven-neno. — Ela se abaixou sobre o balde para encher a boca de novo, lavou ao redor dos lábios e cuspiu em uma pedra com um barulho parecido com um tiro.

— Você poderia ser perigosa com isso — disse a ela.

Eu não sabia se ela me entendia, mas percebeu, pelo meu sorriso, que eu pretendia ser simpática. Sorriu para mim, enfiou mais duas sementes na boca e fez um gesto para Myers, já mastigando, as sementes estalando enquanto ela as pulverizava com os dentes.

Quando terminamos de jantar e estávamos prontos para partir, ela ficou nervosa, mas disposta a tentar seguir sozinha no cavalo. Jamie a ajudou e mostrou que ela deveria deixar o animal cheirá-la. Ela tremeu quando o focinho enorme encostou nela, mas então o cavalo bufou. Ela se sobressaltou, rindo com uma voz gostosa como mel despejado de um jarro, e permitiu que Jamie e Ian a ajudassem a montar.

Pollyanne continuava com vergonha dos homens, mas logo ganhou confiança suficiente para falar comigo, numa mistura poliglota de gaélico, inglês e seu idioma. Eu não teria conseguido traduzir, mas seu rosto e seu corpo eram tão expressivos que eu sempre conseguia entender o que ela estava dizendo, apesar de só compreender uma palavra a cada dez. Uma pena eu não ser igualmente fluente em linguagem corporal. Ela não entendia a maioria das minhas perguntas e dos meus comentários, por isso eu

tinha que esperar até montarmos acampamento, quando podia contar com a ajuda de Jamie ou Ian nas partes em gaélico.

Liberta — pelo menos temporariamente — das pressões do medo e tornando-se cada vez mais calma em nossa companhia, uma personalidade naturalmente efervescente surgiu, e ela começou a falar sem parar enquanto seguíamos, independentemente de eu compreender ou não, e ria de vez em quando com um som baixo como o vento soprando pela entrada de uma caverna.

Ela só se retraiu uma vez: quando passamos por uma ampla clareira na qual a grama subia em estranhos montes ondulantes, como se uma grande serpente estivesse enterrada por baixo. Pollyanne se calou ao vê-los e, numa tentativa de fazer o cavalo avançar, só puxou as rédeas e fez com que ele parasse. Eu voltei para ajudá-la.

— *Droch àite* — murmurou ela, olhando pelo canto do olho para os montes silenciosos. Um lugar ruim. — *Djudju*. — Ela fez uma carranca e um gesto rápido com a mão, um sinal contra o mal, pensei.

— É um cemitério? — perguntei a Myers, que havia voltado para ver por que tínhamos parado. Os montes tinham espaços iguais entre eles, mas eram distribuídos ao redor da margem da clareira de um modo que não parecia uma formação natural. Eles pareciam grandes demais para serem túmulos... a menos que fossem dólmens, como aqueles que os antigos escoceses construíam, ou valas comuns, pensei, lembrando com tristeza de Culloden.

— Não diria um cemitério — respondeu ele, puxando o chapéu para trás na cabeça. — Aqui já foi um vilarejo. Tuscarora, acredito. Aquelas elevações ali — ele fez um gesto com a mão — são casas derrubadas. A grande mais para o lado deve ter sido a casa do líder. Em pouco tempo, a grama tomou conta de tudo. Mas pelo que dá pra ver, esse local foi coberto há muito tempo.

— O que aconteceu? — Ian e Jamie tinham parado também e voltado a fim de olhar para a clareira.

Myers coçou a barba de modo pensativo.

— Eu não sei ao certo. Pode ser que uma doença tenha matado todas as pessoas, pode ser que eles tenham sido expulsos pelos índios Cherokee ou pelos Creek, apesar de estarmos um pouco mais ao norte das terras dos Cherokee. Mas provavelmente aconteceu durante a guerra. — Ele coçou a barba ainda mais e tirou outro carrapato que encontrou ali. — Não posso dizer que este é um lugar onde eu escolheria ficar.

Era óbvio que Pollyanne pensava a mesma coisa, e seguimos em frente. Quando anoiteceu, já tínhamos passado totalmente pelos pinheiros e pelos carvalhos dos montes. Subíamos num bom ritmo agora, e as árvores começaram a mudar. Pequenas áreas de castanheiras, grandes campos de carvalho e nogueira, com cornisos espalhados e caquizeiros, mais pés de castanhas e de choupobranco nos cercavam em meio à mata.

O cheiro e a atmosfera também mudaram conforme subimos. As resinas quentes dos pinheiros deram lugar a cheiros mais suaves e variados, folhas de árvores se misturavam com arbustos e flores que cresciam por todas as rachaduras das rochas. Ainda estava úmido, mas não tão quente. O ar deixara de parecer uma estufa, e começamos a respirar melhor — e a respirar com prazer, pois sentíamos os perfumes de folhas esquentadas pelo sol e de musgo úmido.

No pôr do sol do sexto dia, nós nos encontrávamos nas montanhas, e o ar estava tomado pelo som da água que corria. Riachos cruzavam os vales, descendo pelos penhascos e pelas rochas íngremes, passando pela névoa e pelo musgo como uma franja verde. Quando demos a volta pelo lado de uma ladeira, eu parei surpresa. Na lateral de uma montanha distante, uma queda-d'água descia em arco por cerca de vinte metros até o desfiladeiro lá embaixo.

— Olhem só para isso! — Ian estava boquiaberto de encantamento.

— Bem bonito — concordou Myers, com autoridade complacente. — Não é a maior queda-d'água que já vi, mas é bem bonita.

Ian virou a cabeça, olhos arregalados.

— Há maiores?

Myers riu, o riso baixo de um homem da montanha, que não passava de um suspiro forte.

— Rapaz, você ainda não viu nada.

Acampamos em uma depressão perto de um riacho de tamanho razoável — grande o suficiente para haver trutas. Jamie e Ian entraram nele com entusiasmo, pegando os peixes com aparatos feitos com o salgueiro negro. Eu esperava que eles tivessem sorte. Nossas provisões estavam acabando, apesar de ainda termos bastante farinha de milho.

Pollyanne subiu a ribanceira trazendo um balde de água com o qual poderíamos fazer mais bolinhos de milho. Eram biscoitos pequenos de milho feitos para viagem. Deliciosos quando frescos e quentes, e pelo menos comestíveis no dia seguinte. Eles se tornavam cada vez menos gostosos com o tempo, parecendo pequenos pedaços de cimento no quarto dia. Ainda assim, eram fáceis de transportar e não mofavam com facilidade, por isso nós os levávamos conosco, além da carne de boi e de porco secas.

O ânimo natural de Pollyanne parecia um pouco menos intenso, e seu rosto redondo estava mais sério. Suas sobrancelhas eram tão finas que quase não existiam, com o efeito paradoxal de aumentar a expressividade de seu rosto em movimento e de tirar toda a sua expressão quando em repouso. Ela sabia ser impassível como uma porta quando queria, uma habilidade útil para um escravo.

Acredito que sua preocupação se devia, pelo menos em parte, ao fato de aquela ser nossa última noite juntos. Nós havíamos chegado ao interior, ao limite da terra da Coroa. No dia seguinte, Myers viraria para o norte, levando-a pelas montanhas até as terras indígenas, para encontrar a segurança e a vida que ela pudesse ter ali.

Sua cabeça redonda e escura estava abaixada sobre a tigela de madeira, os dedos grossos misturando a farinha de milho com a água e a banha de porco. Eu me abaixei à frente dela, colocando gravetos dentro da fogueira pequena, a grelha de ferro preto já untada ao lado. Myers havia se afastado para fumar um cachimbo.

Eu ouvia Jamie chamar Ian de algum ponto rio abaixo, e também uma risada abafada em resposta.

Estava muito escuro agora. Nossa depressão era cercada por montanhas, e a escuridão parecia preencher o vale raso, subindo pelos troncos das árvores ao nosso redor. Eu não fazia ideia do lugar de onde ela tinha vindo, se era uma floresta ou uma selva, se tinha mar ou era desértico, mas imaginei que dificilmente seria como aquele lugar.

Em que ela poderia estar pensando? Ela sobrevivera à viagem da África e à escravidão. Acredito que, independentemente do que houvesse mais à frente, não poderia ser muito pior. Mas era um futuro desconhecido entrar numa mata tão vasta e absoluta que eu sentia cada momento como se pudesse desaparecer nele, consumida sem nenhum vestígio. Nossa fogueira parecia um simples brilho contra a vastidão da noite.

Rollo caminhou em direção à luz da fogueira e se balançou, espalhando água em todas as direções, fazendo a fogueira tilintar. Pude ver que ele ajudara na pesca.

— Vá embora, cachorro horrroso — falei.

Ele não foi, claro. Simplesmente se aproximou e me cutucou com o focinho, para ter certeza de que eu ainda era quem ele achava que eu fosse, e então se virou e fez a mesma coisa com Pollyanne.

Sem nenhuma expressão, ela virou a cabeça e cuspiu no olho dele. Ele gritou, se afastou e ficou balançando a cabeça, parecendo totalmente surpreso. Ela olhou para mim e sorriu, os dentes muito claros no rosto.

Eu ri e decidi não me preocupar muito. Qualquer pessoa capaz de cuspir no olho de um lobo conseguiria lidar com os índios, com a selva e com o que aparecesse pela frente.

A tigela estava quase vazia, uma fileira organizada de bolinhos de milho sobre a grelha. Pollyanne limpou os dedos em um monte de grama, observando os bolinhos amarelos começarem a assar e se tornarem marrom conforme a banha derretia. Um cheiro quente e reconfortante subiu da fogueira, misturado ao da madeira queimada, e minha barriga roncou de fome. O fogo parecia mais

forte agora, e o cheiro da comida espalhava seu calor em um círculo mais amplo, mantendo a noite afastada.

Seria assim no lugar de onde ela viera? Será que as fogueiras e a comida mantinham afastada a escuridão de uma selva e detinham os leopardos em vez de ursos? Será que a luz e a companhia davam conforto e a ilusão de segurança? Pois seria apenas ilusão, uma vez que o fogo não protegia contra os homens, nem a escuridão que a tomara. Eu não tinha palavras para perguntar.

— Nunca vi uma pesca assim, nunca — repetia Jamie pela quarta vez, com uma cara de felicidade enquanto abria uma truta frita com farinha de milho. — Elas estavam fervilhando na água, não é, Ian?

Ian assentiu com um olhar que parecia de respeito.

— Meu pai daria a outra perna para ver algo assim — disse ele. — Elas pulavam no gancho, tia, de verdade!

— Os índios não costumam usar ganchos e linhas — disse Myers, espetando seu peixe com a faca. — Eles constroem armadilhas para os peixes, e às vezes colocam gravetos e obstáculos no rio para impedir que os peixes passem. Então param acima deles com uma lança afiada e apenas os tiram da água espetando-os.

Aquilo foi o suficiente para Ian. Qualquer comentário sobre os índios e seus modos de vida causava várias perguntas interessadas. Depois de exaurir os métodos de pesca, ele perguntou de novo sobre o vilarejo abandonado que tínhamos visto mais cedo em nossa viagem.

— Você disse que pode ter acontecido na guerra — disse Ian, tirando as espinhas de uma truta fumegante, balançando a mão para esfriá-la. Passou um pedaço do peixe sem espinhas para Rollo, que engoliu tudo de uma vez, apesar da quentura. — Foi na guerra com os franceses, então? Eu não tinha conhecimento de conflitos tão ao sul.

Myers balançou a cabeça, mastigando e engolindo antes de responder.

— Ah, não. Eu me referia à Guerra Tuscarora. Pelo menos é assim que eles a chamam do lado branco.

A Guerra Tuscarora, ele explicou, fora um conflito de curta duração, porém brutal, ocorrido cerca de quarenta anos antes, causado por um ataque a colonizadores do interior. O então governador da colônia havia enviado tropas aos vilarejos de Tuscarora em retaliação, e o desfecho fora uma série de batalhas que os colonos, com muito mais armas, tinham vencido — até a devastação da nação de Tuscarora.

Myers acenou na direção da escuridão.

— Não há mais do que sete vilarejos dos Tuscarora agora, e não mais do que cinquenta ou cem almas no maior deles. — Tão reduzidos, os Tuscarora rapidamente se tornariam alvos das tribos próximas e desapareceriam por completo se não tivessem sido formalmente adotados pelos moicanos, e assim se tornado parte da poderosa Liga dos Iroqueses.

Jamie voltou para a fogueira com uma garrafa em seu alforje. Era uísque escocês, um presente de Jocasta. Ele encheu um copo pequeno e então ofereceu a garrafa pela metade a Myers.

— A terra dos moicanos não fica muito longe ao norte? — perguntou Jamie. — Como eles podem oferecer proteção a seus semelhantes aqui, com tribos hostis por todos os lados?

Myers tomou um gole de uísque e o passou de modo prazeroso por toda a boca antes de responder.

— Hum. É uma bebida boa, amigo James. Ah, os moicanos estão longe, sim. Mas os iroqueses são um nome de peso, e de todas as seis nações, a dos moicanos é a mais feroz. Ninguém — vermelho ou branco — mexe com os moicanos sem um bom motivo. Não, senhor.

Eu fiquei fascinada com isso. E também muito feliz por saber que o território dos moicanos ficava bem longe de onde estávamos.

— Por que os moicanos quiseram adotar os Tuscarora, então? — perguntou Jamie, erguendo uma sobrancelha. — Não parece que eles precisam de aliados, se são tão durões quanto você diz.

Os olhos castanhos de Myers tinham se tornado embaçados sob a influência do bom uísque.

— Ah, eles são durões, sim, mas são mortais — disse ele. — Os indígenas são homens de sangue forte, ainda mais os moicanos. São homens de honra, saiba disso... — ele ergueu um dedo em alerta —, mas matam por vários motivos, alguns razoáveis, outros não. Eles atacam entre eles e matam por vingança. Nada detém um moicano que procura vingança, a não ser que ele seja morto. E mesmo assim, seu irmão, filho ou sobrinho irá atrás de quem o matou.

Myers lambeu os lábios pensativo, saboreando o uísque em sua pele.

— Às vezes, os índios não matam por nenhum motivo razoável para um branco. Sobretudo quando há álcool no meio.

— Parecem os escoceses — murmurei a Jamie, que me lançou um olhar frio.

Myers pegou a garrafa de uísque e a rolou devagar entre as palmas das mãos.

— Qualquer homem pode beber uma gota a mais e fazer coisas erradas por isso, mas com os índios, a primeira gota é demais. Já soube de mais de um massacre que não teria acontecido se o homem não estivesse tomado pela bebida.

Ele balançou a cabeça, lembrando o que dizia.

— Mas é uma vida dura e sangrenta. Algumas tribos são eliminadas por completo, e nenhuma tem homens para desperdiçar. Então, eles adotam pessoas para a tribo, a fim de substituir aqueles que são mortos ou que morrem por alguma doença. Eles fazem prisioneiros, às vezes — e os aceitam na família, tratam como se fosse um deles. É o que fazem com a srta. Polly.

Ele fez um meneio de cabeça para Polly, que estava em silêncio sentada ao lado do fogo, sem prestar atenção ao que ele dizia.

— Cinquenta anos atrás, os moicanos aceitaram e adotaram a tribo inteira dos Tuscarora. Poucas tribos falam a mesma língua — explicou Myers. — Mas algumas são mais próximas do que outras. Os Tuscarora são mais parecidos com os moicanos do que com os Creek ou os Cherokee.

— Sabe falar a língua dos moicanos, sr. Myers? — As orelhas de Ian estavam atentas à explicação. Fascinado com cada pedra,

árvore ou pássaro de nossa viagem, Ian estava ainda mais encantado com o relato sobre os índios.

— Ah, bastante. — Myers deu de ombros de modo modesto. — Qualquer comerciante aprende algumas palavras aqui e ali. Sai, cachorro.

Rollo, que havia se aproximado o suficiente para cheirar a última truta de Myers, balançou as orelhas com a repreensão, mas não afastou o focinho.

— Você está dizendo que vamos levar a srta. Polly aos Tuscarora? — perguntou Jamie, separando um bolinho de milho em pedaços mastigáveis.

Myers assentiu, mastigando devagar. Com poucos dentes na boca, até mesmo mastigar bolinhos frescos de milho era difícil.

— Sim. Ainda temos quatro ou cinco dias de viagem — explicou ele. Voltou-se para mim com um sorriso tranquilizador. — Cuidarei para que ela se estabeleça por lá, sra. Claire, não se preocupe com ela.

— O que será que os índios pensarão dela? — perguntou Ian. Ele olhou para Pollyanne, interessado. — Será que já viram uma negra?

Myers riu.

— Rapaz, muitos índios Tuscarora nunca viram um *branco*. A sra. Polly não vai chocá-los mais do que a sua tia faria. — Myers tomou um grande gole de água e lavou a boca, olhando para Pollyanne de maneira pensativa. Ela sentiu que ele a observava, e olhou também, sem piscar.

— Eu diria que eles a considerariam bela. Eles gostam de uma mulher rechonchuda. — Era quase óbvio que Myers tinha a mesma admiração. Ele observou Pollyanne apreciando-a, com um toque de malícia inocente.

Ela percebeu e uma mudança extraordinária ocorreu. Ela mal se mexeu, mas se concentrou totalmente em Myers. O branco de seus olhos não apareciam. Eles eram negros e impenetráveis, brilhando à luz da fogueira. Ela continuava baixinha e pesada, mas com apenas uma leve mudança na postura, o tamanho de seus

seios e a largura de seu quadril foram enfatizadas, repentinamente indicando uma promessa de abundância obscena.

Myers engoliu em seco, uma reação audível.

Desviei o olhar da situação e vi Jamie observando também, com uma expressão dividida entre diversão e preocupação. Eu o cutuquei discretamente e o encarei, em uma expressão que dizia do modo mais explícito possível: “Faça alguma coisa!”

Ele estreitou um dos olhos.

Arregalei os meus e olhei para ele fixamente, um olhar que podia ser traduzido como: “Não sei, mas faça alguma coisa!”

— Hummm.

Jamie pigarreou, inclinou-se para a frente e pousou a mão no braço de Myers, tirando o homem enorme de seu transe momentâneo.

— Eu não gostaria que a mulher fosse abusada de nenhuma maneira — disse ele, educadamente, mas com um toque escocês no “abusada” que indicava a possibilidade de indecência sem limites. Ele pressionou um pouco mais. — O senhor garante a segurança dela, sr. Myers?

Myers olhou para ele com cara de incompreensão, que claramente foi se desfazendo, substituída pelo entendimento em seus olhos castanhos e injetados. O homem grande puxou o braço devagar, e então pegou seu copo, tomou um último grande gole de uísque, tossiu e limpou a boca. Ele poderia estar corando, mas era impossível dizer por causa da barba.

— Ah, sim. Ou melhor, ah, não. Não, de fato. As mulheres moicanas e as Tuscarora escolhem com quem se deitam, até com quem se casam. Não há estupro entre elas. Ah, não. Não, senhor. Ela não será abusada, posso prometer isso.

— Ótimo, fico feliz em saber. — Jamie se recostou, tranquilo, e me lançou um olhar de “Acredito que esteja satisfeita”. Eu sorri de forma recatada.

Ian podia não ter nem dezesseis, mas era observador demais e não perdeu a cena. Ele tossiu de um modo significativo e escocês.

— Tio, o sr. Myers foi muito gentil em me convidar para ir com ele e a sra. Polly conhecer o vilarejo indígena. Eu vou cuidar para

que ela receba bom tratamento lá.

— Você... — começou Jamie, mas parou. Ele lançou ao sobrinho um olhar longo e duro do outro lado da fogueira. Eu conseguia ver os pensamentos girando em sua mente.

Ian não pedira permissão para ir. Ele anunciara que iria. Se Jamie o proibisse, teria que apresentar um motivo, e não poderia simplesmente dizer que era muito perigoso, pois isso seria como admitir que estava disposto a mandar a escrava para uma situação de perigo e também que não confiava em Myers e em suas relações com os indígenas da região. Jamie estava sem saída, de fato.

Ele respirou fundo pelo nariz. Ian sorriu.

Eu olhei para o outro lado da fogueira. Pollyanne ainda estava sentada como estivera, sem se mexer. Seus olhos ainda estavam fixos em Myers, mas esboçava um leve sorriso convidativo. Levantou uma mão devagar, segurando um dos enormes peitos, quase distraidamente.

Myers estava olhando, enfeitiçado como um veado com a lanterna de um caçador mirada em seus olhos.

E eu faria de modo diferente se soubesse que minha vida dependia de um homem?, pensei mais tarde, ouvindo os barulhos discretos e os pequenos gemidos que vinham dos cobertores de Myers. Eu não faria qualquer coisa que pudesse para garantir minha proteção diante do perigo desconhecido?

Ouvi um estalar e um farfalhar nos arbustos, não muito distante. Foi alto, e eu fiquei tensa. Assim como Jamie. Ele tirou a mão de baixo da minha blusa, pegando seu punhal, e então relaxou quando sentimos o cheiro de um gambá.

Enfiou a mão por dentro da minha blusa de novo, apertou meu seio e voltou a dormir, a respiração quente em meu pescoço.

Talvez não houvesse diferença. Meu futuro era mais certo do que o dela? E eu não dependia de um homem ligado a mim — pelo menos em parte — pelo desejo que sentia por meu corpo?

Um vento leve soprou entre as árvores, e eu subi mais o cobertor em meus ombros. A fogueira já tinha se apagado e, no topo das montanhas, a noite era fria. A lua aparecera, mas estava

muito claro. O brilho das estrelas estava fraco, uma rede de luzes sobre os picos das montanhas.

Não, havia diferença. Por mais incerto que fosse meu futuro, ele seria compartilhado, e o elo entre mim e meu homem ia muito além da carne. E, além de tudo isso, havia uma outra grande diferença: eu estava ali por vontade própria.

NOBRES SELVAGENS

Nós nos despedimos dos outros pela manhã, e Jamie e Myers fizeram questão de combinar um encontro em dez dias. Olhando ao redor para a imensidão da floresta e das montanhas, eu não conseguia imaginar como alguém poderia ter a certeza de encontrar um local específico de novo. Eu teria que confiar no senso de direção de Jamie.

Eles viraram para o norte, e nós para o sudeste, passando pelo rio à beira do qual acampamos. Pareceu muito silencioso à primeira vista, e estranhamente solitário, com apenas nós dois. Mas, em pouco tempo, nós nos acostumamos com a solidão e começamos a relaxar, observando o ambiente com interesse. Afinal, ali poderia ser nosso lar.

Pensar nisso era um pouco assustador. O local era de incrível beleza e riqueza, mas tão selvagem que parecia quase impossível que pessoas morassem ali. Entretanto, não expressei esse pensamento, só segui o cavalo de Jamie enquanto ele nos levava mais para dentro das montanhas, parando, finalmente, no fim da tarde para levantar um pequeno acampamento e pegar um peixe para o jantar.

A luz desapareceu lentamente em meio às árvores. Os troncos grossos e musgosos iam sendo tomados pela sombra, e as beiradas ainda eram circundadas por uma luz fugidia que se escondia entre as folhas, sombras verdes mudando de acordo com a brisa do pôr do sol.

De repente, uma pequena luz iluminou a grama a alguns metros dali, fria e reluzente. Vi mais uma e outra, e a beira da floresta ficou cheia delas, preguiçosamente caindo, e então desaparecendo, faíscas frias dançando na escuridão crescente.

— Sabe, nunca vi vaga-lumes antes de ir morar em Boston — falei, tomada pelo prazer de vê-los, brilhos cor de esmeralda e topázio na grama. — Não há vaga-lumes na Escócia, certo?

Jamie balançou a cabeça negando, reclinando-se preguiçosamente na grama, um braço atrás da cabeça.

— Coisinhas bonitinhas — observou ele, e suspirou feliz. — Este é o meu período preferido do dia. Quando morava na caverna, depois da Batalha de Culloden, eu saía quando era quase noite e me sentava em uma pedra, esperando a escuridão.

Seus olhos estavam semicerrados, observando os vaga-lumes. As sombras subiram conforme a noite saiu da terra e foi para o céu. Um momento antes, a luz que passava pelas folhas de carvalho pintava-o de castanho-claro. Agora que a claridade diminuía, ele permanecia em um tipo de brilho verde e leve, as linhas de seu corpo sólidas e intangíveis ao mesmo tempo.

— Os pequenos insetos saem agora, as mariposas e os mosquitos-pólvora. Todas as coisinhas que se mantêm em nuvens sobre a água. Sabe, as andorinhas os comem, e depois os morcegos, sobrevoando a água. E o salmão, subindo à noite e formando anéis na água.

Os olhos dele estavam abertos agora, fixos no mar de grama na encosta, mas eu sabia que ele via a superfície do pequeno lago perto de Lallybroch, tomado pelas marolas passageiras.

— É só um momento, mas temos a sensação de que durará para sempre. Estranho, não? — disse ele de modo pensativo. — Quase dá para ver a luz sumir enquanto observamos, e ainda assim não há um instante em que você possa olhar e dizer: “Agora! Esta é a noite.” — Ele fez um gesto para a abertura entre os carvalhos e o vale abaixo, suas depressões tomadas pela escuridão.

— Não. — Eu me deitei na grama ao lado dele, sentindo a umidade morna da grama moldar a pele de gamo ao meu corpo. A atmosfera estava pesada e fria sob as árvores, como o ar em uma igreja, fraca e fragrante com um cheiro que lembrava incenso. — Você se lembra do padre Anselm da abadia? — Olhei para a frente. A cor estava passando das folhas de carvalho acima de nós, deixando a vegetação prateada de baixo cinza como pelo de rato.

— Ele dizia que sempre havia uma hora no dia quando o tempo parecia parar... mas era diferente para todo mundo. Ele acreditava que era a hora em que a pessoa tinha nascido.

Eu virei a cabeça para olhar para ele.

— Você sabe quando nasceu? — perguntei. — Eu me refiro à hora do dia.

Ele olhou para mim e sorriu, rolando para me olhar.

— Sim, eu sei. Talvez ele estivesse certo, então, pois eu nasci na hora do jantar. No anoitecer do primeiro dia de maio.

Ele afastou um vaga-lume e sorriu para mim.

— Eu nunca contei essa história a você? Que minha mãe tinha colocado uma panela de *brose* no fogo, e então as dores vieram tão depressa que ela não teve tempo para pensar, e ninguém se lembrou até sentir o cheiro de queimado, e o jantar e a panela ficaram arruinados? Não havia mais nada na casa para comer, exceto uma torta grande de groselha. Então, todos comeram aquilo, mas havia uma nova empregada e as groselhas estavam verdes, e todos eles — exceto minha mãe e eu, claro —, passaram a noite sofrendo de indigestão.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Meu pai disse que demorou meses para conseguir olhar para mim sem sentir cólicas intestinais.

Eu ri, e ele estendeu o braço para pegar uma folha de meus cabelos.

— E a que horas você nasceu, Sassenach?

— Não sei — falei, com o peso comum da tristeza pela minha família perdida. — Não estava em minha certidão de nascimento, e se o tio Lamb sabia, ele não me contou. Mas sei quando Brianna nasceu — acrescentei, mais animada. — Ela nasceu três minutos depois das três da manhã. Havia um relógio enorme na parede da sala de parto, e eu vi.

Fraca como estava a luz, eu conseguia claramente ver seu olhar de surpresa.

— Você estava acordada? Pensei que tivesse me dito que as mulheres são drogadas para não sentir a dor.

— A maioria, sim. Mas não deixei que eles me dessem nada. — Olhei para cima. As sombras estavam pesadas ao nosso redor, mas o céu ainda estava claro e leve acima, um azul suave e brilhante.

— Por que não? — perguntou Jamie, incrédulo. — Nunca vi uma mulher dar à luz, mas já *ouvi* mais de uma vez, posso dizer. E não consigo entender por que uma mulher em sã consciência faria isso, tendo a opção de escolher não fazer.

— Bem... — Eu fiz uma pausa, sem querer parecer melodramática. Mas era a verdade. — Bem — falei de modo desafiador —, pensei que ia morrer e não queria morrer dormindo.

Ele não ficou chocado. Só ergueu uma sobrancelha e bufou se divertindo.

— Não queria?

— Não, você gostaria? — Virei a cabeça para olhar para ele, que passou a mão na ponte do nariz, ainda se divertindo com a pergunta.

— Sim, bem, talvez. Cheguei perto de morrer enforcado e não gostei nem um pouco da espera. Quase fui morto em batalha algumas vezes. Não posso dizer que me preocupei muito com a morte naquela ocasião, porque estava ocupado demais para pensar nisso. E então, quase morri de ferimentos e febre, e isso foi sofrimento suficiente para eu querer muito morrer. Mas, de modo geral, se pudesse escolher, acho que talvez não me importaria em morrer dormindo.

Ele se inclinou e me deu um beijo suave.

— De preferência na cama, ao seu lado. Numa idade muito avançada, saiba disso. — Jamie encostou a língua com delicadeza em meus lábios, ficou de pé e bateu as folhas secas de carvalho das calças. — Melhor fazermos uma fogueira enquanto há luz suficiente para enxergarmos — disse ele. — Você vai pegar os peixinhos?

Eu o deixei cuidando do fogo e desci o pequeno monte até o rio, onde havíamos deixado as trutas recém-pescadas penduradas em uma rede na corrente gélida. Quando subi o monte, já estava escuro o suficiente a ponto de eu vê-lo apenas de perfil, agachado diante de uma pequena pilha de lenha em brasa. Um pouco de fumaça subiu como incenso, pálida entre as mãos dele.

Coloquei os peixes na grama e me agachei ao lado de Jamie, observando enquanto ele dispunha lenhas frescas na fogueira, aumentando-a pacientemente, uma barricada contra a noite que chegava.

— Como você acha que é morrer? — perguntei de repente.

Ele olhou para o fogo, pensando. Um galho em chamas estalou com o calor, espalhando faíscas no ar, que voaram e se apagaram antes de tocar o chão.

— “O homem é como a grama que murcha e é jogada na fogueira. Ele é como as faíscas que sobem... e seu lugar não mais o conhecerá.” — citei baixinho. — Você acha que não existe nada depois?

Jamie balançou a cabeça, olhando para o fogo. Eu o vi olhar mais adiante, onde as faíscas claras dos vaga-lumes piscavam entre os galhos escuros.

— Não sei — sussurrou ele. Seu ombro tocou o meu e eu inclinei a cabeça na direção dele. — É o que a Igreja diz, mas... — Ele ainda olhava fixamente para os vaga-lumes que apareciam entre a grama, com a luz constante. — Não, não sei. Mas acho que talvez fique tudo bem.

Jamie inclinou a cabeça, pressionando o rosto em meus cabelos por um momento, e então se levantou, pegando o punhal.

— A fogueira está bem alimentada agora.

A atmosfera pesada da tarde havia melhorado com a vinda do anoitecer, e uma brisa suave soprava os fios úmidos dos cabelos para longe do meu rosto. Permaneci sentada com o rosto virado para cima, olhos fechados, aproveitando o frescor depois do calor do dia.

Ouvia Jamie trabalhando ao redor da fogueira, e o deslizar rápido e macio de sua faca enquanto ele descascava galhos verdes de carvalho para assar o peixe.

Acho que talvez fique tudo bem. Eu também achava. Não havia como saber o que nos esperava do outro lado da vida, mas eu permanecera muitas horas como se o tempo tivesse parado, sem pensar, com a alma calma, olhando para... o quê? Para algo que

não tinha nem nome nem rosto, mas que parecia bom para mim, e cheio de paz. Se a morte estivesse ali...

Jamie tocou meu ombro de leve ao passar, e eu sorri, sem abrir os olhos.

— Ai! — murmurou ele do outro lado da fogueira. — Eu me cortei. Que atrapalhado!

Abri os olhos. Ele estava a dois metros e meio de distância, com a cabeça baixa chupando um corte pequeno no nó do polegar. Senti um arrepio subir pelas minhas costas.

— Jamie — falei. Minha voz parecia diferente até mesmo para mim. Senti um ponto frio, pequeno e redondo, centralizado como um alvo na minha nuca.

— Sim?

— Tem... — Engoli, sentindo os pelos se eriçarem em meus braços. — Jamie, tem... alguém... atrás de mim?

Ele olhou para as sombras sobre meu ombro e arregalou os olhos. Não esperei para olhar para trás, mas me joguei no chão, uma atitude que provavelmente salvou minha vida.

Ouvi um barulho alto e senti um cheiro forte e repentino de amônia e peixe. Algo bateu em minhas costas com um impacto que tirou meu fôlego, e então pisou com força em minha cabeça, batendo meu rosto no chão.

Eu me levantei, puxando o ar, tirando as folhas úmidas dos olhos. Um urso grande e preto, rápido como um gato, estava na clareira, e com as patas, espalhava os gravetos em brasa.

Por um momento, meio cega pela terra, não consegui ver Jamie. Mas então eu o localizei. Estava embaixo do urso, um dos braços envolvendo o pescoço dele, a cabeça encaixada na junção com o ombro logo abaixo das presas cheias de baba.

Um dos pés dava chutes sem parar embaixo do urso, batendo no chão para conseguir impulso. Ele havia tirado as botas e as meias quando acampamos. Eu me assustei quando um pé descalço chutou os restos da fogueira, levantando uma chuva de faíscas.

Seu braço estava retesado pelo esforço, meio enterrado no pelo grosso. O braço livre batia sem parar. Pelo menos, ainda

segurava o punhal. Ao mesmo tempo, agarrava o pescoço do animal com toda a força, puxando-o para baixo.

O urso estava avançando, batendo uma das patas, tentando tirar o peso pendurado em seu pescoço. Pareceu perder o equilíbrio e caiu com todo o peso do corpo para a frente com um urro de raiva. Eu ouvi um barulho abafado que não parecia vir do urso, e olhei desesperadamente ao redor à procura de algo para usar como arma.

O urso se levantou de novo, chacoalhando-se violentamente.

Eu vi o rosto de Jamie de relance, contorcido pelo esforço. Ele arregalou um olho ao me ver, e se livrou dos pelos.

— Corra! — gritou. Então, o urso caiu sobre ele de novo, e Jamie desapareceu sob os cento e cinquenta quilos de pelos e músculos.

Pensando vagamente em Mogli e na Flor Vermelha, eu procurei sem parar na terra úmida da clareira e encontrei apenas pedaços pequenos de gravetos queimados e brasas que queimaram meus dedos, mas eram pequenos demais para eu conseguir pegar.

Sempre pensei que ursos urravam quando perturbados. Esse estava fazendo muito barulho, mas mais parecia um porco grande, com gritos e grunhidos intercalados com urros de arrepiar. Jamie também estava fazendo muito barulho, o que era reconfortante naquelas circunstâncias.

Minha mão caiu em algo frio e grudento. Era o peixe, deixado à beira da fogueira.

— Que se dane a Flor Vermelha — murmurei. Peguei uma das trutas pela cauda, corri e bati no focinho do urso com o máximo de força que consegui.

O urso fechou a boca e pareceu surpreso. Então, olhou na minha direção e avançou, movendo-se mais depressa do que pensei ser possível. Eu caí para trás, sentada, e apliquei um golpe final e corajoso com o peixe antes de o urso me atacar, com Jamie ainda agarrado ao seu pescoço.

Foi como entrar em um moedor de carne. Um breve momento de caos total, pontuado por golpes fortes no corpo e a sensação de ser sufocada em um cobertor fedorento de pelos. E então, ele se

foi, deixando-me deitada na grama, de costas, fedendo a urina de urso e olhando para a estrela da noite, que brilhava serenamente no céu.

As coisas estavam bem menos serenas no chão. Eu me apoiei nas mãos e nas pernas gritando “Jamie!” para as árvores, onde uma massa grande e amorfa rolava de um lado a outro, amassando os galhos de carvalho e emitindo uma cacofonia de grunhidos e palavrões em gaélico.

Já estava bem escuro no chão, mas ainda havia luz suficiente vinda do céu para que eu visse as coisas com clareza. O urso havia caído de novo, mas em vez de se levantar e atacar, estava rolando de barriga para cima dessa vez, e as patas de trás se debatiam em um esforço para conseguir apoio. Uma pata da frente fez um movimento forte, e ouvi um gemido alto que não parecia ter sido emitido pelo urso. O cheiro de sangue tomou conta do ar.

— Jamie! — gritei.

Não houve resposta, mas o monte rolou e se inclinou lentamente para o lado em direção às sombras negras sob as árvores. Os barulhos misturados se acalmaram e se tornaram rosnados e respiração ofegante, pontuados por gemidos baixos.

— JAMIE!

Os golpes e ruídos de galhos quebrados diminuíram até se tornarem um farfalhar suave. Algo se movia por baixo dos galhos, de um lado a outro, de quatro.

Lentamente, respirando com dificuldade, Jamie saiu da clareira.

Ignorando meus próprios ferimentos, corri para ele, e caí de joelhos a seu lado.

— Meu Deus, Jamie! Você está bem?

— Não — respondeu Jamie brevemente, e caiu no chão, gemendo baixinho.

Seu rosto não passava de uma mancha pálida sob a luz das estrelas. O resto de seu corpo era tão escuro a ponto de ser quase invisível. Descobri o motivo ao passar as mãos habilmente sobre ele. Suas roupas estavam tão encharcadas de sangue que se grudavam ao corpo, e a camisa desgrudou do peito com certa dificuldade quando a puxei.

— Você está com o mesmo cheiro de um matadouro — falei, procurando sua pulsação sob o queixo. Estava rápida, o que não surpreendia, mas forte, e senti um grande alívio. — O sangue é seu ou é do urso?

— Se fosse meu, Sassenach, eu estaria morto — disse ele com esforço, abrindo os olhos. — Mas não estou morto e não é graças a você. — Ele rolou gemendo de dor para o lado e lentamente se apoiou nas mãos e nos joelhos, resmungando. — O que deu em você, mulher, para bater em minha cabeça com um peixe enquanto eu lutava para me manter vivo?

— Fique parado, pelo amor de Deus! — Ele não deveria estar muito ferido se estava tentando se levantar. Eu o segurei pelo quadril para detê-lo e, ajoelhada atrás dele, passei a mão rapidamente pelas laterais de seu corpo. — Tem alguma costela quebrada? — perguntei.

— Não, mas se você fizer cócegas em mim, Sassenach, não vou gostar nem um pouco — disse ele, com a respiração ofegante entre as palavras.

— Não farei isso — garanti a ele. Passei as mãos com cuidado sobre o arco de suas costelas, apertando levemente. Não havia pontas protuberantes sob a pele nem depressões sinistras ou pontos delicados. Fraturas, talvez, mas ele estava bem, sem nada quebrado. Jamie gritou e se remexeu sob minha mão. — Está doendo aqui?

— Está — respondeu ele entre dentes. Começava a tremer, e eu corri para pegar seu tartã, com o qual cobri seus ombros. — Estou bem, Sassenach — disse ele, recusando minhas tentativas de ajudá-lo a se sentar. — Vá ver os cavalos. Eles devem estar agitados.

E estavam. Nós havíamos amarrado os cavalos um pouco longe da clareira. Eles tinham se afastado bastante assustados, a julgar pelo bater de patas e pelos relinchos que eu ouvia a distância.

Ainda ouvia gemidos vindos das sombras profundas sob as árvores. O som era tão humano que os pelos de minha nuca se eriçaram. Seguindo os sons com cuidado, encontrei os cavalos acuados em uma área de bétulas a alguns metros. Eles relincharam

ao sentir meu cheiro, felizes por me verem, com urina de urso e tudo.

Quando acalmei os cavalos e os levei de volta na direção da clareira, os barulhos vindos das sombras tinham diminuído. Havia um leve brilho na clareira. Jamie conseguira reacender a fogueira.

Estava agachado perto da chama pequena, ainda tremendo. Coloquei muitos gravetos para que ela não se apagasse, e então olhei para ele de novo.

— Você não está muito machucado? — perguntei, ainda preocupada.

Ele me deu um sorriso torto.

— Vou ficar bem. Ele me acertou com força nas costas, mas acho que não foi nada grave. Quer olhar? — Jamie se endireitou, fazendo uma careta, e passou a mão na lateral do corpo enquanto eu me posicionava atrás dele. — Por que ele fez isso? — perguntou, virando a cabeça na direção do corpo do animal. — Myers disse que os ursos pretos não costumam atacar se não forem provocados.

— Talvez outra pessoa o tenha provocado — sugeri. — E foi embora. — Levantei o tartã e assoviei baixinho.

A parte de trás da camisa estava em farrapos, manchada de terra e cinzas, com rastros de sangue. Sangue dele próprio, não do urso, mas não muito, felizmente. Puxei os pedaços com cuidado, abrindo-os, e expus suas costas curvadas. Quatro marcas de garras corriam do ombro à axila. Cortes profundos e terríveis que terminavam em arranhões vermelhos superficiais.

— Ai! — disse em solidariedade.

— Bem, eu sei que minhas costas não são muito bonitas — respondeu ele, numa piada sem graça. — Está muito ruim? — Virou-se, tentando ver, e então parou, gemendo porque o movimento colocava pressão em suas costelas machucadas.

— Não. Mas estão sujas. Vou precisar limpar.

O sangue já havia começado a coagular, os ferimentos teriam que ser limpos de uma vez. Cobri com o tartã e coloquei uma panela com água para ferver, pensando em outras coisas que poderia usar.

— Vi algumas plantas cabeça-de-flecha perto do riacho — comentei. — Acho que consigo encontrar de novo. — Entreguei a ele a garrafa de cerveja que eu trouxera dos alforjes e peguei seu punhal. — Você pode ficar sozinho? — Parei e olhei para ele. Jamie estava muito pálido, e ainda tremia. O fogo reluzia vermelho em suas sobranceiras, destacando seus traços.

— Sim, posso. — Ele tentou sorrir. — Não se preocupe, Sassenach. Pensar em morrer dormindo na cama parece ainda melhor para mim agora do que parecia há uma hora.

A lua em quarto crescente subia brilhando forte sobre as árvores, e eu não tive dificuldade para encontrar o local de que me lembrava. O rio corria frio e prateado à luz da lua, esfriando minhas mãos e meus pés enquanto eu permanecia dentro da água até as panturrilhas, pegando alguns tubérculos das plantas.

Sapinhos coaxavam ao meu redor, e as folhas duras de tífis farfalhavam suavemente à brisa da noite. Estava muito, muito pacífico, e de repente eu me peguei tremendo tanto que tive que me sentar na beira do rio.

A qualquer momento. Poderia acontecer a qualquer momento, e bem rápido. Eu não sabia o que parecia mais irreal: o ataque do urso ou isto, a noite suave de verão, cheia de promessas.

Descansei a cabeça nos joelhos, deixando o enjoo, o resto do choque, sumir. Não importava, disse a mim mesma. Não só a qualquer momento, mas em qualquer lugar. Doença, acidente, bala perdida. Não havia como ninguém escapar, mas como a maioria das pessoas, eu conseguia não pensar nisso na maior parte do tempo.

Estremeci, pensando nas marcas de garras nas costas de Jamie. Se ele tivesse sido mais lento na reação, menos forte... se os ferimentos tivessem sido mais profundos... a infecção ainda era a maior ameaça. Mas pelo menos contra aquele perigo eu conseguia lutar.

Pensar nisso me trouxe de volta à realidade, às folhas amassadas e às raízes frias e úmidas em minha mão. Joguei água fria no rosto e comecei a subir o monte em direção ao acampamento, sentindo-me um pouco melhor.

Via Jamie em meio aos galhos finos, o perfil contra o fogo. Estava sentado ereto, de um modo que certamente devia ser doloroso, considerando seus ferimentos.

Parei e fiquei em alerta quando ele falou.

— Claire? — Ele não se virou, e sua voz estava calma. Não esperou a minha resposta, mas continuou com a voz calma e constante: — Venha por trás de mim, Sassenach, e coloque sua faca em minha mão esquerda. Depois, fique atrás de mim.

Com o coração aos pulos, eu dei os três passos que me levaram a um ponto alto o bastante para que eu visse acima de seu ombro. Do outro lado da clareira, dentro da luz da fogueira, estavam três índios fortemente armados. Evidentemente o urso *fora* provocado.

Os índios olharam para nós com um interesse que foi mais do que recíproco. Havia três deles. Um homem mais velho, cujo rabo de cavalo com pena era grisalho, e dois mais jovens, com cerca de vinte e poucos anos. Pai e filhos, pensei, pois havia uma certa semelhança entre eles, mais de corpo do que de rosto. Os três eram bem baixos, de ombros largos e tinham as pernas arqueadas, com braços compridos e fortes.

Olhei para as armas. O mais velho levava uma arma na curva do braço: uma espingarda francesa antiga, com o cano hexagonal contornado pela ferrugem. Parecia que explodiria em seu rosto caso ele atirasse, mas eu esperava que ele não tentasse.

Um dos jovens levava um arco, com a flecha casualmente encaixada. Os três tinham machados indígenas de aparência assustadora e facas nos cintos. Por mais comprido que fosse, o punhal de Jamie parecia meio inadequado perto daquelas armas.

Jamie deveria ter chegado à mesma conclusão, pois se inclinou para a frente e colocou o punhal casualmente no chão a seus pés. Recostando-se, ele abriu as mãos vazias e deu de ombros.

Os índios riram. Foi um barulho tão diferente de um grito de guerra que eu me vi esboçando um sorriso em resposta, apesar do

meu estômago, menos fácil de desarmar, ter permanecido contraído de tensão.

Vi os ombros de Jamie relaxarem, e me senti um pouco mais calma.

— *Bonsoir, messieurs* — disse ele. — *Parlez-vous français?*

Os índios riram de novo, trocando olhares tímidos. O homem mais velho deu um passo incerto à frente e abaixou a cabeça para nós, balançando as contas de seus cabelos.

— Não... Fransh — disse ele.

— Inglês? — perguntei de modo esperançoso.

Ele olhou para mim com interesse, mas balançou a cabeça. Disse algo a um de seus filhos, que respondeu com a mesma língua ininteligível. O homem mais velho se virou para Jamie e perguntou algo, erguendo as sobrancelhas em questionamento.

Jamie balançou a cabeça sem entender, e um dos jovens avançou à luz da fogueira. Flexionando os joelhos e curvando os ombros, ele jogou a cabeça para a frente e balançou de um lado a outro, espionando numa imitação perfeita de um urso, e Jamie riu alto. Os outros índios sorriram.

O jovem se endireitou e apontou para a manga molhada de sangue da camisa de Jamie, como se perguntasse algo.

— Ah, sim, está ali — disse Jamie, fazendo um gesto em direção à escuridão sob as árvores.

Sem demora, os três desapareceram no escuro, de onde vieram exclamações e murmúrios.

— Está tudo bem, Sassenach — disse Jamie. — Eles não vão nos machucar. São apenas caçadores. — Fechou os olhos brevemente, e eu vi a camada fina de suor em seu rosto. — E é algo bom também, porque acho que vou desmaiar.

— Nem pense nisso. Não *ouse* desmaiar e me deixar sozinha com eles! — Independentemente das possíveis intenções dos selvagens, pensar em enfrentá-los sozinha perto do corpo inconsciente de Jamie era o suficiente para fazer meu estômago doer ainda mais, de pânico. Apoiei a mão em sua nuca e forcei sua cabeça para baixo, para que ficasse entre os joelhos. — Respire —

falei, torcendo água fria do meu lenço em sua nuca. — Pode desmaiar mais tarde.

— Posso vomitar? — perguntou ele, a voz abafada no kilt.

Reconheci o tom de brincadeira e respirei aliviada.

— Não — respondi. — Sente-se, eles estão voltando.

Os índios voltaram arrastando a carcaça do urso. Jamie se sentou e passou o lenço molhado no rosto. Apesar de a noite estar quente, ele tremia um pouco por causa do choque, mas estava razoavelmente firme.

O homem mais velho se aproximou de nós e apontou com as sobrancelhas erguidas primeiro para a faca que estava aos pés de Jamie, e então para o urso morto. Jamie assentiu modestamente.

— Não foi fácil, saibam disso — disse ele.

O índio ergueu ainda mais a sobrancelha. Então, ele abaixou a cabeça, com as mãos estendidas num gesto de respeito. Fez um movimento a um dos mais jovens, que se aproximou, desamarrando um saco de seu cinto.

Empurrando-me para o lado sem cerimônia, o jovem rasgou a camisa de Jamie, tirou-a de seu ombro e observou o ferimento. Despejou um punhado de uma substância grumosa, com pó, na mão, cuspiu copiosamente nela, mexeu para transformá-la em uma pasta de cheiro forte e a espalhou sobre as feridas.

— Agora, vou mesmo vomitar — murmurou Jamie, fazendo uma careta para o unguento nada higiênico. — O que é isso?

— Se tivesse que adivinhar, eu diria trílio misturado com banha de urso — falei, tentando não sentir o cheiro forte. — Acho que não mata, pelo menos espero que não.

— Somos dois, então — sussurrou Jamie. — Não, eu me viro agora, muito obrigado pela gentileza. — Ele recusou mais aplicações, sorrindo de modo educado para o candidato a médico.

Brincando ou não, seus lábios estavam pálidos, mesmo sob a luz fraca da fogueira. Apoiei uma mão em seu ombro não machucado e senti seus músculos tensos com o esforço.

— Pegue o uísque, Sassenach. Preciso muito dele.

Um dos índios pegou a garrafa quando a tirei da bolsa, mas eu a puxei de modo grosseiro. Ele resmungou surpreso, mas não me

seguiu. Apenas pegou a bolsa e começou a vasculhá-la como um porco procurando comida. Eu não o impedi, mas corri de volta a Jamie com o uísque.

Ele tomou um gole pequeno, e então outro maior, estremeceu uma vez e abriu os olhos. Respirou profundamente uma ou duas vezes, bebeu de novo, secou a boca e ofereceu a garrafa ao homem mais velho.

— Você acha que é uma boa ideia? — murmurei, lembrando das histórias de Myers a respeito de massacres e os efeitos da bebida alcoólica nos índios.

— Posso dar a eles ou deixar que peguem, Sassenach — respondeu ele, sem convicção. — Eles são três, certo?

O homem mais velho cheirou a boca da garrafa e suas narinas se abriram em apreciação ao cheiro. Eu conseguia sentir o do uísque de onde estava, e fiquei um pouco surpresa quando a bebida não fez a narina dele arder.

O homem abriu um sorriso contente no rosto enrugado. Disse algo a seus filhos parecido com "*Haroo!*", e aquele que segurava nossa bolsa se aproximou do irmão, com alguns bolinhos de milho na mão.

O homem mais velho ficou de pé com a garrafa na mão, mas, em vez de beber, levou-a até onde estava a carcaça do urso, escura no chão. Tranquilamente, despejou um tanto de uísque na palma da mão, inclinou-se e despejou o líquido na boca entreaberta do urso. Então, virou-se devagar, chacoalhando gotas de uísque de forma cerimoniosa dos dedos. As gotas ganhavam um tom dourado e amarelo quando a luz batia nelas, e caíam no fogo fazendo barulho.

Jamie se sentou, esquecendo-se da tonteira.

— Pode dar uma olhada agora? — perguntou ele.

— Olhar o quê? — perguntei, mas ele não respondeu, distraído com o comportamento dos índios.

Um dos homens mais jovens pegara um saco pequeno dentro do qual havia tabaco. Cuidadosamente forrando a base de um pequeno cachimbo de pedra, ele o acendeu com um galho seco que enfiou nas chamas da fogueira e tragou com força. A folha de

tabaco brilhou e soltou fumaça, espalhando seu aroma pela clareira.

Jamie estava recostado em mim, com as costas contra minhas coxas. Minha mão estava em seu ombro são de novo, e senti o tremor de seu corpo começar a diminuir conforme o calor do uísque se espalhava em sua barriga. Jamie não estava gravemente ferido, mas o esforço da luta e de se manter alerta estavam cobrando seu preço.

O homem mais velho pegou o cachimbo, tragou várias vezes de modo profundo e exalou com evidente prazer. Então, ele se ajoelhou e, puxando a fumaça de novo, cuidadosamente a soprou nas narinas do urso morto. Repetiu o processo diversas vezes, murmurando algo enquanto exalava.

Então, ele se levantou, sem qualquer sinal de rigidez, e entregou o cachimbo a Jamie.

Jamie tragou como os índios tinham feito — um ou dois tragos longos e cerimoniosos —, e então ergueu o cachimbo, virando-se para entregá-lo a mim.

Ergui o cachimbo e traguei com cuidado. A fumaça encheu meus olhos e nariz de uma vez, e minha garganta se fechou com uma vontade forte de tossir. Eu me controlei e entreguei o cachimbo a Jamie depressa, sentindo o rosto ficar vermelho enquanto a fumaça serpenteava preguiçosamente pelo meu peito, atíçando e ardendo enquanto procurava uma maneira de passar pelos canais dos meus pulmões.

— Não deve *inalá-la*, Sassenach — murmurou ele. — Simplesmente deixe que ela suba pelo fundo do seu nariz.

— E você... só me diz isso... agora — falei, tentando não sufocar.

Os índios me observaram com olhos arregalados de interesse. O homem mais velho inclinou a cabeça para o lado, franzindo o cenho como se tentasse entender alguma coisa. Ele ficou de pé e deu a volta na fogueira, agachando-se para olhar para mim com curiosidade, perto o bastante para que eu sentisse o cheiro de fumaça de sua pele. Ele não usava nada além de um tapa-sexo e um tipo de avental curto de couro, apesar de seu peito estar

coberto por um colar grande e decorado com conchas, pedras e os dentes de um grande animal.

Sem avisar, ele estendeu a mão e apertou meu seio. Não havia nada nem de longe lascivo em seu gesto, mas eu me sobressaltei. Jamie também, levando a mão à faca.

O índio se acocorou calmamente, acenando a mão para tirar a importância do momento. Ele pousou a mão no peito, e então fez um movimento como se indicasse uma protuberância e apontou para mim. Ele não teve intenção alguma, apenas quis ter certeza de que eu era realmente uma mulher. Apontou para mim e para Jamie, e ergueu uma sobrancelha.

— Sim, ela é minha — Jamie assentiu e abaixou o punhal, mas continuou segurando-o, franzindo o cenho para o índio. — Cuidado com o que faz, sim?

Sem se interessar pelo que estava acontecendo, um dos índios mais novos disse algo e então fez um gesto impaciente para a carcaça no chão. O homem mais velho, que não havia prestado atenção à irritação de Jamie, respondeu, tirando a faca da bainha em seu cinto ao se virar.

— Aqui... esse trabalho é meu.

Os índios se viraram surpresos quando Jamie ficou de pé. Ele fez um gesto com o punhal para o urso, e então mirou a ponta com firmeza para o próprio peito.

Sem esperar por nenhuma resposta, ele se agachou no chão ao lado da carcaça, benzeu-se e disse algo em gaélico, com a faca acima do corpo inerte. Eu não conhecia todas as palavras, mas já o vira fazer isso antes, quando tinha matado um veado na estrada da Geórgia.

Era a oração que ele aprendera na infância, enquanto aprendia a caçar nas Terras Altas da Escócia. Era antiga, ele me contou. Tão antiga que algumas das palavras não eram mais usadas, então não parecia familiar. Mas devia ser dita para qualquer animal morto que fosse maior do que uma lebre, antes de o pescoço ser cortado ou de a barriga ser aberta.

Sem hesitação, ele fez um corte raso pelo peito — não era preciso sangrar o corpo, o coração já tinha parado muito tempo

antes — e rasgou a pele entre as pernas, de modo que as tripas pálidas do intestino saíram do corte estreito e cheio de pelos pretos, brilhando sob a luz.

Eram necessárias força e considerável habilidade para rasgar e afastar a pele sem penetrar na membrana mesentérica que mantinha o saco visceral fechado. Eu, que abria corpos humanos mais macios, reconhecia competência cirúrgica quando a via. Assim como os índios, que observavam os procedimentos com muito interesse.

A habilidade de Jamie de tirar a pele não era o que tinha chamado a atenção deles — essa era uma habilidade comum aqui. Não, era a oração — eu tinha visto os olhos do homem mais velho se arregalarem, e seu olhar para os filhos quando Jamie se agachou sobre a carcaça. Talvez eles não soubessem o que ele estava dizendo, mas ficou claro pela expressão nos rostos deles que sabiam exatamente o que ele estava fazendo — e ficaram surpresos, impressionados de um jeito favorável.

Uma gota de suor escorreu atrás da orelha de Jamie, vermelha à luz da fogueira. Despelar um animal grande é um trabalho pesado, e pequenos pontos de sangue fresco apareciam pelo tecido de sua camisa.

Antes que eu pudesse me oferecer para pegar a faca, ele se acorrou e ofereceu o punhal pelo cabo a um dos índios mais jovens.

— Vá em frente — disse ele, fazendo um gesto para o corpo meio dilacerado, num convite. — Você não pode estar pensando que vou comer tudo sozinho, assim espero.

O homem pegou a faca sem hesitar e, ajoelhando, voltou a tirar a pele. Os outros dois olharam para Jamie, e ao verem que ele assentia, uniram-se à tarefa.

Ele permitiu que eu o sentasse no tronco mais uma vez para limpar e cobrir seu ombro, enquanto observava os índios realizarem um trabalho rápido despelandando e cortando.

— O que ele fez com o uísque? — perguntei baixinho. — Você sabe?

Jamie assentiu, os olhos distraidamente fixos no trabalho sangrento perto da fogueira.

— É um encanto. Você espalha água benta nos quatro cantos da terra, para se proteger do mal. E eu acho que uísque é um substituto muito adequado para a água benta, nas circunstâncias.

Olhei para os índios, manchados até os cotovelos com o sangue do urso, conversando casualmente. Um deles estava construindo uma pequena plataforma perto da fogueira, uma camada de gravetos dispostos sobre as rochas formando um quadrado. Outro cortava pedaços de carne e os enfiava em um graveto verde descascado para assar.

— Do mal? Você quer dizer que eles têm medo de *nós*?

Ele sorriu.

— Não acho que somos tão temíveis, Sassenach. Eles têm medo dos espíritos.

Por mais assustada que eu estivesse com a aparência dos índios, nunca teria me ocorrido que eles podiam se sentir da mesma maneira com a nossa. Mas ao olhar para Jamie agora, pensei que seu nervosismo era compreensível.

Por mais acostumada que estivesse com ele, eu não me dava mais conta de como ele era visto pelos outros. Mas mesmo cansado e ferido, Jamie era formidável. Costas retas e ombros largos, com olhos puxados que refletiam o fogo em um brilho tão azul quando o centro da chama.

Ele se sentou tranquilo, relaxado, as mãos grandes soltas entre as coxas. Mas era a imobilidade de um felino, olhos sempre atentos por trás da calma. Além do tamanho e da rapidez, ele inegavelmente tinha um ar de selvageria. Sentia-se tão à vontade nessas matas quanto o urso se sentira.

Os ingleses sempre consideraram os escoceses das Terras Altas bárbaros. Eu nunca havia pensado na possibilidade de que os outros podiam pensar de modo parecido. Mas aqueles homens viram um selvagem feroz e se aproximaram dele com o devido cuidado, as armas prontas. E Jamie, aterrorizado de antemão ao pensar nos peles-vermelhas selvagens, viu os rituais deles — parecidos com os

seus próprios — e os reconheceu como caçadores iguais a ele, homens civilizados.

Mesmo agora, Jamie falava com eles naturalmente, explicando com gestos amplos como o urso tinha nos atacado e como ele matara o animal. Eles o seguiam com total atenção, exclamando em aprovação em todos os lugares certos. Quando ele pegou os restos do peixe e demonstrou meu papel no processo, todos eles olharam para mim e riram histericamente.

Olhei fixamente para todos eles.

— O jantar — falei em voz alta — está servido.

Dividimos uma refeição de carne meio cozida, bolinhos de milho e uísque, observados o tempo todo pela cabeça do urso, que estava apoiada cerimoniosamente na plataforma, olhos mortos vidrados e embaçados.

Sentindo-me um pouco estupefata, eu me recostei no tronco caído, ouvindo a conversa sem prestar muita atenção. Não que eu entendesse muito do que estava sendo dito. Um dos filhos, hábil nas mímicas, estava fazendo uma imitação bem-humorada das Grandes Caçadas do Passado, interpretando o caçador e a caça ao mesmo tempo, e se saiu tão bem que nem eu tive dificuldade para diferenciar um veado de uma pantera.

Nós já havíamos dito nossos nomes. Na língua deles, meu nome saiu como “Klah”, que eles pareceram achar muito engraçado. “Klah”, eles diziam, apontando para mim. “Klah-Klah-Klah-Klah-Klah!” Então, eles riam alto, ainda mais bem-humorados por causa do uísque. Eu poderia ter respondido da mesma maneira, mas não tinha certeza de que seria capaz de pronunciar “Nacognaweto” uma vez, muito menos várias.

Eles eram Tuscarora, pelo menos foi o que Jamie me disse. Com seu talento para línguas, ele já estava apontando objetos e dizendo os nomes indígenas para eles. Sem dúvida, até o amanhecer, Jamie estaria trocando histórias impróprias com os índios, pensei, sonolenta. Eles já estavam contando piadas para Jamie.

— Jamie — falei, puxando a ponta de seu tecido xadrez. — Você está bem? Porque não posso mais ficar acordada para cuidar

de você. Vai desmaiar e cair de cabeça na fogueira?

Ele me deu um tapinha na cabeça, distraído.

— Ficarei bem, Sassenach — afirmou. Animado com a comida e com o uísque, Jamie não parecia estar sofrendo os efeitos colaterais de sua briga com o urso. Mas como ele se sentiria pela manhã já era outra questão, pensei.

Mas eu não me preocupava com isso nem com nada. Minha cabeça girava devido aos efeitos da adrenalina, do uísque e do tabaco, e eu me rastejei para pegar meu cobertor. Enrolada aos pés de Jamie, adormeci, cercada pelo cheiro do fumo e da bebida, e observada pelos olhos paralisados do urso.

— Sei bem como você se sente — eu disse a ele, e então dormi.

A PRIMEIRA LEI DA TERMODINÂMICA

Fui despertada um pouco depois da alvorada por uma sensação pinicante no topo de minha cabeça. Pisquei e estiquei a mão para investigar. O movimento assustou um gaio cinza grande que estava puxando meus cabelos, e ele voou para um pinheiro próximo, grasnando histericamente.

— Bem feito, amigo — murmurei, esfregando o topo da cabeça, mas não contive um sorriso. Já tinham me dito várias vezes que, ao acordar, meus cabelos pareciam um ninho de pássaros. Afinal, talvez houvesse uma certa verdade nisso.

Os índios tinham partido. Por sorte, a cabeça do urso partira com eles. Levei os dedos ágeis à minha cabeça, mas além das leves bicadas que eu havia recebido, ela parecia intacta. Ou o uísque era de ótima qualidade ou minha sensação de embriaguez se devia mais aos efeitos da adrenalina e do tabaco do que ao efeito do álcool.

Meu pente estava dentro do saco de pele de veado onde eu guardava itens pessoais e os poucos remédios que considerava úteis em uma trilha. Eu me sentei com cuidado para não acordar Jamie. Ele estava a uma curta distância de mim, deitado de costas, com as mãos cruzadas, pacífico como a efígie entalhada em um sarcófago. Porém, muito mais colorido. Estava deitado na sombra, raios de sol sorrateiros sobre ele, mal tocando as pontas dos cabelos. À luz fresca e fria, ele se parecia com Adão, recém-tocado pela mão de seu Criador.

Mas um Adão bem abatido. Analisando com mais atenção, era uma imagem feita bem depois da Queda. Não a perfeição frágil de

um filho nascido da argila nem ainda a beleza imaculada do jovem que Deus amou. Não, aquele era um homem totalmente formado e poderoso. Cada traço do rosto e do corpo marcado com força e luta, feito para assumir o mundo no qual acordaria e dominá-lo.

Eu me mexi muito discretamente, levando a mão ao saco. Não queria despertá-lo. A oportunidade de vê-lo dormir era rara. Ele dormia como um gato, pronto para atacar diante de qualquer indício de ameaça, e normalmente levantava da cama com a primeira luz, enquanto eu ainda flutuava na superfície dos meus sonhos. Ou ele tinha bebido mais do que imaginei na noite passada ou estava em sono profundo de cura, deixando o corpo se recuperar enquanto ele permanecia imóvel.

O pente de chifre deslizou facilmente por meus cabelos. Eu não estava com pressa. Não havia bebê para alimentar, filho para acordar e arrumar para a escola nem trabalho esperando. Nenhum paciente para atender nem papelada para preencher.

Nada podia ser mais diferente do espaço estéril de um hospital do que esse lugar, pensei. Os pássaros, logo cedo, procuravam minhocas e faziam uma algazarra na floresta, e uma brisa fria e suave soprava pela clareira. Senti um cheiro fraco de sangue seco e das cinzas da fogueira de ontem à noite.

Talvez tenha sido o cheiro de sangue que me fez lembrar do hospital. Desde que entrei em um deles, soube que era o meu domínio, o meu lugar. Mas ainda assim, eu não me sentia deslocada na mata selvagem. Considerei esse fato estranho.

As pontas dos meus cabelos resvalaram minhas omoplatas com uma sensação agradável e que causava cócegas, e o ar estava frio o bastante para fazer minha pele se arrepiar e meus mamilos se enrijecerem. Então, eu não tinha imaginado, pensei, sorrindo por dentro. Certamente não havia tirado minhas roupas antes de me recolher.

Afastei o cobertor grosso de linho e vi o sangue seco espirrado, manchas em minhas coxas e na barriga. Senti a umidade escorrer entre minhas pernas e levei um dedo ao local. Leitoso, com um odor almiscarado que não era meu.

Isso foi o suficiente para trazer de volta a sombra do sonho — ou o que pensei ser um sonho. O peso do urso sobre mim, mais escuro do que a noite e fedendo a sangue, uma onda de terror que impediu meus membros entorpecidos pelo sono de se mexerem. O fato de eu ter permanecido deitada, fingindo estar morta, enquanto ele se remexia, com o hálito quente em minha pele, os pelos macios em meus seios, uma incrível delicadeza para uma fera.

E então, o forte momento de consciência; de frio, depois calor, quando a pele nua, não o pelo de urso, tocou a minha, e então a volta sonolenta ao sonho confuso, a união lenta e forçada, o clímax se transformando em sonho... com um leve rosar escocês em meu ouvido.

Olhei para baixo e vi uma marca de mordida em meu ombro.

— Não é à toa que você ainda está dormindo — disse em acusação.

O sol havia tocado a curva de seu rosto, iluminando a sobrancelha naquele lado como um fósforo riscado. Ele não abriu os olhos, mas um sorriso lento e doce apareceu em seu rosto em resposta.

Os índios tinham deixado para nós uma parte da carne de urso, bem envolta em pele untada e pendurada nos galhos de uma árvore próxima para afastar gambás e texugos. Depois do café da manhã e de um banho apressado no riacho, Jamie se localizou com o sol e a montanha.

— Por ali — indicou ele, acenando na direção de um pico azul distante. — Está vendo onde faz um corte com o pico mais baixo? Do outro lado, é a terra dos índios. A nova Linha do Tratado segue aquele espinhaço.

— Alguém realmente fez um *mapeamento* ali?

Espiei incrédula a vista das cadeias montanhosas irregulares que surgiam dos vales tomadas pela névoa da manhã. As montanhas se estendiam à nossa frente como uma série sem fim de miragens flutuantes, passando do verde-escuro ao azul e ao roxo,

os picos mais distantes escuros e extremamente finos contra um céu de cristal.

— Ah, sim. — Ele montou, virando a cabeça do cavalo de modo que o sol iluminasse seu ombro. — Tiveram que mapear, para saber ao certo qual terra poderia ser usada para assentamento. Eu cheguei a fronteira antes de sairmos de Wilmington, e Myers disse a mesma coisa desse lado da cordilheira mais alta. Pensei em perguntar aos companheiros que jantaram conosco ontem à noite, só para ter certeza de que *e/les* também achavam isso. — Jamie sorriu para mim. — Está pronta, Sassenach?

— Como nunca — garanti a ele e virei meu cavalo para segui-lo.

Ele lavara a camisa — ou o que restara dela — no rio. Um trapo de linho manchado estava estendido para secar atrás de sua sela, deixando-o seminu com a calça de couro, já que o tecido xadrez estava cuidadosamente enrolado em sua cintura. Os arranhões compridos deixados pelo ataque do urso estavam escuros em sua pele clara, mas não havia inflamação visível, e pela facilidade com que ele se movimentava na sela, as feridas pareciam não incomodá-lo.

Nada mais o incomodava, pelo que pude ver. O modo alerta que Jamie sempre apresentava ainda estava ali. Fazia parte dele desde a infância — mas algum peso fora retirado na noite. Pensei que pudesse ser nosso encontro com os três caçadores. Esse primeiro encontro com selvagens tinha sido muito tranquilizador para nós dois, e parecia ter diminuído a ocorrência de visões que Jamie tinha de canibais segurando tacapes atrás de cada árvore.

Poderiam ser as árvores em si ou as montanhas. Seu espírito se tornara mais leve a cada metro de distância da costa. Eu acabei compartilhando sua aparente alegria mas, ao mesmo tempo, senti um temor cada vez maior em relação a que aquela alegria podia levar.

No meio da manhã, a vegetação da ladeira já havia se tornado densa demais para continuarmos. Ao olhar para uma rocha quase vertical diante de uma confusão de galhos escuros de causar tontura, com tons dourados, verdes e marrons, comecei a pensar

que os cavalos tinham sorte de ficar parados ali embaixo. Nós apeamos perto de um rio, tomado por grama ao longo da margem, e continuamos a pé, para a frente e para cima, cada vez mais embrenhados na maldita mata virgem.

Pinheiros altos e cicutas, certo? Eu pensei, passando pelos galhos de uma árvore caída. Os troncos monstruosos se estendiam tão alto que os galhos mais baixos começavam a seis metros da minha cabeça. Longfellow não sabia de nada.

O ar estava úmido, frio, mas fecundo, e meus mocassins se afundavam sem fazer barulho no mofo de folhas pretas de séculos de existência. Meus passos na lama macia da ribanceira de um riacho pareciam estranhos e inesperados como pegadas de um dinossauro.

Chegamos ao topo de um espinhaço, apenas para encontrar mais um a nossa frente, e depois outro adiante. Eu não sabia o que podíamos estar procurando ou como saberíamos se encontrássemos. Jamie percorreu quilômetros com seu passo de montanhista, observando tudo. Eu seguia atrás, aproveitando a paisagem, parando de vez em quando para pegar alguma planta ou raiz fascinante, guardando meus tesouros no saco preso a meu cinto.

Passamos por trás de um espinhaço, mas nosso caminho estava bloqueado por um grande urzal: uma extensão de loureiros da montanha que, a distância, parecia uma extensão limpa e reluzente entre as coníferas escuras, porém, mais perto mostrava-se um matagal impenetrável, os galhos entrelaçados como um cesto.

Nós voltamos e descemos, saindo debaixo dos enormes pinheiros fragrantes, atravessando ladeiras de grama que havia se tornado amarela ao sol e, finalmente, de volta ao verde calmante de carvalho e noqueira, em uma ribanceira que dava para um pequeno rio sem nome.

Estava frio à sombra inesperada das árvores, e eu suspirei aliviada, afastando os cabelos do pescoço para sentir uma lufada de ar. Jamie me ouviu e virou-se, sorrindo, afastando um galho comprido para que eu pudesse segui-lo.

Não conversamos muito. Além do fôlego necessário para a subida, a montanha em si parecia inibir a fala. Repleta de locais verdes secretos, era um rebento vívido das antigas montanhas escocesas, cheias de florestas, e duas vezes mais alta do que aqueles rochedos pretos. Ainda assim, o ar mantinha a mesma imposição ao silêncio, a mesma promessa de encanto.

O chão aqui era coberto por uma camada de trinta centímetros de folhas caídas, mata rasteira e macia, e os espaços entre as árvores pareciam ilusórios, como se passar entre aqueles troncos enormes e cheios de líquen pudesse repentinamente levar alguém a outra dimensão da realidade.

Os cabelos de Jamie brilhavam com a incidência ocasional da luz do sol, uma tocha a acompanhar em meio às sombras da mata. Eles haviam escurecido um pouco com o passar dos anos, para um castanho-avermelhado profundo, mas os longos dias de cavalgada e caminhada ao sol tinham dado um tom acobreado ao topo da cabeça. Ele perdera o elástico que prendia seus cabelos; parou e afastou os cachos úmidos do rosto, e vi a cicatriz branca acima de uma das têmporas. Normalmente escondida entre os fios avermelhados mais escuros, era raro ela aparecer — um legado do ferimento à bala recebido na caverna de Abandawe.

Apesar do calor de dia, eu estremeci ao lembrar. Teria preferido esquecer o Haiti e seus mistérios selvagens, mas havia pouca esperança disso. Às vezes, quase dormindo, eu ouvia a voz do vento da caverna e o eco irritante do pensamento que vinha junto: *Aonde mais?*

Subimos uma rocha de granito, coberta de mofo e líquens, úmida com o onipresente fluxo da água, e então seguimos a trilha de um córrego, empurrando a grama comprida que envolvia nossas pernas, passando por cima dos galhos caídos de loureiro e dos rododendros cheios de folhas.

Maravilhas subiam por meus pés, pequenas orquídeas e fungos brilhantes, tremendo e brilhando como gelatinas, reluzindo vermelhos e pretos em troncos de árvore caídos. Havia libélulas acima da água, joias imóveis no ar, desaparecendo na névoa.

Eu me senti encantada com a abundância, tomada pela beleza. O rosto de Jamie mostrava a expressão de encantamento de um homem que sabe que está dormindo e sonhando, mas não quer acordar. Num paradoxo, quanto melhor eu me sentia, ao mesmo tempo, pior eu me sentia. Desesperadamente feliz e desesperadamente temerosa. Esse era o lugar dele, e certamente Jamie o sentia tão bem quanto eu.

No início da tarde, paramos para descansar e beber água de uma pequena fonte à beira de uma clareira natural. O chão sob os bordos era um tapete denso de folhas verdes, no qual vi um leve brilho vermelho.

— Morangos silvestres! — exclamei, encantada.

As frutas eram vermelho-escuras e minúsculas, do tamanho da ponta do meu polegar. Segundo os padrões da horticultura moderna, elas seriam muito ácidas, quase azedas, mas numa refeição formada por carne de urso malpassada e fria e bolinhos de milho duros como pedra, eram deliciosas — explosões frescas de sabor em minha boca, toques de doçura em minha língua.

Reuni alguns punhados em minha capa, sem me preocupar com as manchas — o que era um pouco de suco de morango entre as manchas de resina de pinheiro, cinzas, seiva de folhas e terra? Quando terminei, meus dedos estavam grudentos e cheirando a suco, meu estômago confortavelmente cheio, e a parte de dentro da minha boca parecia ter sido lixada, devido ao gosto ácido das frutas. Ainda assim, não resisti e comi só mais um.

Jamie se recostou num sicômoro, pálpebras semicerradas contra a luz do sol da tarde. A pequena clareira continha a luz como um copo, imóvel e límpida.

— O que acha deste lugar, Sassenach? — perguntou ele.

— Acho que é lindo. Você não acha?

Ele assentiu, olhando entre as árvores, onde uma ladeira discreta cheia de feno selvagem e grama descia e subia de novo em uma linha de salgueiros que emolduravam o rio distante.

— Estou pensando — disse Jamie, um pouco sem jeito. — Há uma fonte aqui na mata. O prado abaixo... — Ele balançou uma mão na direção da cortina de amieiros que cobria a cordilheira na

ladeira tomada pela grama. — Serviria para alguns animais no começo, e então a terra mais próxima ao rio poderia ser limpa para abrigar plantações. A subida da terra aqui é boa para drenagem. E aqui, veja... — Tomado por visões, ele ficou de pé, apontando.

Observei com atenção. Para mim, o lugar parecia pouco diferente de qualquer uma das ladeiras cheias de árvores e enseadas cheias de grama pelas quais havíamos passado nos últimos dias. Mas, para Jamie, com seu olho de agricultor, casas, cercados de animais e campos surgiam como cogumelos encantados às sombras das árvores.

A felicidade surgia ao redor dele, como espinhos de um porco-espinho. Senti meu coração pesado como aço em meu peito.

— Então, você acha que podemos nos estabelecer aqui e aceitar a oferta do governador?

Ele olhou para mim, interrompendo abruptamente suas especulações.

— Podemos — disse ele. — Se...

Jamie parou e olhou para mim de soslaio. Seu rosto estava muito vermelho, e eu não sabia se ele estava corado pelo sol ou por causa da timidez.

— Você acredita em sinais, Sassenach?

— Que tipo de sinais? — perguntei sem hesitar.

Em resposta, ele se abaixou, puxou o broto do chão e o largou em minha mão — as folhas verde-escuras como pequenos leques chineses redondos, uma flor pura e branca em um caule fino e, no outro, uma fruta meio madura, com a parte de cima pálida e a de baixo, rubra.

— Isto. É nosso, está vendo? — perguntou ele.

— Nosso?

— Dos Fraser, quero dizer — explicou. Apertou o fruto com um dedo grande. — Morangos sempre foram o emblema do clã. Para começar, é o que o nome significava, quando um Monsieur Fréselière veio da França com o rei William e tomou algumas terras nas montanhas escocesas.

Era o rei William, o Conquistador. Eles podiam não ser o clã mais antigo das Terras Altas, mas os Fraser ainda tinham uma

herança distinta.

— Vocês eram guerreiros desde o início, hein?

— E agricultores também. — A dúvida nos olhos dele se transformava em um sorriso.

Eu não disse o que estava pensando, mas sabia que Jamie devia estar pensando a mesma coisa. Não havia mais nada do clã Fraser além de fragmentos espalhados, aqueles que tinham sobrevivido fugindo, por estratagemas ou sorte. Os clãs tinham sido destruídos na Batalha de Culloden e seus líderes, assassinados em batalhas ou pela lei.

Mas, ainda assim, ali estava ele, ereto com seu tecido xadrez, o aço escuro de um punhal das Terras Altas ao seu lado. Guerreiro e agricultor. E se a terra sob os pés dele não era da Escócia, então o que Jamie respirava era ar livre — e um ar de montanha que remexia seus cabelos, erguendo mechas ruivas ao sol do verão.

Sorri para ele, controlando o desânimo cada vez maior.

— Fréselière, não? Sr. Morango? Ele os cultivava ou só gostava de comê-los?

— Uma dessas coisas ou as duas — respondeu Jamie de modo seco. — Ou pode ser que ele fosse apenas ruivo, não?

Eu ri, e ele se abaixou ao meu lado, soltando o tecido.

— É uma planta rara — disse ele, tocando o rebento em minha mão aberta. — Flores, frutas e folhas juntas de uma vez. As flores brancas representam a honra, as frutas vermelhas coragem... e as folhas verdes, a constância.

Senti um aperto na garganta quando olhei para ele.

— Eles fizeram isso certo — falei.

Ele segurou minha mão e apertou meus dedos ao redor do caule pequeno.

— E a fruta tem forma de coração — disse ele suavemente, e se inclinou para me beijar.

As lágrimas estavam vindo à tona. Pelo menos, eu tinha uma boa desculpa para a que rolou pelo meu rosto. Ele a secou, e então ficou de pé e soltou o cinto, deixando o tecido xadrez cair aos seus pés. Então, tirou a camisa e a calça e sorriu para mim, nu.

— Não tem ninguém aqui — disse ele. — Ninguém além de nós.

Eu teria falado que isso não parecia motivo, mas senti o que Jamie queria dizer. Há dias nos encontrávamos cercados pela vastidão e pela ameaça, a mata próxima como o círculo pálido de nossa fogueira. Mas aqui estávamos juntos e sozinhos, unidos ao lugar, sem precisar, sob a luz do dia, manter a floresta afastada.

— No passado, os homens faziam isso, para dar fertilidade aos campos — disse ele, estendendo uma mão para eu me levantar.

— Não vejo campo algum.

E não sabia se devia torcer para nunca ver. De qualquer modo, passei a mão na blusa de pele de gamo e soltei o nó do meu sutiã improvisado. Ele olhou para mim com apreciação.

— Bem, sem dúvida eu terei que cortar algumas árvores primeiro, mas isso pode esperar, certo?

Fizemos uma cama de tecido xadrez e capas, e nos deitamos sobre ela nus, pele contra pele entre as gramas amarelas e o cheiro de bálsamo e de morangos silvestres.

Nós nos tocamos pelo que pareceu muito tempo ou tempo algum, juntos no jardim dos prazeres terrenos. Afastei os pensamentos que tinham me perturbado na subida da montanha, determinada a compartilhar da alegria de Jamie enquanto ela durasse. Eu o apertei e ele respirou fundo e se pressionou em minha mão.

— E como o Éden seria sem uma serpente? — perguntei, mexendo os dedos.

Os olhos dele se enrugaram em triângulos azuis, tão próximos que consegui ver a parte preta de suas pupilas.

— E você vai comer comigo, então, *mo chridle*? A fruta da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal?

Coloquei a ponta da língua para fora e a arrastei pelo lábio inferior dele em resposta. Jamie estremeceu embaixo dos meus dedos, apesar do ar quente e doce.

— *Je suis prête* — falei —, *Monsieur Fréselière*.

Ele abaixou a cabeça e levou a boca ao meu mamilo que estava inchado como um dos pequenos frutos maduros.

— *Madame Fréselière* — sussurrou ele —, *je suis à votre service.*

E então, compartilhamos a fruta e as flores, as folhas verdes cobriam tudo.

Permanecemos deitados entorpecidos, mexendo-nos apenas para afastar insetos intrometidos, até as primeiras sombras tocarem nossos pés. Jamie se levantou em silêncio e me cobriu com uma capa, achando que eu estava dormindo. Ouvei o farfalhar de roupas enquanto ele se vestia, e o leve movimento de seu corpo pela grama.

Rolei para o lado e o vi perto dali, de pé na beira da mata, observando a terra descer em direção ao rio.

Ele não usava nada além do tartã, amassado e com manchas de sangue, amarrado ao redor da cintura. Com os cabelos soltos e embaraçados ao redor dos ombros, Jamie parecia o homem das Terras Altas que era. O que pensei que fosse uma armadilha para ele — sua família, seu clã —, era sua força. E o que pensei ser minha força — minha solidão, a falta de laços — era minha fraqueza.

Por conhecer a proximidade, o lado bom e o ruim, ele teve a força para deixá-la, se afastar de toda a noção de segurança e partir sozinho. E eu — tão orgulhosa da autossuficiência pelo menos uma vez — não conseguia tolerar a ideia de ficar sozinha de novo.

Decidira não dizer nada, viver o momento, aceitar o que viesse. Mas o momento estava aqui, e eu não podia aceitá-lo. Vi quando Jamie ergueu a cabeça decidido e, no mesmo momento, vislumbrei seu nome entalhado na pedra fria. O terror e o desespero tomaram conta de mim.

Como se tivesse ouvido o eco do meu grito sem palavras, ele virou a cabeça na minha direção. O que viu em meu rosto o trouxe depressa para o meu lado.

— O que foi, Sassenach?

Não havia motivos para mentir. Não quando ele podia me ver.

— Estou com medo — disse.

Ele olhou depressa ao redor em busca de perigo, levando uma das mãos ao punhal, mas eu o impedi com uma mão em seu braço.

— Não é isso. Jamie... me abrace. Por favor.

Ele me puxou para perto dele, envolvendo-me com a capa. Eu estava tremendo, embora o ar continuasse quente.

— Está tudo bem, *a nighean donn* — murmurou ele. — Estou aqui. O que assustou você?

— Você — falei, e o apertei. Seu coração batia contra minha orelha, forte e constante. — Tenho medo de pensar em você aqui, de nós estarmos aqui...

— Medo? — perguntou ele. — Do quê, Sassenach? — Ele me abraçou com mais força. — Eu disse, quando nos casamos, que sempre cuidaria de você, não? — Jamie me puxou para mais perto, apoiando minha cabeça na curva de seu ombro. — Eu dei três coisas a você aquele dia — disse ele baixinho. — Meu nome, minha família e a proteção do meu corpo. Você sempre terá essas coisas, Sassenach, enquanto nós dois vivermos. Não importa onde estejamos. Não permitirei que você passe fome nem frio. Nunca, em tempo algum, permitirei que algo machuque você.

— Não tenho medo de nada disso — falei. — Receio que você morra e não conseguirei viver se você morrer, Jamie, não mesmo!

Ele se sobressaltou, surpreso, e olhou para o meu rosto.

— Bem, farei o que puder para evitar, Sassenach — respondeu ele —, mas você sabe que não posso controlar isso totalmente. — Seu rosto estava sério, mas um canto de seus lábios se entortava num sorriso.

Essa expressão me irritou completamente.

— Não ria! — eu disse furiosa. — Não *ouse* rir!

— Ah, não estou rindo — disse ele, tentando ficar sério.

— Está, sim!

Eu dei um soco leve em seu peito. Agora, ele *estava* rindo. Dei outro soco, mais forte, e quando percebi, batia livremente, meus punhos batendo com força em seu tartã. Jamie pegou minha mão, mas abaixei a cabeça e mordi seu polegar. Ele gritou e afastou a mão.

Examinou as marcas de mordida por um momento, e então olhou para mim com uma sobrancelha erguida. Jamie mantinha uma expressão bem-humorada, mas, pelo menos, ele havia parado de rir, o maldito.

— Sassenach, você já me viu perto da morte dezenas de vezes e nunca se abalou. Por que está falando disso agora sendo que eu nem estou doente?

— Nunca me abalei? — Olhei para ele boquiaberta e furiosa. — Você acha que eu não fiquei *abalada*?

Ele passou um nó do dedo no lábio superior, olhando para mim com uma expressão divertida.

— Ah. Bem, acho que você se importou, claro. Mas nunca pensei nisso, admito.

— Claro que não! E se tivesse pensado, não faria nenhuma diferença. Seu... seu... escocês! — Foi a pior coisa que pensei para chamá-lo. Sem encontrar outras palavras, eu me virei e me afastei, batendo os pés.

Infelizmente, bater os pés tem relativamente pouco efeito quando se está descalça em um campo gramado. Pisei em algo pontiagudo, gritei e manqueei alguns passos até ter que parar.

Eu havia pisado em um tipo de abrolho. Meia dúzia de espinhos estavam presos na sola do meu pé, gotas de sangue saíam dos pequenos furos. Mal me equilibrando em um pé, tentei tirá-los, xingando baixinho.

Eu me desequilibrei e quase caí. Uma mão forte me segurou pelo cotovelo e me estabilizou. Rangi os dentes e terminei de arrancar os pequenos espinhos. Puxei o cotovelo da mão dele e me virei para andar — com muito mais cuidado — de volta aonde eu havia deixado minhas roupas.

Jogando a capa no chão, comecei a me vestir, com a maior dignidade possível. Jamie se levantou, de braços cruzados, e me observou sem dizer nada.

— Quando Deus expulsou Adão do paraíso, pelo menos Eva foi com ele — falei, conversando com meus dedos enquanto amarrava os cordões da minha calça.

— Sim, é verdade — concordou ele, depois de uma pausa cuidadosa. Olhou para mim de soslaio, para ver onde eu o acertaria de novo. — Ahn... você não comeu nenhuma das plantas que colheu hoje cedo, não é, Sassenach? Não, acho que não — acrescentou depressa ao ver minha expressão. — Só perguntei por perguntar. Myers disse que algumas coisas aqui causam pesadelos.

— Não estou tendo pesadelos — falei, com mais intensidade do que o necessário se estivesse falando a verdade. Eu *estava* tendo pesadelos, porém, a ingestão de substâncias alucinógenas não tinha nada a ver com isso.

Ele suspirou.

— Você quer me explicar de uma vez sobre o que está falando, Sassenach, ou pretende me fazer sofrer um pouco antes?

Olhei para ele, presa, como sempre, entre a vontade de rir e a vontade de atacá-lo com um objeto pontiagudo. E então, uma onda de desespero tomou conta do riso e da raiva. Soltei os ombros desistindo.

— Estou falando sobre você — falei.

— Sobre mim? Por quê?

— Porque você é das Terras Altas, e tem honra, coragem e constância, e sei que não consegue controlar, e eu não desejaria que você controlasse, só que... só que, inferno, isso vai levar você à Escócia e matá-lo, e não tem nada que eu possa fazer a respeito!

Jamie olhou para mim com incredulidade.

— Escócia? — perguntou, como se eu tivesse falado algo completamente insano.

— Escócia! Onde seu maldito túmulo está!

Ele passou a mão lentamente pelos cabelos, olhando para mim com a cabeça baixa.

— Ah — disse Jamie finalmente. — Compreendo, então. Você acha que se eu for para a Escócia, devo morrer lá, já que é onde serei enterrado. É isso?

Assenti, chateada demais para falar.

— Hummm, e por que você acha que vou à Escócia? — perguntou ele com cuidado.

Olhei para Jamie exasperada, e mexi o braço indicando a mata ao nosso redor.

— Onde mais você vai conseguir colonizadores para esta terra? É claro que você vai para a Escócia!

Ele olhou para mim, também exasperado.

— Como, pelo amor de Deus, você acha que eu faria isso, Sassenach? Talvez acontecesse, quando eu tinha as pedras preciosas, mas agora? Devo ter dez libras, e esse dinheiro ainda é emprestado. Então, devo ir voando para a Escócia como um pássaro? E devo levar pessoas comigo, caminhando sobre a água?

— Você vai pensar em alguma coisa — falei com tristeza. — Sempre pensa.

Jamie olhou para mim de um jeito estranho, e então desviou o olhar e ficou quieto por alguns minutos antes de responder.

— Eu ainda não tinha me dado conta de que você me considera Deus todo-poderoso, Sassenach — disse ele finalmente.

— Não considero — respondi. — Moisés, talvez. — As palavras foram espirituosas, mas nenhum de nós estava brincando.

Ele se afastou um pouco, com as mãos presas atrás das costas.

— Cuidado com os espinhos — disse a ele, ao ver que Jamie seguia na direção onde me feri. Em resposta, ele alterou o trajeto, mas não disse nada. Andou de um lado para outro na clareira, com a cabeça abaixada, pensativo. Por fim, Jamie voltou, ficando à minha frente.

— Não vou conseguir sozinho — disse ele baixinho. — Você tem razão em relação a isso. Mas não acho que preciso ir à Escócia para obter meus colonizadores.

— E para que mais seria?

— Meus homens... os homens que estavam comigo em Ardsmuir — disse ele. — Eles já estão aqui.

— Mas você não faz ideia de onde eles estejam — protestei. — Além disso, eles foram deportados anos atrás! Estarão estabelecidos. Não vão querer erguer estacas e vir para os confins do maldito mundo com você!

Ele sorriu com um pouco de sarcasmo.

— Você quis, Sassenach.

Respirei fundo. O medo irritante que havia pesado em meu coração nas últimas semanas diminuía. Sem essa preocupação, no entanto, havia agora espaço em minha mente para contemplar a grande dificuldade da tarefa à qual ele estava se propondo. Localizar homens espalhados em três colônias, convencê-los a vir com ele e conseguir, simultaneamente, capital para financiar a limpeza da terra e o plantio das plantações. Sem falar da enormidade de trabalho envolvido para conseguir um terreno limpo nessa mata virgem.

— Vou pensar em alguma coisa — disse ele, sorrindo levemente enquanto observava as dúvidas e incertezas passarem pelo meu rosto. — Sempre penso, não é?

Suspirei longamente todo o ar de meus pulmões.

— Sim. Jamie... você tem certeza? Sua tia Jocasta...

Ele afastou essa possibilidade balançando a mão.

— Não — disse ele. — Nunca.

Ainda assim hesitei, sentindo-me culpada.

— Você não... não é só por minha causa? O que eu disse sobre manter escravos?

— Não — respondeu ele. Parou, e eu vi os dedos torcidos de sua mão direita se remexerem. Ele também viu, e parou o movimento abruptamente. — Eu vivi como um escravo, Claire — disse Jamie baixinho, com a cabeça abaixada. — E não poderia viver sabendo que há um homem na Terra que se sente em relação a mim como eu me senti em relação àqueles que acreditavam me possuir.

Estendi a mão para cobrir a dele. Lágrimas escorreram por meu rosto, quentes e calmas como a chuva de verão.

— Você não vai me deixar? — perguntei por fim. — Não vai morrer?

Ele balançou a cabeça e apertou minha mão com força.

— Você é minha coragem, assim como eu sou sua consciência — sussurrou ele. — Você é meu coração, e eu, sua compaixão. Sozinhos, não somos inteiros. Você não sabe disso, Sassenach?

— Sei disso, sim — falei, e minha voz ficou embargada. — É por isso que sinto tanto medo. Não quero ser meia pessoa de novo. Eu

não vou aguentar.

Jamie passou o polegar para afastar uma mecha de cabelos da minha face úmida, e me puxou para os seus braços, tão perto que eu conseguia ouvir sua respiração. Ele estava tão sólido, tão vivo, os pelos ruivos se tornando dourados sobre a pele nua. E, no entanto, eu já o abraçara assim antes — e o perdera.

Sua mão tocou o meu rosto, quente apesar da umidade da minha pele.

— Mas você não vê como é pequena a ideia da morte entre nós dois, Claire? — sussurrou ele.

Minhas mãos se cerraram contra o peito dele. Não, não achava que era pequena.

— Todo o tempo depois que me deixou, depois da Batalha de Culloden... eu estava morto naquela época, não estava?

— Acreditei que sim. É por isso que eu... ah. — Respirei fundo tremendo, e ele assentiu.

— Daqui a duzentos anos, certamente *estarei* morto, Sassenach — disse ele. Abriu um sorriso torto. — Sejam os índios, animais selvagens, uma praga, a corda da forca ou apenas a bênção da idade avançada... estarei morto.

— Sim.

— E na sua época, eu *estava* morto, não?

Assenti, sem palavras. Até mesmo agora, eu olhava para trás e via o abismo de desespero no qual aquela separação havia me lançado, e do qual eu saíra, um passo doloroso por vez.

Agora, eu estava com ele de novo no ápice da vida, e não conseguia pensar na descida. Jamie esticou a mão e puxou uma folha de grama, espalhando as pontinhas verdes entre os dedos.

— “O homem é como a grama do campo” — citou ele suavemente, passando o caule fino sobre os meus dedos, que estavam sobre seu peito. — “Hoje, ele floresce. Amanhã, ele murcha e é lançado no fogo.”

Ele levou o ramo verde macio aos lábios e o beijou, e então o encostou delicadamente em minha boca.

— Eu estava morto, minha Sassenach... mas durante todo o tempo, amei você.

Fechei os olhos, sentindo o pinicar da grama em meus lábios, leve como o toque do sol e do ar.

— Eu amei você também — sussurrei. — E sempre vou amar.

A grama caiu. Com os olhos ainda fechados, eu o senti se inclinar na minha direção, com os lábios nos meus, quentes como o sol, leves como o ar.

— Enquanto meu corpo viver, e o seu... seremos um só — sussurrou.

Seus dedos me tocaram, cabelos, queixo, pescoço e seios, e eu ouvi sua respiração e o senti sólido sob as minhas mãos. Então, deitei a cabeça em seu ombro, a força dele me sustentando, as palavras profundas e suaves em seu peito.

— E quando meu corpo deixar de viver, minha alma ainda será sua. Claire, eu juro pela minha fé no céu, não serei afastado de você.

O vento farfalhou as folhas das noqueiras próximas, e os odores do fim do verão subiram fortes ao nosso redor; pinheiro, grama e morangos, pedra quente pelo sol e água fria, e o cheiro forte e almiscarado do corpo dele próximo ao meu.

— Nada se perde, Sassenach, apenas se transforma.

— Essa é a primeira lei da termodinâmica — falei, secando o nariz.

— Não — rebateu ele. — Isso é fé.

PARTE VI

Je t'aime



EM CASA PARA AS FESTAS

Inverness, Escócia, 23 de dezembro de 1969

Ele checou o itinerário do trem uma dezena de vezes, e então caminhou pela sala de estar da residência paroquial, inquieto demais para se sentar. Ainda havia uma hora de espera.

A sala estava meio desmontada, com caixas de papelão em todos os cantos. Ele prometera desocupar o local para o ano-novo, com exceção das peças que Fiona quisesse guardar.

Atravessou o corredor e entrou na cozinha, onde parou, ficou olhando dentro da geladeira antiga por um momento, decidiu que não estava com fome e fechou a porta.

Ele queria que a sra. Graham e o reverendo tivessem conhecido Brianna, e vice-versa. Sorriu para a mesa vazia da cozinha, lembrando de uma conversa adolescente com os dois idosos, quando ele, tomado por uma paixão avassaladora — e não correspondida — pela filha do tabaqueiro, havia perguntado como era possível saber quando uma pessoa estava realmente apaixonada.

— Se você tiver que perguntar a si mesmo se está apaixonado, rapaz, então não está — garantira a sra. Graham, batendo a colher na beirada da tigela para dar ênfase. — E tire suas patas de Mavis MacDowell, ou o pai dela vai matar você.

— Quando você estiver apaixonado, Rog, você vai saber sem precisar pensar — dissera o reverendo, enfiando um dedo na massa do bolo. Ele se abaixou fingindo medo quando a sra. Graham ergueu uma colher em tom de ameaça, e riu. — E cuidado com a jovem Mavis, rapaz. Ainda não tenho idade para ser avô.

Bem, eles estavam certos. Ele sabia, sem pensar — sabia desde a primeira vez que viu Brianna Randall. O que ele não sabia ao certo era se Brianna sentia a mesma coisa.

Não podia mais esperar. Levou a mão ao bolso para ter certeza de que as chaves estavam ali, desceu as escadas correndo e saiu na chuva de inverno que começara a cair depois do café da manhã. Diziam que um banho frio resolvia. Mas não resolvera com Mavis.

24 de dezembro de 1969

— Pronto, o pudim de ameixa está no forno aquecido, e o creme, na panelinha no fundo — instruiu Fiona, puxando sua touca de lã vermelha. Fiona era baixa e, com a touca, ela mais parecia um duende de jardim.

— Não deixe o fogo alto demais, cuidado. E não o apague de uma vez, caso contrário não conseguirá acendê-lo de novo. E aqui estão as orientações que escrevi para o preparo das aves amanhã, estão na panela, e já deixei os legumes picados para serem misturados na tigela grande e amarela na geladeira, e... — Ela procurou no bolso da calça jeans e pegou um pedaço de papel escrito à mão, que enfiou na mão dele.

Ele deu um tapinha na cabeça dela.

— Não se preocupe, Fiona — disse ele. — Não vamos incendiar o lugar. Nem morrer de fome.

Ela franziu o cenho desconfiada, hesitando na porta. Seu noivo, dentro do carro do lado de fora, acelerou de modo impaciente.

— Sim, bem. Tem certeza de que vocês dois não querem ir conosco? A mãe de Ernie não se importaria nem um pouco, e tenho certeza de que ela não acharia certo deixar vocês dois sozinhos no Natal...

— Não se preocupe, Fiona — disse ele, levando-a com delicadeza porta a fora. — Vamos nos virar bem. Divirta-se com Ernie, e não se preocupe conosco.

Ela suspirou, desistindo com relutância.

— Sim, acho que vão. — Um breve e irritante barulho de buzina vindo de fora fez com que ela se virasse e olhasse para o carro.

— Estou *indo!* — disse ela. Virando-se, ela sorriu repentinamente para Roger, estendeu os braços para abraçá-lo e ficou na ponta dos pés para dar um beijo nos lábios dele.

Ela se afastou e piscou de modo conspiratório, fazendo uma careta com o rosto pequeno e redondo.

— *Isso* vai dar um jeito no nosso Ernie — sussurrou. — Feliz Natal, Rog! — gritou e, com um aceno alegre, saiu da varanda e correu animada em direção ao carro, rebolando um pouquinho.

Com o motor acelerado, o carro partiu cantando pneus antes de a porta se fechar. Roger permaneceu acenando da varanda, feliz por Ernie não ser um cara grande.

A porta se abriu e Brianna espiou.

— O que você está fazendo aqui fora sem casaco? — perguntou ela. — Está congelando!

Ele hesitou, com vontade de contar a ela. Afinal, era evidente que tinha funcionado com Ernie. Mas era noite de Natal, ele disse a si mesmo. Apesar das nuvens baixas e da temperatura em queda, ele se sentia quente e formigando. Sorriu para ela.

— Estava só me despedindo de Fiona — respondeu ele, puxando a porta. — Vamos ver se podemos fazer o almoço sem explodir a cozinha?

Eles fizeram sanduíches sem incidentes e voltaram à sala de estudos depois do almoço. O cômodo já estava quase vazio. Só restavam algumas estantes com livros que precisavam ser organizados e guardados.

Por um lado, Roger sentiu imenso alívio porque o trabalho estava quase chegando ao fim. Por outro, era triste ver o escritório antes lotado reduzido a uma sombra do que já havia sido.

A mesa grande do reverendo fora esvaziada e levada à garagem para ser guardada, as estantes do teto ao chão estavam sem os livros pesados, e as camadas de papéis pregados nas cortiças da parede tinham sido removidas. O processo fez Roger se

lembrar de uma galinha depenada, e o resultado era um vazio patético que dava vontade de desviar o olhar.

Ainda havia um quadrado de papel preso à cortiça. Ele tiraria esse por último.

— E estes? — Brianna passou um espanador sobre uma pequena pilha de livros que estava sobre a mesa à sua frente. Havia várias caixas abertas no chão, cheias pela metade de livros com muitos destinos: bibliotecas, antiquários, sociedades, amigos do reverendo, uso pessoal de Roger.

— Eles estão autografados, mas não são endereçados a ninguém — disse ela, entregando a ele o primeiro da pilha. — Você tem o conjunto que ele endereçou ao seu pai, mas quer estes também? São primeiras edições.

Roger virou o livro nas mãos. Era de Frank Randall, um livro adorável, lindamente editado e encapado para combinar com a elegância do seu conteúdo de estudo.

— Você deveria ficar com eles, não acha? — perguntou ele. Sem esperar resposta, ele colocou o livro com delicadeza dentro de uma pequena caixa no assento de uma poltrona. — Afinal, é o trabalho do seu pai.

— Já tenho alguns — protestou ela. — Um monte. Caixas e mais caixas.

— Mas estão autografados?

— Bem, não. — Ela pegou outro livro e o abriu na folha de rosto, onde estava escrito *Tempora mutantur nos et mutamur in illis* — *F. W. Randall* com uma letra forte e meio deitada. Ela passou um dedo delicadamente sobre a assinatura, com os lábios relaxados.

— *Os tempos mudam, e nós com eles.* Tem certeza de que não os quer, Roger?

— Tenho — respondeu ele, e sorriu. Acenou ao redor, no espaço tomado pelos volumes. — Não se preocupe, você não vai me deixar em falta.

Ela riu e colocou os livros em sua caixa, e então voltou ao trabalho, tirando o pó e passando o pano nos livros empilhados e separados antes de guardá-los. A maioria não era limpo havia

quarenta anos, e ela já estava bem suja, os dedos compridos cheios de pó e as mangas da blusa branca quase pretas de sujeira.

— Não vai sentir falta deste lugar? — perguntou ela. Afastou uma mecha de cabelos dos olhos e fez um gesto para a sala espaçosa. — Você cresceu aqui, não?

— Sim e sim — respondeu ele, colocando mais uma caixa cheia na pilha que seria enviada à biblioteca da universidade. — Mas não tenho escolha.

— Acho que você não poderia viver aqui — concordou ela com pesar. — Já que precisa estar em Oxford na maior parte do tempo. Mas precisa vendê-la?

— Não *posso* vendê-la. Não é minha. — Ele se abaixou para pegar uma caixa maior do que as outras e ficou de pé lentamente, gemendo pelo esforço. Caminhou pela sala e a colocou na pilha com um baque que fez subir nuvens de poeira das caixas de baixo.

— Ufa! — Ele suspirou, sorrindo para ela. — Boa sorte aos antiquários que pegarem essa caixa.

— Como assim, não é sua?

— O que eu disse — respondeu ele de modo casual. — Não é minha. A casa e a terra pertencem à igreja. Meu pai morou aqui por quase cinquenta anos, mas o local não era dele. Pertence ao conselho da paróquia. O novo pastor não a quer; ele tem dinheiro e uma esposa que gosta de coisas modernas, por isso o conselho vai deixá-la para locação. Fiona e Ernie ficarão com ela, se tudo der certo.

— Só os dois?

— É barata. Por um bom motivo — acrescentou ele. — Mas ela quer um monte de filhos. Tem espaço para um exército deles, posso garantir.

Construída na era vitoriana para pastores com famílias grandes, a casa dispunha de doze cômodos — sem falar de um banheiro antiquado e muito inconveniente.

— O casamento é em fevereiro, por isso preciso terminar a desocupação no Natal, para que o pessoal da limpeza e os pintores tenham tempo de vir. Mas sinto muito por fazer você trabalhar nas festas. Talvez possamos ir a Fort William na segunda.

Brianna pegou outro livro, mas não o guardou na caixa na hora.
— Então, sua casa não será mais sua — disse ela, lentamente.
— Não parece certo... embora eu esteja feliz por saber que Fiona ficará com ela.

Roger deu de ombros.

— Não pretendo me estabelecer em Inverness — afirmou ele.
— E não é como se a casa fosse dos meus antepassados nem nada.
— Ele fez um gesto para o linóleo rachado, a pintura desgastada e o lustre antigo de vidro cobrindo as lâmpadas no teto. — Não posso transformá-la em patrimônio nacional e cobrar duas libras de cada visitante que entrar aqui.

Ela sorriu ao ouvir isso, e voltou a fazer a separação. Mas parecia pensativa, franzindo o cenho levemente entre as sobrancelhas ruivas e grossas. Por fim, ela colocou o último livro na caixa, espreguiçou-se e suspirou.

— O reverendo tinha quase a mesma quantidade de livros que meus pais — disse ela. — Entre os livros de medicina de mamãe e os de história de papai, eles deixaram o suficiente para encher uma biblioteca. Provavelmente vou precisar de seis meses para separar todos quando voltar para ca... quando voltar. — Ela mordeu o lábio delicadamente e virou-se para pegar um rolo de fita-crepe, cutucando a ponta com a unha. — Eu disse à corretora de imóveis que ela podia colocar a casa à venda no verão.

— É isso o que tem perturbado você? — perguntou ele devagar, compreendendo a situação ao olhar o rosto dela. — Está pensando em se desfazer da casa na qual cresceu... em ficar sem ela para sempre?

Ela ergueu um dos ombros levemente, os olhos ainda fixos na fita adesiva.

— Se você conseguiu passar por isso, acho que também consigo. Além disso, não é tão ruim. Minha mãe cuidou de quase tudo. Encontrou um inquilino e alugou a casa por um ano, para eu poder ter tempo de decidir o que fazer sem me preocupar com o fato de ela permanecer vazia. Mas é besteira ficar com ela. É grande demais para eu morar sozinha.

— Pode ser que você se case — disse ele sem pensar.

— Talvez — respondeu ela. Olhou para ele de soslaio e o canto de sua boca tremeu no que podia ser uma demonstração de divertimento. — Um dia. Mas e se meu marido não quiser morar em Boston?

Ocorreu a Roger de repente que a preocupação dela por ele perder a casa podia ser — quem sabe? — que Brianna se imaginava morando nela.

— Você quer ter filhos? — perguntou ele abruptamente. Não pensara em perguntar, mas torcia para que ela quisesse.

Ela pareceu assustada por um momento, e então riu.

— Filhos únicos costumam querer famílias grandes, não?

— Não sei — respondeu ele. — Mas eu quero. — Inclinou-se em cima das caixas e a beijou subitamente.

— Eu também — disse ela.

Seus olhos se estreitaram quando ela riu. Não desviou o olhar, mas corou levemente e sua pele ficou parecida com a de um pêsego maduro.

Ele queria filhos, mas, naquele momento, queria ainda mais fazer o que causava filhos.

— Talvez devêssemos acabar de limpar primeiro.

— O quê? — O sentido das palavras dela foi assimilado vagamente. — Ah, sim, acho que sim.

Ele abaixou a cabeça e a beijou de novo, mais lentamente dessa vez. Ela tinha a boca mais maravilhosa; ampla e de lábios carnudos, quase grande demais para seu rosto, mas não exatamente.

Ele a abraçou pela cintura com uma mão e levou a outra aos seus cabelos sedosos. Sua nuca estava lisa e quente ao toque. Roger a segurou e ela estremeceu, abrindo a boca num pequeno sinal de submissão que fez com que ele quisesse incliná-la para trás em seu braço, levando-a para se deitar no tapete e...

Uma batida rápida fez com que ele erguesse a cabeça, afastando-se dela.

— *Quem é?* — exclamou Brianna, com a mão no peito.

Em uma parede do quarto, havia janelas do chão ao teto — o reverendo tinha sido pintor —, e um rosto quadrado e com bigode

estava pressionado contra uma delas, quase amassado com interesse.

— Esse — disse Roger entre dentes — é o carteiro, MacBeth. O que o velho está fazendo aqui?

Como se ouvisse a pergunta, o sr. MacBeth deu um passo para trás, pegou uma carta da bolsa e a balançou jovialmente em direção aos ocupantes da sala.

— Uma carta — disse ele com esforço, olhando para Brianna. Olhou para Roger e franziu o cenho em repreensão.

Quando Roger chegou à porta da frente, o sr. MacBeth estava de pé na varanda, segurando a carta.

— Por que não colocou a carta na caixa de correspondências. Pelo amor de Deus! — exclamou Roger. — Deixe-me vê-la.

O sr. MacBeth segurou a carta longe do alcance de Roger e fez cara de indignado, o que não deu muito certo devido à tentativa de ver Brianna por cima do ombro de Roger.

— Pensei que pudesse ser importante. Dos Estados Unidos, não? E é para a jovem, não para você, rapaz. — Enrugando o rosto numa careta indelicada, ele passou por Roger, o braço estendido para Brianna.

— Senhora — disse ele, por baixo do bigode. — Com os cumprimentos do correio de Sua Majestade.

— Obrigada. — Brianna ainda estava corada, mas já havia alisado os cabelos, e sorriu para MacBeth com toda a evidência de autocontrole. Ela pegou e olhou para a carta, mas não fez sinal de que a abriria. O envelope tinha sido escrito à mão, Roger viu, com carimbos vermelhos dos correios, mas a distância era grande demais para entender o endereço do remetente.

— Está em visita, senhora? — perguntou MacBeth com interesse. — Só vocês dois aqui, sozinhos? — Ele olhava para Brianna rolando os olhos, observando-a de cima a baixo com interesse.

— Ah, não — disse Brianna, séria. Dobrou a carta no meio e a enfiou no bolso de trás da calça jeans. — O tio Angus está conosco, dormindo no andar de cima.

Roger mordeu a bochecha por dentro da boca. O tio Angus era um scottish terrier de pelúcia, um remanescente de sua própria juventude, desenterrado durante a limpeza da casa. Brianna, interessada nele, havia tirado a poeira de sua boina xadrez e o colocara em cima da cama no quarto de hóspedes.

O carteiro ergueu as duas sobranceiras.

— Ah — disse ele de modo inexpressivo. — Certo, entendo. Ele também é americano, seu tio Angus?

— Não, ele é de Aberdeen. — Além de um tom mais corado na ponta do nariz, o rosto de Brianna não demonstrou nenhuma emoção.

O sr. MacBeth ficou encantado.

— Ah, você tem escoceses em sua família, então! Bem, eu deveria ter percebido ao ver seus cabelos. Uma bela moça, com certeza. — Ele balançou a cabeça admirado, e a lascívia foi substituída por um ar de velho babão que Roger considerou apenas um pouco menos questionável.

— Sim, bem. — Roger pigarreou com ênfase. — Certamente não queremos atrapalhar seu trabalho, MacBeth.

— Ah, sem problemas — garantiu o carteiro, entortando o pescoço para olhar Brianna pela última vez antes de partir. — Não há descanso para os velhos, certo, meu caro?

— É “não há descanso para os *perversos*” — disse Roger, com certa ênfase, abrindo a porta. — Bom dia para o senhor, MacBeth.

MacBeth olhou para ele, a sombra da malícia de volta ao seu rosto.

— Bom dia ao senhor, sr. Wakefield. — Inclinou-se, cutucou Roger nas costelas com um cotovelo, e sussurrou com a voz rouca: — E uma noite melhor ainda, se o tio dela tiver sono pesado!

— Vai ler sua carta? — Ele a pegou da mesa onde Brianna a havia deixado e a estendeu para ela.

Brianna corou um pouco e a pegou da mão dele.

— Não é importante. Vou ler depois.

— Vou para a cozinha, se for particular.

Ela corou ainda mais.

— Não é. Não é nada.

Roger ergueu uma sobrancelha. Ela deu de ombros impacientemente e rasgou a borda, puxando uma única folha de papel.

— Veja você, então. Eu disse que não é importante.

Ah, não é?, ele pensou, mas não disse nada em voz alta. Pegou a folha e olhou para ela.

Na verdade, não era nada de mais; uma notificação enviada pela biblioteca da universidade de Brianna, dizendo que uma referência específica que ela pedira infelizmente não poderia ser obtida pela biblioteca, mas podia ser vista na coleção particular da Stuart Papers, no Anexo Real da Universidade de Edimburgo.

Ela o observava quando ele olhou para a frente, com os braços cruzados, os olhos brilhantes e os lábios contraídos, desafiando-o a dizer alguma coisa.

— Você deveria ter me dito que procurava por ele — disse Roger baixinho. — Eu poderia ter ajudado.

Brianna deu de ombros, e ele viu que ela engoliu em seco.

— Sei fazer pesquisa histórica. Eu ajudava meu p... — Ela parou de falar, prendendo o lábio inferior com os dentes.

— Sim, eu sei — respondeu ele.

Roger a segurou pelo braço e a levou pelo corredor até a cozinha, onde a colocou em uma cadeira da velha mesa desgastada.

— Vou colocar a chaleira no fogo.

— Não gosto de chá — protestou ela.

— Você *precisa* de chá — afirmou Roger, e ligou o gás, determinado. Virou-se para o armário, pegou xícaras e pires, e, pensando melhor, a garrafa de uísque do armário de cima.

— E eu não gosto *nada* de uísque — resmungou Brianna, olhando para ele. Ela começou a se afastar da mesa, mas Roger a impediu com uma mão em seu braço.

— Eu gosto de uísque — disse ele. — Mas odeio beber sozinho. Você vai me fazer companhia, não vai? — Ele sorriu para Brianna,

esperando que ela retribuísse. E ela finalmente sorriu, meio a contragosto, e relaxou na cadeira.

Roger se sentou à frente dela e encheu metade da xícara com o líquido âmbar pungente. Respirou com prazer diante do vapor e bebericou devagar, deixando a bebida forte descer por sua garganta.

— Ah — suspirou. — Glen Morangie. Tem certeza de que não quer beber comigo? Um pouquinho em seu chá, talvez?

Brianna negou balançando a cabeça em silêncio, mas quando a chaleira começou a apitar, ela se levantou para tirá-la do fogo e despejar a água quente na chaleira de cerâmica. Roger se levantou e se colocou atrás dela, passando os braços ao redor de sua cintura.

— Não tem do que se envergonhar — disse ele delicadamente. — Você tem direito de saber, se puder. Jamie Fraser era seu pai, afinal.

— Mas ele não era... não de verdade.

Brianna abaixou a cabeça. Ele viu o redemoinho no topo, uma repetição daquele que ela tinha no meio da testa, que levantava seus cabelos em uma leve onda.

— Eu *tive* um pai — disse ela, parecendo meio engasgada. — Papai, Frank Randall, *era* meu pai, e eu o amo, amava. Não parece certo... procurar outra coisa, como se ele não bastasse, como...

— Não é isso, e você sabe. — Ele a virou e levantou seu queixo com um dedo. — Não tem nada a ver com Frank Randall nem como você se sente em relação a ele. Sim, ele *era* seu pai, e não há nada que mude isso. Mas é natural ficar curiosa, querer saber.

— Você já quis saber? — Ela levantou a mão e afastou a dele, mas segurou seus dedos.

Ele respirou fundo, encontrando conforto no uísque.

— Sim, já quis. Acho que é preciso. — Ele entrelaçou seus dedos com os dela, levando-a em direção à mesa. — Venha se sentar, vou contar.

Ele sabia como era não ter um pai, principalmente um pai desconhecido. Durante um tempo, logo depois de ter começado a estudar, ele começou a analisar as medalhas do pai com obsessão,

levava o saco de veludo no bolso e se gabava com os amigos a respeito do heroísmo do pai.

— Eu contava histórias sobre ele. Era tudo inventado — disse ele, olhando para as profundezas aromáticas de sua xícara de chá. — Levei uma surra por perturbar, apanhei na escola por mentir. — Roger olhou para ela e sorriu um pouco incomodado. — Eu tinha que torná-lo real, sabe?

Ela assentiu, com os olhos intensos e tomados de compreensão.

Ele tomou mais um gole de uísque, sem se preocupar em saboreá-lo.

— Felizmente meu pai, o reverendo, parecia saber o que se passava. Ele começou a me contar histórias a respeito do meu pai, histórias de verdade. Nada especial, nada heroico. Ele era um herói, sim, Jerry MacKenzie, levou tiro e tudo, mas as histórias que meu pai contava eram todas a respeito de como ele era na infância, como fez uma casa para um martim, mas o buraco ficou grande demais e um cuco entrou; do que gostava de comer quando vinha para cá nas férias e eles iam à cidade; que enchia os bolsos com caramujos que arrancava das rochas e se esquecia deles, estragando a calça com o fedor...

Roger parou e sorriu para ela, a garganta um pouco apertada com a lembrança.

— Ele tornava meu pai real para mim. E eu sentia falta dele mais do que nunca, porque sabia um pouco o que estava perdendo... mas tinha que saber.

— Algumas pessoas dizem que não podemos sentir saudade do que nunca tivemos, que é melhor não saber de nada — disse Brianna, erguendo a xícara, os olhos azuis firmes sobre a borda.

— Algumas pessoas são tolas. Ou covardes — respondeu Roger.

Ele despejou mais uísque em sua xícara e virou a garrafa na direção de Brianna erguendo a sobancelha. Ela levantou a xícara sem fazer comentários, e ele despejou o uísque ali. Brianna bebeu e pousou a xícara.

— E sua mãe? — perguntou ela.

— Eu tinha algumas lembranças dela; tinha quase cinco anos quando ela morreu. E havia caixas na garagem... — Ele inclinou a cabeça em direção à janela. — Todas as coisas dela, suas cartas. É como o meu pai dizia: “Todo mundo precisa de uma história.” A minha estava ali. Eu sabia que, se precisasse, poderia descobrir mais.

Ele a observou por bastante tempo.

— Você sente muita falta dela? — perguntou ele. — Da Claire?

Brianna olhou para Roger, assentiu brevemente, bebeu e estendeu a xícara vazia para ele.

— Eu estou, estava, com medo de procurar — disse ela, os olhos fixos no uísque. — Não é só ele... é ela também. Quero dizer, conheço as histórias dele, de Jamie Fraser. Minha mãe me contou muito sobre ele. Muito mais do que encontrarei em registros históricos — acrescentou ela numa tentativa malsucedida de abrir um sorriso. Respirou fundo. — Mas minha mãe, primeiro eu tentei fingir que ela tinha partido, como numa viagem. E então, quando não conseguia mais fazer isso, tentei acreditar que ela havia morrido.

Seu nariz escorria, fosse pela emoção, pelo uísque ou pelo calor do chá. Roger pegou o pano de prato pendurado no fogão e o jogou em cima da mesa para ela.

— Mas ela *não está*. — Brianna pegou o pano e secou o nariz com raiva. — Esse é o problema! Tenho que sentir saudade dela o tempo todo, e sei que nunca mais vou vê-la, mas ela *não morreu!* Como posso sentir sua falta, se acho, se espero, que ela esteja feliz onde está, se eu a fiz ir embora?

Ela bebeu o resto do líquido, engasgou um pouco e recuperou o fôlego. Olhou para Roger fixamente com os olhos azuis, como se ele fosse o culpado pela situação.

— Então eu quero descobrir, entende? Quero encontrá-la, encontrar os dois. Para saber se ela está bem. Mas fico pensando que talvez eu *não* queira descobrir, porque e se eu descobrir que ela não está bem. E se eu descobrir algo horrível? E se descobrir que ela está morta, ou que ele está... bem, isso não importaria tanto,

talvez, porque ele já está morto mesmo, ou estava, ou... mas eu *tenho*, eu sei que *tenho*!

Ela bateu a xícara na mesa na frente dele.

— Mais.

Roger abriu a boca para dizer que Brianna já tinha bebido mais do que deveria, mas ao olhar para o rosto dela, mudou de ideia. Calou-se e a serviu.

Ela não esperou que ele acrescentasse chá. Levou a xícara à boca, tomou um grande gole e depois mais um. Tossiu, engasgou e colocou a xícara na mesa, com os olhos marejados.

— Então, estou procurando. Ou estava. Mas quando vi os livros do papai e sua caligrafia... tudo pareceu errado. Você acha que estou errada? — perguntou ela, olhando para ele com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, querida — disse ele com delicadeza. — Não está errada. Você está certa, tem que saber. Vou ajudá-la... — Ele ficou de pé e, segurando-a, fez com que Brianna se levantasse. — Mas no momento, eu acho que talvez você devesse se deitar um pouco, sim?

Ele a levou escada acima até o meio do corredor, quando ela de repente se afastou e entrou no banheiro. Ele se recostou na parede do lado de fora, esperando pacientemente até ela sair, seu rosto da cor do gesso envelhecido.

— Isso é um desperdício de Glen Morangie — disse ele, segurando-a pelos ombros e levando-a para dentro do quarto. — Se eu soubesse que estava lidando com uma bebum, teria servido a bebida barata.

Brianna caiu na cama e deixou que Roger tirasse seus sapatos e suas meias. Ela se deitou de bruços, tio Angus na dobra de seu braço.

— Eu *disse* que não gostava de chá — rebateu ela, e adormeceu em segundos.

Roger trabalhou durante uma ou duas horas sozinho, separando livros e fechando caixas. Era uma tarde silenciosa e escura, sem

som além do bater suave da chuva e o barulho causado pelo pneus de um carro na rua. Quando a luz do dia começou a diminuir, ele acendeu as lâmpadas e atravessou o corredor até a cozinha, para lavar a sujeira dos livros das mãos.

Uma panela enorme de sopa cremosa de frango e alho-poró borbulhava no fogão. O que Fiona dissera para fazer em relação a ela? Aumentar o fogo? Desligar? Jogar coisas dentro dela? Roger lançou um olhar duvidoso para a panela e resolveu deixar como estava.

Limpou os restos do chá — lavou as xícaras e as secou, e então as pendurou cuidadosamente nos ganchos do armário. Eram peças restantes do velho conjunto com estampa de salgueiro que o reverendo tinha desde que Roger conseguia se lembrar — as árvores chinesas azuis e brancas e os pagodes completados por peças variadas de cerâmica adquirida em promoções.

Fiona teria tudo novo, claro. Ela os forçara a ver fotos de revista de porcelana, cristal e cerâmica. Brianna emitira sons de admiração. Roger tinha morrido de tédio. Ele imaginava que todas as coisas antigas acabariam na venda de usados — pelo menos, ainda podiam servir para alguém.

Num impulso, ele pegou as duas xícaras que tinha lavado, envolveu-as num pano de prato limpo e as levou para o escritório, onde as colocou em uma caixa que reservara para si. Sentiu-se totalmente tolo mas, ao mesmo tempo, um pouco melhor.

Olhou ao redor do escritório vazio exceto pela única folha de papel na parede com cortiça.

Então, seu lar se foi para sempre. Bem, ele havia deixado seu lar havia algum tempo, não?

Sim, isso o incomodava. Muito mais do que ele demonstrara a Brianna, na verdade. Por isso havia demorado tanto para acabar de esvaziar a casa, se fosse honesto a esse respeito. Sim, era uma tarefa hercúlea, ele tinha seu trabalho a fazer em Oxford, e sim, os milhares de livros tiveram que ser separados com cuidado — mas ele poderia ter trabalhado mais depressa se quisesse.

Com a casa vazia, talvez ele nunca terminasse o trabalho. Mas com o ímpeto de Fiona atrás e a atração por Brianna em sua

frente... Roger sorriu ao pensar nas duas: a morena baixa de cabelos cacheados e a viking alta de cabelos ruivos. Provavelmente eram mulheres que conseguiam o que queriam dos homens.

Mas era hora de terminar.

Com seriedade, ele soltou as pontas da folha amarelada e a tirou da cortiça. Era sua árvore familiar, um quadro genealógico criado com a letra arredondada do reverendo.

Mackenzies e mais MacKenzies, gerações deles. Ele vinha pensando em usar o nome de novo permanentemente, não só para cantar. Afinal, com a partida do pai, ele não queria mais voltar a Inverness, onde as pessoas o conheceriam como Wakefield. No fim das contas, era para isto que servia a genealogia: para que Roger não se esquecesse de quem era.

O pai conhecera algumas poucas histórias, mas não mais do que os nomes da maioria das pessoas da lista. E não soubera nem isso, pois a mais importante, a mulher cujos olhos verdes Roger via todas as manhãs no espelho, *ela* não estava na lista, por um bom motivo.

O dedo de Roger parou perto do topo do quadro. Ali estava ele, a criança adotada — William Buccleigh MacKenzie. Entregue a pais adotivos, o filho bastardo do líder de guerra do clã Mackenzie e de uma bruxa condenada à fogueira. Dougal MacKenzie e a bruxa Geillis Duncan.

Não era uma bruxa, claro, mas era um ser igualmente perigoso. Ele tinha os olhos dela — ou assim dissera Claire. Será que ele havia herdado algo mais dela? Será que a habilidade assustadora de passar pelas pedras era transmitida através de gerações de barqueiros e pastores respeitáveis sem que eles soubessem?

Roger pensava nisso sempre que via o quadro agora — e, por esse motivo, tentava não olhar. Gostava da ambivalência de Brianna. Compreendia muito bem o limite entre o medo e a curiosidade, a necessidade de saber e o medo de descobrir.

Bem, ele podia ajudar Brianna a descobrir. E quanto a ele...

Roger colocou o quadro em uma pasta e a guardou na caixa. Fechou a tampa e fez um "X" com fita adesiva na aba para garantir.

— É isso, então — disse ele em voz alta, e saiu da sala vazia.

Parou no topo da escada, surpreso.

Brianna havia tomado banho, encarando o aquecedor antigo com o esmalte rachado e a chama fraca. Agora, estava no corredor só de toalha.

Virou-se sem vê-lo. Roger permaneceu imóvel, ouvindo as batidas de seu coração, sentindo a palma da mão grudar no corrimão polido.

Ela estava coberta de modo modesto. Roger já vira mais de seu corpo com os shorts e as regatas que ela havia usado no verão. Foi a fragilidade da peça que o excitou, saber que poderia despi-la com um rápido puxão. E também saber que eles estavam sozinhos na casa.

Dinamite.

Ele deu um passo atrás dela e parou. Brianna o ouviu e parou também, mas demorou bastante para se virar. Estava descalça, pés arqueados e de dedos compridos. As curvas esguias de suas pegadas molhadas estavam escuras na passadeira puída que cobria o chão do corredor.

Brianna não disse nada. Só olhou para ele diretamente, os olhos intensos e semicerrados. Recostou-se numa janela alta no fim do corredor, o corpo formando uma sombra escura contra a luz cinza-clara do dia chuvoso lá fora.

Se ele a tocasse, já sabia como ela seria. Sua pele ainda estaria quente do banho, úmida nas dobras dos joelhos, das coxas e dos cotovelos. Conseguia sentir seu cheiro, os resquícios de xampu, sabão e talco, o cheiro do seu corpo mascarado pelas notas florais.

Os rastros que ela deixara na passadeira se estendiam diante dele, uma série frágil de pegadas conectando-os. Roger tirou as sandálias e pousou um dos pés descalços na marca deixada por ela; estava fria contra sua pele.

Havia gotas de água nos ombros de Brianna, combinando com as gotas na janela atrás dela, como se ela tivesse entrado depois

de tomar um banho de chuva. Brianna ergueu a cabeça enquanto Roger se aproximava e, chacoalhando-se, deixou a toalha que envolvia sua cabeça cair.

As serpentes cor de bronze de seus cabelos desceram brilhando, resvalando seu rosto com a água. Não era uma beleza como a de Górgona, mas a de um espírito da água trocando de forma, de cavalo com crina de serpente para mulher mágica.

— Kelpie — sussurrou ele na curva do rosto dela. — Você parece ter saído de um incêndio nas Terras Altas.

Brianna envolveu o pescoço dele com as mãos e soltou a toalha. Só a pressão dos corpos a mantinha entre eles. As costas dela estavam nuas. O ar frio da janela eriçava os pelos de seu braço, apesar de sua pele esquentar a palma da mão dele. Roger quis envolver a toalha no corpo dela, protegê-la e cobri-la do frio. Ao mesmo tempo, queria que os dois se despissem, queria tomar o calor dela para si e dar-lhe o seu próprio calor, bem ali no corredor úmido.

— Quente — sussurrou ele. — Meu Deus, como você está quente.

Os lábios de Brianna moldaram os dele.

— Somos dois, e você não tomou banho, Roger... — Sua mão estava pousada na nuca dele, os dedos frios. Ela abriu a boca para dizer alguma outra coisa, mas ele a beijou, sentindo o calor úmido passar pelo tecido de sua camisa.

Os seios dela se eriçaram contra ele e Brianna abriu a boca. O tecido felpudo da toalha escondia o contorno dos seios das mãos dele, mas não de sua imaginação. Ele conseguia vê-los em sua mente, redondos e macios, com aquele balançar leve e encantador.

Roger abaixou a mão, levando-a às nádegas nuas de Brianna. Ela se remexeu, perdeu o equilíbrio e os dois caíram de modo estranho, agarrando-se um ao outro em um esforço para permanecerem de pé.

Os joelhos de Roger tocaram o chão, e ele a arrastou para baixo consigo. Brianna se inclinou e se espalhou, caindo de costas, rindo.

— Ei! — Ela pegou a toalha e então a deixou quando ele partiu para cima dela, beijando-a de novo.

Ele estava certo a respeito dos seios dela. O que ele segurava estava nu agora, cheio e macio, o mamilo duro no meio da palma de sua mão.

Dinamite, e o pavio fora aceso.

A outra mão estava em cima da coxa dela por baixo da toalha, perto o suficiente para ele conseguir sentir os pelos úmidos resvalarem seu dedo. Meu Deus, de que cor seriam? Ruivos, como ele imaginara? Cor de bronze ou acobreados, como os cabelos?

Sua mão foi além, louca para tocar a pele macia, lisa e farta que conseguia sentir tão perto. Com um esforço que o deixou zozzo, ele parou.

A mão dela estava no braço dele, puxando-o para baixo.

— Por favor — sussurrou ela. — Por favor, eu quero que você continue.

Roger se sentiu oco como um sino. As batidas do coração ecoavam na cabeça e no peito e dolorosamente entre suas pernas. Ele fechou os olhos, respirando, pressionando as mãos contra a fibra grossa do tapete, tentando apagar a sensação da pele dela, até que a segurasse de novo.

— Não — disse ele, e sua voz pareceu bem fraca e rouca para ele próprio. — Não. Não aqui, não desse jeito.

Brianna estava sentada, com a toalha azul-escura envolvendo seu quadril, como uma sereia nas ondas. Ela havia esfriado. A pele estava pálida como mármore sob a luz cinza, mas o arrepio eriçava os pelos de seus braços, seios e ombros macios.

Ele a tocou, pele firme e macia, e passou os dedos sobre os lábios dela, sobre a boca larga. Ainda sentia o gosto dela, de pele limpa e pasta de dentes... e uma língua macia e doce.

— Melhor — sussurrou ele. — Quero que seja melhor... a primeira vez.

Eles permaneceram ajoelhados olhando um para o outro, o ar entre eles tomado pelas palavras não ditas. O pavio ainda estava aceso, mas a chama era menor agora. Roger sentiu-se enraizado onde estava. Talvez fosse a Górgona, afinal.

Então, sentiu o cheiro de leite quente subir a escada, e os dois se sobressaltaram.

— Tem alguma coisa queimando! — exclamou Brianna, e tentou correr em direção à escada, colocando a toalha no lugar de modo desajeitado.

Roger a segurou pelo braço quando ela passou por ele. Estava fria ao toque, fria no corredor vazio.

— Eu cuido disso — respondeu ele. — Vá se vestir.

Ela lhe lançou um olhar rápido e se virou, entrando no quarto de hóspedes. Fechou a porta e ele disparou pelo corredor, descendo a escada depressa em direção ao cheiro de desastre, sentindo a palma da mão arder onde ele a tocara.

No andar de baixo, Roger limpou a sopa derramada, repreendendo a si mesmo. Onde estava com a cabeça ao atacá-la como um salmão ensandecido na rota da desova? Arrancando a toalha e deitando-a no chão.... Minha nossa, Brianna devia pensar que ele era um estuprador!

Ao mesmo tempo, o calor que tomava seu peito não se devia à vergonha nem à temperatura do fogão. Era o calor latente da pele dela, que ainda o aquecia. *Eu quero que você continue*, ela dissera, com sinceridade.

Ele já era bastante familiarizado com a linguagem corporal para reconhecer o desejo e a entrega quando os via. Mas o que sentira naquele breve momento quando o corpo dela despertou para o dele foi muito além. O universo havia mudado com um clique leve e decisivo. Roger ainda era capaz de ouvir o eco nos ossos.

Roger a desejava. Ele a desejava por completo. Não só na cama, não só seu corpo. Tudo, sempre. De repente, a determinação bíblica “*uma só carne*” parecia algo imediato e muito real. Eles tinham acabado de fazer isso acontecer no chão do corredor, e parar daquela forma fez com que ele se sentisse repentina e peculiarmente vulnerável. Roger não era mais uma pessoa completa, apenas metade de algo ainda não formado.

Ele despejou os restos arruinados da sopa na pia. Não importava. Eles jantariam no pub. Era melhor sair da casa e se afastar da tentação.

Jantar, uma conversa casual e talvez um passeio perto do rio. Ela queria ir à missa da noite de Natal. Depois disso...

Depois disso, ele perguntaria, tornaria a situação formal. Ela diria sim, ele sabia. E então...

Então, eles viriam para casa, uma casa escura e privada. Sozinhos, em uma noite de sacramento e segredo, com o amor recém-chegado ao mundo. E ele a abraçaria e a levaria para cima, em uma noite na qual o sacrifício da virgindade não seria a perda da pureza, mas o nascimento da alegria sem fim.

Roger apagou a luz e saiu da cozinha. Atrás dele, esquecida, a chama do gás queimava azul e amarela no escuro, ardente e constante como as chamas do amor.

DESEJO INADEQUADO

O reverendo Wakefield tinha sido um homem gentil e ecumênico, tolerante em relação a todas as diferenças nas religiões e disposto a abranger doutrinas que seus fiéis considerariam absurdas ou puras blasfêmias.

Ainda assim, uma vida inteira exposto à face séria do presbiterianismo escocês e sua suspeita irrestrita em relação a qualquer coisa do catolicismo tinham deixado Roger com uma certa intranquilidade ao entrar em uma igreja católica — como se pudesse ser preso na porta e batizado à força por servos com roupas esquisitas da Cruz Verdadeira.

Não houve esse tipo de violência quando ele seguiu Brianna para dentro de uma pequena construção de pedra. Havia um garoto com uma longa veste branca visível no fim da nave, mas ele estava tranquilamente distraído acendendo dois pares de velas brancas altas que decoravam o altar. Um cheiro fraco e não familiar se espalhava pelo ar. Roger respirou, tentando não se fechar. Incenso?

Ao lado dele, Brianna parou, mexendo na bolsa. Pegou um pequeno círculo de renda preta e o prendeu no topo da cabeça.

— O que é isso? — perguntou ele?

— Não sei como se chama — respondeu ela. — É o que se usa na igreja quando não queremos usar um chapéu ou um véu. Não é mais *necessário* mas eu cresci fazendo isso... as mulheres não podiam entrar numa igreja católica com a cabeça descoberta, sabe?

— Não sabia — disse ele, interessado. — Por que não?

— São Paulo, provavelmente — falou ela, passando o pente que pegou de dentro da bolsa para acertar as pontas dos cabelos.

— Ele achava que as mulheres deveriam manter os cabelos cobertos o tempo todo, para não serem alvo de desejo inadequado. Velho mal-humorado — acrescentou Brianna, enfiando de novo o pente na bolsa. — Minha mãe sempre dizia que ele tinha medo das mulheres. Que achava que elas eram perigosas — disse ela, abrindo um sorriso.

— Elas são. — De modo impulsivo, Roger se inclinou para a frente e a beijou, ignorando os olhares das pessoas ao redor.

Brianna pareceu surpresa, mas inclinou-se apoiada nos dedos dos pés e retribuiu o beijo, suave e rápido. Roger ouviu um baixo “Humm” de desaprovação em algum ponto perto dali, mas não deu atenção.

— Na *igreja* e na noite de Natal também! — Eles ouviram um sussurro rouco atrás.

— Bem, não é a igreja exatamente, Annie. É só a saleta, certo?

— E ele é o filho do pastor!

— Bem, você conhece o ditado, Annie: o filho do sapateiro anda descalço. Ouso dizer que é a mesma coisa com o filho do pastor; que vai para o inferno. Vamos!

As vozes se retiraram para dentro da igreja, com o bater de saltos e um farfalhar mais leve de um homem que acompanhava. Brianna se afastou um pouco e olhou para ele, a boca tremendo enquanto ela ria.

— Você vai para o inferno?

Roger sorriu para ela e tocou seu rosto corado. Brianna usava o colar de sua mãe, em respeito ao Natal, e sua pele refletia o brilho das pérolas.

— Se o diabo me quiser.

Antes que ela pudesse responder, eles foram interrompidos por uma rajada de ar quando a porta da igreja se abriu.

— Sr. Wakefield?

Ele se virou e viu dois pares de olhos claros e questionadores brilhando para ele. Duas senhoras, cada uma com cerca de 1,35m, estavam de braços dados e com casacos de frio, os cabelos grisalhos escondidos embaixo de chapéus de feltro, como dois apoios de porta.

— Sra. MacMurdo, sra. Hayes! Feliz Natal!

Roger assentiu para elas, sorrindo. A sra. MacMurdo vivia duas casas depois da dele, e ia à igreja todos os domingos com a amiga sra. Hayes. Roger as conhecia a vida toda.

— Vai a Roma, não é, sr. Wakefield? — perguntou Chrissie MacMurdo.

Jessie Hayes riu com a ousadia da amiga e as cerejas balançaram no chapéu.

— Talvez eu não vá por um tempo — disse Roger, ainda sorrindo. — Só estou acompanhando uma amiga. Conheçam a srta. Randall.

Ele apresentou Brianna às duas, sorrindo timidamente enquanto elas a olhavam com ávida curiosidade.

Para a sra. MacMurdo e para a sra. Hayes, a presença dele ali era uma declaração clara de suas intenções, como se Roger tivesse feito um anúncio de uma página inteira no jornal. Pena que Brianna não sabia disso.

Ou sabia? Ela olhou para ele com um sorriso meio escondido, e Roger sentiu a pressão dos dedos dela em seu braço por um momento.

— Ah, lá vem o rapazinho com o incensário! — gritou a sra. Hayes, vendo outro menino de vestes brancas surgindo do santuário. — Melhor entrarmos logo, Chrissie, ou não conseguiremos um lugar!

— Foi um prazer conhecer você, minha cara — disse a sra. MacMurdo a Brianna, inclinando tanto a cabeça para trás que seu chapéu corria o risco de cair. — Minha nossa, que moça alta bonita! — Ela olhou para Roger, piscando. — Sortuda por ter encontrado um rapaz que combina tanto com você, não é?

— Chrissie!

— Estou indo, Jessie, estou indo. Não se apresse, temos tempo. — Endireitando o chapéu com uma faixa com penas de tetraz, a sra. MacMurdo virou-se tranquilamente para se unir à amiga.

O sino começou a bater de novo, e Roger segurou o braço de Brianna. Na frente deles, ele viu Jessie Hayes olhar para trás com

os olhos curiosos, o sorriso meio malicioso, dando-se conta do que estava acontecendo.

Brianna enfiou os dedos em uma pequena pia de pedra presa à parede perto da porta e se benzeu. Roger considerou o gesto repentina e estranhamente familiar, apesar de sua criação.

Anos atrás, caminhando com o reverendo, eles tinham encontrado uma fonte de santo escondida em um pequeno bosque. Havia uma pedra lisa na ponta ao lado da pequena fonte, e os restos dos entalhes feitos nela desgastados quase a ponto de deixá-la lisa, somente a sombra de uma figura humana.

Um senso de mistério pairava sobre a fonte pequena e escura. Ele e o reverendo permaneceram ali por um tempo sem falar nada. Então, o reverendo havia se abaixado, pegado a água com a mão e a derramado ao pé da pedra em silenciosa cerimônia; pegou mais um punhado e espalhou no próprio rosto. Só depois disso, eles se ajoelharam ao lado da fonte para beber a água fresca.

Acima das costas curvadas do reverendo, Roger vira os nós de tecido amarrados aos galhos das árvores acima da fonte. Promessas, restos de orações, deixados por quem ainda visitava o antigo altar.

Por quantos milhares de anos os homens tinham se benzido com água antes de fazerem seus pedidos? Roger enfiou os dedos na água e, sem jeito, tocou a cabeça e o coração, com algo que poderia ser uma oração.

Eles encontraram assentos na galeria leste, lado a lado com uma família que murmurava, ocupada em ajeitar seus pertences e os filhos adormecidos, passando casacos, bolsas e mamadeiras de um lado para outro, enquanto um órgão pequeno tocava "Oh, Pequena Cidade de Belém" em algum lugar fora de vista.

Então, a música parou. Fez-se um silêncio de expectativa, e ela começou de novo, com o som mais alto de "Oh, Vinde Fiéis".

Roger se levantou com a congregação quando a procissão tomou o corredor central. Havia vários dos acólitos de vestes brancas, um deles balançava um incensário que espalhava fumaça perfumada na multidão. Outro levava um livro e um terceiro, um crucifixo alto, a figura assustadora nele exposta, coberta por tinta

vermelha cujos tons bruxuleavam na vestimenta do padre em tons dourados e rubros.

Roger ficou assustado com o mau gosto. A mistura de ostentação bárbara e os tons do latim cantado eram bem diferentes do que seu subconsciente considerava adequado na igreja.

Ainda assim, conforme a missa prosseguia, as coisas foram parecendo mais normais. Houve leitura de trechos da Bíblia muito familiares e então o tédio vagamente agradável do sermão, no qual as anunciações inevitáveis de Natal de “paz”, “boa vontade” e “amor” lhe ocorriam, tranquilas como os lírios brancos que flutuavam em um lago de palavras.

Quando a congregação se levantou de novo, Roger já não achava mais nada estranho. Cercado pelo ambiente familiar e acolhedor da igreja, com chão polido, as roupas de lã úmidas, o cheiro de naftalina e um leve toque de uísque com os quais alguns fiéis tinham se preparado para a longa missa, ele mal notou o cheiro doce e almiscarado de olíbano. Respirando profundamente, ele pensou ter sentido o cheiro de grama fresca nos cabelos de Brianna.

Eles brilhavam à luz fraca da galeria, densos e macios contra o violeta-escuro de sua blusa. As mechas acobreadas estavam mais ofuscadas pela sombra, na cor profunda da pele de um veado vermelho, e davam a mesma sensação de desejo impotente que sentia quando surpreendido por um veado numa trilha das Terras Altas — a vontade forte de tocá-lo, acariciar a fera e mantê-lo consigo de alguma forma, unida à consciência de que o animal fugiria se ele mexesse um dedo que fosse.

Independentemente do que achassem de São Paulo, pensou ele, o homem soubera o que dizia a respeito dos cabelos das mulheres. Desejo inadequado, não? Ele teve uma lembrança repentina do corredor vazio e do calor que emanava do corpo de Brianna, das mechas molhadas do cabelo dela em sua pele. Desviou o olhar, tentando se concentrar no que acontecia no altar, onde o padre erguia um disco chato e grande de pão, enquanto um garotinho balançava um sino sem parar.

Roger a observou quando Brianna foi comungar, e se surpreendeu ao perceber que estava rezando sem dizer nenhuma palavra.

Relaxou um pouco quando percebeu o conteúdo de sua oração. Não era o indecoroso “Que eu possa tê-la”, que ele esperaria. Era mais modesto — e aceitável, ele esperava — “Permita que eu seja digno dela, permita que eu a ame do modo correto, que eu tome conta dela.” Ele assentiu em direção ao altar, então viu o olhar curioso do homem ao seu lado e se endireitou, pigarreando envergonhado, como se tivesse sido flagrado numa conversa particular.

Brianna voltou, olhos arregalados e fixos em algo dentro de si, com um pequeno sorriso sonhador na boca de lábios amplos. Ela se ajoelhou e ele fez a mesma coisa ao seu lado.

Seu olhar era tranquilo, mas a expressão, não. De nariz reto e severo, com sobancelhas grossas aliviadas do peso pela graça de seu formato arqueado. A clareza do queixo e das faces dava a impressão de que ela tinha sido talhada em mármore branco. Era a boca que podia mudar em um momento, passando da delicada generosidade para a boca de uma madre superiora medieval, lábios contraídos em celibato frio como pedra.

A voz com forte sotaque escocês que passou ao seu lado entoando “Os Três Reis Magos” o trouxe à realidade a tempo de ver o padre atravessar o corredor, cercado por seus acólitos em nuvens de fumaça triunfante.

— “Nós, os três reis magos do Oriente...” — cantava Brianna baixinho enquanto eles andavam pela River Walk — “Íamos fumar um cigarro de borracha... estava cheio e explodi-u-u.” Você desligou o gás, não?

— Sim — Roger garantiu a ela. — Não se preocupe. Entre o fogão e o aquecedor do banheiro, se a casa não explodiu ainda, deve ser prova da proteção divina.

Brianna riu.

— Os presbiterianos acreditam em anjos da guarda?

— Com certeza não. Superstição moderna, não é?

— Bem, espero não ter colocado você no caminho da perdição por tê-lo levado à missa comigo. Os presbiterianos acreditam no inferno?

— Ah, sim — disse ele. — Assim como no céu, se não mais.

A neblina estava ainda mais forte perto do rio. Roger estava feliz por eles não terem ido de carro. Não dava para ver mais do que um metro à frente na névoa branca.

Eles andaram de braços dados à margem do rio Ness, com os passos abafados. Escondida pela névoa, era como se a cidade invisível não existisse. Eles tinham deixado os outros fiéis para trás. Estavam sozinhos.

Roger se sentia estranhamente exposto, frio e vulnerável, sem o calor e a calma que sentira na igreja. É só o nervosismo, pensou ele, e segurou o braço de Brianna com mais força. Estava na hora. Ele respirou fundo e a névoa fria encheu o seu peito.

— Brianna. — Ele a segurou pelo braço e virou-a para olhar para ele antes de parar de andar. Os cabelos dela balançaram sob o brilho fraco do poste da rua.

Gotas de água brilhavam em uma névoa fina sobre sua pele, reluziam como pérolas e diamantes em seus cabelos, e pelo tecido de sua jaqueta, ele se lembrou da sensação da pele nua dela, fria como a neblina em seus dedos, a carne quente em suas mãos.

Os olhos de Brianna estavam escuros e grandes como um lago, com segredos em movimento, meio vistos, meio sentidos, dentro da água. Uma kelpie, certamente. *Each urisge*, um cavalo-marinho, crina flutuando, pele brilhando. E o homem que toca uma criatura dessas está perdido, preso a ela para sempre, submerso e afogado no lago onde vive.

Ele se sentiu temeroso de repente, não por si, mas por ela, como se algo pudesse se materializar daquele mundo aquático para pegá-la de volta, para longe dele. Roger a segurou pela mão, como se quisesse impedi-la. Os dedos dela estavam frios e úmidos, um choque contra o calor da palma de sua mão.

— Quero você, Brianna — disse ele suavemente. — Não poderia dizer isso de modo mais claro. Eu amo você. Quer se casar

comigo?

Brianna não disse nada, mas seu rosto mudou como a água quando uma pedra é lançada nela. Ele percebeu claramente, como se visse seu próprio reflexo na escuridão do lago.

— Você não queria que eu dissesse isso. — A névoa havia se alojado em seu peito. Ele respirava gelo, agulhas de cristal espetando seu coração e os pulmões. — Você não queria ouvir isso, certo?

Brianna balançou a cabeça negando, mas sem dizer nada.

— Certo. Bem. — Com um esforço, ele soltou a mão dela. — Tudo bem — disse Roger, surpreso com a calma em sua voz. — Não se preocupe com isso, está bem?

Ele estava se virando para continuar andando quando ela o impediu, levando a mão à manga de sua blusa.

— Roger.

Foi um grande esforço para ele se virar e olhar para ela. Não queria um consolo vazio, não queria ouvir uma sugestão para que fossem amigos. Ele achava que nem sequer conseguiria olhar para ela, de tão grande que era a sensação de perda. Mas Roger se virou mesmo assim, e então, ela estava contra ele, as mãos frias nas suas orelhas enquanto Brianna segurava a cabeça dele e o beijava com força, não tanto um beijo, mas uma loucura desenfreada, estranha e desesperada.

Ele segurou as mãos dela e as puxou para baixo, para afastá-la dele.

— Que tipo de brincadeira é essa? — A raiva era melhor do que o vazio, e Roger gritou com ela na rua vazia.

— Não estou brincando! Você disse que me desejava. — Ela puxou o ar. — Também desejo você, não sabe disso? Eu não disse isso no corredor essa tarde?

— Achei que sim. — Ele olhou para Brianna. — O que diabos você quer dizer?

— Quero dizer... quero dizer que quero ir para a cama com você — disse ela de uma vez.

— Mas não quer se casar comigo?

Ela balançou a cabeça, pálida como um fantasma. Algo entre nojo e fúria fervia dentro dele, e então, entrou em erupção.

— Então, não quer se casar, mas quer trepar comigo? Como pode dizer isso?

— Não use esse palavreado comigo!

— Palavreado? Você pode sugerir uma coisa dessas, mas não posso dizer a palavra? Nunca fui tão ofendido. Nunca!

Brianna estava tremendo, mechas de cabelo se grudavam ao seu rosto devido à umidade.

— Não quis ofendê-lo. Pensei que você quisesse...

Roger agarrou os braços dela e a puxou para si.

— Se eu só quisesse foder você, eu teria feito isso uma dezena de vezes no verão passado!

— Até parece! — Ela puxou um dos braços e deu um tapa forte no rosto de Roger, deixando-o surpreso.

Ele agarrou sua mão, puxou-a na direção dele e a beijou, com muito mais força e por muito mais tempo do que qualquer outro beijo que haviam dado antes. Ela era alta, forte e estava furiosa... mas ele era mais alto, mais forte e estava muito mais furioso. Brianna se debateu, e ele a beijou até se sentir pronto para parar.

— Até parece — disse ele, puxando o ar quando a soltou.

Passou a mão na boca e deu um passo para trás, tremendo. Havia sangue em sua mão. Ela o mordera sem que ele sentisse nada.

Brianna também estava tremendo. O rosto estava pálido, os lábios contraídos tão fortemente que nenhuma expressão ficava visível em seu rosto, apenas os olhos escuros ardendo.

— Mas eu não fiz isso — continuou ele, respirando mais lentamente. — Não era o que eu queria. Não é o que quero. — Passou a mão sangrando na camisa. — Mas se você não se importa o bastante para se casar comigo, então não me importa tê-la em minha cama!

— Eu me importo!

— Até parece.

— Eu me importo demais para me casar com você, seu idiota.

— Você *o quê?*

— Se eu me casar com você, se eu me casar com qualquer pessoa, é para sempre, entendeu? Se eu fizer um juramento desses, mantereí minha palavra, custe o que custar!

Lágrimas escorriam do rosto de Brianna. Roger pegou um lenço no bolso e o entregou a ela.

— Assoe seu nariz, seque o rosto e então me diga o que diabos pensa que está dizendo, sim?

Ela fez o que ele pediu, fungando e afastando os cabelos úmidos com uma mão. O véu pequeno e tolo caíra. Ele estava pendurado por um grampo frouxo. Roger o puxou, amassando-o em sua mão.

— Seu sotaque escocês aparece quando você está bravo — comentou ela, com uma tentativa malsucedida de sorrir quando devolveu o lenço.

— Não me surpreende — rebateu Roger exasperado. — Agora, diga o que você quis dizer, e diga com clareza, antes que eu comece a falar gaélico.

— Você sabe falar gaélico? — Ela estava se recompondo aos poucos.

— Sei — respondeu ele. — E se não quiser aprender algumas expressões bastante grosseiras... desembuche. O que quer dizer ao fazer uma sugestão dessas... e você, uma moça católica, recém-saída da missa! Pensei que fosse virgem.

— Eu sou! O que isso tem a ver?

Antes que ele pudesse responder a essa ousadia, ela disse mais uma.

— Não me diga que nunca dormiu com outras garotas... eu sei que sim!

— Sim, dormi! Eu não queria me casar com elas e elas não queriam se casar comigo. Eu não as amava e elas não me amavam. Mas eu amo você, droga!

Ela se recostou no poste, com as mãos atrás do corpo, e olhou diretamente nos olhos dele.

— Acho que eu também amo você.

Roger não percebeu que estava prendendo a respiração até soltá-la.

— Ah, você acha. — A água havia se condensado nos cabelos dele, e gotinhas de gelo desciam por seu pescoço. — Hummm, sei, e a palavra mais forte aqui é “acho” ou “amo”?

Ela relaxou um pouco e engoliu em seco.

— As duas.

Brianna levantou a mão quando ele começou a falar.

— Eu acho... mesmo. Mas não paro de pensar no que aconteceu com a minha mãe. Não quero que isso aconteça comigo.

— Sua mãe? — A surpresa foi logo seguida pela raiva. — O quê? Está pensando no maldito Jamie Fraser? Você acha que não pode se satisfazer com um historiador tedioso... que é preciso ter uma... uma grande paixão, como ela teve por ele, e você acha que eu não estarei à altura?

— Não, não estou pensando em Jamie Fraser! Estou pensando no meu pai! — Ela enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e engoliu em seco. Tinha parado de chorar, mas havia lágrimas em seus cílios, cobrindo-os. — Ela estava sendo sincera quando se casou com ele. Eu vi nas fotos que você me deu. Ela disse “na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza”... e foi sincera. E então... ela conheceu Jamie Fraser, e não quis mais meu pai.

Brianna mexeu os lábios em silêncio por um momento, à procura de palavras.

— Eu... eu não a culpo, não mesmo. Não depois de pensar sobre isso. Ela não pôde evitar, e eu... quando ela falava sobre ele, eu via o quanto ela o amava... mas você não entende, Roger? Ela amava o meu pai também... mas algo aconteceu. Ela não esperava por isso, e não foi culpa dela... mas fez com que ela não cumprisse sua palavra. Eu nunca farei isso.

Brianna passou a mão embaixo do nariz, e Roger entregou-lhe o lenço de novo, sem dizer nada. Ela controlou as lágrimas e olhou diretamente para ele.

— Falta mais de um ano antes de podermos ficar juntos. Você não pode sair de Oxford e eu não posso sair de Boston, não enquanto não me formar.

Roger queria dizer que desistiria, que ela deveria largar os estudos, mas se calou. Brianna tinha razão. Nenhum dos dois ficaria

feliz com essa solução.

— Mas e se eu disser sim agora e alguma coisa acontecer? E se... eu ou você conhecermos alguém? — As lágrimas se acumularam de novo, e uma delas escorreu pelo seu rosto. — Não vou correr o risco de magoá-lo. Não vou.

— Mas você me ama agora? — Roger encostou um dedo com delicadeza em seu rosto. — Bree, você me ama?

Ela deu um passo à frente e, sem dizer uma palavra, levou as mãos para abrir os botões de seu casaco.

— O que diabos está fazendo? — O susto foi acrescentado à mistura de outras emoções, sucedido por outra coisa quando os dedos longos e pálidos dela seguraram o zíper da jaqueta dele e o puxou para baixo.

O sopro frio repentino foi tomado pelo calor do corpo dela, pressionado contra o dele do pescoço aos joelhos.

Ele levou as mãos às nádegas dela num reflexo. Ela o segurava com força, os braços apertados ao redor dele por baixo da jaqueta. Seus cabelos estavam frios e cheirosos, com os últimos vestígios de incenso presos nas mechas pesadas, misturando-se com a fragrância da grama e dos jasmims. Ele viu o brilho de um grampo de cabelo, o metal bronze nas mechas acobreadas.

Os dois ficaram em silêncio. Roger sentia o corpo dela pelas finas camadas de tecido entre eles, e sentiu uma onda de desejo subir por trás de suas pernas, como se estivesse sobre uma grelha elétrica. Ele levantou a cabeça dela pelo queixo e a beijou.

— ... está vendo aquela Jackie Martin, com uma gola nova de pele no casaco?

— Nossa, onde ela conseguiu dinheiro para isso com o marido desempregado nos últimos seis meses? Eu estou lhe dizendo, Jessie... aquela mulher... ah!

O clique dos sapatos de salto na calçada parou, seguido pelo som de um pigarreio alto o suficiente para acordar os mortos.

Roger abraçou Brianna ainda mais, e não se mexeu. Ela o abraçou mais forte em resposta e ele sentiu a curva de seus lábios sob os dele.

— HUMMMM!

— Ora, Chrissie. — Eles ouviram um sussurro. — Deixe os dois em paz. Não está vendo que eles ficaram noivos?

— Hummm. — Ouviram a reação de novo, mas num tom mais baixo. — Humpf. Eles estão fazendo outra coisa e vão continuar assim. Mas... — Um longo suspiro, tomado pela nostalgia. — Bom, é ótimo ser jovem, não é?

As duas batidas de saltos voltaram, muito mais lentas, passaram por eles e desapareceram inaudíveis na neblina.

Roger ficou ali por um minuto, tentando se afastar dela. Mas quando um homem toca a crina de um cavalo-marinho, não é tão fácil soltá-la. E uma canção antiga lhe ocorreu:

*E monte, Janetie
Cavalgue, Davie.
E sua primeira parada será
O fundo do Lago Cavie.*

— Vou esperar — disse ele, e a soltou. Segurou os braços dela e olhou dentro de seus olhos, agora suaves e claros como poças de chuva. — Mas ouça. Ou eu vou tê-la por inteiro ou não a terei.

Permita que eu a ame do modo certo, dissera ele em uma oração sem palavras. E a sra. Graham não dizia com frequência: “Cuidado com o que deseja, rapaz, pois pode ser que seja atendido?”

Ele levou a mão ao seio dela, com delicadeza por cima da blusa.

— Não quero só o seu corpo... apesar de Deus saber o quanto o desejo. Mas a terei como minha esposa... ou não a terei. Você escolhe.

Brianna estendeu a mão e o tocou, afastou os cabelos de sua testa com dedos muito frios que queimavam como gelo seco.

— Compreendo — sussurrou ela.

O vento que vinha do rio estava frio, e Roger levou a mão ao zíper da jaqueta dela, para fechá-lo. Ao fazer isso, passou a mão

pelo próprio bolso e sentiu o pequeno pacote ali. Pretendera entregá-lo a ela durante o jantar.

— Aqui está — disse ele, entregando-o a ela. — Feliz Natal. Eu o comprei no verão passado — acrescentou, observando os dedos frios dela mexerem no papel impresso. — Parece até um pressentimento agora, não?

Brianna pegou um círculo prateado, uma pulseira de prata achatada com palavras gravadas. Ele a pegou dela e a colocou em seu pulso. Ela a virou lentamente, lendo as palavras.

— *Je t'aime... un peu... beaucoup... passionnement... pas du tout.* Eu amo você... um pouco... muito... apaixonadamente... nem um pouco.

Ele virou a pulseira mais um pouco, completando o círculo.

— *Je t'aime* — disse ele, e então, mexendo os dedos, fez a pulseira girar no braço dela.

Brianna pousou uma mão sobre ela para que parasse.

— *Moi aussi* — disse ela delicadamente, sem olhar para a pulseira, mas olhando para ele. — *Joyeux Noel.*

PARTE VII

Na montanha



LAR ABENÇOADO

Setembro de 1767

Dormir à luz do luar e das estrelas nos braços do seu amante nu, os dois aninhados por pelos e folhas macias, ninados pelo murmúrio baixo das nogueiras e pelo ronco distante de uma queda d'água, é incrivelmente romântico. Dormir embaixo de um tronco, presa como uma massa entre um marido grande e molhado e um sobrinho igualmente grande e molhado, ouvindo a chuva bater nos galhos acima enquanto luta contra os avanços de um cão enorme e irritado, não é tanto assim.

— Argh — eu disse, tentando me sentar e afastando a cauda de Rollo do meu rosto pela centésima vez. — Não consigo respirar. — O cheiro dos animais confinados era forte. Um tipo de odor almiscarado e rançoso, misturado ao cheiro de lã molhada e peixes.

Eu me apoiei nas mãos e nos joelhos e saí, tentando não pisar em ninguém. Jamie resmungou enquanto dormia, compensando a perda do calor do meu corpo encolhendo-se no tecido xadrez. Ian e Rollo estavam envolvidos em uma massa de pelos e tecidos, as respirações formando uma névoa fraca ao redor deles no frio que antecedia o amanhecer.

Estava frio do lado de fora, mas o ar estava fresco. Tão fresco que eu quase tossi quando enchi os pulmões. A chuva havia parado, mas as árvores ainda pingavam, e o ar era composto por partes iguais de vapor de água e oxigênio puro, temperado com os cheiros penetrantes de todas as plantas na encosta da montanha.

Eu estava dormindo com a camisa extra de Jamie; deixara meu casaco de pele de gamo guardado para evitar que se encharcasse.

Fiquei arrepiada e tremi quando o vesti, mas o couro rígido me esquentou em poucos minutos.

Descalça e com os dedos frios, desci com cuidado em direção ao rio para me lavar, com a chaleira embaixo do braço. Ainda não tinha amanhecido, e a floresta estava tomada pela névoa e pela luz azul-acinzentada — o crepúsculo, a misteriosa meia-luz que vem nas duas pontas do dia, quando os pequenos insetos saem para se alimentar.

Ouvia-se um piado fraco de vez em quando na copa das árvores, mas nada como o coro forte de sempre. Os pássaros estavam atrasados na cantoria hoje por causa da chuva. O céu ainda estava baixo, com nuvens que variavam do negro no oeste ao azul-claro no leste. Senti uma leve onda de prazer ao perceber que já sabia o horário em que as aves costumavam cantar, e notara a diferença.

Jamie estava certo quando sugeriu que ficássemos na montanha em vez de voltar a Cross Creek, pensei. Era o início de setembro. Pelos cálculos de Myers, teríamos dois meses de clima bom — ou relativamente bom, acrescentei, olhando para as nuvens — antes que o frio tornasse o abrigo um lugar essencial. Tempo suficiente talvez para construir uma cabana, caçar carne e nos prepararmos para o inverno que se aproximava.

— Vai dar um trabalhão — dissera Jamie. Eu estava entre seus joelhos enquanto ele se sentava em uma rocha grande, olhando para o vale abaixo. — E vai ser perigoso. Podemos fracassar se a neve chegar cedo, ou talvez a gente não consiga caçar o suficiente. Não farei isso se você disser não, Sassenach. Você teria medo?

Medo era pouco. Pensar nisso fazia meu estômago se embrulhar de medo. Quando concordei que ficássemos na cordilheira, pensei que voltaríamos para Cross Creek para passar o inverno.

Poderíamos reunir os suprimentos e os homens tranquilamente, e voltar na primavera em caravana para limpar a terra e construir as casas de modo comunitário. Mas ficaríamos muito solitários, a vários dias de viagem do assentamento de europeus mais próximo. Sozinhos na mata, sozinhos por todo o inverno.

Não tínhamos praticamente nada no que dizia respeito a ferramentas ou equipamentos, apenas um machado, algumas facas, uma chaleira, uma cinta e minha caixa menor de remédios. E se alguma coisa acontecesse? E se Ian ou Jamie adoecessem ou se ferissem em um acidente? E se morrêssemos de fome ou frio? E apesar de Jamie ter certeza de que os índios, nossos conhecidos, não se opunham à nossa intenção, eu não tinha tanta certeza em relação aos outros que pudessem aparecer.

Sim, eu certamente teria medo. Por outro lado, eu já vivera tempo suficiente para perceber que o medo não costumava ser fatal — pelo menos não sozinho. E que fique claro que eu não estava falando do urso nem dos selvagens.

Pela primeira vez, pensei em River Run com certa saudade, na água quente, nas camas aquecidas e nas refeições regulares, na ordem, na limpeza... e na segurança.

Percebia muito bem por que Jamie não queria voltar. Morar com Jocasta por muitos outros meses tornaria sua obrigação ainda maior, seria muito mais difícil rejeitar sua persuasão.

Ele também sabia, melhor do que eu, que Jocasta Cameron era uma MacKenzie. Eu já vira o suficiente dos irmãos dela, Dougal e Colum, para ter ideia daquela herança. Os MacKenzie de Leoch não desistiam facilmente de uma ideia, e também não tinham problemas em arquitetar e manipular para conseguir o que queriam. E uma aranha cega conseguia tecer suas teias de modo muito mais certo, já que dependia apenas do tato.

Também havia excelentes motivos para se manter distante do sargento Murchison, que parecia ser o tipo de pessoa que guardava mágoas. E também havia Farquard Campbell e toda a rede de observadores e reguladores, escravos e políticos... Não, eu entendia muito bem por que Jamie não queria voltar a tamanha confusão e complicação, sem falar da guerra iminente. Ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que nenhum desses motivos justificava a decisão dele.

— Não é só o fato de você não querer voltar a River Run, não é?

Eu me recostei nele, sentindo seu calor como um contraste ao frio da brisa da noite. A estação ainda não tinha mudado. Era fim do verão, e o ar estava tomado pelos cheiros causados pelo sol, de folhas e frutas, mas tão alto nas montanhas, que as noites ficavam frias.

Senti que ele começava a rir, e um hálito quente passou por minha orelha.

— É tão óbvio assim?

— Bem óbvio.

Eu me virei nos seus braços e encostei a testa na dele, de modo que nossos olhos ficaram a poucos centímetros de distância. Os dele eram de um azul profundo, a mesma cor do céu noturno no topo das montanhas.

— Coruja — falei.

Jamie riu, surpreso, e piscou ao se afastar com os longos cílios ruivos se entrelaçando brevemente.

— O que foi?

— Você perdeu — expliquei. — É um jogo chamado “Coruja”. A primeira pessoa a piscar perde.

— Ah. — Ele segurou minhas orelhas pelos lóbulos e me puxou para trás delicadamente, testa contra testa. — Coruja, então. Você tem olhos de coruja, já percebeu?

— Não — respondi. — Não sei se tenho.

— Claros e dourados... e muito sábios.

Não pisquei.

— Então, me diga... por que vamos ficar.

Jamie também não piscou, mas senti seu peito se encher sob minha mão quando ele respirou fundo.

— De que forma posso explicar como é sentir a necessidade de ter um lugar? — perguntou ele delicadamente. — Sentir a neve em meus pés. O vento das montanhas, respirar esse vento pelas minhas narinas, assim como Deus soprou a vida em Adão. Sentir a rocha com as mãos, escalá-la e sentir os líquens nela, sobrevivendo ao sol e ao vento.

Ele soltou o ar e inspirou de novo, sem pressa. As mãos estavam unidas atrás da minha cabeça, abraçando-me, cara a cara.

— Se eu quiser viver como um homem, devo ter uma montanha — disse ele simplesmente. Seus olhos estavam arregalados, procurando compreensão nos meus. — Você confia em mim, Sassenach? — Pressionou o nariz contra o meu, mas não piscou. Nem eu.

— Entrego a minha vida a você — falei.

Senti que Jamie sorria, seus lábios a dois centímetros dos meus.

— E o coração?

— Sempre — sussurrei. Então fechei os olhos e o beijei.

E assim ficou decidido. Myers voltaria a Cross Creek, daria as orientações de Jamie a Duncan, tranquilizaria Jocasta a respeito de nosso bem-estar e reuniria os suprimentos que o resto do nosso dinheiro poderia comprar. Se houvesse tempo antes da primeira nevasca, ele voltaria com os mantimentos. Se não houvesse, ele voltaria na primavera. Ian ficaria; precisaríamos da ajuda dele para construir a cabana e na caça.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, pensei, passando entre os galhos molhados à beira do riacho, e não nos deixeis cair em tentação.

Estávamos razoavelmente protegidos da tentação, no entanto. De qualquer modo, não voltaríamos a River Run por pelo menos um ano. Quanto ao pão de cada dia, até então ele nos era dado de modo tão certo quanto o maná. Nessa época do ano, havia uma abundância de frutas maduras e castanhas, que eu reunia cuidadosamente como um esquilo. Mas em dois meses, quando as árvores secassem e os rios congelassem, eu rezava para que Deus nos ouvisse acima do uivo do vento do inverno.

O rio estava cheio por causa da chuva, e a água alcançava cerca de trinta centímetros a mais do que no dia anterior. Eu me ajoelhei, resmungando ao ajeitar as costas. Dormir no chão nos deixava ainda mais retesados do que o normal. Joguei água fria no rosto, peguei um pouco com a boca, bebi com as mãos em conchas e joguei mais água, o sangue formigando no rosto e nos dedos.

Quando olhei para a frente, com o rosto pingando, vi dois veados bebericando de uma poça do outro lado, um pouco mais acima de onde eu estava. Fiquei imóvel para não perturbá-los, mas eles não pareceram se importar com a minha presença. À sombra das árvores, eles tinham o mesmo tom azulado das rochas e das árvores, e não passavam de sombras, mas cada contorno de seus corpos tinha uma delicadeza perfeita, como um quadro japonês feito à tinta.

E então, de repente, eles sumiram. Pisquei uma, duas vezes. Eu não os vira se virar nem correr — e apesar da beleza etérea, eu tinha certeza de que não os imaginara. Conseguia ver a marca escura das patas na lama da margem distante. Mas eles não estavam ali.

Não vi nem ouvi nada, mas meus pelos se arrepiaram repentinamente, e o instinto arrepiou os braços e o pescoço como uma corrente elétrica. Congelei, e nada se mexia além dos meus olhos. Onde estava? O que era?

O sol estava alto. Os topos das árvores eram visivelmente verdes, e as rochas começaram a brilhar à medida que as cores ganhavam vida. Mas as aves estavam em silêncio. Nada se movia além da água.

Estava a menos de dois metros de mim, meio visível atrás de um arbusto. O som das lambidas se perdia no barulho do rio. E então, a cabeça grande se ergueu e uma orelha peluda se mexeu na minha direção, apesar de eu não ter feito barulho nenhum. Será que ouvia minha respiração?

O sol havia chegado a ela, iluminando o pelo moreno, brilhando nos olhos dourados que encaravam os meus com uma calma fora do comum. A brisa havia mudado. Eu sentia seu cheiro, um odor forte de gato, e o cheiro mais intenso de sangue. Ela me ignorou, ergueu uma pata preta e a lambeu tranquilamente, os olhos semicerrados preocupados com a higiene.

Ela passou a pata várias vezes sobre a orelha e então se alongou na área iluminada pelo sol — meu Deus, devia ter dois metros de comprimento! — e se afastou, a barriga cheia balançando.

Eu não senti medo conscientemente. Foi o instinto que me fez parar onde estava, e o puro encantamento — pela beleza do felino e também por sua proximidade — me manteve assim. Mas quando o animal se afastou, meu sistema nervoso central entrou em ação de uma vez e desmoronou. Eu não gritei, mas tremi consideravelmente e precisei de muitos minutos para conseguir me levantar.

Minhas mãos tremiam tanto que eu derrubei a chaleira três vezes enquanto a enchia. Confiar nele, Jamie dissera. Eu confiava nele? Sim, confiava. Mas isso não faria muita diferença, a menos que ele estivesse ao meu lado na próxima vez.

Mas por enquanto... eu estava viva. Fiquei parada, de olhos fechados, respirando o ar puro da manhã. Conseguia sentir todos os átomos do meu corpo, o sangue correndo para carregá-lo a todas as células e fibras musculares. O sol tocou meu rosto e esquentou a pele fria, que ganhou cor.

Abri os olhos e vi uma linda mistura de verde, amarelo e azul. O dia nascera. Todos os pássaros cantavam agora.

Subi pelo caminho em direção à clareira, resistindo ao impulso de olhar para trás.

Jamie e Ian tinham cortado pinheiros altos e esguios no dia anterior, separando-os em pedaços de três metros e meio, e rolaram com esforço os troncos morro abaixo. Agora, eles estavam empilhados à beira da pequena clareira, e a casca grossa brilhava molhada.

Jamie caminhava, batendo os pés na grama umedecida, quando voltei com a chaleira cheia de água. Ian acendera uma fogueira em cima de uma pedra grande e plana — aprendera com Jamie o truque de manter vários gravetos secos na bolsa de couro, com pederneira e aço.

— Será um espaço pequeno — dizia Jamie, franzindo o cenho para o chão, concentrado. — Vamos construir primeiro um lugar onde possamos dormir, para o caso de chover de novo, mas não

precisa ser tão bem construído quanto a cabana, e assim teremos algo para praticar, não, Ian?

— Para que serve... além da prática? — perguntei.

Jamie olhou para a frente e sorriu para mim.

— Bom dia, Sassenach. Você dormiu bem?

— Claro que não — respondi. — Para que serve esse barracão?

— Para colocar a carne — disse ele. — Vamos cavar uma cova rasa nos fundos e enchê-la com tições, para defumarmos o que conseguirmos para estocagem. E faremos uma grelha para secar. Ian viu os índios fazerem isso, para preparar o que eles chamam de carne seca. Precisamos ter um lugar seguro onde os animais não consigam pegar nossa comida.

Parecia uma boa ideia, especialmente sabendo da presença dos animais na região. Minha única dúvida era a respeito da defumação. Eu já tinha visto isso na Escócia, e sabia que para defumar carne era preciso bastante atenção. Alguém precisava estar perto para não deixar o fogo aumentar de mais ou se apagar por completo, era preciso virar a carne regularmente e envolvê-la com gordura para evitar que ressecasse.

Eu não tive dificuldade para ver quem seria indicada para a tarefa. O único problema era que, se eu não conseguisse fazer direito, todos nós morreríamos por ingestão de carne estragada.

— Certo — falei sem entusiasmo.

Jamie percebeu meu tom de voz e sorriu para mim.

— É o primeiro barracão, Sassenach — disse ele. — O segundo é seu.

— Meu? — Eu me alterei um pouco com aquilo.

— Para suas ervas e plantas. Lembro que elas ocupam um pouco de espaço. — Ele apontou para o outro lado da clareira, com um brilho de construtor nos olhos. — E ali... ali vai ser onde a cabana ficará, onde passaremos o inverno.

Para minha surpresa, eles ergueram as paredes do primeiro barracão até o fim do segundo dia, com cobertura de galhos cortados até que tivessem tempo para conseguir seixos para um teto adequado. As paredes eram feitas de troncos esguios, ainda com a casca, e com frestas e espaços entre eles. Mas era grande o

bastante para que nós três e Rollo dormíssemos ali com conforto, e com uma fogueira acesa em uma cova de pedras de um lado, o interior era bem confortável.

Alguns galhos tinham sido retirados do teto a fim de fazer uma abertura para que a fumaça passasse. Eu vi as estrelas da noite ao me deitar aconchegada a Jamie e ouvi-lo criticar seu trabalho.

— Veja aquilo — disse ele contrariado, erguendo o queixo em direção ao canto mais afastado. — Eu coloquei um poste torto, e ele entortou todo o resto.

— Acho que as carcaças de veados não se importarão — murmurei. — Vamos ver como está a sua mão.

— E o teto está cerca de quinze centímetros mais baixo de um lado do que do outro — continuou ele, me ignorando, mas deixando que eu segurasse sua mão esquerda.

As duas mãos tinham calos, mas eu sentia a nova área áspera de cortes e arranhões, e tantas lascas de madeira que sua mão se tornava pinicante ao toque.

— Você está parecendo um porco-espinho — falei, passando a mão em cima de seus dedos. — Venha, aproxime-se da fogueira para que eu consiga arrancar essas lascas.

Ele fez o que pedi, engatinhando ao redor de Ian, que, recém-despinhado, adormecera com a cabeça encostada no corpo peludo de Rollo. Infelizmente, a mudança de posição expôs novas falhas de construção aos olhos críticos de Jamie.

— Você nunca construiu um barracão com troncos antes, não é? — interrompi a crítica que ele fazia à porta, arrancando com a pinça uma farpa grande do seu polegar.

— Ai! Não, mas...

— E vocês o construíram em dois dias, com nada além de um machado e um facão. Pelo amor de Deus! Não tem nem um prego nela! Por que você queria que ficasse como o Palácio de Buckingham?

— Nunca vi o Palácio de Buckingham — respondeu ele. E parou. — Mas compreendo o que quer dizer, Sassenach.

— Ótimo. — Eu me inclinei sobre a palma da mão dele, semicerrando os olhos para ver os pontos escurecidos das farpas

presas embaixo da sua pele.

— Acho que pelo menos não vai cair — disse Jamie depois de uma pausa mais longa.

— Também acho que não. — Embebi um pano com conhaque, passei na mão dele e comecei a dar atenção à mão direita.

Ele passou um tempo em silêncio. O fogo crepitou baixinho, aumentando de vez em quando, nas horas em que o vento passava entre as lenhas.

— A casa ficará na cordilheira alta — disse ele de repente. — Onde os morangos crescem.

— É mesmo? — murmurei. — A cabana, você quer dizer? Pensei que ela ficaria ao lado da clareira. — Eu havia retirado o máximo de farpas que consegui. As restantes estavam tão enfiadas na pele que eu teria que esperar que se aproximassem da superfície.

— Não, não a cabana. Uma bela casa — disse ele. Recostou-se nos troncos, olhando do outro lado da fogueira para a escuridão que se estendia. — Com uma escada e janelas de vidro.

— Será maravilhosa. — Coloquei a pinça no seu espaço dentro da caixa e a fechei.

— Com tetos altos e uma porta alta o suficiente para que eu nunca bata a cabeça ao passar.

— Será ótima. — Eu me recostei ao lado dele e encostei a cabeça em seu ombro.

Em algum ponto distante, um lobo uivou. Rollo levantou a cabeça, ouviu por um momento e voltou a se deitar, suspirando.

— Com uma sala para você e um escritório para mim, com estantes para os meus livros.

— Hummm. — Naquele momento, Jamie tinha apenas um livro, *A História Natural da Carolina do Norte*, publicado em 1733, levado como guia e referência.

O fogo estava baixo de novo, mas nós não nos mexemos para acrescentar mais lenha. As chamas nos esquentariam à noite, e a fogueira teria que ser alimentada ao amanhecer.

Jamie passou um braço ao redor dos meus ombros e, inclinando-se, me levou com ele para que nos deitássemos na camada grossa de folhas caídas que eram o nosso sofá.

— E uma cama — completei. — Espero que possa construir uma cama.

— Uma cama tão boa como qualquer outra no Palácio de Buckingham — disse ele.

Myers, com seu coração gentil e a natureza fiel, voltou dentro de um mês — trazendo não apenas três burros de carga carregados de ferramentas, pequenos utensílios e provisões, como sal, mas também Duncan Innes.

— Aqui? — Innes olhou com interesse para o pequeno espaço que havia começado a tomar forma de lar na cordilheira coberta por morangos. Tínhamos dois barracões fortes agora, além de um espaço dividido com grades nos quais manteríamos os cavalos ou qualquer outro animal que pudéssemos adquirir.

No momento, nossos animais se resumiam a um pequeno porco branco, que Jamie adquirira de um estabelecimento moraviano a uns cinquenta quilômetros dali, trocando-o por um saco de batata-doce que peguei e um monte de vassouras de ramos de chorão que eu fizera. Apesar de pequeno demais para o chiqueiro, ele estava morando no barracão conosco por enquanto, e tinha feito amizade com Rollo. Eu mesma não era muito chegada a ele.

— Sim. É uma terra boa, com bastante água. Há fontes na mata, e um riacho.

Jamie guiou Duncan a um ponto no qual as ladeiras a oeste abaixo da cordilheira eram visíveis. Havia espaços naturais, ou “enseadas” na floresta, agora tomadas pelo mato, mas adequadas para o cultivo.

— Está vendo? — Ele fez um gesto em direção à ladeira, que descia da cordilheira em direção a uma pequena ribanceira, onde uma fila de sicômoros marcava a beira do rio distante. — Há lugar para pelo menos trinta casas, para começar. Precisamos limpar uma boa parte da floresta, mas há espaço suficiente para começar. Qualquer pequeno agricultor decente poderia alimentar a família com a plantação. O solo é muito rico.

Duncan fora pescador, não um agricultor, mas assentiu com obediência, os olhos fixos na vista enquanto Jamie descrevia as casas futuras.

— Andei por aqui — disse Jamie —, porém, a terra terá que ser inspecionada de modo adequado assim que pudermos. Mas tenho a descrição na minha cabeça. Por acaso vocês trouxeram tinta e papel?

— Sim, trouxemos. E mais algumas coisas também. — Duncan sorriu para mim, o rosto comprido e meio melancólico transformado pela expressão. — A srta. Jo mandou uma cama de penas que ela pensou que não poderia faltar.

— Uma cama de penas? É mesmo? Que maravilha! — Imediatamente deixei de lado os pensamentos ruins que alimentei a respeito de Jocasta Cameron. Apesar de Jamie ter construído uma cama excelente e resistente com estrutura de carvalho, com a parte de baixo feita de corda trançada, eu não tinha nada para colocar em cima além de galhos de cedro, que eram fragrantes, mas desagradavelmente grumosos.

Eu estava pensando no luxo, mas meus pensamentos foram interrompidos quando Ian e Myers surgiram da mata, este último com um suporte cheio de esquilos pendurados no cinto. Ian me mostrou um enorme objeto preto, que, ao observar mais de perto, vi que era um peru, gordo por ter se refastelado com os grãos do outono.

— O rapaz tem olhos de águia, sra. Claire — disse Myers, assentindo com aprovação. — Esses pássaros são danados, os perus. Nem mesmo os indígenas conseguem pegá-los.

Era cedo para o Dia de Ação de Graças, mas eu estava encantada com a ave, que seria o primeiro item importante em nossa despensa. Jamie também, apesar de ele gostar mais das plumas da cauda da ave, que lhe daria uma boa quantidade de penas para escrever.

— Devo escrever ao governador — explicou ele durante o jantar —, para dizer que vou aceitar sua oferta e para dar a descrição da terra. — Jamie pegou um pedaço de bolo e o mordeu distraidamente.

— Cuidado com as cascas — falei, com certo nervosismo. — Você não vai querer quebrar um dente.

O jantar foi truta grelhada no fogo, batatas assadas, cerejas silvestres e um bolo muito rústico feito de farinha de nozes, amassadas em um pilão. Estávamos sobrevivendo principalmente de peixe e dos poucos vegetais que eu conseguia colher, pois Ian e Jamie estavam ocupados demais construindo o barracão. Eu torcia para que Myers achasse adequado permanecer por um tempo — o suficiente para caçar um veado ou alguma outra grande fonte de proteína. Um inverno de peixe defumado parecia meio ruim.

— Não se preocupe, Sassenach — Jamie murmurou comendo bolo, e sorriu para mim. — Está bom. — Ele voltou a atenção para Duncan.

— Duncan, quando terminarmos de comer, você pode caminhar comigo até o rio para escolher seu lugar?

O rosto de Innes ficou inexpressivo, e então foi tomado por uma mistura de prazer e surpresa.

— Meu lugar? Está dizendo terra, *Mac Dubh*? — Involuntariamente, ele mexeu o ombro do lado sem o braço.

— Sim, terra. — Jamie espetou uma batata quente com um graveto afiado e começou a descascá-la cuidadosamente com os dedos, sem olhar para Innes. — Talvez precise que você seja o meu agente, Duncan, se quiser. O certo é que você seja pago. Agora, o que estou pensando, se você achar justo, claro, é que posso fazer o pedido de uma casa em seu nome, mas como não estará aqui para trabalhar nela, Ian e eu usaremos parte de sua terra para plantar e construiremos uma pequena plantação ali. E então, no momento certo, você terá um lugar para se assentar, se quiser, e plantações feitas. Acha que isso é adequado?

O rosto de Duncan passava por uma série de emoções enquanto Jamie falava, de susto a surpresa a um tipo de animação cuidadosa. A última coisa que poderia lhe ocorrer é que ele pudesse ter uma terra. Sem dinheiro e sem poder trabalhar com as mãos, se estivesse na Escócia ele teria vivido como mendigo... se sobrevivesse.

— Nossa... — começou ele, e então parou e engoliu em seco, e seu pomo de adão subiu e desceu. — Sim, *Mac Dubh*. Seria adequado.

Um sorriso discreto e incrédulo havia aparecido no rosto dele enquanto Jamie falava, e permaneceu ali, como se Duncan não o percebesse.

— Agente. — Ele engoliu de novo, e pegou uma das garrafas de cerveja que trouxera. — O que deseja que eu faça, *Mac Dubh*?

— Duas coisas, Duncan, e você fará. A primeira é encontrar construtores.

Jamie balançou a mão para mostrar o início da nossa nova cabana, que até aquele momento era formada por uma fundação de pedra, a estrutura do chão e uma pedra ampla escura para a casa, recostada na fundação por enquanto.

— Não posso sair daqui no momento. O que quero é que você encontre o máximo de homens que foram deportados de Ardsmuir. Eles estão espalhados, mas vieram por Wilmington. Muitos deles estarão na Carolina do Norte ou do Sul. Encontre o máximo que puder, conte o que estou fazendo aqui e traga quantos quiserem vir na primavera.

Duncan assentia lentamente, os lábios contraídos por baixo do bigode. Poucos homens usavam tal adorno facial, mas combinava com ele, fazia com que se parecesse com um leão-marinho do bem.

— Muito bem — disse ele. — E a segunda?

Jamie olhou para mim, e então para Duncan.

— Minha tia — disse ele. — Pode ajudá-la, Duncan? Ela precisa muito de um homem honesto, que saiba lidar com os canalhas da Marinha e que a represente nos negócios.

Duncan não demonstrara hesitação quando concordou em percorrer várias centenas de quilômetros da colônia à procura dos construtores para nossa empreitada, mas a ideia de lidar com os homens da Marinha o deixou muito nervoso.

— Negócios. Mas eu não sei...

— Não se preocupe — disse Jamie, sorrindo para o amigo.

A insistência funcionou em Duncan tão bem quanto comigo. Vi o nervosismo crescente nos olhos dele começar a diminuir. Pela

milésima vez, eu me perguntei como Jamie conseguia.

— Será fácil para você — disse Jamie com calma. — Minha tia sabe bem o que deve ser feito. Ela pode falar o que você deve dizer e fazer... mas ela precisa de um homem que diga e faça. Escreverei uma carta a ela, para você levar, explicando que se dispõe a agir em seu nome.

Durante a última parte da conversa, Ian estava abrindo os pacotes que tinham sido descarregados das mulas. Agora, tirava um pedaço chato de metal da bagagem, e olhou para ele com curiosidade.

— O que é isso? — perguntou ele, a ninguém em particular.

Ian o levantou para que todos vissemos. Um pedaço de metal escuro, com um lado pontudo como uma faca, com traves rudimentares. Parecia um pequeno punhal que fora amassado por uma máquina a vapor.

— Ferro para a sua casa. — Duncan pegou a peça e a entregou a Jamie. — Foi a srta. Jo quem mandou.

— Foi? Que gentil. — O rosto de Jamie estava bronzeado depois de muitos dias ao ar livre, mas vi o tom rosado na lateral de seu pescoço quando ele corou. Ele passou o dedo pela superfície lisa do ferro e o entregou a mim.

— Mantenha-o seguro, Sassenach — disse ele. — Vamos abençoar nosso lar antes que Duncan se vá.

Vi que ele estava profundamente tocado pelo presente, mas não entendi muito bem por que, até Ian me explicar que as pessoas enterram ferro embaixo de uma casa nova para garantir bênçãos e prosperidade ao lar.

Era a bênção de Jocasta ao nosso empreendimento. Sua aceitação à decisão de Jamie — e perdão pelo que poderia ter sido visto como abandono. Era mais do que generosidade, e eu envolvi o pequeno pedaço de ferro em meu lenço e o coloquei no bolso para protegê-lo.

Abençoamos o lar dois dias depois, dentro da cabana sem paredes. Myers tirara o chapéu em respeito, e Ian lavara o rosto. Rollo

também estava presente, assim como o pequeno porco branco, que teve que participar representando nossos “rebanhos”, apesar de suas objeções. O porco não viu motivo para ser afastado de sua refeição de nozes para participar de um ritual sem alimentos.

Ignorando os gritos de irritação do porco, Jamie segurou a pequena faca de ferro pela ponta, de modo a formar uma cruz, e disse baixinho:

*“Deus, abençoe o mundo e tudo o que há nele.
Deus, abençoe minha esposa e meus filhos,
Deus, abençoe o olho que está na minha cabeça,
E abençoe, Deus, o que minha mão fizer,
O horário em que eu me levantar de manhã,
O horário em que eu me deitar à noite,
Abençoe meu levantar na alvorada,
E meu deitar tarde da noite.”*

Ele estendeu o braço e me tocou, e então tocou Ian — e com um sorriso, tocou Rollo e o porco — com o ferro, antes de continuar:

*“Deus, proteja a casa e o lar,
Deus, abençoe os filhos da maternidade,
Deus, envolva os rebanhos e os filhotes.
Cuide deles e os guie,
Quando os rebanhos subirem montes e descampados,
Quando eu me deitar para dormir.
Quando os rebanhos subirem montes e descampados,
Quando eu me deitar em paz para dormir.
Permita que o fogo da bênção queime para sempre sobre
nós, ó Deus.”*

Então, ele se ajoelhou e colocou o ferro dentro do pequeno buraco aberto para isso, e então o cobriu e bateu na terra para

nivelá-la. Então, ele e eu pegamos as pontas da grande pedra e a colocamos cuidadosamente por cima.

Eu deveria ter me sentido muito ridícula, numa casa sem paredes, com um lobo e um porco, cercada pelo mato e ouvindo os pássaros, envolvida em um ritual mais do que pagão. Mas não me senti ridícula.

Jamie parou na frente da pedra, estendeu uma mão para mim e me puxou para que eu ficasse de pé na pedra ao seu lado. Olhando para a pedra à nossa frente, de repente pensei na casa abandonada que havíamos encontrado indo para o norte. As madeiras caídas do telhado, e a pedra rachada, pela qual um galho havia entrado. Será que os desconhecidos construtores daquela casa pensaram em abençoar o lar — e fracassaram? Jamie apertou a minha mão, reconfortando-me inconscientemente.

Numa rocha plana do lado de fora, Duncan acendia uma fogueira pequena, Myers segurando o aço para ele acender. Quando foi acendida, a fogueira se iluminou e um ferro foi retirado dela. Duncan o segurou com a única mão e caminhou seguindo o trajeto do sol ao redor da fundação da cabana, cantando em gaélico alto. Jamie foi traduzindo para mim enquanto ele cantava:

*"Que a proteção de Fionn mac Cumhall seja sua,
Que a proteção de Cormac seja sua,
Que a proteção de Conn e Cumhall seja sua,
Do lobo e dos pássaros
Do lobo e dos pássaros."*

Ele fez uma pausa na canção quando se aproximou de cada ponta da bússola e, fazendo uma reverência para "cada uma das quatro pontas", passou o ferro em brasa num círculo à sua frente. Rollo, desaprovando a atitude piromaníaca, rosnava bravo, mas foi firmemente acalmado por Ian.

"Que o escudo do rei de Fiann seja seu,

*Que o escudo do rei do sol seja seu,
Que o escudo do rei das estrelas seja seu,
No mal e no desespero
No mal e no desespero.”*

Havia muitos versos. Duncan circulou a casa três vezes. Só quando chegou ao ponto final, ao lado da pedra recém-disposta, é que eu percebi que Jamie dispusera a cabana de modo que a pedra ficasse ao norte. O sol da manhã esquentava meu ombro esquerdo e lançava nossas sombras ao oeste.

*“Que o abrigo do rei dos reis seja seu,
Que o abrigo de Jesus Cristo seja seu,
Que o abrigo do espírito da Cura seja seu,
Proteja do mal e do conflito,
Do cão maldoso e do cão vermelho.”*

Olhando para Rollo, Duncan parou diante da pedra, e deu o ferro a Jamie, que se abaixou e acendeu a pilha de gravetos. Ian gritou em gaélico quando a chama surgiu, e todos aplaudiram.

Mais tarde, nós nos despedimos de Duncan e de Myers. Os dois não estavam indo a Cross Creek, e sim para o monte Hélicon, onde os escoceses da região faziam uma reunião anual no outono, para agradecer pelas colheitas bem-sucedidas, trocar informações e fechar negócios, comemorar casamentos e batizados, manter pessoas do clã e da família em contato.

Jocasta e seus empregados estariam lá, assim como Farquard Campbell e Andrew MacNeill. Era o melhor lugar para Duncan começar a tarefa de encontrar os homens espalhados de Ardsmuir. A maior das reuniões acontecia no monte Hélicon. Os escoceses se reuniam ali vindos de lugares distantes, como a Carolina do Sul e a Virgínia.

— Devo estar aqui na primavera, *Mac Dubh* — prometeu Duncan enquanto montava no cavalo. — Com o máximo de homens que eu conseguir reunir. E entregarei as cartas sem falta. — Ele deu um tapa no saco ao lado da sela e puxou o chapéu para baixo a fim de proteger os olhos do forte sol de setembro. — Quer mandar algum recado para a sua tia?

Jamie parou por um momento, pensando. Ele já tinha escrito para Jocasta. Não havia nada a acrescentar?

— Diga a minha tia que não a verei na reunião este ano, e talvez nem no próximo. Mas na próxima depois dessas duas, eu a verei sem falta, com meu povo me acompanhando. Vá com Deus, Duncan!

Ele deu um tapa na anca do cavalo de Duncan e ficou ao meu lado acenando enquanto os dois cavalos desciam pela beira da cordilheira e sumiam. A partida me dava uma sensação estranha de desolação. Duncan era nosso último e único elo com a civilização. Agora, estávamos realmente sozinhos.

Bem, nem tanto, pensei. Tínhamos Ian. Sem falar de Rollo, do porco, dos três cavalos e das duas mulas que Duncan deixara conosco, para cuidar do arado na primavera. Um grupo pequeno, na verdade. Eu me animei pensando que, dentro de um mês, a cabana estaria pronta e teríamos um teto sobre as nossas cabeças. E então...

— Más notícias, tia — disse Ian em meu ouvido. — O porco comeu o resto da sua aveia.

O CORVO BRANCO

Outubro de 1767

— “Corpo, alma e mente” — disse Jamie, traduzindo quando se abaixou para pegar a ponta de outro tronco cortado. — “O corpo pela sensação, a alma para a fonte de ação, a mente para os princípios. Mas a capacidade de sensação pertence também ao touro preso. Não existe animal selvagem ou degenerado que não obedeça ao impulso. E mesmo os homens que negam os deuses ou traem seus países ou...” Cuidado, homem!

Ian, alertado, passou por cima do cabo do machado e virou-se para a esquerda, equilibrando a ponta do tronco cuidadosamente em volta da parede de troncos erguida pela metade.

— “...ou perpetram todos os tipos de maldades por trás de portas fechadas, têm mentes para guiá-los pelo caminho da obrigação.” — Jamie retomou *Meditações*, de Marco Aurélio. — “Ao ver que...” Suba. Isso, muito bem. “Ao ver que todo o resto é herança comum de tais tipos, a única singularidade do homem bom está em sua receptividade a toda experiência que o destino pode criar para ele, sua recusa em sujar a divindade de seu seio ou perturbá-la com impressões inadequadas...” Certo, um, dois e... *argh!*

Seu rosto estava vermelho pelo esforço quando eles alcançaram a posição adequada e, juntos, ergueram o tronco quadrado à altura do ombro. Ocupado demais para continuar com as meditações de Marco Aurélio, Jamie direcionou os movimentos de seu sobrinho balançando a cabeça e com comandos de uma

única palavra, enquanto levavam o pedaço de madeira para dentro dos espaços formados pelos troncos cruzados embaixo.

— Ah, os impulsos, não é? — Ian afastou do rosto suado uma mecha de cabelos. — Sinto um leve impulso na minha barriga. Isso é degenerado, então?

— Acredito que essa seja uma sensação corporal aceitável nesse momento do dia — disse Jamie, rosnando baixinho enquanto eles encaixavam o último tronco. — Um pouco para a esquerda, Ian.

O tronco se encaixou no espaço, e os dois homens deram um passo para trás com um suspiro de alívio por terem completado a tarefa. Ian sorriu para o tio.

— Quer dizer que você está com fome, certo?

Jamie sorriu de volta mas, antes de responder, Rollo levantou a cabeça, a orelha de pé, e ouviu-se um ronco baixo. Ao ver isso, Ian virou a cabeça para olhar e parou enquanto secava o rosto com a barra da camisa.

— Lá vem gente, tio — disse ele, acenando na direção da floresta.

Jamie ficou tenso. Antes que pudesse se virar e pegar a arma, eu identifiquei o que Rollo e Ian tinham visto entre as folhas.

— Não se preocupem — falei, animada. — É sua velha companhia para beber, vestida para visita. Acho que o destino preparou umas coisinhas para sua recepção.

Nacognaweto esperou educadamente à sombra das nogueiras até ter certeza de que nós o tínhamos visto. Então, avançou lentamente para fora da floresta, acompanhado, dessa vez, não por seus filhos, mas por três mulheres, duas delas levando trouxas grandes nas costas.

Uma delas era uma jovem, não tinha mais do que treze anos, e a segunda, na casa dos trinta, era claramente a mãe da garota. A terceira mulher que os acompanhava era muito mais velha — não a avó, pensei, ao ver seu corpo agachado e os cabelos brancos —, talvez a bisavó.

Eles tinham se arrumado para a visita. Nacognaweto estava com as pernas de fora, com borzeguins de couro, mas usava um

tecido de musselina ao redor do corpo, solto no joelho, e uma camisa de linho cor-de-rosa tingida por cima, tudo envolto por um cinto com espinhos de porco-espinho e pedaços de conchas brancas e cor de lavanda. Por cima de tudo, ele usava um colete de couro com borda de contas, e um tipo de turbante frouxo de calicó azul por cima dos cabelos soltos, com duas penas de corvo ao lado de uma orelha. Joias de concha e prata — um brinco, vários colares, uma fivela de cinto e pequenos ornamentos presos aos cabelos — completavam a figura.

As mulheres estavam menos arrumadas, mas claramente vestiam as melhores roupas que tinham, com vestidos soltos e compridos até os joelhos que deixavam à mostra as botas leves e as calças de couro. Estavam envoltas em aventais de couro de veado com estampas pintadas, e as duas mais jovens usavam coletes decorados também. Eles avançaram em fila indiana até metade da clareira e então pararam.

— Meu Deus — murmurou Jamie. — É uma comissão. — Ele passou a manga pelo rosto e cutucou Ian nas costelas. — Faça sala, Ian. Eu já volto.

Ian, um tanto assustado, avançou em direção aos índios, balançando uma mão grande em um gesto cerimonial de boas-vindas. Jamie me pegou pelo braço e me levou para um canto da casa meio construída.

— O que... — comecei, assustada.

— Vista-se — interrompeu ele, jogando a caixa de roupas em minha direção. — Vista o que tiver de mais bonito, sim? Seria desrespeitoso não fazer isso.

“Bonito” era um pouco exagerado para descrever qualquer item do meu guarda-roupa atual, mas fiz o melhor que pude, amarrando uma saia amarela de linho ao redor da cintura e substituindo o lenço branco e liso por aquele que Jocasta mandara para mim, bordado com cerejas. Pensei que bastaria — afinal, estava claro que os homens é quem estavam sendo expostos aqui.

Jamie, depois de tirar a calça e vestir o tartã vermelho em tempo recorde, o prendeu com um pequeno broche de bronze, pegou uma garrafa de baixo da cama e saiu pelo lado aberto da

casa antes que eu terminasse de arrumar os cabelos. Percebendo que era uma causa perdida, desisti e saí correndo atrás dele.

As mulheres me observaram com a mesma fascinação que eu tinha por elas, mas permaneceram afastadas enquanto Jamie e Nacognaweto realizavam os cumprimentos necessários envolvendo o despejar e compartilhar do conhaque, e Ian participou do ritual. Só então a segunda mulher se aproximou quando Nacognaweto fez um gesto, abaixando a cabeça num cumprimento tímido.

— *Bonjour, messieurs, madame* — disse ela baixinho, olhando para todos nós.

Seus olhos pousaram em mim com clara curiosidade, notando todos os detalhes da minha aparência, então não senti pudor e olhei para ela da mesma maneira. Mestiça, pensei. Talvez francesa?

— *Je suis sa femme* — disse ela inclinando a cabeça graciosamente em direção a Nacognaweto, e suas palavras confirmavam o que eu imaginara. — *Je m'appelle Gabrielle*.

— Hum... *je m'appelle Claire* — falei, com um gesto um pouco menos gracioso. — *S'il vous plaît...* — Fiz um gesto para a pilha de troncos que esperavam, convidando-os a se sentarem, e me perguntava se havia ensopado de esquilo para todos.

Jamie, enquanto isso, olhava para Nacognaweto com um misto de diversão e irritação.

— Ah, “sem francês”, não é? — disse ele. — Acho que nem uma palavra!

O índio olhou para ele de modo inexpressivo, e assentiu para que a esposa prosseguisse com as apresentações.

A mulher mais velha era Nayawenne, não a avó de Gabrielle, como eu pensara, mas de Nacognaweto. A mulher era pequena, magra e curvada devido ao reumatismo, mas tinha os olhos vivos como os de um pardal, animal com o qual ela se parecia bastante. Usava um saco pequeno de couro amarrado no pescoço, decorado com uma pedra verde como fecho e com penas compridas de pica-pau. Carregava um saco maior, de tecido, amarrado na cintura. Ela me viu observando as manchas verdes no tecido e sorriu, mostrando dois dentes grandes e amarelos na frente.

A menina era, como eu pensara, filha de Gabrielle — mas não de Nacognaweto, imaginei. Ela não se parecia com ele, e se comportava de modo tímido perto dele. Seu nome bastante incongruente era Berthe, e os efeitos do sangue misturado eram ainda mais aparentes nela do que na mãe. Seus cabelos eram escuros e sedosos, mas de um castanho-escuro em vez de negros, e o rosto redondo era corado, com a pele clara de uma europeia, apesar de os olhos terem a dobra epicântica dos indígenas.

Quando as apresentações oficiais foram feitas, Nacognaweto fez um gesto a Berthe, que obedientemente abriu a trouxa grande que trazia, aos meus pés, expondo um cesto grande de laranja e abóbora de listras verdes, um cordão de peixe seco, um cesto menor de inhames e uma pilha enorme de milho indígena, seco na espiga.

— Meu Deus! — murmurei. — O retorno de Squanto!

Todo mundo olhou para mim sem entender, e eu me apressei a sorrir e a fazer exclamações, totalmente emocionadas, de alegria e prazer com os presentes. Talvez não durassem o inverno todo, mas eram o suficiente para fortalecer nossa dieta por cerca de dois meses.

Nacognaweto explicou por meio de Gabrielle que aquilo era uma pequena e insignificante retribuição pelo presente de Jamie, o urso, que fora recebido com alegria por seu vilarejo, onde a exploração corajosa de Jamie (nesse momento, as mulheres olharam para mim e deram risadinhas, certamente tendo tomado conhecimento do episódio do peixe) fora um assunto muito comentado e admirado.

Jamie, muito acostumado a esse tipo de troca diplomática, modestamente abriu mão de qualquer pretensão a parecer forte, dizendo que tinha sido um mero acidente.

Enquanto Gabrielle traduzia, a senhora ignorou os cumprimentos, e se aproximou de mim como um caranguejo. Sem qualquer pudor, ela tocou meu corpo todo, passando os dedos pelas minhas roupas e levantando a barra do meu vestido para examinar meus sapatos, fazendo comentários para si mesma num murmúrio rouco e suave.

O murmúrio ficou mais alto e ganhou um tom de surpresa quando ela chegou aos meus cabelos. Eu tirei os grampos e os soltei sobre os ombros. Ela puxou uma mecha, esticou-a, deixou que ela voltasse a subir e riu.

Os homens olharam em nossa direção, mas dessa vez Jamie estava mostrando a Nacognaweto a construção da casa. A chaminé estava completa, construída com uma pedra como a fundação, e o chão tinha sido feito, mas as paredes, construídas com troncos quadrados, tinham cerca de vinte centímetros de diâmetro cada, e chegavam apenas à altura do ombro. Jamie pediu a Ian uma demonstração da separação dos troncos, e ele foi rachando a lenha com constância enquanto percorria a extensão da madeira, quase acertando os dedos dos pés a cada golpe.

Como aquela conversa entre homens não exigia tradução, Gabrielle pôde se aproximar e conversar comigo. Apesar do seu francês ter sotaque e várias expressões estranhas, não tivemos problemas para nos entender.

Em pouco tempo, descobri que Gabrielle era filha de um comerciante de peles francês e de uma mulher da tribo dos Huron — e a segunda esposa de Nacognaweto, que por sua vez, também era seu segundo marido. O primeiro, o pai de Berthe, fora um francês morto na guerra francesa e indígena dez anos antes.

Eles viviam em um vilarejo chamado Anna Ooka (precisei me controlar para manter a seriedade. Sem dúvida, “New Bern” seria peculiar para eles), a cerca de dois dias de viagem ao nordeste — Gabrielle indicou a direção com um gracioso inclinar da cabeça.

Enquanto eu conversava com Gabrielle e Berthe, complementando a conversa com gestos de mão, aos poucos percebi que outro tipo de comunicação estava ocorrendo com a senhora.

Ela não dizia nada a mim diretamente — apesar de murmurar de vez em quando a Berthe, claramente exigindo saber o que eu dissera —, mas seus olhos brilhantes permaneciam fixos em mim, e eu percebia. Eu tinha a estranha sensação de que ela estava conversando comigo — e eu com ela —, sem trocarmos uma única palavra.

Vi Jamie do outro lado da clareira oferecendo a Nacognaweto o resto da garrafa de conhaque. Claramente era o momento de oferecer presentes em retribuição. Dei a Gabrielle o lenço bordado, e a Berthe, um grampo de cabelo decorado com pecinhas brilhantes, e com esses presentes elas exclamaram felizes. Para Nayawenne, no entanto, eu tinha algo diferente.

Eu tivera a sorte de encontrar quatro raízes grandes de ginseng na semana anterior. Peguei as quatro da caixa de remédios e as coloquei na mão dela, sorrindo. Ela olhou para mim, e então retribuiu o sorriso, soltou o saco de tecido do cinto e o jogou para mim. Eu não precisei abri-lo. Conseguia sentir as quatro formas compridas e grumosas pelo tecido.

Sim, com certeza falávamos a mesma língua!

Tomada pela curiosidade, e num impulso que não consegui descrever, perguntei a Gabrielle a respeito do amuleto da senhora, torcendo para que não fosse um gesto mal-educado.

— *Granmère est...* — Ela hesitou, procurando a palavra certa em francês, mas eu já sabia.

— *Pas docteur* — falei —, *et pas sorcière, magicienne. Elle est...* — hesitei também. Não havia uma palavra adequada para aquilo em francês, afinal.

— Dizemos que ela é uma cantora — disse Berthe com timidez, em francês. — Nós a chamamos de xamã. O nome dela quer dizer “Pode ser. Vai acontecer”.

A senhora disse algo assentindo para mim, e as duas mais jovens pareceram assustadas. Nayawenne abaixou a cabeça, tirou o elástico do pescoço e colocou a bolsinha em minha mão.

Estava tão pesada que quase a derrubei. Assustada, fechei a mão sobre ela. O couro desgastado estava quente pelo contato com o corpo dela, os contornos arredondados se encaixavam bem na minha palma. Por um momento, tive a clara impressão de que algo no saco estava vivo.

Meu rosto deve ter mostrado o susto que levei, porque a senhora começou a rir. Estendeu a mão e eu devolvi o amuleto com pressa. Gabrielle disse, educadamente, que a avó de seu marido

ficaria feliz em me mostrar as plantas úteis que cresciam ali perto, se eu quisesse caminhar com ela.

Aceitei o convite com espontaneidade, e a senhora seguiu pelo caminho com passos firmes que não condiziam com sua idade. Observei seus pés minúsculos em botas de couro macias, e pensei que, quando tivesse a idade dela, gostaria de conseguir andar por dois dias na mata e sentir vontade de sair explorando.

Caminhamos à beira do rio por algum tempo, seguidas a uma distância respeitosa por Gabrielle e Berthe, que só se aproximavam de nós quando chamadas para fazer a interpretação.

— Cada planta tem a cura para uma doença — explicou a senhora por intermédio de Gabrielle. Puxou o raminho de um arbusto no caminho e o entregou a mim com seriedade. — Se ao menos soubéssemos para o que todas servem!

Na maior parte do tempo, nós nos entendíamos com gestos, mas quando chegamos ao grande lago onde Jamie e Ian pescavam trutas, Nayawenne parou e acenou, pedindo a Gabrielle que se aproximasse de novo. Disse algo à mulher, que se virou para mim com uma expressão de surpresa no rosto.

— A avó do meu marido diz que sonhou com você na noite da lua cheia, duas luas atrás.

— Comigo?

Gabrielle assentiu. Nayawenne pousou uma mão em meu braço e olhou com atenção em meu rosto, como se quisesse conferir o impacto das palavras de Gabrielle.

— Ela nos contou sobre o sonho, que ela vira uma mulher com... — Seus lábios tremeram e rapidamente se endireitaram, e ela tocou as pontas dos cabelos longos e lisos com delicadeza. — Três dias depois, meu marido e os filhos dele chegaram, contando que encontraram você e o Matador de Urso na floresta.

Berthe também me observava com claro interesse, enrolando uma mecha dos seus cabelos castanho-escuros na ponta do indicador.

— Ela que cura disse que precisava ver você, e então, quando soubemos que estava aqui...

Isso me assustou um pouco. Eu não tive a sensação de ser observada mas ainda assim, alguém havia notado nossa presença na montanha e passado as notícias a Nacognaweto.

Impaciente com essas irrelevâncias, Nayawenne cutucou a nora e disse algo, e então apontou com determinação para a água a nossos pés.

— A avó do meu marido diz que quando sonhou com você, foi aqui. — Gabrielle fez um gesto para a água e olhou para mim com muita seriedade.

— Ela encontrou você aqui, à noite. A lua estava refletida na água. Você se tornou um corvo branco, voou sobre a água e engoliu a lua.

— Ah! — Torci para não haver nada de sinistro nesse ato.

— O corvo branco voltou e botou um ovo na palma da mão dela. O ovo se abriu e havia uma pedra brilhante dentro. A avó do meu marido sabia que isso era uma grande mágica, que a pedra poderia curar doenças.

Nayawenne assentiu a cabeça diversas vezes, pegou o saco de amuleto do pescoço e enfiou a mão nele.

— No dia seguinte ao sonho, a avó do meu marido foi arrancar a raiz *kinnea*, e no caminho viu algo azul aparecendo na terra à beira do rio.

Nayawenne pegou um objeto pequeno e grumoso e o colocou na minha mão. Era uma pedra áspera, mas, sem dúvida, preciosa. Pedacos da matriz rochosa estavam grudados, mas o coração da pedra era de um azul profundo e suave.

— Minha nossa... é uma safira, não é?

— Safira? — Gabrielle disse a palavra, pensativa. — Nós a chamamos de... — Ela hesitou, procurando a tradução certa em francês. — ... *pierre sans peur*.

— *Pierre sans peur*? Uma pedra sem medo?

Nayawenne assentiu, falando de novo. Berthe deu a tradução antes que sua mãe pudesse falar.

— A avó do meu pai está dizendo que uma pedra como esta impede as pessoas de sentirem medo, por isso deixa o espírito mais forte, de modo que elas se curam mais depressa. Essa pedra já

curou duas pessoas de febre e uma dor nos olhos que meu irmão mais novo teve.

— A avó do meu marido quer agradecer por esse presente. — Gabrielle retomou a conversa.

— Ah... diga que não tem de quê. — Assenti cordialmente para a senhora, e lhe devolvi a pedra azul. Ela a colocou dentro do saco e prendeu o cordão com força no pescoço. Então, olhou para mim de perto e, estendendo o braço, puxou uma mecha dos meus cabelos, falando enquanto esfregava os fios entre os dedos.

— A avó do meu marido diz que você tem remédio agora, mas terá mais. Quando seus cabelos forem brancos como os dela, é quando você encontrará seu poder total.

A senhora soltou a mecha e me encarou por um momento. Pensei ter visto uma expressão de grande tristeza nas profundezas de seus olhos, e estendi a mão para tocá-la.

Ela deu um passo para trás e disse algo mais. Gabrielle olhou para mim com timidez.

— Ela diz que você não deve se preocupar. A doença é enviada pelos deuses. Não será culpa sua.

Olhei para Nayawenne, assustada, mas ela já tinha se virado.

— O que não será culpa minha? — perguntei, mas a senhora se recusou a falar mais alguma coisa.

NOITE EM UMA MONTANHA NEVADA

Dezembro de 1767

O inverno demorou um pouco, mas a neve começou a cair na noite de 28 de novembro e, quando acordamos, encontramos o mundo transformado. Todas as folhas do grande abeto atrás da cabana estavam congeladas, e gotas compridas de gelo estavam penduradas nas folhas da framboeseira silvestre.

A neve não estava forte, mas sua vinda mudou a rotina. Eu não passeava mais durante o dia, exceto algumas idas rápidas ao rio para buscar água e as plantas que arrancava no meio da neve da ribanceira. Jamie e Ian pararam de rachar lenha e limpar a área, e passaram a se preocupar em fazer o teto. O inverno se aproximou, e nós, em resposta, nos protegíamos do frio, nos retraíamos.

Não tínhamos velas. Só lâmpadas de óleo e a luz do fogo que ardia constantemente na casa, escurecendo as vigas do telhado. Assim, acordávamos logo cedo e nos deitávamos depois do jantar, no mesmo ritmo que as criaturas da floresta ao nosso redor.

Não tínhamos carneiros ainda, logo, nada de lã para guardar nem tecer, nenhum tecido para costurar nem tingir. Não tínhamos colmeias ainda, logo, não havia cera para ferver nem vela para acender. Não havia animais dos quais cuidar, exceto os cavalos, as mulas e o porco, que crescera consideravelmente no tamanho e na irascibilidade, levando-o a ser preso em um compartimento no canto do estábulo que Jamie havia construído, que não passava de um abrigo de frente aberta com um telhado coberto com galhos.

Myers comprara uma seleção pequena mas útil de ferramentas, e as partes de ferro tilintavam em um saco, esperando ganhar

cabos de madeira da floresta mais próxima. Havia um machado e um porrete, um arado para o plantio na primavera, verrumões, bases e cinzel, um pequeno facão de mato, dois martelos e um serrote, uma ferramenta peculiar parecida com uma enxada (que, segundo Jamie, servia para cortar ripas), um facão de lâmina curva com cabos dos dois lados, usado para alisar e cortar madeira. E também duas facas pequenas afiadas, uma machadinha, algo que se parecia com um equipamento medieval de tortura (que era, na verdade, um puxa-pregos) e uma espécie de machado pequeno para cortar madeira fina.

Com elas, Jamie e Ian conseguiram fazer um teto na cabana antes que a neve caísse, mas os barracões eram menos importantes. Um bloco de madeira permanecia constantemente ao lado da fogueira, a machadinha fincada nele, pronta para qualquer um que quisesse partir mais lenha. Aquele canto da casa era, na verdade, dedicado à madeira. Ian tinha um banco útil, mas rústico, que ficava embaixo de uma das janelas, onde a luz entrava, e a lenha podia ser jogada na fogueira, que permanecia acesa dia e noite.

Myers trouxera algumas ferramentas de mulher para mim também: um cesto enorme de costura, muito bem equipado com agulhas, alfinetes, tesouras e um novelo de lã, e fios de linho, musselina e lã. Apesar de a costura não ser minha atividade preferida, fiquei feliz ao receber as ferramentas mesmo assim, já que, devido ao fato de Jamie e Ian estarem sempre no telhado, suas roupas precisavam constantemente de reparos.

— Mais um! — Jamie se sentou na cama ao meu lado.

— Mais um o quê? — perguntei sonolenta, abrindo um dos olhos. Estava muito escuro na cabana e o fogo queimava baixo na lareira.

— Mais um maldito vazamento! Entrou água na minha orelha, inferno!

Jamie saiu da cama, foi até a fogueira e enfiou nela uma ripa de madeira. Quando pegou fogo, ele a trouxe de volta e ficou de pé em cima da cama, erguendo a tocha enquanto olhava para o teto à procura do vazamento.

— Hum? — Ian rolou para o lado e gemeu de modo questionador. Rollo, que insistia em dividir a cama com ele, emitiu um breve rosnado, remexeu o corpo de pelos cinza e voltou a roncar alto.

— Um vazamento — expliquei a Ian, prestando atenção na tocha de Jamie. Não queria que meu precioso colchão de penas pegasse fogo com faíscas inoportunas.

— Ah. — Ian permaneceu deitado com um braço sobre o rosto. — Nevou de novo?

— Deve ter nevado.

As janelas estavam cobertas com quadrados de pele de veado untada, e não entrava som do lado de fora, mas o ar tinha o peso característico da neve.

A neve veio silenciosamente e se acumulou no telhado. Então começou a derreter com o calor da fogueira no interior da cabana, escorrendo pelas partes inclinadas do telhado e deixando um caminho de gotinhas de gelo. Mas, de vez em quando, a água conseguia passar por uma fresta em uma madeira ou numa junção onde as partes tinham sido mal unidas, e gotas entravam geladas por ali.

Jamie considerava essas intrusões como uma afronta pessoal, e não demorava para lidar com elas.

— Vejam! — exclamou ele. — Ali está! Estão vendo?

Desviei o olhar paralisado dos tornozelos peludos à frente do meu nariz e olhei para o telhado. Com certeza, a tocha de luz revelava a linha escura de uma fresta em uma madeira, com uma mancha escura de umidade que se espalhava por baixo. Enquanto eu observava, uma gota clara se formou, brilhando vermelha à luz da tocha, e caiu com um baque no travesseiro ao meu lado.

— Poderíamos mudar um pouco a posição da cama — sugeri sem grande esperança.

Eu já passara por isso antes. Todas as sugestões de que o trabalho de reparo podia esperar até o dia clarear eram respondidas com recusas revoltadas. Nenhum homem, e isso eu tive que entender, concordaria com algo assim.

Jamie saiu da cama e, com o pé, cutucou Ian nas costelas.

— Levante-se e bata no ponto onde o vazamento está, Ian. Vou cuidar dele do lado de fora. — Pegando um cinzel novo, um martelo e uma machadinha, além de um saco de pregos, ele foi para a porta.

— Não suba no telhado assim! — exclamei, sentando abruptamente na cama. — Essa é a sua blusa de lã boa!

Ele parou perto da porta, olhou rapidamente para mim e então, com uma expressão de mártir, deixou as ferramentas no chão, tirou a blusa, jogou-a no chão, pegou as ferramentas e saiu imponente para lidar com o vazamento, as nádegas contraídas em determinação.

Passei a mão pelo rosto inchado e gemi baixinho.

— Ele vai voltar bem, tia — garantiu Ian.

Ele bocejou, sem se preocupar em cobrir a boca, e saiu relutante da cama quente.

Batidas no telhado que definitivamente não foram delicadas anunciavam que Jamie estava posicionado. Saí do caminho e me levantei, resignada, quando Ian subiu na cama e bateu uma ripa de madeira no ponto úmido, remexendo-a o suficiente para Jamie localizar o vazamento por fora.

Em seguida, vieram as batidas, quando a madeira com defeito se soltou e foi substituída, e o vazamento desapareceu, deixando não mais do que um simples vestígio de sua existência, o pequeno monte de neve que havia passado pelo buraco.

De volta à cama, Jamie envolveu o corpo gelado no meu, puxou-me para seu peito frio e logo voltou a dormir, tomado pela satisfação de um homem que defendeu seu lar de todas as ameaças.

Era um refúgio frágil e tênue na montanha — mas era um refúgio, mesmo assim. Não tínhamos muita carne — tivemos pouco tempo para caçar outra coisa além de esquilos e coelhos, e aqueles roedores úteis tinham ido hibernar —, mas havia uma boa quantidade de legumes secos, desde inhame e abóbora, passando por cebola e alho, além de um ou dois sacos de castanhas, e as

poucas ervas que eu conseguira pegar e secar. Era uma dieta restrita mas, com cuidado, poderíamos sobreviver até a primavera.

Com poucas tarefas para fazer do lado de fora, havia tempo para conversar, contar histórias e sonhar. Entre os objetos úteis, como colheres e tigelas, Jamie se dedicou a entalhar as peças de um tabuleiro de xadrez de madeira, e passou muito tempo tentando convencer Ian ou a mim a jogar com ele.

Ian e Rollo, que não aguentavam ficar presos, visitavam Anna Ooka com frequência, às vezes partindo em caçadas longas com jovens do vilarejo, que gostavam da companhia dele e da de Rollo.

— O rapaz fala a língua dos índios muito melhor do que grego ou latim — observou Jamie com certa repreensão, vendo Ian trocar cordialidades com um índio enquanto partiam para uma dessas excursões.

— Bem, se Marco Aurélio tivesse escrito sobre como localizar porcos-espinhos, acho que ele teria encontrado um público muito mais interessado — respondi com delicadeza.

Por mais que eu adorasse Ian, não me sentia insatisfeita com sua ausência frequente. Em certos momentos, três era demais.

Não existe nada mais agradável na vida do que uma cama de penas e uma fogueira — exceto uma cama de penas com um amante quente e carinhoso nela. Quando Ian não estava, não nos preocupávamos com lamparinas. Íamos para a cama no escuro e nos deitávamos compartilhando o calor, conversando até tarde, rindo e contando histórias, dividindo nossos passados, planejando o futuro e, em algum momento no meio da conversa, parando para aproveitar os prazeres sem palavras do presente.

— Conte sobre Brianna. — Estas eram as histórias preferidas de Jamie: a infância de Brianna. O que ela tinha dito, usado e feito; como ela era, todas as suas conquistas e seus gostos.

— Eu contei quando fui convidada a comparecer à escola dela para falar sobre a profissão de médico?

— Não. — Ele se remexeu para ficar mais confortável, rolando de lado e se encaixando atrás de mim. — Por que fez isso?

— Era o que eles chamavam de Dia da Profissão. Os professores convidavam muitas pessoas com empregos diferentes

para explicar o que faziam, de modo que as crianças pudessem ter ideia do trabalho de um advogado, por exemplo, ou de um bombeiro...

— Eu acharia essa profissão bem óbvia.

— Quietos. Ou um veterinário, que é um médico que cuida de animais, ou um dentista, que é um médico especial que cuida só dos dentes...

— Dos *dentes*? O que se pode fazer com um dente além de arrancá-lo?

— Você se surpreenderia. — Afastei os cabelos do rosto e do pescoço. — Bem, eles sempre me chamavam porque não era muito comum que uma mulher fosse médica naquela época.

— Você acha que é comum *agora*? — Jamie riu, e eu dei um chute fraco em sua canela.

— Bem, ficou mais comum depois daquele tempo. Mas na época não era. E quando terminei de falar e perguntei se alguém tinha alguma pergunta, um menininho se eriçou e falou que a mãe dele dissera que as mulheres que trabalhavam eram como prostitutas, e que deveriam estar em casa cuidando da família em vez de roubar os empregos dos homens.

— Acho que essa mãe não conheceu muitas prostitutas na vida.

— Acho que não mesmo. Nem mulheres que trabalham. Mas quando ele disse isso, Brianna ficou de pé e disse com a voz bem alta: “Bem, é melhor você ficar feliz por minha mãe ser médica, porque vai precisar de uma!” E bateu na cabeça dele com o livro de aritmética. Quando ele se desequilibrou e caiu, ela pulou na barriga dele e deu um soco em sua boca.

Senti o peito e o estômago de Jamie se chacoalhando contra as minhas costas.

— Que corajosa! Mas a professora não a castigou?

— Eles não batem nas crianças na escola. Ela teve que escrever uma carta se desculpando com o pestinha, mas ele teve que escrever uma para mim, o que Brianna achou uma troca justa. A parte mais embaraçosa foi que o pai dele também era médico; um dos meus colegas no hospital.

— Imagino que você tenha conseguido um emprego que ele queria.

— Como adivinhou?

— Hum. — Sua respiração estava quente e fazia cócegas em minha nuca.

Levei a mão para trás e acariciei uma de suas coxas compridas e peludas, sentindo o músculo em contração.

— Você disse que ela estava na faculdade, estudando História, como Frank Randall. Será que ela nunca quis ser médica como você? — Com uma das mãos grandes, ele ficou apertando minhas nádegas delicadamente.

— Ela queria quando era pequena. Eu a levava ao hospital de vez em quando, e Brianna ficava fascinada com todos os equipamentos. Amava brincar com meu estetoscópio e otoscópio, uma ferramenta para examinar ouvidos, mas então mudou de ideia. O que aconteceu pelo menos umas dez vezes, como a maioria das crianças.

— Elas mudam de ideia?

Era uma ideia nova para Jamie. A maioria dos filhos da época dele seguiam a profissão dos pais — ou talvez aprendiam outra escolhida por eles.

— Ah, sim. Vamos ver... Ela quis ser bailarina por um tempo, como a maioria das meninas. É uma dançarina que dança na ponta dos pés — expliquei, e ele riu surpreso. — Depois, ela quis ser gari, isso depois de um gari dar carona para ela em seu caminhão; e então, uma mergulhadora, carteira e...

— O que diabos é mergulhadora? E gari?

Quando terminei de descrever algumas profissões do século XX, estávamos frente a frente, nossas pernas confortavelmente enroladas, e eu admirava o modo com que seu mamilo se enrijecia ao toque do meu polegar.

— Nunca soube ao certo se ela queria estudar História ou se fazia isso principalmente para agradar Frank. Ela o amava demais, e ele sentia muito orgulho dela. — Fiz uma pausa, pensando, enquanto a mão dele descia pelas minhas costas.

— Ela começou a ter aulas de História na universidade quando ainda estava no ensino médio. Eu contei como funciona o sistema escolar? E então, quando Frank morreu... Acho que ela prosseguiu com História porque acreditava que era o que ele gostaria.

— Isso é lealdade.

— Sim. — Passei a mão pelos cabelos dele, sentindo os ossos firmes e arredondados do seu crânio, e seu couro cabeludo sob meus dedos. — Não sei de onde veio essa característica dela.

Ele roncou brevemente e me abraçou mais.

— Não sabe? — Sem esperar resposta, ele continuou: — Se ela prosseguir com História... você acha que ela nos encontrará? Escritos em algum lugar, quero dizer.

A ideia já havia me ocorrido, e por um momento fiquei muito quieta. Então eu me alonguei um pouco e apoiei a cabeça no ombro dele rindo baixinho, mas sem achar muita graça.

— Acho que não. A menos que fizéssemos algo notável. — Fiz um gesto vago em direção à parede da cabana e à mata do lado de fora. — Imagino que não teríamos muita chance aqui. E, de qualquer modo, ela teria que estar procurando.

— E ela procuraria?

Permaneci em silêncio por um momento, sentindo o cheiro almiscarado e forte de Jamie.

— Espero que não — falei baixinho, por fim. — Ela deve ter a própria vida, e não passar o tempo olhando para trás.

Ele não respondeu diretamente ao que eu falei, mas pegou a minha mão e a colocou entre nós, suspirando quando o segurei.

— Você é uma mulher muito inteligente, Sassenach, mas tem uma visão limitada. Embora talvez seja só humildade.

— E por que você está dizendo isso? — perguntei um pouco alterada.

— A moça é leal, você disse. Ela deve ter amado o pai o suficiente para moldar sua vida de acordo com o que ele gostaria, mesmo depois de sua morte. Você acha que ela ama menos você?

Virei a cabeça e deixei os cabelos caírem em meu rosto.

— Não — respondi por fim, com a voz abafada no travesseiro.

— Então.

Jamie me segurou pelo quadril e me virou, rolando lentamente para cima de mim. Não falamos mais nada depois que os limites dos nossos corpos desapareceram.

Foi lento, calmo, como num sonho. Seu corpo era meu e o meu corpo era dele, e quando passei meu pé por sua perna, a sola lisa do pé e a panturrilha peluda, senti a palma da sua mão com calos e a carne macia, era um encaixe, o ritmo do nosso movimento como as batidas de um só coração.

O fogo crepitava suavemente, lançando uma luz amarela e vermelha nas paredes de madeira de nosso refúgio, e permanecemos deitados em paz, sem nos preocuparmos em separar braços e pernas. Quase dormindo, senti o hálito quente de Jamie em meu pescoço.

— Ela vai procurar — assegurou ele.

Houve um breve degelo dois dias depois, e Jamie — sofrendo por ficar dentro da cabana por tanto tempo — decidiu aproveitar e saiu para caçar. Ainda havia neve no chão, mas era fina e esparsa. Ele acreditava que caminhar nas ladeiras seria fácil.

Eu não tinha a mesma certeza quando peguei um punhado de neve e coloquei dentro de um cesto para derreter mais tarde naquela manhã. A neve embaixo dos arbustos ainda era densa, apesar de já ter derretido no chão exposto. Torci para que ele estivesse certo, já que estávamos com poucos alimentos e não comíamos carne havia mais de uma semana até mesmo as armadilhas que Jamie montara tinham sido encobertas pela neve.

Levei a neve para dentro, despejei-a em um grande caldeirão e me senti, como sempre, meio como uma bruxa.

— “Dobrem, dobrem, problema e confusão” — murmurei, observando as pedras brancas se derreterem no líquido quente.

Eu tinha um caldeirão grande, cheio de água, que borbulhava constantemente no fogo. Aquele era o meio básico não só de lavar as roupas, mas de cozinhar tudo que não podia ser grelhado, frito ou assado. Ensopados e coisas a serem fervidas eram colocadas em cuias ou tigelas de pedra, tampadas e submersas, com barbantes,

dentro da água fervente, e eram retiradas com regularidade para serem conferidas. Assim, eu podia cozinhar uma refeição toda na mesma panela e ter água quente para o banho depois.

Virei o segundo cesto de neve em uma tigela de madeira e deixei que ela derretesse mais lentamente. Era a água que beberíamos naquele dia. E então, sem nada urgente para fazer, eu me sentei para ler o caderno de Daniel Rawling e para costurar meias, com os dedos dos pés confortavelmente aquecidos pelo fogo.

Primeiro, não me preocupei quando Jamie não voltou. Ou melhor, eu me preocupei — sempre me preocupava quando ele passava muito tempo longe, mas de modo simples e secreto, que eu conseguia esconder de mim mesma. No entanto, quando as sombras da neve se tornaram violeta com o sol que se punha, comecei a prestar atenção aos sons com mais intensidade.

Fiz meu trabalho na constante expectativa de ouvir os passos dele ou um grito, pronta para correr e ajudar se Jamie tivesse trazido um peru para depenar ou algo mais ou menos comestível que precisasse ser limpo. Alimentei e dei água às mulas e aos cavalos, sempre olhando para a montanha. Quando a luz da tarde foi desaparecendo, a expectativa se tornou esperança.

Ficava cada vez mais frio na cabana, e saí em busca de mais madeira. Não devia ser muito mais do que quatro da tarde, pensei, mas as sombras embaixo dos arbustos de mirtilo já estavam azuis. Dentro de uma hora, já estaria escuro; em duas, o breu viria.

O monte de lenha estava coberto com um pouco de neve, e as lenhas de cima estavam úmidas. Mas ao puxar um galho de nogueira para o lado, consegui enfiar a mão por dentro e tirar madeiras secas — sempre atenta a cobras, gambás e qualquer outra coisa que poderia ter se abrigado no vão da madeira.

Cheguei mais perto para cheirar, e então me curvei e espiei com cuidado ali dentro. Como precaução final, enfiei um graveto longo dentro e o remexi brevemente. Não ouvi movimentação nem qualquer som que levantasse suspeitas, então enfiei a mão com confiança, e procurei até meus dedos encontrarem a casca grossa de um pedaço de pinheiro. Eu queria uma fogueira quente e que

acendesse fácil hoje. Depois de um dia caçando na neve, Jamie estaria gelado.

Pinheiro para o centro da lareira, então, e três pedaços pequenos de nogueira com combustão mais lenta da camada molhada de fora. Eu poderia colocar aquelas lenhas dentro da lareira para que secassem, enquanto terminava de fazer o jantar. Assim, quando fôssemos dormir, eu colocaria a madeira úmida, que queimaria mais lentamente, durando até a manhã.

As sombras se tornaram azul-escuras e se misturaram à penumbra cinza do inverno. O céu estava cor de lavanda com nuvens densas, nuvens de neve. Era possível sentir a umidade fria no ar. Quando a temperatura diminuísse depois do escurecer, a neve cairia.

— Maldito homem — disse em voz alta. — O que você fez, matou um alce? — Minha voz saiu baixa no ar abafado, mas o pensamento fez com que eu me sentisse melhor. Se ele realmente tivesse acertado um animal grande no fim do dia, talvez pudesse ter decidido acampar ao lado do corpo. Desmembrar um animal grande era um trabalho exaustivo e demorado, e era muito difícil encontrar carne para deixá-la à mercê de predadores.

Meu ensopado de legumes borbulhava, e a cabana estava tomada pelo cheiro gostoso de cebolas e alho, mas eu estava sem fome. Empurrei a chaleira para o fundo. Seria fácil esquentá-la de novo quando ele chegasse. Algo verde apareceu de relance, e eu me abaixei para olhar. Uma pequena salamandra, assustada, saiu de seu refúgio e se enfiou em uma fresta da madeira.

Era verde e preta, vívida como uma pequena joia. Eu a peguei antes que ela entrasse em pânico e corresse para dentro do fogo, e levei o bichinho molhado para fora. Ela se remexia como louco na palma da minha mão. Eu a coloquei em segurança na pilha de lenha, perto da base.

— Cuidado — disse a ela —, você pode não ter tanta sorte da próxima vez!

Parei antes de entrar de novo. Já havia escurecido, mas eu ainda conseguia ver os troncos das árvores na clareira, brancos e cinza contra o volume escuro da montanha mais à frente. Nada se

mexia entre as árvores, mas alguns flocos grossos de neve começaram a cair do céu cor-de-rosa suave, derretendo de uma vez no chão perto da entrada do nosso abrigo.

Fechei a porta, comi um pouco do jantar sem sentir o gosto, alimentei a fogueira com a noqueira úmida e me deitei para dormir. Jamie provavelmente havia encontrado alguns homens de Anna Ooka e decidido acampar com eles.

O cheiro da fumaça da noqueira tomou o ar, os vapores brancos subindo sobre a lareira. As vigas do telhado já estavam pretas por causa das cinzas, apesar de estarmos ali havia apenas dois meses. A resina fresca ainda escorria da madeira ao lado da minha cabeça, em gotinhas douradas que brilhavam como mel e tinham um cheiro forte de terebintina. As marcas do machado na madeira apareciam à luz da lareira, e tive uma lembrança repentina e vívida das costas largas de Jamie brilhando de suor enquanto segurava o machado, várias vezes em golpes como o tique-taque de um relógio, e a lâmina do machado acertava a madeira a poucos centímetros do seu pé enquanto ele trabalhava.

Era muito fácil errar a batida de um machado ou de uma machadinha. Ele podia estar rachando lenha para a fogueira e errar, acertando um braço ou uma perna. Minha imaginação, sempre disposta a ajudar, logo me mostrou uma visão clara como a água de sangue arterial jorrando na neve branca em um esguicho rubro.

Eu me deitei de lado. Jamie sabia viver na mata. Passara sete anos em uma caverna, pelo amor de Deus!

Na Escócia, disse minha imaginação com sarcasmo. Onde o maior carnívoro é um gato selvagem do tamanho de um gato doméstico. Onde a maior ameaça humana eram os soldados ingleses.

— Caramba! — exclamei e me deitei de costas. — Ele é um homem feito e está armado até os dentes, e certamente sabe o que fazer se estiver nevando!

O que ele faria?, eu me perguntei. Encontrar ou fazer um abrigo, imaginei. Eu me lembrei do abrigo rústico que ele construía para nós quando acampamos pela primeira vez na cordilheira, e me

senti um pouco reconfortada. Se Jamie não tivesse se machucado, provavelmente não morreria congelado.

Se não tivesse se machucado. Se algo não o tivesse ferido. Os ursos estavam, presumidamente, bem alimentados e hibernando, mas os lobos caçavam no inverno, e as panteras também. Eu me lembrei daquela que encontrara perto do rio e estremei apesar de estar aquecida na cama de penas.

Eu me deitei de bruços, sentindo a pele arrepiada ao redor dos ombros. Estava quente dentro da cabana, mais quente ainda na cama, mas minhas mãos e meus pés ainda estavam congelados. Eu queria Jamie, de um modo visceral que não tinha nenhuma relação com a lógica ou a razão. Estar sozinha com Jamie era uma alegria, uma aventura, uma maravilha. Sozinha sem ele era... solidão.

Eu ouvia o sussurro da neve contra a pele untada que cobria a janela perto da minha cabeça. Se continuasse nevando, as pegadas dele estariam cobertas pela manhã. E se alguma coisa tivesse acontecido com Jamie...

Afastei os cobertores e me levantei. Vesti a roupa depressa sem pensar muito no que estava fazendo. Já tinha pensado demais. Vesti a roupa de lã para me esquentar por baixo da de pele de gamo, além de dois pares de meia. Agradei aos céus porque as botas tinham sido untadas recentemente com banha de lontra — estavam com cheiro de peixe, mas manteriam a umidade longe por um tempo.

Ele levava a machadinha. Tive que rachar outro pedaço de pinheiro com um malho e uma cunha, amaldiçoando minha lentidão. Depois que decidi agir, qualquer demora se tornava uma irritação insuportável. Mas a madeira rachou com facilidade. Eu tinha cinco feixes de bom tamanho, quatro dos quais preendi com uma tira de couro. Enfiei a ponta do quinto nas chamas da fogueira e esperei até que ela pegasse fogo.

Então, amarrei o saco de remédios na cintura, conferi para ter certeza de que estava com o saco de pederneira, vesti a capa, peguei minha trouxa e minha tocha e parti sob a neve que caía.

Não estava tão frio quanto eu temia. Quando comecei a me movimentar, eu me senti bastante aquecida com minhas roupas.

Estava muito silencioso; não havia vento, e o sussurro da neve caindo abafava todos os barulhos comuns da noite.

Ele pretendia passar pelas armadilhas, isso eu sabia. Mas se encontrasse o sinal de alguma coisa promissora no caminho, ele a teria seguido. A neve que caíra mais cedo estava fina e esparsa no chão, mas a terra estava ensopada, e Jamie era um homem grande. Eu tinha certeza de que podia seguir suas pegadas se as encontrasse. E se eu o encontrasse, encolhido para dormir perto de sua caça, melhor ainda. Dois dormiam melhor no frio do que um.

Depois de passar pelas nogueiras nuas que cercavam a clareira a oeste, eu subi. Não tinha grande senso de direção, mas sabia diferenciar uma subida de uma descida. Jamie também havia me ensinado a caminhar com cuidado usando pontos grandes e imutáveis para localização. Olhei em direção à queda-d'água, mas sua cascata branca não passava de um borrão a distância. Não conseguia ouvir nada. Se havia vento, ele estava longe de mim.

— Quando estamos caçando, é bom que o vento esteja contra nós — explicara Jamie. — Para que o veado ou o coelho não sinta seu cheiro.

Com desconforto, fiquei tentando imaginar o que poderia haver no escuro, sentindo o meu cheiro no ar. Não levava armas além da minha tocha. A luz brilhava vermelha sobre a neve, e reluzia no gelo que cobria todos os galhos. Se eu chegasse a quatrocentos metros dele, Jamie me veria.

A primeira armadilha tinha sido montada em um pequeno vale com menos de duzentos metros montanha acima a partir da cabana, em meio a uma área de abeto e cicuta. Eu estava junto quando ele a montara, mas era dia. Mesmo com a tocha, tudo parecia estranho e nada familiar à noite.

Iluminei de um lado a outro e me inclinei para aproximar a luz do chão. Precisei caminhar bastante no vale para poder encontrar o que eu procurava: uma marca escura de bota em um monte de neve entre dois abetos. Mais um pouco e encontrei a armadilha, ainda armada. Ou ela não tinha prendido nada ou ele havia retirado a presa e voltado a armá-la.

As marcas de pés saíam da clareira e subiam de novo, e então desapareceram em uma área descampada de folhas mortas. Senti um pouco de pânico ao passar por ali, procurando um ponto onde pudesse haver uma pegada. Não vi nada. As folhas deviam ter cerca de trinta centímetros de profundidade ali, esponjosas e resilientes. Mas achei! Sim, havia um tronco virado! Vi o ponto úmido e escuro onde Jamie estivera, e o musgo na lateral. Ian havia me dito que os esquilos e tãmias às vezes hibernavam nos buracos embaixo dos troncos.

Muito lentamente, perdendo a trilha com frequência e tendo que dar a volta para encontrá-la de novo, eu o segui de uma armadilha a outra. A neve caía mais pesada e mais rápida, e eu senti certo nervosismo. Se ela cobrisse as marcas dele antes que eu o encontrasse, como eu voltaria para a cabana?

Olhei para trás, mas não consegui ver nada, apenas uma ladeira traiçoeira coberta de neve que descia até a linha escura de um riacho desconhecido, suas rochas protuberantes como dentes. Nenhum sinal de fumaça nem o brilho da nossa chaminé. Eu me virei lentamente, mas também não conseguia mais ver a queda-d'água.

— Ótimo — murmurei a mim mesma. — Você está perdida. E agora?

Contive um ataque de pânico e parei para pensar. Não estava totalmente perdida. Não sabia onde estava, mas não era a mesma coisa. Eu ainda tinha a trilha de Jamie para me guiar — ou teria, até que a neve a cobrisse. E se eu pudesse encontrá-lo, ele provavelmente conseguiria encontrar a cabana.

Minha tocha queimava perigosamente baixa. Eu sentia seu calor esquentando minha mão. Tirei outro feixe seco de dentro da capa e passei o fogo para ele, largando o primeiro um pouco antes de queimar meus dedos.

Eu estava me distanciando ainda mais da cabana? Ou caminhava paralelamente a ela? Tentei imaginar. Eu sabia que as armadilhas formavam um círculo, mas não fazia a menor ideia de quantas tinham sido montadas. Eu encontrara três até então, todas vazias e armadas.

A quarta não estava vazia. Minha tocha iluminou os cristais de gelo que cobriam o pelo de uma lebre grande, estendida embaixo de um arbusto congelado. Eu a toquei, peguei e soltei a corda de seu pescoço. Ela estava rígida, pelo frio ou pelo *rigor mortis*. Já estava morta havia algum tempo, então... e o que isso me indicava a respeito do paradeiro de Jamie?

Tentei pensar de modo lógico, ignorando o frio cada vez maior que passava pelas minhas botas e a dormência crescente no meu rosto e em meus dedos. A lebre ficou na neve. Eu vi as marcas de suas patinhas e da sua luta contra a morte. Mas não vi nenhuma pegada de Jamie. Certo, então ele não tinha visitado essa armadilha.

Fiquei parada, minha respiração provocando pequenas nuvens brancas ao redor da minha cabeça. Sentia o gelo se formando dentro das minhas narinas; estava esfriando. Em algum ponto entre a última armadilha e esta, ele saía do caminho. Onde? E aonde tinha ido?

Com urgência, eu voltei, procurando a última pegada da qual tinha certeza. Demorei muito para encontrá-la. A neve quase havia encoberto o chão todo com uma camada fina de brilho. Minha segunda tocha estava queimada pela metade quando a encontrei de novo. Ali estava ela, uma mancha sem forma na lama à beira de um riacho. Eu encontrara a armadilha com o coelho seguindo na direção em que pensei que sua pegada levava —, mas evidentemente não levava. Ele havia saído da lama e partido... para onde?

— Jamie! — gritei.

Chamei por ele várias vezes, mas a neve parecia engolir minha voz. Ouvi com atenção, mas não detectei nada além do gorgolejo da água com gelo sob meus pés.

Ele não estava atrás de mim, não estava à minha frente. Então, à direita ou à esquerda?

— Uni-duni-tê... — murmurei e virei para descer porque a caminhada seria mais fácil, gritando de vez em quando.

Parei para ouvir. Ouvi um grito em resposta? Chamei de novo, mas não identifiquei uma resposta. O vento aumentava, balançando

os galhos da árvore acima de mim.

Dei mais um passo, parei em uma rocha coberta de gelo, e meu pé escorregou. Eu deslizei descendo uma ladeira curta e enlameada, bati em um arbusto e me segurei nos galhos cobertos de gelo, com o coração aos pulos.

Sob os meus pés estava a ponta de uma rocha que acabava no nada. Segurando-me no arbusto para não escorregar, eu me aproximei da beirada e olhei para baixo.

Não era um penhasco, como pensei. A queda não tinha mais do que 1,50m. Não foi isso que fez meu coração saltar para a boca, mas o que vi na área mais profunda e cheia de folhas.

Havia folhas espalhadas, o que remetia à desagradável lembrança das marcas de morte deixadas pela lebre pendurada em meu cinto. Algo grande lutara nesse chão — e então, fora arrastado. Uma marca ampla abriu caminho entre as folhas, desaparecendo na escuridão mais à frente.

Sem tomar cuidado por onde pisava, desci pela lateral da rocha e corri em direção à marca, seguindo-a por baixo dos galhos baixos de cicuta e álamo. Sob a luz inconstante da minha tocha, segui o caminho ao redor de uma pilha de rochas, por um monte de plantas, e...

Jamie estava deitado perto da base de um enorme penedo partido, meio coberto por folhas, como se algo tivesse tentado enterrá-lo. Não estava encolhido para se aquecer, apenas caído de rosto na neve, como se estivesse morto. A neve se acumulara em grande quantidade nas dobras da sua capa e cobrira os calcanhares de suas botas lamacentas.

Larguei a tocha e me joguei sobre seu corpo com um grito de horror.

Ele deu um grito de arrepiar e se remexeu embaixo de mim. Eu me afastei, dividida entre o alívio e o terror. Jamie não estava morto, mas estava ferido. Onde e qual era a gravidade?

— Onde? — perguntei, puxando sua capa, que estava enrolada no corpo. — Onde você está ferido? Está sangrando? Quebrou

alguma coisa?

Não conseguia ver marcas de sangue, mas eu havia largado minha tocha, que no mesmo instante se apagou nas folhas molhadas que o cobriam. O céu cor-de-rosa e a neve que caía lançavam um brilho luminoso sobre tudo, mas a luz não era suficiente para que eu conseguisse ver detalhes.

Jamie estava assustadoramente frio. Sua carne estava gelada até mesmo para as minhas mãos dormentes pela neve, e ele se remexeu um pouco, gemendo e resmungando baixo. Mas pensei tê-lo ouvido dizer “costas” e, quando consegui tirar sua capa, rasguei sua camisa e a puxei de qualquer jeito para fora da calça.

Isso fez com que ele gemesse alto, e eu passei as mãos por baixo do tecido em pânico, procurando a marca da bala. Ele devia ter sido atingido nas costas. O ferimento de entrada não sangrava muito, mas onde o tiro havia saído? Será que a bala havia saído? Uma parte da minha mente se ocupou em pensar em quem poderia tê-lo atingido e se ainda estava por perto.

Nada. Não encontrei nada. Minhas mãos desesperadas não encontraram nada além da carne nua e limpa; fria como uma peça de mármore e coberta por cicatrizes antigas, mas sem perfurações. Tentei de novo, me forçando a diminuir a velocidade, sentindo com a mente e também com os dedos, passando as palmas das mãos lentamente nas costas dele, da nuca à lombar. Nada.

Mais baixo? Havia marcas escuras na parte de trás de sua calça. Pensei que fossem de lama. Passei a mão por baixo dele e segurei seu cinto, que abri para poder descer sua calça.

Era lama. As nádegas dele brilharam à minha frente; brancas, firmes e perfeitamente redondas, sem qualquer marca. Apertei sua carne, sem acreditar.

— É você, Sassenach? — perguntou ele, meio grogue.

— Sim, sou eu! O que aconteceu com você? — indaguei, e o desespero dava lugar à indignação. — Você disse que tinha levado um tiro nas costas!

— Não disse, não. Não poderia ter dito, porque não levei um tiro — disse ele de modo lógico. Parecia calmo e ainda sonolento, a

voz meio arrastada. — Tem um vento muito frio soprando no meu traseiro, Sassenach. Você acha que pode me cobrir?

Eu levantei a calça dele, fazendo-o gemer de novo.

— O que diabos aconteceu com você? — perguntei.

Ele estava acordando um pouco. Virou a cabeça para olhar para mim, movendo-se com esforço.

— Sim, bem. Não importa. Só não consigo me mexer muito.

Olhei para ele.

— Por que não? Você torceu o pé? Quebrou a perna?

— Ah... não. — Jamie parecia um pouco acanhado. — Eu... bem, eu torci a coluna.

— Você *o quê*?

— Já aconteceu antes — garantiu ele. — Não dura mais do que um ou dois dias.

— Acho que não lhe ocorreu que você não duraria mais do que um ou dois dias deitado aqui no chão coberto de neve.

— Ocorreu — respondeu ele, ainda grogue. — Mas não parecia haver muito que eu pudesse fazer a respeito.

Eu logo percebi que não havia muito o que eu pudesse fazer a respeito, tampouco. Jamie tinha cerca de sessenta quilos a mais do que eu. Eu não poderia carregá-lo. Nem sequer conseguiria arrastá-lo com as ladeiras, rochas e regos. Era íngreme demais para um cavalo. Eu poderia trazer uma das mulas até ali — se primeiro conseguisse encontrar o caminho até a cabana no escuro, e então encontrar o caminho de volta montanha acima, também no escuro — e no meio do que parecia estar se tornando uma nevasca. Ou talvez eu pudesse construir um trenó de galhos de árvores, pensei, deixando a imaginação voar, sobre o qual pudesse colocar o corpo dele.

— Ah, acorde para a realidade, Beauchamp — disse Jamie em voz alta.

Sequei meu nariz que escorria com um pedaço da capa, e tentei pensar no que fazer em seguida.

Era um ponto coberto, percebi. Olhei para cima e vi flocos de neve passando pelo topo da rocha grande à base da qual

estávamos agachados, mas não havia vento onde estávamos, e só alguns flocos pesados caíam em meu rosto.

Os cabelos e ombros de Jamie tinham respingos de neve, e os flocos se assentavam na parte de trás de suas pernas. Puxei a barra da capa para baixo e limpei a neve de seu rosto. Suas faces estavam quase da mesma cor dos grandes flocos de neve, e a carne parecia rígida quando a toquei.

O susto tomou conta de mim quando percebi que ele podia estar muito mais perto do congelamento do que eu pensara. Seus olhos estavam semicerrados e, apesar do frio, ele não parecia tremer muito. Isso era *muito* perigoso. Sem movimento, seus músculos não geravam calor, e o pouco de calor que ele tinha estava escapando lentamente do seu corpo. A capa já estava pesada por causa da umidade. Se eu permitisse que suas roupas se encharcassem por completo, ele poderia muito bem morrer de hipotermia na minha frente.

— Acorde! — falei, chacoalhando-o pelos ombros.

Ele abriu os olhos e sorriu meio grogue para mim.

— Mexa-se! Jamie, você precisa se mexer!

— Não consigo — disse ele com calma. — Já falei isso. — E fechou os olhos de novo.

Eu o agarrei pela orelha e enfiei as unhas no lóbulo macio. Ele gemeu e afastou a cabeça.

— Acorde! Está me ouvindo? Acorde agora mesmo! Mexa-se, droga! Me dê a sua mão.

Não esperei que ele obedecesse, mas enfiei a mão dentro da capa e peguei a mão dele, apertando como louca. Ele abriu os olhos de novo e franziu o cenho para mim.

— Estou bem — disse Jamie. — Mas muito cansado, está bem?

— Mexa os braços — mandei, balançando a mão para ele. — Mexa os braços para cima e para baixo. Consegue mexer as pernas?

Ele suspirou cansado, como se estivesse se arrastando para fora da areia movediça, e murmurou algo em gaélico, mas aos poucos começou a mexer os braços. Com mais insistência, ele flexionou os tornozelos... apesar de qualquer outro movimento

causar espasmos em suas costas no mesmo momento... e, com grande relutância, começou a mexer os pés.

Jamie parecia um sapo tentando voar, mas eu não estava de bom humor para rir. Não sabia se havia perigo de ele congelar ou não, mas não podia correr riscos. Com insistência, auxiliada por cutucões fortes, fiz com que Jamie continuasse se exercitando até acordar totalmente e começar a tremer. Muito mal-humorado também, mas não me importei com isso.

— Continue se mexendo — eu disse a ele. Eu me levantei com alguma dificuldade, dolorida por ter permanecido agachada por tanto tempo. — Eu disse para se mexer! — acrescentei com firmeza, quando ele demonstrou sinais de cansaço. — Se parar, vou pisar em suas costas. Juro!

Olhei ao redor um pouco desesperada. A neve ainda caía, e era difícil ver mais do que alguns metros à frente. Precisávamos de abrigo — mais do que apenas a rocha podia nos fornecer.

— Cicuta — disse ele entre dentes. Olhei para Jamie e ele mexeu a cabeça em direção às árvores próximas. — Pegue a machadinha. Grandes... galhos. Um metro e oitenta. Corte quatro.

Ele respirava com dificuldade, e seu rosto estava muito corado, apesar da luz fraca. Jamie havia parado de se mexer, apesar das minhas ameaças, mas os seus dentes estavam rangendo, um sinal que gostei de ver.

Eu me abaixei e o revistei embaixo da capa de novo, dessa vez procurando a machadinha presa em sua cintura. Não resisti e escorreguei uma mão por baixo dele, dentro da gola de sua blusa de lã. Quente! Graças a Deus, ele ainda estava quente. Seu peito estava superficialmente frio pelo contato com o chão úmido, mas ainda estava mais quente do que os meus dedos.

— Certo — falei, afastando minha mão e me levantando com a machadinha. — Cicuta. Galhos de um metro e oitenta, é isso?

Jamie assentiu com a cabeça, tremendo muito, e eu parti de uma vez em direção às árvores que ele indicava.

Dentro do vale silencioso, o cheiro da cicuta e do cedro me envolveram de uma vez em uma mistura de resinas e terebintina, o odor claro e agudo, revigorante. Muitas das árvores eram enormes,

e os galhos mais baixos ficavam bem acima da minha cabeça, mas havia algumas menores espalhadas aqui e ali. Vi de uma vez as qualidades dessas árvores em especial — não caía neve embaixo delas. Os galhos parecidos com leques retinham a neve que caía como sombrinhas.

Cortei os galhos mais baixos, dividida entre a necessidade de me apressar e o medo de cortar alguns dedos por acidente. Minhas mãos estavam dormentes e estranhas com o frio.

A madeira era verde e elástica e demorei muito para cortar as fibras grossas. Mas, por fim, consegui quatro galhos de bom tamanho, exibindo vários leques de agulhas densas. Pareciam macios e pretos contra a neve nova, como grandes leques de penas. Foi quase uma surpresa tocá-los e sentir o pinicar forte e frio das agulhas.

Eu os arrastei de volta à rocha e descobri que Jamie conseguira reunir mais folhas. Ele estava quase invisível, submerso em uma mistura de preto e cinza contra a base da rocha.

Sob sua orientação, encostei os galhos de cicuta com os leques contra a face da rocha, as pontas cortadas enfiadas na terra de maneira inclinada, de modo a formar um pequeno refúgio triangular por baixo. Então, peguei a machadinha de novo e cortei pequenos galhos de pinheiro e abeto, puxei ramos fartos de grama seca e empilhei tudo por cima do amontoado de cicuta. Então, finalmente, ofegante de cansaço, entrei no abrigo ao lado dele.

Eu me acomodei nas folhas entre seu corpo e a rocha, joguei minha capa ao redor de nós dois, abracei o corpo de Jamie e o segurei com força. Então, estremei um pouco. Não de frio — ainda não —, mas de uma mistura de alívio e medo.

Ele sentiu que eu tremia, e estendeu a mão de modo desengonçado para me dar um tapinha de conforto.

— Vai ficar tudo bem, Sassenach — disse ele. — Com nós dois, vai ficar tudo bem.

— Eu sei — falei, e encostei a testa em seu ombro.

Mas demorei muito para parar de tremer.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei por fim. — Quero dizer, no chão?

Ele começou a dar de ombros, e então parou abruptamente e gemeu.

— Há bastante tempo. Passava do meio-dia quando pulei um amontoado de pedras. Tinha pouca altura, mas quando caí apoiado em um dos pés, minhas costas fizeram um “clique” e, quando percebi, estava de cara na terra, com a impressão de que alguém havia me apunhalado pelas costas.

Não havia calor em nosso abraço, de modo algum. A umidade das folhas entrava, e a rocha em minhas costas parecia irradiar frio, como um tipo de fornalha reversa. Ainda assim, estava bem menos frio do que do lado de fora. Comecei a tremer de novo, por motivos puramente físicos.

Jamie tocou meu corpo e então levou a mão à garganta.

— Pode soltar minha capa, Sassenach? Coloque-a sobre você.

Foi preciso fazer umas manobras e ouvi alguns palavrões ditos por Jamie enquanto ele tentava levantar seu peso, mas consegui soltar a capa, e, por fim, a estendi sobre nós dois. Eu me abaixei e apoiei uma mão cautelosa nas costas dele, cuidadosamente subindo sua camisa para colocar minha mão na carne fria e nua.

— Diga onde dói — pedi.

Torci muito para que ele não tivesse deslocado um disco. Pensamentos horrorosos com ele permanentemente incapacitado tomaram minha mente, junto com as considerações pragmáticas de como eu o tiraria da montanha, ainda que ele não corresse o risco de paralisia. Será que eu teria que deixá-lo aqui e buscar comida todos os dias até que se recuperasse?

— Bem aqui — disse ele puxando o ar com dificuldade. — Sim, isso. Uma apunhalada bem aí, e se eu me mexer, ela desce pela parte de trás da minha perna, como um fio em curto-circuito.

Eu tateei com muito cuidado, com as duas mãos agora, tocando e apertando, pedindo para ele tentar erguer uma perna, certo, agora o outro joelho... não?

— Não — garantiu ele. — Mas não se preocupe, Sassenach. É a mesma coisa de antes. Vai melhorar.

— Sim, você disse que aconteceu antes. Quando?

Ele se remexeu brevemente e parou, pressionando as costas contra as palmas das minhas mãos com um gemido baixo.

— Ai! Caramba, isso dói. Na prisão.

— A dor é no mesmo lugar?

— Sim.

Senti um nó no músculo do seu lado direito, logo abaixo do rim, e uma elevação no *erector spinae*, o músculo comprido perto da espinha. Pela descrição dele a respeito da ocorrência anterior, eu tinha certeza de que era apenas um espasmo muscular forte. Para isso, o remédio certo era calor, descanso e medicamento anti-inflamatório.

Não poderia estar mais longe dessas condições, pensei com certo mau humor.

— Acho que poderia tentar a acupuntura — falei, pensando alto. — Tenho as agulhas do sr. Willoughby em meu saco e...

— Sassenach — disse ele, com o tom calculado. — Consigo enfrentar ferimentos, frio e fome. Não aguentarei ser apunhalado pelas costas pela minha própria esposa. Não pode oferecer um pouco de solidariedade e conforto?

Ri e o abracei, pressionando suas costas. Deixei minha mão escorregar e descansar em delicada sugestão, logo abaixo do seu umbigo.

— Hum... em que tipo de conforto você está pensando?

Ele logo segurou minha mão para evitar mais intrusões.

— Não essa — disse ele.

— Para afastar sua mente da dor. — Mexi os dedos de modo convidativo, e ele os apertou.

— Seria bom — disse ele de modo seco. — Bem, olha só, Sassenach, quando chegarmos em casa e eu tiver uma cama quente na qual me deitar e um jantar quente na barriga, pode ser que essa ideia volte a ser interessante. Mas nesta situação, pensar nisso... pelo amor de Deus, mulher, não faz ideia de como suas mãos estão geladas?

Encostei o rosto em suas costas e ri. Senti que ele também ria, apesar de não poder rir muito para não sentir dor nas costas.

Por fim, ficamos em silêncio, ouvindo o sussurrar da neve que caía. Estava escuro embaixo dos ramos de cicuta, mas meus olhos estavam adaptados o suficiente para ver as partes com neve estranhamente brilhantes pela tela de agulhas acima. Flocos minúsculos passavam pelas aberturas. Eu os via em alguns pontos, como uma nuvem fina de névoa branca, e sentia o toque frio quando a neve tocava o meu rosto.

Jamie não passava de uma forma escura e corcunda à minha frente, embora, à medida que meus olhos se acostumavam com a escuridão, eu visse a pele mais clara onde seu pescoço surgia entre a camisa e os cabelos repartidos. A divisão estava bem contra o meu rosto. Virando a cabeça levemente, conseguia tocá-la com os lábios.

— Que horas você acha que são? — perguntei. Eu mesma não tinha ideia. Eu saíra da casa bem depois do escurecer, e passei o que me pareceu uma eternidade procurando por ele na montanha.

— Tarde — disse ele. — Falta muito para o amanhecer — acrescentou, respondendo à minha verdadeira pergunta. — O solstício acabou de passar, certo? É uma das noites mais longas do ano.

— Ah, que lindo — falei, desanimada.

Eu não estava aquecida, ainda não conseguia sentir meus dedos, mas já tinha parado de tremer. Uma letargia assustadora tomava conta de mim, meus músculos pesados de fadiga e frio. Tive visões de nós dois congelados juntos e em paz, enrolados como ouriços nas folhas. Diziam que uma morte assim era confortável, mas isso não tornava a ideia mais interessante.

A respiração de Jamie se tornava mais lenta e profunda.

— Não durma! — falei com urgência, cutucando-o na axila.

— Argh! — Ele pressionou o braço na lateral do corpo, retraindo-se. — Por que não?

— Não devemos dormir. Vamos morrer congelados.

— Não vamos, não — disse ele contrariado. — Está nevando do lado de fora. Estaremos cobertos em breve.

— Eu sei disso — falei, meio grossa. — O que isso tem a ver?

Jamie tentou virar a cabeça para olhar para mim, mas não conseguiu.

— A neve é fria ao toque — explicou ele, buscando paciência —, mas mantém o frio longe, certo? Como um cobertor. É muito mais quente dentro de uma casa coberta com neve do que de uma em meio ao vento. Como você acha que os ursos se viram? Eles dormem no inverno e não congelam.

— Eles têm camadas de gordura — protestei. — Pensei que elas os mantivessem aquecidos.

— Ha ha — disse ele, e ao levar a mão às costas com certo esforço, apertou minhas nádegas. — Bem, então você não precisa se preocupar nem um pouco, certo?

Deliberadamente, abaixei a gola de sua blusa, estiquei a cabeça e lambi a parte de trás de seu pescoço, em um movimento demorado, da nuca à linha dos cabelos.

— Aaah! — Ele estremeceu com violência, fazendo a neve cair dos galhos acima de nós. Soltou minhas nádegas para esfregar a nuca.

— Que coisa mais horrível de se fazer! — disse ele, em repreensão. — E eu deitado aqui, indefeso como um tronco de árvore!

— Ah, que pena. — Eu me aninhei mais perto, sentindo-me mais calma. — Você tem certeza de que não vamos morrer congelados?

— Não tenho, mas prefiro pensar que não.

— Hum — disse, e me senti menos calma. — Bem, talvez devêssemos permanecer acordados por um tempo, só para garantir.

— Não vou mais balançar os braços — falou ele com determinação. — Não tem espaço. E se você enfiar suas patinhas geladas nas minhas calças, juro que vou atacar você, com as costas doloridas ou não.

— Certo, certo — falei. — O que acha de eu contar uma história?

Os escoceses das Terras Altas adoravam histórias, e Jamie não era diferente.

— Ah, sim — disse ele, parecendo bem mais feliz. — Que tipo de história é?

— Uma história de Natal — falei, me aconchegando na curva do seu corpo. — Sobre um homem avarento chamado Ebenezer Scrooge.

— Um inglês, acredito?

— Sim — falei. — Fique calado e escute.

Eu via minha própria respiração enquanto falava, branca no ar claro e frio. A neve caía pesada do lado de fora do nosso abrigo. Quando fiz uma pausa, ouvi o sussurro de flocos contra os galhos de cicuta e o gemido distante do vento nas árvores.

Eu conhecia a história muito bem. Ela fizera parte do nosso ritual de Natal; de Frank, Brianna e meu. Desde que Bree tinha cinco ou seis anos, líamos *Um Conto de Natal* todos os anos, começando uma ou duas semanas antes do Natal, e Frank e eu nos revezávamos para ler para ela todas as noites antes de dormir.

— E o espectro disse: “Sou o Fantasma do Natal Passado...”

Eu podia não estar congelando, mas o frio tinha um efeito estranho e hipnótico mesmo assim. Já tinha passado da fase do desconforto forte e me sentia levemente fora do corpo. Sabia que as mãos e os pés estavam gelados, e meu corpo meio gelado, mas não parecia importar mais. Flutuava em uma névoa branca de paz, vendo as palavras dançarem em minha cabeça como flocos de neve enquanto eu as falava.

— ... e havia o velho Fezziwig, entre as luzes e a música...

Não sabia se descongelava aos poucos ou se me tornava mais gelada. Tinha consciência de uma sensação geral de relaxamento, e de uma sensação peculiar de déjà-vu, como se eu já tivesse ficado em uma tumba, isolada na neve, confortável apesar da desolação do lado de fora.

Quando Bob Cratchit comprou seu pássaro, eu me lembrei. Continuei falando automaticamente, o fluxo da história vindo de algum ponto bem abaixo do nível da consciência, mas minha lembrança estava no banco da frente de um Oldsmobile de 1956 afogado, o para-brisa sujo de neve.

Estávamos indo visitar um parente idoso de Frank em algum lugar ao norte de Nova York. Nevou forte até metade do caminho, e o vento com neve uivava pelas estradas gélidas. Quando nos demos conta, tínhamos deslizado para fora da estrada no meio de uma vala, com os limpadores do para-brisa acionados, mas incapazes de limpar a neve.

Não havia nada a fazer a não ser esperar pela manhã e pelo resgate. Tínhamos um cesto de piquenique e alguns cobertores velhos. Colocamos Brianna no assento da frente entre nós e nos amontoamos com casacos e cobertores, bebendo chocolate morno da nossa garrafa térmica e fazendo piadas para que ela não sentisse medo.

À medida que escurecia e ficava mais frio, nós nos aproximamos ainda mais e, para distrair Brianna, Frank começou a contar para ela a história de Dickens de cabeça, confiando em mim para dar os detalhes que faltavam. Nenhum de nós dois teria conseguido contar sozinho, mas juntos, fomos bem. Quando o sinistro Fantasma do Natal Futuro apareceu, Brianna estava dormindo embaixo dos casacos, um peso quente contra a lateral do meu corpo.

Não precisávamos terminar a história, mas terminamos, falando baixinho, de mãos dadas embaixo das camadas de cobertores. Eu me lembrei das mãos de Frank, quentes e fortes nas minhas, o polegar acariciando a palma, percorrendo meus dedos. Frank sempre adorou minhas mãos.

O carro estava embaçado por causa da nossa respiração, e gotas de água desciam pelas janelas. A cabeça de Frank era uma massa escura contra o branco. Ele havia se inclinado na minha direção, nariz e rosto frios, lábios quentes nos meus enquanto sussurrava as últimas palavras da história.

— “Que Deus abençoe a todos” — concluí, e fiquei em silêncio, uma pontada de pesar como uma pedra de gelo no meu coração. Dentro do abrigo estava silencioso, e parecia mais escuro. A neve cobria todas as aberturas.

Jamie levou a mão para trás e tocou minha perna.

— Coloque as mãos dentro da minha camisa, Sassenach — disse ele delicadamente.

Escorreguei uma mão por baixo da sua camisa na frente, para descansar contra seu peito, e a outra em suas costas. As marcas mais leves do açoitamento pareciam fios sob a pele de Jamie.

Ele colocou a mão sobre a minha, apertando-a contra o peito. Estava muito quente, e o coração batia lento e forte sob os meus dedos.

— Durma, *a nighean donn* — disse ele. — Não permitirei que você congele.

Acordei abruptamente de um cochilo frio, com a mão de Jamie apertando minha coxa.

— Escute — disse ele com delicadeza.

Nosso pequeno abrigo ainda estava escuro, mas o tom da luz havia mudado. Era manhã. Estávamos cobertos por uma capa grossa de neve que bloqueava a luz do dia, mas o tom sobrenatural da escuridão da noite desaparecera.

O silêncio também havia desaparecido. Os sons vindos de fora eram abafados, mas audíveis. Escutei o que Jamie ouvira — um eco distante de vozes —, e me endireitei animada.

— Escute! — repetiu ele, com um sussurro forte, e apertou ainda mais a minha perna.

As vozes estavam se aproximando, e já era quase possível entender as palavras. *Quase*. Por mais que tentasse, não conseguia entender o que estava sendo dito. Então, percebi que era por eles estarem falando uma língua que eu não conhecia.

Índios. Era um idioma indígena. Mas pensei que não devia ser a língua dos Tuscarora, apesar de não conseguir identificar as palavras. A entonação era parecida, mas o ritmo era um pouco diferente. Afastei os cabelos dos olhos, sentindo-me dividida.

Ali estava a ajuda de que tanto precisávamos. Pelo som, havia vários homens no grupo, o suficiente para carregarem Jamie em segurança. Por outro lado, queríamos mesmo atrair a atenção de

um grupo de indígenas desconhecidos que podiam ser saqueadores?

Claro que não, a julgar pela atitude de Jamie. Ele conseguira se erguer em um dos cotovelos, e empunhava a faca com a mão direita. Esfregou o queixo barbado com a ponta da faca de modo distraído enquanto inclinava a cabeça para ouvir com mais atenção as vozes que se aproximavam.

Um pouco de neve caiu da estrutura da nossa jaula, pousando em cima da minha cabeça com um pequeno baque e me assustando. O movimento soltou mais neve, que caiu ali dentro em uma cascata brilhante, cobrindo a cabeça e os ombros de Jamie com pontinhos brancos.

Os dedos dele apertavam minha perna com força suficiente para deixar hematomas, mas eu não me mexi nem emiti som algum. Um pouco de neve havia caído dos galhos de cicuta, deixando vários espaços pelos quais eu conseguia ver entre as agulhas quando espiava por cima do ombro de Jamie.

O chão descia um pouco mais à frente, caindo um metro do nível do vale onde eu cortara os galhos na noite passada. Tudo estava coberto de neve. Cerca de dez centímetros de neve deviam ter caído durante a noite. Havia acabado de amanhecer, e o sol que nascia pintava as árvores pretas com pontos vermelhos e dourados, com um reflexo branco da ladeira de neve abaixo. O vento chegara com a tempestade. A neve que se soltava dos galhos formava nuvens, como fumaça.

Os indígenas estavam do outro lado do vale. Eu conseguia ouvir as vozes claramente agora. Estavam resmungando a respeito de alguma coisa, pelo barulho. Um pensamento repentino arrepiou os pelos dos meus braços; se eles passassem pelo vale, poderiam ver os galhos desengonçados de onde eu cortara a cicuta. Eu não tinha sido cuidadosa; haveria agulhas e pedaços de casca espalhados por todo o chão. Será que a neve caíra em quantidade suficiente para cobrir a bagunça?

Vi um movimento nas árvores, depois outro, e de repente, eles estavam ali, materializando-se do vale como dentes de dragão aparecendo na neve.

Estavam usando roupas de inverno, de pele e couro, alguns com capas ou casacos por cima de calças e botas leves. Todos levavam cobertores e provisões, tinham toucas feitas com pele e a maioria levava sapatos de neve pendurados nos ombros. Era evidente que a neve aqui não era tão funda para que fosse preciso calçá-los.

Eles estavam armados. Vi alguns mosquetes, tacapes ou porretes de guerra pendurados em todos os cintos. Seis, sete, oito... contei silenciosamente enquanto eles saíam das árvores em fila indiana, cada homem pisando nas pegadas do homem à sua frente. Um no fim da fila gritou algo, meio rindo, e um outro na frente respondeu olhando para trás, suas palavras perdidas no véu de neve e vento.

Respirei fundo. Consegui sentir o cheiro de Jamie, um odor de suor mais forte do que o odor almiscarado de sempre. Eu também estava suando, apesar do frio. Eles tinham cães? Podiam sentir nosso cheiro, escondidos como estávamos por baixo do odor pungente de abeto e cicuta?

Então, percebi que o vento deveria estar soprando contra nós, trazendo o som das vozes deles. Não, nem mesmo cachorros sentiriam nosso cheiro. Mas será que eles veriam os galhos que emolduravam nosso esconderijo? Enquanto tentava imaginar, um pedaço grande de neve escorregou fazendo barulho, caindo com um baque do lado de fora.

Jamie respirou fundo, e eu me recostei em seu ombro, observando. O último homem saíra da abertura nas árvores, com um braço sobre o rosto para protegê-lo da neve que soprava.

Era um jesuíta. Usava uma capa curta de pele de urso sobre o hábito, calças de couro e mocassins por baixo — mas tinha saias pretas, no comprimento certo para andar na neve, e um chapéu preto de padre de abas largas, que ele levava em uma das mãos contra o vento. Seu rosto, quando ele o mostrava, tinha barba loira, e a pele era tão clara que eu conseguia ver seu rosto e nariz corados mesmo a distância.

— Chame-os! — sussurrei, aproximando-me da orelha de Jamie. — Eles são cristãos, devem ser, para ter um padre com eles.

Não vão nos ferir.

Ele balançou a cabeça devagar, sem desviar os olhos dos homens que agora sumiam de vista atrás de árvores cobertas de neve.

— Não — disse ele, bem baixo. — Não. Eles podem ser cristãos, mas... — Balançou a cabeça de novo, de modo mais decidido. — Não.

Não adiantaria nada discutir com ele. Revirei os olhos frustrada e resignada.

— Como estão as suas costas?

Ele se alongou, animado, e parou repentinamente no meio do movimento, com um grito abafado como se tivesse sido apunhalado.

— Não muito boas, não é? — perguntei, a solidariedade misturada com o sarcasmo. Ele olhou para mim de cara feia, recostou-se muito devagar na cama de folhas amassadas e fechou os olhos com um suspiro. — É claro que você já pensou em um modo engenhoso de descer a montanha, certo? — perguntei educadamente.

Ele abriu um dos olhos.

— Não — respondeu e o fechou de novo.

Jamie respirou baixo, com o peito subindo e descendo sob a camisa, dando uma ótima impressão de um homem com nada na cabeça além de cabelos.

O dia estava frio, mas claro, e o sol lançava raios brilhantes de luz em nosso abrigo, fazendo pedacinhos de neve caírem como balinhas ao nosso redor. Peguei uma delas e delicadamente a enfiei pela gola da blusa dele.

Jamie respirou com os dentes semicerrados, abriu os olhos e me observou com frieza.

— Eu estava pensando — informou ele.

— Ah, me desculpe por ter interrompido.

Abaixei-me ao lado dele, puxando as capas sobre nós. O vento começava a entrar pelas frestas do nosso abrigo, e me ocorreu que ele estava certo a respeito dos efeitos protetores da neve. Mas não nevaria hoje à noite, pelo menos eu achava que não.

E também havia a questão sem importância da comida a ser considerada. Meu estômago vinha protestando havia algum tempo, e o de Jamie reclamava com muito mais veemência. Ele olhou de modo reprovador para sua barriga.

— Silêncio — disse ele em gaélico, contrariado, e olhou para cima. Por fim, suspirou e olhou para mim. — Bem — disse ele. — É melhor você esperar um pouco, para ter certeza de que os selvagens se foram. Depois, você descerá para a cabana...

— Não sei onde fica.

Ele emitiu um som discreto de exasperação.

— Como você me encontrou?

— Segui suas pegadas — respondi com um certo orgulho. Olhei pelas agulhas para a mata selvagem mais à frente. — Mas acho que não posso repetir isso no caminho inverso.

— Ah. — Jamie parecia levemente impressionado. — Bem, isso foi inteligente da sua parte, Sassenach. Mas não se preocupe, posso lhe dizer o caminho de volta.

— Certo. E depois?

Ele ergueu um ombro. O pedaço de neve derreteria, escorrendo pelo seu peito, umedecendo sua camisa e deixando uma poça de água transparente na parte mais funda de seu pescoço.

— Traga um pouco de comida e um cobertor. Vou conseguir me mexer daqui a alguns dias.

— Deixar você *aquí*? — Arregalei os olhos para ele, era a minha vez de me mostrar exasperada.

— Vou ficar bem — assegurou ele.

— Você será comido por lobos!

— Ah, acho que não — disse Jamie casualmente. — Eles devem estar ocupados com o alce.

— Que alce?

Ele fez um meneio de cabeça em direção ao vale de cicuta.

— O que eu matei ontem. Eu o acertei no pescoço, mas o tiro não o matou na hora. Ele correu por ali. Eu o seguia quando me machuquei. — Passou a mão pelos fios acobreados e prateados do queixo. — Acho que ele não foi para longe. Acredito que a neve

deve ter encoberto seu corpo, caso contrário nossos amiguinhos o teriam visto vindos daquela direção.

— Então você matou um alce, que vai atrair lobos como moscas, e pretende ficar deitado aqui num frio de congelar esperando por eles? Por acaso você está pensando que, quando eles vierem para o segundo prato, estará tão dormente pelo frio que não vai perceber quando eles começarem a roer seus pés?

— Não grite — falou Jamie. — Os selvagens podem não estar muito longe ainda.

Eu estava puxando o ar para fazer mais comentários sobre o assunto quando ele me parou, levantando a mão para acariciar meu rosto.

— Claire — disse ele com delicadeza —, você não pode me tirar daqui. Não tem mais nada que possa fazer.

— Tem, sim — falei, contendo minha voz embargada. — Ficarei com você. Trarei cobertores e alimentos, mas não vou deixá-lo aqui sozinho. Trago lenha para fazermos uma fogueira.

— Não precisa. Eu me viro — insistiu ele.

— Mas *eu* não — respondi entre dentes.

Eu me lembrava muito bem de como tinha sido na cabana, durante aquelas horas vazias e sufocantes de espera. Congelar o traseiro na neve por vários dias não era uma ideia atraente, mas era a melhor opção.

Jamie percebeu que eu estava falando sério e sorriu.

— Tudo bem. Você também pode trazer um pouco de uísque, se tiver sobrado.

— Tem meia garrafa — disse, sentindo-me mais feliz. — Vou trazê-la.

Ele me abraçou e me puxou para a curva de seu ombro. Apesar do vento uivante do lado de fora, estava razoavelmente confortável embaixo das capas, aconchegada contra ele. Sua pele estava quente e tinha um odor levemente salgado, e eu não consegui resistir. Levantei a cabeça e encostei os lábios na base úmida do seu pescoço.

— Ah! — exclamou ele, tremendo. — Não faça isso!

— Não gosta?

— Não, eu não gosto. E como poderia gostar? Faz minha pele se arrepiar!

— Bom, *eu* gosto — protestei.

Ele olhou para mim surpreso.

— Gosta?

— Ah, sim — garanti a ele. — Adoro quando você mordisca meu pescoço.

Ele estreitou um dos olhos e olhou com suspeita para mim. Então, levantou a mão, segurou minha orelha e abaixou a minha cabeça, virando meu rosto para o lado. Passou a língua delicadamente na base da minha garganta levantou a cabeça e posicionou os dentes muito suavemente na carne macia da lateral do meu pescoço.

— Uuuui — falei, e estremeci descontroladamente.

Jamie me soltou, olhando para mim surpreso.

— Não acredito — disse ele. — Você *gosta* disso. Ficou toda arrepiada e seus mamilos estão duros como cerejas na primavera.

— Ele passou uma mão delicadamente pelo meu seio.

Eu não me preocupara em vestir o sutiã improvisado quando me preparei para a expedição decidida de repente.

— Eu disse — respondi, corando levemente. — Acho que uma das minhas ancestrais foi mordida por um vampiro ou coisa assim.

— Um o quê? — Ele não entendeu.

Nós tínhamos tempo, então contei-lhe um pouco sobre a vida e as aventuras do Conde Drácula. Jamie pareceu perplexo e horrorizado, mas continuou a explorar meu corpo com a mão, que agora estava dentro da minha blusa, descendo pela calça também. Seus dedos estavam gelados, mas não me importei.

— Algumas pessoas acham essa ideia muito erótica — concluí.

— Essa é a coisa mais nojenta que já ouvi!

— Não me importo — eu disse, espreguiçando-me totalmente ao lado dele e jogando a cabeça para trás, deixando o pescoço exposto de modo convidativo. — Faça um pouco mais.

Ele murmurou algo bem baixinho em gaélico, mas conseguiu se apoiar em um cotovelo e rolar em minha direção.

Seus lábios estavam quentes e suaves, e, independentemente de gostar ou não do que fazia, Jamie era extremamente bom.

— Aaahh — falei, e estremei em êxtase quando os dentes dele prenderam delicadamente o lóbulo da minha orelha.

— Bom, já que é *assim* — disse ele resignado, pegando minha mão e pressionando-a entre suas coxas.

— Que incrível! E eu pensando que o frio...

— Vai esquentar o suficiente — disse ele. — Tire isso, sim?

Foi meio esquisito, devido ao local apertado, a dificuldade de nos mantermos cobertos para não sofrermos queimaduras de frio nas partes expostas e o fato de Jamie só ter conseguido oferecer a ajuda mais básica, mas conseguimos nos satisfazer mesmo assim.

Apesar de toda a atividade, eu estava bastante preocupada, e foi só durante um intervalo que tive uma sensação ruim, como se estivesse sendo observada. Eu me apoiei nas mãos e olhei entre os galhos de cicuta, mas não vi nada além do vale e da ladeira coberta de neve mais à frente.

Jamie gemeu baixo.

— Não pare — murmurou ele, os olhos semicerrados. — O que foi?

— Pensei ter ouvido algo — disse, abaixando-me em seu peito de novo.

Nesse momento, *ouvi* algo, de fato. Uma risada, baixa, mas clara, logo acima da minha cabeça.

Saí de cima dele enrolada nas capas e com as roupas de pele de gamo descartadas, e Jamie soltou um palavrão e pegou sua pistola.

Afastou os galhos de repente, apontando a pistola para cima.

Do topo da rocha acima de nós, várias cabeças nos espiavam, todas sorrindo. Ian e quatro companheiros de Anna Ooka. Os índios murmuravam e riam entre eles, parecendo achar aquilo incrivelmente engraçado.

Jamie abaixou a pistola, franzindo o cenho para o sobrinho.

— O que diabos está fazendo aqui, Ian?

— Ora, eu estava voltando para passar o Natal com você, tio — disse Ian, sorrindo abertamente.

Jamie olhou para o sobrinho com desaprovação.
— Natal — disse ele. — Que bobagem!

O corpo do alce havia congelado à noite. Ver cristais de gelo cobrindo seus olhos inexpressivos me assustou — não por ver a morte. Isso era muito bonito, o corpo grande e escuro imóvel, coberto de neve —, mas por pensar que se eu não tivesse cedido à sensação de nervosismo e saído pela noite à procura de Jamie, a natureza morta diante dos meus olhos poderia ter sido intitulada “Escocês morto na neve” em vez de “Alce congelado com indígenas discutindo”.

Depois de discutirem, Ian me disse que eles tinham decidido voltar para Anna Ooka, mas nos levariam em segurança para casa, em retribuição por termos dividido a carne do alce.

A carcaça não estava sólida. Eles tiraram as vísceras, deixando as entranhas em um monte de tripas cinza-azuladas, manchadas com sangue escuro. Depois de cortarem a cabeça para diminuir o peso, dois dos homens penduraram o corpo de cabeça para baixo em uma árvore, com as patas unidas. Jamie olhava para eles com seriedade, obviamente desconfiado de que os indígenas pretendiam fazer a mesma coisa com ele, mas Ian disse que eles podiam fazer uma maca. Os homens estavam a pé, mas tinham trazido um burro de carga para levar as peles que conseguissem.

O clima havia melhorado. A neve derreteria totalmente do chão exposto, e embora o ar ainda estivesse frio, o céu estava muito azul, e a floresta com o cheiro penetrante de abeto e álamo.

Quando passamos por um vale, foi o cheiro da cicuta que fez com que eu me lembrasse do começo dessa fuga, e do grupo misterioso de índios que tínhamos visto.

— Ian — falei, aproximando-me dele. — Antes de você e seus amigos nos encontrarem na encosta da montanha, vimos um grupo de índios com um padre jesuíta. Acho que não eram de Anna Ooka. Você tem ideia de quem eles podem ser?

— Ah, sim, tia. Sei tudo sobre eles. — Ele passou a mão protegida por uma luva embaixo do nariz com a ponta vermelha. —

Nós os estávamos seguindo, quando encontramos vocês.

Os índios desconhecidos, segundo ele, eram moicanos, vindos do norte. Os Tuscarora tinham sido adotados por iroqueses cerca de cinquenta anos antes, e havia uma relação próxima com os moicanos, com visitas frequentes entre eles, formais e informais.

A visita atual tinha elementos de ambos — era um grupo de jovens moicanos à procura de esposas. Como o vilarejo deles tinha poucas jovens com quem pudessem se casar, eles tinham decidido vir para o sul, para ver se conseguiam encontrar parceiras adequadas entre os Tuscarora.

— Uma mulher deve pertencer ao clã adequado — explicou Ian.
— Se ela for do clã errado, eles não podem se casar.

— Como os MacDonald e os Campbell, certo? — perguntou Jamie, interessado.

— Sim, um pouco — disse Ian, sorrindo. — Mas é por isso que eles trouxeram o padre com eles, pois se encontrassem mulheres, poderiam se casar de uma vez, sem precisar dormir em uma cama fria até chegarem em casa.

— Então, eles são cristãos?

Ian deu de ombros.

— Alguns deles, sim. Os jesuítas estão entre eles há algum tempo, e muitos dos huronianos são convertidos. Mas não há muitos convertidos entre os moicanos.

— Então eles estiveram em Anna Ooka? — perguntei, curiosa.
— Por que você e seus amigos os seguiam?

Ian riu e apertou o cachecol de pele de esquilo ao redor do pescoço.

— Eles podem ser aliados, tia, mas não quer dizer que Nacognaweto e seus homens confiem neles. Até mesmo as outras Nações da Liga de Iroqueses têm medo dos moicanos, sejam eles cristãos ou não.

O pôr do sol já se aproximava quando avistamos a cabana. Eu estava com frio e cansada, mas senti o coração feliz de um modo impossível de expressar ao ver o nosso pequeno refúgio. Uma das

mulas no estábulo, um animal cinza-claro chamado Clarence, nos viu e relinchou animada para nos receber, fazendo o resto dos cavalos se reunirem perto das grades, ansiosos por comida.

— Os cavalos parecem bem.

Jamie, com olhar de criador, observou primeiro o bem-estar dos animais. Eu estava mais preocupada com o nosso. Queria entrar, me aquecer e me alimentar o mais rápido possível.

Convidamos os amigos de Ian para ficar, mas eles recusaram, deixando Jamie na entrada, e logo desapareceram para voltar a vigiar os moicanos que partiam.

— Eles não gostam de ficar na casa de brancos, tia — explicou Ian. — Eles acham que cheiramos mal.

— Nossa, é mesmo? — perguntei surpresa, pensando em um senhor que eu conhecera em Anna Ooka, que parecia ter se lambuzado com banha de urso e costurado as roupas por cima do corpo para o inverno. O sujo falando do mal lavado, na minha opinião.

Muito mais tarde, após comemorarmos o Natal com uma dose — ou duas — de uísque, nós nos deitamos em nossa cama, finalmente, observando as chamas da lareira recém-acesa, e ouvimos os roncos calmos de Ian.

— É bom estar em casa de novo — eu disse suavemente.

— É mesmo. — Jamie suspirou e me puxou para mais perto, com minha cabeça aconchegada na curva de seu ombro. — Tive uns sonhos bem estranhos, quando dormia no frio.

— É mesmo? — Eu me espreguicei, aproveitando o conforto do colchão cheio de penas. — Com o que você sonhou?

— Coisas de todos os tipos. — Ele parecia um pouco tímido. — Sonhei várias vezes com Brianna.

— É mesmo?

Isso era um pouco surpreendente. Eu também havia sonhado com Brianna em nosso abrigo de gelo — algo que raramente acontecia.

— Eu estava pensando... — Jamie hesitou por um momento. — Ela tem uma marca de nascença, Sassenach? E se tem, você me contou sobre ela?

— Tem — eu disse lentamente, pensando. — Acho que nunca lhe falei. Não fica visível a maior parte do tempo, então faz anos que não a vejo. É uma...

Sua mão apertou meu ombro para me impedir de continuar.

— É uma marquinha marrom, com formato de diamante — disse ele. — Logo atrás da orelha esquerda. Não é?

— Sim, é. — A cama estava quente e confortável, mas um leve frio na nuca fez com que eu estremecesse levemente. — Você viu isso em seu sonho?

— Eu beijei essa marquinha— disse ele com delicadeza.

BRILHO DE UMA ANTIGA CHAMA

Oxford, setembro de 1970

— Ah, Jesus. — Roger olhou para a página na frente dele até as letras perderem o sentido e se tornarem borrões.

Nenhum truque desse tipo faria as palavras perderem o sentido, pois elas já estavam entalhadas em sua mente.

— Ah, Deus, não! — disse ele em voz alta. A garota da baia ao lado se remexeu irritada com o barulho, arrastando as pernas da cadeira contra o chão.

Ele se inclinou sobre o livro, cobrindo-o com os braços, os olhos fechados. Sentiu-se mal, e as palmas das suas mãos estavam frias e suadas.

Permaneceu naquela posição por vários minutos, lutando contra a verdade. Mas ela não sumia. Meu Deus, já tinha acontecido, não? Há muito tempo. E não havia como mudar o passado.

Por fim, ele engoliu a bile que subia pela garganta e olhou de novo. Ainda estava ali. Uma pequena nota de jornal, impressa em 13 de fevereiro de 1776, na colônia americana da Carolina do Norte, na cidade de Wilmington.

É com pesar que damos a notícia das mortes, em um incêndio, de James MacKenzie Fraser e sua esposa, Claire Fraser, em um acidente que destruiu a casa onde eles moravam, no assentamento da Cordilheira dos Fraser, na noite do dia 21 de janeiro. O sr. Fraser, sobrinho do falecido Hector Cameron, de River Run, nasceu em Broch

Tuarach, na Escócia. Ele era muito conhecido na colônia e profundamente respeitado. Não deixou filhos.

Mas deixou, sim.

Roger parou por um momento com a leve esperança de que não fossem eles. Afinal, havia muitos James Frasers, era um nome bem comum. Mas não James *Mackenzie* Fraser, não com uma esposa chamada Claire. Não nascido em Broch Tuarach, na Escócia.

Não, eram eles. A forte certeza tomou seu peito e contraiu sua garganta com pesar. Seus olhos arderam tanto que a fonte decorada do século XVIII voltou a se tornar um borrão.

Então, Claire encontrara seu galante escocês das Terras Altas e aproveitara os últimos anos com ele. Esperava que tivessem sido bons anos. Roger gostava muito de Claire Randall — não, isso era pouco. Para ser sincero, ele a amava, e tanto por ela quanto pela filha dela.

Mais do que isso. Ele quisera muito que Claire encontrasse Jamie Fraser, que vivesse feliz para sempre com ele. Saber — ou mais corretamente, esperar — que ela o tivesse feito fora um pequeno talismã para ele. Uma testemunha de que o amor duradouro era possível, um amor forte o bastante para suportar a separação e as dificuldades, forte o suficiente para vencer o tempo. Mas, ainda assim, toda carne era mortal. Nenhum amor conseguiria sobreviver a esse fato.

Roger segurou a beira da mesa, tentando se controlar. Tolice, ele disse a si mesmo. Grande tolice. Mesmo assim, ele se sentia tão pesaroso quanto se sentiu quando o reverendo morreu; como se tivesse acabado de ficar órfão.

A percepção veio forte. Ele não podia mostrar isso a Bree, simplesmente não podia. Ela sabia do risco, claro, mas... não. Ela não teria imaginado nada desse tipo.

Por puro acaso ele havia encontrado aquilo. Estava procurando letras de músicas antigas para acrescentar ao seu repertório, folheando um livro de músicas country. Uma ilustração havia mostrado a página original do jornal na qual uma música fora

publicada, e Roger, procurando aleatoriamente, vira as notícias antigas publicadas na mesma página do jornal, e seus olhos foram atraídos pelo nome “Fraser”.

O choque começava a diminuir um pouco, apesar da tristeza no fundo do seu estômago, irritante como a dor de uma úlcera. Ele era um estudioso e filho de um estudioso. Crescera cercado por livros, envolvido desde a infância com a santidade da palavra impressa. Ele se sentiu como um assassino ao pegar o canivete e abri-lo depressa, olhando ao redor para ter certeza de que não estava sendo observado.

Foi o instinto mais do que a razão. O instinto que leva um homem a querer limpar os indícios de um acidente, cobrir os corpos e esconder os traços visíveis do desastre, apesar de a tragédia em si permanecer.

Com a página dobrada escondida em seu bolso como uma prova cabal, ele saiu da biblioteca e caminhou pelas ruas chuvosas de Oxford.

Caminhar o acalmava, fazia com que ele conseguisse pensar de forma racional, forçando os sentimentos a ficarem em um canto por tempo suficiente para poder planejar o que fazer, como proteger Brianna de uma dor que seria mais profunda e duradoura que a dele.

Ele conferira a informação bibliográfica na frente do livro — publicado em 1906 por uma pequena editora britânica. Não seria amplamente divulgado, mas, ainda assim, era algo que Brianna poderia encontrar em suas pesquisas.

Não era um lugar lógico para pesquisar as informações que ela procurava, mas o título do livro era *Canções e Baladas do Século XVIII*. Ele conhecia muito bem a curiosidade de historiador que fazia as pessoas pesquisarem impulsivamente em locais improváveis. Ela também a conhecia e fazia a mesma coisa. Ainda mais, Roger conhecia bem a fome de conhecimento — qualquer conhecimento —, que poderia fazer com que Brianna procurasse qualquer coisa relacionada à época, em um esforço para imaginar o ambiente dos pais, construir uma visão das vidas que ela não podia ver nem compartilhar.

Difícil, mas não impossível. Alguém resvalou nele ao passar, e Roger percebeu que estava encostado na grade da ponte havia vários minutos, observando as gotas de chuva baterem na superfície do rio sem de fato vê-las. Lentamente, ele desceu a rua, alheio às lojas e à grande quantidade de guarda-chuvas.

Não havia como garantir que ela nunca visse um exemplar daquele livro. Aquela podia ser a única cópia ou poderia haver centenas delas, como bombas-relógio, nas bibliotecas de todos os Estados Unidos.

A dor em seu peito aumentava. Ele estava encharcado por causa da neve, e também congelando. Por dentro, Roger sentia um frio mais profundo se espalhando a partir de um novo pensamento: o que Brianna faria se descobrisse?

Ficaria arrasada, tomada pelo pesar. Mas e depois? Ele tinha certeza de que o passado não podia ser alterado. As coisas que Claire lhe contara fizeram com que ele se convencesse disso. Ela e Jamie Fraser tinham tentado evitar a matança em Culloden, sem sucesso. Ela tentara salvar o futuro marido, Frank, salvando o ancestral dele, Jack Randall — e fracassara. Só então descobriu que Jack nunca fora ancestral de Frank, afinal, mas havia se casado com a namorada grávida do seu irmão mais novo para registrar a criança quando o irmão morreu.

Não, o passado podia dar voltas e se enrolar como uma serpente, mas não podia ser alterado. Mas Roger não tinha certeza de que Brianna tinha a mesma convicção.

Como sofrer por uma viajante do tempo?, ela lhe perguntara. Se ele mostrasse a notícia, ela poderia sofrer de verdade. Descobriria como. Esse fato iria feri-la terrivelmente, mas ela se curaria, e poderia deixar o passado para trás.

Se.

Se não fossem as pedras em Craigh na Dun. O círculo de pedras e sua assustadora promessa.

Claire passara pelas pedras de Craigh na Dun no antigo festival do fogo de Samhain, no primeiro dia de novembro, quase dois anos antes.

Roger estremeceu e não foi de frio. Os pelos de sua nuca se eriçavam sempre que ele pensava nisso. Tinha sido uma manhã clara de outono, aquela aurora do Festival de Todos os Santos, com nada que perturbasse a paz do monte onde o círculo de pedras estava. Nada até Claire tocar a grande pedra partida e desaparecer no passado.

Então, a terra parecera se abrir sob os pés dele, e o ar desaparecera com um rosnado que ecoou dentro da sua cabeça como um tiro de canhão. Uma explosão de luz e escuridão o cegou. Só as lembranças da última vez o impediram de entrar em pânico.

Ele segurara a mão de Brianna. Por reflexo, fechou a mão, e todos os sentidos desapareceram. Foi como ser derrubado de uma altura de milhares de metros dentro da água gelada; uma vertigem horrível e um choque tão intenso que ele não sentia nada além disso. Cego e surdo, sem razão nem sentidos, ele teve consciência de dois pensamentos finais, o resto da sua consciência brilhando como uma chama de vela num furacão. *Estou morrendo*, pensou com muita calma. E então: *Não solte*.

O sol que se punha havia descido em um caminho iluminado pela pedra partida. Claire caminhara por ele. Quando Roger se mexeu e ergueu a cabeça, o sol do fim da tarde brilhava dourado e em tons de lavanda atrás da grande pedra, deixando-a escura contra o céu.

Ele estava deitado sobre Brianna, protegendo-a com seu corpo. Ela estava inconsciente, mas respirava, o rosto desesperadamente pálido contra os cabelos ruivos. Apesar de estar fraco, não houve dúvida quanto à sua capacidade de descer com ela pelo monte íngreme até o carro lá embaixo. Por ter puxado ao pai, ela tinha quase 1,80m, era um pouco mais baixa que Roger.

Ele a havia aconchegado, segurando a cabeça dela em seu colo, acariciando seu rosto e tremendo, até um pouco antes do pôr do sol. Ela havia aberto os olhos naquele momento, um azul tão escuro quanto o céu que anoitecia, e sussurrara:

— Ela se foi?

— Está tudo bem — sussurrara Roger em resposta. Ele se inclinou e beijou a testa fria dela. — Está tudo bem. Vou cuidar de

você.

Ele estava sendo sincero. Mas como faria isso?

Estava escurecendo quando Roger voltou para o quarto. Ouviu um barulho na sala de jantar quando passou e sentiu o cheiro de presunto cozido e feijão, mas a última coisa que queria era comer.

Subiu ao quarto e deixou as coisas molhadas amontoadas no chão. Secou-se e então se sentou nu na cama, com a toalha esquecida na mão, olhando para a mesa e para a caixa de madeira onde estavam as cartas de Brianna.

Ele faria qualquer coisa para tirá-la de seu pesar. Faria muito mais para salvá-la da ameaça das pedras.

Claire havia voltado — assim ele esperava — de 1968 a 1766. E então, morreria em 1776. No momento, eles estavam em 1970. Uma pessoa que voltasse agora acabaria — poderia acabar — em 1768. Haveria tempo. Era esse o problema; haveria tempo.

Mesmo que Brianna pensasse como ele — ou se pudesse convencê-la de que não é possível alterar o passado —, será que ela conseguiria viver pelos próximos sete anos sabendo que a janela de oportunidade estava se fechando, que sua única chance de conhecer o pai, de ver a mãe de novo, desaparecia dia após dia? Uma coisa era deixar que vivessem, não sabendo onde estavam nem o que havia acontecido com eles; outra era saber claramente e não fazer nada.

Ele conhecia Brianna havia mais de dois anos, mas passara poucos meses desse tempo com ela. Mesmo assim, eles se conheciam muito bem em alguns aspectos. Como poderia ter sido diferente, depois de compartilharem uma experiência como aquela? E havia as cartas — dezenas, duas, três ou quatro por semana — e os raros feriados, passados entre o encantamento e a frustração, que o deixavam louco de desejo por ela.

Sim, Roger a conhecia. Brianna era calma, mas tinha uma determinação tão forte que ele acreditava que ela não se submeteria ao pesar sem lutar. E embora fosse cuidadosa, quando decidia alguma coisa, ela agia com uma resolução assustadora. Se

decidisse arriscar a passagem pelas pedras, ele não poderia impedi-la.

Roger segurou a toalha com força, sentindo o estômago revirado, lembrando-se do abismo do círculo e do vazio que quase os engolira. A única coisa mais assustadora era pensar em perder Brianna antes de tê-la de verdade.

Ele nunca mentira para ela. Mas o impacto do choque e do pesar lentamente desaparecia à medida que um plano se formava em sua mente. Então ficou de pé e enrolou a toalha na cintura.

Uma carta não bastaria. Teria que ser um processo lento de sugestão, de desestímulo discreto. Roger acreditava que não seria difícil. Não havia encontrado quase nada depois de um ano procurando na Escócia, além da notícia da loja incendiada de Fraser em Edimburgo. Ele sentiu um arrepio ao pensar nas chamas. Agora sabia por que, claro. Os dois deviam ter emigrado logo depois, apesar de Roger não ter encontrado nenhum sinal deles nas listas dos navios nos quais havia procurado.

Hora de desistir, ele diria. Deixar o passado para trás e enterrar os mortos. Continuar procurando, sem evidências, seria beirar a obsessão. Ele sugeriria, muito sutilmente, que essa busca ao passado não era saudável, que agora era hora de olhar para o futuro, para não passar a vida numa busca fútil. Os pais dela não desejariam que Brianna fizesse isso.

O quarto estava frio, mas ele mal notou.

Vou cuidar de você, dissera ele, e estava sendo sincero. Esconder uma verdade perigosa era a mesma coisa que mentir? Bem, se fosse, então ele mentiria. Consentir em fazer algo errado era um pecado, ele ouvira isso no passado. Tudo bem, Roger arriscaria sua alma por ela, e por vontade própria.

Ele procurou uma caneta na gaveta. E então parou, inclinou-se e enfiou dois dedos no bolso da calça jeans molhada. O papel estava amassado e úmido, já meio desintegrado. Com dedos ágeis, rasgou-o em pequenos pedaços, ignorando o suor gelado que escorria de seu rosto.

A CAVEIRA POR BAIXO DA PELE

Eu dissera a Jamie que não me importava de estar longe da civilização. Onde houvesse pessoas, haveria trabalho para uma curadora.

Duncan havia cumprido sua palavra e voltou na primavera de 1768 com oito homens que eram de Ardsmuir, juntamente com suas famílias, prontos para fixar residência na Cordilheira dos Fraser, como o lugar era conhecido agora. Com cerca de trinta almas para cuidar, houve uma demanda imediata dos meus serviços meio enferrujados para dar pontos em ferimentos e tratar febres, furúnculos e gengivas inflamadas. Duas das mulheres estavam grávidas, e foi uma alegria para mim trazer ao mundo crianças saudáveis, um menino e uma menina, os dois nascidos no início da primavera.

Minha fama — se esta é a palavra — de curadora logo se espalhou em nosso pequeno vilarejo, e eu passei a ser chamada cada vez mais para cuidar das doenças de pessoas em fazendas isoladas espalhadas por cinquenta quilômetros de terreno montanhoso de mata selvagem. Fazia visitas raras com Ian a Anna Ooka para ver Nayawenne, voltando com cestos e jarros de ervas úteis.

A princípio, Jamie insistira que ele ou Ian fossem comigo para lugares mais distantes, mas logo ficou claro que nenhum dos dois poderia sair dali. Estávamos na época do primeiro plantio, com solo para limpar e preparar, milho e cevada para plantar, sem falar das tarefas comuns necessárias para manter uma chácara em funcionamento. Além dos cavalos e das mulas, nós havíamos

adquirido algumas galinhas, um porco selvagem com cara de bravo para satisfazer as necessidades sociais do nosso porco e — luxo dos luxos — uma cabra leiteira. Tínhamos que dar alimentos e água a todos, e geralmente não se matavam nem eram comidos por ursos ou panteras.

Então, cada vez mais, eu saía sozinha quando algum desconhecido aparecia na porta pedindo a ajuda de uma curadora ou parteira. O caderno de registros de Daniel Rawlings começou a ganhar novas anotações, e a despensa ia sendo enriquecida com presuntos e carne de veado, sacos de grãos e de maçãs, com os quais meus pacientes retribuía minha atenção. Eu nunca pedia pagamento, mas algo era sempre oferecido — e como éramos pobres, qualquer coisa era bem-vinda.

Meus pacientes vinham de muitos lugares, e muitos não falavam nem inglês nem francês. Havia luteranos alemães, quacres, escoceses e irlandeses-escoceses, e um grande grupo de moravianos de Salem, que falava um dialeto peculiar que eu pensava ser checoslovaco. Normalmente, eu me virava para me comunicar. Na maioria dos casos, alguém podia interpretar para mim e, na pior das hipóteses eu recorria a gestos e à linguagem corporal — “Onde dói?” é fácil de entender em qualquer língua.

Agosto de 1768

Eu estava congelando. Apesar dos meus esforços para manter a capa enrolada em volta de mim, o vento a levantava do meu corpo e fazia com que ela esvoaçasse como a vela de um barco. Bateu na cabeça do garoto que caminhava ao meu lado e fazia com que eu pendesse para um lado sobre o cavalo. A chuva entrava por baixo do pano como agulhas congeladas, e eu estava ensopada quando chegamos a Mueller’s Creek.

O riacho em si estava caudaloso, arrancava plantas, levava pedras e afundava galhos borbulhando brevemente na superfície.

Tommy Mueller espiou a corrente, os ombros encolhidos quase encostando nas abas do chapéu grande que ele puxou por cima das orelhas. Eu vi a dúvida em todos os contornos do seu corpo e me inclinei para gritar em seu ouvido.

— Fique aqui! — berrei, mas minha voz saiu mais baixa que o vento.

Ele balançou a cabeça, dizendo algo para mim, mas não ouvi. Balancei a cabeça de modo vigoroso e apontei para a margem. O solo lamacento era repleto de pedras. Eu via pedras de terra preta desfazendo-se.

— Volte! — gritei.

Ele apontou enfaticamente na direção da casa na chácara e pegou minhas rédeas. Estava claro que ele achava perigoso demais. Tommy Mueller queria que eu voltasse para a casa, que esperasse a tempestade passar.

Ele estava certo. Por outro lado, eu via o riacho se abrindo, a água tomando a ribanceira aos pedaços. Se esperássemos muito, ninguém poderia atravessar — tampouco seria seguro durante dias. Inundações assim mantinham o nível de água alto por uma semana, conforme as chuvas do alto da montanha desciam para alimentar as correntes.

Pensar em ficar presa em uma casa de quatro cômodos durante uma semana com os dez Mueller foi o suficiente para me levar à imprudência. Pegando as rédeas das mãos de Tommy, eu virei o cavalo, que abaixou a cabeça em meio à chuva, pisando com cuidado na lama escorregadia.

Chegamos à parte mais alta da ribanceira, onde havia uma camada grossa de folhas mortas que dava melhor apoio. Virei o cavalo outra vez, fiz um gesto para que Tommy saísse do caminho e me inclinei para a frente como se fosse saltar um obstáculo, com os cotovelos afundados no saco de cevada à minha frente — meu pagamento pelos serviços prestados.

A mudança de posição bastou. O cavalo não queria mais ficar ali, assim como eu. Senti o puxão repentino quando as patas de trás se abaixaram para pegar impulso e então começamos a descer pela ladeira como se ela fosse um tobogã. Houve um impulso e um

momento de queda livre, e senti a água congelante na altura das minhas coxas.

Minhas mãos estavam muito frias, era como se tivessem sido soldadas às rédeas, mas eu não tinha nada útil a oferecer em termos de orientação. Deixei meus braços relaxarem, dando alívio ao cavalo. Conseguia sentir músculos enormes movendo-se de modo rítmico embaixo das minhas pernas enquanto ele nadava, e a água passando por nós com força. Ela prendia minha saia, ameaçando me puxar para dentro.

Então, percebi os cascos se movendo no fundo do riacho e saímos, escorrendo água como se fôssemos uma peneira. Eu me virei na sela e vi Tommy Mueller do outro lado, boquiaberto com seu chapéu. Não pude soltar as rédeas para acenar, mas meneei a cabeça a ele de modo cerimonioso e então bati os calcanhares no cavalo para virá-lo em direção à casa.

O capuz da minha capa caíra para trás quando pulamos, mas não fez muita diferença. Eu não conseguiria me molhar mais. Afastei uma mecha de cabelo dos olhos com o nó do dedo e virei a cabeça do cavalo na direção da trilha da subida, aliviada por estar indo para casa, com ou sem chuva.

Eu permanecera na cabana dos Mueller por três dias, ajudando Petronella, de dezoito anos, a passar pelo primeiro parto. Também seria seu último, de acordo com ela. Seu marido de dezessete anos, espiando dentro do quarto no meio do segundo dia, recebera ofensas em alemão ditas por Petronella que fizeram com que ele corresse para o refúgio dos homens no celeiro com as orelhas vermelhas pela humilhação.

Ainda assim, algumas horas depois, eu vi Freddy — parecendo bem mais novo do que um rapaz de dezessete — ajoelhar-se com receio ao lado da cama da esposa, o rosto mais pálido do que a camisola dela, e levantar um dedo hesitante para afastar o cobertor que cobria a filha.

Olhou para a cabecinha redonda, coberta pela penugem escura, e então olhou para a esposa, como se precisasse de orientação.

— *Ist sie nicht wunderschön?* — disse Petronella com delicadeza.

Ele assentiu lentamente, apoiou a cabeça no colo dela e começou a chorar. Todas as mulheres sorriram docemente e voltaram a cuidar do jantar.

O jantar também fora bom. A comida era um dos benefícios de ser chamada pelos Mueller. Até agora, meu estômago estava cheio de bolinhos e *Blutwurst* frito, e o gosto de ovos com manteiga em minha boca oferecia um pouco de distração do desconforto geral da minha atual situação.

Eu esperava que Jamie e Ian tivessem conseguido algo adequado para comer em minha ausência. Por ser o fim do verão, mas não ainda a época da colheita, as estantes da despensa não chegavam nem perto do que eu esperava que teríamos no outono mas, ainda assim, havia queijos, uma tigela enorme de peixe salgado no chão e sacos de farinha, milho, arroz, feijão, cevada e aveia.

Jamie sabia cozinhar — pelo menos conseguia temperar a caça e assá-la no fogo —, e eu fizera o melhor que podia para iniciar Ian nos mistérios do mingau de aveia, mas por serem homens, eu acreditava que eles não tinham se dado ao trabalho, decidindo sobreviver com cebolas cruas e carne seca.

Não sabia ao certo se, depois de um dia derrubando árvores, arando campos e carregando corpos de veados pelas montanhas, eles simplesmente ficavam exaustos demais para pensar em preparar uma refeição adequada ou se faziam isso de propósito, para que eu me sentisse necessária.

O vento diminuía agora que eu estava no abrigo da cordilheira, mas a chuva ainda caía forte. Era difícil caminhar, já que a lama da trilha havia amolecido, deixando uma camada de folhas por cima, enganadoras como areia movediça. Percebi o desconforto do cavalo conforme suas patas deslizavam a cada passo.

— Bom garoto — falei com delicadeza. — Continue, bom companheiro. — O cavalo mexeu as orelhas levemente, mas manteve a cabeça baixa, pisando com cuidado. — Pantanoso? — perguntei. — Que tal?

O cavalo não tinha nome no momento — ou tinha, mas eu não sabia qual era. O homem de quem Jamie o comprara o chamava com uma palavra alemã que Jamie dizia não ser nada adequada para o cavalo de uma mulher. Quando pedi que traduzisse a palavra, ele simplesmente contraiu os lábios e fez cara de escocês. Com isso, deduzi que o nome devia ser bem ruim. Pensei em perguntar qual era o significado para a sra. Mueller, mas, na pressa de ir embora, me esqueci.

De qualquer modo, a teoria de Jamie era de que o cavalo revelaria seu verdadeiro nome — ou pelo menos o que fosse adequado para se falar — com o tempo. Então, todos observávamos o animal na esperança de discernir seu temperamento. Com base em uma cavalgada de teste, Ian sugerira Coney, mas Jamie simplesmente negou com a cabeça e disse que não seria aquele.

— Casco Brilhante? — sugeri. — Passo Leve? Droga!

O cavalo havia parado totalmente por motivos óbvios. A água descia pelo monte, batendo nas rochas livremente. Era bonito ver a água, clara como cristal sobre a rocha escura e as folhas verdes. Infelizmente, ela também cobria os restos da trilha, que, diferentemente da força dos eventos, escorrera pela base do monte para dentro do vale abaixo.

Permaneci parada, pingando. Não havia como darmos a volta. O monte se erguia quase perpendicularmente à minha direita, os arbustos e as plantas aparecendo de uma rachadura na face da rocha, e descia de forma tão precipitada à esquerda que passar por ali teria sido suicídio. Xingando baixinho, voltei com o cavalo sem nome.

Se não fosse o riacho inundado, eu teria retornado para a casa dos Mueller e deixado Jamie e Ian se virarem por mais tempo. Mas naquela situação, eu não tinha escolha. Teria que encontrar o caminho para casa ou ficar ali e morrer afogada.

Cansados, demos a volta. A menos de quatrocentos metros da água, no entanto, vi um ponto onde a lateral do monte se transformava em um pequeno vale, uma depressão entre dois “chifres” de granito. Tais formações eram comuns. Havia uma bem

grande em uma montanha próxima, motivo pelo qual se intitulava Pico do Diabo. Se eu pudesse atravessar o vale para o outro lado da montanha e seguisse por ali, em pouco tempo voltaria para a trilha que atravessava a cordilheira ao sul.

Sentada na sela, era possível ter uma visão clara dos contrafortes e do vão azul do vale mais à frente. Mas, do outro lado, as nuvens escondiam os topos das montanhas, carregadas de chuva, guardando raios que às vezes apareciam.

Agora que o pior da tempestade havia passado, o vento diminuía. A chuva caía com mais força, se é que isso era possível, e eu parei por tempo suficiente para tirar os dedos gelados das rédeas e vestir o capuz da minha capa.

A base desse lado do monte era clara, e o chão era tomado de pedras, mas não muito íngreme. Passamos por pequenas áreas de plantas vermelhas e carvalhos. Observei a localização de um arbusto enorme de amora para referência futura, mas não parei. Naquela situação, eu teria sorte se chegasse em casa ao anoitecer.

Para me distrair das gotas geladas que desciam pelo meu pescoço, comecei a fazer uma lista mental da despensa. O que eu poderia fazer para o jantar quando chegasse?

Algo rápido, pensei, estremecendo, e algo quente. Um ensopado demoraria demais, assim como uma sopa. Se houvesse esquilo ou coelho, poderíamos fritá-los passados no ovo e na massa de milho. Ou então, talvez mingau com um pouco de bacon para dar gosto e alguns ovos mexidos com cebolinha.

Eu me abaixei, fazendo uma careta. Apesar do capuz e dos meus cabelos grossos, as gotas de chuva batiam no meu couro cabeludo como granizo.

Então percebi que *era* granizo. Bolinhas brancas batiam nas costas do cavalo, passando pelas folhas de carvalho. Em poucos segundos, as bolinhas se tornaram maiores, do tamanho de bolas de gude, e o granizo tornara-se pesado o bastante para cair como tiros de uma metralhadora no chão molhado com as folhas nas clareiras.

O cavalo levantou a cabeça, balançando a crina de modo vigoroso em um esforço para escapar do granizo. Rapidamente,

puxei as rédeas e o levei para baixo de uma enorme nogueira. Ali, fazia barulho, mas o granizo escorregava pelas folhas da liteira, deixando-nos protegidos.

— Certo — falei. Com alguma dificuldade, tirei uma mão das rédeas e dei um tapinha no cavalo para confortá-lo. — Calma. Nós ficaremos bem, desde que não sejamos atingidos por um raio.

Evidentemente, essa frase despertara a lembrança de alguém. Um raio silencioso de luz forte cortou o céu escuro além da Montanha Roan. Alguns momentos depois, o barulho do trovão ressoou, encobrendo o barulho das pedras de granizo nas folhas acima.

Mais clarões apareceram a distância, do outro lado das montanhas. E então, mais raios cortando o céu, cada um deles sucedido por um rufar mais alto. A chuva de granizo passou, e a chuva normal voltou, caindo com mais força do que antes. O vale à nossa frente desapareceu em nuvens e névoa, mas o raio iluminou os espinhaços das montanhas como ossos em um raio X.

— Um hipopótamo, dois hipopótamos, três hipopótamos, quatro hipopóta...

BRUUMMM!

O cavalo levantou a cabeça e bateu a pata com nervosismo.

— Sei como se sente — disse a ele, espiando o vale. — Mas fique calmo. — Lá estava ele de novo, um clarão que iluminava a cordilheira escura e deixava a silhueta das orelhas erguidas do cavalo gravada em minhas retinas.

— Um hipopótamo, dois hipo...

Poderia jurar que o chão tremeu. O cavalo soltou um relincho estridente e se ergueu quando puxei as rédeas, com os cascos batendo nas folhas. O ar cheirava a ozônio.

Clarão.

— Um — disse entre dentes. — Droga, opa! Um hipo...

Clarão.

— Um...

Clarão.

— Opa! OPA!

Não percebi a queda nem a batida no chão. Em um momento, eu estava segurando as rédeas, com um cavalo de quinhentos quilos em pânico e descontrolado, empacado em todas as direções. No momento seguinte, eu estava deitada de costas, olhando para o céu preto que girava, tentando fazer meu diafragma funcionar.

Ecos do choque do impacto tomaram minha carne e eu tentei de todas as maneiras retomar o controle do meu corpo. Então, respirei fundo, uma respiração dolorosa, e me peguei tremendo, chocada com a possibilidade de lesões.

Permaneci deitada, com os olhos fechados, concentrada na respiração, fazendo um inventário. A chuva ainda caía em meu rosto, acumulando-se em meus olhos e escorrendo para dentro das minhas orelhas. Meu rosto e minhas mãos estavam dormentes. Meus braços se moviam. Eu conseguia respirar com um pouco mais de facilidade.

Minhas pernas. A esquerda doía, mas não de modo assustador. Era só o joelho machucado. Rolei para o lado com dificuldade, obstruída pelas minhas roupas molhadas e pesadas. Ainda assim, foi a roupa grossa que me livrou de lesões graves.

Acima de onde eu estava, ouvi um relinchar inquieto e audível em meio ao trovão ribombante. Olhei para cima, zozna, e vi a cabeça do cavalo aparecendo em meio a uma vegetação densa cerca de nove metros acima. Atrás da mata, era possível ver uma ladeira íngreme e cheia de rochas. Uma marca longa de deslizamento em direção à parte de baixo mostrava onde eu havia parado e rolado até acabar na posição em que estava.

Estávamos praticamente à beira desse pequeno precipício sem que eu tivesse reparado, encoberto pelos arbustos volumosos. Em pânico, o cavalo havia chegado à beira, mas evidentemente percebera o perigo e se segurou antes de cair — mas não sem antes me fazer voar longe.

— Seu maldito! — falei. E tentei imaginar se a palavra em alemão era parecida com aquela. — Eu poderia ter quebrado o pescoço! — Limpei a lama do rosto com uma mão que ainda tremia e olhei ao redor à procura de um caminho.

Não encontrei nenhum. Atrás de mim, a face rochosa continuava, dando em um dos chifres de granito. À minha frente, ela terminava abruptamente, em uma queda reta para dentro de um pequeno vale. A ladeira na qual eu estava dava nesse vale também, passando por montes de árvores de madeira amarela e sumagres até as barrancas de um pequeno riacho cerca de vinte metros à frente.

Fiquei imóvel, tentando pensar. Ninguém sabia onde eu estava. Nem eu sabia muito bem onde estava, se pensasse bem. Pior, ninguém me procuraria em breve. Jamie ainda pensaria que eu estava na casa dos Mueller por causa da chuva. Os Mueller, claro, não teriam motivo para pensar que eu não chegara em casa em segurança. Mesmo se duvidassem, não poderiam ir atrás de mim devido à cheia do riacho. E quando alguém encontrasse a trilha, qualquer sinal da minha passagem já teria se apagado pela chuva.

Pelo menos, eu não estava machucada. Isso já era alguma coisa. Também estava sozinha, sem comida, perdida e encharcada. A única certeza era que eu não morreria de sede.

Os raios ainda apareciam como tridentes em combate no céu, mas o trovão se tornara um ronco a distância. Eu não tinha medo de ser atingida por um raio — não com tantos candidatos melhores por perto, na forma de árvores gigantescas, mas encontrar abrigo parecia uma ideia muito boa, de qualquer modo.

Ainda chovia. Gotas rolavam pela ponta do meu nariz com regularidade monótona. Mancando com o joelho machucado e xingando bastante, desci a ladeira escorregadia até a beira do riacho.

Esse riacho também fora engolido pela chuva. Eu via os topos dos arbustos aparecendo na água, folhas soltas na corrente. Não havia ribanceira. Passei pelos azevinhos e cedros-vermelhos em direção à face do penhasco ao sul. Talvez houvesse uma caverna ou abertura ali na qual eu pudesse me abrigar.

Não encontrei nada além de rochas viradas, escuras por estarem molhadas e difíceis de ultrapassar. A alguma distância dali, vi algo que oferecia uma possibilidade de abrigo.

Um enorme cedro-vermelho caíra no riacho, as raízes viradas para cima enquanto a água tomava o solo no qual ele estivera. Ele havia caído do lado oposto ao meu para o penhasco, de modo que a copa densa se espalhou na água e por cima das pedras, e o tronco atravessava o riacho num ângulo raso. Do meu lado, eu via o tapete enorme de suas raízes expostas, um baluarte de terra rachada e pequenos arbustos sobre elas. O buraco por baixo podia não ser um abrigo completo, mas parecia melhor do que ficar de pé ao ar livre ou agachada na mata.

Eu nem sequer parei para pensar que o abrigo poderia ter atraído ursos, panteras ou outras espécies perigosas da fauna. Felizmente, isso não acontecera.

Era um espaço de cerca de um metro e meio de comprimento e dois e meio de largura, úmido, escuro e abafado. O teto era formado pelas raízes retorcidas da árvore, com terra, como o telhado de um buraco de fuinha. Mas era um teto firme. O chão de terra revirada estava úmido, mas não enlameado, e pela primeira vez em horas, a chuva não batia na minha cabeça.

Exausta, eu engatinhei para o canto mais distante, coloquei os sapatos molhados do meu lado e fui dormir. O frio das minhas roupas molhadas me fez ter sonhos vívidos, visões confusas de sangue e parto, árvores, rochas e chuva, e eu acordava com frequência, naquele modo meio consciente de profundo cansaço, adormecendo de novo segundos depois.

Sonhei que estava dando à luz. Não sentia dor, mas vi a cabeça aparecendo como se eu estivesse trabalhando no parto, parteira e mãe juntas. Peguei uma menininha nua em meus braços, ainda suja de sangue de nós duas, e a entreguei ao pai. Eu a entreguei a Frank, mas foi Jamie quem tirou a membrana do rosto dela e disse: “Ela é linda.”

Então, eu acordei e dormi, passando por rochedos e quedas-d’água, procurando algo que havia perdido. Acordei e dormi, perseguida nas matas por algo assustador e desconhecido. Acordei e dormi, com uma faca na mão, vermelha de sangue — mas não sabia de quem era o sangue.

Acordei com o cheiro de queimado e me sentei na hora. A chuva havia passado. Foi o silêncio que me acordou, pensei. O cheiro de fumaça ainda estava forte em minhas narinas — não fazia parte do sonho.

Coloquei a cabeça para fora do buraco como um caracol que cuidadosamente sai da concha. O céu tinha uma suave cor cinza-arroxeadada, com manchas alaranjadas acima das montanhas. A mata ao meu redor estava calma, gotejando. O sol já estava quase se pondo, e a escuridão se acumulava nos vales.

Saí do abrigo e olhei ao redor. O riacho atrás de mim estava caudaloso, e só ouvi o som da água. O solo à minha frente se elevava levemente. No topo, havia um grande álamo, de onde vinha a fumaça. A árvore fora atingida por um raio. Metade dela ainda apresentava folhas verdes, a copa densa contra o céu claro. A outra metade estava escura e queimada no tronco, de cima a baixo. Uma leve fumaça branca subia como fantasmas que escapavam como num encanto, e as linhas vermelhas de fogo brilhavam sorrateiramente por baixo da casca preta.

Olhei ao redor à procura dos meus sapatos, mas não os encontrei na penumbra. Sem me importar, subi o monte em direção à árvore atingida, ofegante. Todos os meus músculos estavam rígidos por eu ter dormido e sentido muito frio. Eu parecia uma árvore ganhando vida, subindo um monte e esticando as raízes retorcidas.

Estava quente perto da árvore. Deliciosa e maravilhosamente quente. O ar tinha cheiro de cinzas, mas estava quente. Fiquei o mais perto que consegui, estendendo minha capa, e permaneci parada.

Durante um tempo, nem sequer tentei pensar. Simplesmente fiquei ali, sentindo a carne fria esquentar e se acomodar de novo em algo que lembrava a condição humana. Mas quando meu sangue voltou a correr, meus hematomas começaram a doer, e eu senti a dor mais profunda da fome também. Muito tempo se passara desde o café da manhã.

Provavelmente demoraria muito mais até o jantar, pensei com seriedade. A escuridão vinha do vale, e eu ainda estava perdida.

Olhei para o outro lado do monte. Não havia nem sinal do maldito cavalo.

— Traidor — murmurei. — Provavelmente se uniu a um bando de alces ou coisa assim.

Uni as mãos. Minhas roupas já estavam meio secas, mas a temperatura caía. A noite seria fria. Era melhor passar a noite aqui, ao ar livre, perto da árvore atingida ou voltar para o meu abrigo enquanto ainda conseguia vê-lo?

Um estalo na moita atrás de mim me ajudou a tomar a decisão. A árvore havia esfriado agora. Apesar de a madeira ainda estar quente ao toque, o fogo se apagara. Não manteria os animais notívagos distantes. Sem fogo nem armas, minha única defesa era a das presas: permanecer escondida durante as horas de escuridão, como os ratos e os coelhos. Bem, e eu precisava voltar para pegar meus sapatos.

Deixando os últimos vestígios de calor para trás, voltei. Entrei engatinhando e vi um borrão claro contra a terra mais escura no canto. Levei a mão a ele e não encontrei a pele de gamo de meus mocassins, mas algo duro e liso.

Meu instinto me levou de volta à realidade antes que meu cérebro pudesse formar a palavra, e eu afastei a mão. Permaneci sentada por um momento, com o coração aos pulos. Então, a curiosidade venceu o medo e eu comecei a afastar a terra ao redor do objeto.

Era, de fato, uma caveira com a mandíbula, apesar de ela estar presa apenas pelos restos de ligamento seco. Um fragmento de vértebra quebrada balançava no *foramen magnum*.

— Quanto tempo um homem precisa ficar na terra até virar osso? — murmurei, virando o crânio nas mãos.

O osso estava frio e úmido, levemente áspero pela exposição à umidade. A luz estava muito fraca para que eu visse os detalhes, mas senti as partes grossas sobre as sobrancelhas e a superfície lisa dos caninos. Provavelmente era um homem novo. A maioria dos dentes estava presente, e não muito desgastados. Pelo menos, pelo que eu podia constatar pelo toque.

Quanto tempo? Oito ou nove anos, o coveiro dissera a Hamlet. Eu não sabia se Shakespeare sabia alguma coisa sobre medicina forense, mas me pareceu uma estimativa razoável. Então, mais de nove anos.

Como ele havia chegado aqui? Por violência, meus instintos responderam, apesar de meu cérebro não estar muito atrasado na conclusão. Um explorador podia morrer de doença, fome ou exposição. Reprimi esse pensamento, tentando ignorar meu estômago roncando e as roupas ensopadas. Mas não acabaria enterrado embaixo de uma árvore.

Os índios Cherokee e os Tuscarora enterravam seus mortos, mas não desse modo, sozinho em uma cova. Tampouco em fragmentos. Foi aquele pedaço de vértebra quebrada que me contou a história toda. As pontas estavam encaixadas, a face estava raspada, não quebrada.

— Alguém não ia com a sua cara, não é? Não parou no escalpo. Tirou sua cabeça toda.

E isso me fez pensar... será que o resto dele também estava ali? Passei a mão no rosto, pensando, mas, afinal, eu não tinha nada melhor para fazer. Não iria a lugar algum antes do amanhecer, e a possibilidade de dormir havia se tornado remota com a descoberta do meu companheiro. Coloquei o crânio cuidadosamente de lado e comecei a cavar.

Já estava muito escuro, mas nem mesmo a noite mais escura ao ar livre deixava de ter um pouco de luz. O céu ainda estava coberto com nuvens, o que refletia luz consideravelmente, mesmo no buraco raso em que eu me encontrava.

A terra arenosa era macia e fácil de cavar, mas depois de alguns minutos arranhando, os nós e as pontas dos meus dedos ficaram vermelhos, e eu rastejei dali por tempo suficiente para encontrar um graveto que poderia usar para cavar. Procurando um pouco mais, encontrei algo rígido. Não era osso, pensei, nem era metal. Pedra, concluí, tocando a forma oval. Só uma pedra do rio? Achava que não. A superfície era muito lisa, mas com algo marcado nela; uma tipografia qualquer, apesar do meu toque não ser sensível o bastante para eu determinar o que era.

Cavei mais e não encontrei nada. Ou o resto de Yorick não estava aqui ou estava enterrado tão fundo que eu não tinha como achar. Coloquei a pedra no bolso, me agachei e esfreguei as mãos cheias de terra na roupa. Pelo menos, o exercício havia me esquentado de novo.

Eu me sentei outra vez e peguei o crânio, segurando-o no colo. Por mais assustador que fosse, era uma companhia, uma distração do meu desespero. E eu sabia muito bem que todas as minhas atitudes da última hora tinham sido distrações; ações para me tirar do pânico que eu sentia submerso na minha mente, esperando para aparecer como a ponta afiada de um galho de árvore na água. Seria uma longa noite.

— Certo — disse em voz alta para o crânio. — Tem lido algum livro ultimamente? Não, acho que você não anda mais por aí. Poesia, talvez? — Pigarreei e comecei a recitar Keats, esquentando com *Escrito em Rejeição à Superstição Vulgar* e passando a *Ode a um Vaso Grego*.

— *Sempre amarás, e será ela sempre bela!* — declamei. — Tem mais, mas me esqueci. Mas não foi tão ruim, certo? Quer um pouco de Shelley? *Ode ao Vento do Oeste* é boa, você ia gostar, eu acho.

Pensei por que eu achava aquilo. Não havia motivos para achar que aquele homem era um indígena e não um europeu, mas percebi que era o que eu pensava... talvez fosse a pedra que eu encontrara junto com ele. Dando de ombros, eu me concentrei de novo, acreditando que o efeito repelente da ótima poesia inglesa seria equivalente a uma fogueira no que dizia respeito aos ursos e às panteras.

*“Faça de mim sua lira, assim como a floresta:
e se minhas folhas estiverem caindo sozinhas!
O tumulto de suas harmonias poderosas
Partirão de um tom profundo e outonal,
Doce, mas triste. Seja tu, forte espírito,
Meu espírito! Seja meu, impetuoso!”*

*"Conduza meus pensamentos mortos pelo universo
Como folhas murchas para acelerar um novo nascimento;
E, pelo encantamento deste verso,
"Espalhe, como do fogo não extinto
cinzas e faíscas, minhas palavras entre os homens!
Que pelos meus lábios a terra não desperta
"O som de uma profecia! Ó Vento..."*

A frase final morreu em meus lábios. Havia luz na cordilheira. Uma leve faísca transformando-se em chama. Primeiro, pensei que fosse uma árvore atingida por um raio, uma madeira escaldante ganhando vida, mas então, ela se mexeu. Desceu o monte lentamente na minha direção, flutuando acima dos arbustos.

Eu me levantei, percebendo que estava descalça. Rapidamente, procurei no chão, cobrindo o espaço pequeno diversas vezes. Mas não adiantou. Meus sapatos tinham sumido.

Segurei o crânio e fiquei de pé descalça, virando-me para a luz.

Observei-a se aproximar, descendo o monte como folhas enroladas de oficial-de-sala. Um pensamento passou pela minha mente paralisada, uma frase aleatória de Shelley: *Demônio, eu o desafio! Com a mente calma e concentrada.* Em algum canto escuro da minha consciência, algo percebeu que Shelley tivera muito mais coragem do que eu. Segurei o crânio mais perto. Não era uma arma mas, de certo modo, eu acreditava que o que estava vindo também não se deixaria deter por facas nem pistolas.

Não era só porque o ambiente molhado dava a impressão de que seria improvável que alguém atravessasse a mata com uma tocha acesa. A luz não ardia como uma tocha de pinheiro nem como uma lamparina a óleo. Não se movia, mas cintilava com um brilho leve e constante.

Ela flutuava alguns metros acima do solo, onde alguém manteria uma tocha que estivesse carregando. Ela se aproximou lentamente, no passo do caminhar de um homem. Vi que ela

estremeceu um pouco, movendo-se no ritmo de um andar constante.

Eu me encolhi dentro do abrigo, meio escondida pela terra e pelas raízes. Estava congelando de frio, mas o suor escorria pelo meu rosto e eu sentia o cheiro do meu próprio medo. Os dedos dos meus pés se encolheram na terra, querendo correr.

Eu já tinha visto o fogo de São Elmo no mar. Por mais assustador que fosse, seu tom azul não lembrava em nada a luz clara que se aproximava. Ela não tinha faísca nem cor, só um brilho espectral. Gás da terra, era o que as pessoas de Cross Creek diziam quando as luzes da montanha eram mencionadas.

Rá, eu disse para mim mesma, mas sem palavras. Gás da terra, uma ova!

A luz passou por alguns galhos pequenos e entrou na clareira à minha frente. Não era gás da terra.

Ele era alto e estava nu. Além de um tapa-sexo, não usava mais nada além de tinta. Longas faixas vermelhas desciam por seus braços e pelo peito, e o rosto era bem preto, do queixo à testa. Os cabelos estavam oleosos e arrepiados, com duas penas de peru apontando para cima.

Eu estava invisível, totalmente escondida na escuridão do meu abrigo, e a tocha que ele segurava o banhava com uma luz suave, reluzindo em seu peito e nos ombros sem pelos, encobrendo as órbitas dos seus olhos. Mas ele sabia que eu estava ali.

Não me movi. Ouvia minha respiração forte. Ele simplesmente ficou ali, talvez a alguns metros, e olhava bem para a escuridão onde eu me encontrava, como se estivéssemos expostos à luz do dia. E a luz de sua tocha brilhava constante e sem som, pálida como uma vela, e a madeira não era consumida.

Não sei quanto tempo permaneci ali até perceber que não sentia mais medo. Ainda sentia frio, mas meu coração estava mais lento, e os dedos dos meus pés estavam normais, não se contraíam mais.

— O que você quer? — perguntei, e só então percebi que estávamos estabelecendo algum tipo de comunicação havia algum

tempo. O que quer que fosse, não tinha palavras. Nada coerente era dito, mas algo era transmitido mesmo assim.

As nuvens haviam desaparecido, afastadas por um vento leve, e faixas escuras do céu iluminado por estrelas começavam a aparecer. A mata estava silenciosa, como costumava ficar à noite; os estalos e o farfalhar do movimento das árvores altas; o balançar dos arbustos perturbados pelo vento e, no fundo, o correr constante da água que não era vista, ecoando a turbulência do ar.

Respirei profundamente, sentindo-me muito viva de repente. O ar estava carregado e tinha um cheiro adocicado de plantas verdes, a acidez das ervas e o almiscarado das folhas mortas, dispostos e entremeados com os odores da tempestade: rocha molhada, terra úmida, umidade crescente e um toque forte de ozônio, repentinos como o raio que acertara a árvore.

Terra e ar, pensei de repente, e fogo e água também. E ali estava eu com todos os elementos: no meio deles e à sua mercê.

— O que você quer? — perguntei de novo, sentindo-me impotente. — Não posso fazer nada por você. Sei que está aí. Consigo vê-lo. Mas só isso.

Nada se mexeu, nenhuma palavra foi dita. Mas, com clareza, o pensamento se formou em minha mente, com uma voz que não era a minha.

Já basta, disse ela.

Sem pressa, ele se virou e se afastou. Depois de dar vinte passos, a luz de sua tocha desapareceu na não existência como o brilho final do crepúsculo na noite.

— Ah — falei, um pouco inexpressiva. — Minha nossa. — Minhas pernas tremiam, e eu me sentei, com o crânio, de que eu quase me esquecera, aninhado no colo.

Fiquei ali por muito tempo, observando e ouvindo, porém nada mais aconteceu. As montanhas me cercavam, escuras e impenetráveis. Talvez eu conseguisse encontrar o caminho de volta à trilha pela manhã, mas por enquanto, andar na escuridão só poderia levar a um desastre.

Eu não tinha mais medo. Ele me deixara durante o encontro com o que quer que fosse aquilo. Mas eu ainda sentia frio e muita,

muita fome. Coloquei o crânio no chão e me encolhi ao lado dele, puxando a capa úmida sobre o corpo. Demorei muito para dormir, e me deitei no buraco frio observando as estrelas da noite girarem acima da minha cabeça em meio às nuvens.

Tentei entender a última meia hora, mas não havia nada para entender; nada, de fato, havia acontecido. Mas, ao mesmo tempo, acontecera. Ele estivera ali. A impressão dele continuava comigo, de certa forma um pouco reconfortante, e eu finalmente dormi com o rosto encostado em um monte de folhas mortas.

Tive sonhos inquietantes, por causa do frio e da fome; uma procissão de imagens desconexas. Árvores atingidas por raios, ardendo como tochas. Árvores arrancadas da terra caminhando sobre as raízes com um passo assustador.

Eu, deitada na chuva com a garganta cortada, o sangue quente escorrendo em meu peito, um conforto estranho na minha pele fria. Os dedos dormentes, sem conseguirem se mexer. A chuva atingindo minha pele como granizo, cada gota fria uma batida de martelo, e então, a chuva em si parecia quente e suave em meu rosto. Enterrada viva, a terra preta caindo nos olhos abertos.

Acordei com o coração aos pulos. Permaneci em silêncio. Era noite alta. O céu se estendia claro e infinito acima, e eu estava deitada na mais completa escuridão. Depois de um tempo, dormi de novo, perseguida pelos sonhos.

Lobos uivando a distância. Correndo em pânico por uma floresta de álamos brancos tomada pela neve, a seiva vermelha das árvores reluzindo como joias rubras em troncos brancos como papel. Um homem de pé entre as árvores com a cabeça careca, exceto por uma faixa de cabelos oleosos e pretos. Ele tinha olhos profundos e um sorriso torto, e o sangue em seu peito era mais brilhante do que a seiva da árvore.

Lobos, muito mais próximos. Uivando e latindo, e o cheiro de sangue quente no meu nariz, e eu correndo com a matilha e correndo da matilha. Correndo. Patas no chão, dentes brancos, o gosto fraco de sangue na minha boca e um pouco no meu nariz. Fome, perseguição, caça, morte e sangue. Coração acelerado, sangue escorrendo, pânico dos perseguidos.

Senti o braço estalar com um barulho como um galho seco se quebrando, e o tutano quente e salgado, escorregadio na minha língua.

Algo resvalou meu rosto e eu abri os olhos. Grandes olhos amarelos olhavam dentro dos meus, do pelo escuro de um lobo de dentes brancos. Gritei e corri em direção a ele, e a fera deu um salto para trás latindo assustada.

Caí de joelhos e me encolhi ali, dizendo coisas confusas. O dia havia acabado de raiar. A luz da manhã era leve e nova, e me mostrava claramente o contorno escuro de... Rollo.

— Ah, meu Deus, o que diabos você está fazendo aqui, sua... fera imunda! — Eu devo ter me equilibrado em algum momento, mas Jamie me apoiou antes.

Mãos grandes me puxaram para cima e me tiraram do esconderijo, me abraçaram com força e tocaram meu corpo ansiosas, à procura de ferimentos. A lã de seu tartã resvalou macia contra meu rosto. Tinha cheiro de sabão de lixívia e de homem, e eu o respirei como se fosse oxigênio.

— Você está bem? Pelo amor de Deus, Sassenach, você está bem?

— Não — disse. — Sim. — E comecei a chorar.

Não durou muito. Foi mais por causa do alívio. Tentei dizer isso, mas Jamie não estava ouvindo. Ele me pegou nos braços, imunda como eu estava, e começou a me levar em direção ao pequeno riacho.

— Calma, então — disse ele, e me abraçou com força. — Calma, *mo chridhe*. Está tudo bem agora. Você está em segurança.

Eu ainda estava sendo perturbada pelo frio e pelos sonhos. Permaneci sozinha por tanto tempo sem nenhuma voz além da minha, que a dele parecia estranha, surreal e difícil de entender. No entanto, o toque quente da mão de Jamie era real.

— Espere — falei, puxando sua camisa sem força. — Espere, eu me esqueci. Tenho que...

— Jesus, tio Jamie, veja isso!

Jamie se virou, ainda me abraçando. O jovem Ian estava de pé na frente do meu abrigo, emoldurado com raízes penduradas,

segurando o crânio.

Senti os músculos de Jamie se enrijecerem quando ele o viu.

— Santo Deus, Sassenach. O que é isso?

— Quem, você quer dizer. Não sei. Mas é um cara legal. Não deixe Rollo se aproximar dele, ele não gostaria.

Rollo cheirava o crânio com grande concentração, narinas molhadas e pretas se abrindo com interesse.

Jamie espiou meu rosto, franzindo o cenho discretamente.

— Tem certeza de que está bem, Sassenach?

— Não — respondi, apesar dos meus sentidos estarem voltando enquanto eu despertava totalmente. — Estou com frio e fome. Você não trouxe café da manhã, por acaso? — perguntei de modo desejoso. — Eu seria capaz de comer um prato cheio de ovos.

— Não — disse ele. Então me soltou e pegou sua bolsa de couro. — Não tive tempo de pensar em comida, mas trouxe conhaque. Aqui está, Sassenach. Vai lhe fazer bem. E depois — acrescentou ele, erguendo uma sobrelanceira —, pode me dizer como conseguiu parar no meio do nada?

Eu me sentei em uma rocha e beberiquei o conhaque com alívio. O cantil tremia em minhas mãos, mas o tremor começou a diminuir conforme o líquido escuro descia pelas paredes do meu estômago vazio para dentro da minha corrente sanguínea.

Jamie ficou atrás de mim com a mão em meu ombro.

— Há quanto tempo está aqui, Sassenach? — perguntou ele, com a voz tranquila.

— A noite toda — eu disse, tremendo de novo. — Um pouco antes do meio-dia de ontem, quando o maldito cavalo... acho que o nome dele é Judas, me derrubou daquela ladeira ali.

Eu indiquei a ladeira. Meio do nada era uma boa descrição do local, pensei. Poderia ter sido qualquer um dos milhares de buracos anônimos nesses montes. Um pensamento me tomou, que deveria ter me ocorrido muito tempo antes, se eu não estivesse tão gelada e grogue.

— Como você me encontrou? — perguntei. — Um dos Mueller me seguiu ou... Não me diga que o maldito cavalo trouxe você aqui, como a Lassie.

— É um cavalo macho, tia — disse Ian de modo reprovador. — Não é uma égua. Mas não vimos seu cavalo. Rollo nos trouxe a você. — Ele sorriu orgulhosamente para o cachorro, que parecia muito contente, como se fizesse esse tipo de coisa o tempo todo.

— Mas se vocês não viram o cavalo — comecei, assustada —, como souberam que eu tinha saído dos Mueller? E como Rollo... — Parei de falar ao ver os dois homens trocando um olhar.

Ian deu de ombros e assentiu, chamando Jamie. Jamie se abaixou no chão ao meu lado, levantou a barra do meu vestido e pegou meus pés descalços com as mãos grandes e quentes.

— Seus pés estão congelados, Sassenach — disse ele baixinho. — Onde você perdeu seus sapatos?

— Ali atrás — falei, assentindo em direção à árvore arrancada. — Pode ser que ainda estejam ali. Eu os tirei para atravessar um riacho, coloquei-os no chão e não consegui encontrá-los no escuro.

— Eles não estão ali, tia — disse Ian.

Ele parecia tão assustado que olhei para ele de novo, surpresa. Ainda estava segurando o crânio, virando-o sem parar nas mãos.

— Não, não estão. — A cabeça de Jamie estava abaixada quando ele pegou meus pés, e eu conseguia ver a luz reluzir vermelha em seus cabelos, que estavam soltos sobre os ombros, despenteados como se ele tivesse acabado de sair da cama. — Eu estava na cama, dormindo — disse ele, ecoando meu pensamento. — Quando esse animal ficou louco de repente. — Ele fez um meneio de cabeça para Rollo sem olhar para a frente. — Começou a latir, uivar e balançar o corpo para a porta, como se o diabo estivesse do lado de fora.

— Gritei com ele e tentei segurá-lo para que ficasse quieto — disse Ian —, mas ele não queria parar, não importa o que eu fizesse.

— Rollo continuou até a saliva escorrer e eu tive certeza de que ele enlouquecera. Pensei que fosse nos ferir, então mandei Ian abrir a porta e deixá-lo sair. — Jamie se agachou, franziu o cenho e então pegou uma folha caída de cima do meu pé.

— Bem, e o diabo estava do lado de fora? — perguntei petulante.

Jamie balançou a cabeça.

— Procuramos na clareira, do chiqueiro até o riacho, e não encontramos nada, só isso. — Ele enfiou a mão na bolsa e pegou meus sapatos. Jamie olhou para mim, inexpressivo. — Eles estavam na porta, lado a lado.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Levantei o cantil e bebi o resto do conhaque.

— Rollo partiu como um maluco — disse Ian, continuando a história muito animado. — Mas então, ele voltou um pouco depois e começou a cheirar seus sapatos, resmungar e chorar.

— Eu também senti vontade de fazer isso. — Jamie esboçou um sorriso tímido, mas eu vi o medo ainda pesando em seus olhos.

Engoli, mas minha boca estava seca demais para falar, apesar do conhaque.

Jamie colocou os sapatos nos meus pés, primeiro um e depois o outro. Eles estavam úmidos, mas um pouco quentes pelo contato com o corpo dele.

— Pensei que você pudesse estar morta, Cinderela — disse ele baixinho, com a cabeça abaixada para esconder o rosto.

Ian não notou, envolvido no entusiasmo da história.

— Meu cachorrinho esperto saiu correndo como quando sentia o cheiro de coelho, então pegamos nossos tartãs e corremos atrás dele. Só paramos para pegar um atizador para diminuir a fogueira. Ele saiu correndo à nossa frente. Não é, amigo? — Ian esfregou as orelhas de Rollo com orgulho e carinho. — E aqui estamos!

O conhaque estava esquentando minhas orelhas, envolvendo meus sentidos em um cobertor quente e doce, mas eu tinha sentidos de sobra para perceber que se Rollo havia seguido uma trilha até onde eu estava... alguém percorrera aquele caminho com os meus sapatos.

Eu tinha recuperado um pouco da voz e consegui falar, mas estava rouca.

— Você viu alguma coisa no caminho? — perguntei.

— Não, tia — disse Ian, repentinamente sóbrio. — Você viu?

Jamie levantou a cabeça e eu vi a preocupação e a exaustão em seu rosto, deixando as faces bem definidas. Eu não era a única

que tivera uma noite longa e difícil.

— Sim — falei —, mas vou contar mais tarde. No momento, eu acredito que me transformei em uma abóbora. Vamos para casa.

Jamie trouxera cavalos, mas não havia como levá-los para o vale. Fomos forçados a descer pelas ribanceiras inundadas do riacho, espirrando água, para subir com dificuldade uma ladeira rochosa até a saliência, onde os animais estavam amarrados. Com as pernas cansadas e agitada depois de todo o sofrimento, não consegui ajudar muito na travessia, mas Jamie e Ian agiram tranquilamente e me levaram como se eu fosse um pacote qualquer.

— Não se deve dar álcool a alguém sofrendo de hipotermia — falei com fraqueza quando Jamie levou o cantil aos meus lábios de novo durante uma pausa para descansar.

— Mas independentemente do problema, a pessoa vai se sentir melhor se tiver bebido — disse ele. Ainda estava frio depois da chuva, mas o rosto de Jamie estava corado por causa da subida. — Além disso — acrescentou, secando a sobancelha com a ponta do tartã —, se você desmaiar, vai ficar mais fácil carregá-la. Nossa, é como puxar um bezerro de um pântano.

— Desculpe — falei.

Eu me deitei no chão e fechei os olhos, torcendo para não vomitar. O céu girava em uma direção e meu estômago em outra.

— Saia, cachorro! — disse Ian.

Abri um dos olhos para ver o que estava acontecendo, e vi Ian afastando Rollo do crânio, que eu insistira para que ele levasse conosco.

À luz do dia, o objeto não assustava. Manchado e descolorido pela terra na qual ficara enterrado, ele parecia uma pedra lisa a distância, desgastada pelo vento e pelo clima. Vários dentes tinham sido lascados ou quebrados, apesar de o crânio não apresentar nenhuma outra marca.

— O que pretende fazer com o príncipe encantado? — perguntou Jamie, olhando para a minha aquisição de modo crítico.

Ele não estava mais vermelho, e já havia recuperado o fôlego. Olhou para mim, estendeu o braço e afastou os meus cabelos dos olhos, sorrindo.

— Tudo bem, Sassenach?

— Estou melhor — disse-lhe, e me sentei.

A mata ainda não tinha parado de girar, mas o conhaque que corria pelas minhas veias tornava meus movimentos um pouco mais agradáveis, como o farfalhar de árvores passando pela janela de um trem.

— Acho que devemos levá-lo para casa e fazer um enterro cristão, pelo menos. — Ian olhou para o crânio com dúvida.

— Não sei se ele gostaria. Acho que não era cristão. — Tentei afastar uma lembrança clara do homem que eu tinha visto no vale. Apesar de ser verdade que alguns índios tinham se tornado missionários, aquele senhor nu em especial, com o rosto pintado e os cabelos com penas, me passara a impressão de ser pagão.

Procurei no bolso da minha saia, os dedos dormentes e duros.

— Isto foi enterrado com ele.

Peguei a pedra lisa que havia desenterrado. Tinha cor marrom, uma forma oval irregular da metade do tamanho da palma de minha mão. Era chata de um lado, arredondada do outro e lisa como se tivesse saído do leito do rio. Eu a virei na palma da mão e me surpreendi.

O lado chato tinha mesmo um entalhe, como eu pensei. Era uma marca na forma de uma espiral encolhida. Mas não foi o entalhe que fez Jamie e Ian observarem minha mão, com as cabeças quase se tocando.

Onde a superfície lisa fora lascada, a rocha de dentro brilhava muito forte, pequenas chamas verdes, laranja e vermelhas lutando pela luz.

— Meu Deus, o que é isso? — perguntou Ian, parecendo surpreso.

— É uma opala, e bem grande, veja — disse Jamie.

Ele cutucou a pedra com o polegar grande, como se conferisse para ver se era de verdade. E era.

Passou uma mão pelos cabelos, pensando, e então olhou para mim.

— Dizem que opalas são pedras que dão azar, Sassenach.

Pensei que Jamie estivesse brincando, mas parecia inquieto. Era um homem muito viajado e educado mas, ainda assim, era das Terras Altas, e eu sabia que ele tinha um lado muito supersticioso, apesar de não demonstrar com frequência.

Ah, pensei. Você passou a noite com um fantasma e acha que *e/e* é supersticioso?

— Bobagem — falei, com mais convicção do que sentia. — É só uma pedra.

— Não dão azar, não, tio Jamie — disse Ian. — Minha mãe tem um anel de opala que sua mãe deixou para ela, apesar de não ser nada parecido com isso! — Ian tocou a pedra com admiração. — Mas ela disse que a opala assume algo do seu dono, então se você tiver uma opala que antes pertencia a uma boa pessoa, então tudo estaria bem, e você teria boa sorte. Caso contrário... — Ele deu de ombros.

— Sim, bem — disse Jamie com seriedade. Ele meneou a cabeça em direção ao crânio, indicando-o com o queixo. — Se isso pertencia a esse homem, acho que não deu muita sorte.

— Pelo menos, sabemos que ninguém o matou por causa dela — falei.

— Talvez eles não a quisessem por saber que traria azar — sugeriu Ian. Ele estava franzindo o cenho para a pedra, formando uma linha de preocupação entre os olhos. — Talvez devêssemos devolvê-la, tia.

Esfreguei o nariz e olhei para Jamie.

— Provavelmente é muito valiosa — falei.

— Ah. — Os dois a observaram por um momento, divididos entre a superstição e o pragmatismo.

— Sim, bem — disse Jamie por mim. — Acho que não haverá problema mantê-la por um tempo. Ele esboçou um sorriso torto. — Vou levá-la, Sassenach. Se eu for atingido por um raio no caminho de volta para casa, você pode devolvê-la.

Eu me levantei de modo desajeitado, segurando o braço de Jamie para manter o equilíbrio. Pisquei e me balancei, mas permaneci de pé. Jamie pegou a pedra da minha mão e a colocou dentro da bolsa de couro.

— Vou mostrá-la a Nayawenne — disse. — Pode ser que ela saiba o que o entalhe significa, pelo menos.

— Boa ideia, Sassenach — aprovou Jamie. — E se o príncipe encantado for parente dela, ela pode ficar com ele, com a minha bênção. — Ele fez um meneio de cabeça em direção a alguns bordos pequenos a centenas de metros dali, as folhas verdes marcadas de amarelo. — Os cavalos estão amarrados logo ali. Consegue caminhar, Sassenach?

Olhei para os meus pés, pensando. Eles pareciam muito mais distantes do que eu estava acostumada.

— Não tenho certeza — respondi. — Acho que estou bastante embriagada.

— Ah, não, tia — disse Ian com delicadeza. — Meu pai diz que não estamos bêbados se conseguimos ficar de pé.

Jamie riu com a afirmação, e jogou a ponta do tartã sobre o ombro.

— O *meu* pai dizia que uma pessoa não estava bêbada se conseguia encontrar o traseiro com as duas mãos. — Ele olhou para o meu traseiro erguendo a sobrancelha, mas pensou melhor e não disse o que pretendia.

Ian engasgou com a risada e tossiu, recompondo-se.

— Sim, bem. Não falta muito, tia. Tem certeza de que não consegue caminhar?

— Bem, não vou pegá-la no colo de novo, estou dizendo — disse Jamie, sem esperar uma resposta. — Não quero machucar sua coluna. — Ele pegou o crânio de Ian, segurando-o entre as pontas dos dedos, e o colocou delicadamente em meu colo. — Espere aqui com seu amiguinho, Sassenach. Ian e eu vamos pegar os cavalos.

Quando chegamos à Cordilheira dos Fraser já era início da tarde. Eu estava com frio, molhada e sem comer havia quase dois dias, e me

sentia bastante zozza; uma sensação exagerada causada pelo conhaque e pela minha tentativa de explicar os acontecimentos da noite anterior a Ian e a Jamie. À luz do dia, a noite toda parecia surreal.

Mas, na verdade, quase tudo parecia irreal se visto pela perspectiva da exaustão, da fome e da leve embriaguez. Consequentemente, quando entramos na clareira, pensei primeiro que a fumaça da chaminé fosse uma alucinação — até o cheiro da cicuta queimada chegar às minhas narinas.

— Pensei que vocês tivessem dito que tinham abaixado o fogo — disse a Jamie. — Por sorte, não incendiaram a casa. — Tais acidentes eram comuns. Eu ouvira falar de mais de uma cabana de madeira incendiada por causa de uma lareira mal monitorada.

— Eu abaixei — disse ele brevemente, apeando. — Tem alguém aqui. Você conhece o cavalo, Ian?

Ian apoiou-se nos estribos para olhar no cercado dos animais.

— Puxa, é o animal da tia! — disse ele com surpresa. — Com o pelo todo sarapintado!

E o recém-batizado Judas estava ali, sem sela, abanando o rabo grande para afastar as moscas.

— Você sabe quem é o dono dele? — perguntei.

Eu ainda não tinha apeado. Pequenas ondas de tonteira tomavam conta de mim de poucos em poucos minutos e me forçavam a me segurar na sela. O chão embaixo do cavalo parecia subir e descer como ondas no mar.

— Não, mas é um amigo — disse Jamie. — Ele alimentou meus animais e ordenhou a cabra. — Ele acenou do comedouro cheio de feno dos cavalos à porta, onde havia um balde de leite sobre o banco, cuidadosamente coberto com um pedaço de pano para impedir que as moscas caíssem.

— Venha, Sassenach. — Jamie estendeu a mão e me puxou pela cintura. — Vou levá-la para a cama e preparar algo para você comer.

Nossa chegada havia sido notada. A porta da cabana se abriu e Duncan Innes olhou para fora.

— Ah, você está aqui, *Mac Dubh* — disse ele. — O que está faltando, então? Sua cabra estava prestes a acordar os mortos com as tetas a ponto de explodir quando passei por aqui hoje cedo. — E então, ele me viu, e o rosto triste e pesaroso foi tomado pela surpresa.

— Sra. Claire! — disse ele, vendo que eu estava toda suja de lama. — Aconteceu um acidente? Fiquei um pouco preocupado ao encontrar o cavalo solto na montanha quando estava vindo para cá, além de sua caixinha na sela. Procurei e chamei por você, mas não consegui ver nenhum sinal da sua presença, por isso trouxe o animal para cá.

— Sim, sofri um acidente — disse, tentando ficar de pé, com pouco sucesso. — Mas estou bem. — Eu não tinha muita certeza disso. Minha cabeça parecia estar três vezes maior.

— Cama — disse Jamie com firmeza, segurando meus braços antes que eu pudesse cair. — Agora.

— Banho. Primeiro — falei.

Ele olhou na direção do riacho.

— Você vai congelar ou se afogar. Ou as duas coisas. Pelo amor de Deus, Sassenach, coma e vá para a cama. Você pode se lavar amanhã.

— Agora. Água quente. Chaleira. — Eu não tinha energia para gastar numa discussão prolongada, mas estava determinada. Não iria suja para a cama nem lavaria lençóis imundos mais tarde.

Jamie olhou para mim irritado e revirou os olhos, desistindo.

— Água quente, chaleira, agora, então — disse ele. — Ian, pegue algumas lenhas, e então leve Duncan e cuide dos porcos. Vou esfregar sua tia.

— Eu posso me esfregar!

— Até parece.

Ele tinha razão. Meus dedos estavam tão rígidos que eu não conseguia abrir os fechos do meu corpete. Ele me despiu como se eu fosse uma criancinha, jogando a saia rasgada e as peças cheias de lama de qualquer modo no canto, tirou meu vestido e as roupas íntimas, usadas por tanto tempo que as sobras das barras já tinham deixado marcas vermelhas e profundas em minha carne.

Resmunguei com uma mistura voluptuosa de dor e prazer, esfregando as marcas vermelhas enquanto o sangue voltava a correr em meu torso comprimido.

— Sente-se — disse ele, empurrando um banquinho embaixo do meu corpo quando me abaixei.

Jamie jogou uma colcha sobre meus ombros, um prato com um pão de aveia e meio à minha frente e foi procurar sabão, pano e toalhas de linho no armário.

— Encontre a garrafa verde, por favor — falei, mordiscando o pão de aveia seco. — Preciso lavar meu cabelo.

— Hum. — Mais barulho, e Jamie finalmente voltou com as mãos cheias de coisas, incluindo uma toalha e um frasco cheio de xampu que eu fizera, por não querer lavar os cabelos com sabão de lixívia, além de bucha, óleo de tremoço, folhas de noz e calêndula. Ele colocou tudo isso sobre a mesa, junto com uma tigela grande para misturar tudo e a encheu com água quente do caldeirão.

Deixando esfriar um pouco, Jamie enfiou um pano na água e se abaixou para lavar meus pés.

A sensação quente em meus pés doloridos e meio congelados chegou tão perto do êxtase quanto eu esperava alcançar nesse lado do céu. Cansada e meio embriagada como estava, senti que me derretia dos pés para cima, enquanto Jamie me limpava dos pés à cabeça.

— Onde conseguiu isso, Sassenach?

Saindo de um estado próximo do sono, olhei para o joelho esquerdo. Estava inchado, e o lado de dentro estava do tom azul-arroxeadado da genciana.

— Ah... isso aconteceu quando caí do cavalo.

— Isso foi um grande descuido — disse ele. — Eu já não disse várias vezes para você tomar cuidado, principalmente com um cavalo novo? Não pode confiar num cavalo enquanto não conhecê-lo bem. E você não é forte o bastante para lidar com um cavalo indomado ou ansioso.

— Não foi questão de confiar nele — falei. Observei os ombros largos de Jamie flexionando-se embaixo de uma camisa de linho

enquanto passava a esponja em meu joelho ferido. — O raio o assustou e eu caí de uma ladeira de seis metros.

— Você podia ter quebrado o pescoço!

— Pensei que tivesse quebrado, por um minuto. — Fechei os olhos, balançando levemente.

— Você deveria ter pensado melhor, Sassenach. Para começar, você nem deveria estar daquele lado da cordilheira, muito menos...

— Não consegui evitar — disse, abrindo os olhos. — A trilha estava tomada de água. Tive que dar a volta.

Ele estava me encarando com os olhos azuis semicerrados.

— Você não deveria ter deixado os Mueller, para começar, ainda mais com aquela chuva! Não sabia que o chão estaria daquele jeito?

Eu me endireitei com certo esforço, segurando a colcha contra os seios. Percebi com leve surpresa que Jamie estava bem irritado.

— Bem... não — falei, tentando reunir a força que eu tinha. — Como eu poderia saber algo assim? Além disso...

Ele me interrompeu enfiando o pano na bacia, espalhando água pela mesa toda.

— Fique quieta! — disse ele. — Eu não queria brigar com você.

Olhei para Jamie.

— O que diabos *você* quer fazer? E por que está gritando comigo? Não fiz nada de errado!

Ele respirou fundo. Então, ficou de pé, pegou o pano da bacia e cuidadosamente o torceu. Soltou o ar, ajoelhou-se na minha frente e limpou meu rosto.

— Não. Não fez — concordou. Esboçou um meio sorriso. — Mas você me assustou muito, Sassenach, e por isso sinto muita vontade de repreendê-la, quer você mereça ou não.

— Ah! — disse.

Senti vontade de rir, mas o remorso tomou conta de mim quando vi seu rosto sério. A manga da sua camisa estava suja de lama e havia carrapichos e rabo-de-raposa em suas meias, sinais de uma noite de buscas pelas montanhas escuras, sem saber onde eu estava; nem se estava viva ou morta. Eu *havia* assustado Jamie, querendo ou não.

Procurei uma maneira de me desculpar, mas minha língua parecia grossa. Por fim, estendi o braço e tirei uma folhinha amarela dos seus cabelos.

— Por que não me repreende em gaélico? — perguntei. — Vai apaziguar sua raiva da mesma maneira e só vou entender metade do que você disser.

Jamie disse uma expressão de irritação em escocês e enfiou minha cabeça dentro da bacia com a mão firme em meu pescoço. Quando voltei, pingando, ele enrolou uma toalha na minha cabeça e começou a esfregar meus cabelos com as mãos firmes e grandes, falando com o tom formalmente ameaçador de um ministro repreendendo o pecado num sermão.

— Tola — disse ele em gaélico. — Você tem o cérebro de uma mosca! — Entendi as palavras “tola” e “sem jeito” nos comentários que vieram depois, mas rapidamente parei de ouvir. Fechei os olhos e me distraí no prazer de ter meus cabelos lavados e penteados.

Seu toque era firme e delicado, provavelmente adquirido por muito tempo cuidando da crina de cavalos. Eu o vira falando com os cavalos enquanto os penteava como estava falando comigo agora, o gaélico como uma maneira de aliviar o atrito da escova. Mas imaginei que ele fosse mais bonzinho com os cavalos.

Jamie tocou meu pescoço, minhas costas nuas e os ombros enquanto massageava; toques rápidos que faziam minha carne retomar a vida. Estremeci, mas deixei a colcha cair no colo. O fogo ainda estava alto, as chamas dançando nas laterais da chaleira, e o quarto havia ficado bem quente.

Ele agora descrevia, com um tom tranquilo e agradável, várias coisas que gostaria de fazer comigo, começando com me bater com um pedaço de pau e seguindo daí. O gaélico é uma língua rica, e Jamie era bastante criativo nos assuntos de violência ou sexo. Se estava falando sério ou não, pensei que provavelmente era uma coisa boa eu não entender tudo o que ele dizia.

Senti o calor da fogueira nos seios. O calor de Jamie em minhas costas. O tecido frouxo da sua camisa resvalando minha pele quando ele se inclinou para pegar um frasco na prateleira, e

estremeci de novo. Ele percebeu e interrompeu a bronca por um momento.

— Está com frio?

— Não.

— Ótimo.

O cheiro forte de cânfora fez meu nariz arder, e antes que eu pudesse me mexer, uma mão grande havia pousado em meu ombro e me segurava ali, enquanto a outra esfregava o óleo em meu peito.

— Pare! Está fazendo cócegas! Eu mandei parar!

Jamie não parou. Eu me remexi sem parar, tentando escapar, mas ele era muito maior do que eu.

— Fique parada — disse ele, com dedos inexoráveis esfregando entre minhas costelas com força, embaixo das omoplatas, ao redor e por baixo dos meus seios macios, passando o óleo em mim como alguém que besunta um porco para ser assado.

— Seu *safado*! — eu disse quando ele me soltou, sem fôlego depois de tanto rir e lutar. Eu cheirava a menta e cânfora, e minha pele brilhava do queixo à barriga.

Jamie sorriu para mim, vingado e nem um pouco arrependido.

— Você faz isso comigo quando tenho febre — disse ele, passando as mãos na toalha. — Pimenta nos olhos dos outros é refresco, não?

— Não estou com febre! Nem com resfriado!

— Mas acho que terá, pois passou a noite toda fora e dormiu com roupas molhadas. — Ele estalou a língua de modo reprovador, como uma dona de casa escocesa.

— E você nunca fez isso, não é? Quantas vezes pegou resfriado por ter dormido sem roupa? — perguntei. — Pelo amor de Deus, você morou numa *caverna* por sete anos!

— E passei três deles espirrando. Além disso, sou um homem — disse ele, sem a menor lógica. — Não é melhor vestir a camisola, Sassenach? Está nua.

— Percebi. Roupas molhadas e sentir frio não causam doença — disse a ele, procurando a colcha embaixo da mesa.

Ele ergueu as duas sobancelhas.

— Ah, não?

— Não. — Eu me levantei, pegando a colcha. — Já disse isso antes. São germes que causam doenças. Se eu não fui exposta a nenhum germe, não vou ficar doente.

— Ah, germessss! — disse ele, enrolando as sílabas na língua. — Meu Deus, que bunda bonita você tem! Então por que as pessoas adoecem mais no inverno do que na primavera? Os germes se reproduzem no frio, é isso?

— Não exatamente.

Sentindo-me absurdamente tímida, eu abri a colcha com a intenção de jogá-la por cima dos meus ombros de novo. Mas antes que conseguisse me cobrir, Jamie me pegou pelo braço e me puxou para ele.

— Venha aqui — falou, de modo desnecessário.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele já tinha dado um tapa em minhas nádegas, me virado e me beijado com força.

Jamie me soltou e eu quase caí. Eu o abracei, e ele segurou minha cintura para me estabilizar.

— Não me importa se foram os germes, o ar da noite ou o que quer que seja — disse ele, sério. — Não quero que você fique doente e pronto. Agora, vista sua camisola e vá direto para a cama!

Era muito bom senti-lo em meus braços. O tecido macio da sua camisa estava frio contra a pele aquecida dos meus seios untados, e embora a lã do seu kilt fosse muito mais áspera contra minhas coxas e barriga nuas, a sensação nem de longe era desagradável. Eu me esfreguei lentamente contra ele, como um gato num poste.

— Cama — ordenou de novo, bem menos sério.

— Hum — disse, deixando bem claro que eu não queria ir para a cama sozinha.

— Não — rebateu Jamie, remexendo-se.

Pensei que ele quisesse se afastar, mas como não o soltei, o movimento apenas intensificou a situação entre nós.

— Uhum — insisti, segurando com força.

Por mais embriagada que estivesse, eu sabia que Duncan sem dúvida passaria a noite no tapete da lareira, com Ian perto. E

apesar de eu estar me sentindo meio desinibida no momento, a sensação não chegava *tão* longe.

— Meu pai dizia que eu não deveria me aproveitar de uma mulher embriagada — disse ele.

Havia parado de se remexer, mas começou de novo, mais lentamente, como se não conseguisse parar.

— Não estou mal, estou melhor — respondi. — Além disso... — Eu me mexi de modo mais insinuante. — Pensei que ele tivesse dito que uma pessoa não está muito embriagada se consegue segurar o traseiro com as duas mãos.

Ele olhou para mim me admirando.

— Detesto dizer isso, Sassenach, mas você não está segurando o seu traseiro, e sim o *meu*.

— Tudo bem — garanti a ele. — Somos casados. Dividimos tudo. Uma só carne; foi o padre quem disse.

— Talvez tenha sido um erro passar aquele óleo em você — disse ele, meio para si mesmo. — Ele nunca faz isso *comigo!*

— Bom, você é homem.

Ele tentou mais uma vez.

— Não deveria comer um pouco mais, moça? Deve estar com fome.

— Uhum — disse. Enterrei o rosto em sua camisa e o mordi levemente. — Faminta.

Há uma história sobre o conde de Montrose — de que, depois de uma batalha, ele foi encontrado deitado no campo, meio morto de frio e fome, por uma jovem. A jovem pegou seu sapato, fez uma mistura de cevada e água fria dentro dele e alimentou o conde com ela, salvando a vida dele.

A xícara que estava à minha frente parecia conter uma porção da mesma substância salvadora, com a pequena diferença de que a minha estava quente.

— O que é isso? — perguntei, olhando para os grãos esbranquiçados flutuando na superfície de um líquido ralo. Parecia uma xícara cheia de larvas afogadas.

— Papa de cevada — disse Ian, olhando com orgulho para a xícara como se fosse seu primogênito. — Eu mesmo a preparei, com o conteúdo do saco que você trouxe dos Mueller.

— Obrigada — falei, e tomei um gole com cuidado. Não achava que ele fizera a mistura no sapato, apesar do cheiro de mofo. — Muito bom. Que gentil da sua parte, Ian.

Ele ficou corado de satisfação.

— Ah, não foi nada — disse ele. — Tem muito mais, tia. Ou devo servir um pouco de queijo? Poderia tirar as partes verdes para você.

— Não, não... isto está ótimo — respondi depressa. — Ah... por que não sai com sua arma, Ian, para tentar matar um esquilo ou um coelho? Tenho certeza de que já estou bem para cozinhar.

Ele sorriu e o sorriso transformou seu rosto comprido e magro.

— Fico feliz por saber, tia — disse ele. — Você precisa ver o que o tio Jamie e eu temos comido na sua ausência!

Ele me deixou deitada nos travesseiros, pensando no que fazer com a papa de cevada. Não queria bebê-la, mas eu me sentia péssima — lerda, quase derretendo —, e pensar em me levantar parecia muito difícil.

Jamie, sem protestar, tinha me levado para a cama, onde terminara a tarefa de cuidar de mim. Pensei que era bom ele não sair para caçar com Ian. Jamie fedia a cânfora tanto quanto eu, e os animais sentiriam seu cheiro a quilômetros.

Aconchegando-me embaixo das cobertas, ele tinha me deixado dormir enquanto saía para conversar com Duncan e oferecia-lhe a hospitalidade da casa. Ouvei o murmúrio profundo de vozes do lado de fora. Eles estavam sentados no banco ao lado da porta, aproveitando o resto da luz do sol da tarde — raios compridos e claros que passavam pela janela, iluminando o peltre e a madeira do lado de dentro.

O sol iluminou o crânio também. Ele estava sobre a escrivaninha do outro lado do quarto, compondo uma imagem muito doméstica de natureza-morta com um jarro de barro cheio de flores e meu caderno.

Ver o caderno me tirou do torpor. O parto que eu fizera na casa dos Mueller agora parecia vago e distante em minha mente. Pensei que seria melhor registrar os detalhes enquanto ainda me lembrava deles.

Assim, motivada pela minha obrigação, eu me espreguicei, gemi e me sentei. Ainda me sentia meio zozza e meus ouvidos zuniam com os efeitos do conhaque. Também sentia um pouco de dor em quase todas as partes do corpo — mais em algumas que em outras —, mas, de modo geral, eu estava em boas condições para trabalhar. Mas começava a sentir fome.

Queria que Ian voltasse com carne para a panela. Sabia que não deveria me encher de queijo e peixe salgados, mas seria bom comer um prato de ensopado de esquilo temperado com cebolas e cogumelos.

Por falar em ensopado... Saí da cama de modo relutante e atravessei o quarto até a lareira, onde despejei a sopa de cevada dentro da panela. Ian havia preparado o suficiente para um batalhão, se o batalhão fosse formado por escoceses. Por viverem em um país com poucos alimentos, eles eram capazes de comer muitos cereais sem qualquer sabor nem tempero. Por ser de uma raça mais fraca, eu não conseguia fazer a mesma coisa.

Abri o saco de cevada que estava ao lado da lareira, o pano visivelmente úmido. Teria que espalhar os grãos para secar, caso contrário, eles apodreceriam. Com o joelho ferido protestando um pouco, peguei uma bandeja feita de junco trançado e me ajoelhei para espalhar os grãos úmidos em uma camada fina sobre ela.

— Então, ele é calmo, Duncan? — Ouvi a voz de Jamie entrando claramente pela janela. A pele que a cobria estava enrolada para deixar o ar entrar, e eu senti o cheiro fraco de tabaco do cachimbo de Duncan. — Ele é um bruto grande e forte, mas tem bom coração.

— Ah, ele é um bom rapaz — disse Duncan, o orgulho claro em sua voz. — É calmo, sim. A srta. Jo fez seu empregado buscá-lo no mercado em Wilmington. Disse que ele deveria encontrar um cavalo que pudesse ser guiado com apenas uma mão.

— Hummm. Sim, bem, ele é uma criatura adorável. — O banco de madeira rangeu quando um dos homens se ajeitou nele. Compreendi o real sentido por trás do elogio de Jamie, e me perguntei se Duncan também o percebera.

Em parte, era condescendência. Jamie fora criado em cima de cavalos, e por ter nascido cavaleiro, ria da ideia de mãos serem necessárias. Eu já o vira guiar um cavalo mudando a pressão dos joelhos e das coxas, ou colocando-o para galopar por um campo cheio, com as rédeas amarradas no pescoço do animal para ficar com as mãos livres para a espada e a pistola.

Mas Duncan não era cavaleiro nem soldado. Vivera como pescador perto de Ardrossan, até a Revolta tê-lo tirado, como a muitos outros, de suas redes e seu barco, e o mandado à Batalha de Culloden e ao desastre.

Jamie não seria tão frio a ponto de apontar uma inexperiência da qual Duncan estava mais do que ciente, mas apontaria outra coisa. Será que Duncan havia percebido?

— É você quem ela quer ajudar, *Mac Dubh*, e sabe disso também. — O tom de voz de Duncan era seco. Ele entendera Jamie muito bem.

— Eu não disse o contrário, Duncan. — A voz de Jamie estava séria.

— Hummm.

Sorri, apesar da tensão entre eles. Duncan era tão bom quanto Jamie na arte da eloquência inarticulada. Esse som significava uma leve ofensa com a indireta de Jamie de que era inadequado para Duncan aceitar um cavalo de presente de Jocasta, e uma disposição para aceitar a desculpa subentendida pelo insulto.

— Você já pensou? — O banco rangeu quando Duncan mudou de assunto de repente. — Será Sinclair ou Geordie Chisholm?

Sem dar a Jamie tempo para responder, ele continuou, mas de um modo a deixar claro que dissera tudo isso antes. Fiquei tentando imaginar se ele estava tentando convencer Jamie ou a si próprio — ou só querendo ajudar os dois a chegar a uma conclusão repetindo os fatos da questão.

— De fato, Sinclair é tanoeiro, mas Geordie é um bom rapaz, um trabalhador consciente, e ele também tem dois filhos pequenos. Sinclair não é casado, então não precisaria de muito para se estabelecer, mas...

— Ele precisaria de sarrafos e ferramentas, e ferro e madeira — interrompeu Jamie. — Poderia dormir em sua oficina, sim, mas vai precisar de uma oficina para dormir. E acho que vai custar muito comprar todo o necessário para a tanoaria. Geordie precisaria de um pouco de comida para sua família, mas podemos oferecer isso daqui. Além disso, ele não vai precisar de mais nada para começar além de algumas ferramentas... ele tem um machado, certo?

— Sim, ele tem isso de seu contrato, mas estamos na época de plantar agora, *Mac Dubh*. Com a limpeza...

— Sei bem disso — disse Jamie, um pouco inquieto. — Eu investi dois hectares de milho há um mês. *E* os limpei primeiro.

Enquanto Duncan estava tranquilo em River Run, conversando em tavernas e contando sobre o novo cavalo. Eu ouvi, e Duncan também. Fez-se um silêncio distinto que falava mais alto do que palavras.

Ouvi o som do ranger do banco, e então Duncan falou de novo, tranquilamente.

— Sua tia Jo enviou um presentinho para você.

— É mesmo?

O tom sarcástico de Jamie ficou ainda mais perceptível. Eu esperava que Duncan tivesse a decência de levá-lo em consideração.

— Uma garrafa de uísque. — A voz de Duncan estava descontraída, e teve como resposta uma risada relutante de Jamie.

— É mesmo? — perguntou ele de novo, em um tom muito diferente. — Que gentil.

— É a intenção dela. — Mais um rangido quando Duncan se levantou. — Venha comigo pegá-la, então, *Mac Dubh*. Uma bebidinha não faria mal a ninguém.

— Não, não faria. — Jamie parecia sentido. — Não dormi à noite e estou mal-humorado como um porco selvagem. Perdoe meus modos, Duncan.

— Ah, não fale isso. — Houve um som suave, como o de uma mão se apoiando em um ombro, e ouvi os dois atravessarem o quintal juntos. Fui até a janela para observá-los, o cabelo de Jamie brilhando num tom bronze escuro ao sol que se punha, enquanto inclinava a cabeça para ouvir algo que Duncan lhe dizia, e o homem mais baixo fazia gestos para se explicar. O movimento do único braço de Duncan mudava o ritmo de seu caminhar, então ele andava com movimentos abruptos, como uma grande marionete.

O que teria sido de Duncan, pensei, se Jamie não o tivesse encontrado e achado um lugar para ele? Não havia lugar na Escócia para um pescador de um braço só. Não restaria nada para ele além de se tornar um mendigo, certamente. A fome, talvez. Ou o roubo. E a morte na forca, como Gavin Hayes.

Mas estavam no Novo Mundo, e se a vida era imprevisível ali, significava uma chance de viver, pelo menos. Não era à toa que Jamie estava preocupado analisando quem deveria ter a melhor oportunidade, Sinclair, o tanoeiro, ou Chisholm, o fazendeiro?

Seria útil ter um tanoeiro por perto. Pouparia os homens da cordilheira da longa viagem a Cross Creek ou Averagesboro para buscar barris necessários para a produção de piche e terebintina, para a carne seca e para a sidra. Mas seria caro abrir uma oficina de tanoaria, mesmo com as poucas ferramentas necessárias. E também havia a esposa e os filhos pequenos de Chisholm a serem levados em consideração. Como eles estavam vivendo agora e o que aconteceria com eles sem ajuda?

Duncan havia localizado trinta homens de Ardsmuir até então. Gavin Hayes foi o primeiro, e tínhamos feito por ele tudo o que poderia ser feito. Nós o havíamos enterrado em terreno consagrado. Dois outros tinham morrido, um de febre e outro afogado. Três tinham cumprido os termos do contrato e — apenas com o machado e com as roupas que eram o pagamento final de um empregado — tinham conseguido se estabelecer, adquirindo terras e construindo casebres nelas.

Dos restantes, nós havíamos trazido vinte até então para que se estabelecessem na terra boa perto do rio, com o patrocínio de Jamie. Outro era um pouco fraco da cabeça, mas trabalhava para

um dos homens como contratado e, assim, conseguia se manter. Todos os nossos recursos tinham sido usados nessa empreitada. Empregamos nossa pouca quantia de dinheiro para pagar as plantações que ainda não existiam — além de uma viagem horripilante para Cross Creek.

Jamie chamara todos os seus conhecidos ali, pegando emprestadas pequenas quantias de cada um, e então, levara o dinheiro às tavernas na beira do rio onde, em três noites de jogo, ele havia conseguido quadruplicar sua quantia — e foi quase esfaqueado nesse meio-tempo, como soube bem mais tarde.

Fiquei sem palavras, olhando para o corte comprido na parte inferior do seu casaco.

— O quê? — reagi por fim.

Ele deu de ombros, parecendo muito cansado repentinamente.

— Não importa — disse ele. — Acabou.

Então, ele havia se barbeado, se lavado e conversado com todos os donos de terra de novo, devolvendo o dinheiro de cada homem com agradecimentos e juros, e ficamos com o suficiente para cuidar das sementes de milho para plantio, uma mula extra para o arado, uma cabra e alguns porcos.

Não perguntei mais nada. Só costurei o casaco e o coloquei na cama quando ele voltou depois de devolver o dinheiro emprestado. Mas fiquei sentada perto dele por muito tempo, observando as linhas de expressão de cansaço em seu rosto mais suavizadas enquanto Jamie dormia.

Só um pouco. Eu erguera sua mão, pesada pelo sono, e tracei as linhas profundas de sua palma lisa várias vezes. As linhas da cabeça, do coração e da vida eram longas e profundas. Quantas vidas existiam naqueles vincos agora?

A minha. A dos fazendeiros. A de Fergus e Marsali, que haviam acabado de chegar da Jamaica, sob os cuidados de Germaine, um charmoso gorducho loiro que tinha o pai na palma de sua mãozinha gorda.

Olhei involuntariamente pela janela ao pensar nisso. Ian e Jamie haviam ajudado a construir para eles uma cabana a menos de dois quilômetros da nossa e, às vezes, Marsali vinha à noite nos

visitar, trazendo o bebê. Eu gostava de vê-lo. Como eu sentia saudade de Bree, o pequeno Germaine era um substituto do neto que eu nunca seguraria nos braços.

Suspirei e afastei o pensamento.

Jamie e Duncan tinham voltado com o uísque. Eu os ouvia conversando perto do descampado, as vozes relaxadas, toda a tensão afastada — por enquanto.

Terminei de espalhar uma camada fina de cevada molhada e a coloquei no canto perto da fogueira para secar. Então fui à escrivaninha, abri o tinteiro e meu caderno. Não demorei muito para registrar os detalhes da chegada do mais novo Mueller ao mundo. O parto fora muito longo, mas tirando isso, muito normal. O parto em si não teve complicações. A única coisa incomum tinha sido a membrana fetal...

Parei de escrever e balancei a cabeça. Ainda distraída pensando em Jamie, deixei minha atenção vagar. O filho de Petronella não tinha nascido com uma membrana. Eu tinha uma lembrança clara do topo do crânio, um círculo vermelho brilhante ao redor de um pequeno tufo de cabelos pretos. Eu o havia tocado, senti a leve pulsação ali, logo embaixo da pele. Lembrei-me vividamente da sensação de umidade nos dedos, como a pele úmida de um pintinho recém-nascido.

Foi o sonho, pensei. Eu havia sonhado em meu esconderijo, misturando os acontecimentos dos dois nascimentos: esse e o de Brianna. Brianna tinha nascido com uma membrana.

Uma “capa tola”, como diziam os escoceses. Uma capa da sorte. Por ser um portento de boa sorte, uma membrana oferecia — segundo diziam — proteção contra afogamentos mais adiante na vida. E algumas crianças que nasciam com uma membrana tinham uma segunda visão — mas, apesar de ter conhecido uma ou duas pessoas que viam com o terceiro olho, eu tinha minhas dúvidas a respeito do lado bom desse fato.

Sorte ou não, Brianna nunca demonstrara nenhum sinal daquele estranho “conhecimento” celta, e eu achava isso bom. Eu conhecia o suficiente a respeito da minha forma peculiar da

segunda visão — saber o que aconteceria — para não desejar isso a ninguém.

Olhei para a página à minha frente. Meio consciente, eu fizera um rascunho da cabeça de uma criança. Uma linha grossa de cabelos, a simples sugestão de um nariz longo e afilado. Tirando isso, ela não tinha rosto.

Eu não era artista. Tinha aprendido a fazer desenhos clínicos claros, imagens corretas de membros e corpos, mas não tinha o dom de Brianna de dar vida às linhas. O desenho não passava de algo que minha memória gravava. Eu podia olhar para ele e pintar seu rosto na minha mente. Tentar fazer mais do que isso, colocar a pessoa no papel, seria estragar isso e correr o risco de perder a imagem que eu mantinha dela em meu coração.

E eu a traria para cá se pudesse? Não. De jeito nenhum. Preferiria mil vezes pensar nela na segurança e no conforto de sua época, sem desejar que estivesse aqui no meio das dificuldades e dos perigos. Mas não significava que eu não sentia saudade.

Pela primeira vez, senti certa solidariedade por Jocasta Cameron e seu desejo de ter um herdeiro. Alguém que ficasse, que tomasse seu lugar. Uma prova de que sua vida não fora em vão.

O anoitecer aparecia pela janela, no campo, na mata e no rio. As pessoas diziam que a noite caía, mas não era assim. A escuridão subia, tomando primeiro os vales, depois sombreando as ladeiras, subindo de modo imperceptível por troncos de árvores e postes de cerca enquanto a noite engolia o chão e subia para se unir à escuridão maior do céu apinhado de estrelas.

Eu olhava pela janela, observando a luz mudar nos cavalos do descampado. Ela não sumia, mas se alterava, de modo que tudo — pescoços, ancas, até a grama — permanecia claro e limpo, a realidade solta por um breve momento das ilusões de sol e sombra do dia.

Sem ver, tracei a linha do desenho com o dedo várias vezes enquanto a escuridão me cercava e a realidade do meu coração permanecia clara à luz do entardecer. Não, não queria que Brianna estivesse aqui. Mas não significava que eu não sentia sua falta.

Terminei de fazer minhas anotações e me sentei por um momento. Sabia que deveria começar a fazer o jantar, mas o cansaço causado pelo meu suplício ainda pesava em mim e tirava minha vontade de me mexer. Todos os meus músculos doíam, e o ferimento do meu joelho latejava. Eu só queria voltar para a cama.

Em vez disso, peguei o crânio, que eu deixara ao lado do meu caderno sobre a mesa. Passei o dedo delicadamente pelo crânio arredondado. Era um enfeite de mesa bem macabro, eu admitia, mas me sentia muito ligada a ele, de qualquer modo. Sempre achei ossos bonitos, de homens ou de animais. Eram restos claros e graciosos da vida reduzida à sua base.

De repente, pensei em algo de que não me lembrava havia anos: um pequeno armário escuro de uma sala em Paris, escondido atrás de uma oficina de boticário. As paredes tomadas por estantes em forma de colmeias, cada nicho com um crânio polido. Animais de muitos tipos, de musaranhos a lobos, de ratos a ursos.

E com a mão na cabeça do meu amigo desconhecido, ouvi a voz do mestre Raymond, clara na memória como se ele estivesse ao meu lado.

— Compaixão? — dissera ele enquanto eu tocava a curva de um crânio polido de alce. — É uma emoção incomum a se sentir por um osso, madona.

Mas ele sabia a que eu me referia. Sabia que Mestre Raymond sabia, porque quando perguntei por que guardava aqueles crânios, ele sorriu e disse:

— São para me fazer companhia, até certo ponto.

Eu sabia o que ele queria dizer. Certamente, o senhor cujo crânio eu mantinha tinha sido minha companhia em um lugar muito escuro e solitário. Não pela primeira vez, eu me perguntei se ele realmente tinha algo em comum com a aparição que eu havia visto na montanha, o índio com o rosto pintado de preto.

O fantasma — se era isso que ele era — não havia sorrido nem dito nada em voz alta. Eu não tinha visto seus dentes, que seria meu único ponto de comparação com o crânio que segurava, passando o polegar pela borda de um incisivo rachado. Levantei o

crânio à luz, examinando-o de perto com o brilho suave do pôr do sol.

Os dentes de um dos lados estavam rachados e quebrados como se tivessem sido acertados com violência na boca, talvez por uma pedra ou um porrete — ou o cabo de uma arma? Do outro lado, eles estavam inteiros. Na verdade, em condição muito boa. Eu não era especialista, mas acreditava que o crânio era de um homem maduro, com trinta e nove ou quarenta e poucos anos. Um homem dessa idade teria certo desgaste nos dentes, devido à dieta de milho dos índios, que, de acordo com o método de preparo, por ser amassado entre pedras lisas, tinha muitas pedras no meio.

Os incisivos e o canino do lado bom quase não estavam desgastados. Eu virei o crânio para observar o desgaste dos molares e parei.

Senti muito frio, apesar do fogo da lareira às minhas costas. Frio como o que sentira no escuro, quando estava perdida e sozinha na montanha com a cabeça de um morto. O sol do fim da tarde agora lançava luz em minhas mãos; na aliança de prata no meu dedo e nas partes prateadas da boca da minha companhia falecida.

Permaneci olhando por um momento, então virei o crânio e o coloquei delicadamente sobre a mesa, tomando cuidado como se ele fosse feito de vidro.

— Meu Deus — disse, e me esqueci de todo o cansaço. — Meu Deus — repeti para os olhos vazios e para o sorriso torto. — Quem *era* você?

— Quem você acha que ele pode ter sido? — indagou Jamie, tocando o crânio com descontração.

Tínhamos poucos instantes. Duncan havia ido ao banheiro e Ian saíra para alimentar o porco. Mas eu não podia esperar, precisava contar a alguém de uma vez.

— Não faço a menor ideia. Só acho que ele deve ter sido alguém... como eu. — Senti um arrepio forte. Jamie olhou para mim e franziu o cenho.

— Você não pegou uma gripe, não é, Sassenach?

— Não — sorri levemente para ele. — Só estou um pouco assustada.

Ele pegou o xale do gancho perto da porta e me cobriu com ele. As mãos permaneceram em meus ombros, quentes e reconfortantes.

— Quer dizer outra coisa também, não? — perguntou ele. — Quer dizer que existe outro... lugar. Talvez próximo.

Outro círculo de pedras ou algo assim. Eu também tinha pensado nisso, e a ideia me fez estremecer de novo. Jamie olhou para o crânio de modo pensativo, então pegou o lenço da manga e o passou com delicadeza pelos olhos vazios.

— Vou enterrá-lo depois do jantar — disse ele.

— Ah, o jantar. — Prendi os cabelos atrás da orelha, tentando concentrar meus pensamentos desordenados na comida. — Verei se encontro alguns ovos. É rápido.

— Não se preocupe, Sassenach. — Jamie espiou dentro da panela na fogueira. — Podemos comer isto.

Dessa vez, estremeci enojada.

— Ugh — disse.

Jamie sorriu para mim.

— Não tem nada de errado com papa de cevada, tem?

— Se é que isso existe — respondi, olhando para a panela com certo nojo. — Isso tem cheiro de sobra da produção de destilado. — Feita com grãos, malcozida e parada, a sopa fria já começava a ganhar um cheiro de fermentação. — Por falar nisso — comecei, empurrando o saco de cevada úmida com o pé —, essa papa precisa ser espalhada para secar antes que comece a mofar, se é que ainda não começou.

Jamie olhava para a sopa nojenta com o cenho cerrado, pensativo.

— Sim? — perguntou Jamie distraidamente, retomando a consciência. — Ah, sim. — Fechou a boca do saco e o jogou sobre o ombro. Antes de sair, ele parou e olhou para o crânio. — Você disse não acreditar que ele tenha sido cristão — disse ele, e olhou para mim com curiosidade. — Por que, Sassenach?

Hesitei, mas não havia tempo para contar a Jamie sobre o meu sonho, se é que tinha sido um sonho. Já ouvia Duncan e Ian conversando, caminhando em direção à casa.

— Por nada — disse, dando de ombros.

— Bem, vamos dar a ele o benefício da dúvida.

ESCREVER CARTAS:
A GRANDE ARTE DO AMOR

Oxford, março de 1971

Roger acreditava que choveria tanto em Inverness quanto chovera em Oxford, mas, de certo modo, ele nunca havia se importado com a chuva no norte. O vento frio escocês que soprava no Moray Firth era animador e a chuva forte era um estímulo e um alívio para o espírito.

Mas aquela era a Escócia quando Brianna estava com ele. Agora, ela estava nos Estados Unidos, e ele na Inglaterra, e Oxford era fria e chata, todas as ruas e os prédios cinza como a sombra das fogueiras apagadas. A chuva batia nos seus ombros enquanto ele corria, protegendo muitos papéis dentro da roupa. Quando chegou à proteção da guarita de entrada, ele parou para se chacoalhar, como um cachorro, espirrando gotas pela passagem de pedra.

— Alguma carta? — perguntou ele.

— Acho que sim, sr. Wakefield. Só um segundo.

Martin entrou na sala, deixando Roger lendo os nomes dos mortos na guerra da faculdade, entalhados na tabuleta de pedra logo depois da entrada.

George Vanlandingham, Sr. O Respeitável Phillip Menzies. Joseph William Roscoe. Não foi a primeira vez que Roger se pegou pensando a respeito desses heróis mortos e como eles tinham sido. Desde que conhecera Brianna e a mãe, ele percebeu que o passado frequentemente tinha uma face humana perturbadora.

— Aqui está, sr. Wakefield. — Martin se recostou sorrindo sobre o balcão, estendendo-lhe algumas cartas. — Uma dos Estados Unidos que chegou hoje — acrescentou, piscando.

Roger sorriu em resposta e sentiu um calor confortável se espalhar do peito para os membros, afastando o frio do dia chuvoso.

— Vai encontrar sua namorada logo, sr. Wakefield?

Martin inclinou a cabeça, espiando a carta com os selos americanos. O porteiro conhecera Brianna quando ela tinha ido ali com Roger um pouco antes do Natal, e caíra no feitiço dela.

— Espero que sim, talvez no verão. Obrigado!

Ele se virou em direção à escada, enfiando as cartas cuidadosamente nas mangas da blusa enquanto procurava a chave. Sentiu uma sensação de alegria e tristeza ao pensar no verão. Ela dissera que viria em julho — mas ainda faltavam quatro meses. Às vezes, ele achava que não aguentaria nem mais quatro dias.

Roger dobrou a carta de novo e a guardou no bolso de dentro, perto do coração. Ela escrevia de poucos em poucos dias, de bilhetes curtos a cartas compridas, e cada uma das cartas o deixava feliz, uma sensação que se mantinha até a chegada da carta seguinte.

Ao mesmo tempo, as cartas dela andavam pouco satisfatórias ultimamente. Ela ainda era muito carinhosa e as cartas sempre terminavam em “Com amor”, dizendo que sentia muita falta dele e queria que ele estivesse com ela. Mas não traziam mais textos intensos.

Talvez fosse natural. Um progresso normal à medida que eles se conheciam melhor. Ninguém conseguia escrever cartas apaixonadas todos os dias — não com sinceridade, pelo menos.

Sem dúvida era só imaginação dele que Brianna se continha nas cartas. Ele dispensava os excessos da namorada de um amigo, que chegava a enviar os próprios pelos pubianos numa carta — apesar de admirar o sentimento por trás do gesto.

Ele mordeu o sanduíche e mastigou distraidamente, pensando na última matéria que Fiona havia mostrado a ele. Agora casada,

ela se considerava uma especialista em assuntos matrimoniais, e tinha um interesse fraternal no namoro complicado de Roger.

Sempre recortava dicas úteis de revistas femininas e as enviava para ele. A última tinha sido uma matéria da *My Weekly*, intitulada "Como Confundir um Homem". *Fique por dentro*, Fiona escrevera na margem.

"Tenha os mesmos interesses que ele", era uma das dicas. "Se você acha que futebol é perda de tempo, mas ele ama o esporte, sente-se com ele e pergunte quais são as chances do Arsenal esta semana. Se futebol é chato, *e/e* não é."

Roger sorriu meio desanimado. Ele tinha os mesmos interesses que Brianna, se localizar os pais dela na história louca deles pudesse ser considerado um passatempo. Mas havia muito pouco a esse respeito que ele podia contar a ela.

"Seja contida", era outra dica da revista. "Nada desperta mais o interesse de um homem do que um ar reservado. Não permita que ele chegue perto demais cedo demais."

Roger começou a imaginar se Brianna podia estar lendo conselhos parecidos em revistas norte-americanas, mas afastou esse pensamento. Sim, Brianna Randall podia ler revistas de moda — como ele já tinha visto algumas vezes —, mas era tão incapaz desses joguinhos tolos quanto ele.

Não, ela não o ignoraria só para que Roger se interessasse mais por ela. Então de que serviria isso? Certamente, Brianna sabia quanto ele se importava com ela.

Mas será que ela sabia mesmo? Com certa inquietação, Roger se lembrou de outra dica da *My Weekly*.

"Não espere que ele leia sua mente. Dê sinais de como se sente."

Roger mordeu o sanduíche e mastigou, sem saboreá-lo. Bem, ele dera sinais, sim. Expusera a porcária da alma. E ela logo entrara em um avião e partira para Boston.

"Não seja tão agressiva", ele leu a dica 14 e riu. A mulher sentada ao lado dele se afastou um pouco.

Roger suspirou e colocou o sanduíche mordido na bandeja de plástico. Pegou uma xícara do que o refeitório gostava de chamar

de café, mas não bebeu, apenas permaneceu sentado com ela entre as mãos, absorvendo o leve calor.

O problema era que, enquanto acreditava ter conseguido tirar a atenção de Brianna do passado, ele próprio não conseguia ignorá-lo. Claire e o maldito escocês dela o deixavam obcecado. Roger estava tão fissurado por eles que era como se fossem sua própria família.

“Seja sempre sincera”, dica 3. Se ele tivesse sido sincero, se tivesse ajudado Brianna a descobrir tudo, talvez o fantasma de Jamie Fraser estivesse enterrado agora — e Roger estaria com ele.

— Ah, droga! — disse a si mesmo.

A mulher ao lado dele bateu a xícara de café na bandeja e se levantou abruptamente.

— Vá se danar! — disse ela, e se afastou.

Roger olhou para ela por um momento.

— Não se preocupe, acho que já fiz isso — respondeu ele.

25

QUE VENHA A COBRA

Outubro de 1768

Em princípio, eu não tinha nada contra cobras. Elas comiam ratos, o que era louvável, algumas eram ornamentais, e a maioria era esperta o bastante para ficar longe. Viva e deixe viver era minha filosofia básica.

Por outro lado, isso era teoria. Na prática, eu tinha várias coisas contra a enorme serpente enrolada no assento do banheiro. Além de me incomodar muito no momento, ela não estava comendo ratos nem era esteticamente agradável, de um tom cinza com manchas mais escuras.

Mas minha maior objeção a ela era o fato de ser uma cascavel. Imaginava que, por um lado, isso era algo bom. Foi somente o chacoalhar dos seus guizos que me impediu de me sentar em cima dela logo ao amanhecer.

O primeiro som me deixou paralisada dentro do pequeno banheiro. Estiquei uma perna para trás, procurando a porta. A cobra não gostou disso. Fiquei paralisada de novo quando o chacoalhar de alerta ficou mais alto. Conseguia ver a ponta do rabo aparecendo como um dedo grosso amarelo em meio às voltas do seu corpo.

Minha boca estava seca como papel. Eu a mordi por dentro, tentando reunir um pouco de saliva.

Qual era seu comprimento? Eu me lembrei de quando Brianna me disse — ao ler seu manual de Escoteiras Mirins — que a cascavel conseguia atacar a uma distância de até um terço do comprimento do seu corpo. Menos de sessenta centímetros

separavam minhas coxas cobertas pela camisola da cabeça achatada com olhos sem pálpebras.

Teria um metro e oitenta? Era impossível saber, mas as voltas do corpo redondo com músculos sob escamas davam a impressão ruim de que ela era enorme. Era uma cobra muito grande, e o medo de ser picada nas partes íntimas se me mexesse foi o suficiente para fazer com que eu ficasse parada.

Mas não podia ficar ali para sempre. Deixando outras considerações de lado, o choque de ver a cobra não diminuía nem um pouco a urgência de minhas funções corporais.

Eu tinha uma leve noção de que as cobras eram surdas. Talvez eu pudesse gritar pedindo ajuda. Mas e se não fossem? Havia aquela história de Sherlock Holmes a respeito da cobra que reagia a um assovio. Talvez a cobra considerasse o assovio inofensivo, pelo menos. Cuidadosamente, contraí os lábios e assoprei. Nenhum som saiu.

— Claire? — disse alguém atrás de mim. — O que diabos está fazendo?

Eu me sobressaltei com o som, assim como a cobra — ou, pelo menos, ela se moveu repentinamente, flexionando o corpo no que pareceu um ataque iminente.

Fiquei paralisada na porta e a cobra parou de se mexer, exceto pelo balançar crônico do seu guizo, como o toque irritante de um alarme que não parava.

— Tem uma maldita cobra aqui dentro — respondi entre dentes, tentando nem mexer os lábios.

— Bem, por que está aí? Dê um passo para o lado e eu vou tirá-la. — Ouvi os passos de Jamie se aproximando.

A cobra também o ouviu — obviamente ela *não era* surda — e retomou o som.

— Ah — disse Jamie, com um tom de voz diferente. Ouvi um farfalhar quando ele parou atrás de mim. — Fique parada, Sassenach.

Não tive tempo para responder a esse conselho, pois uma pedra pesada logo passou pelo meu quadril e acertou o meio do

corpo da cobra. Ela se enrolou de um jeito a parecer um nó górdio, remexeu-se, revirou-se e caiu dentro da caixa com um baque forte.

Não esperei para parabenizar o guerreiro vitorioso, mas me virei e corri para a primeira moita que vi, com a barra molhada de sereno enrolando-se nos meus tornozelos.

Voltei alguns minutos depois mais recomposta e encontrei Jamie e Ian juntos dentro do banheiro — disputando um espaço muito limitado, devido ao tamanho dos dois —, e Ian estava agachado em cima do banco com uma tocha de pinheiro enquanto Jamie se inclinava sobre o buraco, espiando em suas profundezas.

— Elas sabem nadar? — perguntou Ian, tentando ver além da cabeça de Jamie sem pôr fogo nos cabelos do tio.

— Não sei — respondeu Jamie desconfiado. — Talvez sim. O que quero saber é se podem pular.

Ian se afastou e então riu com certo nervosismo, sem saber ao certo se Jamie estava brincando.

— Consigo ver uma coisa. Me dê a tocha. — Jamie pegou a ripa de pinheiro de Ian e a abaixou em direção ao buraco. — Se o fedor não apagar a chama, podemos acabar incendiando o espaço — disse ele, abaixando-se. — Mas agora onde está o demônio...

— Ali! Estou vendo! — gritou Ian.

Os dois se aproximaram e bateram as cabeças com força. Jamie largou a tocha, que caiu dentro do buraco e logo foi apagada. Uma leve fumaça subiu lá de dentro, como incenso.

Jamie saiu do banheiro com as mãos na testa, os olhos fechados de dor. Ian se recostou na parede do lado de dentro com as mãos no topo da cabeça, fazendo comentários nervosos em gaélico.

— Ela ainda está viva? — perguntei ansiosamente, olhando na direção do banheiro.

Jamie abriu um dos olhos e me encarou entre os dedos.

— Ah, minha cabeça está bem, obrigado — disse ele. — Espero que meus ouvidos parem de zumbir na próxima semana.

— Pronto, pronto — falei com calma. — Seria preciso um malho para machucar seu crânio. Deixe-me ver.

Afastei os dedos dele e abaixei sua cabeça, tocando com cuidado os cabelos grossos. Havia um pequeno ponto sensível logo acima da linha dos cabelos, mas não sangrava.

Beijei o lugar e dei um tapinha em sua cabeça.

— Você não vai morrer. Não disso, pelo menos.

— Ah, que bom — disse Jamie de modo seco. — Preferiria morrer com uma picada de cobra na próxima vez que me sentar para cuidar de minhas necessidades.

— É uma cobra venenosa, não? — perguntou Ian, tirando as mãos da cabeça. Inspirou profundamente, enchendo o peito de ar fresco.

— Peçonhenta — corrigiu Jamie. — Se algo morder você e deixá-lo mal, é peçonhento. Se você morder algo e se sentir mal, é venenoso.

— Ah, sim — disse Ian, ignorando o pedantismo. — É uma cobra maléfica, então?

— Muito maléfica — respondi, estremeando. — O que você vai fazer a respeito? — perguntei, virando-me para Jamie.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu? E por que eu deveria fazer alguma coisa?

— Não pode simplesmente deixá-la ali!

— Por que não? — perguntou ele, erguendo a outra sobrancelha.

Ian coçou a cabeça distraidamente, fez uma careta ao encontrar o galo resultante do choque com a cabeça de Jamie e parou.

— Bem, não sei, tio Jamie — disse ele desconfiado. — Se quiser que uma cobra peçonhenta fique grudada nas suas bolas é problema seu, mas só de pensar nisso fico com medo. Ela é muito grande?

— Tem um tamanho considerável. — Jamie flexionou o punho, mostrando o braço para comparar.

— Credo! — disse Ian.

— Você *não sabe* se elas não pulam — interrompi para ajudar.

— Sim, eu sei. — Jamie olhou para mim com sarcasmo. — Mas tudo bem, a ideia me deixa um pouco desconfortável. Como

pretende tirá-la?

— Poderia dar um tiro nela — disse Ian, animando-se com a ideia de pegar as tão estimadas pistolas de Jamie. — Não precisaremos tirá-la se pudermos matá-la.

— Ela está... visível? — perguntei com delicadeza.

Jamie coçou o queixo de modo desconfiado. Ele ainda não tinha se barbeado, e os fios vermelhos e curtos pinicaram seu polegar.

— Não muito. Não há muitos dejetos no buraco, mas acho que não dá para vê-la bem para mirar, e detesto errar tiros.

— Poderíamos convidar todos os Hansen para jantar, servir cerveja e afogá-la — sugeri, dizendo o nome de uma família quacre muito numerosa.

Ian começou a rir. Jamie olhou para mim com seriedade e se virou em direção à mata.

— Vou pensar em alguma coisa — disse ele. — Depois do café da manhã.

Felizmente, o café da manhã não foi problemático, pois as galinhas tinham botado nove ovos e o pão crescera satisfatoriamente. A manteiga continuava presa no fundo da despensa, sob a proteção da porca que tinha parido recentemente, mas Ian havia conseguido se enfiar ali e pegar um pote de geleia da prateleira durante o tempo em que permaneci com a vassoura enfiada na boca aberta da porca enquanto ela tentava morder as pernas do rapaz.

— Vou precisar de uma vassoura nova — comentei, olhando para os restos enquanto quebrava os ovos no prato. — Talvez eu vá até os salgueiros perto do riacho hoje.

— Hummm.

Jamie estendeu o braço e procurou na mesa o prato de pão. Estava totalmente concentrado no livro que lia: *História Natural da Carolina do Norte*, de Bricknell.

— Aqui está — disse ele. — Eu sabia que tinha visto algo sobre cascavéis.

Localizando o pão pelo toque, Jamie pegou um pedaço e o usou para enfiar um pedaço grande de ovo na boca. Depois de comer, ele leu em voz alta segurando o livro com uma das mãos enquanto mantinha a outra sobre a mesa.

— “Os índios frequentemente tiram os dentes das cobras, para que, a partir de então, elas nunca mais possam picar. Isso pode ser feito facilmente amarrando um pedaço de pano de lã vermelha na ponta superior de um longo cajado, provocando a cascavel a picá-lo e repentinamente puxando o cajado dela. As presas estarão presas no pano e serão vistas com facilidade por quem estiver presente.”

— Você tem algum pano vermelho, tia? — perguntou Ian, engolindo os ovos mexidos com café de raiz de chicória.

Neguei com a cabeça e espetei as últimas linguças antes de Jamie alcançá-las.

— Tenho das cores azul, verde, amarelo, verde-oliva, branco e marrom. Mas não vermelho.

— Que belo livro, tio Jamie — disse Ian, com aprovação. — Diz mais alguma coisa sobre cobras?

Ele olhou faminto para a mesa, à procura de mais comida. Sem dizer nada, eu estendi o braço e peguei um prato de suflê, que coloquei à frente dele. Ele suspirou feliz e começou a comer enquanto Jamie virava a página.

— Bem, tem uma parte dizendo que as cascavéis atraem esquilos e coelhos.

Jamie tocou o prato, mas não encontrou nada ali. Empurrei os bolinhos em sua direção.

— “É surpreendente observar como essas cobras conseguem atrair esquilos, perdizes e muitos outros animais pequenos e aves, que rapidamente devora. A atração é tamanha entre eles que é possível ver o esquilo ou a perdiz (que viram a cascavel) saltar ou voar de galho em galho até correrem ou pularem diretamente para dentro da boca da serpente, sem força para evitar o inimigo, que nunca sai da posição nem se desenrola enquanto não consegue a presa.”

Sua mão, à procura de alimentos, encontrou os bolinhos. Pegou um deles e olhou para mim.

— Nunca vi uma coisa dessas. Você acha possível?

— Não — respondi, afastando as mechas da testa. — Esse livro tem alguma sugestão útil para lidar com porcos selvagens?

Ele acenou distraidamente na minha direção com os restos do bolinho.

— Não se preocupe. Vou cuidar da porca. — Jamie desviou os olhos do livro por tempo suficiente para olhar para os pratos vazios. — Não tem mais ovos?

— Tem, mas vou levá-los para o nosso convidado no celeiro.

Coloquei duas fatias de pão na pequena cesta que estava preparando e peguei a garrafa de infusão que tinha deixado macerando de uma noite para a outra. A mistura de vara-de-ouro, monarda e bergamota selvagem era verde-escura e tinha cheiro de campos queimados, mas podia ajudar. Não faria mal. Num impulso, peguei o amuleto com pena que a velha Nayawenne me dera; talvez ajudasse o adoentado. Assim como o remédio, não poderia fazer mal.

Nosso convidado era desconhecido, um índio Tuscarora de um vilarejo ao norte. Ele chegara à fazenda muitos dias antes como parte do grupo de caça vindo de Anna Ooka, na trilha dos ursos.

Oferecemos comida e bebida — muitos dos caçadores eram amigos de Ian —, mas ao longo da refeição, percebi que esse homem tinha os olhos vidrados dentro da xícara. Ao analisar de perto, vi que ele sofria de algo que eu tinha certeza se tratar de sarampo, uma doença assustadora naquela época.

Ele insistira em sair com seus companheiros, mas dois deles o trouxeram de volta algumas horas depois, cambaleante e delirando.

Ele estava clara e assustadoramente contagioso. Eu havia preparado para ele uma cama no celeiro recém-construído, e até então vazio, e forcei seus companheiros a irem embora e se lavarem no riacho, um procedimento que eles acharam sem sentido, mas que seguiram antes de partir, deixando o companheiro em minhas mãos.

O índio estava deitado de lado, enrolado embaixo do cobertor. Ele não olhou para mim, mas deve ter ouvido meus passos no caminho. Eu conseguia ouvi-lo bem. Não precisava do meu

estetoscópio improvisado, os roncões dos seus pulmões eram claramente audíveis a seis passos.

— *Comment ça va?* — perguntei e me ajoelhei ao seu lado.

Ele não respondeu. Não era preciso, de qualquer modo. Não precisei ouvir mais nada além da respiração assoviante para diagnosticar a pneumonia, e a aparência dele confirmava a situação — olhos fundos e paralisados, a pele do rosto flácida, tomada pela febre.

Tentei convencê-lo a comer — ele precisava de nutrientes desesperadamente —, mas ele nem virava o rosto. A garrafa de água ao lado estava vazia. Eu trouxera mais, porém não lhe dei logo de cara, pensando que ele poderia beber a infusão por desespero com a sede que sentia.

O índio deu alguns goles, mas parou de engolir, deixando apenas que o líquido verde escorresse pelos cantos da boca. Tentei incentivá-lo em francês, mas ele não aceitou. Nem sequer olhava para mim, apenas além de meu ombro, para o céu da manhã.

Seu corpo magro tremia de desespero. Estava claro que ele se sentia abandonado, deixado para trás para morrer nas mãos de desconhecidos. Senti uma forte ansiedade pensando que ele poderia estar certo — certamente *morreria* se não comesse nada.

Ao menos ele bebia água. Bebia com vontade, secou a garrafa e eu fui ao riacho para enchê-la de novo. Quando voltei, peguei o amuleto do meu cesto e o segurei diante do seu rosto. Pensei ter visto um brilho de surpresa atrás das pálpebras semicerradas — nada tão forte para ser chamado de esperança, mas pelo menos ele olhou para mim pela primeira vez.

Tomada pela inspiração, eu me ajoelhei devagar. Não fazia ideia de como realizar a cerimônia, mas já era médica havia bastante tempo para saber que, embora o poder da sugestão não substituísse os antibióticos, certamente era melhor que nada.

Ergui o amuleto de pena de corvo, virei meu rosto para o céu e solenemente entoiei a coisa mais sonora de que me lembrei, que, por acaso, era a receita do tratamento do dr. Rawlings para um caso de sífilis, escrita em latim.

Despejei um pouco de óleo de lavanda na mão, mergulhei a pena ali e untei as têmporas e a garganta dele enquanto cantava “Blow the Man Down” com uma voz baixa e sinistra. Poderia ajudar na dor de cabeça. Os olhos dele seguiam os movimentos da pena. Eu me sentia como uma cascavel atraindo criaturas, esperando que um esquilo corresse para dentro da minha boca.

Peguei sua mão, coloquei o amuleto untado em óleo na palma e fechei seus dedos ao redor dele. Então, peguei um frasco de banha de urso mentolada e pintei formas místicas em seu peito, tomando o cuidado de esfregar bem com as pontas dos polegares. O cheiro desobstruiu meus seios nasais. Torcia para que ajudasse a congestão do paciente.

Terminei o ritual abençoando solenemente o frasco de infusão com *In nomine Patri, et Filii, et Spiritu Sancti, Amen* e a levei aos lábios do meu paciente. Parecendo meio hipnotizado, ele abriu a boca e obedientemente bebeu o resto.

Puxei o cobertor para cobrir os ombros dele, coloquei a comida que trouxera ao seu lado e o deixei ali, com uma mistura de esperança e sensação de charlatanismo.

Caminhei lentamente à margem do riacho, olhos em alerta como sempre para qualquer coisa incomum. Ainda era muito cedo naquele ano para a maioria das ervas. Na medicina, quanto mais velha e forte fosse a planta, melhor. Várias estações sobrevivendo aos insetos garantia uma concentração mais alta dos princípios ativos de suas raízes e caules.

Além disso, no caso de muitas plantas, eram a flor, o fruto ou a semente que ofereciam uma substância útil, e apesar de eu ter visto *chelone obliqua* e lobélia em meio à lama do caminho, elas já tinham secado havia muito tempo. Gravei a localização com cuidado na mente para referência futura e continuei.

O agrião era abundante; tufos dele flutuavam entre as rochas de toda a margem do rio, e um tapete grande de folhas de pimenta-verde podia ser visto logo à frente. Uma boa área de cavalinha também. Eu viera descalça sabendo que entraria na água

em pouco tempo. Ergui a saia e entrei com cuidado no riacho, com a faca na mão e o cesto no braço, prendendo a respiração ao sentir o frio.

Meus pés perderam toda a sensibilidade em pouco tempo, mas não me importei. Eu me esqueci da cobra no banheiro, da porca na despensa e do índio no galpão, envolvida com a água passando pelas minhas pernas, o toque frio e úmido dos caules e o cheiro das folhas aromáticas.

Libélulas sobrevoavam a mata coberta pelo sol, e peixinhos passavam, pegando mosquitos pequenos demais para eu ver. Um martim-pescador piou alto em algum ponto rio acima, mas estava atrás de uma caça maior. Os peixinhos se espalharam com a minha intrusão, mas voltaram a se unir, cinza e prateados, verdes e dourados, pretos com marcas brancas, tão rápidos quanto as sombras das folhas do ano passado que flutuavam na água. Movimento browniano, pensei, ao ver o lodo se reunir e subir ao redor dos meus tornozelos, escondendo os peixes.

Tudo se movia o tempo todo, desde a menor molécula — mas em seu movimento, dando a impressão paradoxal de letargia, um pequeno caos concentrado abrindo caminho para a ilusão de uma ordem maior geral.

Eu me movi também, participando da dança alegre no rio, sentindo a luz e a sombra mudarem sobre meus ombros, os dedos procurando apoio entre as pedras escorregadias e meio escondidas. As mãos e os pés estavam dormentes pela água. Eu tinha a impressão de ser meio feita de madeira, mas me sentia intensamente viva, como a bétula prateada que brilhava acima de mim ou os salgueiros que espalhavam folhas molhadas na água.

Talvez as lendas dos homens verdes e das ninfas transformadas tenham começado desse modo, pensei: não com as árvores despertando e andando nem com mulheres que se transformaram em madeira —, mas com a submersão da carne quente humana nas sensações mais frias das plantas, esfriadas lentamente até a consciência.

Conseguia sentir meu coração batendo devagar, e o correr meio dolorido do sangue nos dedos. A seiva subindo. Eu me

movimentei com os ritmos da água e do vento, sem pressa nem pensamento consciente, parte da lenta e perfeita ordem do universo.

Eu me esquecera do caos local.

Quando me aproximei dos salgueiros, ouvi um grito além das árvores. Já ouvira sons parecidos feitos por vários animais, de panteras a águias, mas reconhecia uma voz humana quando a ouvia.

Saindo do riacho, subi em meio aos galhos entremeados e cheguei ao espaço aberto mais adiante. Um garoto se remexia na ribanceira acima de onde eu estava, batendo como louco nas pernas e gritando enquanto saltava de um lado para outro.

— O quê...? — comecei, e ele olhou para mim, olhos azuis arregalados com o susto ao me ver.

Ele não estava tão assustado quanto eu. Tinha onze ou doze anos. Era alto e magro como uma muda de pinheiro, com cabelos densos castanho-avermelhados despenteados. Olhos puxados e azuis olhavam para mim com um nariz afilado no meio, olhos tão familiares para mim como a palma da minha mão, apesar de saber que nunca tinha visto essa criança antes.

Meu coração já estava na boca e o frio dos meus pés subira para a boca do estômago. Treinada para reagir mesmo chocada, observei sua aparência — camisa e calça de boa qualidade, mas molhadas, e tornozelos compridos e claros com pontos pretos como manchas de lama.

— Sanguessugas — falei, a calma profissional tomando conta de mim em meio ao conflito interno. *Não pode ser*, eu dizia a mim mesma, ao mesmo tempo que sabia muito bem que era, sim. — São só sanguessugas, elas não vão machucar você.

— Sei o que são! — disse ele. — Tire-as de mim! — Ele deu um tapa no tornozelo, estremeando de nojo. — São nojentas!

— Ah, não são tão horríveis assim — comecei, passando a me controlar. — São úteis em alguns momentos.

— Não me importa se são úteis! — gritou ele, batendo os pés em frustração. — Eu as odeio, tire-as de mim!

— Bem, pare de dar tapas — falei. — Sente-se e eu cuidarei disso.

Ele hesitou, olhando para mim de modo suspeito, mas relutantemente se sentou em uma pedra, estendendo as pernas cheias de sanguessugas à frente do corpo.

— Tire-as *agora!* — disse ele.

— Já, já — respondi. — De onde você veio?

Ele olhou para mim inexpressivo.

— Você não mora perto daqui — continuei com certeza absoluta. — De onde você veio?

Ele fez um esforço claro para se controlar.

— Ah... dormimos em um lugar chamado Salem há três noites. Foi a última cidade que vi. — Ele estremecia as pernas com força. — Tire-as, estou pedindo!

Havia vários métodos de tirar sanguessugas, e a maioria deles era mais ou menos mais prejudicial do que as sanguessugas em si. Dei uma olhada. Havia quatro em uma perna e três na outra. Uma das ferinhas gordas estava quase estourando, rechonchuda e brilhante. Apoiei o polegar embaixo da cabeça dela e a puxei para a minha mão, redonda como uma pedra e pesada por estar cheia de sangue.

O garoto olhou para ela, pálido apesar da pele bronzeada, e estremeceu.

— Não quero desperdiçá-la — falei de modo casual, e fui pegar o cesto que eu deixara embaixo dos galhos ao passar pelas árvores.

Ali perto, vi o casaco dele no chão, sapatos e meias largados com ele. Fivelas simples nos sapatos, mas de prata, não peltre. Bom tecido, não ostensivo, mas com um corte de muito mais estilo do que eu já tinha visto em qualquer lugar ao norte de Charleston. Eu não precisava de confirmação, mas ali estava.

Peguei um punhado de lama, pressionei a sanguessuga delicadamente nela e envolvi a criatura com folhas molhadas. Só então notei que minhas mãos tremiam. O idiota! O traidor, perverso, calculista... o que *diabos* fizera com que ele viesse aqui? E meu Deus, o que Jamie faria?

Voltei até onde o garoto estava, inclinado para a frente, olhando para as sanguessugas restantes com cara de nojo. Mais uma estava quase caindo. Quando me ajoelhei na frente dele, ela caiu, quicando levemente no chão molhado.

— Eca! — disse ele.

— Onde está seu padrasto? — perguntei abruptamente.

Poucas coisas poderiam ter tirado a atenção dele de suas pernas, mas isso tirou. Ele levantou a cabeça e olhou para mim assustado.

Era um dia frio, mas uma camada fina de suor cobria seu rosto. Era mais estreito nas bochechas e têmporas, pensei, e a boca era bem diferente. Talvez a semelhança não fosse tão forte quanto eu pensava.

— Como você me conhece? — perguntou ele, levantando-se com um ar de presunção que seria extremamente engraçado em outras circunstâncias.

— Tudo o que sei a seu respeito é que seu nome é William. Estou certa?

Cerrei os punhos ao lado do corpo e esperava estar errada. Se ele *fosse* William, isso não era tudo o que eu sabia sobre ele.

Ele corou e me encarou com olhos intensos, a atenção temporariamente distraída das sanguessugas por ter sido abordado de modo tão familiar por uma pessoa que — e de repente me dei conta — mais parecia uma velha desleixada com as saias erguidas. Ou ele tinha bons modos ou a disparidade entre minha voz e minha aparência o deixou atento, porque engoliu a resposta imediata que lhe ocorreu.

— Sim, é — disse ele de modo breve. — William, visconde Ashness, nono conde de Ellesmere.

— Tudo isso? — perguntei educadamente. — Bonito.

Peguei uma sanguessuga com o polegar e o indicador e a puxei delicadamente. A criatura se esticou como um elástico grosso, mas se recusou a se soltar. A pele clara do menino foi puxada, e ele emitiu um grunhido.

— Solte! — disse ele. — Ela vai estourar!

— Verdade. — Eu me levantei e abaixei a saia, me ajeitando. — Venha — falei, estendendo a mão. — Levarei você para a casa. Se eu espirrar um pouco de sal nelas, elas se soltarão de uma vez.

Ele recusou a mão, mas ficou de pé, um pouco trêmulo. Olhou ao redor, como se procurasse alguém.

— Papai — explicou ao ver minha expressão. — Erramos o caminho e ele mandou que eu esperasse perto do rio enquanto se certificava a respeito de nossa direção. Não quero que ele se assuste por não me encontrar aqui quando voltar.

— Não tem problema — disse. — Imagino que ele terá encontrado a casa sozinho até lá. Não fica longe. — Eu tinha quase certeza, pois aquela era a única casa a alguma distância, e no fim de uma trilha bem marcada. Lorde John deixara o garoto enquanto seguia em frente, para encontrar Jamie — e alertá-lo. Muito cuidadoso. Meus lábios se contraíram involuntariamente.

— Seria a casa dos Fraser? — perguntou o menino. Deu um passo desajeitado para não encostar uma perna na outra. — Viemos à procura de um tal de James Fraser.

— Sou a sra. Fraser — falei e sorri para ele. *Sua madrasta*, eu poderia ter acrescentado, mas não acrescentei. — Venha.

Ele me seguiu em meio às árvores em direção à casa, quase pisando em meus calcanhares com a pressa. Eu fui tropeçando em raízes de árvores e pedras meio enterradas, sem olhar por onde andava, lutando contra a vontade de me virar e olhar para ele. Se William, visconde Ashness, nono conde de Ellesmere, não fosse a última pessoa que eu esperava ver na mata da Carolina do Norte, seria a penúltima, com certeza — o rei George tinha um pouco menos de chance de aparecer à nossa porta, eu acho.

O que dera naquele... naquele... Eu pensei, tentando escolher entre muitos adjetivos ruins para aplicar a lorde John Grey e desisti para tentar pensar no que deveria fazer. Desisti disso também. Não havia nada que eu *pudesse* fazer.

William, visconde Ashness, nono conde de Ellesmere. Ou pensava ser. *E o que você pretende fazer*, pensei em silêncio e com

raiva imaginando lorde John Grey, *quando ele descobrir que é, na verdade, o filho bastardo de um criminoso escocês? E mais importante — o que o criminoso escocês vai fazer? Ou sentir?*

Parei, fazendo o menino trombar em mim, apesar de ter tentado evitar o choque.

— Desculpe — falei. — Pensei ter visto uma cobra.

Então segui, com a ideia que me fizera parar ainda apertando meu peito. Será que lorde John havia trazido o garoto de propósito para revelar a verdade? Pretendia deixá-lo aqui com Jamie... conosco?

Por mais assustadora que eu considerasse a ideia, não conseguia relacioná-la com o homem que eu conhecera na Jamaica. Eu podia ter muitos motivos para não gostar de John Grey — afinal, era muito difícil sentir simpatia por um homem que admitira sentir desejo homossexual pelo meu marido —, mas tinha que admitir que não vira nenhum traço de descuido nem crueldade em seu caráter. Pelo contrário, ele havia passado a imagem de um homem sensível, gentil e honrado — ou pelo menos até eu descobrir suas predileções em relação a Jamie.

Alguma coisa havia acontecido? Alguma ameaça ao garoto que fizera lorde John temer pela sua segurança? Certamente ninguém poderia ter descoberto a verdade sobre William. Ninguém sabia, além de lorde John e Jamie. E eu, claro, acrescentei quando pensei melhor. Sem a evidência da semelhança — mais uma vez controlei a vontade de me virar e olhar para ele —, não havia motivos para alguém suspeitar.

Mas vê-los lado a lado — bem eu os veria lado a lado em breve. A ideia me fez sentir um aperto no peito, uma mistura de medo e ansiedade. Será que essa semelhança era mesmo tão forte quanto eu pensava?

Fiz um rápido desvio pelo corniso baixo, uma desculpa para me virar e esperar por ele. O menino veio atrás de mim, abaixando-se desengonçadamente para pegar o sapato de fivela prateada que derrubara.

Não, pensei ao vê-lo se endireitar, o rosto corado por ter se abaixado. Não era tão grande quanto pensei no começo. Ele tinha a

mesma estrutura óssea de Jamie, mas ainda não estava totalmente revelada — tinha os contornos, mas não o recheio. Seria muito alto — isso era claro —, mas agora tinha aproximadamente a minha altura, era desajeitado e esguio, os membros muito compridos e finos o bastante para parecerem quase delicados.

Também era muito mais moreno do que Jamie. Apesar de seus cabelos ficarem vermelhos sob a luz do sol que passava pelos galhos, eram de um tom castanho-avermelhado profundo, bem diferente dos cabelos ruivos de Jamie, e sua pele tinha adquirido um tom marrom dourado pelo sol, muito diferente da pele vermelha de Jamie.

Mas tinha os olhos puxados de gato dos Fraser, e havia algo no formato da sua cabeça, a posição dos ombros magros, que me fazia pensar em...

Bree. Levei um choque, como uma corrente de eletricidade. Ele se parecia um pouco com Jamie, mas foram as minhas lembranças de Brianna que me causaram aquele susto de reconhecimento instantâneo assim que o vi. Apenas dez anos mais jovem do que ela, os contornos infantis do seu rosto eram muito mais parecidos com os dela do que com os de Jamie.

Ele havia parado para desembaraçar uma mecha de cabelo de um galho de corniso. Agora, estava perto de mim, com uma sobrelance erguida.

— Está longe? — perguntou ele.

A cor retornara ao seu rosto com o cansaço da caminhada, mas ainda parecia um pouco enjoado e não olhava para as pernas.

— Não — disse. Fiz um gesto em direção ao vale das nogueiras. — É logo ali. Veja. Dá para ver a fumaça da chaminé.

Ele não esperou ser guiado, mas começou a apertar o passo, ansioso para se livrar das sanguessugas.

Eu o segui depressa, não queria que ele chegasse à cabana na minha frente. Fui tomada por um misto de sensações inquietantes: primeiro, a ansiedade por Jamie; um pouco depois, a raiva por John Grey. Abaixo disso, uma curiosidade intensa. E, nesse ponto, tão baixo que eu quase podia fingir que não existia, havia uma pontada

de saudade da minha filha, cujo rosto nunca pensei que veria de novo.

Jamie e lorde John estavam sentados no banco perto da porta. Quando ouviram nossos passos, Jamie se levantou e olhou na direção da mata. Ele tivera tempo para se preparar. Olhou casualmente para o menino e então para mim.

— Ah, Claire. Encontrou nosso outro visitante, então. Eu mandei Ian procurar vocês. Claire, se lembra de lorde John, certo?

— Como me esqueceria? — eu disse, sorrindo para o homem.

Seus lábios tremeram levemente, mas ele manteve o rosto sério quando se abaixou em minha direção. Como um homem conseguia ficar tão impecavelmente bem-arrumado depois de vários dias em cima de um cavalo, dormindo na mata?

— Ao seu dispor, sra. Fraser. — Ele olhou para o menino, franzindo o cenho levemente ao ver seu estado. — Permita-me apresentar meu enteado, lorde Ellesmere. E William, já vi que você conheceu nossa bondosa anfitriã, então cumprimente nosso anfitrião, o capitão Fraser.

O garoto se remexia sem parar, quase dançando na ponta dos pés. Mas, diante do pedido, inclinou a cabeça na direção de Jamie.

— Ao seu dispor, capitão — disse ele, e então lançou um olhar agoniado para mim, totalmente ciente de nada além do fato de o seu sangue estar sendo chupado sem parar.

— Podem nos dar licença? — eu disse educadamente e levei o garoto pelo braço para dentro da cabana e fechei a porta com firmeza diante da cara surpresa dos dois. William logo se sentou no banquinho que indiquei e estendeu as pernas, tremendo.

— Depressa! — disse ele. — Por favor, depressa!

Não havia sal moído. Peguei a faca e cortei um pedaço do bloco com pressa, joguei-o dentro do pilão e o amassei em grãos com movimentos apressados do almofariz. Amassando os grãos entre os dedos, eu espalhei o sal em cima de cada sanguessuga.

— Bastante cruel para as pobres sanguessugas — falei, ao ver a primeira delas lentamente se encolher formando uma bola. — Mas resolve.

A sanguessuga se soltou e rolou para longe da perna de William, seguida de modo parecido pelas outras, que se remexeram agonizando no chão.

Peguei os corpinhos e os joguei no fogo, então me ajoelhei na frente dele, mantendo a cabeça baixa enquanto William retomava a compostura.

— Deixe-me cuidar das picadas — falei.

Pequenas linhas de sangue desciam pelas pernas dele. Eu as sequei com um pano limpo e então lavei as pequenas feridas com vinagre e erva-de-são-joão para parar o sangramento.

Ele suspirou profundamente quando sequei suas pernas.

— Não que eu tenha medo de... de sangue — disse ele com um tom de coragem que deixava claro que ele tinha medo, sim. — É que elas são criaturas asquerosas.

— Coisinhas chatas — concordei.

Eu me levantei, peguei um pano limpo, molhei-o na água e casualmente limpei seu rosto manchado. E então, sem perguntar, peguei minha escova e comecei a escovar seus cabelos.

Ele parecia muito assustado com essa familiaridade, mas além da tensão inicial da coluna, não protestou, e quando comecei a ajeitar seus cabelos, ele suspirou de novo, e deixou os ombros relaxarem um pouco.

A pele dele era quente, e meus dedos, ainda frios da água do rio, se esquentaram enquanto eu ajeitava as mechas macias dos cabelos sedosos de William. Eram fios grossos e levemente ondulados. Havia um redemoinho no topo da sua cabeça, uma volta delicada que me deu leve vertigem ao olhar. Jamie tinha o mesmo redemoinho, no mesmo lugar.

— Perdi minha fita — disse ele, olhando ao redor vagamente, como se uma fita fosse aparecer da estante ou do tinteiro.

— Tudo bem. Vou emprestar uma para você.

Terminei de trançar os cabelos dele e os preendi com um pedaço de fita amarela, tomada, enquanto fazia isso, por uma estranha vontade de protegê-lo.

Eu tomara conhecimento de sua existência alguns anos antes, e se havia pensado nele desde então, não sentira mais do que uma

pontada de curiosidade misturada a ressentimento. Mas agora algo — talvez a semelhança que ele tinha com a minha filha, sua semelhança com Jamie ou simplesmente o fato de eu ter cuidado dele brevemente — me dera uma sensação esquisita de preocupação por ele, quase posse.

Ouvi o barulho das vozes do lado de fora. Uma risada repentina, e minha irritação em relação a John Grey voltou com força. Como ousava arriscar Jamie e William... e para quê? Por que o maldito estava *aqui*, em uma mata inadequada para alguém como ele...

A porta se abriu e Jamie espiou lá dentro.

— Vocês estão bem? — perguntou ele.

Olhou para o menino com uma expressão de preocupação no rosto, mas vi sua mão segurando a porta com força e a linha de tensão em sua expressão. Jamie estava muito tenso.

— Muito bem — respondi de modo agradável. — Você acha que lorde John quer beber alguma coisa?

Coloquei a chaleira com água para ferver e — suspirando discretamente —, peguei o último pão, que eu pretendia usar no próximo experimento de penicilina. Sentindo que era um caso de emergência, peguei também a última garrafa de conhaque. Então, coloquei o vidro de geleia sobre a mesa, explicando que a manteiga infelizmente estava sob a custódia da porca no momento.

— Porca? — perguntou William, parecendo confuso.

— Na despensa — respondi, indicando a porta fechada.

— Por que vocês mantêm... — começou ele, e então se endireitou e fechou a boca, obviamente depois de receber um chute embaixo da mesa de seu padraço, que sorria simpaticamente segurando a xícara.

— É muita gentileza nos receberem, sra. Fraser — disse lorde John, lançando um olhar de repreensão ao enteado. — Peço desculpas por termos chegado inesperadamente. Espero que não estejamos incomodando muito.

— Nem um pouco — disse, pensando onde nós os colocaríamos para dormir.

William podia ficar no barracão com Ian. Não era pior do que dormir no chão, como ele vinha fazendo. Mas pensar em dormir na cama com Jamie, com lord John na cama de rodízios quase ao lado...

Ian, com o forte instinto para refeições, apareceu nesse momento delicado da conversa, e foi apresentado, em meio à confusão de explicações e cumprimentos no espaço restrito, e acabou derrubando a chaleira.

Usando esse pequeno desastre como desculpa, mandei Ian mostrar a William as atrações da mata e do riacho, com sanduíches com geleia e uma garrafa de sidra para que dividissem. E então, livre da presença que me inibia, enchi os copos com conhaque, sentei-me de novo e olhei para John Grey com os olhos semicerrados.

— O que está fazendo aqui? — perguntei sem preâmbulos.

Ele arregalou os olhos azuis e então abaixou os cílios longos para piscar para mim.

— Não vim com a intenção de seduzir seu marido, isso eu garanto — disse ele.

— John! — Jamie bateu o punho na mesa com uma força que fez as xícaras tremerem. Suas faces estavam muito vermelhas, e ele franzia o cenho furioso.

— Desculpe — Grey, por outro lado, empalidecera, apesar de continuar visivelmente controlado. Pensei, pela primeira vez, que ele estava tão nervoso quanto Jamie com esse encontro. — Peço desculpas, senhora — disse ele com um leve meneio em minha direção. — Isso foi imperdoável. Mas posso dizer, no entanto, que desde que nos encontramos a senhora tem olhado para mim como se tivesse me encontrado jogado na sarjeta do lado de fora de uma casa de perdição. — Agora, ele também corava levemente.

— Desculpe — eu disse. — Avise da próxima vez e cuidarei da minha expressão.

Ele se levantou de repente e foi até a janela, onde permaneceu de costas para nós, as mãos apoiadas no parapeito. Fez-se um silêncio muito desconfortável. Eu não queria olhar para Jamie.

Então comecei a prestar muita atenção à garrafa de sementes de erva-doce que estava sobre a mesa.

— Minha esposa morreu — disse ele abruptamente. — No navio entre a Inglaterra e a Jamaica. Ela estava vindo para ficar comigo.

— Sinto muito — disse Jamie baixinho. — O garoto estava com ela?

— Sim. — Lorde John voltou a se virar, recostando-se no parapeito, de modo que o sol da primavera emoldurou sua cabeça, dando-lhe uma auréola brilhante. — Willie era... muito ligado a Isobel. Ela foi a única mãe que ele teve desde que nasceu.

A mãe verdadeira de Willie, Geneva Dunsany, havia morrido no parto. Seu suposto pai, o conde de Ellesmere, morrera no mesmo dia, em um acidente. Jamie já havia me contado essa história. Assim, a irmã de Geneva, Isobel, cuidara do menino órfão, e John Grey havia se casado com Isobel quando Willie tinha seis anos mais ou menos — na época, Jamie deixara o emprego nos Dunsany.

— Sinto muito — falei, com sinceridade, e não me referia apenas à morte da esposa dele.

Grey olhou para mim e meneou a cabeça em agradecimento.

— Meu mandato de governador estava quase no fim. Eu pretendia me fixar na ilha, se o clima agradasse à minha família. Mas... — Ele deu de ombros. — Willie ficou arrasado com a perda da mãe. Parecia adequado distrair sua mente de qualquer modo que eu conseguisse. Uma oportunidade apareceu quase de imediato. Entre as terras de minha esposa, há uma grande propriedade na Virgínia, que ela reservara a William. Com sua morte, o caseiro me pediu orientações sobre a plantação.

Ele se afastou da janela, aproximando-se lentamente da mesa onde estávamos.

— Não podia decidir o que fazer com a propriedade sem vê-la e avaliar as condições. Então, decidi que deveríamos ir a Charleston, e a partir de lá, viajar à Virgínia por terra. Acreditava que a novidade da experiência tiraria William de seu pesar — e fico feliz por ver que parece ter dado certo. Ele tem se mostrado muito mais feliz essas últimas semanas.

Abri a boca para dizer que a Cordilheira dos Fraser não pareceria ser o lugar adequado, mas pensei melhor.

Ele pareceu adivinhar o que eu estava pensando, pois sorriu para mim brevemente. Eu teria que cuidar melhor da minha expressão. Jamie ler meus pensamentos era uma coisa, e nada desagradável, de modo geral. Mas permitir que desconhecidos percebessem o que eu estava pensando era algo totalmente diferente.

— Onde fica a terra? — perguntou Jamie, com um pouco mais de tato, mas com a mesma intenção.

— A cidade mais próxima se chama Lynchburg, no rio James. — Lorde John olhou para mim, ainda irônico, mas com o bom humor aparente restaurado. — São só alguns dias de desvio em nossa viagem para chegar aqui, apesar do isolamento do seu ninho.

Ele olhou para Jamie, franzindo o cenho levemente.

— Disse a Willie que você é um velho conhecido meu, de quando eu era soldado. Acredito que não se importe com a mentira.

Jamie balançou a cabeça, esboçando um sorriso.

— Mentira, não é? Eu não me importo com o que disser nessas circunstâncias. E, até onde sei, é bastante verdade.

— Acha que ele não vai se lembrar de você? — perguntei a Jamie.

Ele já tinha sido cuidador dos cavalos na propriedade de Willie; um prisioneiro de guerra depois da Revolução Jacobita.

Jamie hesitou, mas então balançou a cabeça.

— Acho que não. Ele só tinha seis anos quando saí de Helwater. Já faz muito tempo, e para um garoto, mais tempo ainda. E não haveria motivo para ele se lembrar de um cuidador chamado MacKenzie, muito menos relacionar o nome a mim.

Willie não reconheceria Jamie ao vê-lo, certamente, mas estava muito preocupado com as sanguessugas para prestar atenção a qualquer pessoa que fosse. Um pensamento me ocorreu, e eu me virei para lorde John, que estava mexendo na caixa de rapé que havia tirado do bolso.

— Diga — eu disse, tomada por um impulso repentino. — Não quero perturbá-lo, mas... você sabe como sua mulher morreu?

— Como? — Ele pareceu assustado com a pergunta, mas se recompôs depressa. — Ela morreu de disenteria, ou assim disse sua aia. — Ele entortou um pouco a boca. — Não foi... uma morte tranquila, creio eu.

Disenteria, não é? Era um sintoma comum a diversas doenças, como amebíase e cólera.

— Foi tratada por um médico? Algum profissional tomou conta dela?

— Sim — disse ele, com certo exagero. — O que quer dizer com isso, senhora?

— Nada — respondi. — É só que me perguntei se foi onde Willie viu as sanguessugas serem usadas.

Ele demonstrou compreender.

— Ah, entendo. Não tinha pensado...

Nesse momento, vi Ian, que estava parado na porta, obviamente relutante em interromper, mas com um olhar de urgência.

— Quer alguma coisa, Ian? — perguntei, interrompendo lorde John.

Ele balançou a cabeça, os cabelos castanhos em movimento.

— Não, eu agradeço, tia. É só que... — Ele lançou um olhar impotente a Jamie. — Bem, sinto muito, tio, eu sei que não deveria tê-lo deixado fazer isso, mas...

— O quê? — Assustado com o tom de voz de Ian, Jamie já estava de pé. — O que você fez?

O rapaz torceu as mãos juntas, estalando os nós dos dedos de vergonha.

— Bem, sabe, o lorde pediu para ir ao banheiro, então contei a ele sobre a cobra, e que seria melhor que ele fosse no mato. Então, ele foi, mas aí, quis ver a cobra, e... e...

— Ele foi picado? — perguntou Jamie com ansiedade.

Lorde John, que estava prestes a perguntar a mesma coisa, olhou para ele.

— Ah, não! — Ian parecia surpreso. — Não conseguimos vê-la no começo, porque estava escuro lá dentro. Então, tiramos a tampa para ver com mais luz. Vimos a cobra com clareza, e então a

cutucamos com um galho comprido, e ela começou a se mexer, como estava escrito naquele livro, mas não parecia muito interessada em morder. E... e... — Ele lançou um olhar a lorde John e engoliu em seco fazendo barulho. — Foi culpa minha — disse ele, endireitando os ombros da melhor maneira para aceitar a culpa. — Eu disse que tinha pensado em dar um tiro nela antes, mas não queríamos gastar bala. E então, o lorde disse que pegaria a pistola de seu pai da bolsa na sela para acabar logo com o bicho. E assim...

— Ian — disse Jamie entre dentes. — Pare de enrolar agora mesmo e me diga o que fez com o rapaz. Você não atirou nele por engano, não é?

Ian pareceu ofendido com o questionamento da qualidade de sua mira.

— Claro que não! — disse ele.

Lorde John tossiu educadamente, evitando mais recriminações.

— Teria a bondade de me dizer onde está meu filho neste momento?

Ian respirou fundo e visivelmente se preparou para o pior.

— Ele está dentro do buraco — disse ele. — Tem alguma corda, tio Jamie?

Com uma economia admirável de palavras e atitudes, Jamie chegou à porta em dois passos e desapareceu, seguido de perto por lorde John.

— Ele está lá dentro *com* a serpente? — perguntei, procurando depressa dentro do cesto de roupas por algo que pudesse usar como torniquete, se fosse o caso.

— Ah, não, tia — garantiu Ian. — Você não pode achar que eu o deixaria ali com a serpente. Melhor eu ir ajudar — disse e também desapareceu.

Corri atrás dele e encontrei Jamie e lorde John lado a lado na porta do banheiro, conversando com suas profundezas. Na ponta dos pés para espiar por cima do ombro de lorde John, vi a ponta de um comprido galho de chicória saindo pela beira do buraco. Prendi a respiração. Os movimentos de lorde Ellesmere tinham remexido o conteúdo da caixa, e o fedor foi suficiente para irritar minhas membranas nasais.

— Ele disse que não está machucado — falou Jamie, afastando-se do buraco e desenrolando a corda do ombro.

— Muito bem — eu disse. — Mas onde está a cobra? — Olhei nervosa para a casinha, mas não vi nada além das pranchas de cedro e os cantos escuros do poço.

— Ela foi por ali — apontou Ian, fazendo um gesto vago para o caminho pelo qual eu tinha vindo. — O menino não conseguiu atirar direito, então mexi na criatura com o galho e a infeliz se virou e foi para cima de mim, bem no galho! Ela me assustou, então eu gritei e a soltei, e empurrei o garoto, e... bem, foi assim que aconteceu — concluiu ele.

Tentando evitar os olhos de Jamie, ele foi até o buraco e, inclinando-se, gritou:

— Ei! Que bom que você não quebrou o pescoço!

Jamie lançou-lhe um olhar que deixava claro que se algum pescoço fosse quebrado... mas evitou fazer mais comentários concentrando-se em tirar William logo de dentro do buraco. Esse procedimento foi realizado sem mais incidentes, e o candidato a atirador de elite foi retirado, segurando-se à corda como uma lagarta em uma folha.

Por sorte, havia dejetos em quantidade suficiente no fundo do buraco para amortecer sua queda. Aparentemente, o nono conde de Ellesmere tinha caído de cara. Lorde John ficou de pé por um momento no caminho, secando as mãos na calça e examinando o ser incrustado de sujeira à sua frente. Ele passou as costas da mão na boca, tentando esconder um sorriso ou tapar o nariz.

E então, seus ombros começaram a chacoalhar.

— Quais são as notícias do Submundo, Perséfone? — perguntou ele, sem conseguir falar totalmente sério.

Os dois olhos azuis puxados estavam em fúria na máscara de sujeira que escondia os traços do lorde. Era uma expressão totalmente Fraser, e eu senti náusea ao ver aquilo. Ao meu lado, Ian tossiu de repente. Ele olhou depressa para o conde e para Jamie e de novo para os dois, então me viu olhando para ele e controlou a expressão para ficar totalmente sério, mas não parecia natural.

Jamie estava dizendo algo em grego e lorde John respondeu na mesma língua, com isso, os dois começaram a rir muito. Tentando ignorar Ian, eu olhei na direção de Jamie. Ainda chacoalhando os ombros controlando o riso, ele achou adequado me explicar.

— Epicarpo — explicou ele. — No Oráculo de Delfos, os seguidores depois da Iluminação jogavam uma píton morta dentro da cova e então ficavam ali, respirando a fumaça enquanto ela era queimada.

Lorde John declamou fazendo um gesto expansivo.

— “O espírito em direção aos céus, o corpo à terra.”

William soltou o ar com força pelo nariz, exatamente como Jamie fazia quando provocado. Ian se remexeu ao meu lado. Minha nossa, pensei, nervosa. O garoto não tem nada em comum com a mãe?

— E você atingiu algum conhecimento espiritual resultante da sua recente experiência m-mística, William? — perguntou lorde John, tentando se controlar, sem sucesso.

Ele e Jamie estavam corados, querendo rir, um riso que eu acreditava ser resultado tanto do alívio da tensão nervosa quanto do conhaque ou da hilaridade.

O lorde, irritado, arrancou o lenço do pescoço e o jogou no caminho, espirrando sujeira no chão. Agora, Ian ria com nervosismo também, incapaz de se conter. Os músculos da minha barriga estavam se contraindo por causa do esforço, mas vi que as partes de carne expostas acima da gola de William eram da cor dos tomates maduros perto do banheiro. Sabendo muito bem o que costumava acontecer com um Fraser quando este alcançava aquele nível de ira, pensei que chegara o momento de separar o grupo.

— Aham — falei, pigarreando. — Permitam-me, senhores? Apesar de ser ignorante acerca da filosofia grega, tem um epigrama que conheço muito bem.

Entreguei a William o jarro de sabão de lixívia que eu trouxera no lugar do torniquete.

— Píndaro — falei. — “Água é melhor.”

Em meio à sujeira, vi uma leve expressão do que poderia ser gratidão. O lorde fez uma reverência a mim, com muita educação, e

então se virou, olhou para Ian com raiva e atravessou a grama em direção ao riacho, pingando. Parecia ter perdido os sapatos.

— Pobre coitado — disse Ian, balançando a cabeça com tristeza. — Vai precisar de dias até se livrar do fedor.

— Sem dúvida. — Os lábios de lorde John estavam tremendo, mas a vontade de declamar poesia grega parecia ter desaparecido, substituída por preocupações menores. — Você sabe o que aconteceu com minha pistola, a propósito? Aquela que William estava usando antes do infeliz acidente?

— Ah. — Ian parecia desconfortável. Ergueu o queixo na direção do buraco. — Eu... ah... bem, temo que...

— Compreendo. — Lorde John esfregou seu queixo imaculadamente barbeado.

Jamie olhou para Ian longamente.

— Ah... — disse Ian, afastando-se um ou dois passos.

— Pegue-a — disse Jamie, num tom que não admitia objeção.

— Mas... — disse Ian.

— Agora — disse o tio, e largou a corda suja aos pés dele.

O pomo de adão de Ian desceu e subiu. Ele olhou para mim, com os olhos arregalados como os de um coelho.

— Tire suas roupas primeiro — falei para ajudar. — Não queremos ter que queimá-las, certo?

PRAGA E PESTILÊNCIA

Saí da casa um pouco antes do pôr do sol para ver meu paciente no celeiro. Ela não estava melhor nem pior, visivelmente. A mesma respiração difícil e febre alta. Mas dessa vez, os olhos fundos encontraram os meus quando entrei no espaço e se mantiveram fixos em mim enquanto eu o examinava.

Ele ainda estava com o amuleto de penas de corvo na mão. Eu o toquei e sorri para ele, e então lhe dei mais líquido. Ainda não queria comer, mas tomou um pouco de leite e engoliu mais uma dose do meu antitérmico sem protestar. Ele permaneceu sem se mexer durante o exame e enquanto bebia, mas quando comecei a torcer um pano quente para passar em seu peito, de repente, ele esticou uma mão e segurou meu braço.

Ele bateu no peito com a outra mão e emitiu um murmúrio estranho. Isso me deixou um pouco confusa, até perceber o que ele estava murmurando.

— É mesmo? — perguntei. Peguei o saco de ervas e o coloquei em cima do pano quente. — Bem, tudo bem. Vou pensar.

Escolhi “Onward, Christian Soldiers”, que ele pareceu gostar. Fui obrigada a cantá-la três vezes até ele parecer satisfeito e se deitar com uma tosse baixa, envolvido nas fumaças da cânfora.

Parei fora da casa, limpando as mãos com cuidado com o frasco de álcool que eu levava. Tinha certeza de que estava protegida do contágio — eu tivera sarampo na infância —, mas não queria correr o risco de infectar ninguém.

— Falaram sobre um surto de sarampo em Cross Creek — disse lorde John, quando contei a Jamie sobre a situação de nosso

hóspede. — É verdade, sra. Fraser, que o selvagem é menos capaz de lidar com a infecção do que os europeus, enquanto os escravos africanos são mais resistentes do que seus senhores?

— Depende da infecção — falei, espiando dentro do caldeirão e mexendo o ensopado. — Os índios são muito mais resistentes às doenças parasitárias — malária, por exemplo — causadas por organismos daqui, e os africanos lidam melhor com coisas como dengue — que veio com eles da África, afinal. Mas os índios não têm resistido muito bem às pragas europeias, como varíola e sífilis.

Lorde John pareceu um pouco assustado, o que me deu uma certa sensação de satisfação. Evidentemente, ele só tinha perguntado por gentileza, não esperava que eu soubesse alguma coisa.

— Que fascinante — disse ele, parecendo realmente interessado. — Refere-se a organismos? Então, concorda com a teoria do sr. Evan Hunter sobre as criaturas miasmáticas?

Agora, foi a minha vez de ficar surpresa.

— Hum... não exatamente, não — eu disse, e mudei de assunto.

Tivemos uma noite bem agradável, com Jamie e lorde John contando histórias de caça e pesca, com comentários a respeito da incrível abundância do interior, enquanto eu costurava meias.

Willie e Ian jogaram xadrez, e Ian venceu, para sua evidente satisfação. O pequeno lorde bocejou e, ao ver o olhar rígido do pai, tentou cobrir a boca, mas já era tarde. Ele relaxou e abriu um sorriso sonolento de satisfação, trazido pela completude. Ele e Ian haviam comido um bolo inteiro de uva-passa, depois do enorme jantar.

Jamie viu e ergueu uma sobrancelha a Ian, que levou Willie para dormir. Eles dividiriam a cama de Ian no barracão das ervas. Dois a menos, pensei, sem olhar para a cama. Mas faltam três.

No momento, o problema delicado da hora de dormir foi resolvido quando me retirei, vestida modestamente — ou pelo menos com minha camisola —, enquanto Jamie e lorde John foram jogar xadrez, bebendo o resto do conhaque à luz da lareira.

Lorde John sabia jogar xadrez muito melhor do que eu — ou assim deduzi pelo fato de o jogo ter demorado uma hora inteira. Jamie normalmente conseguia me derrotar em vinte minutos. O jogo foi feito em silêncio na maior parte do tempo, mas eles conversavam de vez em quando.

Por fim, lorde John fez uma jogada, recostou-se e se espreguiçou, como se estivesse concluindo algo.

— Imagino que você não terá grande perturbação no lado político, aqui em seu refúgio na montanha — observou ele casualmente.

Lorde John olhou para o tabuleiro, pensando.

— Invejo você, Jamie. Livre das dificuldades tolas que afligem os mercadores e o povo das Terras Baixas. Se sua vida tem dificuldades, como sempre é o caso, você tem o consolo de saber que suas lutas são significativas e heroicas.

Jamie grunhiu brevemente.

— Ah, sim. Muito heroicas, com certeza. No momento, minha luta mais heroica tem chances de ser com a porca na despensa. — Ele acenou em direção ao armário, com uma sobrancelha erguida. — Vai mesmo fazer essa jogada?

Grey semicerrou os olhos para Jamie e então olhou para baixo, observando o tabuleiro com lábios contraídos.

— Sim, vou — respondeu ele com firmeza.

— Droga — disse Jamie, e com um sorriso, esticou a mão e virou o rei, resignado.

Grey riu e pegou a garrafa de conhaque.

— Droga! — exclamou ele por sua vez ao encontrá-la vazia.

Jamie riu, levantou-se e caminhou até o armário.

— Experimente um pouco disto — disse ele, e eu ouvi o gorgolejo musical do líquido sendo derramado no copo.

Grey levou o copo ao nariz, inspirou e espirrou no mesmo instante, respingando gotículas sobre a mesa.

— Não é vinho, John — observou Jamie com calma. — Você precisa beber, está bem? Não cheirar.

— Percebi. Meu Deus, o que é isso? — Grey sentiu o cheiro de novo, mais cuidadosamente, e bebericou com cuidado. Engasgou,

mas engoliu. — Minha nossa — disse ele de novo.

Sua voz estava rouca. Ele riu, pigarreou e colocou o copo sobre a mesa, olhando para ele como se pudesse explodir.

— Não me diga — falou ele. — Deixe-me adivinhar. É uísque escocês?

— Em dez anos, mais ou menos, pode ser que seja — respondeu Jamie, servindo-se de um copo. Tomou um gole pequeno, passou o líquido dentro da boca e engoliu, balançando a cabeça. — No momento, é álcool, mas é só o que digo.

— Sim, é — concordou Grey, bebendo mais um gole pequeno. — Onde você conseguiu isso?

— Eu fiz — disse Jamie, com o orgulho modesto de um mestre. — Tenho doze barris dessa coisa.

Grey ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso.

— Imaginando que não pretenda limpar suas botas com ele, posso saber o que pretende fazer com doze barris *disso*?

Jamie riu.

— Comercializar — disse ele. — Vender, quando der. Já que os impostos e a licença para produzir bebidas são algumas das preocupações políticas tolas que não me afetam, devido ao nosso isolamento — acrescentou com ironia.

Lorde John grunhiu, tentou beber de novo e colocou o copo na mesa.

— Bem, pode ser que escape dos impostos, garanto a você, já que o agente mais próximo está em Cross Creek. Mas não posso dizer que acredito ser uma prática segura. Posso saber a quem está vendendo essa mistura formidável? Não aos selvagens, certo?

Jamie deu de ombros.

— Só quantidades muito pequenas, um cantil ou dois por vez, como presente ou em permuta. Nada além do que deixaria um homem bêbado.

— Muito inteligente. Já ouviu as histórias, acredito. Conversei com um homem que sobreviveu ao massacre em Michilimackinac durante a guerra com os franceses. Ela foi causada — em parte, pelo menos — por uma grande quantidade de bebida que caiu nas mãos de um grande grupo de índios no forte.

— Também soube disso — disse Jamie com seriedade. — Mas temos boas relações com os índios próximos e não são tantos assim. E sou cuidadoso.

— Hum. — Ele tomou mais um gole e fez uma careta. — Acredito que o risco é maior se envenenar um deles do que se embriagar uma multidão. — Lorde John pousou o copo na mesa e mudou de assunto. — Soube de boatos em Wilmington de um grupo descontrolado de homens chamado Reguladores, que aterrorizam o interior e causam problemas com conflitos. Já viu algo desse tipo aqui?

Jamie riu.

— Aterrorizam o quê? Esquilos? Há o interior, John, e há a mata. Certamente você notou a falta de habitações em sua viagem para cá.

— Notei algo do tipo — concordou lorde John. — E, mesmo assim, também ouvi boatos a respeito da presença de vocês aqui, de que era em parte uma influência para reprimir o crescimento da ilegalidade.

Jamie riu.

— Acho que ainda vai demorar até haver alguma ilegalidade para eu reprimir. Apesar de ter chegado a derrubar um velho agricultor alemão que estava abusando de uma jovem em um moinho no rio. Ele acreditava que ela havia dado chance — o que não tinha acontecido —, e eu não consegui convencê-lo do contrário. Mas essa é minha única tentativa até agora de manter a ordem pública.

Grey riu e pegou o rei caído.

— Estou aliviado por saber disso. Quer redimir sua honra com outra partida? Não posso esperar que o mesmo truque funcione duas vezes, afinal.

Eu rolei para o lado, de frente para a parede, e olhei para a lenha sem conseguir dormir. A luz da lareira iluminou as marcas em forma de asa do machado, estendendo-se por cada lenha, regulares como marolas na praia.

Tentei ignorar a conversa que acontecia atrás de mim, me distrair com a lembrança de Jamie acertando os troncos e cortando

a lenha, de dormir em seus braços sob o abrigo de uma parede meio queimada, sentindo a casa subir ao meu redor, envolvendo-me no calor e na segurança, a personificação permanente de seu abraço. Sempre me sentia segura e calma com essa visão, mesmo quando estava sozinha na montanha, sabendo que estava protegida pela casa que ele construía para mim. Mas esta noite não estava funcionando.

Permaneci deitada, tentando pensar no que havia de errado comigo. Ou melhor, não o que, mas o *porquê*. Eu sabia agora o que era: ciúme.

Estava sentindo ciúme, de fato. Uma emoção que não sentia havia anos, e me assustei ao senti-la agora. Eu me deitei de costas e fechei os olhos, tentando afastar o murmúrio da conversa.

Lorde John estava sendo muito cortês comigo. Mais do que isso, tinha sido inteligente, cuidadoso — totalmente charmoso, na verdade. E ouvi-lo conversando de modo inteligente, cuidadoso e charmoso com Jamie causava um nó no meu estômago e me fazia cerrar os punhos por baixo da colcha.

Você é uma idiota, eu disse a mim mesma. *Qual é o seu problema?* Tentei relaxar, respirando pelo nariz, os olhos fechados.

Em parte, era Willie, claro. Jamie era muito cuidadoso, mas eu tinha visto sua expressão quando olhava para o menino em momentos distraídos. O corpo todo era tomado por uma alegria tímida, orgulho misturado com reserva; e meu coração doía quando eu via aquilo.

Ele nunca olharia para Brianna, sua primogênita, da mesma maneira. Nunca a veria. Não era culpa sua, mas, ainda assim, parecia muito injusto. Ao mesmo tempo, eu não podia me ressentir com a alegria que ele sentia com seu filho — e não me ressentiria, disse a mim mesma com firmeza. O fato de eu sentir saudade ao olhar para o menino, com aquele rosto forte e bonito parecido com o da irmã, era problema meu. Não tinha nada a ver com Jamie nem com Willie. Nem com John Grey, que trouxera o garoto aqui.

Para quê? Era o que eu vinha pensando desde que havia me recuperado do primeiro choque, assim que eles apareceram, e

ainda era o que estava em minha mente. O que *diabos* o homem queria?

A história a respeito da propriedade na Virgínia podia ser verdade — ou apenas uma desculpa. Ainda que fosse verdade, era um desvio considerável ir para a Cordilheira dos Fraser. Por que ele se dera ao trabalho de trazer o menino aqui? E correria muitos riscos. Willie claramente não tinha notado a semelhança que até mesmo Ian percebera, mas e se tivesse? Seria tão importante para Grey mostrar que estava cuidando de uma obrigação de Jamie?

Virei para o outro lado e abri um olho, observando os dois diante do tabuleiro, o ruivo e o loiro, concentrados. Grey moveu um peão e se recostou, passando a mão na nuca, sorrindo para si mesmo com o efeito do movimento da peça. Ele era um homem bonito. Fino e magro, mas com um rosto forte e bem delineado e uma boca bonita e sensível que muitas mulheres sem dúvida invejariam.

Grey era melhor ainda em disfarçar a expressão do que Jamie. Eu ainda não vira nenhum olhar incriminador seu. Já vira antes, uma vez, na Jamaica, e não tinha dúvidas a respeito dos seus sentimentos por Jamie.

Por outro lado, eu também não tinha qualquer dúvida a respeito dos sentimentos de Jamie em relação a isso. O peso em meu peito diminuía um pouco, e eu respirei mais fundo. Por mais que eles ficassem ali, bebendo e conversando, seria para a *minha* cama que Jamie viria.

Abri as mãos, e foi naquele momento, quando passei as palmas contra minhas coxas, que percebi chocada por que lorde John me afetava tão fortemente.

As palmas das minhas mãos tinham sido marcadas pelas unhas, uma linha fina de meias-luas pulsantes. Durante anos, sentira a mesma coisa depois de cada jantar, de cada noite em que Frank passava “trabalhando no escritório”. Durante anos, passara noites deitada sozinha numa cama de casal, desperta no escuro, as unhas se afundando nas palmas, esperando que ele voltasse.

E ele voltava. Em defesa de Frank, ele sempre voltava antes do amanhecer. Às vezes, encontrava minhas costas numa reprovação

fria; outras, um corpo exigente, desafiando-o a recusá-lo, para que provasse sua inocência com o corpo — julgamento por combate. Na maioria das vezes, ele aceitava o desafio. Mas não resolvia.

Ainda assim, nenhum de nós falava sobre isso à luz do dia. Eu não podia, não tinha esse direito. Frank não podia. Ele se vingava.

Às vezes, meses se passavam — até um ano ou mais — entre os episódios, e ficávamos em paz juntos. Mas então, acontecia de novo. Os telefonemas disfarçados, as ausências muito justificadas, a volta para casa tarde da noite. Nunca nada explícito como o perfume de outra mulher ou batom na gola — ele era discreto. Mas sempre senti o fantasma da outra mulher, independentemente de quem fosse. Uma mulher sem rosto e sem forma.

Eu sabia que não importava quem fosse — havia muitas delas. A única coisa importante era que ela não era eu. E eu permanecia deitada com os punhos cerrados, as marcas das minhas unhas como uma pequena crucificação.

O murmúrio da conversa perto da lareira quase desaparecera. O único som era o arrastar das peças de xadrez em movimento.

— Está satisfeito? — perguntou lorde John de repente.

Jamie parou por um momento.

— Tenho tudo o que um homem pode querer — disse ele baixinho. — Uma casa, um trabalho honroso. Minha esposa ao meu lado. Saber que meu filho está seguro e é bem cuidado. — Então, ele olhou para Grey. — E um bom amigo. — Ele esticou o braço, segurou a mão de lorde John e a soltou. — Não quero mais nada.

Fechei os olhos de modo decidido e comecei a contar carneirinhos.

Fui acordada um pouco antes do amanhecer por Ian, agachado ao lado da cama.

— Tia — disse ele delicadamente, com uma mão em meu ombro. — É melhor você vir comigo. O homem no celeiro está muito mal.

Eu me levantei por reflexo, enrolei-me em minha capa e andei atrás de Ian, descalça, até minha mente começar a funcionar de

modo consciente. Não que a habilidade de diagnosticar se fizesse necessária. Eu conseguia ouvir a respiração laboriosa a três metros.

O conde estava na porta, o rosto magro e assustado à luz cinza.

— Vá embora — disse a ele rispidamente. — Não deve ficar perto dele. Nem você, Ian. Vão para casa, peguem água quente do caldeirão, minha caixa e panos limpos.

Willie logo se mexeu, disposto a se afastar dos sons assustadores que vinham do celeiro. Ian permaneceu ali com o rosto tomado de preocupação.

— Acho que não pode ajudá-lo, tia — disse ele baixinho.

Olhou diretamente em meus olhos, com uma compreensão muito madura.

— Provavelmente não — eu disse, respondendo-lhe da mesma maneira. — Mas não posso não fazer nada.

Ele respirou fundo e assentiu.

— Sim. Mas eu acho... — Ele hesitou, e então continuou quando eu assenti. — Acho que não deve dar remédio a ele. Ele vai morrer, tia. Ouvimos uma coruja à noite — e ele ouviu também. É sinal de morte para eles.

Olhei para a forma alongada e escura da porta, mordendo o lábio. A respiração estava rasa e ruidosa, com pausas assustadoramente longas entre elas. Olhei para Ian.

— O que os índios fazem quando alguém está morrendo? Você sabe?

— Cantam — disse ele depressa. — O xamã passa tinta no rosto e canta para que a alma da pessoa encontre segurança, para que os demônios não a levem.

Hesitei, meu instinto de fazer *alguma coisa* em conflito com minha convicção de que agir seria fútil. Eu tinha o direito de tirar desse homem a paz em sua morte? Pior, deixá-lo com medo de que sua alma seria perdida pela minha interferência?

Ian não esperou o resultado da minha reflexão. Abaixou-se e pegou um pouco de terra, que misturou com saliva para fazer lama. Sem falar nada, enfiou o dedo na mistura e traçou uma linha da minha testa até a ponte do meu nariz.

— Ian!

— Shh — sussurrou, franzindo o cenho para se concentrar. — Acho que é assim. — Ele traçou duas linhas em cada face e uma em zigue-zague descendo pelo lado esquerdo da minha mandíbula. — É o que me lembro da maneira correta. Só vi uma vez, e de longe.

— Ian, isso não é...

— Shh — repetiu ele, pousando a mão em meu braço para que eu parasse de protestar. — Aproxime-se dele, tia. Não vai assustá-lo. Ele está acostumado com você, não?

Passei a mão numa gota na ponta do nariz, sentindo-me muito tola. Mas não havia tempo para discussão. Ian me empurrou de leve e eu me virei para a porta. Entrei na escuridão do celeiro, me abaixei e pousei a mão no homem. Sua pele estava quente e seca, a mão flácida como couro desgastado.

— Ian, pode falar com ele? Diga seu nome, diga que está tudo bem.

— Não deve dizer o nome dele, tia. Isso chama os demônios.

Ian pigarreou e disse algumas palavras com sons guturais. A mão que eu segurava se mexeu um pouco. Meus olhos já tinham se acostumado, eu vi o rosto do homem marcado por um leve olhar de surpresa ao ver a pintura de lama.

— Cante, tia — pediu Ian com a voz baixa. — *Tantum ergo*, talvez. Era mais ou menos isso.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer, afinal. Impotente, comecei.

— *Tantum ergo, sacramentum...*

Poucos segundos depois, minha voz se estabilizou e eu me agachei, cantando lentamente, segurando a mão dele. O cenho franzido relaxou, e um olhar do que pensei ser calma surgiu em seus olhos fundos.

Eu já testemunhara muitas mortes, causadas por acidentes, guerra, doença ou causas naturais, e já tinha visto homens morrerem de muitas maneiras, desde a aceitação filosófica ao protesto violento. Mas nunca vira ninguém morrer desse jeito.

Ele simplesmente esperou, olhando em meus olhos, até eu terminar a música. Então, virou o rosto em direção à porta, e

quando o sol que nascia o iluminou, ele deixou seu corpo, sem contrair um músculo nem dar o suspiro final.

Permaneci parada, segurando a mão flácida até perceber que também estava prendendo minha respiração.

O ar ao meu redor parecia estagnado, como se o tempo tivesse parado por um momento. Mas é claro que tinha parado, pensei, e me forcei a respirar. Havia parado para o homem para sempre.

— O que faremos com ele?

Não havia mais nada que pudesse ser feito pelo nosso hóspede. A única pergunta no momento era como poderíamos lidar com seus restos mortais.

Eu conversara com lorde John, e ele tinha levado Willie para colher morangos na cordilheira. Apesar de a morte do índio não ter sido nada horrível, gostaria que Willie não a tivesse visto. Não era uma cena para uma criança que vira a mãe morrer poucos meses antes. Lorde John parecia abatido — talvez um pouco de sol e ar fresco ajudasse os dois.

Jamie franziu o cenho e passou a mão pelo rosto. Ainda não tinha se barbeado, e a barba por fazer fazia um som áspero.

— Devemos dar a ele um enterro decente, claro.

— Bom, acho que não podemos deixá-lo aqui no galpão, mas será que o povo dele se importaria se nós o enterrássemos aqui? Você sabe como eles tratam seus mortos, Ian?

Ian ainda estava um pouco pálido, mas surpreendentemente controlado. Balançou a cabeça e tomou um gole de leite.

— Não sei muito bem, tia. Mas já vi um homem morrer, como disse. Eles o envolveram em uma pele de veado e fizeram uma procissão pelo vilarejo, cantando, e então levaram o corpo para dentro da mata e o colocaram em uma plataforma acima do chão e o deixaram ali secando.

Jamie parecia pouco animado com a ideia de ter corpos mumificados dispostos nas árvores perto da chácara.

— Acho que talvez fosse melhor envolver o corpo decentemente e levá-lo ao vilarejo, para que seu povo possa cuidar

dele da forma adequada.

— Não, não podemos fazer isso — falei.

Tirei a fôrma de muffins recém-assados do forno holandês e enfiei um palito em um bolinho marrom. O palito saiu limpo, então coloquei a panela sobre a mesa e me sentei. Franzi o cenho para o jarro de mel que brilhava sob o sol do fim da manhã.

— O problema é que o corpo certamente ainda pode infectar pessoas. Você não o tocou, não é, Ian? — Olhei para Ian, que balançou a cabeça, parecendo calmo.

— Não, tia. Não depois de ele adoecer. Antes disso, não me lembro. Estávamos todos juntos, caçando.

— E você nunca teve sarampo. Droga. — Passei a mão pelos cabelos. — Já teve? — perguntei a Jamie.

Para meu alívio, ele balançou a cabeça em sinal de afirmação.

— Sim, quando tinha cinco anos mais ou menos. E você diz que a pessoa não pega a mesma doença duas vezes. Então, não haverá problema se eu tocar o corpo dele?

— Não, nem eu. Também já tive essa doença. A questão é que não podemos levá-lo ao vilarejo. Não sei por quanto tempo o vírus do sarampo — é um tipo de germe — consegue resistir nas roupas e num corpo, mas como podemos explicar ao povo dele que eles não devem tocá-lo nem se aproximar dele? E não podemos correr o risco de eles serem infectados.

— O que me preocupa — disse Ian inesperadamente —, é que ele não é de Anna Ooka, é de um vilarejo do norte. Se nós o enterrarmos aqui do modo comum, seu povo pode ficar sabendo e pensar que o matamos de algum modo e então o enterramos para esconder o fato.

Era uma possibilidade sinistra que não me ocorrera, e eu tinha a sensação de que uma mão fria estava pousada na minha nuca.

— Mas você não acha que eles fariam isso, certo?

Ian deu de ombros, abriu um muffin quente e despejou mel dentro dele.

— O povo de Nacognaweto confia em nós, mas Myers disse que muitos não confiariam. Eles têm motivos para desconfiar, não é?

Considerando que a maioria dos Tuscarora tinha sido exterminada numa guerra horrorosa com os colonizadores da Carolina do Norte menos de cinquenta anos antes, eu acreditava que eles tinham razão. Mas isso não ajudava em nada na situação atual.

Jamie engoliu o resto do muffin e se recostou com um suspiro.

— Bem, acho que o melhor a fazer é envolver o pobre homem numa espécie de mortalha e colocá-lo na pequena caverna no monte, acima da casa. Já dispus as madeiras para o estábulo na abertura. Isso manterá os animais afastados. Então, Ian ou eu podemos ir a Anna Ooka e explicar a questão a Nacognaweto. Talvez ele mande alguém para ver o corpo e garantir ao povo do homem que ele não viu sinais de violência... e então poderemos enterrá-lo.

Antes que eu pudesse responder à sugestão, ouvi passos de alguém correndo em nossa direção. Eu tinha deixado a porta entreaberta, para que a luz e o ar entrassem. Quando me virei para ela, o rosto de Willie apareceu na abertura, pálido e consternado.

— Sra. Fraser! Por favor, pode vir comigo? Meu pai está doente.

— Ele pegou isso do índio? — Jamie franziu o cenho para lorde John, a quem havíamos despido e colocado na cama. Seu rosto estava, ao mesmo tempo, corado e pálido. Os sintomas que eu havia relacionado ao estresse emocional.

— Não, não pode ser. O período de incubação é de uma a duas semanas. Onde vocês estavam... — Eu me virei para Willie, e então dei de ombros, ignorando a pergunta.

Eles tinham viajado. Não havia como saber onde nem quando Grey tinha entrado em contato com o vírus. Os viajantes costumavam dormir juntos em camas nas hospedarias, e os lençóis raramente eram trocados. Seria fácil deitar-se numa cama e acordar no dia seguinte com os germes de qualquer doença, de sarampo a hepatite.

— Você disse que houve uma epidemia de sarampo em Cross Creek, certo? — Apoiei a mão na testa de Grey. Acostumada como

estava a medir febres só com o toque, eu diria que ele estava com uma febre bem alta, de quase trinta e nove graus.

— Sim — disse ele com rouquidão e tossiu. — Estou com sarampo? Willie precisa ficar longe.

— Ian... leve Willie para fora, por favor — pedi.

Torci um pano molhado com água de flor de sabugueiro e o passei no rosto e no pescoço de Grey. Ainda não havia manchas vermelhas em seu rosto, mas quando pedi para que ele abrisse a boca, os pequenos pontos brancos dos sinais de Koplik na gengiva puderam ser vistos com clareza.

— Sim, você está com sarampo — falei. — Há quanto tempo está se sentindo mal?

— Eu estava me sentindo meio zozzo quando me deitei ontem à noite — disse ele, e tossiu de novo. — Acordei com dor de cabeça no meio da noite, mas pensei ter sido por causa do tal uísque de Jamie. — Ele deu um breve sorriso a Jamie. — E então, hoje cedo... — Espirrou, e eu logo peguei um lenço limpo.

— Sim, entendo. Bem, tente descansar um pouco. Coloquei um pouco de casca de salgueiro para ferver. Vai ajudar com a dor de cabeça. — Eu me levantei e ergui uma sobancelha para Jamie, que saiu comigo. — Não podemos deixar Willie perto dele — falei com a voz baixa para não ser ouvida. Willie e Ian estavam perto do estábulo, colocando feno no comedouro dos cavalos. — Nem Ian. Ele pode infectá-los.

Jamie franziu o cenho.

— Sim. O que você disse, no entanto, sobre a incubação...

— Sim. Ian pode ter sido exposto por ter ficado perto do homem que morreu, Willie pode ter sido exposto à mesma fonte de lorde John. Pode ser que um deles já esteja doente, mas sem apresentar os sintomas ainda. — Eu me virei para olhar para os dois garotos, aparentemente tão saudáveis quanto os cavalos que estavam alimentando. Hesitei enquanto arquitetava um plano vago. — Acho que talvez seria melhor você acampar fora da cabana com os meninos esta noite. Podem dormir no barracão de ervas ou no arvoredo. Espere um dia ou dois. Se Willie estiver infectado, se foi exposto à mesma fonte de lorde John, ele provavelmente vai ter

sintomas até lá. Caso contrário, então é provável que esteja bem. Se ele estiver bem, você e ele poderiam ir a Anna Ooka para contar a Nacognaweto sobre o morto. Assim, Willie ficaria fora de perigo.

— E Ian poderia ficar aqui para cuidar de você? — Ele franziu o cenho, pensando, e então assentiu. — Sim, acho que pode ser.

Jamie se virou para olhar para Willie. Por mais inescrutável que conseguia ser quando queria, eu o conhecia muito bem e detectei um brilho de emoção em seu rosto.

Ele parecia preocupado quando ergueu as sobrancelhas. Preocupado com John Grey e talvez comigo ou com Ian. Mas, além disso, havia algo muito diferente, interesse misturado à apreensão, pensei, com a ideia de passar vários dias sozinho com o garoto.

— Se ele ainda não percebeu, não vai perceber — falei com delicadeza, apoiando a mão em seu braço.

— Não — respondeu ele, ficando de costas para o menino. — Acho que é bem seguro.

— Dizem que há males que vêm para o bem — observei. — Você poderá conversar com ele sem se sentir estranho. — Fiz uma pausa. — Só uma coisa antes de você ir.

Ele colocou a mão sobre a minha, que estava apoiada em seu braço, e sorriu.

— Sim. O que é?

— Tire aquela porca da despensa, por favor.

PESCA DE TRUTAS NA AMÉRICA

A viagem começou desanimada. Primeiro, porque estava chovendo. Em segundo lugar, Jamie não gostava de deixar Claire em circunstâncias tão difíceis. Em terceiro lugar, ele estava muito preocupado com John. Não gostou nada da cara do homem quando o deixou, meio inconsciente e ofegando como uma baleia, seus traços tão vermelhos a ponto de estar irreconhecível.

E em quarto lugar, o nono conde de Ellesmere tinha acabado de lhe dar um soco no rosto. Ele pegou o garoto pelo cangote e o chacoalhou, forte o bastante para fazer seus dentes rangerem.

— Pronto — disse ele, soltando-o.

O menino se desequilibrou e se sentou de repente. Olhou para o rapaz sentado na lama perto do espaço dos animais. Eles estavam discutindo sem parar nas últimas vinte e quatro horas, e Jamie já estava cansado.

— Sei bem o que você disse. Mas o que *eu* disse é que você vai comigo. Já falei o motivo, e isso é tudo.

O rosto do garoto se fechou em uma careta feroz. Não era fácil intimidá-lo, mas então Jamie pensou que condes não estavam acostumados a ser enfrentados.

— Não vou embora! — repetiu o menino. — Você não pode me obrigar! — Ele ficou de pé, com os dentes cerrados, e se virou em direção à cabana.

Jamie esticou um braço, pegou o garoto pela gola da blusa e o puxou de volta. Ao ver que William se preparava para chutá-lo, Jamie franziu o cenho e deu um soco na boca do estômago do

garoto. William arregalou os olhos e se inclinou para a frente, levando a mão à barriga.

— Não chute — disse Jamie. — É falta de educação. E posso obrigá-lo, sim.

O rosto do conde estava muito vermelho e sua boca se abria e fechava como a de um peixe assustado. O chapéu caíra, e a chuva agora molhava as mechas de fios escuros.

— É muito leal da sua parte querer ficar com seu padrasto — prosseguiu Jamie, secando a água do rosto —, mas não conseguirá ajudá-lo, e pode acabar se prejudicando se ficar. Então, não vai ficar.

Pelo canto do olho, ele viu de relance um movimento quando a pele untada da janela da cabana foi afastada e abaixada. Era Claire, sem dúvida querendo entender por que eles ainda não tinham partido.

Jamie segurou o conde por um dos braços que não ofereceram resistência e o levou a um dos cavalos com sela.

— Suba — disse ele, e teve a satisfação de ver o garoto apoiar um pé relutante no estribo e montar. Jamie jogou o chapéu do garoto para ele, pegou o seu e também montou. Como precaução, no entanto, segurou as duas rédeas enquanto eles partiam.

— Você, senhor — disse uma voz enfurecida atrás dele —, é um brutamontes!

Jamie estava dividido entre a irritação e a vontade de rir, mas não cedeu a nenhuma das duas. Lançou um olhar por cima do ombro, para ver William também virado, inclinado, meio fora da sela.

— Não tente fazer isso — avisou ao garoto, que se endireitou abruptamente e olhou para ele. — Não gostaria de amarrar seus pés nos estribos, mas farei isso se precisar, não pense que não.

O garoto semicerrou os olhos em triângulos azul-claros, mas evidentemente levou Jamie a sério. Manteve a mandíbula contraída, mas os ombros relaxaram um pouco em sinal de derrota temporária.

Eles cavalgaram em silêncio pela maior parte da manhã, com a chuva escorrendo pelo pescoço e pesando nos ombros de suas

capas. Willie podia ter aceitado a derrota, mas não o fez de bom grado. Ainda estava emburrado quando eles apearam para comer, mas pelo menos buscou água sem reclamar, e guardou os restos da refeição enquanto Jamie dava água aos cavalos.

Jamie olhou para ele disfarçadamente, mas não havia sinal de sarampo. O rosto do conde estava fechado e sem marcas, e apesar de estar com o nariz escorrendo, isso parecia ser apenas devido aos efeitos do clima.

— Quanto falta? — perguntou o menino.

Era meio da tarde quando a curiosidade de William superou sua teimosia. Jamie já tinha devolvido as rédeas ao garoto há algum tempo, porque não havia mais perigo de ele tentar voltar sozinho.

— Dois dias, talvez — respondeu Jamie.

Em um terreno montanhoso como aquele entre a Cordilheira e Anna Ooka, eles avançariam mais depressa a pé do que a cavalo. Mas por estarem a cavalo, puderam levar algumas pequenas conveniências, como uma chaleira, mais alimentos e duas varas de pescar. E vários pequenos presentes aos índios, incluindo um jarro de uísque feito em casa para ajudar a aliviar as más notícias que levavam.

Não havia motivos para correrem, mas havia alguns para demorarem. Claire dissera a ele com firmeza para não levar Willie de volta nos próximos seis dias, pelo menos. Até lá, John não poderia mais infectá-los. Já estaria se recuperando — ou teria morrido.

Claire parecera muito confiante, garantindo a Willie que seu padrasto ficaria bem, mas ele vira a preocupação em seus olhos. Jamie sentiu um vazio logo abaixo das costelas. Talvez fosse bom que estivesse partindo. Não poderia ajudar, e a doença sempre trazia uma sensação de impotência que o deixava temeroso e irritado.

— Esses índios... são *amigáveis*? — Ele ouvia o tom de dúvida na voz de Willie.

— Sim — afirmou.

Sentiu que Willie esperava que ele completasse com “meu senhor” e sentiu certa satisfação perversa em não corresponder à

expectativa. Virou a cabeça do cavalo para o lado e diminuiu o ritmo, um convite para que Willie se aproximasse dele. Jamie sorriu quando o garoto fez isso.

— Nós os conhecemos há mais de um ano, e já nos hospedamos na casa deles. Sim, o povo de Anna Ooka é mais cortês e hospitaleiro do que as pessoas que conheci na Inglaterra.

— Você viveu na Inglaterra? — O menino olhou para ele surpreso, e Jamie se arrependeu da falta de cuidado, mas, felizmente, o garoto estava mais interessado nos peles-vermelhas do que na história pessoal de James Fraser, e a pergunta passou com uma resposta vaga.

Ele ficou feliz ao ver o garoto abandonar a preocupação e começar a se interessar pelo ambiente ao redor. Fez o melhor que pôde para incentivá-lo, contando histórias dos índios e apontando sinais de animais conforme avançavam, e ficou feliz ao ver que William conseguia ser civilizado, pelo menos.

Ele próprio gostou de poder conversar. Estava com a cabeça cheia e o silêncio não seria confortável. Se o pior acontecesse — se John morresse —, o que aconteceria com Willie? Ele sem dúvida voltaria à Inglaterra e iria morar com a avó, e Jamie não teria mais notícias dele.

John era a única pessoa, além de Claire, que sabia a verdade sobre a paternidade de Willie. Era possível que a avó de Willie pelo menos suspeitasse da verdade, mas nunca, em nenhuma circunstância, admitiria que o neto pudesse ser o filho bastardo de um traidor jacobita e não o filho legítimo do falecido conde.

Ele rezou rapidamente a Santa Brígida pela saúde de John Grey e tentou afastar a preocupação da sua mente. Apesar de suas apreensões, estava começando a aproveitar a viagem. A chuva diminuía e agora só garoava, e a floresta estava tomada pelo cheiro das folhas molhadas e frescas e do musgo escuro.

— Está vendo os arranhões no tronco daquela árvore? — Ele indicou com o queixo uma noqueira grande cujo casco estava retalhado, mostrando vários cortes brancos paralelos, a cerca de 1,80m do chão.

— Sim. — Willie tirou o chapéu, bateu-o contra a perna para derrubar a água e então se inclinou para a frente a fim de analisar mais de perto. — Um animal fez isso?

— Um urso — disse Jamie. — E foi há pouco... a seiva ainda não secou nos cortes.

— Está perto? — Willie olhou ao redor, parecendo mais curioso do que assustado.

— Não está perto — disse Jamie —, caso contrário, os cavalos estariam nervosos. Mas próximo o suficiente, sim. Fique de olho. Provavelmente veremos suas fezes ou pegadas.

Não, se John morresse, esse elo tênue com William seria rompido. Ele já se resignara à situação havia muito tempo, e aceitara a necessidade sem reclamar, mas se sentiria muito mal se o sarampo roubasse não apenas seu amigo mais próximo, mas toda a ligação que tinha com o filho.

Parara de chover. Quando eles circundaram o flanco de uma montanha e chegaram acima de um vale, Willie fez uma leve exclamação de encantamento e se endireitou na sela. Contra um fundo de nuvens carregadas, havia um arco-íris em uma montanha distante, formando um arco tomado por uma luz perfeita até o chão do vale lá embaixo.

— Ah, é glorioso! — disse Willie. Ele abriu um sorriso para Jamie e as diferenças entre eles foram esquecidas. — Você já viu algo assim antes, senhor?

— Nunca — disse Jamie, sorrindo de volta.

Ocorreu-lhe, com um leve choque, que aqueles poucos dias na mata podiam ser os últimos em que veria ou teria notícias de William. Esperava não ter que bater no menino de novo.

Na mata, seu sono era sempre leve, e o som o fez acordar de uma vez. Permaneceu parado por um momento, sem saber o que era. Então, ouviu o barulho baixo e reconheceu o som do choro abafado.

Conteve a vontade de se virar e pousar a mão no garoto para consolá-lo. O rapazinho estava se esforçando para não ser ouvido.

Ele merecia proteger seu orgulho. Permaneceu deitado, olhando para o céu amplo da noite, ouvindo.

Não era medo. William não demonstrara receio em dormir na mata escura, e se houvesse um animal grande por perto, ele não ficaria calado. Será que se sentia mal? Os sons não passavam de uma respiração mais laboriosa, presa na garganta — talvez ele estivesse sentindo dor e o orgulho não permitisse que se expressasse. Foi esse medo que o levou a falar. Se o sarampo estivesse entre eles, não havia tempo a perder. Jamie teria que levar o garoto de volta a Claire de uma vez.

— Meu lorde? — disse ele com delicadeza.

Os soluços cessaram de repente. Ele ouviu o menino engolindo em seco e o raspar de tecido na pele quando ele passou uma manga no rosto.

— Sim? — respondeu o conde, tentando parecer calmo, e o único indício contrário foi a voz mais grossa.

— Está se sentindo mal, meu lorde? — Ele já sabia que o problema não era esse, mas seria um pretexto. — Está com cólica? Às vezes, as maçãs secas podem fazer isso.

Uma respiração profunda foi ouvida do outro lado da fogueira, e William fungou para desobstruir o nariz. O fogo da fogueira estava muito baixo. Ainda assim, Jamie conseguia ver a forma escura que se remexia sentado, abaixado do lado mais distante da fogueira.

— Eu... ah, sim, acho que talvez tenha... algo do tipo.

Jamie se sentou com o tartã caindo dos ombros.

— Não é nada de mais — disse ele. — Tenho uma poção que vai curar todos os tipos de problemas de estômago. Fique tranquilo por um momento, meu lorde. Vou buscar água.

Ele ficou de pé e se afastou, tomando o cuidado de não olhar para o menino. Quando voltou do riacho com a chaleira cheia, Willie já tinha assoado o nariz e secado o rosto, e então se sentou com os joelhos flexionados, a cabeça apoiada neles.

Jamie não conseguiu evitar e tocou a cabeça do garoto ao passar. Que a intimidade se danasse. Os cabelos escuros eram suaves ao toque, quentes e levemente molhados de suor.

— É um aperto na barriga, não é? — perguntou ele de modo simpático, ajoelhando-se para colocar a chaleira no fogo.

— Uhum. — A voz de Willie foi abafada pelo cobertor sobre os joelhos.

— Isso vai passar logo — disse ele.

Pegou sua bolsa de couro, procurou entre os itens pequenos dentro dela e pegou um pequeno saco de tecido dentro do qual havia uma mistura de folhas e flores secas que Claire dera a ele. Não sabia como ela sabia que ele precisaria daquilo, mas Jamie já não questionava mais nada que Claire fizesse em relação às curas — fossem do coração ou do corpo.

Ele sentiu um momento de gratidão apaixonada por ela. Vira como ela olhava para o garoto e sabia como deveria se sentir. Sabia sobre o garoto, claro, mas ver a prova em carne e osso de que seu marido dormira com outra não era algo que uma mulher tivesse que suportar. Não era à toa que ela sentira vontade de espetar suas agulhas em John, afinal, ele havia trazido o garoto.

— Não vai demorar muito até ferver — explicou Jamie ao garoto, esfregando a fragrante mistura entre as mãos dentro do copo de madeira, como vira Claire fazer.

Ela não o repreendera. Não por *aquilo*, pelo menos, ele pensou, lembrando-se repentinamente de como ela tinha agido quando descobriu sobre Laoghaire. Ela o atacara como um demônio, mas, ainda assim, quando soube sobre Geneva Dunsany... talvez fosse só porque a mãe do garoto estava morta.

A percepção chegou como uma apunhalada. A mãe do garoto estava morta. Não só a mãe verdadeira dele, que morrera no dia em que ele nasceu, mas a mulher a quem ele chamara de mãe desde então. E agora, seu pai, ou o homem a quem ele chamava de pai, pensou Jamie entortando a boca, estava doente, acometido por uma enfermidade que matara outro homem diante dos olhos do garoto apenas alguns dias antes.

Não, não era o medo que o fazia chorar no escuro. Era o pesar, e Jamie Fraser, que perdera a mãe na infância, deveria ter entendido isso desde o começo.

Não fora teimosia, nem mesmo lealdade, o que fizera Willie insistir em permanecer na Cordilheira. Fora o amor por John Grey e o medo de perdê-lo. E era o mesmo amor que fazia o garoto chorar à noite, desesperado de preocupação com o pai.

O coração de Jamie foi tomado por uma pontada de ciúme nada familiar, furando-o como uma agulha. Ele a reprimiu com firmeza. Tinha muita sorte de saber que o filho mantinha uma relação de amor com o padrasto. Pronto, a erva daninha fora arrancada. Mas a ação parecia ter deixado um ferimento em seu coração, que ele sentia quando respirava.

A água estava começando a ferver na chaleira. Ele a despejou cuidadosamente sobre a mistura de ervas, e uma fragrância doce subiu. Valeriana, ela dissera, e gatária. A raiz de uma flor de maracujá, embebida em mel e finamente moída. E o cheiro doce e meio almiscarado da lavanda, que vinha posteriormente.

— Não beba isso — dissera ela, de modo casual quando entregou a ele. — Tem lavanda aí.

Na verdade, ele não era tão prejudicado por ela. É que de vez em quando, o cheiro da lavanda lhe causava enjoo. Claire já tinha visto os efeitos nele com frequência, por isso avisava.

— Aqui — ofereceu Jamie.

Ele se inclinou para a frente e entregou a xícara ao garoto, tentando imaginar se, depois daquele momento, o rapaz também se sentiria mal com o cheiro ou se ele teria nele uma lembrança de conforto. Isso dependeria se John Grey vivesse ou morresse.

Nesse meio-tempo, Willie tinha recuperado a compostura, mas o rosto ainda estava tomado pelo pesar. Jamie sorriu para o garoto, escondendo a própria preocupação. Conhecendo John e Claire como conhecia, estava menos temeroso do que o garoto, mas o medo continuava ali, persistente como um espinho na sola de seu pé.

— Isso vai acalmá-lo — disse ele, acenando para a xícara. — Minha esposa fez. Ela é uma curadora muito boa.

— Ela é? — O garoto respirou fundo e de modo trêmulo o vapor, e encostou a língua no líquido quente com cuidado. — Eu a vi... fazendo coisas. Com o índio que morreu. — A acusação estava

clara em sua voz. Ela fizera e, mesmo assim, o homem havia morrido.

Nem Claire nem Ian tinham falado muito a respeito, e ele também não tivera a chance de perguntar o que acontecera. Claire tinha erguido a sobrancelha para ele e lançado um olhar firme, para indicar que ele não deveria falar disso na frente de Willie, que voltara com ela do celeiro, pálido e suado.

— É? — perguntou ele com curiosidade. — Que coisas?

O que diabos ela fizera?, Jamie se perguntou. Nada que causaria a morte do homem, certamente. Se fosse o caso, ele teria percebido. Ela também não havia se sentido culpada nem impotente. Ele já a abraçara mais de uma vez, consolando-a enquanto chorava por aqueles a quem não podia salvar. Dessa vez, ela ficou calada, conformada — assim como Ian —, mas não profundamente triste. Parecera um pouco confusa.

— Seu rosto estava sujo de lama. E ela cantou para ele. Acho que ela cantava uma canção papista. Era em latim e tinha algo a ver com sacramentos.

— É mesmo? — Jamie escondeu a surpresa diante da descrição. — Sim, bem. Talvez ela só quisesse dar ao homem um pouco de conforto, se viu que não conseguiria salvá-lo. Os índios são muito mais sensíveis aos efeitos do sarampo, você sabe. Uma infecção que mataria um deles não causaria nada de mal a um homem branco. Eu já peguei sarampo quando era criança e não fui nem um pouco prejudicado. — Ele sorriu e se espreguiçou, demonstrando sua saúde evidente.

A expressão tensa no rosto do garoto diminuiu um pouco e ele bebericou o chá quente.

— Foi o que a sra. Fraser disse. Ela falou que o papai vai ficar bem. Ela... ela me deu sua palavra.

— Então pode ter certeza de que ele vai ficar bem — afirmou Jamie. — A sra. Fraser é uma mulher que cumpre o que promete. — Ele tossiu e cobriu os ombros com o tartã. Não estava frio, mas um vento descia o monte. — A bebida está ajudando um pouco?

Willie ficou inexpressivo e então olhou para a xícara em sua mão.

— Ah! Sim. Sim, obrigado. É muito bom. Eu me sinto bem melhor. Talvez não tenham sido as maçãs secas, afinal.

— Talvez não — concordou Jamie, abaixando a cabeça para esconder um sorriso. — Ainda assim, acho que vamos fazer algo melhor para o jantar amanhã. Se tivermos sorte, comeremos truta.

A tentativa de distração foi bem-sucedida. A cabeça de Willie apareceu atrás da xícara, com uma expressão de profundo interesse.

— Truta? Podemos pescar?

— Você pescou muito na Inglaterra? Acho que os rios de trutas de lá não se comparam com os daqui, mas sei que dá para pescar bastante em Lake District... pelo menos, foi o que seu pai me disse.

Jamie prendeu a respiração. O que, pelo amor de Deus, o levara a fazer essa pergunta? Ele tinha carregado William, na época com cinco anos, para pescar truta no lago perto de Ellesmere, quando trabalhara lá. Será que ele *queria* que o menino se lembrasse?

— Ah... sim. É agradável ficar nos lagos, com certeza, mas nada *assim*. — Willie fez um gesto na direção do riacho. As linhas do rosto do menino tinham se suavizado, e um leve brilho de vida voltou aos seus olhos. — Nunca vi um lugar desse jeito. Não é assim na Inglaterra!

— Não é, mesmo — concordou Jamie, se divertindo. — Você não vai sentir saudade da Inglaterra?

Willie pensou nisso por um momento, enquanto bebia o resto do chá.

— Acho que não — respondeu ele, balançando a cabeça de modo decidido. — Sinto saudade da vovó de vez em quando, e dos meus cavalos, mas é só. Eu tinha muitos tutores, aulas de dança, de latim, grego... eca! — Ele enrugou o nariz, e Jamie riu.

— Então você não gostava de dançar?

— Não. Dança é coisa para meninas. — Ele lançou um olhar para Jamie com o cenho franzido. — Gosta de música, sr. Fraser?

— Não — disse Jamie, sorrindo. — Mas gosto das meninas.

As meninas também gostariam daquele rapazinho, pensou, observando os ombros largos e as pernas compridas, e os cílios

longos e escuros que escondiam seus olhos azuis.

— Sim. Bem, a sra. Fraser é muito bonita — disse o conde com educação. De repente, ele esboçou um sorriso. — Mas ela ficou engraçada com a lama no rosto.

— Imagino. Vai beber mais uma xícara, meu lorde?

Claire dissera que a mistura era calmante. Parecia estar funcionando. Enquanto eles conversavam tranquilamente sobre os índios e suas estranhas crenças, os olhos de William começaram a se semicerrar, e ele bocejou mais de uma vez. Por fim, Jamie esticou a mão e pegou a xícara vazia da mão do menino.

— A noite está fria, meu lorde — disse ele. — Quer se deitar ao meu lado para dividirmos as cobertas?

A noite estava fresca, embora nem um pouco fria. Mas ele acertou. Willie aproveitou a desculpa de bom grado. Não podia abraçar um lorde para confortá-lo, nem um jovem conde admitiria querer tal conforto. No entanto, dois homens podiam se deitar juntos sem vergonha se o motivo fosse o calor.

Willie adormeceu logo, deitado de lado. Jamie permaneceu acordado por muito tempo, com um dos braços esticado em cima do corpo do filho adormecido.

— Agora, aquela manchada. Só em cima, e segure-o com o dedo, sim? — Jamie enrolou o fio no rolinho de lã branca, quase envolvendo o dedo de Willie, mas pegando a ponta da pena de pica-pau, de modo que as bordas se eriçassem, tremendo no ar leve.

— Está vendo? Parece um pequeno inseto voando.

Willie assentiu, atento à mosca. Duas penas amarelas pequenas da cauda estavam embaixo da outra pena, simulando o abrir de asas de um besouro.

— Compreendo. É a cor que importa ou a forma?

— As duas coisas, porém mais a forma, eu acho. — Jamie sorriu para o garoto. — O que mais importa é o tamanho da fome dos peixes. Escolha bem o momento e eles vão morder qualquer coisa, até um anzol vazio. Escolha mal e seria como pescar sem

isca. Mas não diga isso a um pescador que pesca com mosca. Ele vai levar todo o crédito e não vai sobrar nada para o peixe.

Willie não riu — o garoto não ria muito —, mas sorriu e pegou a vara de salgueiro com a mosca recém-amarrada.

— Acha que agora é o momento certo, sr. Fraser?

Willie protegeu os olhos e olhou para a água. Eles ficaram na sombra fria de um arvoredo de salgueiros escuros, mas o sol ainda estava acima do horizonte, e a água do riacho brilhava como metal.

— Sim, as trutas se alimentam no pôr do sol. Está vendo os movimentos na água? Elas estão acordando.

A superfície da água estava agitada. O riacho estava calmo, mas dezenas de pequenas ondas se espalhavam e se sobrepunham, círculos de luz e sombra se espalhando e se rompendo em uma profusão sem fim.

— Os círculos? Sim. São peixes?

— Ainda não. É a incubação. Mosquitos-pólvora e maruins saem dos ovos e sobem à superfície à procura de ar, e as trutas os veem e vêm se alimentar.

De repente, algo prateado subiu e caiu na água de novo, fazendo barulho. Willie se assustou.

— Isso é um peixe — disse Jamie, desnecessariamente. Logo passou a linha pelas guias entalhadas, amarrou uma mosca à sua linha e deu um passo à frente. — Observe.

Ele pegou impulso com o braço e dobrou o punho de um lado a outro, soltando mais linha a cada volta do seu braço, até que, com um estalo do pulso, mandou a linha em um grande arco vagaroso, e a mosca desceu como um maruim. Ele percebeu que o menino o observava e ficou feliz porque o lançamento tinha dado certo.

Jamie deixou a mosca flutuar por um momento, observando — era difícil ver sob a claridade —, e então começou a abaixar a linha lentamente. Rápido como o pensamento, a mosca desceu. O círculo de seu desaparecimento ainda não começara a se espalhar quando ele puxou a linha com força e sentiu a puxada forte em resposta.

— Você pegou um! Pegou um! — Jamie ouviu Willie, dançando na ribanceira atrás dele todo animado, mas só deu atenção ao peixe.

Ele não tinha molinete. Só o galho que segurava a linha extra. Puxou a ponta da vara para trás e pegou a linha quando o objeto se aproximou. Puxou de novo, mas um movimento desesperado na água levou toda a linha recuperada e mais.

Jamie não conseguia ver nada em meio às faíscas de luz, mas seu esforço puxando a linha foi uma cena e tanto. Um tremor tão vívido quanto a truta, como se ele segurasse o peixe com as mãos, revirando-se, lutando...

Livre. A linha ficou flácida, e ele permaneceu parado por um momento, as vibrações do esforço desaparecendo pelos músculos dos seus braços, e Jamie puxou o ar que tinha esquecido de respirar no calor da batalha.

— Ela escapou! Que azar, senhor! — Willie desceu pela ribanceira, segurando a vara, o rosto aberto num sorriso.

— Boa sorte para o peixe. — Ainda ofegante por causa do esforço, Jamie sorriu e passou a mão molhada pelo rosto. — Quer tentar, rapaz? — Tarde demais, ele se lembrou de que deveria chamar o menino de “lorde”, mas Willie estava animado demais para perceber a omissão.

Com o rosto determinado, o menino pegou impulso com o braço, semicerrou os olhos para a água e fez um movimento com o pulso. A vara escapou de seus dedos e voou graciosamente para dentro do lago.

O garoto ficou olhando, e então virou-se com uma expressão de desânimo para Jamie, que não se esforçou para conter o riso. O jovem lorde parecia surpreso, e não muito feliz, mas depois de um momento, ele esboçou um sorriso, reconhecendo a situação. Fez um gesto para a vara que flutuava a cerca de três metros da ribanceira.

— Vou assustar os peixes se entrar para pegá-la?

— Sim. Pegue a minha. Eu pegarei a outra depois.

Willie lambeu os lábios e se concentrou, segurando a nova vara com firmeza, testando-a com os movimentos. Virando-se para a água, ele impulsionou o braço e dobrou o pulso. Parou, e a ponta da vara se estendeu em uma linha perfeita com o braço. A linha flácida se enrolou na vara e passou por cima da cabeça de Willie.

— Um lançamento muito bom, meu lorde — disse Jamie, passando os nós dos dedos pela boca. — Mas acho que devemos colocar uma mosca nova primeiro, não?

— Ah. — Lentamente, Willie relaxou a postura rígida e olhou para Jamie com timidez. — Não pensei nisso.

Um pouco humilhado pelo erro, o conde permitiu que Jamie prendesse uma mosca no lugar certo, e então deixou que ele demonstrasse a maneira correta de lançar.

Jamie ficou atrás do garoto e pegou o punho direito dele, surpreso com a maciez da pele e com os ossos fortes que prometiam crescimento e força. A pele do menino estava fria por causa do suor, e a textura do seu braço se parecia mais com a da truta na linha, viva e cheia de músculos, forte ao toque. Então, Willie se soltou, e Jamie se sentiu confuso por um instante, e se ressentiu com a perda do breve contato.

— Não está certo — disse Willie, virando-se para olhar para ele. — Você lançou com a mão esquerda. Eu vi.

— Sim, mas eu sou canhoto, meu lorde. A maioria dos homens lança com a direita.

— Canhoto? — Willie esboçou um sorriso de novo.

— Acho minha mão esquerda mais conveniente para a maioria dos propósitos do que a direita, meu lorde.

— Foi o que pensei. Sou assim também. — Willie pareceu feliz e meio envergonhado com sua revelação. — Minha... minha mãe dizia que não era adequado e que eu deveria aprender a usar a outra, como um cavalheiro. Mas o papai disse que não, e fazia com que eles me deixassem escrever com a esquerda. Ele disse que não importava tanto o fato de a escrita com a pena ficar estranha. Quando chegasse a hora de lutar com uma espada, eu teria vantagem.

— Seu pai é um homem sábio. — Jamie sentiu o coração apertar numa mistura de ciúme e gratidão, porém muito mais gratidão.

— Meu pai foi soldado. — Willie se empertigou um pouco, endireitando os ombros com um orgulho não consciente. — Ele lutou na Escócia, na Revo... ah.

Ele tossiu e seu rosto ficou corado quando viu o kilt de Jamie. Então percebeu que possivelmente estava conversando com um guerreiro derrotado naquela luta em especial. Mexeu na vara, sem saber para onde olhar.

— Sim, eu sei. Foi onde eu o conheci.

Jamie teve o cuidado de não deixar explícita nenhuma emoção em sua voz. Sentiu vontade de contar ao garoto as circunstâncias daquele primeiro encontro, mas isso seria ingratidão com John pelo presente inestimável, aqueles dias valiosos com o filho.

— Ele era um soldado muito corajoso, de fato — concordou Jamie, mantendo a seriedade. — E tem razão sobre o que disse em relação às mãos. Então, você aprendeu a usar a espada?

— Só um pouco. — Willie estava esquecendo a timidez pelo entusiasmo que sentia com o novo assunto. — Aprendi um pouco desde os oito anos, defesa e ataque. O papai disse que eu terei uma espada adequada quando chegarmos à Virgínia, agora que tenho altura.

— Ah, bem, então, se você segura uma espada com a mão esquerda, acho que não terá grandes problemas para dominar a vara dessa forma. Vamos tentar de novo, ou não jantaremos.

Na terceira tentativa, a mosca foi posicionada e lançada, e flutuou só um segundo até uma truta pequena, mas faminta, subir à superfície para pegá-la. Willie gritou animado e puxou a vara com tanta força que a truta surpreendida voou pelo ar e passou pela cabeça dele, pousando com barulho na ribanceira.

— Consegui! Consegui! Peguei um peixe! — Willie balançou a vara e correu em pequenos círculos gritando, esquecendo-se da compostura de sua idade e de seu título.

— Conseguiu mesmo. — Jamie pegou a truta, que media cerca de quinze centímetros da boca até o rabo, e deu um tapa nas costas do conde como forma de parabenizá-lo. — Muito bem, rapaz! Parece que elas estão mordendo. Vamos tentar mais algumas vezes, sim?

As trutas estavam mordendo, sim. Quando o sol se pôs além das montanhas escuras e a água prateada se tornou mais cinza, cada um deles já tinha pescado um número razoável de peixes. Os

dois também estavam molhados até a testa, exaustos e meio cegos por causa da luz do sol, mas totalmente felizes.

— Nunca comi algo tão delicioso — disse Willie encantado. — Nunca. — Ele estava nu, enrolado em um cobertor, pois sua camisa, a calça e as meias estavam penduradas em um galho de árvore para que secassem. Ele se deitou, suspirando satisfeito, e soltou um pequeno arroteo.

Jamie estendeu o tartã em um arbusto e colocou mais um pedaço de madeira no fogo. O clima estava ótimo, graças a Deus, mas estava frio sem o sol, com o vento da noite se intensificando e as roupas molhadas no corpo. Ele parou perto do fogo e deixou o ar quente subir por dentro da camisa. O calor subiu pelas coxas e tocou seu peito e sua barriga, reconfortante como as mãos de Claire na carne gelada entre suas pernas.

Permaneceu parado por um tempo, observando o garoto sem olhar para ele. Deixando a vaidade de lado para analisar a situação com frieza, ele achava William uma criança bonita. Era mais magro do que deveria ser, todas as suas costelas estavam aparecendo, mas tinha um conjunto muscular bom e os membros bem formados.

O garoto tinha virado a cabeça, olhando para o fogo, e Jamie conseguiu examiná-lo com mais atenção. A seiva no pinheiro escorria, e, por um momento, o rosto de Willie foi tomado por uma luz dourada.

Jamie ficou parado, sentindo o coração bater, observando. Era um daqueles momentos esquisitos que aconteciam com ele raramente, mas que nunca desapareciam de vez. Um momento que se gravava no coração e no cérebro, e que era logo lembrado em todos os detalhes, durante toda a vida.

Não havia como saber o que tornava esses momentos diferentes dos outros, apesar de Jamie reconhecê-los quando aconteciam. Ele já vira coisas muito mais horrorosas ou mais bonitas e ficara apenas com uma lembrança fugaz. Mas esses momentos, os momentos parados, como ele os chamava, vinham sem aviso, para marcar uma imagem aleatória das coisas mais comuns dentro de seu cérebro, indelével. Eram como as fotos que

Claire levava para ele, exceto que os momentos carregavam com eles mais do que a visão.

Ele tinha um de seu pai, sujo e enlameado, sentado no muro de um espaço para vacas, e o vento frio escocês levantava seus cabelos escuros. Jamie se lembrava daquele momento e sentia o cheiro do feno seco e do esterco, os dedos frios pelo vento, o coração aquecido pela luz nos olhos do pai.

Ele tinha visões assim de Claire, de sua irmã, de Ian... momentos pequenos retirados do tempo e perfeitamente preservados por uma estranha alquimia da memória, fixos em sua mente como um inseto em âmbar. E agora, tinha mais um.

Pelo tempo que vivesse, ele se lembraria daquele momento. Sentia o vento frio no rosto e a sensação dos pelos de suas coxas, meio aquecidas pelo fogo. Sentia o cheiro forte de truta frita com milho, e a sensação de uma pequena espinha da espessura de um fio de cabelo em sua garganta.

Jamie ouvia o silêncio pesado da floresta atrás de si e o correr suave do riacho próximo. E agora ele se lembraria para sempre da luz dourada no rosto corajoso e meigo do filho.

— *Deo gratias* — murmurou, e percebeu que tinha falado em voz alta apenas quando o garoto se virou na direção dele, assustado.

— O quê?

— Nada.

Para disfarçar, Jamie se virou e pegou o tartã meio seco do arbusto. Mesmo molhada, a lã das Terras Altas mantinha o calor de um homem e o abrigava do frio.

— Você deveria dormir, meu lorde — disse ele, sentando-se e ajeitando o pano úmido do tartã ao redor do corpo. — Amanhã teremos um dia longo.

— Não estou com sono. — Como se quisesse provar, Willie se sentou e passou as mãos vigorosamente pelos cabelos, fazendo a massa densa se eriçar como uma juba ao redor da cabeça.

Jamie sentiu uma pontada de susto. Reconheceu o gesto muito bem como um dos que fazia. Na verdade, ele estava prestes a fazer

exatamente a mesma coisa, e precisou se controlar para manter as mãos paradas.

Tentou acalmar os batimentos cardíacos fortes e pegou sua bolsa de couro. Não. Certamente o menino nunca pensaria — um menino daquela idade não prestava muita atenção a nada que os mais velhos diziam ou faziam, muito menos se dava ao trabalho de analisá-los de perto. Ainda assim, o risco fora muito grande para todos. O olhar de Claire tinha bastado para indicar a ele como a semelhança era forte.

Jamie respirou fundo e começou a pegar saquinhos de tecido dentro dos quais estavam seus materiais de pesca com moscas. Eles tinham usado todas as moscas, e se quisesse pescar para o café da manhã, algumas outras precisavam estar preparadas.

— Posso ajudar?

Willie não esperou permissão, mas deu a volta na fogueira para se sentar ao lado dele. Sem dizer nada, ele empurrou a caixinha de madeira de penas de aves em direção ao menino e pegou um gancho de um pedaço de rolha onde eles estavam espetados.

Os dois trabalharam em silêncio por um tempo, parando apenas para admirar as iscas finalizadas, ou para Jamie dar um conselho ou ajudá-lo a amarrar. Willie logo se cansou do trabalho e deixou sua isca de lado, fazendo várias perguntas sobre pesca, caça e a floresta, e também a respeito dos índios que eles veriam.

— Não — respondeu Jamie a uma das perguntas. — Nunca vi um escalpo no vilarejo. Eles são índios muito gentis, na maior parte do tempo. Mas se machucar um deles, eles não demorarão a se vingar. — Jamie sorriu com seriedade. — Eles me lembram um pouco os moradores das Terras Altas nesse aspecto.

— Minha avó diz que os escoceses se reproduzem... — A frase casualmente dita foi interrompida de repente. Jamie olhou para a frente e viu Willie se concentrando na isca finalizada entre os dedos, o rosto vermelho demais para ser apenas o reflexo da fogueira.

— Como coelhos? — Jamie deixou a ironia e a descontração claras em sua voz. Willie lançou um olhar cuidadoso na direção dele. — As famílias escocesas são grandes, sim. — Jamie puxou

uma pena de cambaxirra da caixa pequena e a pousou delicadamente sobre o gancho. — Nós consideramos as crianças uma bênção.

Willie estava menos corado agora. E endireitou-se.

— Entendo. Tem muitos filhos, sr. Fraser?

Jamie derrubou a pena.

— Não, não muitos — disse ele, os olhos fixos nas folhas molhadas.

— Me desculpe... não pensei... ou melhor...

Jamie olhou para a frente e viu Willie corado de novo, uma mão amassando a mosca meio amarrada.

— Pensou o quê? — perguntou ele, confuso.

Willie respirou fundo.

— Bem, o... a... doença. O sarampo. Não vi nenhuma criança, mas não pensei quando disse que... quero dizer, que talvez o senhor tenha tido, mas eles...

— Ah, não. — Jamie sorriu para confortá-lo. — Minha filha é grande. Ela vive em Boston há muito tempo.

— Ah. — Willie suspirou tremendamente aliviado. — Só isso?

A pena caída se mexeu com uma rajada de vento, indicando sua localização nas sombras. Jamie a pegou entre o polegar e o indicador e a levantou delicadamente do chão.

— Não, eu tenho um filho também — disse ele, os olhos no gancho que havia, de algum modo, furado seu polegar. Uma gota grande de sangue se acumulou ao redor do metal brilhante. — Um garoto lindo, e eu o amo, mas ele está longe de casa agora.

DISCUSSÃO ACALORADA

À noite, Ian estava com os olhos vidrados e quente ao toque. Sentou-se na cama para me receber, mas tombou e me assustou, com os olhos desfocados. Eu não tinha a menor dúvida, mas olhei sua boca para confirmar. Como esperava, os pequenos pontos de Koplik apareceram, brancos contra a membrana mucosa cor-de-rosa. Apesar de a pele do pescoço embaixo dos cabelos ainda estar clara e parecida com a de uma criança, mostrava uma série de pontos pequenos e cor-de-rosa aparentemente inofensivos.

— Certo — falei, resignada. — Você pegou. É melhor ir para a casa para eu poder cuidar de você com mais facilidade.

— Tenho sarampo? Então vou morrer? — perguntou ele.

Ian parecia apenas levemente interessado, a atenção concentrada em seus pensamentos.

— Não — respondi de forma casual, acreditando estar certa. — Mas está se sentindo muito mal, não?

— Minha cabeça dói um pouco — disse ele.

Percebi que era verdade. Ian franzia o cenho e até semicerrava os olhos sob uma luz fraca, como a da vela.

Mas ele ainda conseguia caminhar, o que era bom, pensei, enquanto o observei descer com dificuldade a escada do celeiro. Apesar de ser muito magro e esguio, ele era cerca de vinte centímetros mais alto do que eu, e pesava pelo menos quinze quilos a mais.

A distância até a cabana não passava de vinte metros, mas Ian tremia de exaustão quando entrou. Lorde John se sentou quando

Ian adentrou o espaço e se mexeu para sair da cama, mas eu acenei para que ele ficasse.

— Fique aqui — falei, sentando Ian em um banquinho. — Eu me viro.

Eu estava dormindo na cama de rodízio. Já estava pronta com lençóis, cobertores e travesseiro. Tirei a calça e as meias de Ian e o deitei. Ele estava corado e suado, e parecia muito mais doente do que antes, na penumbra de seu aposento.

A infusão de casca de salgueiro que eu tinha deixado macerando estava escura e aromática, pronta para ser bebida. Eu a despejei cuidadosamente em uma xícara, olhando para lorde John enquanto fazia isso.

— Eu tinha feito isto para você. Mas se puder esperar...

— Por favor, dê a infusão ao rapaz — disse ele, balançando a mão. — Posso esperar tranquilamente. Mas não posso ajudá-la?

Pensei em sugerir que se ele realmente quisesse ajudar, poderia caminhar até o banheiro em vez de usar o penico — que eu teria que esvaziar —, mas percebi que lorde John ainda não estava em condições de andar sozinho à noite. Não queria ter que explicar ao pequeno William que eu havia deixado seu único pai — ou quem ele pensava ser seu único pai — ser devorado por ursos ou pegar pneumonia.

Então simplesmente balancei a cabeça de forma educada e me ajoelhei diante da cama para dar a infusão a Ian. Ele estava bem o bastante para fazer caretas e reclamar do gosto, o que me acalmou. Mas estava claro que a dor de cabeça era muito forte. Ian continuava franzindo o cenho como se fosse sua expressão natural.

Eu me sentei na cama e coloquei a cabeça dele em meu colo, esfregando suas têmporas delicadamente. Então, pousei os polegares nas órbitas dos seus olhos, pressionando com firmeza para cima, em direção às sobrancelhas. Ele emitiu um som de desconforto, mas então relaxou, a cabeça pesada em minha coxa.

— Apenas respire — falei. — Não se preocupe se sentir dor no começo, quer dizer que peguei o ponto certo.

— Tudo bem — murmurou ele, as palavras um pouco arrastadas. Ele segurou meu pulso com a mão grande e muito

quente. — Isso é coisa do chinês, não?

— Isso mesmo. Ele se refere a Yi Tien Cho, o sr. Willoughby — expliquei a lorde John, que observava o procedimento com uma expressão confusa. — É um modo de aliviar a dor aplicando pressão em alguns pontos do corpo. Este movimento é bom para a dor de cabeça. O chinês me ensinou a fazer.

Eu senti uma leve relutância ao mencionar o pequeno chinês a lorde John, já que, na última vez que nos encontramos, na Jamaica, lorde John mandara quatrocentos soldados e marinheiros varrerem a ilha à procura do sr. Willoughby; na época, suspeito de um assassinato particularmente atroz.

— Ele não fez aquilo, sabe? — Eu senti vontade de completar.

Lorde John ergueu uma sobrancelha para mim.

— Tudo bem — respondeu ele de forma seca —, já que não o pegamos.

— Ah, que bom.

Olhei para Ian e movi os polegares meio centímetro para cima, pressionando de novo. O rosto dele continuava contraído de dor, mas acreditei que a palidez nos cantos de sua boca diminuía um pouco.

— Eu... ahn... imagino que não saiba quem matou a sra. Alcott?

A voz de lorde John era descontraída. Olhei para ele, mas seu rosto não entregou nada além de curiosidade simples e várias manchas.

— Sei, sim — respondi com hesitação —, mas...

— Sabe? Um assassinato? Quem foi? O que aconteceu, tia? Aai! — Ian abriu os olhos sob meus dedos, arregalados com interesse, mas logo os fechou com uma careta de dor quando a claridade os atingiu.

— Fique parado — falei, e pressionei os polegares nos músculos em frente às suas orelhas. — Você está doente.

— Ai! — gritou ele, mas se deitou obedientemente, e ouvimos o farfalhar do colchão sob seu corpo magro. — Certo, tia, mas quem? Não pode ficar soltando informações desse modo e esperar que eu durma sem saber o resto. Pode falar? — Ele abriu um dos olhos em direção a lorde John, que sorriu em resposta.

— Não tenho mais responsabilidade nesse assunto — garantiu lorde John. — No entanto — e passou a falar com mais firmeza com Ian —, você poderia parar para pensar que talvez a história incrimine alguém que sua tia quer proteger. Seria descortês insistir em obter os detalhes.

— Ah, não, não é isso — disse Ian a ele, os olhos bem fechados. — O tio Jamie nunca mataria ninguém, a não ser que tivesse um bom motivo para isso.

Pelo canto do olho, vi lorde John se remexer, levemente assustado. Estava claro que ele nunca tinha pensando que *poderia* ter sido Jamie.

— Não — garanti a ele, vendo as sobrancelhas claras unidas. — Não foi ele.

— Bom, não fui eu, tampouco — disse Ian. — E quem mais a tia poderia estar protegendo?

— Você se gaba, Ian — falei de modo seco. — Mas já que insiste...

Minha hesitação era, na verdade, para proteger o jovem Ian. Ninguém mais poderia ser prejudicado com a história — o assassino estava morto e, até onde eu sabia, o sr. Willoughby também tinha morrido nas matas escondidas dos montes jamaicanos, apesar de sinceramente torcer para que não fosse verdade.

Mas a história envolvia outra pessoa também. A mulher que conheci como Geillis Duncan, e, mais tarde, como Geillis Abernathy, que deu ordem para que Ian fosse sequestrado da Escócia e preso na Jamaica. Por causa dela, ele passara por coisas horríveis que só começara a nos contar recentemente.

Mas não parecia haver uma saída disso agora. Ian estava sendo teimoso como uma criança que insiste para que lhe contem uma história antes de dormir, e lorde John estava sentado na cama como um gorila esperando a banana, os olhos brilhando de interesse.

E assim, com a vontade macabra de começar com “Era uma vez...”, eu me recostei na parede, e, com a cabeça de Ian ainda em meu colo, comecei a contar a história de Rose Hall e sua senhora, a bruxa Geillis Duncan. Do reverendo Archibald Campbell e de sua

irmã estranha, Margaret, do demônio de Edimburgo e da profecia Fraser. E de uma noite de incêndio e de sangue de crocodilo, quando os escravos de seis propriedades ao longo do rio Yallahs haviam se revoltado e matado seus mestres, incentivados pelo *houngan* Ishmael.

Não disse nada a respeito dos eventos na caverna de Abandawe no Haiti. Afinal, Ian estivera lá. E aqueles acontecimentos não tiveram nada a ver com o assassinato de Mina Alcott.

— Um crocodilo — murmurou Ian. Seus olhos estavam fechados e o rosto estava mais relaxado sob meus dedos, apesar da história assustadora que eu contava. — Você viu mesmo, tia?

— Não só vi, como pisei nele — respondi. — Ou melhor, pisei nele e *só depois* o vi. Se eu o tivesse visto antes, teria corrido para o outro lado.

Ouvi uma risada baixa vinda da cama. Lorde John coçou o braço, sorrindo.

— Você deve achar a vida aqui bem sem graça, sra. Fraser, depois de suas aventuras nas Índias.

— Eu não me importo com uma certa monotonia de vez em quando — falei.

Involuntariamente, olhei para a porta fechada, onde encostei o mosquete de Ian, trazido do celeiro quando o busquei. Jamie levava a própria arma, mas suas pistolas estavam no aparador, carregadas e prontas como ele as deixara para mim, com o estojo de balas e a caixinha de pólvora muito bem localizada ao lado delas.

Estava confortável dentro da cabana, com o fogo brilhando dourado e vermelho nas paredes ásperas, e o ar estava tomado pelo cheiro que tinha ficado do ensopado de esquilo e do pão de abóbora, com o gosto azedo do chá de salgueiro. Passei os dedos pelo rosto de Ian. Ainda não havia marcas vermelhas, mas a pele estava firme e quente, muito quente ainda, apesar da casca de salgueiro.

Falar sobre a Jamaica havia, pelo menos, me distraído um pouco da minha preocupação com Ian. A dor de cabeça não era um sintoma incomum para alguém com sarampo. A dor de cabeça forte

e prolongada, sim. Meningite e encefalite eram complicações perigosas — e possíveis — da doença.

— Como está a cabeça? — perguntei.

— Um pouco melhor — disse ele. Tossiu, os olhos semicerrados quando os espasmos tomaram sua cabeça. Ele parou e os abriu levemente, riscos escuros brilhantes devido à febre. — Estou muito quente, tia.

Saí da cama e fui torcer um pano que estava dentro da água fria. Ian se remexeu um pouco enquanto eu passava o pano em seu rosto, e fechou os olhos de novo.

— A sra. Abernathy me deu ametistas para beber em casos de dor de cabeça — murmurou ele meio grogue.

— Ametistas? — Eu me assustei, mas mantive a voz baixa e calma. — Você bebeu ametistas?

— Moída em vinagre — disse ele. — E pérolas com vinho doce, mas ela dissera que isso era para forrar o estômago. — O rosto dele estava vermelho e inchado, e ele o virou contra o travesseiro frio, procurando alívio. — Ela era ótima com pedras. Queimava esmeraldas em pó na chama de uma vela preta e esfregou meu pênis com um diamante... para mantê-lo duro, ela dissera.

Ouvi um som baixo vindo da cama e olhei para cima. Vi lorde John apoiado em um cotovelo, os olhos arregalados.

— E as ametistas funcionaram? — Passei o pano delicadamente no rosto de Ian.

— O diamante funcionou. — Ele tentou dar uma gargalhada típica de um adolescente, que se transformou em uma tosse forte.

— Não temos ametistas aqui, infelizmente — disse. — Mas tem vinho, se quiser.

Ian quis e eu o ajudei a beber, bem diluído em água, e então o recostei de novo no travesseiro, corado e com os olhos pesados.

Lorde John também tinha se deitado e ficou observando, os cabelos loiros despenteados espalhados no travesseiro.

— Era o que ela queria com os rapazes, sabe? — disse Ian.

Os olhos estavam bem fechados contra a luz, mas estava claro que ele conseguia ver *alguma coisa*, ainda que fosse apenas nas

névoas da lembrança. Lambeu os lábios. Eles começavam a secar e a rachar, e o nariz começava a escorrer.

— Ela dizia que a pedra crescia dentro de um rapaz, aquele a quem ela queria. Dizia que tinha que ser um rapaz que nunca tivesse dormido com uma moça, isso era importante. Se ele já tivesse, a pedra não serviria. Se ele ti-ti-tivesse... — Ian parou para tossir e terminou sem fôlego, com o nariz escorrendo. Entreguei um lenço para que ele o assoasse.

— Para que ela queria a pedra? — Lorde John parecia solidário, sabia muito bem como Ian se sentia no momento, mas a curiosidade fez com que ele perguntasse. Eu não me opus. Também queria saber.

Ian começou a balançar a cabeça, e então parou gemendo.

— Ah! Ai, meu Deus, minha cabeça vai rachar, com certeza! Não sei, homem. Ela não disse. Só disse que era necessário. Precisava disso para ter certeza. — Ele mal conseguiu terminar o que dizia para logo ter outro acesso de tosse pior do que o primeiro; mais parecia um cachorro latindo.

— Você deve parar de falar... — comecei, mas fui interrompida por uma leve batida à porta.

Congelei no mesmo instante, com o pano molhado ainda na mão. Lorde John se inclinou rapidamente para fora da cama e pegou uma pistola de dentro de uma de suas botas, no chão. Levando um dedo aos lábios para pedir silêncio, ele fez um meneio de cabeça em direção às pistolas de Jamie. Eu caminhei em silêncio até o aparador e peguei uma. Então me acalmei ao sentir o peso na mão.

— Quem é? — perguntou lorde John com uma voz surpreendentemente forte.

Não houve resposta, apenas um tipo de arranhão e um gemido baixo. Suspirei e abaixei a pistola, dividida entre a irritação, o alívio e a diversão.

— É seu cachorro, Ian.

— Tem certeza? — Lorde John falava com a voz baixa, a pistola ainda voltada para a porta. — Deve ser um truque indígena.

Ian rolou com esforço e olhou para a porta.

— Rollo! — gritou, a voz rouca e falha.

Rouco ou não, Rollo conhecia a voz do dono. Ouviu-se um profundo e feliz “AU!” do lado de fora, seguido de arranhões fortes, a cerca de um metro e vinte do chão.

— Cachorro maldito — falei, correndo para abrir a porta. — Pare com isso ou vou transformá-lo num tapete ou casaco ou algo assim!

Dando à ameaça a devida atenção, Rollo passou por mim e entrou no quarto. Muito feliz, ele impulsionou o corpo de oitenta quilos do chão e pousou diretamente na cama, fazendo com que ela balançasse perigosamente, com as dobradiças rangendo em protesto. Ignorando um grito contido do ocupante da cama, ele começou a lambe Ian sem parar no rosto e nos braços, que foram levantados numa tentativa de defesa contra o ataque.

— Cachorro mau — disse Ian, fazendo um esforço para afastar Rollo do seu peito, rindo, apesar do desconforto. — Cachorro mau, eu disse... desça!

— Desça! — repetiu lorde John com seriedade.

Rollo, interrompendo as demonstrações de afeto, rodeou lorde John com as orelhas baixas. Fez uma careta e mostrou os dentes. Lorde John se assustou e levantou a pistola.

— Desça, *a dhiobhuil!* — disse Ian, cutucando Rollo na pata de trás. — Tire seu traseiro peludo da minha cara, sua fera do mal!

Rollo logo ignorou lorde John e subiu na cama, virando-se três vezes e amassando os lençóis com a pata até se deitar ao lado do dono. Lambeu a orelha de Ian e, respirando fundo, posicionou o focinho entre as patas grandes cheias de lama no travesseiro.

— Gostaria que eu o tirasse daqui, Ian? — ofereci, olhando para as patas.

Não sabia bem como conseguiria mover um cachorro do tamanho e temperamento de Rollo além de atirar com a pistola de Jamie e arrancá-lo da cama, então fiquei bastante aliviada quando Ian não aceitou.

— Não, deixe-o ficar, tia — disse ele. — Rollo é um bom companheiro. Não é, *a charaid?* — Pousou a mão no pescoço do

cachorro e virou a cabeça de modo que seu rosto ficasse encostado no pelo grosso do animal.

— Certo — respondi.

Movendo-me lentamente, com um olhar atento aos olhos amarelos e que não piscavam, eu me aproximei da cama e acariciei os cabelos de Ian. Sua testa permanecia quente, mas achei que a febre estava um pouco mais baixa. Se aumentasse à noite, como poderia acontecer, provavelmente seria sucedida por um acesso de tremores fortes, e Ian encontraria conforto nos pelos quentes de Rollo.

— Durmam bem.

— *Oidhche mhath.* — Ian estava meio adormecido, embarcando nos sonhos vívidos da febre, e seu “boa-noite” não passou de um murmúrio.

Caminhei em silêncio pelo quarto, arrumando o que havia usado naquele dia: um cesto de amendoins recém-colhidos para lavar, secar e guardar; uma panela de juncos secos espalhados e cobertos com uma camada de banha de bacon para fazer velas. Fui à despensa, mexi a cerveja que fermentava na bacia, espremi a coalhada do queijo macio e amassei a massa do pão de sal para ser assado de manhã, quando o pequeno forno holandês construído ao lado da lareira estaria aquecido devido ao fogo baixo da noite.

Ian estava adormecido quando voltei para o quarto. Os olhos de Rollo também estavam fechados, apesar de ele ter aberto um deles assim que entrei. Olhei para lorde John. Ele estava acordado, mas não olhou para mim.

Eu me sentei à frente da lareira e peguei o grande cesto de lã com os padrões indígenas em verde e preto — o devorador do sol, como Gabrielle chamara a estampa.

Dois dias desde que Jamie e Willie tinham partido. Dois dias até o vilarejo dos Tuscarora. Dois dias para voltar. Se nada acontecesse para detê-los.

— Bobagem — murmurei baixinho.

Nada os deteria. Eles chegariam logo em casa.

O cesto estava repleto de novelos tingidos de fios de lã e linho. Alguns, eu tinha recebido de Jocasta; outros, eu mesma havia

tecido. A diferença era clara, mas até mesmo os fios estranhos e cheios de nós que eu produzira podiam servir para alguma coisa. Não para meias nem camisas de malha. Talvez eu pudesse tricotar uma capa para a chaleira — que não tivesse uma forma muito definida para poder disfarçar todos os meus erros.

Jamie ficara chocado e também divertido ao descobrir que eu não sabia tricotar. A questão nunca surgira em Lallybroch, onde Jenny e suas servas mantinham todos com roupas tricotadas. Eu assumira as tarefas da cozinha e do jardim, e nunca tive que fazer nada além do básico com agulhas.

— Você não sabe tricotar? — perguntou ele sem acreditar. — E como fazia com suas meias no inverno, em Boston?

— Eu as comprava — falei.

Ele tinha espiado ao redor na clareira onde estava sentado, admirando a cabana em fase de conclusão.

— Como não vejo nenhuma loja por perto, acredito que é melhor você aprender, certo?

— Acho que sim.

Olhei com suspeita para a cesta de tricô que Jocasta me dera. Era bem equipada, com três agulhas longas e circulares de tamanhos diferentes e um conjunto de quatro agulhas de marfim de ponta dupla, finas como estiletos, que eu sabia serem usadas de um modo misterioso para virar os calcanhares das meias.

— Vou pedir a Jocasta que me ensine na próxima vez que formos a River Run. Ano que vem, talvez.

Jamie riu e pegou uma agulha e um novelo de lã.

— Não é muito difícil, Sassenach. Veja... é assim que se faz a carreira. — Passando o fio dentro do punho fechado, ele deu uma volta no polegar, enfiou-o na agulha e, com um movimento contido, fez uma longa fileira de pontos em uma questão de segundos. Então, ele me deu a outra agulha e outro novelo de lã. — Assim... tente fazer.

Olhei para ele totalmente surpresa.

— *Você sabe tricotar?*

— Claro que sei — respondeu ele, olhando para mim confuso.

— Sei mexer com agulhas desde os sete anos de idade. Não

ensinam *nada* para as crianças na sua época?

— Bem — disse, sentindo-me meio tola —, às vezes, ensinam as meninas a tricotar, mas os meninos não aprendem

— Não lhe ensinaram, certo? Além disso, não é um tricô fino, Sassenach, é bem simples. Veja, passe seu polegar por aqui, assim...

Então, ele e Ian — que também sabia tricotar e ficou abismado por eu não saber — me ensinaram o básico do tricô, explicando, entre risinhos ao ver meus esforços, que, nas Terras Altas, todos os meninos aprendiam a tricotar, pois essa é uma ocupação útil e bastante adequada para as várias horas de ócio pastoreando carneiros e gado nos campos.

— Quando um homem passa a ter uma esposa para cuidar dele e um filho para cuidar dos seus animais, talvez ele não faça mais suas meias — dissera Ian, virando o calcanhar antes de me devolver a meia —, mas até mesmo os meninos sabem tricotar, tia.

Olhei para o meu projeto atual, cerca de vinte e cinco centímetros de um xale de lã, que estava em um pequeno monte amassado no fundo do cesto. Eu aprendera o básico, mas tricotar para mim ainda era uma briga com fios cheios de nós e agulhas escorregadias, não o exercício tranquilo e lindo que Jamie e Ian faziam parecer, remexendo as agulhas à frente da lareira, tão tranquilizador como o som de grilos na terra.

Não hoje, pensei. Não estava interessada. Algo em que eu não tivesse que pensar, como enrolar os novelos de lã. Eu poderia fazer isso. Deixei de lado um par inacabado de meias que Jamie estava fazendo para usar — listrado, o exibido —, e peguei um bolo de lã azul recém-tingida, ainda com o cheiro forte.

Normalmente, eu gostava do cheiro de lã fresca, o perfume leve de carneiro, o aroma forte de anileira e o odor forte do vinagre usado para firmar a tinta. A noite parecia muito quente, ainda mais por causa da fumaça e da cera das velas e também por causa dos odores fortes de corpos masculinos e do fedor da doença — um cheiro misturado de lençóis suados e penicos usados — tudo junto no ar parado do ambiente.

Deixei o novelo em meu colo e fechei os olhos por um momento. Só queria me despir e tomar um banho de esponja com água fria, e então me deitar nua entre os lençóis de linho limpos da minha cama e ficar ali, deixando o ar frio adentrar pela janela aberta soprando meu rosto enquanto eu adormecia.

Mas havia um inglês suado em uma das minhas camas e um cão imundo na outra, sem falar de um adolescente que claramente teria uma noite de sono pesado. Os lençóis não eram lavados havia dias, e quando fossem finalmente lavados, teriam que ser fervidos, torcidos e estendidos. Minha cama naquela noite — se é que eu conseguiria dormir — seria feita de uma colcha dobrada e um saco de lã como travesseiro. Sentiria cheiro de carneiro a noite toda.

Cuidar de pessoas é um trabalho árduo e, de repente, eu me senti esgotada. Por um momento de desejo intenso, eu só queria que eles fossem embora. Abri os olhos e olhei para lorde John com ressentimento. Mas meu leve acesso de pena de mim mesma desapareceu quando olhei para ele, que estava deitado de barriga para cima, um dos braços atrás da cabeça, olhando seriamente para o teto. Talvez fosse apenas um efeito ilusório do fogo, mas seu rosto parecia marcado pela ansiedade e pelo pesar, os olhos tomados pela perda.

De repente, eu me senti envergonhada pela minha impaciência. Tudo bem, eu não o queria aqui. Fiquei irritada com a intrusão dele em minha vida e a obrigação que sua doença colocara em minhas costas. Sua presença me deixava nervosa — sem falar da presença de William. Mas eles partiriam em breve. Jamie chegaria, Ian se recuperaria e eu teria de volta minha paz, felicidade e os lençóis limpos. O que acontecera com ele era permanente.

John Grey perdera uma esposa — independentemente de como ele a considerasse. Fora necessária muita coragem para trazer William aqui e mandá-lo para o vilarejo com Jamie. E eu achava que o maldito homem não tinha como ter evitado pegar sarampo.

Deixei a lã de lado por um momento e me levantei para colocar a chaleira no fogo. Uma boa xícara de chá parecia ser o melhor no momento. Quando me levantei, vi lorde John virar a cabeça, pois

meu movimento tinha chamado sua atenção, tirando-o de seus pensamentos.

— Chá — falei, com vergonha de olhar nos olhos dele depois dos meus pensamentos ruins. Fiz um gesto simples e estranho de interrogação em direção à chaleira.

Ele sorriu levemente e assentiu.

— Obrigado, sra. Fraser.

Peguei a caixa de chá do armário, dispus duas xícaras e colheres e, depois de pensar um pouco, peguei o açucareiro. Nada de melado hoje.

Após preparar o chá, eu me sentei perto da cama para bebê-lo. Bebericamos em silêncio por alguns momentos, com um ar estranho de timidez entre nós.

Finalmente, pousei a xícara e pigarreei.

— Sinto muito. Pretendia dar meus pêsames pela perda de sua esposa — eu disse, meio formalmente.

Ele pareceu surpreso por um momento e então abaixou a cabeça em reconhecimento, combinando com minha formalidade.

— É uma coincidência a senhora dizer isso agora — falou ele. — Eu estava pensando nela.

Acostumada a ver as pessoas olharem para mim e perceberem de imediato o que eu estava pensando, foi estranhamente gratificante poder fazer isso com alguém.

— Sente muita saudade dela... de sua esposa?

Eu me senti um pouco hesitante em perguntar, mas ele não parecia ter achado a pergunta intrusiva. Quase pensei que ele se perguntava exatamente isso, pois respondeu depressa, mas de modo cauteloso.

— Não sei bem — disse ele. Olhou para mim com uma sobrelha erguida. — Parece insensível?

— Não sei — respondi, um tanto séria. — Certamente, o senhor sabe melhor do que eu se tinha sentimentos por ela ou não.

— Eu tinha, sim. — Lorde John deitou a cabeça no travesseiro de novo, os cabelos claros soltos ao redor dos ombros. — Ou tenho, talvez. Foi por isso que vim, entende?

— Não. Não posso dizer que entendo.

Ouvi Ian tossir e me levantei para olhar, mas ele tinha apenas se virado enquanto dormia. Estava deitado de bruços, com um braço comprido pendendo para fora da cama. Peguei a mão dele — ainda estava quente, mas sem perigo —, e a coloquei no travesseiro perto de seu rosto. Os cabelos tinham caído sobre os olhos. Eu os afastei delicadamente.

— A senhora é muito boa com ele. Tem filhos?

Assustada, olhei para a frente e vi lorde John olhando para mim, o queixo apoiado no punho.

— Eu... nós... temos uma filha — disse.

Ele arregalou os olhos.

— Nós? — perguntou ele de uma vez. — A menina é de Jamie?

— Não a chame de “menina” — falei, irracionalmente irritada.

— O nome dela é Brianna, e sim, ela é de Jamie.

— Peço desculpas — disse ele, um tanto tenso. — Não quis ofender — acrescentou um pouco depois, em um tom mais suave. — Me surpreendi.

Olhei diretamente para ele. Estava cansada demais para ser diplomática.

— E ficou com um pouco de ciúme, talvez?

Seu rosto estava impassível. Quase qualquer coisa poderia estar acontecendo atrás daquela fachada de amabilidade. No entanto, continuei olhando para lorde John, e ele deixou a máscara cair, com uma expressão de reconhecimento nos olhos azuis, tomados por um bom humor relutante.

— Mais uma coisa que temos em comum — rebateu ele.

Eu me surpreendi com sua perspicácia, embora não devesse. É sempre desconfortável descobrir que os sentimentos que você pensou que estavam seguramente escondidos estão, na verdade, bem evidentes.

— Não me diga que não pensou nisso quando decidiu vir aqui.

O chá havia acabado. Deixei a xícara de lado e peguei o novelo de lã de novo.

Ele me observou por um momento, os olhos semicerrados.

— Pensei nisso, sim — falou por fim. Recostou a cabeça no travesseiro, os olhos fixos no teto baixo. — Ainda assim, se eu fosse

humano ou mesquinho o bastante para pensar que poderia ofendê-la ao trazer William aqui, pediria que acreditasse que tal ofensa não foi meu motivo para vir.

Coloquei o novelo terminado de lã dentro do cesto e peguei outro rolo, esticando-o no encosto de uma cadeira de salgueiro.

— Acredito no senhor — respondi, os olhos fixos na lã. — Ainda que seja apenas porque é muito trabalhoso vir até aqui. Mas *qual* foi seu motivo?

Percebi quando ele deu de ombros, remexendo os lençóis.

— O óbvio: para que Jamie visse o garoto.

— E o outro óbvio: para o senhor ver Jamie.

Fez-se um pesado silêncio. Mantive os olhos na lã, virando a bola enquanto envolvia o fio, sem parar, de um lado, um cruzamento completo que no fim criaria uma esfera perfeita.

— A senhora é uma mulher notável — concluiu ele, num tom sério.

— É mesmo? — perguntei, sem olhar para a frente. — De que modo?

Lorde John se recostou. Ouvi seu movimento contra os lençóis.

— Não é circumspecta nem circundante. Na verdade, acho que nunca conheci ninguém mais arrasadoramente direta — homem ou mulher.

— Bem, não é de propósito — respondi. Cheguei ao fim do fio e o enfiei no novelo. — Nasci assim.

— Eu também — disse ele muito delicadamente.

Não respondi. Não achava que ele tinha falado para ser ouvido.

Eu me levantei e fui até o armário. Peguei três jarros: gatária, valeriana e gengibre selvagem. Peguei o pilão de mármore e despejei as folhas e a raiz ali dentro. Uma gota de água caiu da chaleira, assoviando ao virar vapor.

— O que está fazendo? — perguntou lorde John.

— Preparando uma infusão para Ian — falei, meneando a cabeça para a cama. — A mesma que fiz para o senhor há quatro dias.

— Ah. Ouvimos falar sobre a senhora enquanto vínhamos de Wilmington — disse Grey. A voz dele estava casual agora, num tom

de conversa. — É muito conhecida por suas habilidades, ao que parece.

— Hum. — Bati e bati e amassei, e o cheiro forte e almiscarado do gengibre selvagem tomou o ambiente.

— Dizem que é uma mulher de recursos. O que é isso?

— Qualquer coisa entre curandeira e médica, feiticeira ou vidente — falei. — Depende de quem estiver falando.

Ele fez um som que poderia ter sido uma risada, e então ficou em silêncio por um tempo.

— Acha que eles estão seguros. — Foi uma afirmação, mas ele estava perguntando.

— Sim. Jamie não teria levado o menino se pensasse que haveria algum perigo. Certamente sabe disso, se o conhece bem — acrescentei, olhando para ele.

— Eu o conheço — disse ele.

— Conhece — falei.

Ele permaneceu quieto por um momento, e só ouvi o som de quando se coçou.

— Eu o conheço bem o suficiente, ou acho que conheço, para mandar William viajar com ele, sozinho. E sei que ele não contará a verdade ao garoto.

Despejei o pó verde e amarelo em um pequeno quadrado de gaze de algodão e o amarrei com cuidado, formando uma trouxinha.

— Não, não contará. Você está certo sobre isso.

— A senhora contará?

Olhei para ele, surpresa.

— Acha que eu faria isso? — Ele observou meu rosto com atenção por um momento, e então sorriu.

— Não. Obrigado.

Resmunguei e coloquei o saquinho de remédios dentro da chaleira. Guardei os jarros de ervas e me sentei para arrumar a lã de novo.

— Foi generoso de sua parte deixar Willie partir com Jamie. Muito corajoso — acrescentei, meio irritada. Olhei para a frente. Ele

olhava para a janela coberta pela pele, como se conseguisse olhar além para ver os dois, lado a lado, na floresta.

— Jamie tem minha vida em suas mãos há uns bons anos — respondeu ele baixinho. — Confio nele com William.

— E se Willie se lembrar de um cuidador chamado MacKenzie mais do que o senhor pensa? Ou se comparar seu próprio rosto com o de Jamie?

— Garotos de doze anos não costumam ter a percepção aguçada — disse Grey de modo seco. — E acredito que se um garoto passou a vida acreditando ser o nono conde de Ellesmere, a ideia de poder ser o filho ilegítimo de um cuidador escocês não é algo que vá lhe ocorrer... nem em que ele se fixaria muito tempo, se lhe ocorresse.

Arrumei o novelo em silêncio, ouvindo o crepitar do fogo. Ian estava tossindo de novo, mas não acordou. O cachorro se afastara, e agora estava enrolado nas pernas dele, um monte escuro de pelos.

Terminei o segundo novelo de lã e comecei mais um. Mais outro, e a infusão estaria pronta. Se Ian ainda não precisasse de mim, eu me deitaria.

Grey passou tanto tempo em silêncio que fiquei surpresa quando ele voltou a falar. Quando olhei para lorde John, ele não estava olhando para mim, e sim para cima, procurando visões de novo entre as vigas manchadas pela fumaça.

— Eu disse que tinha sentimentos por minha esposa — disse ele com delicadeza. — Tinha. Afeição. Familiaridade. Lealdade. Nós nos conhecíamos desde sempre. Nossos pais eram amigos. Eu conhecia o irmão dela. Era como se ela fosse minha irmã.

— E ela se satisfazia com isso... ser sua irmã?

Ele olhou para mim com uma mistura de raiva e interesse.

— A senhora não é uma mulher de fácil convívio. — Ele fechou a boca, mas não a manteve fechada. Deu de ombros impacientemente. — Sim, acredito que ela se satisfazia com a vida que tinha. Nunca disse que não.

Não respondi ao ouvir aquilo, mas soltei o ar com força pelo nariz. Ele deu de ombros de modo desconfortável e coçou o

pescoço.

— Fui um marido inadequado para ela — ele disse de modo defensivo. — O fato de não termos filhos... não foi minha...

— Não quero ouvir isso!

— Ah, não quer? — Sua voz continuava baixa para não acordar Ian, mas já tinha perdido a gentileza da diplomacia. A raiva se fazia perceber. — A senhora perguntou por que vim. Questionou meus motivos, acusou-me de ciúmes. Talvez *não* queira saber, porque, se soubesse, não poderia continuar pensando o que quer a meu respeito.

— E como diabos o senhor sabe o que quero pensar a seu respeito?

Em um rosto menos bonito, a expressão dele pareceria uma careta de desdém.

— Não sei?

Olhei diretamente para ele por um minuto, sem me dar ao trabalho de esconder qualquer coisa que fosse.

— A senhora falou em ciúme — disse ele baixinho, depois de um momento.

— Sim. E o senhor também.

Ele virou a cabeça, mas continuou depois de um momento.

— Quando soube que Isobel morreria... não significou nada para mim. Nós tínhamos passado anos juntos, apesar de não nos vermos por quase dois anos. Dormíamos juntos. Vivíamos juntos, pensei. Eu deveria me importar. Mas não me importei.

Ele respirou fundo. Vi os lençóis se amassarem quando ele se ajeitou.

— A senhora falou em generosidade. Não foi isso. Eu vim para ver... se ainda consigo sentir alguma coisa — disse ele. Ainda mantinha a cabeça virada, olhando para a janela coberta com a pele, mais escurecida pela noite. — Se meus sentimentos morreram ou se foi só Isobel.

— *Só* Isobel? — repeti.

Ele se calou por um momento, olhando para o outro lado.

— Pelo menos ainda consigo sentir vergonha — disse ele muito baixinho.

Eu percebi, observando a escuridão, que era muito tarde. O fogo estava baixo, e a dor em meus músculos indicavam que já passava em muito da hora de dormir.

Ian estava ficando inquieto. Remexia-se dormindo, gemendo, e Rollo se levantou e encostou o focinho nele, choramingando baixinho. Fui até ele e sequei seu rosto de novo, afofando o travesseiro e ajeitando os lençóis, murmurando para confortá-lo. Ele estava apenas meio acordado. Segurei sua cabeça e fiz com que bebesse a infusão morna, gole a gole.

— Vai se sentir melhor de manhã. — Havia manchas visíveis na região do pescoço, só algumas, mas a febre estava mais baixa, e a marca de expressão entre as sobrancelhas tinha se suavizado.

Sequei seu rosto de novo e o deitei no travesseiro, onde ele virou para a parte fria do tecido e dormiu de novo.

Ainda tinha muito da infusão. Enchi mais uma xícara e a ofereci a lorde John. Surpreso, ele se sentou e a pegou da minha mão.

— E agora que veio e o viu... ainda nutre sentimentos por ele? — perguntei.

Ele olhou para mim por um momento, sem piscar sob a luz da vela.

— Nutro, sim. — Com a mão firme como uma rocha, lorde John pegou a xícara e bebeu. — Que Deus me ajude — acrescentou de modo muito casual.

Ian passou uma noite ruim, mas dormiu mais tranquilamente perto do amanhecer. Aproveitei a chance para descansar um pouco, e consegui algumas horas de sono no chão até ser acordada pelo relincho alto da mula Clarence.

Clarence, um animal sociável, ficava completamente encantada com a aproximação de qualquer coisa que considerasse amigável — e nessa categoria se encaixava quase tudo que tinha quatro patas. Ela dava vazão à alegria com berros que eram ouvidos na encosta da montanha. Rollo, ofendido por ter sido ofuscado no departamento de guarda, pulou da cama de Ian, passou por mim e correu pela janela aberta, uivando como um lobisomem.

Desperta, eu me levantei. Lorde John, que estava sentado à mesa de camisa, pareceu assustado também, mas não sei se com o barulho ou com minha aparência. Saí, passando os dedos depressa pelos cachos despenteados, o coração batendo mais forte na esperança de que pudesse ser Jamie voltando.

Senti um certo desânimo ao ver que não eram Jamie e Willie, mas minha decepção logo foi substituída por surpresa ao perceber que o visitante era o pastor Gottfried, líder da igreja luterana em Salem. Eu já tinha encontrado o pastor algumas vezes, nas casas de paroquianos onde eu atendera, mas fiquei muito surpresa ao vê-lo tão longe de lá.

A viagem de Salem à Cordilheira levava quase dois dias, e a chácara luterana alemã mais próxima ficava a pelo menos quarenta quilômetros, em mata densa. O pastor não era um cavaleiro nato — eu vi a lama e a poeira de repetidas quedas em sua roupa preta —, e pensei que só uma grande emergência o levaria até nós.

— Afaste-se, cachorro! — disse a Rollo, que mostrava os dentes e rosnava ao recém-chegado, para grande desagrado ao cavalo do pastor. — Mandei ficar quieto!

Rollo olhou para mim com os olhos amarelos e recuou com ar de dignidade ferida, como se sugerisse que, se eu quisesse receber malfeitores, *e/e* não se responsabilizaria pelas consequências.

O pastor era um homem baixo e atarracado com uma barba grisalha enorme e encaracolada que emoldurava seu rosto como uma nuvem de tempestade, em meio à qual sua expressão normalmente sorridente aparecia como o sol. Mas não estava sorrindo naquele dia. As faces redondas estavam amareladas, os lábios inchados estavam pálidos e os olhos, vermelhos de cansaço.

— *Meine Dame* — cumprimentou ele, tirando o chapéu de aba larga e fazendo uma reverência. — *Ist Euer Mann hier?*

Não sabia muito de alemão, mas consegui entender perfeitamente que ele estava procurando Jamie. Balancei a cabeça, fazendo um gesto vago em direção à mata, indicando sua ausência.

O pastor pareceu ainda mais desanimado do que antes, quase retorcendo as mãos de irritação. Disse várias coisas urgentes em alemão, e então, ao ver que eu não o compreendia, repetiu o que

disse, dessa vez mais devagar e mais alto, e o corpo pequeno se remexeu para se expressar, tentando, com a simples força de vontade, fazer com que eu o entendesse.

Eu ainda balançava a cabeça impotente quando ouvi uma voz atrás de mim.

— *Was ist los?* — perguntou lorde John, aparecendo na porta.
— *Was habt Ihr gesagt?*

Fiquei contente ao constatar que ele vestira a calça, apesar de ainda estar descalço, com os cabelos claros soltos sobre os ombros.

O pastor lançou a mim um olhar escandalizado, claramente pensando o pior, mas sua expressão logo desapareceu com as explicações rápidas em alemão dadas por lorde John. O pastor se desculpou comigo e então se virou para o inglês, balançando os braços e gaguejando em sua pressa para contar a história.

— O que foi? — perguntei, pois só entendera uma ou outra palavra dita. — O que ele está falando?

Grey olhou para mim com seriedade.

— A senhora conhece uma família chamada Mueller?

— Sim — eu disse, e imediatamente me assustei. — Fiz o parto de Petronella Mueller há três semanas.

— Ah. — Grey lambeu os lábios e olhou para o chão. Ele não queria me contar. — O... o bebê está morto, infelizmente. E a mãe também.

— Ah, não. — Eu me sentei no banco ao lado da porta, tomada por um sentimento de total negação. — Não. Não pode ser.

Grey passou uma mão sobre a boca, assentindo conforme o pastor continuava, gesticulando com as mãos pequenas e gorduchas, agitado.

— Ele diz que foi de *Masern*. Acho que isso seria o que chamamos de sarampo. *Flecken, so ähnlich wie diese?* — perguntou ele ao pastor, apontando para as marcas ainda visíveis em seu rosto.

O pastor assentiu enfaticamente, repetindo "*Flecken, Masern, ja!*", tocando as próprias faces.

— Mas por que ele quer encontrar Jamie? — perguntei, a confusão misturada ao susto.

— Parece que ele acredita que Jamie possa conversar com o homem, com Herr Mueller. Eles são amigos?

— Não exatamente. Jamie deu um soco na boca de Gerhard Mueller e o derrubou na frente do moinho na primavera passada.

Um músculo se contraiu no rosto de lorde John.

— Compreendo. Então acredito que ele esteja usando o termo “conversar” de modo muito amplo.

— Mueller não sabe conversar. O jeito mais sofisticado de convencê-lo é à força — falei. — Mas qual é o motivo da conversa?

Grey franziu o cenho. Pelo que percebi, não entendeu o meu sentido de “sofisticado”, mas compreendeu o que quis dizer. Hesitou, então se voltou ao pequeno ministro e perguntou alguma outra coisa, e ouviu atentamente a resposta.

Pouco a pouco, com interrupções constantes e muita gesticulação, a história foi traduzida.

Lorde John tinha nos contado antes que estava ocorrendo uma epidemia de sarampo em Cross Creek. Evidentemente, ela se espalhara por outras regiões. Várias casas em Salem foram afligidas, mas os Mueller, isolados, não tinham sido infectados até recentemente.

No entanto, um dia antes de o primeiro sinal de sarampo aparecer, um pequeno grupo de índios havia passado na chácara dos Mueller pedindo comida e bebida. Mueller, cujas opiniões sobre os índios eu conhecia muito bem, decidiu afastá-los dali com ofensas. Os índios, melindrados, fizeram, segundo Mueller, sinais misteriosos em direção à casa antes de partirem.

Quando a família foi infectada pelo sarampo no dia seguinte, Mueller tinha certeza de que a doença fora trazida por meio de um feitiço, posto na casa pelos índios que ele expulsara. Por isso, ele pintou símbolos antifeitiços nas paredes e chamou o pastor de Salem para realizar um exorcismo...

— Acho que foi isso o que fizeram — acrescentou lorde John meio desconfiado. — Mas não tenho certeza do que ele quis dizer com...

— Não importa — falei impacientemente. — Continue!

Nenhuma dessas precauções resolveu, e quando Petronella e o bebê adoeceram, o velho perdeu o pouco de bom senso que lhe restava. Jurando vingança contra os selvagens que tinham trazido a destruição ao seu lar, ele forçou os filhos e genros a acompanhá-lo mata adentro.

Eles tinham voltado dessa viagem três dias atrás, os filhos pálidos e calados, e o velho feliz e satisfeito.

— *Ich war dort. Ich habe ihn gesehen* — disse Herr Gottfried, com o suor escorrendo pelo rosto enquanto se lembrava. “Eu estava lá. Eu vi”.

Depois de receber uma mensagem histórica das mulheres, o pastor correu para o estábulo e encontrou dois pedaços de fios pretos pendurados na porta do celeiro, balançando-se suavemente ao vento, acima da palavra *Rache*, pintada de qualquer modo.

— Isso quer dizer “vingança” — lorde John a traduziu para mim.

— Eu sei — respondi, com a boca tão seca que eu mal conseguia falar. — Já li Sherlock Holmes. Você está dizendo que ele...

— Evidentemente.

O pastor ainda estava falando. Ele segurou meu braço e o chacoalhou, tentando comunicar sua urgência. Os olhos de Grey se concentraram no que o ministro dizia, e o interrompeu com uma pergunta repentina, respondida de modo afirmativo, com o pastor balançando a cabeça.

— Ele está vindo aqui. Mueller. — Grey se virou para mim, assustado.

Terrivelmente perturbado com os escalpos, o pastor partiu em busca de Herr Mueller e descobriu que o patriarca havia prendido seus troféus macabros no celeiro e partido, em direção, segundo ele, à Cordilheira dos Fraser, para me encontrar.

Se já não estivesse sentada, talvez caísse ao ouvir isso. Conseguia sentir o sangue desaparecendo do meu rosto, e tinha certeza de que estava tão pálida quanto o pastor Gottfried.

— Por quê? — perguntei. — Ele... não pode fazer isso! Não pode estar pensando que eu fiz algo a Petronella ou ao bebê... pode? — Eu me virei assustada para o pastor, que passou uma mão

inchada e trêmula pelos cabelos grisalhos, desordenando as mechas cuidadosamente penteadas.

— O clérigo não sabe o que Mueller acha nem o que pretende vindo aqui — disse lorde John. Lançou um olhar de interesse além do corpo pequeno do pastor. — Felizmente, ele partiu sozinho, atrás de Mueller, e o encontrou duas horas depois, desmaiado no canto da estrada.

O velho fazendeiro evidentemente passara dias sem comida em sua busca por vingança. A intemperança não era uma falha comum entre os luteranos, mas, com a fadiga e a emoção, Mueller havia bebido muito quando voltou, e a grande quantidade de cerveja consumida fora demais para ele. Alterado, tentou montar em sua mula, mas se atrapalhou com o casaco e caiu inconsciente entre os arbustos da estrada.

O pastor não tentara acordar Mueller, por conhecer muito bem o temperamento do homem e sentir que as coisas certamente estariam piores em seu estado de embriaguez. Então, Gottfried montou em seu cavalo e partiu o mais rápido que conseguiu, pedindo à Providência que chegasse aqui a tempo de nos alertar.

Ele não tinha dúvidas de que meu *Mann* conseguiria lidar com Mueller, independentemente de seu estado ou de suas intenções, mas como Jamie não estava...

O pastor Gottfried olhou para mim e para lorde John, impotente.

— *Vielleicht solten Sie gehen?* — sugeriu ele, deixando claro o que queria dizer ao inclinar a cabeça em direção ao pasto.

— Não posso partir — eu disse, e fiz um gesto em direção à casa. — *Mein...* Meu Deus, como se diz sobrinho? — *Mein junger Mann ist nicht gut.*

— *Ihr Neffe ist krank.* — Lorde John me corrigiu depressa. — *Haben Sie jemals Masern gehabt?*

O pastor balançou a cabeça, e a tensão se transformou em medo.

— Ele nunca pegou sarampo — disse lorde John, virando-se para mim. — Não deve ficar aqui, então, caso contrário, corre o risco de contrair a doença, não?

— Sim. — O choque estava diminuindo um pouco, e eu começava a me recompor. — Sim, ele precisa ir logo. Ele pode ficar perto de você, que já passou da fase de contágio. Mas não é o caso de Ian.

Eu tentei, em vão, alisar meu cabelo, que estava arrepiado, e pensei que não era à toa. Então, imaginei os cabelos na porta do celeiro dos Mueller e meu cabelo *de fato* se arrepiou, meu couro cabeludo formigando de medo.

Lorde John estava falando de modo autoritário com o pequeno pastor, puxando-o em direção ao cavalo pela manga da camisa. Gottfried protestava, mas cada vez menos. Olhou para mim com o rosto rechonchudo tomado pela preocupação.

Tentei sorrir para ele de modo consolador, apesar de me sentir tão assustada quanto o pastor.

— *Danke* — falei. — Diga a ele que tudo vai ficar bem, sim? — pedi a lorde John. — Caso contrário, ele não irá embora.

Grey assentiu brevemente.

— Eu falei. Disse-lhe que sou um soldado, que não permitirei que nada de mal aconteça.

O pastor permaneceu parado por um momento, com a mão na crina do cavalo, conversando com lorde John. Então, soltou a crina, virou-se determinado e atravessou a porta em minha direção. Estendendo o braço, ele pousou a mão delicadamente em meus cabelos despenteados.

— *Seid gesegnet* — disse ele. — *Benedicite*.

— Ele disse... — começou lorde John.

— Compreendi.

Ficamos em silêncio ali, observando Gottfried voltar para perto das noqueiras. Parecia muito pacífico ali, de um modo incongruente, com o sol suave do outono em meus ombros, e pássaros voando acima de nós. Ouvi o distante bicar de um pica-pau e o dueto fluido dos pássaros-das-cem-línguas que viviam no grande abeto azul. Sem corujas, mas naturalmente não haveria corujas a essa hora. Ainda era manhã.

Quem?, pensei, quando outro aspecto da tragédia me ocorreu, tarde demais. Quem tinha sido o alvo da vingança cega de Mueller?

A chácara dos Mueller ficava a vários dias de cavalgada da linha da montanha que separava o território indígena dos vilarejos, mas ele poderia ter chegado a várias vilas dos Tuscarora ou Cherokee, dependendo de sua direção.

Ele entrara em um vilarejo? Em caso afirmativo, que carnificina ele e os filhos tinham causado? Pior, que carnificina poderiam causar?

Estremeci com frio apesar do sol. Mueller não era o único homem que acreditava em vingança. A família, o clã, o vilarejo de quem quer que ele tivesse matado — todos buscariam vingança pela matança também. E talvez não parassem com os Mueller, mesmo se soubessem a identidade dos assassinos.

E se não soubessem, mas só soubessem que os assassinos eram brancos... estremeci de novo. Eu já tinha ouvido várias histórias de massacre para saber que as vítimas raramente faziam alguma coisa para provocar o seu destino. Só tinham o azar de estar no lugar errado no momento errado. A Cordilheira dos Fraser ficava entre a chácara dos Mueller e os vilarejos indígenas, o que, no momento, parecia o lugar errado para se estar.

— Ai, meu Deus, queria que Jamie estivesse aqui. — Só percebi que tinha falado em voz alta quando lorde John respondeu.

— Eu também — disse ele. — Apesar de achar que William estará muito mais seguro com ele do que estaria aqui, e não só por causa da doença.

Olhei para lorde John, e percebi repentinamente que ele ainda estava muito fraco. Em uma semana, era a primeira vez que saía da cama. Estava pálido e ainda com manchas vermelhas, e agora se segurava na estrutura da porta para se apoiar e não cair.

— O senhor nem deveria estar de pé! — exclamei, e o segurei pelo braço. — Entre e deite-se logo.

— Estou bem — disse ele com irritação, mas não se afastou nem protestou quando insisti que voltasse para a cama.

Eu me ajoelhei para ver Ian, que se remexia sem parar, ardendo em febre. Os olhos estavam fechados, os traços inchados e desfigurados devido às manchas, as glândulas no pescoço dilatadas e duras como ovos.

Rollo enfiou o focinho embaixo do meu cotovelo, cutucou seu dono com delicadeza e gemeu.

— Ele vai ficar bem — falei com firmeza. — Por que não sai e fica de olho nos visitantes, hein?

Rollo ignorou o conselho e, em vez disso, sentou-se pacientemente e observou enquanto eu torcia um pano na água fria e o passava em Ian. Eu o cutuquei para que acordasse, escovei seus cabelos, dei-lhe o penico e fiz com que bebesse xarope de monarda, ouvindo o som de cascos e o relinchar feliz de Clarence indicando que tínhamos companhia.

Foi um longo dia. Depois de passar muitas horas me assustando com todos os sons e olhando para trás a cada passo, finalmente me envolvi em meus afazeres. Cuidei de Ian, que estava febril e se sentia mal, alimentei as aves, aparei as plantas, colhi pepinos para fazer em conserva e coloquei lorde John, que queria ajudar, para debulhar feijões.

Olhava para a mata de modo desejoso quando ia do banheiro ao local das cabras. Eu daria muita coisa para simplesmente me embrenhar naquelas profundezas verdejantes. Não seria a primeira vez que teria tal impulso. Mas o sol do outono iluminava a Cordilheira, e as horas foram passando num ritmo tranquilo, sem sinal de Gerhard Mueller.

— Conte sobre esse Mueller — pediu lorde John.

Seu apetite estava voltando. Ele havia terminado sua porção de mingau, mas deixou de lado a salada de folhas de dente-de-leão e uvas-de-rato.

Peguei um ramo de uvas-de-rato da tigela e a mordisquei, aproveitando o sabor forte.

— Ele é o patriarca de uma grande família. Luteranos alemães, como o senhor notou, sem dúvida. Eles moram a cerca de quarenta quilômetros daqui, no vale do rio.

— Sim?

— Gerhard é grande e é teimoso, como o senhor certamente percebeu. Fala um pouco do idioma desta terra, mas não muito. É

velho, mas, minha nossa, como é forte!

Ainda conseguia ver o velho, os ombros com músculos fortes, jogando sacos de vinte e cinco quilos de farinha na carroça como se fossem sacos de pena.

— Essa briga que ele teve com Jamie... ele parece ser o tipo de pessoa que guarda rancor.

— Ele certamente é o tipo de pessoa que guarda rancor, mas não por causa disso. Não foi uma briga, de fato. Foi... — Balancei a cabeça, procurando um modo de descrever. — Sabe alguma coisa sobre mulas?

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Sim, um pouco.

— Bem, Gerhard Muller é uma mula. Não é exatamente mau nem precisamente burro, mas não dá muita atenção a nada que não esteja em sua cabeça, e é preciso muita força para fazer com que preste atenção em outras coisas.

Eu não estava presente durante a discussão no moinho, mas Ian havia me contado tudo. O velho tinha enfiado na cabeça que Felicia Woolam, uma das três filhas do dono do moinho, errara a pesagem e lhe devia mais um saco de farinha.

Em vão, Felicia protestou que ele trouxera cinco sacos de trigo. Ela o havia moído e então enchera quatro sacos com o restante da farinha. A diferença, disse, se devia à palha e à casca removidas dos grãos. Cinco sacos de trigo eram equivalentes a quatro sacos de farinha.

— *Fünf!* — dissera Mueller, balançando a mão aberta na frente do rosto dela. — *Et gibt fünf!*

Ele não se convenceu do contrário e começou a xingar em alemão, com os olhos arregalados, encostando a garota em um canto.

Ian, depois de tentar, sem sucesso, distrair o velho, foi para fora a fim de tirar Jamie de sua conversa com o sr. Woolam. Os dois homens tinham vindo depressa, mas não foram mais bem-sucedidos que Ian tentando mudar a ideia de Mueller de que tinha sido enganado.

Ignorando as explicações, Mueller partira para cima de Felicia, claramente decidido a pegar à força mais um saco de farinha da pilha atrás dela.

— Nesse momento, Jamie desistiu de tentar conversar e bateu nele — falei.

A princípio, ele tinha relutado muito em fazer isso, pois Mueller tinha quase setenta anos, mas logo mudou de ideia quando o soco acertado no rosto de Mueller fez sua mão doer, como se a mandíbula do homem fosse feita de carvalho velho.

O velho partiu para cima dele como um porco selvagem enfurecido, e Jamie o acertou primeiro no estômago e depois na boca com o máximo de força que conseguiu, derrubando Mueller e machucando os nós dos dedos nos dentes do velho.

Com uma palavra a Woolan — que era um quacre e, por isso, contrário à violência —, ele pegou Mueller pelas pernas e arrastou o agricultor assustado para fora, onde um dos filhos de Mueller esperava pacientemente na carroça. Pegando o velho pela gola da blusa, Jamie o prendeu contra a carroça e o manteve ali, falando em alemão, até o sr. Woolam — depois de encher de novo os sacos de farinha com muita pressa — sair e colocar *cinco* sacos na carroça, sob o olhar irado do homem.

Mueller havia contado os sacos duas vezes, com cuidado, e então se virou para Jamie e disse com dignidade “*Danke, mein Herr*”. Então, ele subiu na carroça ao lado do filho assustado e partiu.

Grey coçou as marcas vermelhas, sorrindo.

— Compreendo. Então, pareceu que ele não guardou mágoa?

Balancei a cabeça, mastigando, e então engoli.

— Nem um pouco. Para mim, ele foi a gentileza em pessoa quando fui ajudar com o bebê de Petronella.

Minha garganta se fechou quando pensei de novo que os dois tinham morrido, e tossi o gosto amargo das folhas de dente-de-leão, com a bile subindo pela minha garganta.

— Aqui. — Grey empurrou a caneca de cerveja sobre a mesa para mim.

Bebi bastante, e o gosto amargo e frio diminuiu por um momento o amargor mais forte do espírito. Coloquei a caneca na mesa e permaneci parada por um momento, com os olhos fechados. Uma brisa suave vinha da janela, mas o sol estava quente sobre o tampo da mesa, sob minhas mãos. Todo o prazer da existência física continuava comigo, e eu estava bem consciente disso, pensando que ele fora abruptamente retirado de outras pessoas — que mal o sentiram.

— Obrigada — falei, abrindo os olhos.

Grey me observava com uma expressão de profunda solidariedade.

— Seria de se imaginar que o choque não seria tão grande — falei, com a necessidade repentina de tentar explicar. — As pessoas morrem com muita facilidade aqui. Principalmente os jovens. Não que eu nunca tenha visto isso. E quase nunca posso fazer alguma coisa a respeito.

Senti algo quente no rosto e fiquei surpresa ao perceber que era uma lágrima. Ele enfiou a mão na manga, pegou um lenço e me entregou. Não estava muito limpo, mas não me importei.

— Às vezes, eu me perguntava o que ele viu na senhora — disse ele, com a voz muito suave. — Jamie.

— Ah, é mesmo? Que ótimo — eu disse, então funguei e assoei o nariz.

— Quando Jamie começou a falar sobre a senhora, nós dois pensávamos que a senhora tinha morrido. E, apesar de ser uma mulher bonita, ele nunca falava sobre a sua aparência.

Para minha surpresa, ele pegou minha mão e a segurou com delicadeza.

— A senhora tem a coragem dele — disse lorde John.

Isso me fez rir, ainda que de modo pouco convincente.

— Se o senhor soubesse... — falei.

Ele não respondeu, mas sorriu levemente. Passou o polegar com delicadeza pelos nós da minha mão, com o toque leve e quente.

— O medo de se machucar não o detém — observou ele. — Nem a senhora, acredito.

— Não posso. — Respirei fundo e sequei o nariz. As lágrimas tinham parado. — Sou médica.

— Sim, é — concordou ele, e parou. — Não lhe agradei por ter salvado minha vida.

— Não fui eu. Não posso fazer muita coisa diante de algo como uma doença. O que posso fazer é... estar presente.

— Um pouco mais do que isso — disse ele de modo seco, e soltou minha mão. — Quer mais cerveja?

Eu começava a ver com clareza o que Jamie via em John Grey.

A tarde passou tranquila. Ian se remexia e gemia, mas no fim da tarde, as manchas já apareciam totalmente e a febre pareceu diminuir um pouco. Ele não iria querer comer, mas talvez eu pudesse convencê-lo a aceitar um pouco de mingau de leite. Pensar nisso me fez lembrar de que estava quase na hora da ordenha, e me levantei, murmurando algo para lorde John, e deixando de lado o pano que costurava.

Abri a porta da cabana e saí, dando de cara com Gerhard Mueller, que estava de pé na frente da porta.

Os olhos dele eram de um castanho-avermelhado, e pareciam estar sempre ardendo de intensidade. Ardiam mais agora, com o hematoma na pele. Os olhos fundos estavam fixos em mim, e ele assentiu uma vez, e então assentiu de novo.

Mueller diminuía desde a última vez que eu o vira. Estava flácido. Continuava sendo um homem enorme, mas agora era mais osso do que músculos, cadavérico e velho. Os olhos estavam fixos nos meus, a única faísca de vida em um rosto que parecia ser de papel amassado.

— Herr Mueller — falei. Até eu achei minha voz calma. Torci para que ele tivesse a mesma impressão. — *Wie geht es Euch?*

O velho permaneceu na minha frente, como se a brisa da noite pudesse derrubá-lo. Eu não sabia se ele havia perdido a montaria ou se a deixara mais abaixo na cordilheira, mas não vi sinal de cavalo nem de mula.

Ele deu um passo na minha direção e eu dei um passo para trás, involuntariamente.

— Frau Klara — disse ele, e havia um toque de súplica em sua voz.

Parei, querendo chamar lorde John, mas hesitei. Ele não me chamaria pelo primeiro nome se tivesse a intenção de fazer algo ruim.

— Eles morreram — disse ele. — *Mein Mädchen. Mein Kind.*

Lágrimas encheram de repente seus olhos vermelhos e correram devagar pelos sulcos do rosto. A tristeza em seus olhos era tão grande que eu estendi o braço e segurei sua mão enorme e com marcas de trabalho.

— Eu sei — falei. — Sinto muito.

Ele assentiu de novo, mexendo a boca. Permitiu que eu o levasse para o banco perto da porta, onde se sentou abruptamente, como se tivesse perdido toda a força das pernas.

A porta se abriu e John Grey saiu. Segurava a pistola, mas quando balancei a cabeça, ele a enfiou dentro da blusa. O velho não soltou minha mão. Ele me puxou, forçando-me a sentar ao lado dele.

— *Gnädige Frau* — disse ele, e de repente se virou e me abraçou com força contra seu casaco imundo. Tremia chorando sem emitir som, e mesmo sabendo o que ele tinha feito, eu o abracei.

Seu cheiro era péssimo, azedo e recendendo a velhice e pesar, com cerveja, suor e sujeira e, em algum ponto embaixo de todos aqueles outros odores, estava o fedor de sangue seco. Eu estremeci, presa em uma rede de pena, horror e revolta, mas não consegui me afastar.

Por fim, ele me soltou, e, nessa hora, pareceu ver John Grey, que estava ali perto, sem saber se deveria intervir ou não. O velho se assustou ao vê-lo.

— *Mein Gott!* — exclamou, em tom horrorizado. — *Er hat Masern!*

O sol se punha depressa, iluminando a entrada da cabana com uma luz vermelha. Iluminou o rosto de Grey, destacando os pontos escurecidos na face, marcando a pele de vermelho.

Mueller se virou para mim e pegou meu rosto com as mãos enormes e ásperas. Os polegares se esfregaram em minhas faces, e

uma expressão de alívio tomou seus olhos fundos quando viu que minha pele ainda estava clara.

— *Gott sei dank* — disse ele e, soltando meu rosto, começou a procurar dentro do casaco, dizendo algo em alemão tão urgente e tão murmurado que eu não consegui entender.

— Ele está dizendo que temia chegar tarde demais e que fica feliz em saber que não foi o que aconteceu — disse Grey ao ver minha surpresa. Ele olhou para o homem com desconfiança. — Está dizendo que trouxe algo para a senhora. Um talismã de algum tipo. Vai afastar a maldição e mantê-la livre da doença.

O velho pegou um objeto enrolado num tecido de dentro do casaco e o colocou em meu colo, ainda falando em alemão.

— Ele agradece por toda a ajuda à família dele. Considera a senhora uma boa mulher, de quem ele gosta como gosta das noras. Ele diz que...

Mueller desdobrou o tecido com as mãos trêmulas e Grey parou de falar.

Abri a boca, mas não emiti nenhum som. Porém devo ter feito algum movimento involuntário, pois o tecido escorregou de repente para o chão, espalhando os fios de cabelos grisalhos aos quais um ornamento pequeno e prateado ainda estava preso. Com eles, estava o saco de couro, as penas de pica-pau sujas de sangue.

Mueller ainda falava e Grey tentava falar, mas eu quase não ouvia nada do que diziam. Dentro dos meus ouvidos, ecoavam as palavras que eu ouvira um ano antes, perto do riacho, na voz suave de Gabrielle, traduzindo para Nayawenne.

Seu nome quer dizer "Pode ser. Vai acontecer". Agora que tinha acontecido, só as palavras dela me serviam de consolo: "Ela diz que você não deve se preocupar. A doença é enviada pelos deuses. Não será culpa sua."

CASAS INCENDIADAS

Jamie sentiu o cheiro da fumaça muito tempo antes de o vilarejo aparecer. Willie percebeu que ele ficou tenso e também sentiu certo nervosismo, olhando ao redor.

— O que foi? — sussurrou o menino.

— Não sei.

Jamie manteve a voz baixa, apesar de não haver evidência de que alguém estivesse perto o bastante para ouvi-los. Ele desceu do cavalo e entregou as rédeas a Willie, meneando a cabeça em direção a uma face do penhasco coberta por vinhas cuja base estava tomada pela vegetação.

— Leve os cavalos para trás do monte, rapaz. Há uma trilha de veados ali, que leva a um vale de abetos. Embrenhe-se nas árvores e espere lá por mim. — Ele hesitou, sem querer assustar o garoto, mas não havia como evitar. — Se eu não voltar até o escurecer, vá embora. Não espere a manhã. Volte para o pequeno riacho que acabamos de cruzar, vire à esquerda e siga até um lugar onde há uma queda-d'água — você vai ouvi-la, mesmo no escuro. Atrás da queda-d'água há uma pequena caverna. Os índios usam esse local quando estão caçando.

Jamie viu a esclera ao redor das íris azuis do menino. Ele segurou a perna do garoto com força, logo acima do joelho, para que ele compreendesse as instruções, e sentiu um tremor correr pelo músculo comprido de sua coxa.

— Fique lá até de manhã — disse ele —, e se eu não voltar até amanhã cedo, vá para casa. Mantenha o sol à sua esquerda de manhã, à sua direita depois do meio-dia, e, em dois dias, deixe o

cavalo assumir a direção. Acredito que estará perto o bastante para que ele encontre o caminho.

Jamie respirou fundo, pensando no que mais podia dizer, mas não havia nada.

— Que Deus o acompanhe, rapaz. — Ele sorriu para Willie do modo mais tranquilizador possível, deu um tapa na anca do cavalo e se virou na direção do cheiro de queimado.

Não era o cheiro normal do fogo nos vilarejos nem mesmo das grandes fogueiras cerimoniais sobre as quais Ian havia falado, quando as pessoas incendiavam árvores inteiras no fogo no centro do vilarejo. Aquelas eram do tamanho das fogueiras do Beltane, segundo Ian, e ele conhecia o crepitar e o tamanho de uma fogueira. O que ouvia agora era muito maior.

Com muito cuidado, Jamie circulou o local, chegando, por fim, a um monte do qual sabia que teria visão do vilarejo. Mas assim que saiu da floresta, ele viu. Fumaças densas e de cor cinza subiam dos restos em chama de todas as casas do vilarejo.

Uma nuvem densa e marrom de fumaça pairava sobre a floresta até onde a vista alcançava. Ele puxou o ar depressa, tossiu e rapidamente cobriu a boca e o nariz com o tartã, benzendo-se com a mão livre. Ele já tinha sentido o cheiro de carne queimando antes, e começou a suar frio ao se lembrar das piras funerárias em Culloden.

Sua alma o iludiu com a vista da destruição abaixo, mas ele observou com cuidado, estreitando os olhos em meio à fumaça à procura de qualquer sinal de vida entre as ruínas. Nada se movia, exceto a fumaça, suas voltas silenciosas, levadas pelo vento entre as casas enegrecidas. Teriam sido os Cherokee ou os Creek, vindos do sul? Uma das tribos algonquianas restantes ao norte, os Nanticokes ou os Tuteloes?

Uma rajada de vento trouxe até Jamie o fedor de carne queimada. Ele se inclinou para a frente e vomitou, tentando se livrar da percepção profunda das plantações queimadas e das

famílias assassinadas. Quando se endireitou, limpando a boca com a manga, ouviu um cachorro latindo ao longe.

Ele se virou e desceu o monte depressa em direção ao som, o coração batendo mais forte. Os invasores não traziam cães. Se havia sobreviventes do massacre, os cães estariam com eles.

Ainda assim, ele permaneceu em silêncio, sem se atrever a chamar. Aquele incêndio estava ocorrendo havia menos de um dia. Metade das paredes ainda estava de pé. Quem provocara o incêndio ainda estava por perto, sem dúvida.

Foi um cachorro quem o encontrou. Um vira-lata grande e bege, que Jamie reconheceu como sendo do amigo de Ian, Onakara. Fora de seu território normal, o cão não latiu nem correu até ele, mas permaneceu na sombra de um pinheiro, de orelhas abaixadas e rosnando baixinho. Ele caminhou em direção ao animal lentamente, estendendo o punho cerrado.

— *Balach math* — murmurou ele. — Fique. Onde está seu povo?

O cão esticou o focinho, ainda rosnando, e cheirou a mão de Jamie. Suas narinas se abriram, e o animal relaxou um pouco, aproximando-se para farejar melhor.

Jamie sentiu, mas não viu, uma presença humana, e olhou para a frente, para o rosto do dono do cachorro. O rosto de Onakara estava pintado com listras brancas que iam dos cabelos até o queixo, e por trás das listras claras de tinta, seus olhos estavam parados.

— Qual inimigo fez isso? — perguntou Jamie na língua Tuscarora. — Seu tio ainda está vivo?

Onakara não respondeu, mas se virou e voltou para a floresta, seguido de seu cão. Jamie foi atrás deles e, depois de meia hora de caminhada, chegou a uma pequena clareira onde os sobreviventes tinham montado um acampamento temporário.

Quando passou pelo acampamento, viu rostos conhecidos. Alguns demonstraram reconhecer sua presença; outros olhavam distraidamente para uma distância que ele conhecia muito bem, a perspectiva infinita do pesar e do desespero. Muitos não estavam ali.

Jamie já tinha visto isso antes, e os fantasmas da guerra e do assassinato se arrastaram aos seus pés conforme ele foi passando. Já tinha visto uma jovem nas Terras Altas, sentada na porta da casa em chamas com o corpo do marido aos seus pés. Ela tinha o mesmo olhar assustado da jovem índia perto do plátano.

Mas, lentamente, ele percebeu que algo estava diferente ali. Abrigos pontuavam a clareira. Montes de coisas estavam empilhadas perto das margens, e cavalos e pôneis podiam ser vistos entre as árvores. Aquilo não fora uma fuga apressada de um povo saqueado que fugira para salvar suas vidas, e sim um recuo organizado, com a maioria dos bens materiais empacotados e trazidos. O que, em nome de Deus, acontecera em Anna Ooka naquele dia?

Nacognaweto estava em uma tenda no lado mais distante da clareira. Onakara levantou o tecido da porta e fez um gesto para que Jamie entrasse.

Um brilho repentino apareceu nos olhos do homem quando ele entrou, mas desapareceu assim que Nacognaweto viu seu rosto, com a sombra do pesar refletida nele. O líder fechou os olhos por um momento e voltou a abri-los, recomposto.

— Você não encontrou aquela que cura nem a mulher em cuja casa morei?

Acostumado com a ideia indígena de que era grosseiro falar o nome de uma pessoa em voz alta a não ser estivessem numa cerimônia, Jamie sabia que ele deveria estar se referindo a Gabrielle e à velha Nayawenne. Jamie balançou a cabeça, sabendo que o gesto destruiria o resto de esperança que o outro tinha. Não era consolo, mas ele pegou o cantil de conhaque do cinto e o ofereceu como uma desculpa por não ter conseguido trazer boas notícias.

Nacognaweto aceitou, e, inclinando a cabeça, chamou uma mulher, que procurou em uma das pilhas perto da parede e pegou uma cuia. O índio serviu uma quantidade de bebida que agradaria a um escocês e bebeu bastante antes de entregar a cuia a Jamie.

Jamie tomou um pequeno gole por educação e devolveu a cuia. Não era educado chegar ao ápice de uma visita tão cedo, mas ele

não tinha muito tempo e viu que o homem também não queria esperar.

— O que aconteceu? — perguntou ele de uma vez.

— Doença — respondeu Nacognaweto baixinho. Seus olhos estavam marejados devido ao conhaque. — Estamos amaldiçoados.

Aos poucos, a história foi se revelando entre goles de conhaque. O sarampo havia surgido no vilarejo e o tomou como um incêndio. Na primeira semana, um quarto do povo morrerá. Agora, no fim, não havia restado mais de um quarto vivo.

Quando a doença começou, Nayawenne havia cantado sobre as vítimas. Quando mais adoeceram, ela saiu para a floresta à procura de... o conhecimento que Jamie tinha do idioma não bastou para que ele interpretasse as palavras. Um feitiço, ele pensou que fosse... uma planta? Ou talvez ela procurasse uma visão que lhe indicasse o que fazer, como corrigir o mal que havia causado a doença ou o nome do inimigo que os havia amaldiçoado. Gabrielle e Berthe tinham ido com ela, porque ela era velha e não deveria ir sozinha — e nenhuma das três voltara.

Nacognaweto estava se remexendo enquanto permanecia ali, segurando a cuia. A mulher se inclinou sobre ele, tentando pegá-la, mas ele a afastou e ela o deixou em paz.

Eles tinham procurado as mulheres, mas não havia sinal delas. Talvez tivessem sido levadas por saqueadores, talvez também tivessem adoecido e morrido na floresta. Mas o vilarejo não tinha mais o seu xamã, e os deuses não tinham ouvido.

— Estamos amaldiçoados.

As palavras de Nacognaweto saíram arrastadas, e a cuia estava quase virada em sua mão. A mulher se ajoelhou atrás dele e pousou as mãos em seus ombros, para firmá-lo.

— Deixamos os mortos nas casas e ateamos fogo a elas — disse ela a Jamie. Seus olhos também estavam tomados de tristeza, mas um pouco de vida ainda brilhava neles. — Agora, iremos para o norte, para Oglanethaka. — Ela apertou os ombros de Nacognaweto e assentiu a Jamie. — Você deve ir agora.

Ele partiu, o pesar do local sufocando-o como a fumaça que permeava as roupas e o ar. E dentro do seu coração marcado,

enquanto saía do acampamento, surgiu uma pequena raiz de egoísmo, alívio, porque, pela primeira vez, o pesar não era dele. Sua mulher ainda estava viva. Seus filhos estavam protegidos.

Ele olhou para o céu e viu o brilho do sol que se punha refletido na fumaça. Apressou a passada para percorrer os quilômetros. Não havia muito tempo. A noite estava se aproximando depressa.

AGRADECIMENTOS

A minha editora, Jackie Cantor, que, ao ser informada de que havia outro livro nesta série, disse: "Por que não estou surpresa com isso?"

A Susan Schwartz e seus ajudantes leais — os revisores, diagramadores e designers de capa —, sem os quais este livro não existiria; espero que eles se recuperem da experiência.

A meu marido, Doug Watkins, que disse: "Não sei como você consegue ir em frente com isso; não sabe *nada* sobre os homens!"

A minha filha Laura, que generosamente permitiu que eu roubasse duas linhas de sua redação da oitava série para o Prólogo; meu filho Samuel, que disse: "Você *nunca* vai terminar este livro?" e (sem parar para respirar) "Já que você está ocupada escrevendo, podemos comprar lanches do McDonald's de novo?", e minha filha Jennifer, que disse: "Você vai trocar de roupa quando for conversar com os alunos da minha turma, *não vai*? Não se preocupe, mãe, já até escolhi sua roupa."

Ao aluno anônimo da sexta série que me devolveu um capítulo de amostra que foi exposto durante uma palestra em sua escola e disse: "Isso foi meio nojento, mas muito interessante. As pessoas não *fazem* isso, né?"

A Iain MacKinnon Taylor e a seu irmão, Hanish, pelas traduções do gaélico, expressões e piadinhas criativas. A Nancy Bushey, pelas fitas de gaélico. A Karl Hagen, pelos conselhos sobre a gramática do latim. A Susan Martin e Reid Snider, pelos epigramas gregos e pelas pítons. A Sylvia Petter, Elise Skidmore, Janet Kieffer Kelly e Karen Pershing, pela ajuda com as partes em francês.

A Janet MacConnaughey e Keith Sheppard, pela poesia de amor em latim, pelo latim macarrônico e pela letra original de "To Anacreon in Heaven".

A Mary Campbell Toerner e Ruby Vincent, por terem emprestado um manuscrito histórico ainda não publicado a respeito dos moradores das Terras Altas do Cabo Fear. A Claire Nelson, por ter me emprestado a Enciclopédia Britânica (edição de 1771). A Esther e Bill Schindler, por terem me emprestado os livros sobre as florestas ocidentais.

A Ron Wodaski, Karl Hagen, Bruce Woods, Rich Hamper, Eldon Garlock, Dean Quarrel e vários outros membros do CompuServe Writers Forum, pelas opiniões especializadas no que se refere a receber chutes nos testículos.

A Marte Brengle, por descrições detalhadas de cerimônias de purificação e pelas sugestões de carros esporte. A Merrill Cornish, por seu incrível relato das *cercis canadenses* se abrindo. A Arlene e Joe McCrea, pelos nomes de santos e descrições de aragem com uma mula. A Ken Brown, pela explicação do rito batismal presbiteriano — muito resumido no texto. A David Stanley, o próximo grande escritor da Escócia, pela lição acerca da diferença entre anoraques e jaquetas.

A Barbara Schnell, pelas traduções alemãs, verificação de erros e leitura dedicada.

A Dra. Ellen Mandell, pelas opiniões médicas, leitura atenta e sugestões úteis sobre como lidar com hérnias inguinais, abortos e outras formas de traumas corporais.

À Dra. Rosina Lippi-Green, pelos detalhes acerca da vida e dos costumes dos moicanos, além de comentários sobre a linguística escocesa e a gramática alemã.

A Mac Beckett, por sua ideia de espíritos novos e antigos.

A Jack Whyte, por suas lembranças de quando era cantor escocês, incluindo a resposta certa a piadas sobre kilts.

A Susan Davis, pela amizade, entusiasmo sem limites, dezenas de livros, descrições de como arrancar carrapatos de crianças e pelos morangos.

A Walt Hawn e Gordon Fenwick, por me dizerem qual é o comprimento de um estádio. A John Ravenscroft e vários membros do UKForum, por uma discussão interessante a respeito da roupa íntima da Marinha Real na época da Segunda Guerra Mundial. A Eve

Ackerman e membros solícitos do CompuServe SFLIT Forum, pelas datas de publicação de *Conan, o Bárbaro*.

A Barbara Raisbeck e Mary M. Robbins, pelas referências úteis a respeito de ervas e farmacologia básica.

A minha amiga anônima da biblioteca, pelas toneladas de referências úteis.

A Arnold Wagner e Steven Lopata, pelas discussões sobre explosivos e os conselhos sobre como explodir coisas.

A Margaret Campbell e outros residentes da Carolina do Norte, pelas várias descrições do estado.

A John L. Myers, por me contar sobre seus fantasmas e por permitir, generosamente, que eu incorporasse certos elementos de sua aparência e de sua personalidade no formidável John Quincy Myers, o homem da montanha. A hérnia é fictícia.

Como sempre, obrigada também aos muitos membros do CompuServe Literary Forum e Writers Forum, cujos nomes não me recordo, pelas sugestões úteis e conversas agradáveis, e ao pessoal do AOL pelas discussões interessantes.

Um agradecimento especial a Rosana Madrid Gatti, pelo amor em construir e manter a página oficial de Diana Gabaldon na internet (<http://www.dianagabaldon.com>).

E obrigada a Lori Musser, Dawn Van Winkle, Kaera Hallahan, Virginia Clough, Elaine Faxon, Ellen Stanton, Elaine Smith, Cathy Kravitz, Hanneke (cujo último nome está ilegível, infelizmente), Judith MacDonald, Susan Hunt e sua irmã Holly, a trupe Boise, e muitos outros, pelos presentes que me mandaram, como vinho, desenhos, rosários, chocolate, música celta, sabonete, estátuas, urze seca de Culloden, lenços com porcos-espinhos, canetas Maori, chás ingleses, espátulas de jardinagem e outros objetos para me animar e me manter escrevendo apesar da exaustão. Deu certo!

E finalmente, a minha mãe, que me inspira.

SOBRE A AUTORA



DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série *Outlander* se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE OUTLANDER

A viajante do tempo

LIVRO UM

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A VIAJANTE DO TEMPO

LIVRO UM

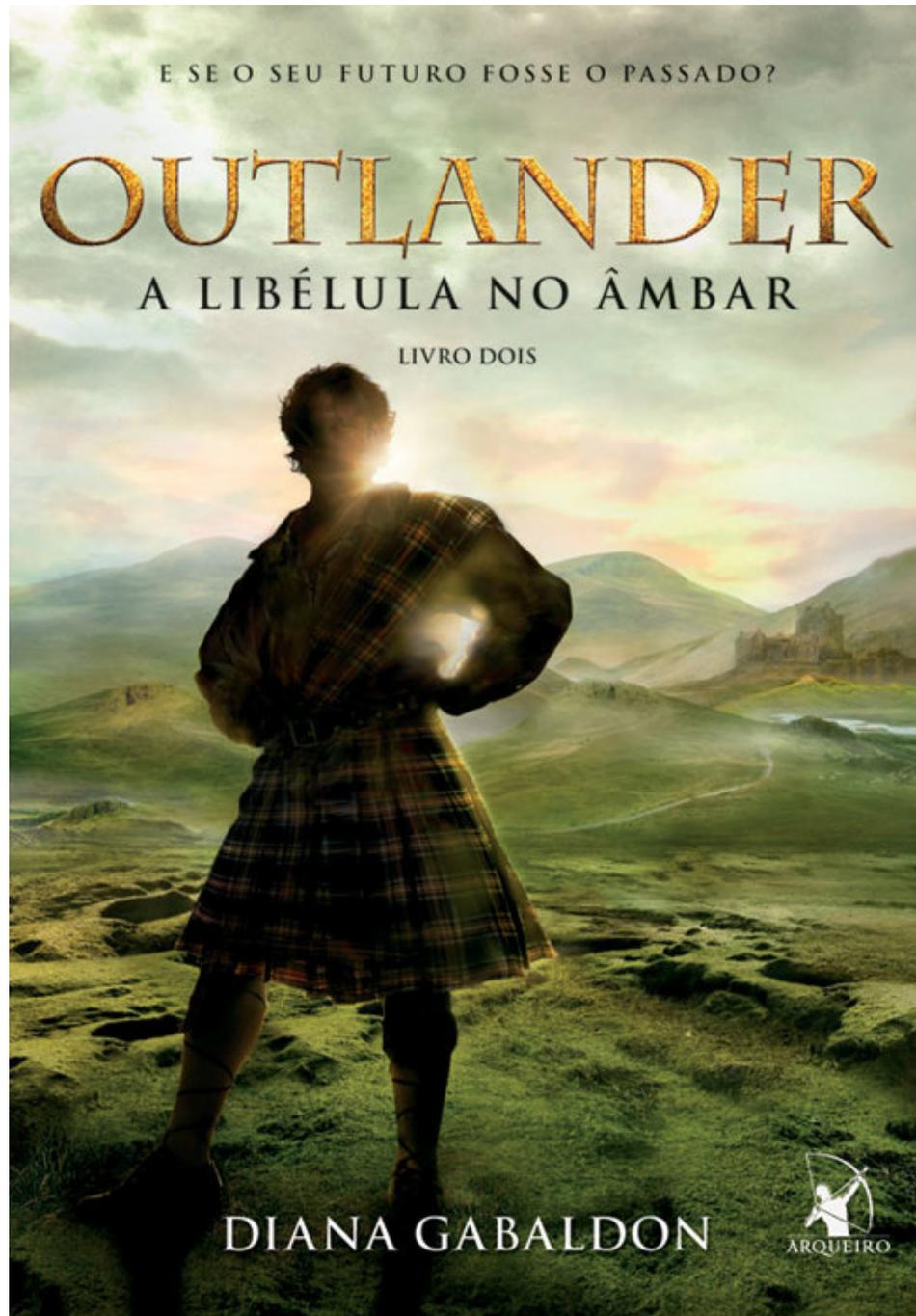


DIANA GABALDON



A libélula no âmbar

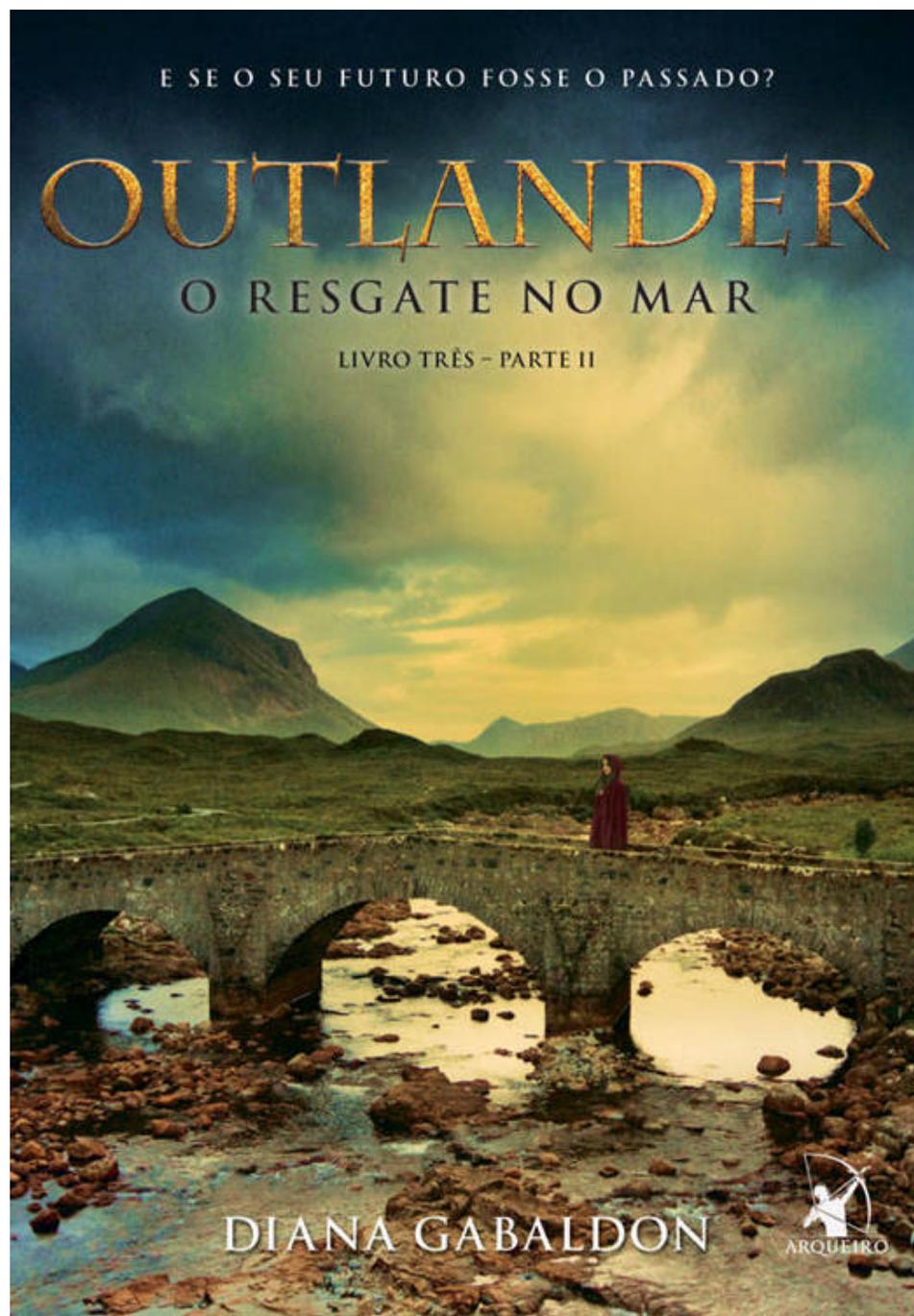
LIVRO DOIS



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE I



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE II



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios; Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião; Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

PARTE I

1

2

PARTE II

3

4

5

PARTE III

6

7

8

9

PARTE IV

10

11

12

13

PARTE V

14

15

16

PARTE VI

17

18

PARTE VII

19

20

21

22

23

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da série Outlander](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)